DEUSES DO EGITO - LIVRO III

COLLEEN HOUCK

AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE



A CORDA DA VINGANÇA

ARQUEIRO

A CORDA DA VINGANÇA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

DEUSES DO EGITO – LIVRO III

COLLEEN HOUCK



A CORDA DA VINGANÇA

ARQUEIRO

Título original: *Reunited*
Copyright © 2017 por Colleen Houck
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Raquel Zampil

revisão: Luis Américo Costa e Taís Monteiro

diagramação: Natali Nabekura

capa: Chris Saunders

adaptação de capa: Miriam Lerner

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H831c

Houck, Colleen
A coroa da vingança [recurso eletrônico] / Colleen Houck; tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital (Deuses do Egito; 3)

Tradução de: Reunited
Sequência de: O coração da esfinge
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-788-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

17-45509

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br



Para Aidan, Lex e Ashley.

Eu dei a vocês o amor pela Turma do Pernalonga.
Mas vocês me deram muito mais.

Sumário

Créditos
Prólogo – Sepultado
1. Panquecas e papiros
2. Sou uma o quê?
3. A prática leva à perfeição... mais ou menos
4. Leoas, cães do inferno e unicórnios... Minha nossa!
5. Convocação
6. A um mundo de distância
7. Na sombra da lua
8. Tempestade do mal
9. O sono da morte
10. Lá vem o sol
11. Ó capitão! Meu capitão!
12. Pelo buraco de minhoca
13. A Ilha dos Perdidos
14. Problema com os nativos
15. Presos numa teia
16. A tapeçaria fatídica
17. O Poço das Almas
18. O necromante
19. A barriga da fera
20. Heliapocalipse
21. A visão de Néftis
22. Corações trocados
23. Uma asa e uma oração
24. Ganhando asas
25. A bruxa está morta
26. As Águas do Caos
27. São Jorge e o dragão
28. Filho de um dragão
29. Segredos das estrelas
30. Unidos
31. Despedidas
Epílogo – Matriarca

Sobre a autora
Informações sobre a Arqueiro

O laço do amor

Com o laço na mão me escondo
E espero sem me mexer
Os lindos pássaros da Arábia
Que a mirra vão recender...
Ah, todos os pássaros da Arábia,
Que descem até o Egito,
Têm asas que espalham a fragrância
Da resina, doce infinito!
Eu gostaria que, ao prendê-los,
Pudéssemos juntos estar,
Gostaria de, ao ouvi-los,
Sozinho contigo me encontrar.
Se vieres, minha querida,
Quando os pássaros forem laçados,
Vou te prender e ficaremos
No laço do amor amarrados.

– DO LIVRO *EGYPTIAN MYTH AND LEGEND*, DE DONALD MACKENZIE

PRÓLOGO

Sepultado

– Está começando.

– Sim, mestre. As correntes que o prendem estão enfraquecendo.

– Foi idiotice deles achar que esta prisão iria me conter para sempre.



Seth havia perdido a esperança de escapar. Mas então uma fagulha o encontrou. Um humano, um homem comum, descobriu um rolo de pergaminho, esquecido havia muito tempo, com um feitiço suficientemente poderoso para puxar um fio da tapeçaria escura que caía como uma cortina sobre sua mente.

O feitiço provocou uma minúscula mudança. Uma lasca numa parede de cimento. Seth apoderou-se com muito cuidado do fio escuro e puxou. Ao fazê-lo, sua mente se conectou com a do mortal e ele o imbuiu de poder. Mas o mortal era fraco e foi derrotado facilmente pelos Filhos do Egito.

Então outra voz o chamou. Estava isolada. Era mal compreendida. Tinha poder. Seth sussurrou para a mente dela. Fez promessas. Disse coisas que ela ansiava escutar. E ela se tornou sua. Ele a fortaleceu até

que ela pôde escapar das amarras que a mantinham atada ao mundo dos mortos e a trouxe para sua prisão.

Absorvendo suas energias armazenadas, a forma dele se encheu até estourar e no negrume do obelisco ele respirou pela primeira vez em séculos. O tempo e o espaço ondularam e então a parede se quebrou. Um relâmpago atravessou o tecido do espaço.

Deslizando as mãos em torno das bordas partidas, ele usou seu poder para ampliar a fenda e os muros caíram, dissipando-se até ele não poder mais senti-los. Uma a uma, as estrelas apareceram. Nebulosas espiralaram diante dele em nuvens de tons cerúleos, âmbar e magenta.

As estrelas se iluminaram ainda mais e ele soube que elas sussurravam sobre sua fuga, mas agora isso não importava.

Ele sabia o que precisava fazer.

Um dia ele pensara que Ísis seria sua companheira. Mas, graças à mulher que no momento se pendurava em seu braço, sua forma uma nuvem preta flutuando, quase incapaz de se manter inteira, ele sabia que havia outra destinada a ser sua.

Ela era linda. Poderosa. Intocável. Uma pedra ovo de serpente coberta de carne. Por esse motivo, seria difícil encontrá-la. Mas havia alguém que tinha o coração dela. Alguém que, nesse mesmo momento, o segurava em suas mãos de morto-vivo. E Seth sabia exatamente onde encontrá-lo.



Panquecas e papiros

O galo da vovó cantou, um som estridente demais para que eu pudesse ignorar. Rolei na cama e passei a língua pelos lábios, que por algum motivo pareciam inchados e dormentes. Minha boca estava muito seca. Gemi e me remexi embaixo das cobertas, puxando-as por cima da cabeça para bloquear os raios penetrantes da luz do dia. A claridade era uma intrusa – uma visitante indesejada perturbando a tumba escura onde eu dormia em paz.

Havia a consciência de alguma coisa fazendo cócegas no fundo da minha mente, mas eu teimei em ignorá-la. Infelizmente, o que quer que fosse, tinha cravado as garras e não seria afastada com tanta facilidade. O que era, que eu não conseguia lembrar? E por que eu me sentia como se tivesse perdido uma luta de boxe? Minha cabeça doía. Eu ansiava por analgésicos e um copo d'água fria, mas simplesmente não tinha energia nos membros para ir buscar o que desejava.

O som de potes e panelas deixou claro que eu não poderia ficar muito mais tempo na cama. Vovó iria me chamar logo. Mandona precisava ser ordenhada e havia ovos para recolher. Meus pés tocaram o piso frio de madeira e, enquanto eu deslizava para a borda da cama, vi que minhas mãos tremiam. Tive a sensação súbita de que corria perigo.

Quando me levantei, meus joelhos se dobraram e eu rapidamente voltei a me sentar. Ofegante, segurei a colcha de retalhos da minha avó, os dedos apertando o tecido frágil com a mesma força que eu usaria em

uma boia salva-vidas. Uma camada de suor frio brilhava em meus braços. Eu não conseguia recuperar o fôlego. Minha mente estava cheia de horrores... Morte. Sangue. Destruição. Mal.

Seria um sonho? Se fosse, era o pesadelo mais vívido que eu já tivera.

– Lilypad? – Era a voz da minha avó. – Já se levantou, querida?

– Já – respondi, a voz vacilando enquanto eu esfregava com vigor os membros trêmulos. – Já vou sair.

Tentei afastar o pesadelo do melhor modo que pude e vesti uma camiseta confortável, um macacão velho e meias grossas. Quando saí para o celeiro, o sol já se encontrava inteiro acima do horizonte. Empoleirava-se no céu azul, brilhando sobre mim como um olho que soubesse demais. A luz pintava as nuvens diáfanas em tons de rosa e laranja. Enquanto eu seguia pelo caminho de terra batida, o sol dourado aquecendo meus ombros e o perfume do jardim de vovó fazendo cócegas em meu nariz , senti que tudo deveria estar certo no mundo. E, no entanto, eu sabia que não estava. O cenário dourado me parecia falso e eu pressentia coisas malignas escondidas nas sombras. *Há algo decididamente podre no estado de Iowa.*

Ao me acomodar no banquinho de madeira ao lado de Mandona, pensei que nunca tinha me sentido tão cansada. Era mais do que exaustão física. Bem no fundo eu me sentia abatida, esgotada – como se minha alma fosse uma das toalhas molhadas da vovó, torcida e jogada de qualquer modo num varal para secar. Pedaços de mim balançavam na brisa, e era apenas questão de tempo até que uma rajada de vento viesse com força suficiente para me lançar rodopiando na poeira. Levantei a mão para dar um tapinha no flanco de Mandona e soltei um suspiro que não sabia que estava prendendo. Logo o som do leite jorrando retinia na lateral do balde de metal.

Que incompreensível ritual humano você está praticando agora?, perguntou uma voz irritada.

Dei um grito e me levantei cambaleando, derrubando com um chute o balde de leite e o banquinho de madeira.

Isso se chama ordenhar uma vaca, sua felina pulguenta.

Naturalmente, isso eu deduzi. Mas um ato desses está abaixo de nosso status. E, para sua informação, nós não temos pulgas.

– Quem está aí? – gritei, girando no celeiro. Peguei um forcado e abri uma baia chutando a porta, à procura de intrusos. – Minha avó tem uma espingarda – adverti, uma declaração que nunca pensei que teria de fazer. – Acreditem. Vocês não vão querer pisar nos calos dela.

Por que ela não sabe quem somos?, perguntou uma voz com sotaque irlandês.

Não sei. Talvez haja alguma coisa errada com a mente dela. Lily, nós estamos dentro de você, disse a voz que antes soara irritada.

– O quê?

Pressionei as mãos contra as têmporas e me agachei. *Talvez ainda esteja sonhando,* pensei. *Ou isso, ou estou ficando maluca. Será que finalmente surtei com a pressão de entrar para a faculdade? Agora estou imaginando vozes. Isso não pode ser bom.*

Você não está imaginando a gente, querida.

Isso. Somos tão reais quanto essa criatura babona e gorda demais para correr que você estava tentando ordenhar. Leite não é nem de longe tão gostoso quanto carne vermelha e crua, só para você saber.

Uma imagem minha cravando os dentes no corpo de uma criatura preencheu meu pensamento. O sangue quente encheu minha boca enquanto eu lambia os beiços.

Gritei, caindo na pequena pilha de feno que eu tinha desfeito para alimentar a vaca.

Fantástico. Você a fez surtar.

Uma pessoa tão poderosa quanto Lily não surta assim tão facilmente.

Isso mostra o que você sabe.

Estou com Lily há mais tempo. Acho que a conheço o suficiente para saber o que ela aguenta.

Obviamente, ela não aguenta isso. Não sente que ela está se desconectando? É como se a mente dela estivesse flutuando acima de nós. Antes ela nos abrigava como uma galinha chocando os ovos. Agora ela voou,

abandonando o galinheiro, deixando a gente presa na casca, esperando que alguma raposa venha nos pegar para o desjejum.

Sou uma das escolhidas de Ísis. Uma felina africana destinada a travar grandes batalhas com dentes e garras. Eu não *sou um ovo de galinha.*

Bom, sem Lily nós estamos impotentes feito pintinhos. Quando a mamãe galinha morre, os pintos morrem também.

Lily não está morta.

Está quase.

Fiquei ali caída, a palha espetando meu pescoço e minhas costas enquanto ouvia. Será que eu estava morta? E tudo isso seria algum tipo de inferno reservado só para mim? Esse pensamento macabro me deu vontade de me enterrar mais fundo. Me esconder da insanidade que me cercava.

As duas vozes continuaram discutindo. Quem quer que fossem aquelas duas, pareciam me conhecer. Soavam familiares, mas, por mais que tentasse, eu não conseguia evocar uma lembrança. Mandona se aproximou e cutucou meu corpo prostrado, mugindo para que eu terminasse o serviço de ordenha que tinha começado.

Quando sua língua comprida veio na direção da minha bochecha, tentei me afastar, mas descobri que não conseguia nem me encolher. Estava presa no meu corpo. *Um aneurisma cerebral. É isso que deve estar acontecendo. É a única coisa capaz de explicar as vozes e a incapacidade de mover os membros.*

A porta rangeu ao se abrir e senti alguém estender a mão e delicadamente tocar meu braço.

– Lily?

Um homem se inclinou sobre mim. Seus olhos eram gentis e familiares, mas eu não conseguia identificá-lo. A pele de seu rosto era curtida, como um colete de couro gasto, mas a maior parte das rugas em volta dos olhos estava virada para cima, como se ele passasse a maior parte do tempo sorrindo.

Hassan!, gritaram as duas vozes ao mesmo tempo. *Ele vai nos ajudar.*

– Ah, Lily! – exclamou ele. – Temi que algo assim acontecesse.

Isso não me soou nada bem. O homem desapareceu brevemente antes de voltar com minha avó. Ela o olhava como se ele fosse um lobo tentando fugir com sua ovelha premiada. Mesmo assim, fez força junto com ele para me levar para dentro de casa. Assim que eu fui acomodada no sofá, ela estendeu a mão para o telefone antigo pendurado na parede.

– Por favor, não – pediu o homem em voz baixa, em tom de súplica.

Seu olhar foi até vovó e depois voltou para mim.

Eu podia perceber a raiva e a suspeita na voz dela, espreitando logo abaixo de uma camada de educação forçada que se derretia progressivamente, como um depósito de neve cobrindo um vulcão ativo. Ela estava se preparando para uma erupção em toda a sua glória protetora de avó.

– E por que eu não chamaria uma ambulância? – perguntou, desafiando-o. – Parece muitíssimo conveniente que o senhor tenha surgido junto à minha neta no celeiro. Como vou saber que não é o culpado pelo que está acontecendo com ela?

– Ao contrário. Voluntariamente admito que em parte sou culpado pelo estado dela, embora jamais lhe desejasse nenhum mal. Se eu quisesse levá-la embora com algum objetivo nefasto, não teria chamado a senhora.

Vovó respondeu apenas com um *humpf* desconfiado.

O homem torceu o chapéu nas mãos, culpado, enquanto falava.

– Quanto ao motivo para a senhora não procurar um atendimento médico, lamento informar que o mal de Lilliana não é deste mundo. Receio que um médico não pudesse prestar qualquer ajuda.

Da minha posição fixa no sofá eu não conseguia ver vovó, mas o fato de ela não apertar imediatamente as teclas para chamar a Emergência significava que estava pensando nas palavras dele.

– Explique – exigiu.

– É bem complicado... – começou ele.

– Então eu sugiro que você me conte a versão simplificada.

O homem assentiu com a cabeça, engoliu em seco e disse:

– Bom, isso é uma suposição da minha parte, mas acho que Lily pode

estar sofrendo de uma forma extrema de transtorno de identidade dissociativa. Ela teve uma experiência traumática muito recente. Terrível a ponto de sua consciência ter... por falta de uma explicação melhor... recuado. É a forma que a mente dela encontrou para se proteger.

– E quando, exatamente, o senhor acredita que esse *trauma* aconteceu? Lily está sob meus cuidados desde que chegou.

– Isso não é totalmente verdadeiro.

– Já basta. Vou chamar a polícia.

– Não! Por favor, minha senhora, eu imploro. Não tenho a intenção de fazer nenhum mal à senhora nem a ela. Não existe ninguém mais qualificado para ajudá-la do que eu. A senhora precisa acreditar.

– Quem é o senhor? E como sabe o nome de Lily? – Havia um tom perigoso em sua voz.

Ele suspirou.

– Meu nome é Osahar Hassan. Sou egiptólogo. Ela mencionou meu nome? Falou sobre o Egito?

Vovó chegou mais perto do sofá. Dava para ver a incerteza em seus olhos.

– Os... os pais dela disseram que ela desenvolveu um grande interesse pela ala egípcia do museu. Passou lá todo o tempo livre nos últimos meses.

Eu tinha feito isso? Nesse caso, não tinha absolutamente nenhuma lembrança. Por que saí da cama esta manhã? Sabia que alguma coisa estava esquisita. Mas ainda assim não fazia sentido meu cérebro se dissociar. Era de lá que vinham as vozes? E por que meu estado mental afetava os membros? Tentei desesperadamente mover o dedo mindinho. Levantar um único dedo. Concentrei-me, como se estivesse passando a linha numa agulha de bordar da vovó. Não consegui nem ao menos uma contração.

– Lilliana está me ajudando num... num projeto de grande importância. Infelizmente, uma das descobertas que fizemos a colocou em perigo. – Ele levantou a mão. – Não se trata de perigo físico. – Fez

uma careta. – Por enquanto. É com o estado mental dela que estou mais preocupado. Veja bem, houve um encantamento...

– Um encantamento? – indagou vovó, erguendo a sobrancelha junto com um canto dos lábios.

– É, um encantamento. Um encantamento muito antigo e poderoso. Se me permite, posso provar que o que estou dizendo é verdade. – Ele se aproximou um passo do sofá, mas vovó largou o telefone, que agora emitia bipes porque estava fora do gancho. O meio sorriso desapareceu do rosto dela enquanto pegava a espingarda que guardava no canto. Vovó não a mantinha carregada, mas o homem não sabia disso.

– Acho melhor o senhor manter distância da minha neta – alertou.

O homem olhou para a espingarda, depois para minha avó. Assentiu levemente, mas levantou um dedo como se quisesse silenciá-la, nem um pouco abalado com o fato de ter a arma apontada para ele.

– Tia? – disse ele, olhando meu corpo inerte. – Você está aí? Se estiver, preciso que assuma o controle por Lily.

Nos poucos segundos que demorei para me perguntar quem era Tia, meu foco mudou. Eu me senti menor. Como se estivesse olhando o mundo através de uma fina camada de água. Instintivamente tentei resistir à mudança. Sabia que o que estava acontecendo comigo tinha a ver com alguma coisa ruim – ruim do tipo ser acorrentada a uma âncora e jogada no oceano –, mas ao mesmo tempo eu tinha a nítida impressão de que estava em segurança. Sendo cuidada. Amada.

– *Estou aqui* – ouvi uma das vozes dizer, só que agora vinha da minha boca. Lentamente minha visão mudou enquanto meu corpo se sentava no sofá. – *A fada também está comigo.*

Eu tenho nome, você sabe, disse a segunda voz dentro de mim.

– A fada? – O homem franziu a testa. – Parece que Anúbis esqueceu de mencionar alguns detalhes importantes, como sempre.

– Fada? Anúbis? O que exatamente está acontecendo aqui? – perguntou vovó. – Lilypad, você está bem, querida?

– *A que você chama de Lilypad está aqui. É como Hassan descreveu. A mente dela está fragmentada. Ela é como um rio numa tempestade, cuja*

água se tornou turva com os sedimentos. Só posso esperar que, com o tempo, ela volte ao normal.

O homem esfregou o queixo.

– É, talvez – disse.

– Como você pode falar em normalidade quando ela está sofrendo de dupla personalidade? – perguntou vovó. – Diga exatamente o que está acontecendo!

O egiptólogo já ia falar quando uma voz nova, como uma fumaça musical etérea, ecoou à nossa volta.

– Talvez vocês me permitam explicar – disse a voz.

Minha cabeça se voltou para um ponto de luz que foi crescendo no centro da sala. Escutei um leve arquejo vindo de vovó quando uma mulher linda, de cabelos louros, lisos e brilhantes como um lago congelado, passou por um portal reluzente. O fundo iluminado foi diminuindo atrás dela, mas ainda havia uma claridade que não abandonou sua forma.

– Quem... quem é você? – perguntou vovó.

Ela se virou para Hassan, mas ele tinha o olhar fixo na mulher, assombrado.

Ela é uma porcaria de uma fada como eu!, disse a voz da fada.

– É claro que não – retorquiu Tia. *– Não reconhece uma deusa quando vê?*

Uma deusa?, pensei com desdém. *Que maluquice!* E de maluquice eu entendia. Os nova-iorquinos viam maluquices todo dia: sujeitos dançando na rua vestidos de Estátua da Liberdade, mulheres correndo de salto alto, trailers de comida no formato de cheeseburgers, cachorros com acessórios da moda. Mas isso aqui era de um nível superior, maluquice tipo "Meu namorado é um alienígena".

Se eu não tivesse visto a mulher aparecer por magia, nunca teria acreditado. Nem com provas fotográficas. Quem quer que ela fosse, estava tão deslocada na fazenda da minha avó quanto um *cupcake* de chocolate numa academia de ginástica.

Ela é uma fada, continuou a voz, e eu tinha certeza de que somente

eu e Tia podíamos escutar. *Aposto minha casa na árvore.*

– *Não é* – disse Tia com veemência, usando o que decidi chamar de sua voz exterior. – *É a irmã de Ísis.*

– Néftis! – exclamou o homem enquanto fazia uma reverência. – Que honra!

Com expressão gentil, a deusa pôs a mão no ombro dele.

– A honra é minha, Hassan. – Virando-se, a bela mulher se aproximou de vovó. – E a senhora deve ser a estimada guardiã da nossa Jovem Lily.

– Eu... – Vovó engoliu em seco, a espingarda esquecida nas mãos. – É. Sou a avó de Lily.

– Bom. Há muita coisa para vocês dois fazerem. – O sorriso dela abarcou ambos. – Vocês precisam treinar Lily. Não há muito tempo. Seth se libertou do obelisco. Ainda está algemado, mas seus lacaios obedecem ao chamamento dele. Se Lily não alcançar o poder pleno, infelizmente tudo estará perdido.

– O que estará perdido? – perguntou vovó.

– O grão-vizir Hassan vai lhe contar tudo. Não posso ficar aqui. Seth procura Lily e, apesar de eu estar oculta pela presença dela, nem mesmo um ovo de serpente com a capacidade de Lily pode me esconder do meu marido por muito tempo. – Néftis pôs um pergaminho enrolado na mão de Hassan. – Você está familiarizado com as histórias de Hécate? A donzela, a mãe e a velha? As Fúrias? Sereias?

Hassan assentiu, hesitante.

– Não são minha especialidade, mas conheço as coisas que a senhora menciona.

– Ótimo. Você está ciente de que Lily assumiu o poder da esfinge. – Ela ignorou o arquejo de vovó e continuou: – Ela deve se tornar Wasret. O conceito de quem e o que é Wasret foi deixado propositadamente vago na história do Egito. Fizemos isso para mantê-la a salvo de Seth. No entanto, há muitas referências a uma deusa tripla espalhadas pelas histórias antigas. Espalhamos essas coisas por toda a história especificamente para escondê-las de Seth e para você fazer uso delas. Use

este pergaminho como guia. Estude todas essas histórias, porque elas lhe darão pistas do potencial e do poder de Lily.

Néftis veio até mim e pôs a mão no meu rosto.

– Wasret é de importância vital. Estive esperando que ela surgisse desde a alvorada dos tempos. – Ela deu um beijo suave na minha testa e se virou para encarar os outros, que nos olhavam com expressões de choque. – Lily ainda não vestiu o manto do que ela será. Vocês devem ajudá-la a conseguir isso. Consertar o mal que a aflige. Reuni-la aos que ela ama. Eles irão ajudá-la a vencer a fera.

Ela continuou com uma leve tristeza na voz:

– Neste momento a batalha de Heliópolis está começando. Eu gostaria de lhes dar mais tempo, mas acho que essa é a única coisa que está além até mesmo do nosso poder. Boa sorte para vocês. Boa sorte para todos nós.

Com isso a deusa ergueu a mão num floreio e um portal iluminado surgiu. Quando ela o transpôs, o portal desapareceu numa explosão de cor, levando-a com ele. Na eletricidade que pairou no ar após a visita da deusa, nós três permanecemos em silêncio. O único som na sala era nossa respiração.

Até que a tensão foi rompida pelo mugido inconfundível de Mandona.

– Ora, ora – disse vovó. – Parece que há mais coisas aqui do que pensei originalmente. – Virando-se para mim, ela disse: – Tia, não é?

– *Sim* – respondi.

– Você garante que minha Lily está em segurança?

– *Garanto. Ela está aqui comigo e pode nos ouvir. Mas está confusa.*

– Assim como todos nós, minha cara. Será que você sabe ordenhar uma vaca?

Meu nariz se franziu.

– *Posso acessar as memórias de Lily sobre essa tarefa.*

– Bom. Então vá lá fora e termine o trabalho com Mandona. E, você – ela apontou para o homem –, ponha esse chapéu empoeirado no cabide perto da porta e lave as mãos. Vou fazer panquecas.

O homem assentiu.

– Sim, senhora.

Vovó recolocou a espingarda no lugar onde a havia apanhado e começou a assobiar. Então amarrou o avental, como se fosse um dia normal na fazenda.

Quando voltamos depois de ordenhar Mandona, o homem estava sentado à mesa com vovó e havia entre os dois uma tigela de ovos mexidos e uma pilha de panquecas tão alta que achei que seria impossível nós três darmos conta dela. Estava errada.

Meu apetite era voraz. Era como se eu não tivesse comido durante semanas. Além disso, as criaturas que habitavam meu corpo ficavam fazendo comentários estranhos, como "Seria melhor se os ovos estivessem crus" e "O xarope parece suco de abelhas". Mergulhei a língua no copo de leite fresco, como um gatinho na tigela.

Normalmente eu não conseguia bebê-lo quente; o cheiro era um pouco próximo demais do almíscar do animal para o meu gosto. Dessa vez, porém, bebi e lambi o creme doce nos lábios com um estremecimento de prazer.

Quando terminamos o café da manhã e Tia, que ainda estava no controle, lavou os pratos atabalhoadamente, o homem chamado Hassan pegou o pergaminho e o abriu em cima da mesa.

– Bom – disse ele. – Vamos começar?



Sou uma o quê?

Vovó pigarreou.

– Talvez devêssemos recomeçar – disse e então estendeu a mão. – Meu nome é Melda.

– Pode me chamar de Oscar – replicou o homem, apertando a mão dela e abrindo um sorriso caloroso. – Prazer em conhecê-la, Melda.

Se eu estivesse no comando do meu corpo, teria franzido a testa diante do ligeiro rubor que tingiu as bochechas dele quando percebeu que estava segurando a mão de vovó por alguns segundos a mais do que o necessário.

– Bom, então acho que eu deveria começar contando a... como era mesmo? Ah, sim, a versão simplificada dos acontecimentos.

Ele começou a contar a mais fantástica das histórias, envolvendo múmias, um necromante, uma diaba maligna sugadora de almas, deusas e muito, muito mais. Enquanto o homem continuava com a história, minhas vozes internas ouviam com muita atenção, fazendo pequenos comentários e acrescentando detalhes quando ele chegou às partes em que elas apareciam.

Todo mundo aparentava estar muito seguro de que as coisas incríveis que ele descrevia tinham acontecido de verdade. Eu não conseguia acreditar. Aquilo tudo não podia se referir a mim. Por que eu sairia de Nova York para seguir uma múmia? Me arrastar através de tumbas mortais cheias de armadilhas e lutar contra zumbis? Além disso, tinha

sacrificado minha vida só para que ele salvasse o mundo? Eu devia ser mais altruísta do que pensava.

Aparentemente eu estava outra vez disposta a salvar o mundo entrando no inferno ou, sei lá, no mundo dos mortos, para encontrar esse tal cara, que era uma múmia, e levá-lo de volta para o além de modo que ele pudesse continuar fazendo seu trabalho. Claro, o trabalho dele parecia bem ingrato. Só tinha duas semanas vivo, depois precisava morrer para manter um tal deus maligno na prisão, o que claramente não funcionava, já que esse vilão tinha escapado e estava iniciando uma guerra.

Era uma boa história e as vozes na minha cabeça acreditavam que era absolutamente verdadeira, mas alguma coisa parecia estranha. Qual era a minha motivação? Por que eu iria embora e faria todas essas coisas? Como eu podia ser uma deusa? Ou uma esfinge, ou sei lá o quê? Eu não era uma guerreira.

Quando Tia sentiu minha dúvida, parou a conversa e disse:

– *Lily precisa ver uma coisa.*

Oscar e vovó assentiram e me acompanharam, saindo da casa. Tia parou perto do celeiro, ajeitou um monte de feno e perguntou a Hassan:

– *Você está com nossas armas?*

Ele assentiu e pegou uma mochila dentro do celeiro.

– Escondi aqui, depois de Anúbis sair.

Abrindo a mochila, ele me entregou um arco e uma aljava de flechas, depois pousou no chão um arnês com duas facas de aspecto maligno, cruzadas, projetando-se do topo.

– *Acho que vamos experimentar o arco primeiro.*

Com uma destreza inesperada, que só podia ser resultado de anos de treino, meus dedos ajustaram uma flecha, puxaram a corda e a fizeram voar com um estalo. A ponta se cravou no fardo de feno com força suficiente para uma nuvem de palha turvar o ar. Se eu tivesse controle do meu corpo, bateria palmas para ela.

Minha voz suspirou.

– *Lily acredita que a habilidade é minha* – disse Tia.

Que tal as facas?, sugeriu a fada irlandesa.

Dando de ombros, meus dedos se estenderam e pegaram o arnês. Joguei-o sobre os ombros, prendendo-o rapidamente no lugar. Sem nem pensar, corri, pulei por cima de um cocho d'água, puxei as facas das costas e fiz uma manobra de artes marciais espetacular. Rolei, apertei os botões que havia nas facas, que as fizeram se alongar até virarem lanças, e cravei as duas no espantalho do jardim da vovó. A palha do enchimento no peito dele explodiu, lançando no ar tufos dourados que desceram suavemente até o chão. A vítima desmoronou numa pilha de trapos velhos.

Uau!, pensei. *Isso foi incrível! Parabéns!*

Nós seríamos mais poderosas ainda se você se juntasse a nós, Lily, grunhiu Tia.

Se eu me juntasse a vocês? Ahhh... já estou aqui. Presa a vocês, por assim dizer.

Esse poder não é só nosso. Nós o compartilhamos com você. Na verdade, você já o tinha antes de eu subir a bordo.

Tenho certeza de que não sou eu que estou fazendo essas coisas, falei. *Na verdade, nem sei por que estou conversando com vocês, que não passam de manifestações da minha loucura. Isso tudo é provavelmente um sonho complicado, e em algum momento vou acordar num hospital, sendo atendida por um médico jovem e lindo que vai dizer que eu finalmente me livrei do que quer que tenha provocado essa alucinação e que ele quer me convidar para sair. Com sorte, isso tudo vai ser só o resultado de uma pancada feia na cabeça.*

Outro rosnado soou nos recessos da minha mente e senti medo. Eu tinha deixado Tia com raiva.

Como você ousa!, vociferou ela. *Você desconsidera nossos feitos. Nossos sacrifícios. Se não acredita nas nossas capacidades, acredite nisto!*

Minhas mãos foram erguidas de modo que pude vê-las claramente e então observei horrorizada os dedos se alongarem, formando garras com uma falange extra. Minha visão ficou mais aguçada e focalizei um inseto minúsculo que andava num tomateiro da vovó. Eu podia ver até os

pelinhos nas costas dele. Houve um estalo e pude ouvir o farfalhar das folhas, embora não houvesse nenhum vento soprando na árvore grande atrás do celeiro. Então escutei o som áspero de algum bicho no subsolo, cavando. Farejei o ar e percebi que o animal estava a mais de um quilômetro de distância.

Entrei em pânico e tentei apertar os olhos com as palmas das mãos, mas ainda não conseguia me mexer. Olhei para minhas mãos e fiquei horrorizada. *Não, não, não!*, gritei repetidamente, incapaz de desviar o olhar, mas desesperada para fazer isso.

– *Ela está com medo* – disse Tia, desconsolada. – *Não consegue aceitar o que somos. Tenho medo de que esteja tudo perdido.*

– Nada está perdido até estar morto e enterrado – interveio vovó, a voz ressoando uma convicção de aço. – E mesmo então não tenho tanta certeza.

Ela se aproximou, parou à minha frente e pôs as mãos nos meus ombros – quentes, pesadas e tranquilizadoras.

– Agora ouça, Lilypad. – Era reconfortante tê-la ali, ouvir sua voz familiar. Um pontinho de normalidade num oceano de confusão. – Compreendo que essa coisa toda é meio perturbadora, mas não consigo aceitar um mundo em que você fique isolada de mim. Essa coisa é tremendamente estranha, sem dúvida, mas as mulheres da família Young levantam a cabeça e fazem o que é necessário. Não me surpreende nem um pouco que você tenha salvado o mundo duas vezes. A neta que eu conheço jamais se esquivou do que é importante, e isso parece bem importante.

Vovó acariciou meu rosto e depois deu tapinhas de leve nele.

– E mais: suspeito que o rapaz que você amou e perdeu era o mesmo que você foi salvar, não era?

Ela fitou os meus olhos, buscando confirmação, mas, mesmo que eu soubesse a resposta, não conseguiria mover os lábios para formar as palavras. Por algum motivo, minhas duas vozes internas silenciaram nessa questão.

– Humpf – grunhiu vovó, e em seguida olhou para Oscar, mas ele

apenas deu de ombros e levantou as mãos, como se também não quisesse comentar o assunto. – Certo, Lilypad. Vou lhe dar um tempo para pensar nisso enquanto conheço melhor essas duas garotas que estão visitando você e decidimos o que fazer em seguida.

Ela fazia parecer que eu estava tendo uma festinha do pijama e ela estivesse determinando as regras básicas.

– Mas espero que você se esforce bastante para aceitar a situação. A negação não é bem-vinda na minha fazenda. – Ela apertou meu ombro com um leve indício de preocupação nos olhos. – Quanto antes resolvermos essa confusão, mais cedo terei minha neta de volta.

O estrondo de um trovão ribombou no céu e um vento forte soprou meu cabelo, afastando-o do rosto. Nuvens escuras, roxas, se agitavam no céu como uma cavalaria do deserto. Grossas gotas de chuva caíram no chão, seguidas imediatamente por granizo. O som era ensurdecedor. Eu quis cobrir a cabeça com o braço, mas a que estava no comando do meu corpo ergueu o rosto e farejou.

– *O que é isso?* – perguntou ela.

– A batalha de Heliópolis começou – sussurrou Oscar.

– Venham – disse vovó. – Vamos entrar.

Depois de finalmente conseguirmos fechar a porta, que batia com violência, nos apinhamos em volta da pequena mesa da cozinha, espiando pela janela manchada pela chuva, as gotas grandes borrando tudo lá fora. O granizo batia no telhado com tanta força que eu me encolhi, torcendo para que a tempestade não arrancasse as telhas.

Oscar pigarreou e deu as costas, decidido, para a janela que sacudia.

– Não podemos fazer nada com relação a isso agora. Nosso trabalho é ajudar a preparar Lily.

– E para quê, exatamente, vamos prepará-la? – perguntou vovó.

– Ela precisa assumir o poder completo. Só então poderá derrotar o maligno.

– Derrotar? E como isso aconteceria, exatamente?

– Há muitas coisas que eu não sei, mas animem-se. Como viram, ela é perfeitamente capaz de desempenhar o papel de guerreira.

– É, mas...

A mão de Oscar cobriu a de vovó.

– Ela é a única esperança do mundo. Devemos ajudá-la a acreditar nisso. O resto vai se resolver sozinho.

Vovó pôs a outra mão sobre a dele.

– Era o que meu falecido marido sempre dizia. – Ela lhe dirigiu um sorriso lacrimoso, deu tapinhas na mão dele e depois ajeitou o cabelo para trás, prendendo os fios soltos no coque à nuca. – Muito bem, então, por onde começamos?

– Sugiro que comecemos traduzindo o pergaminho. Você poderia fazer o favor de tomar notas?

Vovó assentiu e tirou sua lista de tarefas da geladeira, prendendo a primeira folha de volta na superfície branca e trazendo o bloco e a caneta para a mesa. Só vovó acharia que ainda precisava guardar a lista de compras quando o apocalipse estava chegando.

Essa era mesmo minha avó. O que estava acontecendo comigo não era um sonho. Era real. Eles estavam certos. Eu poderia lutar contra tudo aquilo – dar murro em ponta de faca, para usar uma expressão que vovó dizia frequentemente – ou poderia levantar a cabeça e fazer o máximo para entender tudo. Quando Oscar começou a traduzir e vovó a anotar, prestei muita atenção.

– Esta passagem se refere às Fúrias. Elas possuem a chave que destranca o armazém onde são guardados os raios de Zeus. Viajam pelo céu à noite cantando sobre a justiça enquanto a luz da Lua marca seu caminho. Os maus escutam as vozes das filhas da Terra e sabem que, quando a canção terminar, o silêncio sem vento da morte virá para eles. As Fúrias estão para sempre ligadas aos deuses do Sol, da Lua e das estrelas, e, quando a vida delas se esvai, o Sol e a Lua são eclipsados e as estrelas caem do céu. Com tristeza, a Lua põe sua imagem sobre o próprio rosto para que todos vejam. – Oscar fez uma pausa. – Acredito que esta seja uma referência a Amon, Asten e Ahmose. Eles são os deuses associados ao Sol, à Lua e às estrelas.

Espere um segundo. Isso quer dizer que nós vamos morrer?

– *Você está falando sobre nossa morte?* – perguntou Tia, ecoando meus pensamentos.

– Não há como saber – respondeu Oscar.

Tia apenas assentiu, como se resignada aos fatos.

– *Por favor, continue.*

Por que isso não incomoda você? A nossa morte?, perguntei a ela.

Eu já morri uma vez, replicou ela. *Aceitei isso há muito tempo.*

Fale por você. Não quero abandonar o fantasma tão cedo, disse a outra voz.

Vou lhe lembrar que um fantasma é tudo que você é neste momento, disse Tia. *Seu corpo não existe mais.*

Nem o seu, retrucou a outra, irritada.

Obviamente.

Qual é o seu nome?, perguntei. *Sei que a que está no comando é Tia. Mas quem é você?*

Pude sentir o prazer que a outra experimentou quando falei com ela.

Sou Ashleigh, respondeu a voz. *Sou uma fada. Pelo menos era. Vim da Irlanda.*

Uma fada irlandesa. Claro. Por que não?

Prazer em conhecê-la, eu disse.

Então me concentrei de novo na voz de Oscar:

– A serpente ouve o lamento dela e emerge de seu covil, onde ela irá amarrá-la com uma corda. Ah – o erudito deu um tapinha no pergaminho –, isto é uma descrição da Pedra da Deusa Tripla. É bem famosa. A inscrição na pedra se refere a uma deusa chamada Qetesh, que tem muitos nomes. A daqui indica especificamente que ela é a Senhora de Todos os Deuses. Seus símbolos são o leão e a esfinge. E, aqui, veja a arma que ela segura.

Ele virou o pergaminho para vovó olhar. Ela pôs os óculos de leitura e fitou o lugar para onde ele apontava.

– São as facas-lanças dela?

– Acredito que sim. – Oscar bateu no lábio, pensando na imagem. – A deusa mencionou sereias. Elas também cantam para atrair os homens e

prendê-los. Talvez a canção de Lily seja o que será usado para prender Seth.

– *Nós não cantamos* – observou Tia, bufando.

– *Cantar* não precisa significar alguma coisa musical. Pode ser algo entoado ou um encantamento.

– *Nós temos o poder dos nomes.* – Ashleigh se empertigou, assumindo o controle.

Embora fosse o meu corpo falando, a voz soava diferente. Havia um nítido sotaque cadenciado.

Vovó sorriu.

– Você deve ser a fada.

– *Ashleigh* – disse ela. – *Prazer em conhecê-la.*

– Pode nos falar mais sobre os nomes, Ashleigh? – perguntou vovó, com a caneta a postos.

– *Nós descobrimos os verdadeiros nomes das coisas. Isso nos dá poder sobre elas.*

– Nomes, nomes... Sim, aqui há um trecho que fala do poder dos nomes. Diz: aquela que possui os olhos para ver, o coração para sentir e a alma para alcançar terá o poder de discernir todas as coisas. Ela, e somente ela, possuirá o poder de dar nomes e derrotar o Caos. – As sobrancelhas de Oscar se ergueram e ele se recostou na cadeira. – Será que pode ser tão simples assim?

Vovó passou o dedo no lábio.

– Nada é simples como parece. O que é que tem nessa parte?

– Este pedaço se refere à deusa Hécate.

– Ela é grega? – perguntou vovó.

– É. Além disso, é também uma deusa tripla. Neste desenho ela segura uma chave. – Ele fez uma pausa. – Interessante. Esta é a segunda vez que uma chave é mencionada. – Continuou: – Ela é guardiã das encruzilhadas e comumente considerada aquela que guia os fantasmas pelo caminho certo. Dizem que seu destino é lutar contra os Titãs. É honrada pelos deuses imortais, que irão se tornar seus reis adoradores.

Seu animal símbolo é o cachorro e ela costuma ser representada com eles.

– *Cachorros.* – Tia fungou. – *Não temos utilidade para eles.*

– *A não ser que isso se refira aos cães do inferno no mundo dos mortos. Eles se tornaram nossos serviçais depois que demos nomes a eles* – acrescentou Ashleigh.

Oscar levantou a cabeça.

– Você se lembra do nome de algum deles?

– *Claro.* – Ashleigh riu. – *Quem pode esquecer Aquele que Esvazia a Bexiga ao Vento? É um nome que jamais esquecerei.*

– Você pode chamá-lo? – perguntou Oscar.

– *Chamar o cão do inferno?* – disse Tia. – *Podemos tentar.* – Ela fechou nossos olhos e gritou: – *Venha até nós, Aquele que Esvazia a Bexiga ao Vento!*

O ar se agitou à nossa volta e ouvimos um ganido precedido por um rosnado.

Você precisa nos ajudar, Lily.

Não sei o que fazer.

Junte sua mente à nossa, incentivou Ashleigh.

Eu não tinha ideia do que elas queriam de mim, mas, ao ser instigada, tentei fazer o que pediam.

Tia começou a respirar regularmente, concentrando-se, e algo dentro de mim mudou. Foi quase como se eu cruzasse os braços diante do peito e caísse para trás, confiando em Tia e Ashleigh para me segurar. Elas me prenderam num abraço tão forte que eu não conseguia saber onde eu terminava e elas começavam. Com uma só voz entoamos:

– Venha até nós, Aquele que Esvazia a Bexiga ao Vento!

O ar se agitou, criando um redemoinho na cozinha. Senti a escuridão se aproximar, da mesma forma que podia sentir a aproximação de uma tempestade. Todos percebemos um cheiro pungente no ar. O odor de enxofre, carvão queimado e ozônio. Era o cheiro de um inimigo. Uma sombra escura se materializou, mandíbulas batendo enquanto uma voz ofegante sibilava:

– O que você quer?

Vovó arquejou e Oscar a envolveu com um braço, puxando-a para trás e posicionando-se na frente dela.

Eu não conseguia me lembrar do que aquela criatura tinha feito conosco, mas me lembrava do gosto de sua maldade e do cheiro de cobre do sangue que ele havia derramado.

– Você vai nos ajudar? – perguntamos.

– Não tenho escolha senão fazer o que vocês pedirem.

– Você tem visto sua antiga senhora? – perguntamos.

– Não desde que vocês duas desapareceram. – A cabeça da criatura virou fumaça e depois se solidificou num novo ângulo, seus olhos se viraram para o lado.

– O que é? Diga o que você sabe.

– A rainha está viva. Ela luta ao lado do Obscuro.

– Então a Devoradora se juntou a ele?

– Ssssim. – A palavra saiu num sibilo.

– Você sabe quais são os planos dela?

– Apenas boatos.

– E estes são...

– Que os dois estão caçando você. Vão tentar encontrá-la ferindo as pessoas que você ama – replicou ele.

Minha mente se fragmentou.

– *Asten!* – gritou Tia.

A criatura sombria gargalhou.

– Até mais, deusa.

– *Eu... eu ordeno que você fique!* – gritou Tia.

– Você soltou a coleira – disse ele com um estalo das mandíbulas. – Corra, deusa pequenina, pois garanto que minha mordida é muito pior do que meu latido.

A criatura me atacou com as garras afiadas, mas nós a jogamos longe com um tapa. Mentalmente, Ashleigh segurou Tia e a puxou de volta para o lugar. Nós nos reconectamos e, em uníssono, ordenamos que o cão do inferno fosse embora. A fera sumiu num fiapo de fumaça no

momento em que saltava na direção de Oscar, as mandíbulas escancaradas.

– Ora, isso sem dúvida foi interessante – disse vovó enquanto a aliança mental que eu tinha com as outras duas ia se desfazendo aos poucos.

– Se com *interessante* você quer dizer *mortal*, sim, foi interessante – replicou Oscar. – Parece que Ashleigh estava certa. Descobrir o nome das coisas é algo poderoso mesmo.

– Parece que sim – acrescentou vovó. – Tem mais coisas aí?

– Há a menção às Valquírias – disse ele, e começou a ler: – Elas atravessam o mar aéreo. Três moças entram, mas uma cavalga adiante, de pele branca por baixo do elmo, a luz do sol brilhando nas lanças. Os cavalos tremem e das crinas o orvalho cai vermelho-sangue nos vales profundos. – Ele levantou os olhos. – Parece que elas montam cavalos alados através das nuvens e entram na batalha escolhendo quem vai viver e quem vai morrer.

– *Talvez você esteja falando dos unicórnios* – disse Tia.

– Unicórnios? – perguntou vovó, o queixo caindo. – Será que isso ainda pode ficar mais bizarro?

– Receio que sim – respondeu Oscar. – Aqui há uma referência às três irmãs bruxas de Shakespeare, encontradas na peça *Macbeth*. Especificamente a fala "O bem é o mal, o mal é o bem" é mencionada.

De repente minha memória voltou ao dia em que almocei com as garotas do meu comitê de formatura. Eu as chamei de Irmãs Esquisitas. Engraçado. Acabou que eu é que era estranha o tempo todo. Havia um bloqueio mental, quase como estática que amortalhasse a memória. Por algum motivo eu tinha ficado agitada durante a reunião. Naquele dia tinha ido ao museu, tentando escolher que faculdade fazer. Era aí que a memória parava. Por mais que eu tentasse, não conseguia acessar a parte que faltava.

Não posso ajudá-la, disse Tia. *Só posso compartilhar as coisas que você me contou e as lembranças que temos juntas. No entanto, suspeito que a coisa que você não consegue ver seja Amon.*

Você se refere à múmia?

É. Você o ama, disse Tia na minha mente, em tom casual.

Amo?

Seria possível? Será que eu tinha me apaixonado por esse cara que eu vivia salvando? Eu não conseguia imaginar nenhum homem por quem arriscaria a vida. Especialmente alguém que fizesse um bico como múmia. Era uma ideia perturbadora.

– Então realmente nada é simples como parece – disse vovó, interrompendo meus pensamentos.

– Isso deveria ser óbvio – observou Oscar.

– Então qual deve ser nosso primeiro passo? – perguntou vovó.

Oscar comprimiu os lábios e me olhou, estreitando os olhos, como se pensasse nos méritos de um aspirante a aprendiz.

– Não podemos fazer nada com relação à memória de Lily, a não ser lhe dar tempo. Até que ela se recupere, sugiro que treinemos as garotas a usar a capacidade de descobrir nomes e praticar suas várias habilidades. Quando ela estiver pronta, poderá invocar os irmãos, chamando-os como fez com o cão do inferno. Sem o Olho de Hórus, nós não podemos chamá-los, e Amon só terá essa capacidade daqui a um milênio.

– *Não podemos simplesmente tirá-los do além?* – perguntou Tia.

Oscar balançou a cabeça.

– Até que os corpos e as almas deles estejam unidos, eles não podem deixar aquele reino. Mas vocês invocaram o cão do inferno e ele tinha forma física por baixo de toda aquela fumaça. Tenho certeza de que serão capazes de trazê-los.

E se não formos?, pensei.

– *Lily duvida da nossa capacidade de fazer isso* – explicou Tia.

Oscar se inclinou à frente e falou com convicção:

– Confio que, se pudermos de algum modo ajudar as Fúrias dentro de vocês a se manifestarem, descobriremos a chave para destrancar essa porta.

Talvez a chave de que ele falava também destrancasse minhas memórias. Mas, por mais que eu quisesse lembrar, parte de mim estava

apavorada. E se eu não pudesse fazer tudo o que eles esperavam? E se eu não estivesse pronta? E se eu provocasse a destruição do mundo? E se o inimigo que andava de um lado para outro do lado de fora dos portões, aquele cuja presença eu sentia tanto quanto a de Tia e Ashleigh, conseguisse nos encontrar? Agora nem a fazenda da minha avó era segura.

Enquanto pensava na ajuda de que eu sabia que precisaria, fechei os punhos, cravando as unhas nas palmas das mãos. Quando as abri, vi pequeninos sorrisos de meia-lua na carne zombando de mim. A ideia de trazer os irmãos fazia meu coração se apertar e o couro cabeludo formigar. Eu não sabia se isso era bom ou ruim, mas uma coisa era certa: minha vida estava prestes a mudar para sempre. Eu estava tão cheia de preocupações que nem notei que não fora Tia que cerrara os punhos.



A prática leva à perfeição... mais ou menos

Uma semana se passou e minha memória ainda não tinha retornado. Pelo menos, não o que todos queriam que eu lembrasse. E tudo parecia depender de eu recuperá-la.

Hassan relutava em me guiar nos procedimentos para acordar as múmias até que eu soubesse o que estava fazendo. Aparentemente, invocá-las era diferente de invocar o cão do inferno. Eu precisava conhecê-las – conhecer de verdade – antes que ele corresse o risco. Estava preocupado com a hipótese de eu estragar o encantamento e relegá-las ao além permanentemente, o que não seria nada bom para nós. Ele não parecia acreditar que eu fosse forte o suficiente para derrotar o Dr. Maligno Não Sei das Quantas sem a ajuda das múmias. Basta dizer que não queria tentar antes que eu – ou, acho, *nós* – estivesse totalmente preparada.

Algo estava errado com o meu – *o nosso* – poder. Bom, segundo eles.

O problema era que nada do que eles faziam, nenhum exercício monótono nem os fartos relatos dos meus supostos feitos passados, instigava minha memória. Eu me lembrava dos meus pais, de ter terminado o ensino médio, de passar na faculdade, de vovó e até do museu. Eram só as coisas malucas sobre o Egito que eu não sabia. E, para dizer a verdade, se eu não tivesse uma leoa maluca que passava horas

contando tudo sobre a esquisitice de passarmos a habitar o mesmo corpo e uma fada mais maluca ainda me fazendo companhia constante, acho que teria me escondido no meu quarto com a cabeça debaixo do cobertor.

Era muito ruim ter uma turma no meu cérebro. Mesmo nas tarefas comuns, cotidianas, elas tinham de dar a sua opinião. As duas discutiam com relação a praticamente tudo. Com o tempo foram se estabelecendo papéis. Ashleigh recolhia os ovos, ajudava vovó na cozinha, fazia anotações para Hassan e cuidava de banhar e vestir meu corpo. Enquanto ela nos arrumava, eu me encolhia, sem me reconhecer no espelho. Era assustador olhar para mim mesma e não ver meus olhos me fitando de volta. Ah, sim, eram os *meus* olhos, mas a luz por trás deles não era a minha. Além disso, as expressões faciais eram todas erradas. Não era uma possessão tipo filme de terror, mas mesmo assim era possessão.

Recolhi-me ainda mais. Às vezes se passavam horas e eu não tinha lembrança de como tinha ido parar no celeiro ou no campo de treino. Quando era a vez de Tia, eu não me sentia nem de longe interessada no que acontecia. Ela ficava no comando durante os treinos físicos, quando estávamos comendo (coisa que fazia com enorme prazer) e, estranhamente, ordenhando Mandona.

Eu estava perdendo não somente a mim, mas também minha avó, para minhas duas passageiras mentais. Ela parecia gostar delas um bocado mais do que gostava da neta, o que doía mais do que qualquer coisa. Vovó me lançava um monte de olhares simpáticos, mas dava para ver que até ela estava desapontada comigo. Quanto mais vovó se dirigia primeiro a elas, mais eu me afastava.

E ainda havia as ocasiões em que entrávamos na sala e víamos vovó sentada perto de Hassan, sussurrando. Quando ela notava a gente, se empertigava depressa e se afastava, enxugava as mãos no avental e ia para a cozinha. Tia não pensava nisso. Mas Ashleigh ficava encantada com a ideia de que vovó e Hassan pudessem estar começando um romance.

Hassan dirigindo olhares apaixonados para minha avó era a cereja do bolo incrivelmente intragável em que minha vida tinha se transformado.

Treinar minhas habilidades parecia ser o foco principal de Hassan. Eu só ficava ao fundo e olhava, mal-humorada, Tia trabalhar. Quando se tratava de atacar espantalhos ou perseguir as galinhas, aparentemente eu... *nós* (pronomes idiotas) éramos especialistas. Éramos capazes de cravar uma flecha num alvo a grande distância e atirar as facas-lanças com precisão mortal. Mas, cada vez que Hassan pedia que treinássemos unir nossas mentes ou invocar o cão do inferno de novo, eu relutava.

Eu tentava, pelo menos na superfície, mas alguma coisa dentro de mim congelava. Tia me culpava. Ashleigh ficava me chateando com uma lista de frases motivacionais, como "Quem não é forte precisa ser inteligente", "Um potro xucro pode virar um poderoso cavalo de corrida" e minha predileta, a que me fazia sentir culpa: "Esquecer uma dívida não quer dizer que ela esteja paga."

Nem à noite eu conseguia descansar. Elas estavam sempre ali, as duas. Quando a casa ficava silenciosa e todos dormiam, lá estavam elas, no fundo da minha mente, os pensamentos parecendo ruído de fundo. Por fim, depois de uma semana de noites em claro, a exaustão venceu e mergulhei num sono profundo.

Eu não estava sozinha no mundo de sonhos para onde minha consciência escapou, o que não era surpreendente, mas as mentes que eu sentia por perto não eram familiares, e isso, sim, *era* uma surpresa. Eu me encontrava no topo de uma duna de areia, um oceano de ondas do deserto se espalhando em todas as direções. Os grãos de areia se moviam, escondendo coisas amedrontadoras, como uma camada de neve cobrindo ossos descorados.

Então o sussurro de uma brisa noturna beijou meu rosto. Olhei para as estrelas brilhantes no céu; eu quase podia ouvi-las falando. Os ossos sob os pés foram esquecidos enquanto vozes que pareciam o tilintar de sinos murmuravam, sobrepondo-se enquanto passavam as mensagens para um lado e para outro. Era confuso e caótico.

Uma estrela brilhava mais do que as outras, me banhando numa luz

cintilante. Um pássaro branco voou lá no alto, obscurecendo todas as estrelas, menos a brilhante, antes de desaparecer no céu noturno. Meus sentidos se tornaram mais aguçados. Parecia que eu estava no olho de uma tempestade invisível e que estava sendo vigiada, protegida.

A risada de um homem caiu sobre mim como uma cachoeira quente. Eu queria me afundar nela e flutuar. Um vento zéfiro acariciou meu rosto e eu girei, tocando meu rosto com as pontas dos dedos, mas não havia ninguém ali.

A lua subiu como uma fênix de prata e a estrela que tanto havia me fascinado cedeu à luz dela e recuou, desbotando e misturando-se ao fundo. Ergui o queixo para deixar a claridade correr seus dedos pelo meu rosto e fechei os olhos. Enquanto ela traçava seu caminho pelo céu, virei o corpo para continuar a olhá-la. Senti-me apanhada em seu olhar pesado, e o espaço entre nós parecia cheio de segredos, saudade e desejos não realizados.

A sensação dos lábios suaves de alguém se comprimiu na minha testa, mas de novo não havia ninguém ali. Quando levantei a cabeça outra vez para a esfera perolada da lua, a luz prateada refletia dois olhos tempestuosos, selvagens como os de um lobo caçando. Eles piscaram para mim na superfície do satélite e desapareceram.

A lua se pôs, beijando meu rosto com sua linda luz uma última vez antes de se dissolver no horizonte. Lamentei sua ida e esperei que minha estrela retornasse, mas isso não aconteceu. A sensação da perda da estrela amistosa e da lua séria tornou-se aguda como a ponta de uma faca que se retorceu em meu estômago.

Logo a escuridão ao redor ficou mais densa. Comichava em minha nuca com dedos frios, fantasmagóricos. Quase delicadamente, traçou um caminho descendente pela coluna. Esperei, prendendo a respiração, que as pontas geladas rasgassem o tecido fino do meu vestido e se cravassem na carne como adagas.

O vento chicoteava em torno do meu corpo e eu ergui o nariz no ar. Uma tempestade estava chegando. Ou talvez, com meus protetores tendo ido embora, a tempestade pudesse finalmente despejar sua fúria sobre

mim. Ouvi uma risada, cruel e aguda como um relâmpago, o relincho de cavalos, o berro de uma fera colossal e os gritos de homens torturados. Quando pisquei, a areia do deserto se mexeu, finalmente revelando o que se encontrava por baixo da superfície áspera. A terra estava coberta por um exército derrotado.

A morte cobria o chão. Os cadáveres humanos apodrecidos se misturavam com os corpos de animais tombados. Apertei a mão sobre a boca para conter o grito e caí de joelhos, enquanto lágrimas enchiam meus olhos.

Apesar da falta de luz, os ossos assumiram um brilho próprio, reluzindo com uma luminescência interna que enfatizava as órbitas vazias dos olhos e as caixas torácicas ocas. Eu é que tinha provocado aquilo. Eu sabia. A culpa era minha.

– Eu sinto... sinto muito – sussurrei. Minha voz, ainda que baixa, percorria a extensão da areia. – Não queria que isso acontecesse.

Nesse momento, a borda da Terra explodiu com uma chama brilhante. O alvorecer rompeu sobre o horizonte, tingindo o mundo de dourado. O sol luminoso estendeu os braços na minha direção. Assim que a luz caiu sobre os corpos, eles desapareceram. Quando chegou a mim, fui envolvida num abraço tão cheio de calor e amor que todos os pensamentos tristes fugiram tão rápido quanto a escuridão.

Tudo ficou imóvel e, de novo, eu existia numa bolha de proteção. O pó e a areia, que tinham sido agitados tão facilmente pela brisa, não ousavam mostrar estados transitórios nem revelar seus segredos mórbidos diante de algo tão poderoso. Fechei os olhos.

Os raios do sol percorreram o meu rosto, secando instantaneamente as lágrimas e deixando um brilho que pulsava. Eu tinha achado que a luz da estrela reluzente e a da lua luminosa eram lindas, mas não eram nada comparadas com o poder do sol.

Absorvi seu calor, me banhei nele. Era como uma abelha presa num favo transbordando de mel. Realização, propósito, destino, doçura e verão estavam todos ali, juntos, naquele abraço. Se eu pudesse escolher ficar naquele local para sempre, até mesmo morrer ali, teria feito isso.

Lentamente a luz se afastou e eu gemi.

– Por favor, não me deixe.

O sol enroscou os dedos no meu cabelo. Um formigamento quente cobriu meu couro cabeludo. A silhueta de um homem apareceu brevemente no centro do sol, mas a luz era forte demais para que eu olhasse seu rosto.

– Nunca deixei – disse uma voz masculina capaz de aquecer oceanos.

Um grito escapou dos meus lábios.

– Como vou encontrar você de novo?

– Nos sonhos – disse a voz com o calor fraco de brasas se apagando.

O sol mergulhou no horizonte e novamente eu me vi envolta em uma mortalha de escuridão. A ausência do sol me sufocou, pesando em meu peito como uma âncora. Desci correndo a duna, tentando perseguir os últimos raios, mas minha ansiedade fez com que eu tropeçasse e caísse, e acordei com um sobressalto.

A colcha de retalhos da minha avó estava no chão e a lua lançava um brilho fraco na cama – uma cópia patética da luz no meu sonho. Abracei o meu corpo e estremeci. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Mesmo me sentindo completamente sozinha, eu sabia que não estava. Meus dois fantasmas pessoais me observavam com curiosidade nos recessos da mente.

Interessante.

É interessante mesmo.

Funguei alto e enxuguei os olhos na manga.

– Fico muito feliz de vocês acharem minhas lágrimas interessantes – devolvi, ríspida.

Ah, não são as lágrimas, querida, disse Ashleigh. *É o fato de que você está de novo no controle.*

– De novo no controle? Você chama isso de *controle*? Se eu estivesse no controle, vocês duas não estariam aqui.

É um sinal, disse Tia. *Ele a chamou e ela ouviu.*

Soltei um gemido.

– Hassan não disse que assombrações como vocês duas dormem de

madrugada?

Ele estava falando de fantasmas que assustam. Não somos fantasmas assustadores, explicou Ashleigh, bufando. *Ainda que você não saiba de mais nada, pelo menos isso já deveria saber.*

– Bom, de qualquer maneira, voltem a dormir e cuidem do que é da sua conta.

Mas você é da nossa conta, Lily, disse Tia baixinho. *Sem você, o que nós somos?*

– Eu não sei. Uma viagem com todas as despesas pagas para Malucópolis? Por que não me dizem?

Houve um momento de silêncio. Fiquei satisfeita, pensando que finalmente as havia colocado em seu devido lugar. Mas no mesmo instante me arrependi daquelas palavras.

– Olhe, eu não quis dizer isso.

Quis sim. Nós sabemos quando você fala a verdade, disse Tia.

– Está bem, eu quis. – Puxei a colcha do chão e a embolei em volta do corpo, apertando em torno das pernas. – Mas não tive a intenção de magoar seus sentimentos. Desculpem.

Eu falei para você, Ashleigh disse para Tia, *quem é bem alimentado não entende os magros.*

– O que isso quer dizer?

Quer dizer, mocinha, que toda essa experiência provavelmente foi uma coisa boa. Agora você sabe como é ser passageira.

– De que você está falando?

De você. Agora que está de volta no controle, talvez tenha uma ideia um pouquinho melhor de como é ser relegada ao fundo da carroça de maçãs.

Ouvi um rosnado minúsculo.

Seu cabelo está se soltando, Lily, disse Tia.

– Meu cabelo? – Levantei a mão e puxei o elástico frouxo, jogando o cabelo por cima do ombro.

– Ah, obrigada... – falei, confusa. – Não estou entendendo aonde você quer chegar.

Estou querendo mostrar, tolinha, que a gente não levantou sua mão. Foi

você que levantou. E está falando, ainda por cima.

– Foi? – Ergui os dedos, tocando o rosto e os lábios. – Eu fiz isso! Estou me mexendo! Sou eu!

É. Você está controlando seu corpo de novo. O que será que provocou isso?

– Que importância tem isso? – perguntei a Tia.

É importante porque, se você voltar a se esconder no fundo, precisamos saber como consertar.

Não é óbvio o que provocou? Foi Amon, disse Ashleigh com um tom sonhador na voz.

– Amon? – ecoei, franzindo a testa. – Você se refere à múmia?

Ele só é múmia no reino mortal, explicou Ashleigh.

– Mesmo assim, não sei o que ele tem a ver com isso.

Lily, disse Tia, *ele era o sol.*

– O sol? – Será que o homem escondido na luz do sol podia ser real? Engoli em seco, lembrando-me da sensação de estar nos braços dele. – Quer dizer que isso aconteceu mesmo?

Sim. vocês dois estão conectados nos sonhos, explicou Tia.

– Entendo.

Mas não entendia. Não de verdade. Pelo menos não queria entender. Todos eles vinham me dizendo que eu tinha um relacionamento com esse cara, mas eu não me lembrava de nada. Não era nem um pouco do meu estilo abrir mão de tudo por causa de um homem. Eu era extremamente exigente quando se tratava da espécie masculina. Tinha uma longa lista mental que eliminava qualquer ideia de namoro com todo cara que eu conhecia. A maior parte dos garotos da minha escola no ensino médio não conseguia preencher nem mesmo os cinco requisitos básicos, quanto mais a lista completa. De modo que a ideia de uma *múmia* ser quem eu tinha escolhido acima de todos os outros simplesmente não fazia sentido. Agora eu tinha um novo requisito para incluir em minha lista. *Vivo.* Esse nunca havia me ocorrido.

– Bom, essa reunião foi construtiva – falei a Tia e Ashleigh. –

Fizemos umas coisas boas aqui. O que acham de nos reencontrarmos de manhã e avaliarmos nosso progresso?

Por que ela está falando assim?, Ashleigh perguntou a Tia.

A leoa rosnou baixinho.

Ela está tentando nos silenciar.

Ah. Bom, boa noite, então, garotas.

Durma bem, fada, disse Tia. Quase pude senti-la se enroscando na minha mente, me espiando com olhos brilhantes e a cauda balançando. *Boa noite, Lily*.

– Boa noite. – Deitei-me na cama, chutando a colcha até que os pés estivessem cobertos.

Depois de mexer os dedos dos pés só para provar que conseguia, fechei os olhos e caí num sono sem sonhos.



Para minha consternação, Tia e Ashleigh resolveram matar aula na manhã seguinte. Eu me espreguicei e aproveitei um banho de chuveiro longo, adorando estar no controle. Porém mais tarde, quando perguntei se Ashleigh queria cuidar do meu cabelo, ela simplesmente respondeu: *Não, obrigada*. Apesar de eu sentir que a fada gostava de fazer isso, ela recusou com teimosia.

Tia fez a mesma coisa com relação a ordenhar Mandona. Tentei provocar uma reação nela espantando os gatos. Eles soltaram miados de dar pena e se esfregaram nas minhas pernas. Depois bateram na pata de Mandona até que a vaca mugiu um alerta contra eles, que se espalharam pelos fardos de feno. Tia não estava feliz, mas não falou nada. Logo até mesmo seu desagrado ficou escondido de mim.

– Não sei o que vocês duas acham que estão fazendo – murmurei enquanto carregava o balde de leite até a casa. – Achei que quisessem me ensinar como é ficar no banco de trás. – Elas não responderam. – Ah, bom, vocês é que estão perdendo.

Deixei-me afundar numa cadeira junto à mesa da cozinha, olhando vovó preparar o café da manhã. Um sorriso iluminou meu rosto. Ela ia ficar empolgada demais ao descobrir que eu era eu outra vez. Bom... quase totalmente.

Vovó colocou na minha frente uma pilha gigante de panquecas de mirtilo pingando manteiga dourada fresca e uma garrafa de xarope de bordo antes de voltar para o fogão.

– Acho que hoje só vou querer um ovo mole e um pouco de chá – falei, animada.

Minha avó se imobilizou por um instante com a espátula na mão e então se virou para mim.

– Lilypad? – perguntou, hesitante.

Confirmei com a cabeça, o riso virando um grunhido quando ela me puxou e me abraçou com força.

– Como está se sentindo? – Ela afastou o cabelo do meu rosto e me olhou nos olhos.

– Não sei bem. Acho que a palavra seria "sequestrada".

Enquanto falava, percebi que Tia e Ashleigh se ressentiram, mas não me importei.

– E, hã, as outras garotas ainda estão com você? – perguntou vovó.

– Sim. Ainda estão aqui.

Vovó assentiu, solene. Seus olhos brilhavam, mas não dava para saber se ela estava triste ou feliz. Então segurou meu queixo e examinou meu rosto.

– Você está com olheiras. E, apesar de tudo o que Tia comeu, parece que perdeu peso. Você já estava magra, para começo de conversa. Agora sua pele está tão esticada sobre os ossos que até parece que você foi jogada num buraco e passou fome durante o último mês. Não vou admitir isso. Hassan? – chamou ela.

Ele entrou rapidamente na cozinha, enxugando o cabelo com uma toalha.

– O que é, Melda?

Olhei-o, irritada.

– Quem lhe deu permissão de usar o primeiro nome dela? – perguntei, em tom de acusação.

– Acho melhor você ser educada com nosso hóspede – disse vovó. – Se quer saber, *eu* dei permissão. E o motivo para ter feito isso não é da sua conta.

– Lily? – Ele deu um passo à frente e fitou meus olhos como se fosse um médico, e não aquela espécie de Indiana Jones. – Como isso aconteceu?

Ignorei-o e me virei para vovó, apontando um polegar na direção dele.

– Você *gosta* dele, ou algo assim? – questionei. – Não acha que é uma traição ao vovô?

O rosto de Hassan ficou vermelho-beterraba, um acontecimento notável, considerando seu bronzeado natural. A cor vermelha desceu pelo pescoço, desaparecendo no colarinho aberto da camisa.

– Eu... nós... – gaguejou ele. – Peço desculpas por qualquer infração que tenha cometido.

– Não ouse pedir desculpas – disse vovó a ele. – Você não fez absolutamente nada de errado. Lilliana, estou surpresa. Logo você, que sabe como eu amei, e ainda amo, o seu avô. Ora, Hassan tem sido um bom amigo nessas últimas semanas. Isso não quer dizer que vamos morar juntos ou nos casar. Mesmo se quisesse, eu esperaria que você respeitasse minha decisão e pelo menos fizesse a cortesia de expressar seus sentimentos de modo civilizado. Espero coisa melhor da sua parte, mesmo que neste momento sua vida esteja uma confusão. Entendeu, mocinha?

Olhei sua expressão séria e assenti com a cabeça, sentindo-me suficientemente castigada e arrependida. Até mesmo Tia e Ashleigh ficaram acovardadas com o sermão dela.

– Sim, senhora – falei.

O granito dos olhos dela se suavizou até o azul-centáurea normal. Ela sorriu.

– Essa é a minha garota. Bom, estou feliz por você ter voltado.

Hassan? É melhor trazer aquelas anotações em que trabalhamos ontem à noite. Sei que você odeia computadores, mas, pessoalmente, acho que deveríamos organizá-las de modo que tudo fique fácil de achar. Quer trazer meu laptop, também? – Ela se virou para mim. – Coma um pouco, mocinha, e depois vamos trabalhar.

Quando Hassan saiu, eu cruzei os braços.

– Não quero fazer isso, vovó. Não creio que eu possa.

– Se alguém tem força suficiente para isso, é você. Jamais acredite que não pode. Acreditar é vencer metade da batalha.

Peguei sua mão, apertei e murmurei baixinho:

– Estou com medo.

Ela apertou meus dedos de leve e acariciou meu cabelo com a outra mão.

– Claro que está. Seria uma idiota se não estivesse. E minha neta não é idiota. – Vovó suspirou. – Deixe o medo trabalhar em você, suavizar suas arestas. Entregue-se a ele de modo que ele corra pelos seus membros e roa seu estômago, e depois o deixe de lado. Diga que ele não pode mais derramar o veneno da inação em você. O medo vem para nós como uma onda gigantesca, mas ela sempre vai se quebrar na rocha da sua determinação. Você vai superá-lo, Lilypad, e vai se tornar melhor por causa disso.

Vovó pôs o dedo embaixo do meu queixo e levantou meu rosto para me olhar. Engoli em seco e respirei fundo.

– Ok – falei por fim.

– Ok – repetiu vovó. – Agora, antes de tentarmos qualquer outra coisa, precisamos deixar você saudável. Hassan? – Ela se virou para o arqueólogo, que retornava. – O que podemos fazer? Mais descanso? Alimentá-la?

Ele coçou o queixo.

– Minha teoria é que o corpo de Lily se atrofiou enquanto a mente dela estava escondida. Um corpo não pode existir sem mente.

– Mas eu tinha três mentes no corpo o tempo todo. Então por que isso teria importância?

– Importa porque seu corpo pertence a você. Ele sabe que Tia e Ashleigh não... se encaixam bem, na falta de um conceito melhor. Com você de volta ao comando, com memórias intactas ou não, deve começar a ver um resultado mais positivo.

– Mas nós ainda estávamos fortes e capazes de fazer todas as coisas que podem ser exigidas de uma esfinge.

– Sim. Mas você não está destinada a ser uma esfinge. Você é mais do que isso. Para assumir seu poder, você deve abraçar o ser que irá se tornar. Deve assumir o nome de Wasret, assim como tudo que esse nome implica.

Fiquei parada um momento. As flores recém-cortadas de vovó na mesa faziam cócegas no meu nariz com seu cheiro doce. O alvorecer tinha dado lugar a um sol dourado que piscava para mim por cima do parapeito da janela, aquecendo meu braço onde os raios o tocavam. Assimilei tudo aquilo. A expressão esperançosa de vovó, o mosaico do piso da cozinha, o ar entrando e saindo de meus pulmões e os pensamentos das duas garotas que tinham vindo morar no meu cérebro.

Num momento eu era Lily, uma garota apanhada numa situação impossível, mais perigosa e mortal do que qualquer coisa que eu já havia lido em histórias. E no momento seguinte era algo totalmente diferente. Enquanto respirava fundo, trouxe delicadamente minhas outras duas consciências interiores na mesma direção. Elas circularam minha mente, com ideias e pensamentos, esperanças e sonhos se misturando até nos tornarmos uma. Até nos tornarmos Wasret.

– Vamos começar? – falei, incorporando uma voz que era velha como o Cosmo e poderosa como uma estrela recém-nascida.



Leoas, cães do inferno e unicórnios... Minha nossa!

Ouviu-se um ganido e o estalo de garras no piso de ladrilhos da vovó. O cão do inferno apareceu. Com a mandíbula babando e repuxando, ele me respondeu com um sibilo:

– Deusa – falou com ódio emanando do corpo que se alterava –, qual é o seu desejo?

– Onde estão os Filhos do Egito?

– Presos no além. Pelo menos é onde deveriam estar.

– Como assim, *deveriam*? Diga o que sabe.

– Sei muitas coisas. Você terá de ser mais... específica.

Ele sibilou e depois gargalhou. Era um som apavorante e, quando vovó recuou um passo, o cão do inferno estalou as mandíbulas na direção dela.

Estreitando os olhos, dei um passo ousado, aproximando-me dele. Um poder quase ilimitado preenchia meu corpo. Eu era leoa e fada, humana e deusa, e não admitiria recusas. Agarrei a orelha do cão do inferno e o puxei para mim. Ele ganiu com surpresa e sua cabeça virou fumaça, afastando-se antes de recuperar a forma. Sua cauda baixou, enfiando-se entre as patas, e eu inclinei a cabeça, com um risinho levantando o canto da boca.

Era eu que confrontava o cão do inferno, e ao mesmo tempo não era

eu. Cada parte minha estava em sincronia com cada parte de Tia e Ashleigh. Eu conseguia acessar completamente a natureza predatória de Tia e a visão única de Ashleigh sobre todas as coisas que não são deste mundo. Mas havia outra coisa – ou outra *pessoa*. Não éramos três. Éramos... quatro. Tínhamos aberto a porta e alguém havia entrado. Como se fôssemos apenas uma, movíamos um braço, fazíamos perguntas e assimilávamos informações, mas eu sentia que a conexão era frágil, tênue.

Pronomes como *eu, nós* e *nosso* perderam o significado. Eu era Wasret. Nós éramos Wasret, unidas de tal forma que era doloroso simplesmente pensar em nos arrancar uma da outra – não, dela. Cada uma de nós ainda retinha o que nos tornava únicas, mas estávamos presas num impossível triângulo de poder, criando uma ponte, incapazes de dizer onde cada uma acabava e outra começava. Havia um sentido nítido de que agora éramos... outra. Tínhamos nos tornado uma coisa totalmente nova. Naquele momento, éramos destemidas. Podíamos fazer qualquer coisa, ser qualquer coisa, e no entanto eu sentia que ainda faltava um pequeno pedaço. Havia uma parte de *mim*, Lily, que ainda estava escurecida.

– Sugiro que você conte o que sabe que queremos ouvir – exigi com a voz de uma tempestade furiosa. – Caso contrário, sua *deusa* pode fazer algo... desagradável.

– Nada que você possa fazer comigo seria mais desagradável do que o mundo dos mortos.

Sorrindo, comecei a me abaixar e uma cadeira se moveu por vontade própria, raspando o ladrilho e se posicionando no lugar certo para eu me sentar. Como se a presença do cão do inferno não me abalasse nem um pouco, cruzei uma perna sobre a outra, balançando despreocupadamente o pé calçado com a bota, depois agarrei uma faca de manteiga na mesa. Girei-a habilmente entre os dedos, passando-a de uma das mãos para a outra antes de balançá-la na direção dele como se fosse a arma mais afiada do mundo.

– Como eu também passei algum tempo no mundo dos mortos,

tenho certeza de que posso pensar em alguma coisa.

Deslizei o polegar nas ranhuras da faca.

– Sabe, até mesmo a arma mais cega pode matar – falei. – Só demora um pouquinho mais.

O cão do inferno recuou um passo.

– Você não me amedronta, deusa.

– Não?

Apoiei os dois pés no chão e me inclinei para a frente, capturando o olhar do cão do inferno com o meu. A princípio ele se imobilizou, como se hipnotizado, e então a predadora dentro de mim reconheceu os sinais de submissão. O cão do inferno baixou a cabeça ligeiramente e mudou o peso do corpo de um lado para o outro, como se estivesse se preparando para fugir. Mostrou os dentes, com a língua lambendo os beiços, e franziu o nariz como se achasse extremamente desagradável se curvar para mim.

Em seguida, usando nosso poder mental combinado, pressionamos nossa consciência à frente e mergulhamos atrás das íris marrons da fera, ultrapassando os pelos eriçados e a pele quente esticada pela fúria. Penetramos na mente da criatura – uma coisa fascinante e perturbadora.

– Está com medo agora? – perguntei.

Ele não precisava responder – dava para sentir sua repulsa, seu horror por ser invadido daquele modo. Nem mesmo sua senhora anterior pudera arrancar os pensamentos de sua cabeça.

Você vai me contar, exigi, de mente para mente.

Dessa vez, não pedi, tomei. Rasguei suas memórias, procurando as informações de que precisava. O cão do inferno ganiu e desabou no piso de ladrilhos, raspando as patas debilmente. Quando encontrei o que estava procurando, recuei, trazendo meu poder de volta, e alertei a criatura patética prostrada à minha frente:

– A ira mata quem é idiota a ponto de agir em nome dela. Sugiro que você arranje um novo passatempo, seu bicho sarnento. – Chutei de leve a lateral de seu corpo com a bota. – Agora suma da minha vista.

O cão do inferno desapareceu e eu virei um olhar de triunfo para

vovó e Hassan, mas franzi a testa ao ver o medo explícito nos olhos deles. Um medo que zumbia à nossa volta e entre nós como um canto de cigarras.

A humana que havia em mim ficou com vergonha das nossas ações e o frágil domínio sobre nosso poder se rompeu. Imediatamente o poder de Wasret nos deixou e nós nos separamos, tornando-nos de novo três indivíduos, ainda que no mesmo corpo. Eu me sentia exausta e abalada; meus membros tremiam como se eu fosse uma viciada precisando de outra dose. Não fora uma decisão consciente renunciar ao poder. Na verdade, foi surpreendente para todas nós. Foi quase como o estalo de um elástico se partindo. O que quer ou quem quer que tivéssemos sido tinha ido embora. Sinceramente, era um alívio ser eu mesma de novo. Voltei a sentar-me na cadeira, com os dedos estremecendo.

– Ele foi embora – falei para vovó. – Não precisa ter medo.

– Não é dele que estou com medo, Lilypad. É de você.

Franzi a testa e esfreguei as têmporas doloridas.

– Fizemos o que vocês queriam.

– Não. Não queríamos isso. Jamais. – Vovó deu um passo à frente e segurou meu rosto. – Agora, garotas, cada uma de vocês me escute. Nunca, nunca se esqueçam de permanecer no barco. No minuto em que acharem que podem enfrentar o oceano sozinhas, estarão perdidas. Todas vocês foram com muita sede ao pote.

O que ela quer dizer?, perguntou Tia.

– Quer dizer que a gente exagerou – falei, a boca agora seca enquanto traduzia a metáfora de vovó para elas. *Eu me pergunto se essa é a sensação de uma ressaca,* pensei.

O que é uma ressaca?, perguntou Tia.

É a dor que vem depois de tomar demais a bebida do diabo, explicou Ashleigh. *Eu tinha de cuidar do meu pai e ajudá-lo a se recuperar disso toda manhã de domingo.*

Não sentimos a dor antes, quando usamos nossos poderes contra a Devoradora, disse Tia. *Por que estamos sentindo agora?*

Não sei, respondi. *Talvez tenha alguma coisa a ver com minha perda*

de memória.

Virando-me para Hassan, falei:

– Peço desculpas por ter amedrontado vocês. Eu... *nós* não estávamos no controle.

Ou talvez estivéssemos demais no controle, acrescentou Ashleigh.

Hassan assentiu com a cabeça, pensativo.

– O poder que você possui é grande. Talvez seja por isso que precisa dos Filhos do Egito.

– Por que diz isso? – perguntei.

– Acredito que eles podem ajudar você a... canalizar seu poder do jeito certo. Eles têm experiência com esse tipo de coisa. Especialmente Amon, que possui o Olho. – Ele tocou meu braço. – Você pode não se lembrar, Lily, mas fui o guardião do Olho por um tempo, e a influência dele é... bom, é indescritível. Se eu ficasse com ele por mais tempo, teria enlouquecido. Talvez esse poder seja assim.

– Então você acha que a múmia, quero dizer, Amon, pode nos orientar como Wasret? – perguntei, roendo uma unha.

– É o que acredito.

– Então foi uma coisa boa eu ter treinado, convocando o cão do inferno. Mesmo que a gente tenha ficado com uma dor de cabeça horrível, além de um gosto ruim na boca. Eu odiaria perder as estribeiras desse jeito com os Filhos do Egito.

– Você precisa descrever seus sintomas para mim – pediu Hassan com interesse, pegando um bloco de papel.

– Mais tarde, Oscar – disse vovó, procurando um frasco de aspirina no armário da cozinha. – Aquela fera contou a vocês onde Amon está?

Balancei a cabeça.

– Tudo o que sei é que eles ainda não foram encontrados. De algum modo, os irmãos conseguiram evitar Seth, apesar de ele ter mandado seus espiões *shabti* para o além à procura deles. O cão do inferno não queria me contar, mas Seth está planejando libertar os demônios do mundo dos mortos e usá-los junto com a Devoradora para atacar o além assim que Heliópolis cair.

– Isso significa que os deuses estão perdendo a guerra? – perguntou Hassan, deixando a caneta cair ruidosamente na mesa.

Estremecendo, engoli a aspirina e confirmei com a cabeça.

– Parece que sim. Pelo menos pela perspectiva da fera.

– Então precisamos nos apressar. Temos de chegar aos corpos dos Filhos do Egito e invocá-los antes que Seth os encontre no além e os desfaça inteiramente. Anúbis me garantiu que eles serão necessários na batalha final. Em termos ideais, eu gostaria de ter mais tempo para vocês se prepararem, mas com a situação desse jeito...

– Ou vai ou racha. – Bati com a faca de manteiga na mesa e fiz uma careta, encolhendo os ombros na direção de vovó como um pedido de desculpas. – É melhor irmos, então. Vamos demorar um tempo para chegar ao Egito.

– É, com relação a isso... infelizmente não tenho boas notícias – disse Hassan.

– O que foi? – perguntei com cautela, nem um pouco ansiosa por ouvir qualquer outra coisa relativa à minha missão celestial. Levantando-me, senti os membros ainda trêmulos pelo uso recente do nosso poder. Eu era como uma panela cheia de pipoca que tinha acabado de ser posta no fogão: com energia descontrolada, pronta para explodir e romper a própria pele.

Mas o que restaria após esse poder ser usado? Meu temor era uma rachadura interna na minha armadura. Me enfraquecia, e eu não sabia direito como consertar a falha. E se, depois de tudo isso acabar, eu terminasse sendo apenas uma casca vazia e inútil, espremida e descartada pelos deuses que me usaram para travar suas batalhas?

Hassan continuou, sem perceber meu tumulto interior, mas me deu algum nível de conforto saber que Tia e Ashleigh compartilhavam meus temores. Pior ainda: elas esperavam, depois de tudo ser dito e feito, ser relegadas ao esquecimento. Não tinham medo de ser deixadas sozinhas ou abandonadas por aqueles que haviam nos transformado no que éramos. Não tinham qualquer noção de transtorno pós-traumático e não se importavam muito com o que acontecesse com meu mundo mortal.

Não. Estavam preocupadas com a hipótese de ser banidas totalmente. De simplesmente desaparecerem: deixarem de existir.

Prometi que não permitiria que isso acontecesse. Ao mesmo tempo, Hassan acabava de explicar:

– E é por isso que precisamos chegar lá por conta própria.

Esfreguei meu rosto vermelho e disse:

– Ah, o que foi mesmo? Eu estava tendo uma conversa interna.

Ele me dirigiu um sorrisinho compreensivo que franziu seus olhos. Nesse momento admiti para mim mesma que vovó não estava tão mal. Hassan era um homem gentil e bonito para alguém da sua idade, especialmente quando sorria. Se não estivesse tão envolvido nesse negócio de deuses, deusas e salvação do mundo, acho que eu até gostaria dele.

– Eu estava dizendo que Anúbis deixou totalmente claro que os deuses estariam envolvidos na batalha. Não podemos contar com eles para o transporte até o Egito.

Pus as mãos nos quadris.

– Bom, isso é fantástico. Como vamos chegar ao Egito, então? De avião?

– Eu... tenho algum dinheiro guardado na jarra de biscoitos... – começou vovó.

Não precisamos dos tesouros dela, disse Tia.

Odeio compartilhar esse triste fato humano com você, leoa, mas precisamos de tesouros para viajar de avião. O Egito fica a um oceano de distância.

Não precisamos não, Lily. Vamos chamar o unicórnio.

– Unicórnio? – perguntei em voz alta.

A empolgação de Ashleigh explodiu na minha mente.

Um unicórnio alado?, perguntou ela. *Ah, que saudade eu sinto de voar!*

Retirei-me para o segundo plano e deixei Tia emergir para explicar a todos nós como um unicórnio voador e seus filhos poderiam ser invocados para nos levar ao Egito. Vovó ficou chocada, para dizer o mínimo, e o Dr. Hassan pareceu ao mesmo tempo empolgado e

aterrorizado com a ideia. Aparentemente, ele nunca havia montado um cavalo.

A princípio vovó não queria ir. Estava preocupada com a vaca, os gatos do celeiro e as galinhas. Quando me recusei teimosamente a sequer pensar em ir a algum lugar sem ela, já que vovó era minha única ligação com a normalidade, ela cedeu. Pediu aos irmãos gêmeos Melvin e Marvin que cuidassem da fazenda enquanto nós duas fazíamos uma viagem "por aí". Os gêmeos concordaram imediatamente e disseram que iriam até lá naquela tarde mesmo, o que nos liberou para partir na mesma hora.

Tia argumentou que seria melhor deixar para trás minha *anciã* e que era perigoso levá-la. Talvez fosse mesmo egoísta da minha parte querer que vovó fosse, mas... eu precisava dela. Não havia outra forma de eu... montar nas costas de um unicórnio e ir para lugares desconhecidos. Eu não era particularmente corajosa nem heroica, apesar do que Tia e Ashleigh diziam. O que quer que tivesse me inspirado a fazer o que elas insistiam que eu tinha feito antes estava... bom, estava faltando, agora.

Tia finalmente aceitou isso e explicou que precisávamos de um túmulo para invocar o unicórnio. Hassan perguntou se havia algum cemitério por perto. Vovó hesitou apenas um momento e depois confirmou que sim, havia um bem perto.

Não. Não podemos usar esse, Tia, eu disse. *É onde meu avô está enterrado. Vai ser doloroso demais para vovó.*

– Lily me informou que o lugar que você mencionou é onde seu companheiro está enterrado. Talvez possamos encontrar outro – sugeriu Tia.

Vovó torcia um pano de prato entre as mãos. Deu um pequeno sorriso de desculpas e depois se virou para a janela da cozinha.

– Não – disse ela. – Se Charles estivesse aqui, ia querer participar da ação. Ele nos daria a bênção, se pudéssemos pedir.

– Tem certeza, Melda? – Hassan segurou a mão dela e a apertou de leve.

– Tenho. Só me deixem... Só me deixem pegar umas coisas.

Ela se retirou para o quarto, enquanto Hassan reunia suas coisas, pondo-as em uma sacola impermeável bem gasta ao lado das ferramentas de arqueólogo.

Tia recuou, permitindo que eu assumisse o controle de novo. O problema era que eu não sabia o que fazer em seguida.

– É melhor vocês se prepararem também – disse Hassan, com as sobrancelhas fartas erguidas. – Suas armas estão no celeiro. Tia sabe onde.

– Certo.

Fui para o celeiro e encontrei o arco e a aljava com flechas emplumadas junto ao arnês de couro pendurado num gancho. Peguei uma faca e a enfiei na bainha até que a magia que a prendia no lugar funcionasse. Peguei o arnês e o segurei com as pontas dos dedos.

Olhei para meu macacão com as pernas enroladas, as botas sujas de lama e a camisa de algodão macio abotoada na frente. Depois levantei a mão para tocar o rabo de cavalo bagunçado.

– Isso não parece nem um pouco o que a gente usaria para invocar um unicórnio.

Podemos fazer nossas roupas, sugeriu Tia. *Na verdade, é bem simples. Só precisamos invocar o poder da esfinge enquanto você pensa no que quer usar e a coisa aparece.*

– Certo – falei.

Não se esqueça de fechar os olhos. Ah, além disso, você gosta de estar limpa.

Meus olhos se abriram rapidamente.

– Limpa?

É. Frequentemente ficamos sem nos lavar, mas você gosta de ter uma juba sedosa e a pele perfumada. Pessoalmente, acho que nosso almíscar natural é melhor, mas deixo isso com você.

– Arrã. Bom, obrigada. – Soltei o ar pelo nariz. – Certo, lá vai.

Fechei os olhos, me concentrei e senti meu poder se agitando. Minúsculas partículas bateram na minha pele, pinicando, e gritei de medo e entreabri um olho.

A areia é normal, disse Tia. *Ela dá polimento à sua pele. Não deveria demorar tanto assim, Lily. Você não está concentrada. Qual é o problema?*

– Não sei – respondi, e me arrependi instantaneamente quando grãos de areia entraram na minha boca.

Cuspi e então lhe dei uma resposta mental. *Acho que não sei de verdade o que usar.*

Vou ajudar, respondeu a voz atrevida de Ashleigh.

Tia interveio rapidamente:

Não. Você não entende qual é a vestimenta necessária. Vou ajudar Lily. Você fica olhando.

A areia golpeou meu corpo e os tecidos que eu usava, inclusive os sapatos, se dissolveram na tempestade. Eu me protegi com os braços, sem graça, feliz por ter decidido fazer isso no celeiro, onde somente Mandona podia me ver. Meu cabelo voou com o vento e os fios compridos chicotearam minhas costas nuas. *Não está funcionando*, disse Tia, tentando fundir seus pensamentos com os meus para invocar o poder da esfinge.

O que estou fazendo de errado?, perguntei.

Cobri o rosto com as mãos, o corpo tremendo com os golpes. Então Ashleigh disse:

Não podem ser só vocês duas, como antes. Eu preciso fazer parte disso.

Ela se juntou a nós e a areia se imobilizou no ar, depois se acomodou suavemente no meu corpo, como a neve caindo, formando roupas.

Levantei a mão e acariciei o tecido que cobria meu braço. Era desenhado para se parecer um pouco com escamas de peixe. Cada placa minúscula e curva captava a luz, e eu me virei, refletindo todas as cores metálicas que existiam sob o sol. Era resistente como uma cota de malha, mas se movia e se esticava facilmente junto com o corpo. Parecia uma camiseta *vintage*. Luvas de couro com os dedos cortados estavam presas por cordões até os cotovelos e cobertas por lindas placas de metal que protegiam os pulsos.

Meu tronco era resguardado por uma espécie de peitoral preso ao arnês de couro, que agora era cinza, combinando com as luvas. Uma

calça justa, macia e texturizada embutia-se em botas flexíveis com placas blindadas verdes e reluzentes que cobriam os joelhos e as canelas.

A coisa mais pesada que eu estava usando era uma capa prateada. Ela pendia dos ombros e descia até o chão. Preocupada com a hipótese de ela bloquear o acesso às flechas, levei a mão às costas e fiquei surpresa ao descobrir que a capa ficava por baixo do arnês, com uma abertura larga, de modo que eu podia alcançar facilmente as armas.

Tateando a borda superior, descobri um capuz forrado de pele que podia ser enrolado e guardado quando eu não precisasse dele. Minhas mãos roçaram no cabelo e me olhei no pequeno espelho do celeiro. Meus cachos escuros estavam enrolados em um penteado complexo, presos na nuca com pequenos grampos em forma de escaravelhos.

Em volta do pescoço, preso na capa, havia um colar intricado. No centro dele ficava um lindíssimo escaravelho verde-esmeralda cercado de diamantes e ouro. Eu sabia qual era o nome dele. Estava na ponta da minha língua, mas não conseguia evocá-lo.

– É lindo – falei, segurando a pedra e me deliciando com o pequeno tremor que sentia contra a ponta do dedo.

É o escaravelho do coração de Amon, explicou Tia.

– Escaravelho do coração?

É. Ele o deu a você antes de partir do reino mortal.

– Deu, é?

Hassan o encontrou e guardou na sua bolsa.

Pressionei a palma sobre ele, aquecendo minha mão. Fechando os olhos, eu quase podia sentir a carícia do sol no rosto. Respirei fundo e disse:

– Acho que deveríamos ver se vovó e Hassan estão prontos.

Vovó arqueou as sobrancelhas quando viu minha roupa, mas nada foi dito. Por mais natural e mágico que o traje tivesse parecido quando eu estava no celeiro, senti-me ligeiramente idiota andando com ele na fazenda. Tia e Ashleigh garantiram que era perfeito para o lugar aonde estávamos indo e que estavam orgulhosas de suas contribuições. A capa iria nos manter quentes e a armadura nos protegeria. As botas eram

grossas o suficiente para fazer os cães do inferno pensar duas vezes antes de cravar os dentes nelas e, eu precisava admitir, eram extremamente confortáveis.

Vovó usava jeans e suas botas de caubói com o chapéu de feltro de vovô na cabeça, a alça presa com firmeza embaixo do queixo, e levava uma bolsa pesada a tiracolo. Parecia alguém prestes a sair para um dia de viagem a cavalo.

Eu, por outro lado, parecia a caminho de uma convenção de quadrinhos. Lancei-lhe um olhar sem graça. Para seu crédito, vovó manteve-se calada com relação às minhas roupas e me distraiu dos meus pensamentos me obrigando a engolir uma garrafa d'água, colocando uma segunda em minha mão e me entregando uma maçã para comer no caminho para o cemitério.

Por causa do arnês, eu não consegui prender o cinto de segurança, mas supus que um acidente de carro numa estrada do interior sem tráfego deveria ser a menor das minhas preocupações. Hassan estava sentado no banco de trás, girando o chapéu entre as mãos antes de colocá-lo na cabeça e murmurando para si mesmo. Ele verificou sua bolsa para ver se estava com tudo o que poderia precisar. Mal olhou para minha roupa, mas examinou rapidamente os escaravelhos que adornavam meu cabelo. Disse que eram réplicas exatas de alguma coisa que tinha escavado sabe-se lá quando.



Chegamos logo ao cemitério e fomos andando pelo caminho batido, com pequenas lápides se projetando por trás do capim alto e das ervas daninhas. A maçã pesou no meu estômago quando nos aproximamos da lápide bem cuidada de vovô. Vovó devia ter estado ali pouco tempo antes. Ainda havia sinais de vida no buquê de flores no vaso ao pé do túmulo, o que iria destacá-lo ainda que o mato em volta dos outros tivesse sido limpo.

Virei-me para olhá-la e vi que seus olhos estavam úmidos e brilhantes, mas, afora isso, seu rosto tinha uma expressão determinada.

– Agora é com você, Lilypad.

Tia? Não sei o que fazer.

Também não sei, disse Ashleigh.

Não se preocupem. Eu me lembro de como evocar o unicórnio, assegurou Tia.

Ela começou a entoar em minha mente um encantamento, que eu então repeti em voz alta. De repente, o chão tremeu e uma rachadura se abriu numa árvore próxima, soltando uma poeira reluzente no ar. Vovó gritou e Hassan apertou a cabeça dela contra o ombro, apesar de parecer tão apavorado quanto ela.

Fechei os olhos e tossi. Um galope trovejante ecoou à nossa volta. Parecia um estouro de manada. Dei um passo atrás, temendo que fôssemos atropelados a qualquer momento. Fiz um giro porque o barulho parecia estar a toda a volta, mas continuei sem ver nada. Então a luz explodiu, saindo da rachadura na árvore. Protegi os olhos, levei a mão à faca em minhas costas e senti uma mudança no ar, como se eu estivesse na presença de algo antigo, algo perigoso.

Ouvi o ruído de cascos batendo. Um bafo quente soprou em meu rosto, seguido por um relincho profundo e uma nova voz que penetrou minha mente:

Ah, jovem esfinge, então nos encontramos de novo.



Convocação

Poeira levantada pelo unicórnio e pânico se misturaram, deixando um gosto amargo em minha língua, mas, quando olhei o animal com atenção, fui tomada por um sentimento de espanto e reverência. Quando ele sacudiu a crina, ela reluziu de forma quase angelical, como se tivesse sido tocada pela luz que atravessara o vitral de uma catedral. Em todo o mundo, em todos os livros que eu tinha lido, não podia imaginar uma criatura mais etérea e linda.

Olá, leoa, disse em minha mente o animal, batendo os cascos.

Saudações a você também, unicórnio, respondeu Tia.

Ah, ele é lindo!, exclamou Ashleigh.

Esperem aí, ele consegue escutar vocês duas?, perguntei, afastando-me do focinho úmido e aveludado do unicórnio. Meu movimento não o desencorajou. Ele rapidamente diminuiu o espaço entre nós, voltando a pressionar a cabeça contra mim. Era quase como se ele não conseguisse se conter. Fiquei espantada com sua naturalidade e seu sentimento de familiaridade comigo.

Parece que sim, respondeu Tia. *Interessante. Antes ele não podia me ouvir sem a sua ajuda, embora pudesse sentir minha presença. Parece que agora nossas vozes são audíveis para os seres imortais, até mesmo os mais simples, como os unicórnios. E não dê atenção a ele, Lily. Ele tem uma queda por jovens virgens.*

Cuidado aí, leoa, alertou ele, os olhos cintilando. *Você pode ter*

provado que é uma companheira digna para Lily, mas ainda não ganhou minha confiança.

Então tentarei conseguir isso, especialmente porque temos uma grande necessidade no momento. Lily... esqueceu de tudo.

Esqueceu de tudo? O unicórnio resfolegou e sacudiu a crina. *Como é possível?*

A mente dela se fragmentou quando voltamos para o mundo mortal, disse Tia.

Hã, olá, eu estou aqui e posso falar por mim mesma. Em voz alta, falei:

– Então... é, eu esqueci tudo sobre essa história do Egito. Não estou... bem... incapaz de fazer nada, só...

Ela não se lembra de Amon, interrompeu Tia em tom sério.

O unicórnio virou a cabeça para me espiar com seus olhos de cílios grandes, que se estreitaram com inteligência. De perto ele cheirava a luz de estrelas, brisas noturnas e um deserto no inverno. Seu olhar me deixava desconfortável; mudei o peso do corpo para o outro pé. Os 5 centímetros de distância que ganhei não eram muita coisa, mas mesmo assim respirei mais facilmente.

– Bem, este é o Dr. Hassan e esta é Melda, minha avó – falei, apontando meus dois companheiros.

O Dr. Hassan estava tomando notas o mais rápido que um ser humano era capaz e fazendo um esboço rudimentar do grande animal. Dava para ver que ele tinha mil perguntas para fazer. Vovó havia empurrado o chapéu para trás e cobria a boca com os dedos. Eu quase podia ouvir o *Ora, eu nunca!*, apesar de ela estar se contendo para não dizer. Indicando os dois, acrescentei:

– Precisamos de uma carona para o Egito. Temos de despertar as múmias para elas nos ajudarem a lutar contra a criatura do mal.

Os unicórnios não são cavalos que podem ser montados à vontade.

Recuei rapidamente. A última coisa que queria era irritar um unicórnio.

– Não, eu não quis dizer isso. – Virando-me para vovó e o Dr. Hassan, acrescentei: – É melhor nos darem um minuto.

Eles se afastaram e esperaram, vovó sussurrando perguntas para o Dr. Hassan.

O unicórnio fez meia-volta, preparando-se para ir embora.

Você está com medo, Nebu, acusou Tia.

Tia!, sibilei mentalmente, mas ela me ignorou.

Não tenho medo de nada, rebateu ele, virando-se. *Nem a morte pode romper minha integridade.*

Mas você está *inquieto*, insistiu ela. Houve um momento de silêncio enquanto Tia assimilava o que nossos sentidos nos diziam. *Você... você teme Aquele Que Desfaz*, disse ela finalmente. *O fedor do medo está no seu pelo. Nem pense em negar.*

O unicórnio ergueu a cabeça para o sol, como se procurasse sua bênção. Quando a baixou, disse:

Esta é uma batalha que não podemos vencer. Se Seth descobrir que estou ajudando vocês, vai desfazer todos os meus filhos. Não posso correr esse risco. Sou o único protetor deles.

Às vezes proteger significa entrar na batalha, interveio Ashleigh.

Nebu bateu com as patas no chão, depois nos cutucou com a cabeça, fazendo-me cambalear ligeiramente.

Os deuses já tiraram minha alma, a que eu amava acima de todas as outras, e tiraram meu alicórnio. Por que eu deveria arriscar minha família para ajudá-los? Se vocês têm um bom motivo, digam.

Eu já ia dizer a Tia *Eu avisei: deixe o unicórnio para lá*, quando ela falou:

Não posso justificar as ações dos deuses. Os leões foram castigados por eles também, mas sou capaz de olhar para fora de mim e do meu bando. Você não pode fazer o mesmo?

Bobagem. Você viveu como humana por tempo demais. Começou a pensar como eles, disse Nebu. *Tudo que me importa são meus filhos, eles são a única esperança que me resta. Como posso colocá-los em perigo? Evitar a guerra e a ira de Seth é o melhor conselho que posso dar à manada.*

Eu não esperava esse tipo de covardia da parte de um unicórnio.

Se eu pudesse ter acenado mentalmente para calá-la, teria feito isso.

Estava claro que Tia e o unicórnio haviam tido um relacionamento anterior, ainda que tivesse sido volátil. Tudo que pude fazer foi engasgar, ficar tensa com a discussão deles e esperar que ela soubesse o que estava fazendo. Mesmo sem um alicórnio, um garanhão daquele tamanho poderia nos transformar em pó.

Talvez, então, você espere demais, disse o unicórnio afinal. *Como vou atacar sem um chifre? Sem poder? Estou mutilado. Preso a grilhões. Com o que vou lutar?*

Lute com dentes e cascos. Com a força dos membros e do coração, como qualquer outro animal!, exclamou Tia.

O unicórnio inclinou a cabeça.

Força do coração. Como um coração pode ser forte quando está partido? Você sentiu o gosto do primeiro amor, jovem leoa. Ele a encheu de coragem, talvez, e de sonhos. Eu me pergunto: se você tivesse perdido aquele que amou, até que ponto estaria ansiosa para abraçar suas convicções?

Essa declaração me paralisou.

Espere aí. Você está apaixonada, Tia? Por quem? Quando isso aconteceu?

Ela me ignorou de novo.

Você é um animal grandioso, disse Tia, *mas os seres grandiosos nem sempre são sábios. Não se engane. Seth pretende destruir todos nós. Mesmo que você sobreviva até o final, ele irá pegá-lo. E, quando fizer isso, você vai encontrar a morte sabendo que poderia ter sido um herói, mas em vez disso escolheu o caminho do medo. Você prefere se esconder num buraco, como um camundongo digno de pena tentando aprofundar o túnel enquanto a cobra espreita junto à porta, a se arriscar à morte na caçada mais gloriosa. Você não é a criatura que eu pensava.*

Não podemos vencer, leoa. Ele é poderoso demais.

Mas você não vê, Nebu? Não importa se vencemos ou perdemos. Não temos controle sobre como será nossa morte. Só podemos escolher como vivemos. Além disso, vencer não faz heróis. Os heróis surgem dos que lutam.

A árvore das fadas sempre me dizia que há segurança em nos proteger uns aos outros, e, se fizermos isso, podemos suportar qualquer coisa. Não quer lutar com a gente?, perguntou Ashleigh com esperança. *Por favor?*

O unicórnio resfolegou e bateu com as patas enquanto girava e voltava correndo para a árvore. Depois escoiceou, sacudiu a cabeça, retornou e nos rodeou, trotando. Por fim, veio até mim e tocou o nariz no meu ombro. Quando levantei a mão para fazer carinho no seu pescoço, ele fechou os olhos e suspirou baixinho.

Muito bem, disse finalmente. *Vou com vocês e vou pedir a dois dos meus filhos que queiram se voluntariar para ajudar os dois. O restante da manada vai permanecer escondido. Não vou colocá-los em perigo. Espero que vocês estejam certas. Pelo nosso bem.*

Fico feliz que você tenha recuperado pelo menos um pouco do seu senso de cavalo.

Devo lembrar que sou tão diferente de um cavalo quanto você é de um gatinho doméstico. Agradeço se demonstrar o respeito que eu mereço.

Quando você fizer alguma coisa para merecê-lo, farei isso.

– Obrigada – eu disse rapidamente, dando um tapinha no ombro do animal, esperando interromper a discussão.

O unicórnio sacudiu a crina.

De nada, Lily. Venha, vamos despertar os Filhos do Egito. Levantando a cabeça, ele assobiou, um som lúgubre, agudo, que fez meu coração estremecer no peito. No tempo de dois batimentos cardíacos ouvimos o galope fantasmagórico de criaturas do outro mundo.

Uma égua dourada e outro garanhão saltaram do coração da árvore e se aproximaram do líder, relinchando baixinho e balançando a cabeça para cima e para baixo. Chamei vovó e a levei até a égua, cruzando os dedos para que ela apoiasse o pé. Vovó agarrou a crina reluzente com os dedos e deu um tapinha no pescoço esguio do animal.

– O nome dela é Zahra. Ela gosta de você – falei. – Diz que fica feliz por ter uma amazona experiente.

– Lily – disse vovó, curvando-se –, pensei que fossem unicórnios.

– E são.

– Então onde estão os chifres?

– Tia está dizendo que é uma longa história. Ela vai contar a você mais tarde, mas basta saber que eles foram cortados.

– Cortados? Ah, coitadinha. Não se preocupe nem um pouco com isso. Você é a criatura mais linda que já tive o prazer de montar, não querendo me desfazer do velho Bob. Ele é um bom cavalo. Mas você é muito mais do que um cavalo, não é, querida?

Deixei vovó falando carinhosamente com seu unicórnio e ajudei o Dr. Hassan, que não estava nem de longe tão à vontade quanto vovó ao montar o animal.

– O nome dele é Kadir – falei. – Diz que, se segurá-lo com força e mantiver as pernas apertadas contra seus flancos, ele não vai deixá-lo cair.

– Sim, bem, vou tentar me esforçar ao máximo – disse o Dr. Hassan.

Já ia me afastar quando Tia sugeriu que eu desse um aviso a ele.

– Tia diz que talvez fosse bom o senhor colocar o chapéu na bolsa. Se perdê-lo nessa viagem, não teremos como voltar para pegar.

– Vou me lembrar disso.

Enquanto ainda dizia isso, tirou seu precioso chapéu, passou a mão pelos cabelos brancos e densos e ponderou sobre o aviso.

Segurei a crina do unicórnio e saltei em suas costas com relativa facilidade.

Você não se lembra mesmo de mim, Lily?, perguntou Nebu enquanto eu me acomodava.

Não, sinto muito.

Eu também sinto. Gosto de pensar que o tempo que passamos juntos foi marcante.

Não tenho dúvida de que foi, falei.

No entanto, há algo positivo em ter uma segunda chance de causar boa impressão à primeira vista.

Com isso, o unicórnio empinou, batendo os cascos brilhantes no ar, e correu na direção da abertura na árvore. Parecia estreita demais para seu corpo, mas, no tempo que levei para levantar a mão querendo me proteger do impacto, tínhamos passado.

Tudo virou pelo avesso, como se agora o mundo inteiro fosse um negativo fotográfico. O campo luminoso, que tivera uma doçura quase

de manhã de domingo, ficara frio e escuro. Era como se tudo de saudável e bom no mundo tivesse sido levado para longe, deixando apenas as partes mofadas, indesejadas, que ficavam por baixo. Estávamos galopando por um bosque, mas, em vez de copas cheias de folhas e brotos, os troncos eram nus e esqueléticos, com os galhos compridos se estendendo para cima, como se implorassem pela morte à lua fria e azul lá em cima.

Onde normalmente estaria uma fazenda com plantações eu via campos de sangue que mostravam uma única cor na paisagem soturna. À medida que chegávamos mais perto, vimos que na verdade eram cobertos por minúsculas flores vermelhas, mas esse fato não fez com que eu me sentisse melhor. Ashleigh e Tia compartilhavam a minha preocupação. Então pequenos flocos de neve começaram a cair, mas, em vez de derreter quando tocavam o calor da minha pele, eles ardiam como cinzas quentes.

Unicórnio, que lugar é este?, perguntei, arrepiada com o fato de não ouvir um único pássaro ou folha se mexendo ao vento. A floresta estava silenciosa e era como se o campo enlanguescesse numa meia-noite eterna, quando somente os mortos se aventuravam a sair.

Me chame de Nebu, respondeu o garanhão. *Este não é um caminho que eu escolheria normalmente, mas é o que se pode chamar de atalho. Achei melhor pegar a Estrada Menos Percorrida, para evitarmos atenção indesejada.*

A Estrada Menos Percorrida. Uma terrível premonição tomou conta de mim, feito uma ponta de lança afiada como navalha se retorcendo nas minhas entranhas. Tremi, com medo do que estaria adiante. O frio penetrou em mim e levantei o capuz forrado de pele sobre a cabeça, exprimindo gratidão a Ashleigh por ter tido aquela ideia.

Hassan e vovó me ladeavam, galopando, silenciosos. Até minhas companheiras interiores estavam silenciosas. Continuamos sem descansar por várias horas. Por fim, quando pensei que Nebu poderia parar e nos dar uma folga, ele informou que estávamos perto do destino. O caminho se estreitou e as árvores ao redor, os troncos mais espessos

com a camada do musgo de inverno, cruzaram os dedos acima de nossas cabeças, entrelaçando-se cada vez mais, até que já não podíamos ver o céu sombrio através de suas copas.

Corremos pelo túnel que a cada instante se tornava mais escuro. Os galhos pontiagudos das árvores se projetavam como uma massa de dentes afiados, fazendo com que o caminho escuro parecesse mais um monstro faminto de boca aberta. Então mergulhamos pelo centro daquela boca e batemos numa barreira quase viscosa.

Ao chegarmos do outro lado, senti o calor do sol tocar meu corpo antes de conseguir ver qualquer coisa. Doía na minha pele fria, mas era doloroso de um modo quase bom, como afundar numa banheira com água quente demais. A gravidade mudou e, justo quando irrompíamos num céu matinal, percebi que estávamos muito acima do que eu presumia que fosse o Egito, e que estávamos caindo.

O vento soprava forte à minha volta e escutei vovó e Hassan gritando. Nesse momento Nebu abriu suas asas pesadas. Nivelamos o voo e Ashleigh gritou com um deleite tão grande que pude abandonar o medo e apreciar o voo junto com ela, ainda que minhas coxas doessem de tanto apertar os flancos de Nebu. Eu não sabia se um dia conseguiria desembaraçar meus dedos de sua crina.

Hassan devia ter dado instruções ao unicórnio, porque fizemos uma curva, virando para leste, onde o sol tinha acabado de cruzar o horizonte, tingindo a terra de rosa e laranja. Pousamos na areia do deserto, longe de qualquer uma das cidades do Egito moderno. Gigantescas pedras esculpidas se espalhavam no local, onde antes devia ter existido um templo. Empilhavam-se como peças perdidas de um quebra-cabeça, seus segredos havia muito esquecidos ainda a serem descobertos.

– Onde estamos? – perguntei enquanto tentava me livrar da sensação bamba nas pernas.

Até vovó, por mais experiente que fosse, parecia meio exausta depois daquela cavalgada.

Hassan estava tão ansioso para nos levar aonde precisávamos ir que

tropeçou ao descer de sua montaria. Nós o ajudamos a ficar de pé e ele lançou um olhar sem graça para vovó antes de responder.

– Estamos num templo abandonado a uns 45 minutos de Luxor. Eu trouxe os rapazes para cá e ia transportar dois deles para outros esconderijos, mas não tive tempo. Como vocês sabem – disse ele, me dirigindo um olhar significativo –, estivemos um bocado ocupados ultimamente.

Ele largou a bolsa perto de uma das estruturas ainda de pé. Ela caiu na areia como massa de pão numa bancada cheia de farinha. A poeira sépia subiu como uma nuvem, caindo suavemente à nossa volta e cobrindo nossos sapatos. A primeira coisa que ele fez quando abriu a sacola de couro foi tirar o chapéu e colocá-lo na cabeça.

Bom conselho, falei a Tia.

Em seguida, Hassan pegou uma ferramenta na bolsa e a encostou com cuidado em uma série de hieróglifos, limpando a superfície da pedra com um pincel macio antes de apertar o último. A pedra estremeceu, a poeira caindo como uma cascata ao seu redor, e se deslocou, revelando uma abertura.

– Venham – chamou Hassan, guardando a ferramenta de volta e pegando a bolsa.

Descemos para o espaço escuro no subsolo e a temperatura baixou pelo menos 15 graus depois de apenas alguns degraus. Colunas altas e esculpidas sustentavam o que restava do teto do templo, lançando sombras profundas na escassa luz que entrava pela abertura. Passei as mãos na superfície de pedra e pisquei rapidamente enquanto meus olhos se acostumavam. Uma luz esverdeada e fantasmagórica iluminava o espaço e eu podia enxergar com facilidade o ambiente.

A abertura de pedra acima de nós se fechou, mas mesmo sem luz eu podia enxergar.

Visão noturna?, perguntei a Tia.

Os leões naturalmente enxergam melhor do que os humanos no escuro.

Vovó tropeçou, esbarrando em mim, e estendi a mão para ajudá-la. Guiei Hassan com minha voz, dizendo quantos degraus ainda faltavam

para ele, e então um facho de luz rompeu a escuridão quando ele acendeu uma lanterna.

Quando chegamos à base da escada, ele nos guiou até uma sala e começou a acender tochas. Mesmo antes disso pude perceber com facilidade as formas à minha frente. Três sarcófagos cobertos por gravuras e pinturas elaboradas encontravam-se sobre suportes altos. Quando Hassan acendeu a primeira tocha, minha visão deixou de ser noturna, que era uma espécie de jogo com tons de cinza-esverdeado, para revelar o espectro total de cores.

Era magnífico.

Senti vontade de estender a mão, tocar o sarcófago de madeira polida mais próximo de mim e traçar com os dedos o escaravelho pintado em cores vivas que adornava sua superfície. Circulando-o, franzi a testa enquanto examinava a representação de uma batalha perto das pirâmides, na lateral. Meus olhos se estreitaram quando vi uma garota de pé com um rapaz no topo de uma pirâmide. Na tampa do sarcófago, onde uma múmia estaria com os braços cruzados e o rosto em repouso, vi não uma, mas duas figuras envoltas num abraço.

A mulher tinha cabelos compridos e escuros entremeados por mechas louras. Seu rosto estava de perfil e cobria metade da imagem do homem, mas, diferentemente dela, ele fora pintado olhando para a frente. Uma sobrancelha escura, elegante como a asa de uma ave em pleno voo, arqueava-se sobre um olho verde brilhante que parecia me atravessar. Atrás dele, como se fosse um halo, via-se um sol. Seus lábios cheios estavam apertados, como se houvesse algo que ele precisasse dizer mas não pudesse. *Que tabernáculo lindo para abrigar os ossos de um morto.*

– Este é Amon – disse o Dr. Hassan. – Vocês precisam usar seu poder para invocá-lo. Não podemos chamá-lo como antes porque nenhum de nós está com o Olho de Hórus.

– Mesmo se eu soubesse o que é isso, não me lembraria de como usá-lo.

– Você pode, Lily – disse ele. – É como chamar o cão do inferno. Você só precisa descobrir o nome verdadeiro dele.

– Como vou descobrir? Primeiro preciso olhar a alma da pessoa. Tia já sabia o nome do cão do inferno, e esse cara não está exatamente aqui, para me dar uma dica.

O Dr. Hassan pensou nisso por um momento.

– Talvez ajude se você o vir.

Ele começou a mexer na tampa do sarcófago e uma espécie de horror me dominou.

– Oscar – disse vovó, segurando o pulso dele gentilmente –, não sei se essa é a melhor ideia.

Ele parou, olhou para ela e depois para mim.

– Você já os viu antes em suas formas decompostas.

– Posso ter visto, mas não lembro.

Vovó insistiu:

– Além disso, ela não o amava na ocasião.

Arrastei os pés.

– Tecnicamente, eu também não o amo agora, portanto... se acha que vai ajudar...

Vovó me lançou um olhar de pena, mas assentiu, se aproximou e passou um braço pelos meus ombros. Arrepios percorriam meus braços e pernas quando a tampa caiu no chão com um baque. Gentilmente o Dr. Hassan tirou as ataduras que cobriam o rosto do homem morto e sinalizou para que me aproximasse.

– Não é tão ruim assim – disse ele. – Anúbis tem muita experiência em preservar a carne.

Engoli em seco e respondi:

– É bom saber.

Então dei alguns passos hesitantes em sua direção. Por baixo das ataduras brancas havia um rosto. Mesmo na morte as feições cinzeladas eram bonitas. Ele parecia uma estátua meio acinzentada de um deus egípcio e entendi por que podia ter me sentido atraída por ele. Fiz o maior esforço que pude, mas não consegui me lembrar de absolutamente nada sobre aquele homem deitado ali.

Como era a voz dele? Ele era uma pessoa séria? Melancólica? Tínhamos

alguma coisa em comum? Ele possuía senso de humor? Eu não conseguia imaginar nós dois juntos em nenhuma situação. Surpreendentemente, Tia nada disse. Pelo jeito, queria que eu tentasse deduzir tudo isso sozinha.

– Você consegue? – perguntou Hassan, interrompendo meus pensamentos.

– Vou tentar – sussurrei.

Ele indicou que, quando o hálito de sife – o que quer que isso fosse – se agitasse, vovó deveria ajudá-lo a liberar os poderes da múmia abrindo os jarros canópicos que ele havia guardado dentro de uma pequena abertura na base do sarcófago. Quando os dois estavam preparados, Hassan assentiu para mim.

Tia e Ashleigh fundiram suas mentes com a minha e fechei os olhos. Estendendo os braços, senti nosso poder preencher meu corpo. Com a voz de Wasret, gritei:

– Amon! – E inspirei fundo. – Convoco-o do além. Retorne à sua forma mortal. Use minha energia para guiá-lo. Venha a nós!

Esperamos, mas nada aconteceu. Levantei a cabeça e o chamei por outro nome, que Tia informou.

– Revelador, nós o chamamos. Venha!

De novo, não houve mudança. Tia e Ashleigh se separaram.

– Não está funcionando – falei.

Talvez seja porque você não consegue se lembrar dele; por isso não consegue identificar o verdadeiro nome, sugeriu Tia.

Mas esse não é o nosso poder?

É, mas nós também tivemos dificuldade para descobrir o verdadeiro nome da Devoradora, acrescentou Ashleigh.

Talvez seja mais fácil se começarmos com Asten, propôs Tia.

Não fazia diferença para mim, por isso falei a Hassan que queríamos passar para Asten. Ele assentiu e guardou os jarros da primeira múmia. Depois tirou a tampa do segundo sarcófago e puxou o tecido que cobria seu rosto. Tia rapidamente tomou a frente.

– *Asten!* – gritou ela, usando minha voz antes de recuar novamente,

permitindo que eu assumisse a frente do palco. Seu pesar nos golpeava em ondas.

Ah. Então é este que você ama, falei. *Quando isso aconteceu?*

Ele... eu... é complicado, disse ela finalmente. *Asten... achava que era você.*

Quer dizer que ele achou que eu estava me apaixonando por ele?

Sim.

Parece que você e eu precisamos ter uma conversinha de mulher para gata, minha amiga.

Não zombe dos meus sentimentos, Lily. Eu não decidi complicar as coisas. Simplesmente aconteceu. Tentei ignorar meus impulsos por sua causa, mas... sinto saudades dele.

Enquanto Tia olhava o rosto do rapaz usando meus olhos, pude sentir as ondas de saudade que a atravessavam. E o sujeito era bonito. *Talvez um pouco bonito demais*, pensei. Definitivamente não fazia o meu gênero. Eu não confiava em homens assim tão bonitos. Mas gostei da covinha no queixo dele. Dava-lhe caráter.

Justo quando estávamos unindo as mentes de novo para tentar despertar Asten, uma luz tremeluzente encheu a sala. Uma deusa surgiu da luz e caiu no chão diante de nós, largando uma caixa que tinha enfiado embaixo do braço. Então recuperou a caixa, com desespero.

– Senhora! – Hassan deu um salto à frente e a ajudou a se levantar.

O cabelo da mulher estava desgrenhado. Hematomas marcavam sua pele lisa, morena, e o vestido estava rasgado. No entanto, ela se levantou com toda a altivez que o corpo lhe permitia.

– Vocês não podem despertá-lo – disse a deusa.

Dei um passo adiante. Antes que eu pudesse fazer a pergunta, Tia ofereceu a resposta.

– Maat – eu disse –, é um prazer conhecê-la.

– Néftis me disse que você tinha bloqueado sua memória. Espero que a recupere a tempo.

Eu quis perguntar *Como assim, eu bloqueei minha memória?* e *A tempo de quê?*, mas senti medo da resposta. Em vez disso, perguntei:

– Por que não posso despertá-lo? Pensei que fosse isso que todos vocês queriam que eu fizesse.

– Você não pode despertá-lo porque o além foi invadido. Escondi os Filhos do Egito numa *oubliette* para mantê-los em segurança e para que vocês tenham tempo de trazê-los.

– Ah, bom, a senhora não pode simplesmente usar magia para tirá-los de lá?

A deusa pôs as mãos nos quadris.

– Uma *oubliette* é uma masmorra secreta, seu objetivo é fazer com que o prisioneiro seja esquecido. Nem os deuses podem encontrá-la. Eu mesma não sei onde fica.

– Bom, então isso torna a coisa meio complicada, não é?

– Não necessariamente. Ainda há um modo.

Ela espanou a poeira da caixa, murmurou um encantamento e em seguida a abriu. Tirou uma pena de dentro.

É a Pena da Justiça, murmurou Tia.

– Pegue – disse Maat. – Você poderá protegê-la melhor do que eu.

– Certo – concordei, pegando a pena entre dois dedos. – Então só quer que eu segure a pena para você?

Maat suspirou, exasperada.

– Não. Sim. – Em seguida respirou fundo e explicou: – Você vai usá-la para invocar o coração do único Filho do Egito que ainda não foi julgado. É o Desbravador. Com a ajuda dele, você vai encontrar a *oubliette* e libertar os outros dois. Mas faça isso depressa. Não vamos conseguir conter Seth por muito tempo.

Ela levantou a cabeça como se escutasse alguma coisa que não podíamos ouvir.

– Tenho de ir agora. Anúbis precisa da minha ajuda. – Maat segurou meu ombro. – Boa sorte, Lily. Apresse-se. – Ela começou a se virar, mas de repente parou. – Ah, depois de despertá-lo, deixe a Pena da Justiça sob a custódia de sua anciã. É melhor não arriscarmos que ela se perca na batalha do Cosmo.

Com isso, a deusa desapareceu, deixando um rastro de poeira

tremeluzente caindo no lugar onde estivera.

Respirei fundo.

– Não parece que a batalha esteja indo muito bem.

– É – concordou Hassan. – Não parece.

– Então acho que devemos despertar esse outro. Desbravador?

O nome dele é Ahmose, disse Ashleigh.

– Ahmose. Certo. – Sem esperar que o Dr. Hassan tirasse a tampa, fui até o terceiro sarcófago. Segurando a Pena da Justiça, travei minha mente com a de Ashleigh e a de Tia e, com voz de ciclone, gritei: – Desbravador, com a Pena da Justiça invoco seu coração e ordeno: retorne à sua forma mortal!

A pena brilhou como se fosse iluminada por dentro e a luz desceu pelo meu braço. Encheu meu corpo até que a claridade ficou tão forte que vovó e Hassan precisaram cobrir os olhos. Um sopro de vento agitou meus cabelos, levantando-os totalmente, e Hassan correu para o pequeno armário escondido no sarcófago, tirando os jarros canópicos e abrindo-os em rápida sucessão.

Partículas prateadas saltaram do topo de cada jarro como quatro raios de luar. Agruparam-se, formando bolas de luz, exceto por um deles, que se tornou um pássaro de pescoço comprido. Um a um penetraram no sarcófago ainda fechado e desapareceram.

Quando meu poder começou a diminuir, Tia, Ashleigh e eu nos separamos. Hassan, vovó e eu ficamos nos olhando, imaginando o que fazer em seguida.

Então ouvimos um estrondo e eu saltei para trás, tirando as facas do arnês. Outro estrondo soou e Hassan correu até vovó, puxando-a para ele, enquanto ela ofegava, com medo. Poeira soltou-se do teto. Eu estreitei os olhos e apurei os ouvidos, tentando identificar a fonte da ameaça.

Quando veio o terceiro estrondo, a tampa do sarcófago saltou para o alto, como se uma bomba tivesse explodido ali dentro. Girei as facas, me posicionando para atacar, quando uma figura envolta em panos se sentou de repente.

Engoli em seco enquanto a múmia arrancava as faixas de tecido do rosto e dos braços. Em seguida, ela se virou para mim, parando um momento para pigarrear. Sua voz saiu seca e áspera.

– Acha que poderia me dar uma ajudinha, Lily? – perguntou a múmia.



A um mundo de distância

Fiquei imóvel, olhando boquiaberta a criatura que me espiava por entre as faixas de tecido rasgadas.

Lily!, disse Ashleigh. *Acorde. É só o Ahmose.*

Eu não... não estou... eu... não posso, falei com um gemido patético para minhas duas companheiras.

Deixe comigo então.

De bom grado eu me pus de lado e deixei Ashleigh assumir a frente. Ela rapidamente foi até Ahmose, estalando a língua como se ele fosse um menino bagunceiro que andara brincando na lama.

– Ora, veja só em que você se meteu, garoto – disse ela. – Assim não dá.

Com eficiência desenrolou o tecido da cabeça dele. Quando finalmente ficou livre, ele estalou o pescoço, girando-o de um lado para outro.

– É, sem dúvida hoje você vai ficar com torcicolo. Mas pode se considerar sortudo. Aposto que é melhor do que estar morto.

– É mesmo – disse ele, e sorriu calorosamente para mim... para ela... *para nós*, enquanto Ashleigh passava a cuidar do braço dele, desenrolando o tecido amarelado.

Nossa, pensei. *Esse aí é tão bonito quanto os outros. Esse sorriso seria capaz de derreter a Lua.* Espere um minuto. Eu não pensaria isso. Era bem difícil permanecer sã quando duas outras garotas compartilhavam a sua

cabeça. Não daria certo fundir nossos pensamentos. *Tia,* acusei, *pare de pensar tão alto!*

Não sou eu, resmungou ela. *Talvez seja você. Mas até eu admito que esse aí tem bons dentes. Se fosse um leão, isso significaria que ele seria um caçador e um protetor excepcional. Além disso é muito musculoso. Gostei de estar nos braços dele.*

Espere aí. Não. Sabe de uma coisa? Não quero saber. Não me fale mais nada sobre os músculos dele, ok? Só... só pare com isso!

Não entendo por que você está chateada. Se bem me lembro, você também gostou de estar perto dele.

Eu... ah! Eu realmente odiava a ideia de que Tia soubesse essas coisas sobre mim, sobre nós, sobre o meu passado. Parecia errado. Quase como se meu corpo tivesse sido roubado sem que eu me lembrasse. Espere aí. Era exatamente o que havia acontecido.

Ashleigh tinha passado a desenfaixar a mão. Cada dedo estava enrolado individualmente e ele flexionava cada um à medida que ficava livre do tecido. Vovó foi para o outro lado dele, ignorando rapidamente o fato de que estava desembrulhando uma múmia. Ela sempre lidava com coisas como ajudar no parto de bezerros ou cuidar dos ferimentos dos seus animais como uma médica experiente. Acho que isso não era tão diferente assim. Eu teria inveja dessa capacidade se gostasse de fazer esse tipo de coisa. Nesse caso, fiquei feliz em deixar Ashleigh agir. Já era suficientemente ruim o fato de eu ainda sentir tudo.

Vovó se apresentou e o sujeito fez uma reverência respeitosa, pelo menos a melhor que podia, enrolado daquele jeito. Disse que era uma honra conhecer uma anciã de Lily. O fato de ela estar ali no Egito não o perturbou nem um pouco.

Com os dois braços dele livres, Ashleigh começou a desenrolar o peito, pedindo que levantasse os braços quando alcançou os ombros. Ele fez isso, afastando dos olhos o cabelo escuro que caía sobre o rosto. Tia estava certa. Os braços e os ombros dele eram muito musculosos.

Vovó foi para o pé do sarcófago ajudar Hassan a desatar os pés do

sujeito. Logo o peito dele estava exposto. O peito nu, duro como granito. Se eu estivesse no comando do meu corpo, teria ficado de queixo caído.

Quando Ashleigh chegou perto da cintura, inclinou-se por cima dele para passar o bolo de ataduras de uma das mãos para a outra, mas ele a impediu, segurando sua mão, a *minha mão*, e a apertando contra o peito.

– Obrigado – disse. – Acho que posso cuidar do resto.

Mesmo com o tecido entre o peito e a mão, pude sentir o calor do seu corpo. Tinha esperado que ele e/ou o sarcófago cheirassem a deterioração e podridão, mas não era assim. O aroma de cedro era mais proeminente do que qualquer outro. Sem querer, minhas narinas se abriram e a força dos meus sentidos apurados entrou em ação.

Para minha sorte, o cheiro pessoal da múmia era agradável. Quase como uma floresta enluarada no outono. Até as ataduras exalavam o aroma de terra recém-revirada e folhas caídas. Seu rosto estava a centímetros do meu e os olhos cinzentos me avaliavam com curiosidade. Minha pulsação acelerou.

Não creio que eu já tivesse tido um contato tão próximo com um homem. Pelo menos que eu pudesse lembrar. Descobri que não me incomodava muito. Na verdade, a múmia recém-libertada era um dos homens mais bonitos que eu já tinha visto. A ideia de que o achava atraente me deixou desconfortável de todas as maneiras possíveis.

Ashleigh disse, atrevida:

– Tem certeza? Não me incomodo em desembrulhar você inteiro.

Ashleigh!, censurei, subitamente sem graça e percebendo que estávamos tocando o sujeito por tempo demais. Certo, ele também ainda não tinha soltado minha mão, mas de qualquer modo a coisa havia demorado demais para ser considerada um contato casual.

Mandei que ela se afastasse, mas Ashleigh me ignorou com teimosia. Então o homem riu, um som borbulhante, feliz, como uma onda com crista de espuma batendo na praia. Descobri que me sentia mais atraída pelo riso do que pela aparência dele, e isso queria dizer um bocado.

– Talvez na próxima vez em que eu despertar.

– Certo, então. – Hassan deu um passo à frente. – Acho que seria

melhor se eu ajudasse Ahmose com o restante. Vocês, moças, podem pegar minha lanterna e esperar na câmara ao lado.

Os motivos que eu tinha para ter medo da múmia transformada em homem estavam desmoronando com tanta facilidade quanto as colunas do templo acima de nós. *Acho que agora estou bem, Ashleigh.*

Tem certeza? Eu me sinto totalmente confortável com Ahmose. Não me importo em ficar na frente por um tempo.

Vou ficar bem, respondi. *Além do mais, preciso me acostumar com tudo isso. Não vai me ajudar a lembrar se eu ficar escondida atrás de vocês duas toda vez que alguma coisa me amedrontar.*

Pude sentir a relutância de Ashleigh, mas ainda assim ela trocou de lugar comigo de boa vontade. Enquanto esperávamos, prometi a ambas que em breve chegaria a vez delas de ficar no comando.

Quando Hassan nos chamou de volta, fiquei surpresa ao ver o novo membro da nossa equipe vestido de guerreiro, com túnica de couro, calças grossas e justas, botas e protetores de pulso decorados com prata. Depois de olhá-lo de cima a baixo e engolir a risadinha infantil que brotou pelo simples fato de estar perto de um cara que podia claramente ter saído das páginas da *GQ: Edição Cavaleiros Medievais*, fiz a única pergunta inteligente em que pude pensar:

– Onde estão as suas armas?

Ele inclinou a cabeça com curiosidade.

– Eu invoco minhas armas da areia. Não lembra, Lily?

– Infelizmente Lily não se lembra de nada – disse o Dr. Hassan.

– Como assim, não lembra?

– Ela esqueceu tudo sobre o Egito quando entrou no reino mortal.

– Ela foi ferida?

– Oi! Eu estou aqui – falei, acenando com uma das mãos. – Você pode perguntar a mim, sabe?

– Desculpe, Lily – disse Ahmose. – Você se feriu na nossa última batalha?

– Acho que não. Tia? – perguntei.

Não fomos feridas de nenhum modo que pudesse atrapalhar seu processo

mental.

– Ela disse que não.

Ele se aproximou mais um passo e levantou as mãos.

– Posso?

Franzi a testa, sentindo-me ligeiramente nervosa perto do estranho grandalhão.

– Pode o quê?

– Uma das minhas capacidades é curar com magia. Se eu tocá-la, poderei sentir o que provoca o dano e consertar.

– Cer... to. Acho que sim.

Hassan e vovó ficaram observando com curiosidade enquanto o sujeito diminuía a distância entre nós e erguia as mãos grandes, colocando-as no meu pescoço. O toque era suave e leve, surpreendente para alguém que na certa seria capaz de levantar um caminhão. Ele fechou os olhos e senti sua energia zumbindo no meu corpo, que começou a formigar. Uma vibração suave percorreu meus membros. Mas não doeu. Na verdade a sensação era boa. Era como receber uma massagem shiatsu de dentro para fora.

– E então? – perguntei quando ele afastou as mãos e deu um passo para trás.

Seu olhar sério me disse que a notícia não era boa.

– Não há nada para ser curado. Ela está bem e íntegra, assim como os dois corações ligados ao dela.

– Ah – eu disse. – E você está chateado porque...

– Lily – observou ele, hesitante. – Se não há nada errado com você fisicamente...

– Então há alguma coisa errada com... o quê? Minha alma? Meu... meu cérebro?

Se eu tivesse de escolher, acho que optaria por alguma coisa errada com a alma, e não no cérebro, mas na verdade minha preferência seria nenhuma das duas hipóteses.

Ele pôs a mão no meu ombro.

– Não sei dizer. Talvez eu possa sentir mais quando sairmos do reino

mortal.

– Então Hassan disse a você que eu não consegui despertar os outros?

Assentindo, ele se virou para olhar as outras duas múmias.

– Terei de levá-la até eles. Você terá de entrar na *oubliette* antes de poder reuni-los com seus corpos.

– E tem certeza de que essa *oubliette* não fica... tipo, no Arizona, em Taiwan ou algo assim?

Ele balançou a cabeça.

– Não. O lugar onde Maat nos escondeu fica no canto mais distante do Cosmo.

– No canto mais distante do... – Minha voz falhou, e não consegui terminar a frase.

Virei-me para vovó com os olhos arregalados. Ela pegou minha mão e apertou.

– Vai ficar tudo bem, Lilypad.

– Infelizmente a senhora e Hassan terão de ficar aqui – informou o sujeito a vovó. – Os mortais não podem percorrer os caminhos por onde iremos.

Virando-se para Hassan, acrescentou:

– Você vai precisar ficar e vigiar os corpos dos meus irmãos. Tomar conta deles, para que os lacaios de Seth não descubram o esconderijo. Vou lançar um feitiço para esconder este templo de todos, a não ser dos mais perceptivos. Há um certo poder que o grão-vizir tem ao cuidar de suas incumbências. Enquanto você estiver vivo, os corpos deles não podem ser destruídos.

O Dr. Hassan se empertigou, orgulhoso.

– É claro que cumprirei o meu dever.

– Bom – respondeu o sujeito. – Pode pegar para mim os itens necessários para despertá-los quando chegarmos à *oubliette*?

Hassan confirmou com a cabeça e desapareceu de novo na câmara dos sarcófagos.

A múmia tocou meu ombro rapidamente.

– Agora vou deixá-las para se despedirem enquanto procuro o melhor caminho. Precisamos nos apressar, Lily.

Com isso, ele começou a subir a escada estreita e coberta de areia sem se preocupar com a luz fraca da tocha. Fiquei parada, boquiaberta com a partida dele.

– Vovó, eu não posso – gaguejei, gesticulando loucamente. – Vocês esperam mesmo que eu vá não sei para onde, do outro lado da porcaria do Cosmo, com esse, esse... estranho?

Ele não é estranho para nós, disse Ashleigh.

Fique quieta, retruquei. Podia sentir a frustração delas comigo. *Não esqueça que ele é totalmente estranho para mim.*

Vovó me abraçou e o Dr. Hassan entrou com sua mochila enorme.

– Oscar, tem certeza de que não podemos ir?

– Se Ahmose diz que não podemos, então é impossível. O fato de Lily ter precisado se transformar em esfinge para viajar por esses caminhos antes é prova suficiente de que não sobreviveríamos à jornada.

Nenhum dos dois disse mais nada. Dava para ver que vovó não queria tentar me influenciar para um lado nem para outro. Ela me envolveu num abraço e me apertou com força.

– O que você quer fazer, Lilypad? – murmurou no meu ouvido.

Minha avó sempre soube exatamente o que eu precisava ouvir. Deixava que eu reclamasse, que pusesse a frustração para fora, depois me devolvia o problema. Vovó esperava que eu agisse com responsabilidade, pensasse nas minhas opções e fizesse a escolha certa.

Suspirei contra seu ombro macio e fiz o papel da adulta que eu deveria ser.

– O que eu quero é ir comprar sapatos. Mas o que *vou* fazer é partir para o meio do Cosmo e despertar mais umas múmias.

Quando recuei, ela segurou meu queixo.

– Você sempre foi uma garota corajosa.

– Não me sinto particularmente corajosa. Acho que este é um daqueles casos em que a magnanimidade me foi imposta, eu querendo ou não.

– Você sempre foi magnânima para mim.

– É. Bom. Escreva isso na minha lápide.

– Não seja rabugenta, Lilliana – disse ela, depois aliviou o comentário segurando meus ombros e me beijando na testa.

Ela quase nunca me chamava de Lilliana e isso tocou uma ferida aberta. Provavelmente perto demais da verdade. Ela não queria pensar em ter de me enterrar perto do meu avô. Isso é... se restasse alguma coisa de mim para enterrar.

A hipótese mais plausível é terminarmos perdidas no espaço, flutuando entre as estrelas, disse Tia.

Fantástico. Obrigada por esclarecer.

Mas provavelmente não morreríamos. Pelo menos por alguns milênios, acrescentou ela.

Melhor ainda. Bom, garotas, vamos botar o bloco na rua, falei.

– Vocês dois vão ficar bem, aqui? – perguntei enquanto íamos para a escada.

– Tenho alguns contatos na área, que podem trazer alguns suprimentos para nós – respondeu Hassan.

Assenti, um tanto deprimida com a ideia de deixar os dois para trás.

Subindo a escada, notei que nem precisava da minha visão noturna. A passagem acima tinha sido deixada aberta. Pus a mão na faca enquanto saía, examinando o deserto nas duas direções, mas relaxei quando vi Ahmose agachado na areia, traçando sulcos com a ponta dos dedos, enquanto os três unicórnios observavam, curiosos.

Quando nos viu, ele se levantou e veio até mim.

– Nebu e Zahra vão nos levar. Kadir vai ficar aqui e ajudar caso Hassan e sua avó precisem.

– Entendi – respondi, ajeitando os ombros e indo na direção do unicórnio que trotava até mim. Parecia que dessa vez eu montaria Zahra. Saltei em seu dorso, virei-me, dirigi um sorriso débil a vovó e lhe entreguei a Pena da Justiça. – Me desejem sorte.

– Cuidem da minha Lily, meninas – disse ela.

Tia ia responder, mas a múmia foi mais rápida.

– Juro protegê-la com minha alma eterna – disse ele quando Nebu se aproximou trotando e parou ao meu lado.

Vovó assentiu, tensa, ao passo que eu me limitei a erguer uma sobrancelha.

A múmia levantou os braços e começou a entoar um encantamento:

Grandes ancestrais que repousam nas tumbas,

Vocês construíram este local,

Vocês encontraram o descanso,

As paredes que ergueram ruíram em pó,

Mas o poder de que as imbuíram resiste.

Emprestem sua força a esta fortaleza.

Escondam-na de nossos inimigos.

Protejam-na daquele Que Desfaz,

Daquele que nunca dorme.

Assim como obedeceram aos seus faraós,

Obedeçam-me agora.

Sirvam aos deuses,

Sirvam aos Filhos do Egito,

E seus corações serão pesados com benevolência
No dia do julgamento.

Um ribombo sacudiu o chão e pequenos bolsões de areia sibilaram por toda a área, num círculo amplo. Alguma coisa se moveu sob a areia e arquejei quando dezenas de cobras emergiram, os corpos pretos se retorcendo. Elas se posicionaram, extremidade contra extremidade, criando um vasto círculo de répteis em torno do templo. Depois escancararam a mandíbula e prenderam com ela a cauda da que estava à frente. Assim que todas se viram unidas, imobilizaram-se e viraram pedra.

– Eles... eles podem atravessar o círculo?

– Está se referindo à sua avó? – perguntou ele.

Assenti com a cabeça.

– Não é recomendado atravessar a fronteira, mas os espíritos dos mortos não vão lhes fazer mal.

Olhei para vovó, que tinha a respiração acelerada, mas ela me ofereceu um sorriso brilhante, ainda que não totalmente genuíno, e acenou.

Depois de devolver o gesto, o homem saltou nas costas de Nebu.

– Precisamos ir agora, Lily. Não se preocupe com eles. Por ora, estão em segurança.



Com isso Nebu girou e correu na direção de uma duna, que se abriu como a boca de uma caverna. Zahra o seguiu e eu me virei para olhar vovó até mergulharmos na escuridão logo atrás dele.

Mesmo com nossos sentidos combinados, eu não conseguia enxergar. Nem minha mão na frente do rosto nem a crina reluzente do unicórnio.

Por fim, pude discernir uma luz fraca a distância e uma forma escura se movendo na frente dela, que presumi que fosse Nebu. Zahra me garantiu que a escuridão era natural nessa passagem, mas cada parte de mim se lançava na direção da luz.

Quando saltamos da escuridão para a luz do sol, esperei que o terreno fosse semelhante ao da Estrada Menos Percorrida, mas essa paisagem era totalmente diferente. Era quase... alienígena. Não. *Era* alienígena. Emergimos na abertura de uma caverna na face de uma montanha dando para um vasto vale. Um rio brilhante serpenteava na planície adiante, ondulando para um lado e para outro, mas a água não era azul. Era violeta.

Árvores altas estendiam os galhos amplos, mas sua forma era parecida com guarda-chuvas. Ao nosso lado havia uma espécie de cacto espinhento com braços que se afastavam fazendo-o parecer um pouco um lustre Chihuly de cabeça para baixo. Plantas pontudas, quase pretas, eram encimadas por flores cor de ouro que exalavam cheiro de caramelo.

Os pássaros que faziam ninhos na encosta da montanha mais pareciam lagartos. As asas eram de membranas azuis pintalgadas em vez de penas e as caudas compridas e a pele dos corpos eram escamosas. Mas, quando um deles guinchou alarmado, notei que tinham penas, no fim das contas. Tinham cristas formadas por penas no topo da cabeça.

Duas luas enfeitavam o céu. Uma, avermelhada, no momento em quarto crescente, era fina e larga como o sorriso do gato de Alice. E a segunda, de um azul enfumaçado, pairava logo acima do horizonte como um olho piscando. As duas estavam visíveis apesar de um sol laranja se encontrar na posição do meio-dia.

Para onde você nos trouxe, Nebu?, perguntou Tia no momento em que o unicórnio abriu as asas, preparando-se para saltar da lateral do penhasco. *Não é o mesmo caminho por onde nos levou.*

Não, respondeu ele. *Não é. Esta é a única passagem que permanece aberta para nós, e é a mais perigosa. As outras estão ocupadas. Os guardas de Seth destruíram a que pegamos antes. As sentinelas dele nos procuram em toda parte.*

Nebu saltou do penhasco, a múmia grudada em suas costas, e Zahra rapidamente o seguiu. Dessa vez não pude desfrutar do voo como Ashleigh. Mal podia me conter para não vomitar por causa da descida rápida. Agarrei-me, desesperada, às costas de Zahra. Quando chegamos perto do fundo, os dois unicórnios pousaram, derrapando ligeiramente enquanto dobravam as asas. Diminuíram a corrida até uma caminhada e seguiram em frente, escolhendo o caminho junto ao rio com cuidado, os cascos estalando contra o leito de pedras lisas e multicoloridas que cintilavam ao sol alienígena.

Por que não continuamos voando?, perguntei a Zahra.

Existem criaturas aqui que nos devorariam. Para elas, carne de unicórnio é uma iguaria.

Então não faria muito mais sentido sairmos daqui o mais depressa possível?

A distância é longa demais até mesmo para um unicórnio percorrer rapidamente. Além disso, a vegetação fica... agitada quando os animais se movem muito depressa por ela, e isso alertaria os caçadores que voam. Nossos pelos claros nos tornam alvos fáceis quando voamos neste lugar. Eles podem nos ver de longe.

Então... isso que dizer que vamos andar a passo de lesma?

Não tão lento, mas sim. Aqui prosseguimos com cuidado. Vamos levar boa parte de uma das suas semanas para percorrer esse caminho. Mais, se a fauna nos atrapalhar.

Não sei bem o que eu esperava, mas não era ficar longe por tanto tempo. Em termos de roupa não seria problema, graças às minhas habilidades, mas não tínhamos outros suprimentos. Minhas duas companheiras interiores não pareciam muito preocupadas. Olhei o rio púrpura e engoli em seco, já com sede.

Não trouxemos nenhuma comida, eu disse ao unicórnio.

Podemos pastar, respondeu Zahra.

Nós vamos caçar, disse Tia.

É, vocês vão caçar, ecoou Zahra. *Vamos dizer a vocês que animais são*

comestíveis e não vão caçar vocês de volta. Não são muitos, mas há gramíneas comestíveis e peixes no rio. Alguns nem mordem.

Perfeito. De repente eu estava repassando todos os programas sobre peixes monstruosos que tinha visto no canal da National Geographic. Beber a água do rio ficou menos atraente ainda, em especial quando percebi que todos os melões verdes e bojudos, do tamanho de bolas de basquete, espalhados ao sol eram sapos alienígenas. Eles soltavam um grito e desinflavam à nossa chegada, rolando uns sobre os outros, tentando escapar para o rio, de onde nos olhavam cheios de suspeitas, piscando os olhos amarelos do tamanho de bolas de pingue-pongue.

Continuamos por várias horas percorrendo o cenário daquela mistura de um episódio de *O elo perdido* com um de *Meu querido pônei*. Passei o tempo fazendo perguntas ao unicórnio num esforço para não ouvir Tia. Ela ficou magoada porque eu a estava ignorando, mas tudo o que ela falava parecia envolver nossa história passada juntas ou refeições sangrentas que ela devorara, e isso me deixava desconfortável.

Quando não estava conversando com o unicórnio, eu observava o homem que ia examinando o caminho à nossa frente. Ele frequentemente apeava de Nebu, andava um pouco e se agachava para estudar o chão. Seus ombros estavam rígidos e o corpo retesado, como se sentisse tanto desconforto quanto eu naquele ambiente. Mas eu tinha uma hiperconsciência da sua presença. Era como se ele fosse um silencioso pilar de fogo que se movesse ao meu redor. Às vezes estava na frente, às vezes atrás, mas eu sempre podia senti-lo ali, me vigiando.

Vovó adorava estudar a Bíblia, por isso eu conhecia a história dos israelitas seguindo Moisés pelo deserto. Não sabia se essa múmia era capaz de abrir o mar púrpura ou tirar água de uma pedra, mas não havia como negar que eu sentia uma espécie de conforto com sua presença. Eu me contentava em seguir meu pilar de fogo, ainda que meus nervos se arrepiassem quando ele chegava perto. Tia e Ashleigh confiavam nele totalmente. Ficavam irritadas sempre que eu pensava nele como uma múmia, e não como um homem, mas não me pressionavam para falar com ele.

Em uma ocasião, ele se imobilizou com a mão levantada. Nebu relinchou baixinho e inclinou a cabeça para um bosque de árvores muito sombreadas. Ouviu-se um som arrastado e uma família de animais amarelos com as costas eriçadas saiu da cobertura em direção ao rio. Meus sentidos se aguçaram, tirei o arco e disparei uma flecha sem ao menos pensar. Soltei o ar que não sabia que estava prendendo e senti como se estivesse desmoronando dentro de mim mesma. Minhas mãos tremiam enquanto eu colocava o arco de volta por cima do ombro. Dizer que estava surpresa com minha ação seria um eufemismo.

Tia? Foi você?, perguntei.

Não fui eu.

Ashleigh?

Eu também não.

Bom, não fui eu, insisti.

Nebu trotou até nós com Ahmose montado.

– O que aconteceu? – perguntou ele.

– Eu... *nós* não sabemos direito.

Ele inclinou a cabeça, me examinando com os olhos cinza e firmes.

– Pode me dar sua mão?

Quando fiz isso, ele a segurou e murmurou um encantamento. Depois virou-a e estudou a palma como se estivesse verificando minha linha da vida.

– Foi o poder de Wasret – disse por fim.

– Mas nenhuma de nós se lembra de ter querido atirar naquele animal. Nem Tia havia pensado em caçá-lo.

– Wasret garante a sua sobrevivência.

– Você está falando como se Wasret fosse uma pessoa.

– De certa forma ela é. – Ele deve ter visto que eu estava obviamente perturbada com essa revelação. – Venha – acrescentou. – Vamos falar mais sobre isso. Há muita coisa que você precisa entender. Este é um bom lugar para fazer um acampamento e passarmos a noite. Os unicórnios dizem que é melhor não viajarmos no escuro.

Senti-me agradecida por poder esticar as pernas. Peguei lenha para

uma fogueira enquanto ele inspecionava o animal morto. Notou com interesse que eu não tinha usado uma das preciosas flechas dadas por Ísis. Como só restavam aquelas na aljava, a flecha de madeira simples com penas azuis – que estranhamente se pareciam com as que adornavam os pássaros lagartos – era muito interessante. De onde tinha vindo? Como eu soubera que precisava usá-la em vez de uma das outras?

Felizmente ele preparou a carne, e eu não precisei estripar nada. Ele acendeu o fogo estalando os dedos. Isso criou uma espécie de relâmpago nas pontas de seus dedos que logo incendiou os gravetos que eu tinha juntado.

Quando a carne estava arrumada nos espetos, o sol havia baixado e outra lua tinha subido. Essa tinha um tom de abricó. O cheiro da carne estava me dando água na boca, apesar das minhas reservas.

– Olhe aquilo – falei, apontando para o horizonte cada vez mais púrpura. – Outra lua. – Virei-me para meu companheiro e descobri que ele tinha seguido para a floresta. Nebu e Zahra haviam ido procurar um bom trecho de capim para pastar. No momento eu estava sozinha.

Claro, eu nunca ficava realmente sozinha. Tinha sempre Tia e Ashleigh comigo. Essa ideia já não me incomodava tanto. Pelo menos, não como a princípio. Acho que eu estava me acostumando a tê-las comigo.

– Acho que somos só nós, meninas – falei, aparentemente cedo demais, porque logo depois Ahmose emergiu das árvores carregando uma bolsa de couro que pingava.

– O que você tem aí? – perguntei.

– Água – respondeu ele, me entregando a bolsa.

Peguei-a, olhando desconfiada.

– Ela é... hã... roxa? – perguntei.

– É. Essa é a cor natural da água neste mundo, mas é limpa. Eu a invoquei do céu e ingeri um pouco. Os unicórnios garantem que é segura para beber.

– Ah! – exclamei, depois de um gole hesitante. – É doce. – Tornei a virar o odre, bebendo com sofreguidão.

– Também acho deliciosa. – Ele sentou-se ao meu lado e se inclinou para virar a carne.

– Então você pode invocar água de uma pedra, é? – perguntei, enxugando a boca. – Acho que acertei na mosca com a analogia de Moisés.

– Esqueço que você não se lembra dos meus poderes. Um dos meus muitos nomes é Portador de Tempestades. Posso chamar o vento, a chuva e os raios.

– Isso é útil.

O sorriso dele foi discreto, fino como a lua crescente acima de nós.

– É sim, de vez em quando.

As chamas da pequena fogueira dançavam nos olhos dele como uma pedra preciosa azulada, acenando do fundo das profundezas cinza como a tempestade. Tive a impressão de que havia muitos segredos escondidos atrás daqueles olhos. Talvez até um tesouro à espera de um caçador com ousadia suficiente para procurá-lo. Também senti não perigo, mas movimento, como se uma maré se agitasse através dele, desafiando qualquer um a nadar sem ser puxado para baixo. Apesar de na superfície ele parecer imóvel e calmo como um lago congelado, havia mais coisas naquele homem. Muito mais.

– Então – falei –, já que vamos nos conhecer de novo – estendi a mão para ele –, eu sou Lily. Prazer em conhecê-lo.

Ele segurou minha mão, mas não para apertar. Pegou-a gentilmente e depois soltou, quase com relutância, nossos dedos se demorando apenas um instante a mais. Então sorriu, e foi um sorriso pleno e genuíno e – observei – lindo como um soneto de amor. Sua expressão de solenidade tinha sido expulsa pelo sorriso, como se as duas coisas não pudessem existir simultaneamente.

– É um prazer conhecê-la de novo, Lily. Meu nome é Ahmose.

– Ahmose. Gosto dele. – Dobrei os joelhos e os envolvi com os braços. – Mas não é seu único nome. Você disse que Portador de Tempestades é um deles. Tem outros?

– Sim. Tenho muitos. Desbravador é outro.

– O meu superpoder é o de descobrir nomes, você sabe.

– Wasret tem muitas habilidades.

– Certo. Por falar nisso, qual é a sua teoria sobre esse negócio de eu ter matado a criatura alienígena? – perguntei, indicando a carne no espeto.

– Acho... – Ele parou, me olhou, depois se inclinou para tirar a carne do fogo. Soprou-a antes de me entregar. – Cuidado, está quente.

– Continue – pedi, mordiscando a carne. O gosto era um pouco de porco selvagem. – Você disse que achava que Wasret era um ser separado de nós.

– Talvez "separado" não seja o termo adequado, porque não acredito que ela possa existir sem você, pelo menos não totalmente. Wasret é você, mas é as três juntas. Ela só existe quando vocês estão unidas.

– Bom, certo, já sabemos disso.

Tirei um naco de carne com os dedos e enfiei na boca, mastigando com prazer e lambendo o polegar.

– Não, não sabem. De verdade, não. Lily, eu tracei o seu caminho e no fim da jornada, a jornada em que você derrota Seth, só existe Wasret. Tia, Lily, Ashleigh... Vocês três deixam de existir. Wasret nasce de vocês. Seus pensamentos, sentimentos, desejos são algo que ela pode acessar, mas ela não é vocês. Nenhuma de vocês, não totalmente.

Engoli em seco, a carne se prendendo em minha garganta. Tia e Ashleigh foram tomadas pelo mesmo medo frio que eu sentia.

– Vamos desaparecer completamente? Você... tem certeza?

– Tenho tanta certeza em minhas habilidades quanto tenho ao usar minha maça.

– Então você parece ter bastante certeza – falei olhando o fogo, tendo praticamente esquecido o espeto com a carne.

– Se serve de consolo, sinto muito ser o portador dessa notícia. Sei que deve ser traumático para você, que já está numa condição frágil...

– É. – Coloquei o espeto na pedra, de modo que ele terminasse de comer minha parte, e forcei meu rosto a assumir uma forma patética de

coragem. – Se nos der licença. Eu... nós... precisamos ir ao toalete feminino.

Quando ele franziu a testa, confuso, acrescentei:

– Não vamos demorar.

Ele pareceu pensar e assentiu com a cabeça.

Depois de ter passado da linha das árvores comecei a correr. Minha respiração era pesada. Meus sentidos estavam aguçados e ouvi o pio distante de um pássaro alienígena, os sons ásperos dos roedores no subsolo e o farfalhar de alguma coisa se movendo no capim. Com raiva dessa capacidade aumentada e nesse momento não querendo nada mais do que ser apenas humana, tentei contê-la e desligá-la. Ofeguei com o esforço e o pânico brotou no meu peito. As palavras de Ahmose tinham estrangulado de modo eficaz a pequena semente de esperança que eu havia alimentado de sair bem do outro lado dessa história.

Demorei alguns instantes para perceber os raios dourados de luz que se acenderam atrás de mim como refletores seguindo um ator no palco. Cambaleei e diminuí a velocidade, virando-me para ver os destroços que eu tinha provocado no terreno. A luz das três luas fazia a paisagem reluzir como o interior da concha de uma ostra. Plantas de todos os tipos, que antes eram verdes ou de um roxo esverdeado, haviam explodido em cores. Eram iluminadas por dentro, como se alguém as tivesse pintado com tinta fosforescente e as luas agissem como luz negra.

Não somente havia um caminho longo e iluminado marcando a trilha por onde eu tinha vindo, como as plantas se inclinavam na minha direção. Ouvi uma pancada quando algo atingiu minha capa. Puxei o tecido e vi que uma fruta grossa tinha sido jogada contra mim. Mais ou menos do tamanho de um tomate, era mole e carnuda e aparentemente se rompia com facilidade. Tinha explodido com o impacto e caído no chão, deixando um rastro de sumo pegajoso e sementes.

Hesitante, recuei alguns passos e outra planta cuspiu em mim, mas dessa vez espinhos. Um deles furou o tecido grosso que cobria minhas coxas.

– Ai! – gritei, arrancando da perna um espinho do tamanho de uma

agulha de costura e largando-o.

Precisamos nos mover devagar, lembrou Tia. *Nós agitamos as plantas. O unicórnio alertou sobre isso.*

Certo. Devagar.

Com passos controlados, saí do caminho da fauna reluzente e segui pela escuridão, deixando minha visão noturna funcionar. Mantive as plantas luminosas à vista, mas me movia a uma distância suficiente para que elas não pudessem atirar suas frutas ou seus espinhos em mim. Até que, uma a uma, as luzes foram se apagando e me vi no escuro de novo, tendo apenas meus sentidos para me guiar pelo caminho por onde tinha vindo. Isso não seria problema, já que uma leoa pode seguir os cheiros como ninguém.

Fui andando, cuidadosa com meus passos, movendo-me em silêncio, até que senti alguma coisa. Uma presença animal na floresta. Era um predador. E dos grandes.

Precisamos correr, disse Tia.

Não, precisamos nos esconder! Subir numa árvore!, gritou Ashleigh.

Se corrermos, as plantas atacam, eu disse.

Melhor as plantas do que a fera, argumentou Tia.

Concordei com ela e comecei a correr.

Estávamos perto. Faltava apenas um ou dois minutos para alcançarmos o acampamento. Entramos na área coberta por vagens grandes e bulbosas e, quando corremos através delas, o animal que nos caçava ficou para trás e abandonou a perseguição. Eu já ia soltar um suspiro de alívio quando uma das grandes esferas se ergueu de súbito à nossa frente, reluzindo amarela, a luz pulsando. Exalava um cheiro intenso. Como de terra revirada e flores.

Lentamente dei um passo para trás, e mais outro, mas então o bulbo se abriu, descascando brilhantes pétalas alaranjadas. Era a maior flor que eu já tinha visto na vida. O cheiro era celestial. Como morangos cobertos de chocolate. Um néctar denso pingava dela. Mas, por mais bonita que fosse, eu sabia que precisava sair dali.

Recuei mais um pouco, mas um grande estame laranja disparou e se

enrolou no meu braço. Era forte. Mais forte do que eu. Puxei, mas ele me segurou com força. Levei a mão às costas e peguei a faca, levantando-a acima da cabeça. E então agulhas minúsculas saltaram das folhas da flor.

A maioria acertou minha capa, mas um bom número atingiu minha mão e meu pescoço. Cambaleei e consegui usar a faca para livrar o braço, no entanto mais dois apêndices inchados dispararam para substituir o que eu tinha cortado. E o que quer que houvesse nas agulhas funcionou rápido. Logo, era somente a planta que estava segurando meu corpo de pé.

Antes que meus olhos se fechassem, tentei gritar chamando Ahmose e Nebu, mas meus lábios estavam entorpecidos e eu nem conseguia mais sentir o rosto. Tia já estava desacordada, o que achei interessante. Pensava que nós três ficaríamos inconscientes ao mesmo tempo. A voz de Ashleigh foi a última coisa que ouvi antes de perder os sentidos também. Na mente dela, repetidamente, Ashleigh gritava um nome: *Ahmose*.



Na sombra da lua

O som de madeira estalando e quebrando me acordou. Gemi e tentei me mexer, mas meus membros estavam pesados.

– Relaxe, Lily – disse uma voz. – Estou aqui ao seu lado e você está em segurança. Curei seus ferimentos e seu corpo está lutando contra as toxinas, mas esse é um processo lento. Você foi atingida por muitas agulhas e meu poder parece não ter efeito sobre sua imobilidade.

– Ahmose? – tentei dizer, mas minha língua era um objeto alienígena dentro da boca.

Consegui fazer um leve movimento e senti o peso enorme da capa em cima de mim como um cobertor de neve. Era quente e reconfortante até que meus sentidos se aguçaram. Compreendi que meu corpo estava tão entorpecido por baixo dela que era como se eu tivesse mesmo sido enterrada num monte de neve. A lã macia pinicava meu nariz. A lembrança de ter sido erguida e levada à boca de uma flor gigante me causou um tremor.

Ela ia me *comer*. Aquele planeta que abrigava uma planta com uma protuberância alongada igual a uma serra para metal que brilhava feito um rubi era aparentemente minha Pequena Loja dos Horrores particular. Todas aquelas lindas flores que brilhavam no escuro queriam carne e eu poderia fornecer um bocado. Se conseguisse me mover, chutaria os quartos de Zahra, por causa de sua informação imprecisa. Ela

tinha dito que a fauna se tornaria agitada. *Agitada? É mesmo?* O mais certo seria *faminta.*

Abri os olhos e espiei para além da fogueira, na direção das plantas. Agora cada coisa verde e viva parecia piscar para mim com malícia enquanto as folhas se mexiam na brisa. Na melhor das hipóteses, elas esperavam atrapalhar meu caminho; na pior, queriam me devorar. As árvores próximas tinham um cheiro enganadoramente normal – de cipreste, musgo e pinho. Não davam qualquer indicação de que eram predadoras. Se eu fosse uma leoa, meus pelos teriam se eriçado só de pensar nisso. Por falar em pelo, a felina residente na minha cabeça ainda estava apagada.

Tia?, chamei.

Ela está dormindo, respondeu Ashleigh.

Não entendo por que isso não afeta todas nós do mesmo jeito. Quero dizer, vocês estão compartilhando meu corpo, então deveriam ficar inconscientes também quando meu corpo dormisse.

Acho que não funciona assim. Eu fiquei acordada o tempo todo em que a planta tentava fazer picadinho de nós. Ouvi Ahmose lutando contra ela. Pude sentir quando ele carregou a gente, pelo menos até que sua pele perdeu a sensibilidade.

Então você não foi afetada pela toxina?

Acho que não. Foi um pouco como ficar presa na árvore das fadas. Eu não podia abrir os olhos nem me mexer. Seu corpo não estava reagindo a mim.

Isso é normal?, perguntei. *As fadas se curam depressa ou algo assim?*

Ashleigh pensou por um momento.

Não sei bem se isso se aplica quando o corpo que estou habitando não é meu. Além disso, nunca fui machucada por uma planta antes. Os escorpiões de fogo mataram minha forma de fada, de modo que obviamente os animais podem me fazer mal. Uma vez fui espetada por uma farpa. Doeu um bocado, mas assim que a arranquei o ferimento se fechou sozinho. Talvez a árvore tenha me dado o dom de me curar.

Nós poderíamos fazer isso antes? Quero dizer, antes de você?

Não sei. Eu não estava com vocês antes e nunca falamos sobre isso. Vamos ter de perguntar a Tia quando ela acordar.

Você não acha que ela está em... perigo, acha?

Não creio. Não mais do que você esteve. Durante o seu sono, continuei sentindo você ali, não houve nenhum trauma na sua consciência. Você só não... reagia. Com Tia é a mesma coisa.

Bom.

Tentei me mexer de novo e dessa vez minha língua cooperou.

– Ahmose? – chamei, rouca.

Um som de passos arrastados veio de um ponto fora do meu campo de visão. E logo ele estava ali, ajoelhado à minha frente com um odre d'água. Gentilmente me ajudou a sentar e me fez beber. Só ficou satisfeito quando sorvi todo o líquido roxo.

Quando acabou, ele puxou uma tora para eu apoiar as costas. A sensação tinha voltado a algumas partes do meu corpo, enquanto outras formigavam dolorosamente, como se estivessem dormentes. Um dos braços recuperou força suficiente e pude posicionar as pernas de modo a não ficarem numa posição incômoda embaixo do corpo. Ahmose sentou-se encostado na mesma tora.

– Os unicórnios estão de vigia – disse ele. – Para podermos dormir.

– Quanto tempo fiquei apagada?

– Algumas horas.

– Você pode dormir, se precisar – falei, vendo seus ombros curvados de fadiga.

Ele balançou a cabeça.

– Não antes de você.

– Acho que não vou conseguir dormir por um tempo. Pelo menos até saber o que aconteceu. Fomos perseguidas por um animal grande. Tia não sabia o que era, mas ficou com medo, e, se Tia ficou com medo, não quero muito saber o que era.

– Agora não há nada por aqui. Os unicórnios avisariam se houvesse um predador grande circulando. Não creio que ele estivesse disposto a passar pelas plantas bulbosas, e elas parecem ocupar um bom espaço à

nossa volta. Quando continuarmos amanhã, teremos de passar por mais algumas delas, mas devemos levar pouco tempo.

– Bom, pelo menos essa notícia é boa.

– Nebu disse que a planta que pegou você é chamada de bulbo-pescador. Ela atrai as presas com suas luzes bonitas, depois ataca. Parece que existem três variedades aqui: a pescadora, a armadilha e a ativadora. Uma atrai você, outra espera que você pise na armadilha e a terceira produz uma seiva pegajosa nas folhas quando você pisa nas ramas e então agarra você. Parece que nem os unicórnios conseguem escapar do terceiro tipo. Por sorte, você foi apanhada pela mais fácil de escapar.

– A mais fácil? Fala sério! Eu não escapei. Você me salvou.

– É. Mas agora sabemos por que precisamos ir devagar nesta área.

– E olhar onde pisamos. Parece que seria mais seguro voar.

– Os unicórnios dizem que as armadilhas não crescem perto das pescadoras. É competição demais. Também disseram que os predadores que caçam no céu são muito mais perigosos do que a folhagem e os animais do chão.

Cruzei os braços.

– Você está me zoando, não é?

– Não sei o que isso significa.

– Quer dizer que você está brincando comigo. Não pode estar falando sério.

– Sempre falo sério.

Observei sua expressão com o canto do olho e vi que ele estava mesmo dizendo a verdade. A ideia de andar por esse lugar inóspito durante mais seis dias, na melhor das hipóteses, era uma perspectiva de dar medo. Para me distrair e não ficar pensando nisso, decidi mudar de assunto:

– Então você é sempre sério, é? – Lembrei-me de quando ele tinha rido do comentário de Ashleigh enquanto ela o desenrolava, e a alegria por trás daquele riso tinha sido... bom... incrível. Até mesmo contagiosa. Fiquei curiosa em relação a ele e imaginei que segredos estaria escondendo. – Por quê?

– O que quer saber com por quê?

– Por que você está sempre sério? Sinto que não gosta disso.

Ele deu de ombros, desconfortável.

– Minha vida é... complicada... e a felicidade é fugaz.

– Por que você acha isso?

– Talvez você não lembre, mas um dia eu amei uma garota. Ela era o oposto exato de tudo o que fazia parte da minha vida. Era primavera e esperança, vida e risos. Quando eu estava com ela, esquecia de mim mesmo. Estava enfeitiçado pelo sorriso ligeiro e o brilho nos olhos dela. Sua felicidade e alegria de viver preenchiam os espaços vazios da minha alma.

Depois de uma pausa, ele prosseguiu:

– Foi durante um dos nossos períodos despertos. As duas semanas passaram depressa e eu nunca tinha estado tão contente. Então, dois dias antes da cerimônia, encontrei Asten num abraço apaixonado com minha amada.

– Ah, puxa, isso... isso não está certo.

– É, não estava. Jurei que iria matá-lo por tê-la seduzido. Nunca, em toda a minha existência, eu tinha batido com raiva em uma pessoa. Nunca perco o controle. Não é da minha natureza. Não que eu não me disponha a lutar. É só que sei... sei que não vou perder.

– Como você sabe que não vai perder?

– É porque conheço o caminho que cada oponente vai tomar. Mas, depois de alguns instantes batendo em Asten, quando o rosto dele parecia um tomate estragado, voltei a mim o suficiente para enfim escutar o riso. A garota que eu amava estava zombando de nós dois. Ela achava delicioso ter sido capaz de manipular dois deuses. Demorei mais de duzentos anos para perdoar Asten.

Ele fez outra breve pausa antes de continuar:

– Asten arruinou tudo, mas o raciocínio dele estava certo. Eu teria sacrificado tudo por ela. Estava cego demais, apaixonado demais por Tiombe para enxergar quem ela era de verdade. Com o tempo, meus

sacrifícios e o afeto por ela seriam objetos de zombaria e eu seria rejeitado.

– Sinto muito, Ahmose. Ela foi idiota em desprezar um homem como você. Mas não pare de procurar a felicidade. Você a merece.

– Ver seu rosto familiar me deixa muito feliz. Você é minha... Bom, talvez você não lembre, mas você é minha amiga.

– Eu gostaria de ter um amigo. Não tenho muitos amigos homens. Pensando bem, nenhum, mas poderia ser pior. – Bati o ombro contra o dele e fui recompensada com um de seus sorrisos estelares. – Amigos, então? – perguntei.

Ele segurou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus. Era um gesto um pouco mais íntimo do que eu teria com um homem que considerasse amigo. Achei que provavelmente houvesse uma diferença cultural ou imortal e que talvez aquilo não significasse a mesma coisa que representava no lugar de onde eu vinha.

– Já que você é um desbravador, já olhou meu caminho imediato? Quero dizer, não o de Wasret, mas o meu? Vou ser comida por uma planta ou alguma coisa assim? Eu gostaria que você me desse um aviso da próxima vez.

Ahmose se imobilizou, os dedos se enrijecendo nos meus.

– Os caminhos mudam. Eu vejo futuros possíveis. Rotas que você pode pegar. Escolhas que pode fazer. Alguns são mais fortes do que outros, e esses são os mais prováveis de ser tomados. Eu não sabia que você ia fugir porque não estava estudando seu caminho no momento. Na maior parte das vezes costumo focalizar o quadro geral. Mas, respondendo à sua pergunta, sim, olhei o caminho que está à sua frente.

– E...? – perguntei, fascinada. – Nós vamos ter sucesso? Vamos despertar seus irmãos e derrotar Seth?

– O caminho que leva aos meus irmãos é o mais brilhante no momento. Posso dizer com uma boa dose de certeza que vamos despertá-los. Depois disso o caminho se divide em várias direções.

– Como assim?

– Quer dizer que você tem escolhas a fazer. Sacrifícios. Não está claro

o que você fará.

– Sacrifícios? – Engoli em seco. – Está falando de Wasret e de eu desaparecer? Você disse que no fim do meu caminho só viu Wasret. Se é disso que está falando, devo dizer que realmente não quero saber.

Eu esperava que ele me dissesse que as escolhas à frente não teriam nada a ver com Wasret. Que ele poderia estar errado. Que Tia, Ashleigh e eu sairíamos bem do outro lado. Claro, eu não sabia até que ponto ficaria bem no mundo real, tendo uma leoa interior de estimação e uma petulante fada pessoal, mas preferia ter as duas na cabeça pelo resto da vida a desaparecer para sempre para que Wasret nascesse.

Ahmose se virou para mim, ainda segurando minha mão. Os olhos cinza, preocupados, me examinaram. A luz da lua tocou seu rosto, fazendo com que quase reluzisse.

– Vejo muitas coisas no seu futuro, Lilliana Young; muitas são perigosas, muitas são de partir o coração. – Ele tocou meu rosto brevemente com a ponta do dedo. – Mais do que qualquer coisa, eu gostaria de afastar a dor e escondê-la do perigo. Ainda que o meu caminho de vida esteja entrelaçado ao seu, sei que não posso influenciar o caminho por onde você anda. Seria errado eu me transformar num estorvo para o que você vai se tornar.

Lágrimas vieram aos meus olhos.

– Não quero desaparecer, Ahmose. Não quero virar Wasret.

Ele me puxou e me abraçou com força. Depois segurou meus ombros e se afastou.

– Não pense em Wasret agora. Você deve se concentrar na tarefa que tem pela frente. Suba a colina hoje e a montanha amanhã. Enquanto avança, haverá perdas, mas também ganhará muitas coisas. Esse é o fardo da mortalidade. Lembre-se sempre de que o poder de escolha continua sendo seu.

Funguei e enxuguei os olhos.

– Obrigada. Obrigada por ser meu amigo. Eu não sabia como precisava de um.

– Eu também preciso de alguém como você. – Baixinho, ele

acrescentou: – Você não faz ideia de quanto.

Se eu não tivesse a superaudição de esfinge, talvez não captasse essas últimas palavras. Mas decidi não comentá-las, pelo menos até ter tempo suficiente para pensar no que significavam.

Depois de me reacomodar encostada no tronco, comecei a pôr para fora todos os temores e preocupações do meu coração. Contei como toda essa experiência era estranha e o coloquei a par de tudo o que havia acontecido desde a fazenda da minha avó e o encontro com Hassan.

Ele perguntou sobre meus sentimentos com relação a despertar Amon e eu disse que ainda não estava pronta para falar sobre Amon. Sensível à tensão quanto ao meu suposto namorado, ele mudou de assunto e contou histórias sobre Asten, Amon e ele, de quando eram mais novos, mantendo a conversa leve. Por fim disse:

– Agora você precisa descansar, Lily. Temos um longo dia de viagem amanhã. Por favor, durma.

– Você vai descansar também?

– Vou. Logo. Acomode-se da forma mais confortável.

Enquanto me deitava, olhei-o se recostando no tronco, a cabeça inclinada para cima, como se estudasse as estrelas, e percebi que, pela primeira vez desde que tinha acordado com vozes na cabeça, estava me sentindo em segurança. Era como se finalmente houvesse uma pessoa que entendia como era saber demais, ser responsável por coisas demais. Ahmose podia se identificar comigo de um modo que não era possível com vovó e Hassan.

Ahmose era alguém em quem eu podia confiar. Eu sabia instintivamente que ele não iria me obrigar a fazer ou me tornar uma coisa que eu não quisesse.

– Boa noite, Ahmose.

Ele me olhou e abriu um sorriso suave.

– Boa noite, Lily. Durma bem.

Meu coração falhou uma batida enquanto nos olhávamos. Então ele inclinou de novo a cabeça para trás, para olhar as luas. Imaginando que caminhos ele veria no céu, também fitei as constelações. Meus olhos se

fecharam e caí num estado de consciência parcial, meio acordada e meio dormindo.

Logo escutei o murmúrio de vozes embolando-se umas nas outras, como o som do rio rolando sobre pedras, tranquilizante e contínuo. Era quase como se eu olhasse a cena acontecendo em um sonho.

– Você precisa deixar o corpo de Lily descansar, Ashleigh – disse Ahmose.

– *Como sabe que sou eu?*

– Um homem que presta atenção a uma mulher sabe.

– *É bom saber que você estava prestando atenção.*

– Volte a dormir, Ash – disse Ahmose com um risinho.

– *É rápido, querido* – respondeu Ashleigh. – *Eu queria fazer uma pergunta.*

– O que é?

– *Você disse que nos curou. Pôde ver o que há de errado na mente de Lily? Você disse que poderia ter uma chance melhor quando não estivéssemos mais no reino mortal.*

– Eu tentei. É estranho, mas há um espaço lá. Está escondido e não posso acessá-lo. Acho que tem a ver com o poder dela. Maat diz que ela é um ovo de serpente. De alguma forma, isso é separado de você e Tia. Mas é essa capacidade que mantém vocês escondidas de Seth, por isso não ouso mexer aí. Não sei se eu poderia curá-la mesmo se tentasse.

– *Talvez Amon possa, assim que o despertarmos.*

– Talvez.

– *Você quer dizer o que está escondendo, então?*

– Escondendo?

– *Eu consigo ler você, bonitão. Sei quando um homem foge da verdade. O fato de você ter mentido para Lily me deixou com o pé atrás. Por que você faria uma coisa dessas?*

Então ele sorriu e, com um provocante brilho de luar nos olhos, disse:

– E o que as fadas sabem sobre os homens?

– *Sei o suficiente. Um dia já fui uma garota mortal e, apesar de ter sido*

vencida, dobrada e transformada numa coisa nova, ainda me lembro de como é um rapaz escondendo segredos.

Ahmose inclinou a cabeça.

– Você me faz lembrar a lua – disse ele. – Na maior parte do tempo está escondida na sombra dos outros, mas, quando brilha em pleno esplendor, não há como escapar da sua luz. Sabia que eu posso ver você, mesmo quando está com o rosto de Lily? É só uma vaga silhueta das suas feições, mas não há como confundi-la.

– *Por mais que essas palavras sejam bonitas, lembro gentilmente que você está fugindo da pergunta, rapaz.*

Ahmose suspirou.

– Lily não precisa saber das coisas que eu vi. Isso só vai deixá-la confusa.

– *Ah, você é tão cheio de segredos... Eu posso ajudar, se você deixar. Minha magia é da Terra, mas também é poderosa.*

– Sei que é. Você sabia que eu posso seguir os caminhos nos dois sentidos?

– *Como assim?*

– Quero dizer que posso traçar o passado, além do futuro. – Ahmose olhou para o chão. – Se isso vale alguma coisa, lamento o que aconteceu com você.

– *Descobri que é melhor não olhar para trás com arrependimento. Só com lições aprendidas. O infortúnio pode acompanhar a gente por toda a vida. A gente acaba tendo apenas duas escolhas. Lamentar o destino, diminuir o passo até ele alcançar a gente e depois estender os braços para abraçar a tristeza ou continuar correndo para que ele nunca possa alcançar a gente. Escolhi a última opção.*

– Então você é uma pessoa mais sábia do que eu. Deixei o infortúnio me alcançar.

– *Então escape das garras dele. Minha mãe sempre dizia: "O amor é doce, doce como o mel, mas o melhor mel é encontrado nos lugares quietos e esquecidos. Não vá procurá-lo numa colmeia agitada, senão corre o risco de ser picado." Parece que foi o que aconteceu com você, Ahmose.*

Ele sorriu, todo doce, com o luar de outro mundo se dissolvendo em seu cabelo escuro, fazendo-o brilhar como seus olhos.

– Foi mesmo.

– *Boa noite, Ahmose*.

– Boa noite, Ash.



Na manhã seguinte Tia estava de volta e nós a colocamos a par de tudo o que ela havia perdido, mas parecia que ela se lembrava de algumas partes como se fosse um sonho. Especulamos o motivo para ela ter sido mais afetada pelos efeitos da droga da flor, e a melhor hipótese a que nós e os unicórnios pudemos chegar foi que Tia era mais próxima da presa natural das flores do que Ashleigh ou eu.

Era perturbador pensar que as toxinas podiam afetar a consciência de Tia e Ashleigh. Tenho certeza de que Hassan arranjaria uma teoria mais sólida do que nós. Tia não queria ficar pensando nisso. Estava mais interessada no animal que tinha nos perseguido do que na planta. Achava a morte causada por um vegetal a coisa mais ignóbil que uma leoa poderia sofrer.

Nos dias que se seguiram entramos numa rotina. Tia me ensinou a espreitar e caçar presas. Cada vez que pegávamos uma flecha, a haste terminava numa pena de ponta azul. Mas, quando verificávamos, a aljava ainda estava cheia com as penas que Ísis tinha nos dado.

Ahmose tinha todo tipo de ideias sobre esse fenômeno, e a principal era que estávamos inconscientemente guardando as flechas mais poderosas para a batalha futura. Eu não gostava de pensar nisso. Minha teoria era de que a aljava estava encantada para simplesmente produzir as flechas de que precisássemos. Tia não acreditava em nada disso e preferia evitar as flechas, encorajando-nos a caçar com as garras ou as facas.

Às vezes, enquanto jantávamos peixes estranhos e alienígenas, alface

selvagem, flores comestíveis e a água doce que Ahmose invocava do céu, eu sentia o olhar dele se demorando no meu rosto por mais tempo do que o necessário; e ele cavalgava ao meu lado com frequência, conversando comigo.

Ahmose se interessava por uma grande variedade de coisas. Falamos longamente sobre o mundo moderno e ele fez muitas perguntas. Queria saber tudo, desde como a água era trazida para a cidade e aquecida nos chuveiros, algo que ele adorava com relação à minha época, até o que eu estudava na escola e como os carros funcionavam.

Mas também perguntava a Tia, muito educadamente, sobre sua vida como leoa, sobre sua irmã perdida – algo que eu não sabia, ou pelo menos não lembrava – e travava longas discussões com Ashleigh sobre sua vida na Irlanda. Eu deixava cada uma falar por si quando ele fazia perguntas e ficava contente em dar a elas um tempo no controle.

Ashleigh contou uma história interessante sobre quando era uma menininha de 10 anos. Ela costumava colher maçãs para uma velha tão encurvada que não conseguia mais levantar as mãos para a árvore. Um dia seu cabelo ruivo encaracolado se prendeu num galho da árvore e ela chorou e berrou até que a velha apareceu.

"O que você espera que eu faça, menina?", perguntou a mulher. "Não posso levantar a mão e ajudar você a se soltar."

"Pegue um machado", gritou Ashleigh. "Corte a árvore. Uma menina é muito mais importante do que uma macieira."

"Ah", disse a velha, "mas as macieiras demoram anos de cuidados até dar frutos. Cuidei dessa árvore desde que eu era pequena. Ela é muito importante para mim. As maçãs me alimentam o ano todo. Os pássaros pousam nos galhos e cantam para mim quando estou solitária. Acho que, sem a árvore, eu morreria."

"Mas e eu?", gemeu Ashleigh. "Não posso ficar aqui em cima para sempre!"

– *Foi então que aprendi a lição mais importante da minha vida* – disse Ashleigh a Ahmose, que ouvia com interesse. – *A velha não falou mais nada. Não discutiu nem ofereceu razões. Não hesitou. Só pegou o machado e*

se preparou para cortar a árvore. Mas, antes que ela agisse, gritei: "Espere! Não faça isso." E pedi que ela pegasse sua faca de cozinha. Apesar de chorar um bocado, cortei todo o meu lindo cabelo ruivo até finalmente me soltar. Eu tinha pensado em fazer isso logo no início, quando fiquei presa, mas não queria abrir mão dele. Era uma garotinha vaidosa e preferiria que outra pessoa fizesse o sacrifício, e não eu, ainda que o meu fosse menos doloroso. Naquele dia aprendi que precisava deixar de ser uma criança egoísta. Até hoje não consigo ver uma macieira sem pensar na mulher.

– Era bondade sua ajudá-la.

– Ah, eu não queria. Todo mundo achava que ela era uma bruxa e meu pai tinha medo dela. Quando a mulher pediu que eu ajudasse, ele ficou com medo demais para recusar.

– É comum pensar que as pessoas diferentes possuem magia.

– É assim, não é? Ela era *uma bruxa. Foi ela que me apresentou à árvore das fadas. Ela era a guardiã da árvore e sabia que não iria se demorar muito no mundo. No dia em que ela morreu, eu me tornei a cuidadora da árvore.*

Os unicórnios continuaram em frente e Ahmose e Ashleigh ficaram em silêncio por um tempo. Depois ele disse:

– Você sente falta do seu cabelo ruivo.

– É, sinto. Era lindo. Encaracolado feito uma rama de abóbora e vermelho feito papoulas silvestres. Sinto falta dele. – Rapidamente Ashleigh mexeu no meu cabelo, prendendo-o no arranjo que tinha feito de manhã. *– Não que o de Lily não seja bonito. Só sinto falta dos cachos.*

Ahmose estendeu a mão e deu um tapinha na minha perna, com um olhar de simpatia para Ashleigh, mas sem dizer nada. Depois disso ela recuou, querendo que eu assumisse o controle.

Logo comecei a notar outras pequenas gentilezas de Ahmose. Coisas como me ajudar a apear depois de um longo dia cavalgando ou deixar uma flor vermelha em cima da minha capa quando eu ia sozinha para as árvores. Ele sempre sabia quando era eu, Ashleigh ou Tia – dava os parabéns a Tia por uma pescaria hábil no rio ou dizia olá a Ashleigh e perguntava o que ela achava sobre uma coisa ou outra que nós dois tínhamos conversado.



No sexto dia minha mente estava inundada de pequenas histórias e sonhos parcialmente lembrados das conversas noturnas de Ahmose e Ashleigh. Um dos sonhos era sobre uma fada de olhos verdes e corpo pequeno e esguio. Ela ficou louca pela Lua e dançava e festejava sob o luar, cantando baixinho para ela. A fada apaixonada chorava toda noite quando a Lua se punha, achando que ela havia morrido, mas se rejubilava quando o astro nascia na noite seguinte. Ela acreditava que, quando uma fada morria, a Lua mandava um raio de luar que a levava para morar com ela. Mas uma fada não pode escolher quando morrer, por isso ela esperava, olhando e ansiando pelo astro, noite eterna após noite eterna.

Houve outra história ou sonho sobre um homem preso na Lua. Ele olhou para o reino dos mortais e viu uma jovem linda. Apaixonou-se à primeira vista por ela. Mas infelizmente sabia que os dois nunca poderiam ficar juntos, por isso ele a guardava lá de cima e aprendia a amá-la de novas maneiras a cada dia. Essa jovem, porém, podia escolher quando morreria.

Então a garota bonita descobriu que seria dada em casamento a um homem que ela não amava e se jogou de uma torre para não se casar com ele. O homem preso na Lua, desesperado para salvá-la, estendeu seus braços brilhantes e a agarrou, mas sua luz era poderosa demais e ele foi enfraquecido pelo esforço. A garota ficou cega e aluada, diziam.

Ele implorou a ajuda dos deuses, que a colocaram em sono profundo. Ela não envelheceria e sua beleza não desapareceria, para que ele pudesse olhar seu rosto para sempre. A mulher que ele adorava jamais morreria. Ele poderia segurá-la com seus braços de luar, mas ainda assim seus corações não poderiam se unir. Seu amor não lhe dava conforto, porque ele era um homem atormentado pelo banquete colocado à sua frente, o qual, no entanto, ele não podia provar. A luz ao seu redor diminuiu e a Lua ganhou um halo de escuridão.

O tempo passou enquanto o homem da Lua se lamentava. Por fim, ele disse aos deuses que estava pronto para deixá-la partir. Para deixá-la encontrar a paz. Os deuses sorriram e tocaram os dedos nos olhos da jovem. Ela acordou e olhou para a Lua, encontrando ali o rosto do homem que a amava.

"Agora ela é realmente sua", disseram os deuses, "porque você provou que o bem-estar dela importa mais do que o seu."

A noiva correu para os braços dele e riu quando ele a rodopiou. Os dois foram libertados dos confins da Lua e o tecido do espaço foi dobrado de modo que eles pudessem começar vida nova em outro mundo. Quando seus pés tocaram um mar de grama azul ondulante, eles olharam para a Lua envolta num halo e souberam que ela era um lembrete para sempre pensarem primeiro no outro, depois em si mesmos.

Se esquecessem e ficassem egoístas, iriam ser separados de novo. A Lua iria alertá-los quando estivessem correndo perigo. É por isso que uma Lua com halo é sinal de tempestade próxima. No mínimo, é sinal de tempo inclemente. Na pior hipótese, é um presságio de perda iminente e tristeza capaz de partir o coração.

Fiquei pensando nessas histórias enquanto acompanhava Ahmose pela margem do rio. Alguma coisa estava mudando entre nós. Ao vê-lo subir uma colina procurando um caminho, eu me pegava capturada pela visão de suas costas musculosas e olhava os antebraços rígidos quando ele os estendia acima do terreno. Apesar de não gostar de batalhas, Ahmose tinha o corpo de um guerreiro. E, depois de passar dias ao seu lado, percebi não só que ele era lindo tanto por dentro quanto por fora, mas que eu não conseguia me imaginar ali sem ele.

Achei incrível a rapidez com que passei a contar com sua presença constante. Com seu companheirismo. Talvez meu medo do que havia adiante é que tenha me instigado a agir, mas o que eu sentia não parecia errado. Tudo dentro de mim, até as batidas do meu coração, dizia que estava certo. Talvez fosse prematuro. Talvez eu devesse ter esperado para falar com Tia e Ashleigh sobre isso primeiro, mas não senti nenhuma

dúvida da parte delas. Na verdade, o silêncio delas era positivo. Pelo menos, foi essa a sensação que tive.

Ahmose dissera que eu tinha escolhas a fazer. Desde que eu havia acordado na fazenda da minha avó, não era o que me parecia. O peso do mundo estava nos meus ombros e tinham me contado histórias do que eu havia feito e de quem eu amava, mas eu não conseguia me lembrar de nada disso. Só sabia do agora. Meus sentimentos eram reais. Certos ou errados, eles estavam ali. Por isso fiz uma escolha.

Ahmose voltou para o meu lado e me peguei respirando acelerado. Meu coração batia forte quando ele se aproximou. Quando ele pôs as mãos em volta da minha cintura para me ajudar a apear, envolvi o pescoço dele com os braços. Não me afastei depois de apoiar os pés no chão. Seu cabelo escuro parecia salpicado de ouro ao sol poente. Ousada, afastei uma mecha do rosto dele, me deliciando ao roçar os dedos na aspereza da barba crescendo.

Suavemente, ele tirou minhas mãos de seu pescoço e beijou meu pulso.

– Tem certeza de que esse é o caminho que você quer trilhar? – perguntou baixinho.

Seus olhos estavam semicerrados, como se ele não quisesse saber a resposta, mas mesmo assim dava para perceber um brilho penetrante no olhar prateado, e esse brilho me chamava mais para perto. Meu coração estava disparado, eu me sentia uma estrela nova, reluzente e límpida como um diamante recém-descoberto, brilhando mais do que o sol poente. Eu poderia iluminar o mundo sozinha.

– Esse caminho me deixa feliz – respondi com simplicidade.

Lenta e deliberadamente, ele ergueu a mão e segurou meu rosto. Sua expressão mudou de uma sobriedade cautelosa para uma espécie de deleite jubiloso, juvenil.

– Ele me deixa feliz também.

E me beijou. Um beijo doce, capaz de afogar. Do tipo que deixa a gente de joelhos. Na verdade, nos deixou mesmo de joelhos, mas ainda assim ele se recusou a me soltar. Suas mãos seguraram meus quadris e

permaneceram ali enquanto ele me puxava contra seu corpo quente. As superfícies planas e rígidas de seu peito me fizeram lembrar de um escudo – um escudo que protegia seu coração. Os inimigos deviam temer a força e o poder encontrados ali. E no entanto, para mim, ele se dobrou.

Ahmose emaranhou as mãos nos meus cabelos e o penteado cuidadoso de Ashleigh se desfez. Grampos em forma de escaravelhos dourados caíram de qualquer jeito no chão. Mas não importava, não quando ele tomou as tranças soltas nas mãos e as enrolou nos dedos quentes. Eu o envolvi com os braços, puxando-o ainda mais para perto. Parecia que não conseguíamos nos saciar com os toques e beijos. Quando nos afastamos, estávamos ambos ofegantes, mas havia no rosto dele um sorriso satisfeito de um quilômetro de largura.

Quando ele traçou a linha do meu malar com os dedos, minha respiração falhou enquanto eu antecipava o toque aveludado de seus lábios nos meus outra vez. Ahmose era um homem lindo. O sonho de qualquer garota era ter alguém assim olhando-a como ele me olhava agora, como se eu fosse o mundo para ele. Apesar de eu não querer fazer nada para arruinar o momento, a curiosidade me venceu:

– Você viu esse caminho? Eu me refiro a nós...

O sorriso de Ahmose se suavizou, ele ficou sério e falou numa voz grave e pesada:

– Eu sabia que era uma possibilidade desde o momento em que nos conhecemos. – Então seus olhos se fecharam e a felicidade em seu rosto diminuiu ligeiramente. – Você precisa saber que eu não provoquei isso – disse, como se eu pudesse querer culpá-lo por meus sentimentos. – Havia centenas de escolhas que você poderia fazer e que a levariam numa direção diferente.

– Mas esse era o caminho com a maior possibilidade.

– Era – admitiu Ahmose. – E não lamento. – Capturando minhas mãos, ele beijou uma palma de cada vez, devagar. – Espero que você também não.

– Não lamento – murmurei baixinho, e fui recompensada pelo brilho renovado de seus olhos cinza-prateados.

Os pelos da barba por fazer se moveram contra a pele sensível da parte interna do meu pulso, provocando arrepios ao longo da minha espinha.

Quando ele levantou a cabeça, eu cambaleei, mas ele me firmou.

– De todas as maravilhas que já experimentei, de todos os caminhos que já vi, você é a única magia verdadeira que presenciei. Que já *tive* nos braços.

Então o Senhor das Feras e das Tempestades, o homem conhecido como Desbravador, Curador e, principalmente, Ahmose, levantou-se e me puxou para que eu também ficasse de pé. Em seguida me envolveu com seu corpo grande, aninhando-me em seu peito. Ali eu me senti em segurança, protegida, aquecida e, acima de tudo, amada. Mas mesmo naquele porto seguro, senti uma gota de chuva cair em minha testa. Outra gota tilintou no cabo da faca que se projetava do arnês que eu tinha largado despreocupadamente no chão.

Ahmose olhou para o céu. O sol havia se posto e a lua azul tinha nascido. Havia um halo escuro, premonitório, em torno dela. Franzindo a testa, ele disse:

– Venha, amor. Uma tempestade se aproxima. Precisamos encontrar abrigo.



Tempestade do mal

O céu se abriu acima de nós e a chuva densa desabou sobre as pedras do rio em cortinas pesadas. Ela golpeava nossas costas com gotas que queimavam, furiosas. A tempestade tinha um cheiro amargo – como o de creosoto e cinzas. Ahmose se afastou alguns passos, tentando encontrar um caminho, e, quando voltou, seu cabelo estava escorrido para trás, pingando. Até os unicórnios baixaram a cabeça e continuaram andando com dificuldade. Seus cílios compridos se grudavam e gotas de chuva cor de lavanda escorriam das pontas, descendo pela cara branca como se fossem lágrimas.

Nuvens escuras, de um preto arroxeado, obscureciam as luas e as estrelas. Raios caíam perto de nós e o cheiro de ozônio e madeira queimada enchia minhas narinas. As plantas pareciam se dobrar sobre si mesmas, enrolando as folhas e puxando os estames com força contra os troncos. Meu coração batia rápido e frenético quando um trovão ribombava, fazendo o chão tremer.

Segurei o braço forte de Ahmose.

– Você não consegue fazer com que ela pare? – gritei, precisando erguer a voz acima do barulho da tempestade para ser ouvida.

Ahmose balançou a cabeça.

– Alguma coisa está errada – gritou de volta. – Meus poderes não estão funcionando. Mas encontrei uma caverna não muito longe daqui. Tem tamanho suficiente para nós e os unicórnios.

Ele tentou me dar um sorriso tranquilizador, mas saiu tenso, mais parecendo uma careta do que um sorriso. Alguma coisa estava mais do que errada.

Finalmente, depois de sermos golpeados pela tempestade por mais de uma hora, chegamos à caverna. Ahmose entrou primeiro, mas voltou rapidamente depois de examiná-la e pegou minha mão, guiando-me para dentro. Os unicórnios nos seguiram, os músculos das costas se contraindo e a cabeça sacudindo para tirar a água do pelo e da crina densa.

Juntei meu cabelo encharcado em cima do ombro e torci. Não conseguia enxergar mais de 1,5 metro à frente, mesmo com a visão noturna de Tia, por isso não sabia como Ahmose era capaz de se mover sem tropeçar. Ele voltou pouco depois de sair do meu lado, dizendo que não tinha conseguido encontrar madeira seca suficiente para uma fogueira. Então murmurou um encantamento e sua pele se iluminou por dentro. Seus olhos ardiam como faróis na neblina, o que explicava como ele podia enxergar tão bem no escuro.

– O que é isso? – perguntei, fascinada, segurando sua mão e virando-a para examinar a luz que emanava dela.

Uma espécie de calor, suave e agradável, passava da sua pele nua para a minha. Seu corpo reluzia prateado na caverna escura, mas eu estava mais interessada em como seu poder me iluminava por dentro.

– Todos os meus irmãos têm essa capacidade. Mas talvez você não lembre.

– É... é incrível – falei, pegando sua mão e a pressionando no espaço acima da minha clavícula. Ofeguei quando meu coração disparou, enlouquecido com o toque. – Dói?

Ahmose riu baixinho.

– Não. – Depois de esticar os dedos e passá-los de leve no meu queixo, provocando-me arrepios até a raiz dos cabelos e ao longo da coluna, disse, rouco: – Haverá mais disso em outra hora, amor.

Ele recuou e pegou algumas pedras grandes, depois esfregou as mãos na superfície delas, uma a uma, murmurando algumas palavras em

egípcio. As pedras começaram a brilhar com a mesma luz prateada que emanava de sua pele. Ele as posicionou em reentrâncias pela caverna e depois disse que ia fazer uma roupa nova e se trocar. Com alguma relutância virei as costas para ele e fui até a borda da caverna, para lhe dar alguma privacidade.

Fios finos e amarelos que deviam ter sido a teia de alguma aranha alienígena esvoaçavam sobre as pedras quando o vento que açoitava a caverna e os rompia. Toquei a ponta de um, que se grudou no meu dedo. Depois levantei a pedra luminosa na palma da mão e, numa inspeção mais de perto, encontrei os restos meio destruídos de uma teia brilhando com a chuva.

Estremecendo e esperando ver uma planta aranha fosforescente ou algo ainda pior pronto para pular em cima de mim, esfreguei o dedo na pedra para me livrar da teia. Em seguida, transpus a boca da caverna. Mais abaixo, o rio roxo estava quase preto. Ele fluía furioso pelas margens como um pretendente rejeitado, decidido a destruir tudo o que antes lhe dava forma e direção.

Ahmose parou ao meu lado vestido com roupas secas e segurando outra pedra reluzente. Tinha deixado sua luz interior se dissipar e me vi ligeiramente desapontada. Queria tocá-lo de novo enquanto estivesse luminoso. Quando gotas de chuva bateram na pedra que ele segurava, elas chiaram e desapareceram como se a pedra queimasse como fogo. Curiosa, estendi a mão para tocá-la e vi que estava quente, mas não a ponto de queimar minha pele.

– Vou esperar aqui – disse Ahmose baixinho. – Vá se trocar.

Assenti com a cabeça, deixei-o na entrada da caverna e me dirigi para os espaços sombreados no fundo. Nas profundezas da cavidade escura da montanha eu me sentia vulnerável, desfocada, como se tivesse entrado em algum tipo de mundo onírico. Tia e Ashleigh estavam estranhamente quietas, considerando os acontecimentos das últimas horas, mas uniram sua energia à minha para criar roupas novas.

A areia girou à nossa volta, secando meu cabelo com o vento. Quando a tempestade amainou, eu usava uma túnica de linho maleável

verde, cor que suspeitei ter sido escolhida por Ashleigh. Vestia ainda uma legging confortável e sapatos de solado macio. Um cinto com pequenos discos dourados envolvia minha cintura e me acompanhava em sincronia perfeita quando eu me movia.

O escaravelho verde permanecia no centro. Fiquei pensando no que aquilo simbolizava e por um momento senti que era uma algema muito linda, mas, ao mesmo tempo, muito solene. Era uma lembrança de que eu pertencia a um homem do qual não me lembrava, e me ressenti ao pensar que eu não tinha opção em relação a quem amava.

Com cuidado, soltei a joia e a coloquei na aljava para mantê-la em segurança. Sabia que deveria me sentir culpada em relação ao meu recente relacionamento com Ahmose, mas não me senti. A garota que amava Amon tinha desaparecido. Talvez para sempre. Corri as mãos pelo corpo e pelos cabelos, surpresa ao encontrá-los solto às costas, e não em um dos coques elaborados de Ashleigh.

Feliz por finalmente estar quente e seca, voltei para perto de Ahmose, sentindo-me inexoravelmente atraída por ele. Todas as peças que formavam meu novo ser se fundiam e se moviam na direção de uma coisa: Ahmose. Eu era uma massa de partículas de metal e ele era o meu ímã.

Quando o alcancei, envolvi sua cintura com os braços e apoiei o rosto em suas costas, agarrando-me a ele.

– As barreiras caíram – disse Ahmose baixinho, segurando minhas mãos cruzadas e fazendo força contra elas.

Virei o rosto, com o queixo apoiado em sua espinha.

– O que isso quer dizer?

– O fato de eu não ter mais poder sobre a tempestade significa que Seth, ou pelo menos seus lacaios, assumiram o controle deste lugar. Não podemos mais esperar que nossa jornada seja fácil. Felizmente estamos prestes a sair deste mundo.

Com um resfolego, perguntei:

– Você chama de fácil o que nós passamos?

– Relativamente, considerando tudo.

Como se quisesse comprovar a declaração dele, o vento açoitou freneticamente, uivando pela caverna como uma fera acorrentada que finalmente houvesse sido libertada, e fez uma pequena avalanche de pedras cair da borda da caverna. Lembrei-me da lua com o halo e o terror me dominou. Esperava que a lua tivesse alertado apenas sobre a tempestade. A ideia de Ahmose ser arrancado de mim era impensável. Meus punhos se fecharam de encontro à barriga dele. Eu não deixaria isso acontecer.

– *O vento que não sopra bom para alguém é ruim* – murmurei baixinho e então percebi que o pensamento não tinha sido meu. Viera de Ashleigh. Nós estávamos nos unindo de novo.

– Concordo – disse Ahmose distraído, olhando a noite tempestuosa.

Ele pegou minha mão e me puxou para a frente dele. Pôs minha cabeça embaixo de seu queixo. Meus braços permaneceram travados em torno de sua cintura. Distraidamente, ele acariciou meu cabelo, os dedos atravessando-o para massagear a carne macia da minha nuca.

Raios espocavam repetidamente, clareando a paisagem com golpes cruéis. Olhei para o terreno e depois de volta para ele. Quando a luz caía no rosto de Ahmose, lançava suas feições nas sombras e por um momento ele se assemelhava aos irmãos na morte. Ainda bonito, mas com cavidades escuras que o tornavam mais parecido com um sedutor demônio da noite que deixara o caixão para procurar alguém que queria carregar com ele para a sepultura.

Ele me olhou e o distanciamento em seus olhos, a fadiga e a preocupação que vi neles se dissolveram até só restar o lustro brilhante do contentamento.

– Venha, amor – disse ele. – Não podemos fazer nada até que a tempestade passe.

– E se ela não passar?

– Ainda posso sentir o poder dela. Esta tempestade vai durar até de manhã. Vamos descansar e partir amanhã. Nebu me garante que estamos perto do ponto de saltar.

Assenti e o acompanhei, indo para o fundo da caverna. Os

unicórnios estavam dormindo, de pé um ao lado do outro, posicionados de modo que um estava virado para um lado e outro na direção oposta.

– Por que eles dormem assim? – perguntei.

– Cada um vigia numa direção diferente. Assim ninguém pode se esgueirar e pegá-los desprevenidos.

Ahmose ajeitou o corpo grande contra a parede da caverna, puxando sua capa por cima de nós dois. Sentei-me ao lado dele, aninhando a cabeça em seu ombro. Mesmo ele estando relaxado, eu podia sentir os músculos de seu braço através da camisa. As pedras reluzentes que brilhavam como estanho, junto com a luz sutil que vinha do pelo e da crina dos unicórnios, pintavam a caverna com uma suavidade onírica, romântica.

Minha cabeça balançou sonolenta e meus pensamentos tornaram-se desfocados, mas eu ainda não conseguia deixar de olhar as feições finas do homem que me enlaçava como se eu fosse a coisa mais valiosa do mundo. Por fim, escorreguei para o espaço silencioso entre a vigília e o sono e escutei vozes baixas. Elas me tranquilizavam e confortavam. Era como cair no sono com alguém que você ama enquanto lê uma história.

– Vocês duas precisam descansar, Ash – disse Ahmose.

Eu podia vê-lo, ouvi-lo e sentir seu toque, mas de algum modo sabia que não era para mim que ele estava olhando.

– *Eu sei* – disse minha boca. – *Só que há... há uma coisa que eu preciso saber.*

– O que é?

– *Quem você ama?*

Meu eu do sonho olhou para Ahmose e viu seus olhos brilhando como o luar. O fato de eles parecerem duros e distantes, como se ele estivesse guardando segredos, talvez fosse fruto de minha imaginação.

– O que você está perguntando, Ashleigh?

– *É uma pergunta simples, bonitão. Estou perguntando quem de nós você ama. Tia, Lily ou eu?*

– Meu afeto precisa estar restrito somente a uma de vocês?

– *O nosso precisa? Achei que você não gostava muito de compartilhar*

com seus irmãos.

O corpo dele se enrijeceu por um momento e sua expressão ficou sombria como um mar esfriado subitamente por uma tempestade distante. Isso me fez estremecer. Mas então, com a mesma velocidade com que havia surgido dentro dele, a tempestade amainou e de novo tudo ficou calmo na superfície.

– Meus irmãos são um obstáculo que vamos transpor na hora certa.

– *Lily pode acreditar que o ama agora, com você todo vistoso, musculoso, cheio de sorrisos e beijos doces, muito doces, mas como você espera superar Amon se ela lembrar?*

– Acho que nesse caso ela terá de pesar as opções e escolher.

– *Ela não é a única a decidir, você sabe.*

– Sei. Como poderia não saber?

– *Pode ser útil, rapaz, ter alguém do seu lado, por assim dizer.*

Ahmose sorriu.

– Você está do meu lado, Ash?

– *Não sei se posso dizer com certeza. Amon é um sujeito bonito.*

Ele fez uma pausa, tocou a ponta do meu nariz com o dedo e depois perguntou:

– E quem *você* escolheria, Ashleigh?

– *Não é justo me fazer essa pergunta quando você não respondeu à minha.*

Suspirando, ele pegou minha mão e entrelaçou os dedos nos meus.

– Não sei se é possível separar como me sinto em relação a cada uma de vocês. Respeito todas as três. Gosto de todas as três.

– *Mas ama as três?*

Ahmose abriu um sorriso suave, mas foi uma coisa assombrada, uma imitação tosca e triste da expressão feliz de antes.

– *Ah, então temos nossa resposta, não é?*

Meu coração doeu no peito como se uma pedra quente tivesse sido posta no espaço onde ele deveria ficar.

Prossegui, minha boca envolvendo as palavras cuidadosamente, apesar de elas entorpecerem meus lábios enquanto eu falava:

– Muito bem. Se é um afogamento que você pretende, não me atormente com águas rasas, amor. Parta o meu coração de uma vez.

Provoquei-o com palavras para acrescentar mais combustível ao fogo. Dei-lhe espaço para deixar a língua se mover imprudente e me golpear com a verdade. Para ele, eu não passava dos restos tristes e patéticos de uma garota que fora desenraizada da história muito tempo antes.

O fato de eu estar embriagada por sua proximidade, de ansiar por tocá-lo e ser tocada por ele, de considerá-lo melhor do que as pedras preciosas em todo o seu esplendor multifacetado e brilhante, e seus braços mais reconfortantes do que o ninho mais macio em um vale de fadas, não fazia diferença. Suas palavras seguintes iriam me derrotar com a mesma certeza com que ele derrotava os inimigos. Seriam uma faca cravada em mim, que me desfaria completamente. Lágrimas escaparam dos meus olhos traidores e escorreram pelas faces.

Ahmose segurou meu rosto e enxugou uma lágrima com o polegar.

– Você usava uma coroa de flores de maçã no dia em que se escondeu na árvore.

– *Eu... sim, eu usava* – repliquei, espantada.

– Você sabia que o homem teria matado você com a mesma facilidade com que matou a árvore?

– Melhor o problema que vem depois da morte do que o que vem depois da vergonha.

– Ele teria envergonhado a si mesmo, e não a você. Se estivesse lá, eu o teria matado.

– Mas você não gosta de matar.

– Não. Não gosto. Mas qualquer homem que estragasse a doce inocência que você era, a jovem doce que você *é*, não é digno de andar na face da Terra, aliás, em nenhum outro lugar.

Gentilmente, ele passou os dedos pela minha testa, soltou as mechas de cabelo que se grudavam nas bochechas molhadas de lágrimas e as prendeu atrás da orelha. Meu coração retorcido bateu uma vez, mas o

som saiu raso, lacerado, como uma baqueta golpeando a pele rasgada de um tambor.

As fadas podiam morrer de coração partido. E, assim que encontravam alguém para amar, nunca mais amavam outra pessoa. Eu nunca tinha pensado que isso aconteceria comigo. Como poderia encontrar alguém para amar no mundo dos mortos? Será que a árvore das fadas tinha tido todo o trabalho de me ajudar só para que eu pudesse perecer neste planeta solitário? Sem ser amada e sem ser desejada?

Torci para que Ahmose acabasse logo com aquilo. Que causasse toda a dor de uma vez ao invés de tentar passar mel na faca que cravaria em mim. Cada carícia de seus dedos era um tormento. Um lembrete de que eu estava apenas usando o rosto da garota real que ele amava. Aquela que podia retribuir seus carinhos e abraçá-lo. O que eu poderia oferecer a um homem como ele? O que eu esperava?

Finalmente ele falou:

– Ashleigh, acredite ou não, existem coisas que eu não sei. Caminhos que não consigo ver. Na maioria das vezes que você fala, sei que é você. Conheço a voz de Lily. E a de Tia. Mas às vezes há uma mistura. Uma fusão de almas. As diferentes partes de vocês, as coisas que definem Lily, você ou Tia são todas coisas que me interessam. São partes que passei a amar. Sei que não é isso que você quer ouvir. Não exatamente.

Ele respirou fundo antes de continuar:

– Mas há outra coisa que quero que você entenda. Tracei o caminho de vida de vocês três. Vi vocês crescerem. Vi as escolhas que fizeram. E passei mais tempo olhando as suas. Horas. Não, dias, na verdade. Durante as semanas em que estivemos separados, enquanto eu supostamente estava guardando o além com Asten, segui o seu caminho. Eu conheço você. Conheço a pessoa que você era quando mortal. Conheço a versão travessa da fada. E conheço o que você é agora.

Ahmose ficou ainda mais sério e prosseguiu:

– Então, se você está perguntando se eu poderia amar apenas a garota irlandesa, pequena e de cabelos encaracolados, a que bate o pé quando fica irritada e estreita os olhos verdes com mau humor, se quer

saber se eu poderia passar horas traçando os padrões das sardas nos ombros dela e beijando seu rosto e a boca doce que se curva como um arco escondendo o presente mais lindo quando sorri, a resposta é sim.

Um pequeno som ofegante escapou dos meus lábios.

– *Tem certeza? Porque, assim que você disser, eu vou acreditar na sua palavra.*

– Por que você acha que eu estive sacrificando o sono muito necessário noite após noite só para ficar sentado perto de você ouvindo suas histórias? Mesmo quando durmo, persigo você nos sonhos como um cachorrinho ansioso. Anseio por me deitar numa campina de trevos com a cabeça no seu colo, com você passando os dedos pelo meu cabelo, e por cair no sono com a cadência da sua voz acariciando meus ouvidos. A verdade é que você não sai dos meus pensamentos desde que falou comigo pela primeira vez.

Pus a mão no seu rosto.

– *E você não sai dos meus.*

Seu sorriso foi rápido e terno. Com os olhos semicerrados, ele me beijou, e pareceu algo diferente e novo. Esse beijo era especial. Era meu e de mais ninguém.

– Você tem gosto de morango, urze e pó das fadas – murmurou ele, com a barba áspera no meu rosto.

Ahmose suspirou convicções açucaradas, fazendo cócegas na pele macia atrás das minhas orelhas e curando as pequenas feridas no meu coração e seus minúsculos vazamentos. Logo eles se fecharam e o amor que eu sentia por ele ficou preso lá dentro, enchendo-o até quase estourar e pulsando de novo por minhas veias.

Envolvi seu pescoço com os braços, apertando-o com força, sentindo que a felicidade iria irromper do meu corpo e fazer chover uma alegria reluzente em tudo ao nosso redor. Ahmose fechou os olhos e me segurou frouxamente, contente enquanto eu explorava suas faces e seu queixo com os lábios, deixando uma trilha de suaves beijos de asas de fada.

Ele pôs a mão na minha nuca e me puxou de encontro a seu peito, cantarolando uma canção alegre de que eu me recordava de quando era

criança. Fez com que eu me lembrasse de cochilos de verão em campinas de flores silvestres, de frutinhas maduras comidas direto do pé e de pés mergulhados em riachos gelados. Sorrindo, fechei os olhos e deslizei para o sono, sentindo que, de algum modo, tudo daria certo e eu conseguiria ficar assim com Ahmose para sempre.

Era o mais doce dos sonhos. Mas, no fim, esse "para sempre" não durou tanto quanto eu esperava.



Acordei com um sobressalto. Ahmose tinha saído e o ar do pré-alvorecer se esgueirava pela caverna, silencioso e com um gume frio que parecia um tanto ameaçador. O brilho das rochas reluzentes tinha diminuído e a única luz vinha da lua fina e alaranjada piscando em meio às nuvens que recuavam. Essa luminosidade se estendia através da abertura da caverna, tingindo tudo de vermelho como uma inundação no inferno.

Os unicórnios estavam acordados. Remexiam-se em silêncio, nervosos e irrequietos, como se pressentissem um estouro de manada distante.

– O que aconteceu? – perguntei a Nebu. – Aonde Ahmose foi?

Antes que Nebu ou Zahra pudessem responder, uma figura escura entrou na caverna.

– Lily? – chamou Ahmose. – Precisamos ir, depressa. Estamos sendo caçados.

– Caçados? – Imediatamente me levantei e peguei a capa de Ahmose.

Depois de sacudi-la, fui até ele, entreguei-a e comecei a prender meu arnês. Ele me fez virar para me ajudar e então senti o peso sólido de sua capa quando ele a colocou nos meus ombros.

– *É a mesma fera que tentou nos pegar antes?* – perguntou Tia, vindo à frente.

– Não sei – respondeu ele. – Mas, o que quer que seja, está buscando nossa destruição.

Ahmose beijou rapidamente minha testa e me ajudou a subir nas costas de Nebu.

– Nebu é o mais rápido – explicou. – Se alguma coisa acontecer, vou dizer a ele que caminho tomar e vamos nos separar para que eu possa atrair a fera para longe.

Pus a mão em seu braço.

– Não, Ahmose. Não vamos nos separar – falei, novamente no controle do meu corpo.

Ele tentou me dirigir um sorriso tranquilizador.

– Vamos evitar isso, se pudermos.

Podemos voar, se necessário, disse Nebu. *A distância até a borda não é muito grande.*

Ahmose assentiu com a cabeça, concordando com a avaliação de Nebu.

Deixamos a caverna, seguindo o caminho que só Ahmose conseguia ver. A meia lua espiava por cima de uma camada de nuvens que se moviam rapidamente diante dela. Ahmose parava frequentemente, mudando sempre de rumo, mas o que quer que estivesse vendo mantinha sua expressão sombria. Um pássaro estranho piou nas árvores escuras, parecendo uma coruja, mas com um som esganiçado no final. Eu não sabia se era o som natural ou se o animal havia capturado outra criatura e a silenciara com uma garra mortífera.

Mesmo depois de o sol nascer, a névoa densa lambia o topo das árvores, fazendo a luz que tocava o solo parecer sinistra e estranha. Ahmose tinha invocado sua arma a partir da areia e seus dedos iam na direção do cabo sempre que ele ouvia um ruído. Estava com olheiras e seu rosto bonito parecia cansado e preocupado.

Apesar de a tempestade ter passado, as árvores ainda estavam recolhidas em si mesmas. Com galhos flexíveis levantados e folhas enroladas, faziam com que eu me lembrasse de avestruzes muito altos enfiando a cabeça na areia, esperando que ninguém notasse suas formas volumosas. As plantas verdes e espinhentas que lembravam aloé tinham se enrolado com tanta força que pareciam varas altas enfiadas no solo.

Formavam uma visão lúgubre, erguendo-se como fileiras de sepulturas sem identificação.

Quando o sol ficou mais alto, chegamos à crista de um morro e olhamos para o vale no momento exato em que o primeiro animal surgiu numa clareira. Ele se ergueu nas patas traseiras e farejou o ar, virando a cabeça para um lado e para outro. Era gigantesco. Se um velocirraptor e um tigre-dentes-de-sabre tivessem um filho, iria se parecer com esse animal. A pele era blindada, provavelmente o motivo por que os espinhos das plantas não o detinham. Quando virou a cabeça em nossa direção, identificando a presa, soltou outro bramido.

Vi o clarão não só de um par de olhos fosforescentes, mas de dois ou talvez mais em sua cara. Parecia algo saído de um filme de Godzilla. Onde estava o lagarto gigante quando a gente precisava dele?

– Ahmose? – gritei. – Acho que estamos encrencados.

Quase como se fossem uma só, o bando de criaturas saltou do meio das árvores e começou a subir a encosta rochosa, ágeis como cabras, raspando o solo com garras e cobrindo a distância em grandes saltos, o sol faiscando em seus corpos enquanto bramiam em triunfo. Estariam em cima de nós em minutos.

– Nebu, vá! – gritou Ahmose.

Com isso, o unicórnio começou a correr. As plantas acordadas reagiram, estendendo galhos para pegar meus cabelos e minha capa. Agarrando a crina de Nebu com uma das mãos, puxei uma das facas-lanças e golpeei os galhos que nos atacavam. Então, quase instintivamente, pus uma flecha no arco e a disparei contra o tronco de uma árvore próxima. Para minha consternação, vi que eram as flechas de Ísis que eu estava pegando na aljava. Depois de atingidos, os galhos imediatamente se imobilizaram e recuaram. Usei mais duas flechas nas outras espécies de árvores que nos atacavam e elas também cessaram o ataque. Na minha mente, contei: *Oito, sete, seis. Restam seis flechas.*

O terror percorreu minhas veias como água num arroio do deserto, violento e agressivo, enquanto as criaturas atrás de nós continuavam

subindo velozmente, ainda em nosso encalço. Pelo menos as árvores ao redor não estavam mais barrando nosso caminho.

Ahmose se virou e passou rapidamente por mim, enfrentando a primeira fera e arrebentando o crânio dela com sua maça. *O que ele está pensando? Que pode enfrentar o bando inteiro?*

Ele está atraindo-os para longe, disse Tia. *É uma atitude nobre.*

É uma atitude idiota, contrapus.

– Dê meia-volta, Nebu.

Não farei isso, Senhora Esfinge.

– Fará, sim.

Ele não vai se arriscar demais. Confie nesse homem. Ele sabe o que está fazendo.

Eu confiava em Ahmose, mas como poderia deixar que corresse perigo? Ele era poderoso, mas eu também era. Nebu se virou, subindo por uma nova trilha, o que me deu uma boa vista do que acontecia mais embaixo. Pus outra flecha no arco e disparei. Ela penetrou no peito de um dos animais. *Cinco*, pensei. O animal vacilou e cambaleou, mas os outros continuaram vindo. Disparei de novo. *Quatro. Três.* Por enquanto Ahmose estava seguro. Três das criaturas rolavam montanha abaixo, mortas ou seriamente feridas, mas não reagiam às flechas como espécie, como havia acontecido com as árvores. Ahmose subia rapidamente de novo, tomando um novo caminho que eu sabia que logo iria cruzar com o meu.

Chegamos a outra curva da trilha. Ahmose nos alcançou e gritou:

– Vocês estão bem?

– Estamos – gritei de volta.

– Precisamos voar. Sinto muito, Nebu, mas não temos escolha.

Muito bem, disse Nebu. *Vamos torcer para que a sorte nos favoreça.* Os músculos do unicórnio se contraíram embaixo de mim e, de repente, suas asas se abriram e ele saltou para o céu com um silvo. Zahra o seguiu e logo deixamos para trás o topo da montanha com sua cobertura de árvores carnívoras. O bando de feras chegou ao pico e uivou, furioso por ter perdido a presa.

Um instante depois, enquanto os unicórnios viravam para oeste, na direção oposta à do sol nascente, um som parecido com o de mil cigarras cresceu à nossa volta. O chiado subia e descia como se um enxame invisível girasse em torno de mim e depois de Ahmose. Dava mais medo quando o som desaparecia. Subimos mais, voando tão alto que eu não ousava olhar para baixo. Quando criei coragem, não pude conter o grito que brotou dos meus lábios.

Abaixo de nós uma criatura gigantesca saltou para cima. Sua boca enorme, cheia de dentes, escancarava-se como a de um tubarão. Voamos para dentro de uma nuvem e não pude vê-la com clareza por um momento. Mas então as pontas das enormes asas sem penas, que pareciam as de uma arraia, rasgaram as nuvens. O focinho e o corpo esguio como um torpedo vieram em seguida.

Depressa, Zahra, alertou Nebu.

Minúsculas criaturas parecidas com pássaros voavam em bando em volta do grande predador, seguindo-o como rêmoras. O chiado retornou e percebi que elas serviam como uma espécie de ecolocalização para a criatura, porque, quando faziam o barulho, ela se posicionava de novo e seguia em frente. Já bem perto, tentava morder os cascos traseiros de Zahra.

Ahmose entoou um feitiço e a criatura parou momentaneamente, batendo as asas enormes, depois continuou vindo em nossa direção.

Tentei ajudar canalizando meu poder para descobrir o nome da criatura, mas o enxame que nos circundava tornava difícil separar a ameaça principal. Era como se elas envolvessem a fera com estática ou uma espécie de ruído branco que dissipava minha capacidade. Usei uma flecha preciosa, que acertou o alvo mas não diminuiu a velocidade da criatura. *Duas*, pensei.

Guarde as outras, disse Tia. *Essa coisa não vai reagir a elas.*

Estamos quase chegando, gritou Nebu.

Consegui vislumbrar um buraco escuro no céu. Os unicórnios esticaram o pescoço e dispararam naquela direção. Íamos conseguir. Então o enxame caiu sobre nós. Percebi que se assemelhavam mais a

abelhas gigantes do que a pássaros. Zumbiam e zumbiam, e o tubarão alado chegava mais perto.

Ele não pode nos seguir até lá!, exclamou Nebu. *Segurem-se!*

Nebu e eu passamos primeiro pela abertura. A cabeça e as patas dianteiras dele desapareceram na escuridão. O enxame bateu na barreira e, atônito, partiu zumbindo em várias direções. Isso confundiu o predador que nos caçava. Alguns daqueles insetos bateram nas minhas costas e ricochetearam na capa. Minhas mãos e os braços entraram no vácuo. Um segundo antes que eu passasse por completo, senti uma picada no pescoço. Levei a mão por baixo do cabelo, arranquei um ferrão grosso e o larguei no ar.

Ahmose atravessou rapidamente atrás de nós. Quando me virei para olhar, ainda pude perceber o que restava do enxame e ver o confuso tubarão alado voando em círculos, tentando saber para onde tínhamos ido. O tom rosa-púrpura do céu transformou-se no negrume do espaço e logo fomos envolvidos por estrelas.

– Onde estamos? – sussurrei para Nebu.

Este é o local de transição, o Lugar Onde os Sonhos Nascem. Você o atravessou uma vez, embora não lembre.

– Atravessei?

Sim.

Esfreguei os braços.

Está ficando frio.

Tia fez alguma coisa e logo meu corpo se aqueceu.

Obrigada, eu disse a ela.

O jorro de adrenalina que tinha me movido antes foi passando e meus membros começaram a ficar pesados. Voávamos num ritmo tranquilo. Os unicórnios, cansados, batiam o ar com movimentos de asas lentos mas firmes. Agora que não éramos perseguidos por coisas que queriam nos comer no café da manhã, Tia disse:

Precisamos conversar.

– O que foi? – perguntei.

Em particular.

Ah. Você está bem? Alguma coisa a está incomodando?

Acho que precisamos falar sobre ele.

Ele? Você se refere a Ahmose?

Sim.

Precisamos mesmo fazer isso agora?, perguntou Ashleigh.

Acho que... acho que... deveríamos.

Tia?, perguntei. Não houve resposta.

– Tia? – falei em voz alta.

Acho que ela caiu no sono, disse Ashleigh, depois hesitou um momento. *Ah, não.*

Ash... leigh? Minha mente estava confusa, como ficara quando a planta havia me espetado. Levei a mão à nuca e toquei o lugar onde tinha sido picada. Havia um calombo ali e um líquido pegajoso escorria do ferimento.

– O inseto... o inseto... deve ter... nosss... drogado.

Não!, gritou Nebu na minha mente. *Ashleigh, você precisa assumir o controle. Lily não pode cair no sono aqui! Não pode!*

Eu... não posso, comecei a dizer, mas então minha cabeça rolou para trás e me senti subitamente sem peso. Ouvi Ashleigh gritar na minha mente e de repente tudo ficou escuro.



O sono da morte

– Lily!

Alguém estava gritando meu nome, gritando repetidamente, como se fosse o fim do mundo. Eu só queria dormir. Seria pedir demais? Era verão. A faculdade ainda não tinha começado. Então por que meus pais estavam berrando tão alto?

Minha cabeça doía. Especialmente na nuca. E, de repente, a voz que gritava meu nome se interrompeu e a dor cessou. O silêncio era uma bênção. Paz. Eu me sentia afastada de todas as preocupações, de cada coisa incômoda que pesava na minha mente consciente.

Não sei quanto tempo dormi, mas, quando voltei a mim, despertei devagar, esticando os braços e as pernas e ondulando os ombros como um gato sonolento. Pela primeira vez em muito tempo, não sentia ninguém me apressando, precisando de mim, e não precisava responder a ninguém.

Quando finalmente abri os olhos, não entendi o que via. Uma névoa pesada cobria meu corpo e, ao me sentar, ela fluiu em torno da cintura, cobrindo-me as pernas. Eu estava com um vestido branco simples que rodopiava em volta do corpo. Acima de mim, o céu era cheio de nebulosas e galáxias de todas as cores do arco-íris se agitando. Mas em todas as direções, até onde eu podia ver, não havia nada além de névoa branca. Quando agitei a mão perto dos pés descalços, vi que o chão também era branco. Não era granito nem mármore, mas era liso e duro.

Onde estou?, pensei. *É o sonho mais esquisito que já tive.*

Uma voz triste respondeu: *Nós caímos.*

Como uma pedra rolando morro abaixo, tudo voltou subitamente. Bom, não tudo *tudo*, mas o suficiente. Eu não estava em casa, na minha cama quente em Nova York. Não estava curtindo merecidas férias de verão. Estivera cavalgando um unicórnio em outro planeta. E, ah, sim, tinha duas passageiras de carona no meu crânio, estava meio apaixonada por uma múmia ressuscitada *e* precisava salvar o universo.

– Ashleigh – falei simplesmente –, cadê Tia?

Ainda está dormindo. As toxinas daquele mundo têm mais efeito sobre ela.

– Certo. Quanto tempo fiquei apagada dessa vez? E onde estão o arco, a aljava e o arnês com as facas-lanças?

Não sei. Também não consigo ter noção do tempo aqui. Não sei se perdemos nossas armas ou não.

– Você acha que isto é o céu? Nós morremos na queda? – Não era o pior destino que me ocorria.

Não quero insultar você, mas eu gostaria de pensar que, se morrer, serei um fantasma sozinho em vez de ficar assombrando a sua mente.

– Certo.

Comecei a andar, mesmo não tendo para onde ir. Nós duas ficamos aliviadas quando Tia acordou. Ela sugeriu que tentássemos usar nosso poder. Não deu certo. Não conseguíamos nem usar as habilidades da esfinge. Depois de um tempo indeterminado algo mudou.

A princípio, achamos que fosse chuva caindo do céu, mas as gotas eram grandes demais e nunca tocavam o solo. Quando chegaram perto, vimos que eram mais como bolhas ou discos de vidro girando. Logo estávamos cercadas por essas placas brilhantes, e, enquanto flutuavam, pude ver imagens refletidas nelas. Imagens em movimento.

– O que é isso? – perguntei, estendendo a ponta do dedo para cutucar uma.

– Eu não tocaria nisso. Pelo menos por enquanto – disse uma voz masculina atrás de mim.

Girei e Tia correu rapidamente à frente, me empurrando para fora do caminho em sua ansiedade de falar.

– *Asten!* – gritou.

O homem bonito sorriu de modo um tanto petulante, com um lado da boca se levantando mais do que outro. Se Tia não tivesse dito o nome dele, não sei se o teria reconhecido do sarcófago. Havia tanta vida em sua expressão que eu não conseguia associá-la ao corpo que tinha visto antes.

– Olá, senhora leoa – disse ele, fazendo uma ligeira reverência.

O riso fácil do sujeito era charmoso demais, na minha opinião. Eu não confiava em homens que riam fácil. Mas, por outro lado, eu não tinha confiado totalmente em Ahmose também, quando o conheci.

É este que você ama?, perguntei a Tia.

Ele é o irmão de Ahmose, explicou ela, sem acrescentar mais nada.

Sim. Isso eu deduzi. Como ele está aqui? Pergunte a ele onde estamos e o que, exatamente, aconteceu conosco. Pergunte sobre minha memória também. E onde estão Nebu e Ahmose? Ele pode nos levar de volta até eles?

Tia suspirou.

É melhor você mesma perguntar, disse ela e trocou de lugar comigo.

Antes que eu pudesse fazer qualquer das minhas perguntas, ele se adiantou:

– O que vocês fizeram, garotas?

– Fizemos? Como assim? Não *fizemos* nada. – Pus as mãos nos quadris e franzi a testa. – Aliás, eu sou Lily. Prazer em conhecê-lo. Tia me falou um bocado sobre você.

Não tinha falado. De verdade, não. Somente de seu papel naquela história do Egito. Sem dúvida ela havia deixado de lado algumas partes mais interessantes.

Ele cruzou os braços e examinou meu rosto com uma percepção muito mais do que casual.

– Olá, Lily – respondeu com as sobrancelhas levantadas. – É, hã... um prazer *conhecê-la* também. – Ele fez um gesto na minha direção. – Mais

tarde vamos descobrir o que está acontecendo com você. Primeiro precisamos tirar as senhoras daqui.

– Certo. E onde, exatamente, é "aqui"?

– Parece que vocês três ficaram presas no Lugar Onde os Sonhos Nascem.

– Certo – falei. – E como nos libertamos? Existe uma porta ou algo assim? – perguntei, olhando em volta, esperançosa.

– Receio que você não entenda a seriedade do que aconteceu. Veja bem, vocês três se tornaram um sonho, uma invenção da imaginação. O único modo de escapar é se alguém sonhar vocês de volta para a realidade.

– Não entendo. Então como *você* pode estar aqui?

– Eu não estou aqui. Não de verdade. Meu eu do sonho está aqui. Isso é parte do meu poder como Filho do Egito.

– Ahã. Então por que *você* não sonha com a gente? A menos que isso agora já conte – acrescentei com otimismo.

Asten balançou a cabeça.

– No momento não estou de posse do meu corpo mortal. Estou preso na *oubliette* de Maat.

– Bom, então Ahmose ou o Dr. Hassan?

Ele esfregou o queixo com a palma da mão.

– É possível, mas eles teriam de trazer vocês uma a uma. Veja bem, cada uma de vocês tem um mundo dos sonhos diferente e só podem acessar o reino mortal através de um mundo dos sonhos que vocês mesmas fizeram. Eu não depositaria muita esperança em Hassan. Ultimamente os sonhos dele são com uma pessoa que está bem mais perto dele. Nossa melhor aposta é Ahmose.

– Vovó – murmurei.

– Sua avó? – perguntou ele.

Confirmei com a cabeça.

– Acho que ela e o Dr. Hassan estão um pouco apaixonados.

– Interessante. – Asten piscou, depois sorriu e estendeu a mão. – Vamos encontrar o mundo dos sonhos de Ashleigh? Ahmose tem mais

probabilidade de sonhar com ela e levá-la para a existência primeiro. Desde que Nebu explique o que aconteceu, é claro.

– Por que é mais provável que ele sonhe com Ashleigh primeiro? – perguntei.

Asten me dirigiu um olhar penetrante, mas optou por não responder. A fada dentro da minha mente também não acrescentou nada. Fomos andando em silêncio por um tempo, Asten me lançando olhares estranhos.

– Ah – disse ele, parando e apontando para um disco espelhado que flutuava. – Aqui estamos.

A imagem girava na nossa direção e a cena interna era uma campina pitoresca na Irlanda com uma imensa árvore sombreando-a e flores azuis brotando no meio do verde. Dava para ouvir o gorgolejo de um riacho próximo e sentir uma brisa robusta, de verão, soprar de leve na pele.

– Bom, quando você tocar nele, estará no sonho de Ashleigh. Ahmose vai se juntar a ela e tirá-la de lá. Quando ele fizer isso, você e Tia vão passar para o sonho dela, mas Ashleigh terá ido embora.

– *Como assim, eu terei ido embora?* – perguntou Ashleigh, subindo e assumindo o controle do meu corpo.

– Quero dizer que você estará no lugar onde Ahmose está sonhando em sua forma física. Você vai ser como um fantasma. Ele não vai poder tocá-la nem vê-la, mas Nebu vai. Diga a Nebu que Ahmose terá de sonhar com Tia e Lily sucessivamente. Assim que Lily voltar à forma física, presumindo, claro, que Ahmose e Nebu a tenham recuperado, você e Tia vão naturalmente entrar na mente dela outra vez.

Havia uma enorme quantidade de "se" nesse discurso do que iria acontecer em seguida e eles me deixavam desconfortável de toda maneira possível. Eu teria falado disso, mas no momento Ashleigh estava no comando do show.

– *É mesmo possível dizer para uma pessoa sonhar com uma coisa e fazer isso acontecer?* – perguntou Ashleigh, a mente cheia de dúvidas.

Eu concordava com ela nesse ponto. Nunca tinha ouvido falar de alguém induzir a si mesmo a sonhar com outra pessoa.

– Você vai ficar surpresa com a influência que a vontade pode ter sobre seus sonhos – disse Asten baixinho. – Acredite. Sou uma espécie de especialista. – Ele levantou a cabeça e fechou os olhos. – Sim. Ele está pronto. Vá em frente e toque no sonho. Boa sorte. Vejo vocês duas em breve – acrescentou.

Presumi que ele estivesse falando de mim e de Tia.

Uma das minhas mãos se estendeu para o sonho enquanto a outra se movia por vontade própria e segurava o braço de Asten. Ele tinha se virado para olhar outro disco que girava às nossas costas, mas, quando toquei seu braço, ele parou e me encarou.

– Não se preocupe – disse com ternura enquanto segurava minha mão e apertava. – Eu venho encontrar você. Prometo.

Nesse momento minha outra mão tocou na bolha, que me sugou para dentro. Asten e a névoa branca foram varridos para longe e nós giramos num vórtice, com o céu fazendo redemoinhos acima. Por fim as faixas azuis e brancas diminuíram a velocidade e pararam. Eu estava deitada de costas, os braços atrás da cabeça, olhando o azul fresco de um dia de primavera.

O solo parecia macio embaixo de mim. Arranquei um punhado da vegetação e comecei a contar as folhas de trevo, procurando algum da rara variedade de quatro folhas. Virando a cabeça na direção de um barulho, vi que estava deitada num leito de alguma coisa vermelha e elástica.

Sentei-me rapidamente e descobri que a coisa vermelha se movia comigo. Era meu cabelo. Puxei um feixe e descobri que era comprido. Tão comprido que eu podia esticar o braço inteiro segurando a ponta dele. Quando soltei o feixe, ele voltou, misturando-se à massa que se derramava sobre meu ombro.

O som próximo era de um esquilo guinchando enquanto subia rapidamente o tronco grosso de uma árvore ali perto. Raízes grandes se projetavam do chão e, enquanto eu me maravilhava com o tamanho delas, percebi que o tronco teria de ser grande assim para sustentar o peso considerável da copa pesada. Pássaros bêbados de primavera

piavam, perseguindo-se uns aos outros num deleite feliz, voando de um galho para outro.

Estendi os braços e vi que tinha membros delicados como os de uma corça e pálidos como o leite de Mandona. Minha pele era como creme batido com açúcar. Em contraste com o trevo verde, as pernas nuas pareciam manteiga espalhada sobre ervilhas frescas. Toquei o rosto e senti a linha dos lábios, da bochecha e do maxilar, e soube que a forma era muito diferente da minha. Meu nariz agora era pequeno, petulante, e desejei ter um espelho para ver como eu era. Um riso borbulhante escapou dos meus lábios. Finalmente eu tinha a aparência que devia ter.

Meus pés ainda estavam descalços e agora ligeiramente sujos. Remexi os dedos dos pés ao sol da manhã e depois enfiei os pés e as pernas embaixo da saia volumosa do vestido feito em casa. Desamarrei uma fita que me incomodava no pescoço, tirei o chapéu de palha e afofei o cabelo encaracolado. Enfiando as mãos nos bolsos fundos do avental amarrado na cintura, encontrei, para meu deleite, um punhado de morangos silvestres.

Arranquei o cabinho e coloquei uma daquelas frutinhas gordas na boca, desfrutando da explosão de doçura.

– Espero que você tenha guardado um para mim – disse uma voz familiar.

Eu já ia responder quando descobri que não podia. Outra pessoa falou por mim:

– *Sempre guardo, bonitão.*

Ahmose sentou-se ao meu lado, passou o braço pela minha cintura e abriu a boca, esperando um morango. Tirei outro do bolso, arranquei o topo verde e fingi que ia dar a ele, mas em vez disso enfiei-o na minha boca, rindo.

– Ah, você vai me pagar – disse Ahmose.

– *É mesmo?* – provoquei. – *E quem por aqui é homem suficiente para me obrigar a isso?*

– Você, um mero fiapo de garota, está questionando *minha* masculinidade? – perguntou Ahmose com fingida indignação enquanto

me puxava de volta para a grama, meu cabelo se derramando de ambos os lados.

Ele colocou um braço de cada lado da minha cabeça e se abaixou até que seus lábios estivessem a poucos centímetros dos meus.

As feições fortes de Ahmose pareciam suaves e relaxadas. A tensão que punha arestas em seu maxilar e nos malares tinha se dissolvido. Inclinando-se, ele beijou meus lábios suavemente, movendo-se por eles como se quisesse memorizar sua forma pelo toque dos dele. Quando levantou a cabeça, murmurou:

– Já falei como você é linda?

– *Você é um demônio com língua de ouro, isso sim. Será que está achando que os elogios vão lhe garantir a maior parte dos morangos?*

Seu riso despreocupado aqueceu meu coração. Ele se sentou, me puxando. Segurou minha cintura e me pôs no colo, me abraçou com força, pressionando o nariz de encontro ao meu pescoço. Ahmose prosseguiu, me deixando louca com uma trilha de beijos que começava em uma orelha, descia pelo queixo, chegava ao outro lado e voltava. Tremi quando ele encostou os lábios no ponto sensível entre o canto do maxilar e a linha dos cabelos.

Quando ele finalmente ergueu a cabeça, eu estava tremendo, mas ele exibia um riso largo e abriu a mão, mostrando que agora estava de posse de todos os morangos do meu bolso.

Arquejei.

– *Você é mais do que um demônio com língua de ouro. Você é um ladrão apanhado em flagrante!*

– Melhor ser ladrão do que mendigo no jogo do amor. Vai me obrigar a implorar por mais dos seus beijos de morango, Ash, ou terei de roubá-los?

– *Você acha que vai me deixar caidinha de amor usando suas palavras de mel, mas eu sou feita de material mais forte. Além disso, um ladrão de verdade não perderia tempo com palavras, simplesmente pegaria o que quer. Você não me engana, Ahmose. Você é mais mendigo do que ladrão.*

O sorriso dele era fresco e puro como as maçãs verdes que cresciam

no pomar um pouco mais adiante, perto do riacho. Só de olhá-lo meus lábios franziam, como se eu já tivesse me servido de um pedaço de fruta. Com Ahmose eu enfrentaria todas as coisas ácidas da vida em troca de um gostinho da doçura de estar com ele.

Seus olhos de litoral no inverno me chamavam para mais perto e pressionei meus lábios contra os dele novamente. Dessa vez seu beijo foi mais profundo, mais sombrio, como uma maré puxada pela Lua me arrancando do meu elemento e me levando a um lugar onde eu não tinha muita certeza de que desejava ir – mas, mesmo assim, o mistério me atraía.

Quando nos separamos, ele acariciou meu cabelo. Seu sorriso era doce e triste ao mesmo tempo.

– Precisamos ir, amor.

– *Não quero.* – Agarrei sua mão ferozmente. – *Não podemos ficar aqui? Onde temos paz e eu posso ter você só para mim?*

– E Lily? Você pode sentir a dor no coração dela agora mesmo, tanto quanto eu. Ela está sofrendo, vendo nós dois assim.

– *Lily pode encontrar o seu "felizes para sempre". Este aqui é meu.*

– Ashleigh. – Sua repreensão era afável, como uma chuva suave no deserto, mas ainda assim ela podia sentir os efeitos mesmo depois de todos os sinais terem desaparecido. – Fico surpreso pensando que uma garota que só existe porque outro ser abriu mão da própria vida esteja tão disposta a abandonar as outras. Lily precisa de você. Neste lugar é fácil esquecer o mundo real. É fácil esconder-se, ignorando o sol que nasce e se põe todo dia, concentrar-se apenas no amor e na alegria. Mas esta campina não é real. Os animais, as pedras e o riacho não nos percebem. Isto não é vida.

Após uma pausa ele continuou:

– Quero construir uma vida com você. Da melhor maneira possível, ou pelo menos tentar do melhor modo que pudermos. – Ahmose levantou meu queixo para que eu olhasse para ele. Meus olhos estavam cheios de lágrimas e eu sentia o coração se partindo. – Ash, uma vez você me disse que é fácil dividir quando existe amor. Por mais que eu goste de

compartilhar seus sonhos, seguir seus passos nesse caminho, a garota que eu conheço não deixaria as duas amigas, que ela ama como irmãs, sofrerem sozinhas.

Funguei alto.

– *O que vai ser de mim? De nós?*

– Não sei – respondeu Ahmose com franqueza, me abraçando com força. – Gostaria de saber. Gostaria de ver o caminho com clareza, mas ele para em Wasret. O que acontece depois é desconhecido.

– *Eu não quero perder você.*

– E eu não quero perder *você*. Não podemos mudar a direção do vento, meu amor, mas podemos nos alinhar de modo que ele não nos derrube.

– *Você... me promete uma coisa?*

– Qualquer coisa.

– *Que se... se alguma coisa acontecer comigo, você não vai se esquecer de mim. Quero dizer, como eu sou agora.*

Ahmose segurou meu rosto com suas mãos grandes e deu um sorriso doce.

– Ver você assim é uma coisa que nunca vou esquecer. Mesmo que eu viva por milênios, toda vez que fechar os olhos verei seu rosto lindo em meus sonhos.

Pus as mãos sobre as dele.

– *Certo, então. Estou pronta, querido.*

A campina verde à minha volta mudou e meu corpo elevou-se no ar como se eu estivesse sendo sugada por um vórtice.

Quando o rodopio parou, o mundo mudou. Em vez de um céu azul salpicado de nuvens fofas, havia uma vastidão negra, iluminada por estrelas. Ao redor uma vasta planície que parecia pradarias intermináveis. Ashleigh tinha sumido, e seu sonho junto com ela. Agora

o espaço na minha mente onde ela vivia parecia vazio e inadequado. Mas, com a mesma rapidez com que o pensamento chegou, minha mente pareceu esquecê-lo.

O capim alto oscilava a uma brisa balsâmica que trazia os cheiros de um rio próximo e o odor almiscarado de flores noturnas e acácias aquecidas pelo sol. Criaturas aladas voavam acima, com os pios ressoando na savana enquanto caçavam insetos que apareciam depois do pôr do sol. Eu era o único predador grande por ali, até onde podia ver. Embora eu gostasse da ideia, isso fez com que me sentisse um tanto solitária.

A parte de mim que era Lily sabia que faltava alguma coisa, que meu coração doía, mas agora essa parte não estava no comando. Esse era o sonho de Tia, e ela estava... em paz. Em casa. Mergulhei em seu sonho como se fosse meu e experimentei cada sabor, cheiro e som com ela. Caminhei pelo capim cujas pontas pinicavam minhas pernas nuas e subi uma série de pedras até chegar ao pico. Meus braços e pernas eram ágeis e fortes, minha pele era macia e de um tom mais escuro do que as pedras em sépia que eu subia.

Depois de encontrar um bom local, sentei-me numa pedra lisa, ainda aquecida pelo sol de verão, e me inclinei para trás, apoiando o corpo nas mãos espalmadas. Fechando os olhos, fiquei em um estado entre o cochilo e a reflexão sobre o que eu era agora. Para mim era uma surpresa que eu tivesse a forma humana no meu mundo dos sonhos. Descobri que sentia falta da cauda e dos dentes afiados, mas gostava das curvas dos ombros nus e dos quadris. Ansiava por correr e testar as pernas longas, muito longas, que se estendiam sob o vestido curto que era da mesma cor que meu pelo tivera um dia.

Agora eu tinha uma juba também. Frequentemente havia reclamado de ter que cuidar da juba, mas essa era perfeita. Minha densa cabeleira estava penteada para trás, a partir da testa, e ia até a altura dos ombros. Eu podia passar as mãos por ela rapidamente para desfazer qualquer emaranhado e não era necessário muito trabalho para mantê-la. Eu não

fazia ideia da sua cor e descobri que isso não tinha qualquer importância.

O vento agitou o capim alto e eu me aprumei. A luz das estrelas cobria minha pele, dando-lhe um brilho lustroso. Não me fartava de olhar minhas mãos e meus braços. Eram meus. Meu rosto, minha pele, meu corpo alto e curvilíneo, meu cheiro. Meu. Não de Lily. Não sei por que isso era tão importante – ou por que essa ideia magoava a observadora silenciosa dentro de mim –, mas era. Muito, muito importante.

As sombras das pedras se estendiam como poços de tinta preta no terreno e as folhas suspiravam baixinho nas árvores. A brisa passava por elas, beijando cada uma e sussurrando seus segredos antes de seguir em frente. Acariciava meu novo corpo, provocando arrepios na pele e fazendo os pequenos pelos na nuca se eriçar. Sugeria coisas por vir.

– Aí está você – disse uma voz no terreno abaixo.

Me incomodou o fato de não ter sentido a aproximação dele. Esse devia ser o fardo de ser humana.

Olhei para baixo.

– *Olá, Asten.*

O homem bonito inclinou a cabeça com um meio sorriso no rosto enquanto examinava minha forma alterada. Sua calça de linho branco e a camisa solta e fina se destacavam na noite escura, mas mesmo assim não podiam competir com seu sorriso estelar. Deixei escapar um suspiro baixo, satisfeita ao vê-lo, mas ao mesmo tempo morrendo de medo.

– Há espaço para dois aí em cima? – perguntou ele educadamente.

– *Sim* – respondi. – *Pode se juntar a mim, se quiser.*

– Quero.

Ouvi os sons de sua aproximação, mas não me virei para olhá-lo. Senti que o coração estava travando uma batalha que eu não entendia, e ninguém tinha consciência dela, a não ser eu. Enquanto ele diminuía a distância, sua proximidade se tornou uma coisa palpável. Eu queria rosnar, alertar que ele estava se aproximando de uma inimiga formidável que não seria vencida facilmente. Mas permaneci em silêncio sabendo

que ele romperia sem esforço qualquer defesa invisível que eu pudesse criar.

Quando Asten se acomodou ao meu lado, espiei-o com o canto do olho. Ele não estava me olhando, como eu esperava que um conquistador vitorioso fizesse. Tampouco adotou a postura de um leão que reivindicasse seus direitos. Em vez disso, ficou quieto, os pensamentos voltados para dentro enquanto olhava a paisagem ao redor.

– Gosto dos seus sonhos – disse ele finalmente. – São pacíficos.

Como eu não sabia o que dizer, falei:

– *Achei que Ahmose viria se juntar a mim no sonho, e não você.*

– Ele virá. Mas pode demorar um pouquinho. Ahmose não conhece você tão bem quanto conhece Ashleigh. Para ele, vai ser difícil rastrear seu sonho.

Funguei e me remexi ligeiramente, puxando a bainha do vestido. De repente me senti desajeitada usando-o, como se fosse uma impostora fingindo ser humana.

– *É, bem... é verdade que ele conhece Ashleigh melhor.*

Um riso rápido apareceu no rosto de Asten, e parecia que ele estava ansioso para dizer mais alguma coisa, mas então mordeu o lábio, um gesto que, por algum motivo, achei fascinante. Ele preferiu por ora manter para si mesmo o que estava pensando. E falou:

– Achei que você não iria se incomodar em ter companhia enquanto esperava.

Asten então se virou para mim, o rosto bonito muito perto do meu. Quando piscou, notei que seus cílios compridos eram como minúsculas penas. Era mais uma coisa que eu poderia acrescentar à minha lista do que achava lindo nele.

Eu deveria ter me sentido sem graça quando ele me pegou admirando abertamente suas feições, mas não me importava que ele soubesse. Não mais. Uma porta havia se fechado entre nós e agora eu me encontrava desalentada do outro lado, desejando poder abri-la de novo e entrar na mesma luz que tocava o rosto dele.

– Você não parece você mesma, senhora leoa – disse ele. – Sem falar

no óbvio, claro. – Ele indicou meu novo corpo.

Dobrando uma das pernas e colocando-a embaixo do corpo, virei-me para ele e enrijeci as costas e os ombros, o rosto uma máscara taciturna.

– *Sinto que sou mais eu mesma agora do que jamais fui. Mas, se você acha que estou passando dos limites ao assumir uma forma humana, diga imediatamente. Não sinta como se fosse obrigado a me tratar com mimos de jeito nenhum, Asten. Sou uma leoa e prefiro a franqueza.*

– É – concordou ele baixinho, sério. – Eu sei. Seu jeito direto é uma coisa que aprecio. Não lamento você ter assumido a forma humana. Na verdade, acho que combina com você.

Assenti com a cabeça.

– *Obrigada. Então quero falar claramente com você sobre nosso relacionamento, Asten. Sei que você deve estar desapontado com o que aconteceu entre nós, no nosso sonho anterior. Você achou que estava abraçando Lily. Acreditou que estava beijando Lily. Mas não era. Não posso voltar ao passado e corrigir esse erro de avaliação, mas não me arrependo da experiência. O fogo que ardeu entre nós uma vez virou cinzas, que o vento soprou para longe, mas ainda sinto o calor gravado na memória.*

– Todas as coisas que você disse naquele sonho eram verdade?

– *Não tentei enganar você, se é isso que quer saber. As palavras que falei foram sinceras e uma representação verdadeira do que sinto.*

Por um longo momento Asten não disse nada. Meu coração batia forte e pesado no peito, como o som de um elefante percorrendo a selva.

– Obrigado – disse Asten finalmente.

– *Por que está agradecendo?* – perguntei, surpresa.

Sua reação não era a que eu tinha esperado.

– Obrigado por ter encontrado alguma coisa para amar em mim.

Quis dizer-lhe que tinha encontrado muitas coisas nele para amar. Que apesar de talvez existirem outros homens que seriam companheiros dignos para Lily e que, de fato, poderiam torná-la mais feliz, eu sabia no fundo do coração que Asten seria minha escolha, se eu pudesse escolher. O triste era que essa opção não existia para mim. Eu não tinha direito de

escolher o parceiro de Lily, não mais do que tinha direito sobre esse corpo.

Todos esses pensamentos pareciam complicados demais para uma leoa expressar, por isso falei simplesmente:

– *O amor não é uma coisa da qual eu me sentia capaz.*

Ele pegou minha mão e brincou com meus dedos sem me olhar nos olhos. Gostei de ver nossos dedos entrelaçados, as cores diferentes misturadas. Lembrou-me do céu noturno: as estrelas e a noite sedosa. Também me lembrou de que, pelo menos no meu mundo dos sonhos, eu era eu mesma.

– Mas você é, não é – disse ele, e o tom não foi de pergunta. – Você é uma leoa capaz de amar.

Suspirei suavemente.

– *Lily tentou me ajudar a compreender o amor. Saber a diferença entre paixão e amor. A princípio foi confuso. Agora acho que entendo o que é. Talvez isso queira dizer que me transformei em algo mais do que uma leoa* – confessei. – *Mas, na verdade, não sei o que sou.*

– Você certamente não parece mais uma leoa.

– *É* – respondi baixinho. – *Não pareço.*

– Então você queria conhecer a experiência do amor, do tipo que existe entre um homem e uma mulher. Por isso veio até mim num sonho, não é?

– *É.*

– Entendo. E ficou satisfeita com suas explorações?

– *Como assim?*

– Você provou. Experimentou. Descobriu que gosta ou está pronta para passar para outra coisa? Alguma outra nova experiência humana?

Franzi a testa.

– *As experiências humanas que tive foram variadas e únicas. De algumas eu gostei. De outras não. E algumas foram confusas. Se está perguntando se gostei do nosso encontro, saiba que refleti sobre ele muitas vezes desde então.* – Mordi a parte interna da bochecha. – *É minha lembrança mais valiosa de todo o tempo em que estou com Lily.*

– Mas agora você experimentou o mesmo com Ahmose.

– *É, mas...* – Passei as palmas das mãos nas coxas, sem saber como explicar.

– Mas...?

– *Não é a mesma coisa. Pelo menos para mim. Há calor, ternura e gentileza, mas, quando ele me olha nos olhos, vê outra pessoa.*

Asten pegou minha outra mão.

– Então você acredita que o que houve entre nós acabou para sempre.

– *Mesmo se eu tivesse esperança de que você poderia sentir por mim o que sentiu por Lily, como poderá ser diferente quando Lily escolher outro?* – Pousei a palma da mão em seu rosto. – *Sua forma é agradável para mim, Asten. As batidas do seu coração parecem o sol aquecendo minhas costas. Quando você fala, suas palavras parecem verdadeiras para cada parte de mim. Seu sorriso é um céu cheio de estrelas. Anseio por estar perto de você em corpo e espírito. Mas saber que, quando me olha, você vê Lily, que você beija os lábios dela e a abraça com força, me faz arder como em um incêndio feroz. É cruel. Como um predador brincando com a presa.*

Baixei os olhos antes de continuar:

– *Em vez disso, eu pediria que você encontrasse um modo de aliviar meu tormento. De me ajudar a escapar. Me mandar para qualquer destino que esteja à minha espera em vez de me prender numa caixa bonita que é essa meia-vida. Você disse que sonhou com Lily. Que viu um futuro em que vocês dois se amavam. Se for assim, por favor, pelo menos espere até termos derrotado Aquele Que Desfaz. Quando eu tiver partido, você pode fazer o que quiser.*

– E o meu tormento?

Olhei-o incisivamente.

– Você fala dos Sonhos Que Poderiam Ter Sido – continuou ele. – Estava certa quanto ao fato de eu ver uma vida em que Lily e eu estaríamos juntos. Mas havia outros sonhos também. Sonhos que jamais contei a Maat. Achei que era porque eu estava corrompido, mas agora

não tenho tanta certeza. Aconteceram situações que me ajudaram a ver as coisas com um pouco mais de clareza. E uma dessas coisas é você.

– *Eu?*

– Sim. Estou certo disso. – Ele estendeu a mão para traçar uma de minhas sobrancelhas. Lenta e gentilmente, passou o dedo sobre ela e depois desceu pelo malar até os lábios. – Gosto de você assim. É mais fácil ver você, você de verdade, sem ter de olhar através do rosto de Lily.

– *Só me sinto verdadeira quando estou com você.*

Será que eu tinha dito essas palavras em voz alta? Se disse, ele não reagiu a elas. Eu tinha fechado os olhos, saboreando sua carícia, e quando os abri ele ainda tocava meus lábios e seus olhos tinham seguido na mesma direção.

Arquejei quando ele baixou a cabeça. Seu beijo era diferente do que eu lembrava. Esse era faminto e possessivo, e respondi com um leve rosnado. Asten gemeu, me puxou mais para ele e inclinou minha cabeça para trás, a boca quase devorando a minha.

– Tia – murmurou com voz rouca, os lábios ainda pairando sobre os meus.

– *Diga meu nome de novo* – pedi, levantando o queixo para que ele beijasse meu pescoço.

Ele sorriu.

– Tia – repetiu. – Não desista disso. Prometa que não vai desistir. Me dê algum tempo.

Lágrimas ardiam nos meus olhos.

– *Não temos tempo. Isto é tudo que eu tenho, Asten. Agora. Aqui.*

Ele segurou meus ombros e me afastou suavemente.

– Não, não é. Ninguém lhe disse que os gatos têm sete vidas? – perguntou, com um brilho provocador nos olhos.

– *Isso é mito.*

– É? – provocou ele, acariciando meu braço nu. – As almas mais resistentes são as que enfrentam mais adversidades. As coisas que você suportou destruiriam pessoas mais fracas. É por isso que Lily precisa de você. É por isso que cada uma de vocês três precisa da outra. Quando

isto estiver terminado, cuidaremos de começar sua segunda vida. Bom, tecnicamente sua terceira vida, pois acho que estar na cabeça de Lily conta como uma.

– *E é isso que você busca? Uma vida comigo, e não com Lily?*

Ele sorriu.

– Em geral, é o homem que persegue.

– *Ah.* – Pus um braço na pedra perto da perna dele e me aproximei, pressionando seu peito até suas costas estarem encostadas na pedra. Quando ele se viu aprisionado entre minhas mãos, impossibilitado de fugir, inclinei a cabeça até estar na altura da dele. – *Mas eu sou a caçadora.*

Asten ergueu a cabeça mostrando o pescoço, em sinal de submissão. Olhei faminta para sua veia latejando, mas a fome que eu sentia não era de matar. Era de algo mais. Com as estrelas se refletindo em seus olhos, ele levantou a mão para segurar meu pescoço e me trouxe mais para perto.

– Neste caso – disse ele –, não me importo de ser caçado.

Ele me puxou para baixo e me beijou com a paixão pela qual eu ansiava. Seus braços me envolveram com ternura, de tal forma que eu soube que ele me queria tanto quanto eu o queria. Meus temores de que talvez ele não sentisse por mim o mesmo que sentia por Lily se foram como destroços num rio de correnteza rápida.

Quando levantei a cabeça, ele afastou meu cabelo do rosto com carinho.

– Gosto desse corpo – disse ele. – Espero que você possa ficar com ele.

Ergui uma sobrancelha e me afastei.

– *Você zomba de mim, Asten, ao falar de uma coisa que não é possível para nós. Por que desperdiça os poucos momentos que temos juntos sonhando com algo inalcançável?*

Ele se sentou.

– Tia, você pode acreditar em coisas que são comprovadas ou pode acreditar nos sonhos. Uma dessas opções é a chave para o poder. É como

os milagres são feitos. A outra é a estrada fácil. Não acho que você seja do tipo de garota que fica no caminho fácil.

– Você... você me chamou de garota.

– E é mesmo... uma senhora leoa. – Ele deslizou o polegar pelo meu queixo. – E é a garota mais bonita que eu já beijei.

Uma lágrima escorreu do meu olho. Asten me abraçou e acariciou minhas costas, mas parou um instante depois.

– Ahmose – disse baixinho.

Ahmose encontrava-se em silêncio abaixo de nós, olhando para cima. O capim se mexia devagar em volta de seus tornozelos. Franzi a testa, pensando que mais uma vez tinha deixado de perceber os sinais de um intruso. Os insetos que faziam serenata na noite com sua canção doce e familiar tinham subitamente ficado silenciosos. Eu estivera tão fascinada por Asten que nem notei.

Os braços de Ahmose estavam cruzados diante do peito e ele olhava Asten com uma expressão do tipo "Quero matar você bem lentamente". Quando me soltei dos braços de Asten e saltei da pedra alta, caindo habilmente e pousando agachada, ágil e silenciosa como um gato, Ahmose voltou o olhar para mim. Minha aparência obviamente o chocou.

– Tia? – perguntou.

– Sim. Você está pronto, Ahmose? Ashleigh está bem?

– Ashleigh está ótima.

Ele segurou minha mão de um jeito que achei ligeiramente possessivo e olhei de Ahmose para Asten, que agora estava de pé em cima da pedra. A luz das estrelas salpicava seu cabelo e fazia cada parte dele brilhar como se fosse iluminado por dentro. Eu nunca tinha visto nada tão lindo. Esperei que ele estivesse certo. Que existisse um lugar para nós entre as estrelas. Mas, se não fosse assim, pelo menos eu havia tido um último momento de ternura com ele.

Levantei a mão em despedida e captei no vento o murmúrio suave de sua voz. Podia ser um truque da minha imaginação ou apenas meu

desejo, mas pensei tê-lo ouvido dizer: *Eu te amo*. Eu teria respondido, mas, antes que tivesse chance, fui puxada para um vórtice.

Girei, girei e girei, e, quando meus pés finalmente tocaram o chão, eu soube exatamente onde estava. Manhattan.



Lá vem o sol

A rua onde eu estava me era tão familiar quanto meu quarto. Eu conhecia cada loja, cada prédio, até os nomes dos cavalos que puxavam as carroças do outro lado da rua, no Central Park. Mas a cidade vibrante que eu chamava de lar estava vazia. Os enormes edifícios que se estendiam para o céu oscilavam ligeiramente e me olhavam com suas janelas escuras.

Pela primeira vez nessa nova segunda vida que eu experimentava, desde que tinha acordado na fazenda de vovó, eu estava sozinha. Ashleigh tinha ido embora. Tia também. Estremeci e esfreguei as mãos nos braços quando um vento invernal soprou na cidade sombria. Eu me perguntei por que minha paisagem de sonho em particular seria tão horrível, tão lúgubre, tão sem vida.

Os sonhos de Tia e Ashleigh tinham feito sentido. Eram vazios de pessoas também, mas eram pacíficos. Essa paisagem não era nem um pouco pacífica. Na verdade, era tremendamente assustadora, até mesmo apocalíptica. Enquanto eu percorria o quarteirão procurando alguém, qualquer pessoa, notei a neve cinza amontoada nas laterais dos prédios. Ela se agarrava às sombras como se temesse que o sol significasse a sua morte.

Com neve no chão, eu esperaria que a cidade parecesse feliz e esperançosa como acontecia na época do Dia de Ação de Graças, do Natal e do Ano-novo. Mas, se o Natal estava chegando, não havia sinal

disso. Nenhuma luz enfeitava as vitrines. Não havia nenhum dos habituais mostruários de presentes, brilhos e guirlandas. Na verdade, as lojas cujas mercadorias estavam expostas pareciam não receber clientes havia mais de uma década. A poeira cobria tudo.

Quando testei a porta do hotel luxuoso onde eu morava, descobri que estava trancada. Toquei a campainha repetidamente, mas ninguém atendeu. Suspirei, enevoando a vidraça, e olhei meu reflexo no vidro sujo. A imagem da garota refletida ali era familiar. Era a que mamãe havia moldado, uma jovem meticulosa e perfeita em todos os sentidos possíveis. Meus cabelos castanhos e compridos pendiam lisos e lustrosos, tão domados que mal se mexiam ao vento. Minha postura era ereta e segura, como a do meu pai.

Minhas roupas eram de grife – calças de alfaiataria, um cinto de couro fino, camisa de seda com botões na frente – até as sandálias de salto alto de onde os dedos com unhas pintadas com perfeição se projetavam. Apesar de estar vestida como eu mesma, não estava vestida de acordo com o clima. Meus pobres dedos dos pés estavam ficando azuis de frio. Mudando de posição, desconfortável, bati os pés, em parte por frustração e em parte para trazer um pouco de sensação a eles. Soprei no meu reflexo.

A confiante e inabalável socialite de Nova York em vias de se tornar conhecida estava nesse sonho. A pessoa que todo mundo esperava que eu fosse. O tipo de garota que pertenceria a essa cidade. Uma jovem petulante, privilegiada, pronta para ir para a faculdade e começar a viver.

Mas nada que eu sentia se encaixava nesse molde. O fino verniz que cobria meu exterior escondia algo muito diferente por dentro; franzi a testa para a garota que me olhava da vidraça e decidi que era hora de ir em frente e deixá-la para trás.

Pensando em tentar o quarteirão seguinte, fui andando rapidamente pela paisagem vazia e cheguei a uma banca de jornais abandonada, equilibrada de modo precário com uma das rodas sobre o meio-fio. Ela

oscilava na brisa como se um bêbado tivesse jogado todo o seu conteúdo na rua. O lixo cobria a pista e a calçada.

Jornais e um toldo rasgado se grudavam nas laterais como se cobrissem a banca para protegê-la de mais danos, enquanto anúncios e pedaços de lixo se encontravam presos embaixo dela. A rua oscilou feito louca, tentando desesperadamente escapar. Peguei uma folha de jornal rasgada pelo vento e olhei a data. No lugar onde ela deveria estar, o jornal mostrava-se curiosamente em branco. As palavras nos artigos eram simples amontoados de letras e símbolos que não faziam sentido.

Será que eu estava ficando louca? Poderia ter inventado tudo o que estava na minha mente? Egito? Múmias? Meus poderes?

A ideia de que eu não estava numa paisagem de sonho, afinal, e sim em alguma instituição mental, enlouquecendo cada vez mais, não bateu bem. Joguei o jornal fora e continuei andando, passando por carrocinhas de cachorro-quente com salsichas derramadas na calçada, a carne fria e cinzenta como tripas, e uma feira cheia de frutas e verduras podres. Uma loja vazia depois da outra.

Cada quarteirão parecia fantasmagoricamente semelhante ao anterior. Sem pessoas. Não existiam nem mesmo carros vazios. Os prédios grandes e desocupados pareciam assombrados. Enquanto o vento passava assobiando por eles, imaginei que cada cortina ou persiana balançando escondia alguma coisa maligna.

O lixo se empilhava em grandes montes, os sacos rasgados com o conteúdo espalhado por toda parte, como se uma matilha de cachorros selvagens os tivesse atacado. E mais estranha do que qualquer outra coisa era a ausência dos sons de Nova York. A única coisa que se movia na minha cidade de pesadelo era o lixo espalhado. Ele rolava e ia de um lugar para outro, como se também quisesse escapar.

Pensando que o parque poderia ser um porto seguro, ou pelo menos uma mudança de cenário, atravessei a rua e entrei ali. A princípio me senti mais segura. O parque parecia limpo. Deveria ser tranquilo, de modo que o fato de não haver ninguém por perto não fazia meus nervos formigarem tanto quanto na cidade.

A neve cobria o chão e a vegetação, mas os caminhos estavam livres. Fui por um deles e penetrei mais fundo no parque até que o calçamento terminou abruptamente. Uma grande rachadura o atravessava e a neve cobria o chão à frente dela. Das profundezas da rachadura saía vapor. Só demorei um momento para decidir que não queria investigar mais. Vi outro caminho e atravessei pela neve, os pés queimando de frio, até que pisei nele e imediatamente me senti melhor de novo.

Quando, depois de algumas dezenas de passos, esse caminho terminou num bloco de cimento meio desmoronado, parei e olhei em volta. Até onde a vista alcançava havia caminhos. Eram irregulares e quebrados, e alguns estavam... mudando. Quando se conectavam, mantinham a forma por um breve tempo e depois, se eu prestasse atenção, ouvia um gemido e um estalo, enquanto se moviam e se acomodavam em um novo lugar.

De repente percebi que estava de novo na rua. De algum modo o caminho tinha me levado para o lugar onde eu havia começado. Era como estar presa numa pintura de Escher. Se antes eu não tinha ficado apavorada, definitivamente estava agora.

Dei meia-volta e comecei a correr, pulando por cima de uma rachadura depois de outra, seguindo pelo labirinto de calçadas e sabendo que precisava continuar, independentemente de qualquer coisa. Alguém estava brincando comigo. Sentia olhares fixos em mim, não importando para onde me virasse. Sombras espreitavam por trás das árvores, mas, quando eu olhava diretamente para elas, não conseguia ver nada.

Minha respiração arfava nos pulmões. Eu estava congelada e exausta. Lágrimas enchiam meus olhos e eu me agachei, envolvendo os joelhos com os braços, quando cheguei ao fim de outro caminho. Como poderia ir em frente se nem sabia para onde ia? Eu era como uma ponte construída sem fundações. Bastaria um terremoto minúsculo e eu tombaria, carregando tudo para dentro do rio.

Então ouvi o riso de uma mulher. Não era um som agradável. Não havia nada de quente ou doce, de canela ou açúcar, naquela voz. Era fria

e cheia de rancor, atrevida e plena de um ódio feroz, envolto numa lisa cobertura de chocolate escuro. E sabe o que era pior? Eu a reconheci, e o som provocou um tremor no meu corpo que eu não conseguia controlar.

Eu não sabia seu nome nem tinha certeza de onde a havia encontrado antes, mas sabia que ela representava tudo o que eu odiava. Ela é que pertencia a um lugar como esse. Ele combinava perfeitamente com ela. Senti o aperto de uma mão gelada no ombro, ouvi o estalo de unhas compridas batendo num vidro e o som de sapatos de salto alto golpeando a calçada coberta de gelo. Quando me levantei abruptamente e me virei, não vi nada. Eu teria gritado se achasse que haveria alguém para escutar.

Tentei invocar meu poder, mas nada aconteceu.

Então escutei a voz:

Corra, jovem Lily. Corra até o centro do parque. Você pode me encontrar lá. A voz era calorosa e familiar, diferente da voz da mulher. Confiei nela.

E corri.

Quando o caminho se partiu e se moveu embaixo de mim, tropecei e caí, ralando as mãos e os joelhos. Os ferimentos doíam, mas me levantei e continuei correndo. As árvores despidas à minha volta mudavam de posição, bloqueando o caminho, e centenas de pássaros escuros saltaram para o céu. Eu não os tinha visto nas árvores antes. Eles circularam no ar e vieram na minha direção, me perseguindo como se eu fosse um espantalho inimigo de quem eles quisessem se vingar.

Continuei correndo entre as árvores apesar de os galhos agarrarem meus cabelos e minhas roupas. A camisa se soltou da calça e esvoaçava atrás de mim enquanto eu corria. Logo os caminhos partidos desapareceram completamente e as árvores foram arrancadas do chão. Elas se rasgavam ao meio antes de sumir da paisagem em buracos negros no céu, que se abriam para engoli-las. Eu me encolhi esperando que o monstro devorador de árvores tentasse provar minha carne.

Não demorou para que os arranha-céus cinzentos também fossem sumindo, como se cobertos por uma névoa densa. Agora todas as árvores

tinham desaparecido. Com o campo coberto de neve interrompido somente por pinhas e galhos arrancados que se espalhavam no chão como ossos, com o vento guinchando ao redor deles, eu soube que minha paisagem de sonho havia se transformado em meu pior pesadelo. Continuei correndo, com a luz da uma lua fina me perseguindo por trás de um véu de nuvens até se pôr completamente.

Quando a lua desapareceu, o horizonte ficou escuro e agourento. Uma chuva gelada misturada com neve começou a cair, me atingindo como agulhas afiadas. Tossi e enxuguei as gotas geladas do rosto. Joguei para trás o cabelo encharcado. Minhas pernas ardiam e a respiração formava nuvens no ar à minha frente enquanto eu corria e escorregava. Não dava mais para sentir os pés, o nariz, as orelhas nem os dedos, mas eu sentia as batidas fortes do coração no peito.

Nunca tinha me sentido tão aterrorizada. Meu coração estava num aperto tão grande que arquejei e levei as mãos ao peito. A risada da mulher retornou. Uma claridade verde tomou conta da minha visão, eclipsando a luz de antes do alvorecer que se refletia no chão coberto de neve, e a respiração foi roubada do meu corpo. Lutei, mas não conseguia me soltar da fera invisível que me mantinha no mesmo lugar.

Então uma luz rasgou a tempestade e o aperto no meu coração desapareceu. Um único raio de sol pousou em mim e num templo dourado que tinha aparecido de repente na paisagem branca. A luz mostrava um caminho que levava diretamente à porta do templo. Que eu soubesse, não existia um templo assim no meio do Central Park, mas ainda assim fiquei agradecida por ver alguma coisa, qualquer coisa, que me oferecesse abrigo da tempestade e proteção contra o demônio que queria me consumir. Com toda a energia que me restava, fui na direção dele.

Quando me aproximei, a porta dupla dourada se abriu subitamente e, assim que entrei, ela se fechou com um estrondo. A tempestade lá fora foi silenciada de imediato. Dobrando o corpo, ofeguei e passei a mão trêmula no rosto, tirando a chuva dos olhos. Quando recuperei o fôlego, avancei pelo amplo salão, deixando pegadas de neve e lama. Fiquei

maravilhada com os relevos belíssimos nas paredes de mármore. Mostravam pirâmides e deuses, batalhas, monstros e guerreiros.

Cheguei a outra porta dupla, esta com um relevo dourado do sol. Depois de passar os dedos sobre ele, empurrei a porta e entrei numa sala com teto abobadado e arcos entre colunas. Um tablado com uma estátua de mármore de três mulheres era o ponto focal da sala. Elas estendiam os braços para cima, com as pontas dos dedos se tocando, e estavam banhadas por uma luz pura e branca que descia do teto.

Contornei a estátua, examinando-a de vários ângulos. Os rostos das mulheres estavam levantados, como se olhassem para o céu e tentassem alcançar alguma coisa. Pareciam familiares.

– É o nascimento de Wasret – disse uma voz atrás de mim.

Girei e vi uma alcova escondida por uma cortina de tecido suntuoso. Uma luz se moveu ali atrás.

– Quem é você? – perguntei, chegando mais perto. A voz era a mesma que tinha me guiado quando eu estava perdida. – Por que está escondido?

– Não estou me escondendo de você, jovem Lily. – Uma mão reluzente empurrou a cortina de lado e um homem que reluzia tão forte que eu mal conseguia olhá-lo passou e se aproximou de mim. – E você já sabe quem sou.

– Não, não sei – respondi, dando um passo para trás, a perna batendo na estátua.

– Sabe, sim.

O homem chegou mais perto. Olhá-lo era como olhar o coração do Sol. Meu corpo se aqueceu enquanto ele se aproximava e me inclinei em sua direção, sem pensar. Começou a subir vapor da minha roupa que pingava. Imaginei que queimaria a mão caso tocasse sua pele vibrante. Apesar das minhas reservas, eu sabia que era seguro. Que tocá-lo seria uma espécie de cura. Que sua luz afastaria toda a escuridão.

Estendi a mão e encostei a palma em seu peito. Fiquei surpresa ao descobrir não somente que a sensibilidade voltou rapidamente aos meus

dedos, mas que uma sensação de calor disparou por todo o meu corpo. Não, não era só calor. Era paz, felicidade, *pertencimento*.

– Você está com frio e machucada – disse o homem, estendendo os dedos reluzentes para meu cabelo. – Deixe-me ajudá-la, Nehabet. – Ele sussurrou algumas palavras, algum tipo de encantamento, e a luz banhou meu corpo. Quando ela retornou para ele, eu estava envolta num suntuoso roupão de seda e em pantufas. Os cortes que ardiam na palma das mãos e nos joelhos tinham desaparecido. Meu corpo e meus cabelos estavam secos, mas alguns fios, agora dourados, continuavam enrolados nos dedos dele.

Lentamente ele baixou a mão e se afastou. Apesar de eu não poder ver seu rosto, havia algo triste em sua postura, nos ombros encurvados. Apertei o cinto e gostei da sensação de estar quente e segura, embora preferisse estar usando um pouquinho mais de roupa.

– Você... Você é Amon, não é? – perguntei ao homem.

– Sou – respondeu ele baixinho.

– Por que não consigo ver você? Por que não me lembro de você? – Girei, olhando ao redor. – Onde estamos? Como você pode estar aqui? Por que não estou num sonho? E onde está Ahmose?

Ele riu.

– Você ainda faz muitas perguntas. Pelo menos isso não mudou. – O homem reluzente estendeu um braço, indicando sua alcova. – Gostaria de se sentar e ficar confortável enquanto esperamos? Ahmose virá, talvez cedo demais para mim e não tanto para você.

– O... obrigada – falei rigidamente, sem saber como me sentir.

Acompanhei-o até um sofá aveludado com almofadas macias em ricos tons brilhantes.

Delicadamente me sentei na outra extremidade do sofá. Ele pareceu me avaliar por um momento antes de optar por sentar-se no meio. Apesar de eu tentar ser discreta enquanto afastava o corpo do dele, tive a sensação de que ele não somente notou como também ficou magoado. O roupão escorregou para cima, em volta das minhas coxas, e me apressei em ajeitá-lo, a vergonha colorindo minhas bochechas. Como eu não

podia ver as feições dele, não sabia se ele tinha visto ou não. Se tinha, não disse nada.

– Acho que a maior parte das suas perguntas pode ser respondida com um segredo – começou ele.

– Um segredo?

– Sim. Um segredo que só nós dois sabemos.

– E qual seria ele? – perguntei, me remexendo desconfortavelmente e puxando uma almofada para os braços, para ter algum espaço a mais.

– Você se lembra do que é um escaravelho do coração?

Confirmei com a cabeça, encolhendo-me ligeiramente ao pensar na joia brilhante que tinha sido dele, a que eu tinha removido e guardado na aljava.

– Lembro.

– No momento estamos dentro do seu.

– O quê? – exclamei, boquiaberta. – Como isso é possível? Achei que eu deveria estar no meu mundo dos sonhos.

– Seu mundo dos sonhos foi tomado pela Devoradora. Na verdade, ela não pode lhe causar mal enquanto você está nele, mas pode prender você lá, confundi-la. Asten precisou tecer alguns sonhos novos para distraí-la enquanto eu ajudava você a escapar até aqui. Agora que você está em segurança, ele vai encontrar Ahmose no reino dos sonhos e guiá-lo até onde nós estamos.

– Como ela pôde me encontrar?

– Foi minha culpa, infelizmente. A Devoradora provou do meu coração e por causa disso pôde entrar no mundo dos meus sonhos e acessar o seu.

– Entendo. Então eu sei que Asten tem o poder de entrar nos sonhos e Ahmose deve me encontrar nos meus. Isso não explica por que *você* está aqui agora nem como ela pôde me encontrar através de você.

– Estou aqui porque nós continuamos unidos. E... e porque eu estou de posse do seu escaravelho do coração.

– O que isso quer dizer exatamente? Nós estamos, bem... noivos ou

algo assim? – Eu sentia um certo medo de ouvir a resposta, mas precisava saber. Entender o que acontecia.

– Você me deu o seu escaravelho do coração logo antes de voltar ao reino mortal. Você queria que eu pudesse encontrá-la, assim como poderia me encontrar. – Ele inclinou a cabeça. – O que você quer dizer exatamente com estar noivos?

– Planejando nos casar.

– Ah. – Ele parou como se pensasse com cuidado nas palavras seguintes. – O que você se lembra de nós?

– Hã... nada. Realmente. Só sei o que os outros me contaram.

Ele pôs a mão reluzente no sofá entre nós, e havia uma parte de mim que desejava cobri-la com a minha. Em vez disso, apertei a almofada com mais força contra o peito.

– Lily, isso só significa o que você quiser que signifique.

– Mas o que significa para você?

– Não sei bem se deveríamos estar falando sobre isso agora – disse ele, melancólico.

– Então sobre o que você acha que deveríamos estar falando?

– Deveríamos falar de questões mais importantes. Como o motivo para você não conseguir se lembrar.

– Você sabe qual é?

– O escaravelho do coração era só uma parte do segredo. Há mais coisas. Você teve um vislumbre do seu futuro quando lutou contra a Devoradora. Você canalizou o poder de Wasret por um tempo, apesar de não se lembrar disso. A transformação a deixou amedrontada. – Ele se recostou e pôs o braço ao longo do encosto do sofá. Se eu me inclinasse dois centímetros na direção dele, seus dedos reluzentes iriam me tocar. Afastei-me um pouco e dessa vez vi que ele reconheceu que eu o estava evitando.

Amon suspirou.

– Você tem a tendência de esconder seus sentimentos, jovem Lily. Às vezes, quando preferiria fugir, você adota um ar de confiança. Em vez de ficar em paz com seu caminho e com as duas que residem na sua mente,

você rompeu esse caminho e se afastou delas. – Ele hesitou e depois acrescentou: – E de mim.

Fiquei sentada imóvel, ouvindo suas palavras. Sabia que eram verdadeiras, mas queria tapar os ouvidos com as mãos e negá-las. *Como pude ser tão covarde? Fraca a ponto de preferir desistir e fugir em vez de lutar? Talvez haja mais nessa história, coisas que ele não sabe*, pensei, esperançosa. *Talvez eu tenha outros motivos para fugir, motivos que ele não conhece.*

Amon esperou um instante e continuou:

– Pouco antes de voltar ao reino mortal, você canalizou o poder do ovo de serpente para tirar as lembranças da sua mente, depois as escondeu aqui, no seu escaravelho do coração, e me deu para que eu guardasse. Nem mesmo Tia e Ashleigh sabem o que você fez.

– Espere aí. Você está dizendo que minhas lembranças estão trancadas aqui dentro? Então por que não posso acessá-las?

– Essa é só uma versão de sonho. Apesar de haver pedaços armazenados nos murais e nas esculturas. Seus pensamentos perdidos vão retornar quando eu lhe devolver pessoalmente o escaravelho.

– Então – falei com tristeza – eu sou uma desertora. Preferi fugir e me esconder dos meus problemas.

– Eu não chamaria Seth e os lacaios dele simplesmente de problemas, Lily.

– Mesmo assim. Eu desisti. Fugi para o outro lado do Cosmo quando os deuses precisavam de mim. Quando Tia e Ashleigh precisavam de mim. Quando... – engoli em seco e olhei para ele – quando *você* precisava de mim.

– Eu sempre vou precisar de você. Não há nada vergonhoso em temer um inimigo. Qualquer herói seria um tolo se não levasse o inimigo a sério. Especialmente um inimigo poderoso como Seth. Além disso, você se subestima. Gosto de pensar que conheço seu coração melhor do que ninguém. Não é um homem que você teme, nem mesmo um homem poderoso como ele. – Amon baixou a cabeça. – Também não é o amor que você teme. Isso você deu e ainda dá livremente.

Mordi o lábio, pensando em Ahmose. Seria possível que Amon soubesse o que havia acontecido entre mim e seu irmão?

– O que você teme é se perder – disse ele.

– Me perder como? – Engoli em seco, maravilhada ao ver como suas palavras pareciam verdadeiras para meu eu mais profundo, que eu vinha tentando ignorar.

Ele olhou para a estátua. Tinha se referido a ela como o Nascimento de Wasret.

– Ah – falei. – Isso.

Antes de eu perceber que ele havia se mexido, Amon estendeu a mão reluzente e tocou na minha. O calor penetrou minha pele, preenchendo meu corpo com a luz do sol. O contato foi breve, mas por algum motivo trouxe lágrimas aos meus olhos.

– Eu não... – começou ele, depois recomeçou: – *Nós* não culpamos você por isso. Houve um tempo em que eu também fugi do meu destino. Talvez, se eu não tivesse feito isso, você não estivesse na situação em que se encontra agora. Mas é tarde demais para mudar o passado. Só podemos nos preparar para o futuro. E, como meus irmãos, há partes do seu futuro que eu não consigo ver, mesmo com o Olho de Hórus.

Baixinho, ele admitiu:

– Na verdade, uma parte de mim ficou satisfeita quando soube que você não conseguia lembrar. Eu preferiria perder você para uma vida mortal a perdê-la para que outra coisa, outro *alguém* possa nascer. Meu am... meus *sentimentos* por você não estão vinculados ao fato de você salvar ou não o Cosmo. Não importa o que você escolher, seja qual for o caminho que você decidir trilhar, vou apoiá-la e estar do seu lado enquanto você permitir. Entendeu, jovem Lily?

Não havia como negar que esse homem me conhecia e se preocupava comigo. De algum modo ele discernia o que eu temia nas partes mais profundas da alma e não achava que eu era fraca por causa disso. Era o que eu precisava escutar. Eu não sabia se Asten ou mesmo Ahmose diriam a mesma coisa. Que não havia problema em eu *não* ser heroína. Nem mesmo vovó tinha dito isso. Eu era bastante eficiente em

reconhecer a desaprovação, mesmo nas formas mais sutis. Esse cara não iria me julgar. Ele via quem eu era, quem eu podia ser e quem eu queria ser. Porém, mais importante, ele me dava liberdade para simplesmente... ser.

– Eu... acho que entendo. Mas ainda há uma coisa que você não me disse.

– O que é?

Peguei sua mão e a envolvi com as minhas. Ele olhou nossas mãos unidas e eu o ouvi inspirar. O rubi frio e duro que era meu coração pareceu se dissolver em areia. Eu me senti fraca por dentro. Vulnerável.

– Por que não consigo ver você? Quero dizer, eu consigo ver Asten e Ahmose, e até mesmo Tia e Ashleigh nos sonhos delas. Por que não consigo ver *você*? Não faz sentido.

Lentamente ele levantou a outra mão e tocou meu queixo. Virei-me para olhar seu rosto reluzente, saboreando o calor de seu toque.

– Quando duas pessoas estão ligadas, como nós – começou ele baixinho –, não há nada na Terra ou no céu que possa separá-las. Só existe um motivo para você não me ver, e, apesar de esse motivo partir meu coração, eu o entendo e aceito.

– Qual é? – sussurrei.

– O motivo para você não conseguir me ver, meu amor, é porque não quer.

– Não. – Neguei com a cabeça, meus olhos se enchendo de lágrimas. – Você está enganado. Não pode ser.

– Shh, Nehabet, fique calma. – Ele me envolveu em seus braços luminosos e me apertou.

Eu podia sentir seu coração batendo contra o meu rosto. Amon acariciou minhas costas e meus cabelos, os dedos escorrendo pelos fios soltos como água, enquanto as lágrimas desciam por meu rosto.

– Por quê? Por que eu faria isso com você? – perguntei, com uma emoção inesperada e intensa borbulhando dentro de mim como uma fonte quente.

Eu estava com raiva. Não dele, mas de mim mesma. Meu coração

batia forte, furioso e tenso, como um lobo perseguindo a presa.

Eu queria arrancar o que quer que estivesse causando aquela dor, mas sabia que, se fizesse isso, destruiria algo precioso.

– Não importa – murmurou ele no meu ouvido.

– Importa, sim, Amon – falei, e em seguida envolvi seu pescoço com os braços e fechei os olhos. – Não – comecei, e beijei seu rosto reluzente.

– Não o quê? – perguntou ele com ternura, afastando-se um pouco.

Era quase doloroso olhá-lo e saber que era por minha culpa que suas feições estavam escondidas. Mas forcei os olhos a abrir e disse com sinceridade:

– Não me deixe esquecer.

Ele fez uma pausa momentânea antes de baixar a cabeça e tocar meus lábios com os seus. A princípio o beijo foi leve e suave, como uma pena roçando minha pele. Eu queria mais.

Amon pareceu sentir minha disposição e fui rapidamente envolvida pela luz do sol. Eu podia senti-la à minha volta – protegendo e acalmando, mas, ao mesmo tempo, provocando e hipnotizando.

Eu poderia ter ficado para sempre na condição de sonho que era Amon, mas ele se afastou. Quando fez isso, fiquei consternada ao ver que ele ainda era somente um ser dourado, feito de luz, sentado comigo no sofá. Ele acariciou meu rosto.

– Você vai me ver quando for a hora certa.

Envolvi seu pulso com a mão e olhei o ponto em que sabia que seus olhos estariam.

– Vou resolver isso. Prometo.

– Eu sei que vai. E vou esperar. Até a morte do Cosmo, vou esperar por você. Não duvide.

– Não vou duvidar.

Uma voz entoando ecoou na sala e uma luz atravessou o centro da porta dupla dourada. Com um estrondo, ela se escancarou e Amon se levantou, pronto para me proteger.

– Lily! – exclamou uma voz que eu conhecia bem.

Rapidamente fiquei de pé.

– Ahmose!

O grandalhão olhou para nós dois. Se achava estranho Amon aparecer na forma de uma figura reluzente, não disse nada. Ou talvez Amon tivesse a aparência normal para outras pessoas e só eu o visse daquele jeito.

Amon se virou para mim e estendeu a mão. Segurei-a e ele me puxou para ele. Seu calor me envolveu uma última vez e eu quis ficar ali, me aquecendo.

– Vá com Ahmose, meu amor. Fique em segurança. – Ele deu um beijo na minha testa.

– Eu virei encontrar você – falei.

Pelo seu rosto não dava para ver que ele sorria, mas percebi isso em sua voz:

– Esperarei sua chegada com ansiedade – disse ele, depois olhou para trás de mim. – *Hakenew*, Ahmose. Tome conta dela.

– Farei isso, claro, irmão – respondeu Ahmose.

Dei um sorriso torto para Amon, depois olhei para Ahmose, que não estava nem um pouco sorridente.

– Está pronta, Lily? – perguntou ele, sério e educado como um cão faminto esperando a comida.

– Estou. Vamos.

Fui até Ahmose e, olhando para trás, na direção de Amon, estendi a mão. Ahmose a tomou e um vórtice se abriu acima de nós, erguendo-nos no ar. O templo dourado desapareceu, junto com o rapaz dourado que eu tinha deixado para trás.



Ó capitão! Meu capitão!

Giramos com a luz dourada numa velocidade estonteante, mas deixamos rapidamente essa luz para trás e me senti triste ao perdê-la. Ahmose me apertava com força e encostei o rosto em seu peito, fechando os olhos. Quando finalmente diminuímos a velocidade, ele levantou meu queixo. Pairávamos acima de uma praia escura. Uma pequena fogueira crepitava baixinho e vi os unicórnios montando guarda junto a dois corpos que dormiam ao lado do fogo.

Ahmose murmurou um encantamento e um dos corpos se alçou no ar. Era o meu. Um arrepio me percorreu enquanto eu me via naquela experiência extracorpórea. Minha cabeça estava abaixada e o cabelo pendia em volta do rosto em mechas úmidas e murchas. Quase sem pensar, meu eu do sonho foi se aproximando cada vez mais do meu corpo até que minha mão tocou um ombro e então havia somente... eu.

Abri os olhos e fui baixando lentamente até o chão, os pés nus afundando na areia preta e molhada. Fiquei surpresa ao ver que ainda usava o roupão fino que Amon tinha criado para mim, e não as roupas que meu corpo de verdade usava quando caí das costas de Nebu. Ahmose retornou rapidamente ao seu corpo e parou atrás de mim.

Tremendo, esfreguei os braços e me afastei dele para ver onde estávamos. A paisagem noturna era linda. Uma fina lua crescente roçava a superfície do oceano com fagulhas prateadas. As ondas eram suaves e calmas e se quebravam nas pedras e nos troncos de árvores trazidos pela

maré com um ruído suave que me deixava sonolenta. Eu estava cansada demais. Exausta no corpo e na mente.

Ahmose postou-se diante de mim, preenchendo meu campo de visão. Segurou meus ombros e perguntou:

– Você está bem? – Seu rosto estava tenso, com uma emoção que acentuava suas feições.

A cumplicidade que tínhamos compartilhado antes, a emoção que havia feito com que eu me sentisse feliz e livre como um espírito da floresta dançando no equinócio de outono, havia sumido. Eu sabia disso, e Ahmose também.

O sol tinha sido eclipsado pela lua durante um tempo. Agora que eu sabia que o sol estava lá, não podia mais ignorá-lo nem o calor que ele fornecia. Sem Ashleigh e Tia na mente, minhas emoções eram minhas. Eu tinha uma perspectiva nova e diversa. E, pelo que eu podia ver, parecia que Ahmose também.

Apesar de me segurar com gentileza, ele estava distante. Duro. Ahmose tinha se transformado num penhasco imponente, íngreme demais para eu sequer pensar em escalar. O calor de seu olhar havia se esvaído.

– Vou ficar bem – consegui dizer.

Seus olhos cinzentos revelavam muito, mas eu não conseguia interpretá-lo. O ar estava cheio de tensão e comecei a retorcer as mãos na altura da cintura. Em seguida parei e comecei a brincar com a faixa do roupão, incapaz de manter o contato visual. O espaço entre nós estava cheio de lâminas e cada segundo que passávamos sem falar me cortava profundamente. Quando por fim ele falou, foi para chamar Ashleigh e Tia.

– Está na hora, senhoras – disse, dando-me as costas e olhando o espaço ao redor. – Sua hospedeira retornou.

Minha respiração ficou presa na garganta. Hospedeira? Era isso que eu era para ele? Só um corpo que abrigava a garota que ele amava de verdade? Como podia ser tão cruel? Isso não parecia coisa dele. Pelo menos eu achava que não. Mas até que ponto eu o conhecia de verdade?

Ahmose devia estar com raiva. Principalmente porque tinha visto Tia com Asten, assim como Amon e eu. Qualquer homem ficaria chateado com isso. Mas eu não tinha direito de estar chateada também? Ele sabia que vê-lo com Ashleigh havia me magoado. Até admitiu isso para ela no sonho. Achei que tinha havido alguma coisa especial entre *nós*. O nós que era Ahmose e Lily. Uma coisa nova e preciosa. Eu havia contado com ele. Precisara dele. Acreditara que estava começando a... começando a amá-lo.

Por um momento eu estava sozinha, se não com alegria, pelo menos em paz. No instante seguinte minhas duas vozes interiores voltaram. De súbito minha mente pareceu apinhada demais, os pensamentos confusos. De algum modo consegui me esticar para acomodar as duas garotas e depois me senti melhor por ter feito isso. Fiquei surpresa ao descobrir que tinha sentido falta delas.

Ah, Lily, disse Ashleigh, com um toque de pesar na voz. *Eu sinto muito.*

Eu também, respondi.

Tenho certeza de que esse garoto bobo não quis falar daquele jeito, comentou ela.

Tia não disse nada, mas logo um rom-rom relaxante ressoou no espaço onde ela estava confortavelmente enroscada.

Era como ter duas melhores amigas vindo me consolar depois de uma experiência devastadora. Enquanto eu sofria na mente e no coração, as duas lamentavam junto comigo. Lágrimas escorreram pelos meus olhos quando pensei no que tinha perdido. No que *nós* tínhamos perdido – pois todas nós tínhamos perdido alguma coisa.

Então nos afastamos de Ahmose, deixando-o para trás com seus olhos cinzentos penetrantes, e fomos andando pela praia. Nebu veio atrás, em silêncio. Todo mundo parecia sentir que precisávamos de um tempo para nos reajustar. Para reaprender quais partes da nossa experiência pertenciam a nós como indivíduos e quais nós compartilhávamos.

A areia molhada grudava em meus pés. Cada passo deixava uma

pegada com pelo menos 2 centímetros de profundidade. A água que lambia os dedos dos meus pés era morna e reconfortante. Tive a sensação de que era uma rocha porosa e que cada passagem da água me preenchia. Quando a onda recuava, eu me sentia de novo vazia, descorada e ressecada. A verdade havia aberto buracos em mim, de dentro para fora, e eu não sabia se podia consertá-los.

Quando estávamos suficientemente longe, nós três nos fundimos e usamos o poder para fazer roupas novas. A areia subiu e girou ao meu redor, golpeando minha pele quase tão dolorosamente quanto as palavras de Ahmose tinham golpeado meu coração. Fiquei surpresa quando olhei para baixo depois e me vi usando uma camisa de flanela confortável e quente sobre uma camiseta macia e jeans por dentro de botas robustas mas elegantes.

– Obrigada, garotas – murmurei, depois me virei para retornar ao pequeno acampamento de Ahmose.

Dei um tapinha nas costas de Nebu e caminhei junto dele enquanto voltávamos. Quando cheguei, estava tão cansada em espírito que tinha a sensação de que nenhuma conversa consertaria o que estava errado. Deitei-me numa capa e apoiei a cabeça no braço.

– Gostaria de dormir um pouco, Ahmose. Você também deveria dormir.

Ele se sentou do outro lado da fogueira e respondeu:

– Pode dormir. Eu tenho dormido um bocado ultimamente.

Quando fechei os olhos, apaguei rapidamente, mas sonhei que escutava a voz de Ashleigh. Ela estava dando bronca em alguém. Percebi que não gostaria de ser o alvo de sua fúria e senti pena de quem a tinha irritado. Por fim, nem mesmo seus gritos conseguiram afastar meu sono e o mundo escureceu.

Acordei ao som das ondas e das aves marinhas. Meu corpo estava rígido e as juntas, doloridas. Sentei-me com um gemido e encontrei uma vara para revirar as brasas da fogueira, mas não tinha como fazê-la acender de novo. Ahmose não estava ali, Nebu também não, mas Zahra continuava perto.

– Onde estão os outros? – perguntei.

Estão providenciando o desjejum, respondeu o unicórnio.

Ahmose não demorou a retornar e pôs vários peixes numa pedra, depois se ajoelhou e acendeu o fogo de novo. Olhou para mim brevemente, mas logo desviou o olhar, com os lábios franzidos, como se quisesse falar mas não conseguisse encontrar as palavras certas. Observei-o abertamente enquanto ele limpava os peixes e os cozinhava. Uma ave marinha ali perto ficou feliz em pegar as vísceras e guinchou, empolgada, enquanto espiava Ahmose com os olhos de contas pretas.

Quando a refeição ficou pronta, ele me deu minha parte e depois se sentou e ficou remexendo na dele, sem comer. Mastiguei alguns pedaços, mas a comida se prendia no fundo da garganta, como se minha língua tivesse inchado demais para permitir que eu engolisse. Por fim, deixei-a de lado e cutuquei o pé dele com minha bota.

– Diga logo, Ahmose. Estou vendo que você quer falar.

Um arrepio de nervosismo percorreu minha pele quando ele me olhou. Meus olhos pareciam quentes e feridos. Ele tornou a voltar a atenção para seu peixe.

– Não sei o que você quer que eu diga, Lily.

– Diga que está desapontado comigo. Que era tudo mentira. Que você nunca me amou. Que nossos caminhos não se fundem como você pensou. Qualquer coisa assim. Todas essas coisas. Mas... diga.

Dobrei os joelhos e abracei as pernas. Apesar de Ahmose ainda não ter dito nada, eu tinha a sensação de que ele havia me dado um soco na barriga.

Pensei na maneira como Ahmose tinha beijado Ashleigh. Os dois cercados por trevos, o zumbido das abelhas preguiçosas e a brisa com cheiro de flor de maçã. O modo como os olhos dele se franziam e as bochechas se arredondavam em pequenas luas quando olhava para ela. A maneira como Ashleigh adorou sentir os lábios dele na pele e a respiração quente fazendo cócegas em seu pescoço nu.

Ahmose franziu a testa.

– Não posso falar nada disso, Lily.

– Por quê? – perguntei, a raiva tingindo as bordas das palavras.

– Porque nenhuma dessas coisas é verdade. Meus sentimentos não são mentira. Eu amo você, sim. Nossos caminhos se cruzam. Eu vi. – Quando lhe lancei um olhar de dúvida, ele acrescentou: – Por que não pergunta o que quer de fato saber?

Do que ele estava falando? Será que queria que eu o acusasse abertamente de amar Ashleigh mais do que a mim? Isso tinha importância? Para Ashleigh, tinha. Ela estava silenciosa, mas eu podia sentir sua tristeza, sua resignação e sua preocupação com meus sentimentos. Ao mesmo tempo, o amor que ela sentia por Ahmose era uma coisa palpável que alterava minha percepção, independentemente de eu querer ou não. Esses sentimentos cresciam ao meu redor e eu reagia a eles. Queria que Ahmose me tomasse nos braços, que ele me confortasse e acariciasse meus cabelos. Mas eu também era eu mesma. Seu afeto por Ashleigh não era a coisa que mais atormentava minha mente.

– Por que não me falou sobre ele? – perguntei por fim em voz baixa.

Ahmose assentiu rigidamente, indicando que essa era a pergunta que ele vinha esperando, mas seus lábios estavam contraídos, como se ele não quisesse responder.

Continuei pressionando:

– Você sabia que eu tinha perdido a memória com relação a ele. Você se aproveitou disso.

– Sim – disse ele simplesmente. – Isso não quer dizer que o que eu vi e o que sinto são errados.

– Então por que parece errado para mim? – murmurei. – Na verdade, tudo nesta situação parece errado.

– Não diga isso.

– Por quê? Magoa você? Que bom. Fico feliz que magoe você, porque você me magoou. Eu fui testemunha do sonho de Ashleigh e sua ligação com ela é óbvia.

– Isso não quer dizer que eu não sinta nada por você.

Levantei-me e fui até a beira d'água.

– Não é a mesma coisa. Nem de longe – falei, a voz erguendo-se acima do ruído do oceano.

Ahmose aproximou-se por trás e passou os braços em volta dos meus. Sua boca roçou minha orelha e percebi que ainda queria que ele me amasse, que me beijasse e abraçasse como antes.

– Eu respeito você – murmurou ele. – E a admiro. Seu rosto, seu corpo são lindos para mim. Quero manter você perto e protegê-la do mal, cuidar de você pelo resto dos meus dias. Poderíamos ser felizes juntos, Lily. Tranquilos e contentes. Isso não basta?

Girei e ele então envolveu minha cintura com as mãos, tentando me puxar para um abraço, mas eu pressionei a palma das mãos contra seu peito, mantendo-nos separados.

– Uma parte de mim gostaria que isso bastasse – falei com tristeza. – Mas talvez isso não tenha importância.

Dei um sorriso pesaroso. A ânsia de chegar mais perto, de me perder em seus beijos, era intensa. Ashleigh não era a única que desejava isso, mas alguma coisa havia mudado para mim, para todos nós, no mundo dos sonhos.

Não sabíamos o que o futuro iria trazer, mas, mesmo que houvesse um final feliz para uma de nós, isso significaria um final frustrante para as outras duas. Nenhuma de nós queria pensar nisso agora.

– Acho que seria melhor se puséssemos nossos sentimentos de lado por enquanto e nos concentrássemos na tarefa em questão – falei.

– Se é isso que você quer... – disse Ahmose com formalidade, e afastou-se lentamente, as costas rígidas.

Você o magoou, disse Ashleigh. *Precisava ser tão dura? Ele é do tipo sensível.*

Ele me magoou primeiro, respondi. *Além disso, que diferença isso faz agora? Nós temos um trabalho a fazer, e já vivemos dramas suficientes com relação a homens. Deveríamos estar nos concentrando em Seth.*

Concordo, disse Tia. *Não faz sentido ficar desejando coisas. Elas vão acontecer ou não. As chances são de que Wasret escolha nosso parceiro e que não tenhamos direito a opinar.*

Wasret. Maravilhoso. Eu tinha quase esquecido. Compartilhei rapidamente com elas as coisas que tinha visto no sonho com Amon e as duas ficaram chocadas com a infiltração da Devoradora. Quando mencionei isso a Ahmose, ele assentiu e disse que Asten havia contado a ele. O fato de Wasret ter recuperado poder suficiente para assumir o controle daquele modo não era um bom augúrio para nós.

– Há mais notícias ruins, infelizmente – disse Ahmose. – Examinei nosso caminho e a rota mais curta até meus irmãos é ao longo do Rio Cósmico. Os unicórnios não se dão bem por lá. O voo é longo demais. Eles se cansam e não há lugar seguro para descansarem.

– Então o que podemos fazer? Como vamos chegar aos seus irmãos?

Por que não invocamos Cherty?, sugeriu Tia.

– Cherty? Quem é Cherty? – perguntei em voz alta.

Ahmose levantou a cabeça com uma fagulha de interesse nos olhos.

– Você acha que ele nos levaria? – perguntou, coçando o queixo. – Parece que ele gostou de vocês.

É claro que ele gostou de nós, disse Tia. *Podemos invocá-lo com a moeda que ele nos deu.*

– Que moeda?

A que Hassan escondeu na aljava. Está ao lado do escaravelho do coração de Amon.

Meu coração parou por um momento ao ouvir essas palavras. Sem explicar meus atos a Ahmose, fui até a fogueira e encontrei o arnês de couro com as facas-lanças ainda embainhadas e a aljava com as flechas e o arco. Enfiei a mão no fundo da aljava, envolvi o escaravelho do coração com a mão e o tirei dali.

Fiquei olhando aquele objeto por um longo tempo. Meus dedos o apertaram e, quando ergui os olhos, encontrei Ahmose me observando. Mantendo-o apertado na palma da mão, continuei procurando e encontrei uma moeda com a imagem de um pássaro. Entreguei-a a Ahmose. Quando ele não estava olhando, enfiei o escaravelho do coração de Amon no bolso do jeans.

– O pássaro Benu – disse ele com reverência enquanto virava a

moeda na palma da mão e passava os dedos pelo outro lado. Mostrou-me a imagem de um barco e um homem encurvado sobre uma vara. – Nunca tinha visto uma destas, mas ouvi histórias sobre elas. A moeda tem dois lados. Isso significa que vocês têm a proteção do pássaro Benu e do barqueiro. Sabe como isso é raro?

Dei de ombros. *Nós vimos o pássaro em Heliópolis,* explicou Tia. *Essa moeda é parecida com a que o pássaro usou para pagar nossa primeira viagem. Na verdade, pode até ser a mesma.*

Quando repassei a mensagem dela a Ahmose, ele nos olhou boquiaberto.

– Vocês *viram* o pássaro? Ele pagou a sua viagem?

– Sim. Pelo menos Tia diz que sim.

Ahmose nos encarou, o olhar quase me atravessando, como se procurasse respostas que eu não podia dar.

– Isso vai funcionar? Podemos chamar esse tal de Cherty com a moeda? – perguntei.

– Ah, sim – respondeu ele. – Acho que vai funcionar muito bem. – Pôs a moeda na minha mão e chamou: – Venha comigo.

Acompanhei-o até a beira d'água e ele me disse o que fazer. Levando o braço às costas, gritei em voz alta:

– Barqueiro! Com esta moeda eu reivindico passagem! – Lancei o braço à frente, atirando a moeda o mais longe possível na água.

Ao sol da manhã, vi o lampejo de ouro enquanto ela girava no ar e, quando caiu na água, um facho de luz disparou para o céu, desaparecendo lá em cima.

– O que acontece agora? – perguntei.

– Ele virá até nós, se puder.

– Por que não poderia?

– Cherty deve estar ocupado transportando os mortos, especialmente num tempo de guerra como este em que estamos.

– Mas Maat não disse que o além foi invadido? Para onde ele está levando os mortos, então?

– Não sei. É possível que ainda os esteja levando para lá. Deixando-os

lá para que se virem até que a ordem retorne. Isso acontece ocasionalmente quando nós estamos no reino mortal. Os mortos esperam nossa chegada. Em geral há grandes grupos para serem levados ao julgamento depois de nossas duas semanas na Terra. Alguns se desgarram, mas acabam devorados pelas várias feras que impedem os mortos de ir embora. Não há um modo seguro de escapar do além. A não ser que você seja um deus. Eles podem ir e vir quanto quiserem.

– Ah... e, hã, vocês têm licença de ir e vir como os deuses?

Ahmose me olhou.

– Não. Devemos permanecer no além até sermos chamados aos nossos corpos para cumprir o nosso propósito. Se bem que, agora que Seth está livre, não há mais motivo para nos conceder uma estadia no reino mortal.

– Então você está dizendo que, quando tudo isso tiver acabado, presumindo que a gente sobreviva, você, Asten e Amon vão... vão terminar no além, permanecendo... mortos? – Tentei engolir o nó que se formou de repente no fundo da minha garganta, mas isso não ajudou.

– É o resultado provável.

Vocês sabiam disso?, perguntei, acusadora, a Ashleigh e Tia.

Sabíamos, respondeu Tia.

Então... então de que adianta Ashleigh amar Ahmose ou você amar Asten? Que diferença faz quando não há maneira de ficarem juntos? Nem ao menos para uma de nós?, perguntei a elas.

Ashleigh respondeu:

Ah, querida, é por isso que esses raros momentos roubados são preciosos.

Cruzei os braços.

– Bom, eu não aceito isso – falei em voz alta.

– Não aceita o quê? – perguntou Ahmose.

– Tem de haver algum benefício. – Sacudi os braços, num gesto louco. – Algum tipo de recompensa por salvar o Cosmo. Certo? Não é assim que as coisas devem funcionar? Você disse que nos viu juntos. Quando? Onde? Em Nova York? No além? Onde você viu nosso final feliz? Nós estávamos vivos ou mortos?

– Eu disse que o final estava oculto para mim. Não conheço o onde nem o quando. Só sei das emoções que senti. Tudo o que vi foram momentos de felicidade. De contentamento. De amor. Esses são os vislumbres que me foram concedidos.

– E seus vislumbres incluem a mim, Ashleigh ou Tia? Qual de nós vai ficar com você?

– Eu vi as três.

– Certo. Bom, isso é conveniente, não é?

– Você está com raiva.

– Claro que estou. Já é bastante ruim que eu tenha de sacrificar minha identidade e me tornar essa tal Wasret para poder salvar o Cosmo. Eu estava começando a descobrir quem Lilliana Young ia ser. Escolher uma faculdade parece bem idiota agora, não é? E aqui estava eu, preocupada em saber por qual cara poderia estar apaixonada, quando na verdade isso não importa nem um pouco. Vocês todos estão mortos. Não há como ter uma vida com qualquer um de vocês. Então, sabe de uma coisa? – Cutuquei seu peito com o dedo. – Por que você não guarda essas suas visões para si mesmo? E, já que estamos falando sobre isso, por que não deixa Ashleigh em paz também? Nenhuma de nós precisa nutrir esperanças de ter algo com alguém num futuro que não existe.

Meu queixo tremia enquanto eu o encarava com olhos gelados. Queria que ele me dissesse que eu estava errada. Que tudo daria certo e que eu teria um final feliz. Que pelo menos uma de nós sobreviveria e teria uma vida boa. Em vez disso, meu corpo trêmulo queimava com uma angústia interior. Ele tocou meu rosto de leve e disse:

– Se é isso que você quer, Lily, farei o que pede.

Antes que as lágrimas que tinham surgido nos meus olhos tivessem chance de se derramar, dei meia-volta e retornei para a fogueira, pisando firme, obstinadamente puxando o arnês de couro, o arco e a aljava. *Não quero ouvir*, alertei Ashleigh e Tia antes que elas dissessem qualquer coisa.

Zahra me cutucou com a cabeça e passei os dedos pela sua crina, soltando os emaranhados e alisando os fios por cima do pelo brilhante.

Meus pensamentos pareciam tão embolados quanto a crina. Ouvi Ahmose gritar:

– Ele está se aproximando!

Virei-me para olhar por cima do ombro, com uma das mãos ainda no unicórnio. Protegi os olhos e espiei por cima da água.

– Não estou vendo nada! – gritei de volta.

– Ele não está lá – disse Ahmose, indicando o oceano enquanto eu ia na sua direção. – Está lá! – concluiu, apontando para o céu.

Um grande objeto escuro surgiu numa camada de nuvens. Só dava para ver algumas partes enquanto a coisa ia baixando. Não sei direito o que eu esperava, mas não era um barco voador. Ele desceu fazendo círculos, até que por fim alcançou o oceano espirrando água ruidosamente. Estava muito longe. Teríamos de nadar até ele.

Ahmose se virou para os unicórnios.

– Obrigado. Vocês se arriscaram muito para nos ajudar.

Zahra encostou o focinho no braço dele e eu abracei seu pescoço sedoso.

– Cuide-se – sussurrei em sua orelha, que se contraía.

Ela relinchou em resposta, depois girou e galopou rapidamente pela praia. Quando seu corpo bateu numa onda, dissolveu-se em areia e desapareceu.

Quando me virei para Nebu, ele disse:

Monte nas minhas costas, jovem esfinge. Vou levá-la ao barco.

– E Ahmose?

Ele pode chegar lá sozinho.

Ahmose me ajudou e, assim que montei, Nebu desdobrou as grandes asas e correu pela areia, batendo-as até que elas captaram o vento. Olhei para Ahmose e arquejei ao vê-lo se transformar num lindo pássaro prateado, a maior criatura alada que eu já vira, depois de Nebu. *Nós sabíamos que ele era capaz de fazer isso?*, perguntei, olhando-o voar.

Uma vez você me disse que eles tinham esse poder, afirmou Tia, *mas que não tinham acesso a ele no mundo dos mortos.*

Ele... ele é lindo, falei. E era mesmo. Ahmose em sua forma de pássaro

era uma visão digna de ser contemplada. O sol cintilava nas asas brilhantes e prateadas. Ele se aproximou e voou ao nosso lado, as longas pernas estendidas para trás e o pescoço esticado à frente. Ahmose inclinou a cabeça, me olhando com uma expressão que eu não entendia. Quando se aproximou do barco, ele bateu asas várias vezes para reduzir a velocidade e então voltou à forma humana, caindo com leveza no convés.

Nebu girou em volta do barco, sem diminuir a velocidade como eu esperava.

Quero me despedir, disse ele.

Obrigada, respondi. *Obrigada por tudo.*

Não fiz grande coisa.

Mesmo assim, não teríamos chegado tão longe sem você. Você é muito corajoso.

Não sou, não. Não quando se trata de arriscar os meus.

Senti o olhar de Ahmose em mim, mas Nebu continuou girando acima do barco.

O que foi?, perguntei ao unicórnio.

Se pudesse, eu gostaria de dar um conselho e um alerta antes de ir embora.

Pode dizer, consenti.

Então meu alerta é para Ashleigh. Tenha cuidado, jovem fada. Não deixe que um novo amor a afaste do que é melhor para todas vocês. Lily poderia ter lutado contra o ferrão do peixe alado se você não tivesse exaurido o corpo dela a cada noite. Ela caiu e prendeu todas vocês no mundo dos sonhos porque você a estava usando, de modo egoísta, para alimentar seus desejos.

Ressentida com a repreensão, Ashleigh recuou para um canto da minha mente e toldou seus pensamentos para nós.

Vamos conversar sobre isso mais tarde, eu disse gentilmente a ela. *E qual é o seu conselho?*, perguntei a Nebu.

Não acabe com a esperança delas. Você está magoada e com medo do futuro. Entendo isso, mas lembre-se de que, sem você, elas não têm nada. Pense nisso.

Como posso ter esperança quando não posso convencer nem um unicórnio poderoso como você a se juntar à nossa causa?, perguntei.

Talvez, quando você perguntar de novo, eu esteja pronto para ficar ao lado de vocês e permanecer lá.

Vou querer que você prove o que está falando, alertei.

Espero que sim. Boa sorte, jovem esfinge. E adeus. Por enquanto.

– Adeus – falei enquanto ele descia na direção do barco.

Ergui a perna e avaliei a distância. Quando achei que estava preparada, escorreguei das costas do unicórnio e pousei com a leveza de um gato no convés. Nebu relinchou alto, dobrou as asas e mergulhou no oceano. Corri para a amurada do barco, mas o único sinal do unicórnio era uma camada de areia brilhante, que afundou lentamente entre as ondas.

Virando-me, deparei com Ahmose discutindo veementemente com o capitão, que presumi fosse o barqueiro. Manchas de um vermelho raivoso tinham brotado no pescoço do sujeito. Seu rosto era ao mesmo tempo curtido pelo mar e atemporal, os olhos tão inescrutáveis quanto as profundezas abaixo.

– Estou dizendo! – gritou o homem. – Vocês não podem viajar por esse caminho, Desbravador. Não é seguro. Apep vai engolir a garota antes que você possa piscar!

– E eu estou dizendo que nós *vamos* por aquele caminho. Se Apep nos encontrar, que seja. Vamos lutar juntos contra ela.

– Você só diz isso porque nunca viu a fera. Se tivesse visto, saberia que não dá para lutar contra ela. Só dá para evitar. Qualquer outra coisa só mostra que seu lugar não é o rio, para começo de conversa.

Ahmose apenas cruzou os braços e encarou o sujeito de cima para baixo. O capitão levantou as mãos com um resmungo frustrado e se virou, como se esperasse que Ahmose sumisse quando não estivesse mais sendo visto.

O homem fixou o olhar em mim, as sobrancelhas fartas erguidas e um grande sorriso no rosto.

– Olá, mocinha. Que bom ver você ainda inteira. Por assim dizer.



Pelo buraco de minhoca

– Olá – respondi, hesitante. – É um prazer conhecê-lo.

As sobrancelhas fartas do sujeito se encontraram na pequena ruga que se formou entre seus olhos.

– Me conhecer? Do que você está falando, mocinha? Não acredito que já me esqueceu.

– Já. Bom, parece que eu removi todas as minhas memórias de antes. Tranquei todas elas, por motivos que não consigo lembrar.

O sujeito grunhiu e me olhou de testa franzida, um dos olhos quase fechado e outro arregalado enquanto ele inclinava a cabeça.

– Foi, é? – Ele coçou a barba crescida no queixo, produzindo um som de lixa. – Bom, não posso dizer que culpo você. Parece que ignorou meu conselho e continuou andando com os sem alma – disse, apontando o dedo por cima do ombro para indicar Ahmose. – Por favor, diga que não fez nada imprudente e não largou o namorado anterior só para arranjar outro da mesma laia. Um deles já é bastante ruim.

Fiz uma careta. A suposição dele estava um pouco perto demais da verdade.

– Os sem alma? – perguntei, desejando que ele mudasse de assunto.

– Sim. Os guardiões. – O homem fungou e cuspiu por cima da amurada. Enquanto Tia esclarecia que ele estava falando de Asten, Ahmose e Amon, o barqueiro continuou: – Parece que ultimamente eles não estão fazendo um trabalho de guarda muito bom. Estão sumidos há

um tempo, e os mortos são tantos que não têm outro jeito a não ser se agarrar nos costados do barco.

Confirmei com a cabeça.

– O além foi invadido. Maat escondeu os... os guardiões para protegê-los de Seth.

– Creio que isso explique a situação. Cada vez que largo uma nova carga, o cais está tão apinhado de almas implorando para ser levadas de volta que meu navio quase emborcou algumas vezes. A coisa ficou tão ruim que agora eu simplesmente jogo os mortos por cima da amurada quando chegamos perto.

Um pequeno lampejo de alarme cresceu dentro de mim e olhei nervosa de um lado para outro.

– Não estou vendo ninguém.

– Vai ver, assim que a gente decolar e passar pelo portal. As almas dos mortos não podem ser vistas à luz do dia, a não ser que tenham alguma ligação especial com um mortal.

– Ah. – Esfreguei os braços e olhei para Ahmose, que estava fazendo algum tipo de encantamento para verificar de novo nosso caminho.

– Tem certeza de que quer seguir esse daí? – perguntou o barqueiro. – O caminho que ele aponta leva a gente por águas perigosas. Não há muita probabilidade de chegar intacto do outro lado.

Soltei o ar num meio riso.

– Isso não é novidade.

O homem chegou mais perto, com uma expressão séria. Cheirava a especiarias, cera de vela e mar.

– Se quiser que eu jogue esse sujeito por cima da amurada, é só fazer um sinal – disse, batendo com o polegar no nariz. – Isso não vai matá-lo. Pelo menos acho que não. É só dizer.

Ele baixou uma pálpebra grossa numa piscadela discreta e eu quase ri, mas Ashleigh veio à superfície, eriçada de indignação:

– *Seu urso velho cheio de cracas! Não vai fazer uma coisa dessas com o meu Ahmose!*

O sujeito piscou, os olhos redondos de surpresa. O vermelho

pintalgado subiu por seu pescoço e ele apontou um dedo grosso na minha cara.

– E quem lhe deu licença para abrir a boca no lugar de Lily? – argumentou de volta. – Estou vendo você aí. Saia agora e volte para o seu lugar, agarrada ao costado do barco, sua fada maligna. Você não tem nada que ficar assombrando essa moça adorável.

– *Não sou maligna* – declarou Ashleigh com minha voz. – *E também não estou assombrando ninguém. Sou tão parte de Lily quanto Tia.*

O homem cruzou os braços grossos.

– É mesmo?

– *É. E tem mais...*

– Parem com isso! – disse Ahmose. Nós nem tínhamos percebido sua aproximação. Ele se pôs entre mim e o capitão corpulento. – Agradeço se você tratar Ashleigh com respeito, barqueiro. Acho que já gastou tempo demais reatando o contato com Lily, portanto, por gentileza, faça o seu serviço e nos leve. – A expressão de Ahmose era inflamada e perigosa como a de um cão do inferno. – Imediatamente – acrescentou.

Ashleigh retirou-se, um tanto presunçosa depois da atitude de Ahmose. Subi lentamente à superfície, assumindo de novo o controle do meu corpo. Olhei irritada para Ahmose, nem um pouco feliz com sua demonstração de força. O capitão não tinha falado por mal. Pelo menos eu achei que não. Ahmose viu meu olhar e se virou, voltando para a proa do barco, sem dizer nada.

Ver o grande capitão recuar e baixar a cabeça me incomodou por alguns motivos. O primeiro, para minha surpresa, foi que eu gostava do barqueiro. O segundo era que Ahmose parecia proteger demais Ashleigh, o que me irritava, e sua abordagem grosseira foi desnecessária. Além disso, eu queria ouvir mais sobre a ideia da assombração que o capitão tinha mencionado.

Roí a unha do polegar. Seria possível que eu estivesse mesmo sendo assombrada por dois espíritos? Será que estava possuída? Eu sabia que todas as outras pessoas acreditavam que éramos destinadas a nos tornarmos Wasret ou sei lá o quê, mas eu não queria afastar nenhuma

possibilidade. Especialmente porque o capitão parecia indicar que havia um modo de a alma de Ashleigh ser removida de minha pessoa viva.

Parecia traição sequer pensar em me livrar de minhas duas companhias constantes. Eu realmente gostava delas. Ao mesmo tempo, o corpo era meu, não era? Eu não merecia ter uma vida? Se havia uma possibilidade de ser eu mesma de novo, inteira, completa e normal, seria errado abrigar esse desejo? Tentar descobrir um modo de fazer com que isso acontecesse?

O barqueiro murmurou baixinho seu descontentamento enquanto puxava várias cordas e içava a âncora, que aparentemente ele havia prendido no topo de uma montanha. Ahmose ficou na proa do barco olhando nosso progresso durante um tempo, depois se virou para olhar o oceano. Dava para ver que ele queria que eu fosse ficar ao seu lado, mas decidi permanecer junto do capitão. Quando ele me pediu para ajudar, fiquei feliz em fazer isso. Parecia normal que ele pedisse para eu trabalhar ao seu lado. Nesse aspecto, ele me fez lembrar vovó.

– A oferta continua de pé – disse ele num sussurro teatral enquanto me ajudava a enrolar uma corda. – Seria um prazer ajudar um dos andarilhos a viajar por cima da amurada.

Dessa vez eu ri e, ainda que Ashleigh quisesse partir para cima dele de novo, segurei-a à força. Ela não gostou disso e ficou carrancuda no fundo da minha mente.

– Acho que vamos deixá-lo ficar. Por enquanto – respondi também num sussurro, levantando as sobrancelhas significativamente e rindo para mostrar que estava de brincadeira. – Pode me dizer seu nome de novo? – perguntei um pouco mais alto. – Tia falou algumas vezes, mas não consigo lembrar. Sei que você é Caronte, o barqueiro da mitologia, mas você não parece muito o mito.

– É. Um monte de gente diz isso. Meu nome é Cherty. Os três viajantes sempre me chamaram de "Barqueiro". Esses três não demonstram muito respeito a mim.

– É uma pena. Na verdade, eles não são tão ruins quanto parecem, Cherty. Talvez só não conheçam você suficientemente bem.

– Nossos caminhos se cruzam um bocado, eles deveriam pelo menos me tratar de modo cordial. Não é minha culpa eles estarem empacados com isso. Não que eu também tenha escolhido meu trabalho.

Eu ia perguntar mais sobre o trabalho deles, mas Cherty apontou com a cabeça um caixote, indicando que eu deveria ficar confortável e me segurar. Tia disse para eu envolver com os braços a corda na amurada e que mais tarde responderia às minhas perguntas do melhor modo que pudesse. Fiz o que ela pediu e um vento forte enfunou as velas até que elas se encheram como grandes balões.

O oceano, anteriormente calmo, cresceu lá embaixo. Ondas gigantes corriam na direção da praia, com os topos roçando o casco do barco, apesar de estarmos muito acima da terra. Quando uma onda grande espirrou espuma por cima da amurada, Cherty gritou:

– Segure-se!

O barco adernou num ângulo profundo, descendo pelas costas de uma onda numa velocidade de montanha-russa, e então subiu por outra e por outra, cada uma maior do que a anterior, até que senti medo de virarmos.

Gritei um alerta para Ahmose, achando que ele iria cair, mas ele permaneceu olhando direto em frente, me ignorando, os pés firmes, como se estivessem presos em alças de aço. O único sinal de que se esforçava para manter o equilíbrio foi quando segurou a grade com uma das mãos. Então, assim que chegamos à crista de uma onda de tamanho suficiente para afundar um cargueiro, decolamos de novo, subindo numa velocidade incrível. Quando o mar estava longe, embaixo de nós, o navio se equilibrou e se firmou num balanço confortável.

Logo finos fiapos de nuvem passavam por nós. Antes que eu pudesse desenrolar o braço da corda, estávamos no interior de uma nuvem. Pus a mão na frente dos olhos e não pude vê-la. O orvalho pousava nos meus braços e no rosto e o ar que eu respirava era molhado e frio.

Subimos ainda mais e rompemos o topo das nuvens. Um oceano delas se estendia embaixo de nós. O sol queimava os topos macios, fazendo parecer uma paisagem de algodão-doce fofo e cor-de-rosa. Eram tão

densas e de aparência tão sólida que eu queria puxar uma para perto e tirar um cochilo em cima. Prosseguimos e o ar ficou mais frio. Minhas bochechas e as orelhas ficaram entorpecidas e eu tremi.

– Estamos quase lá – disse Cherty. – Segure-se.

A princípio o azul mudou sutilmente e então a escuridão dominou o céu. O ar era rarefeito demais. Eu inspirava fundo, com uma dor oca ferroando meus pulmões, mas Cherty pôs a mão no meu ombro e minha respiração ficou mais fácil.

– Você vai ficar bem assim que entrarmos no portal – prometeu.

Em seguida apontou à frente, para uma coisa escura e serrilhada que bocejava como uma boca aberta ansiosa por nos engolir.

– O que é aquilo? – perguntei.

– Um rasgo no tecido do universo. Bom, é mais uma brecha do que um rasgo – resmungou Cherty, coçando o queixo. – É como um canal que leva desta esfera específica para o Rio Cósmico. – Ele moveu o leme e as velas se mexeram. O barco gemeu e rangeu ao mudarmos de rumo. – Firme, agora – disse ele, falando com o barco e dando um tapinha na amurada. – Firme.

A proa bateu na abertura e o barco inteiro estremeceu. Eu perdi o equilíbrio e bati contra a amurada. Imediatamente meus pulmões se apertaram. Tossi e segurei o pescoço, tentando inutilmente abrir as vias respiratórias. À nossa frente, Ahmose e toda a proa do navio desapareceram. *Ahmose*!, gritei sem som, aterrorizada e pensando que ele teria caído. Cherty agarrou meu braço e o ar abençoado entrou novamente no meu corpo.

– Ele está bem, mocinha. Você vai vê-lo num instante.

Só tive tempo de piscar uma vez antes que o negrume nos envolvesse também; agora eu não só não podia ver Ahmose nem Cherty, como também não podia ouvi-los. A única coisa que meus sentidos diziam era que eu continuava no barco. Mesmo quando tentei ativar a visão noturna de leoa, continuei completamente cega. Agarrei-me ao corrimão e gritei quando o barco mergulhou subitamente. Caímos depressa, como se

descêssemos uma montanha, depois adernamos para um lado e para outro. Se eu não estivesse me segurando, teria despencado para fora.

Por fim o barco se equilibrou e Cherty soltou meu braço enquanto eu olhava ao redor. Minha visão noturna finalmente funcionou, e com toda a intensidade. Redemoinhos negros iluminados por estrelas giravam em volta do navio como um rio de tinta nanquim e acima de nós as estrelas brilhavam como tinham feito em meu sonho. Eu podia ouvir o sussurro de suas vozes como juncos farfalhando ao longo de um rio. Era reconfortante e pacífico.

– É lindo! – falei.

– Esta é a melhor parte do rio – disse Cherty. – É por isso que Apep mora nesta parte do Cosmo.

– E Apep é...?

Cherty abriu a boca para responder, mas, antes que pudesse falar, soltei um grito capaz de gelar o sangue. À nossa volta, fantasmas diáfanos começaram a aparecer. Alguns estavam de pé em silêncio, olhando por cima da amurada. Outros se enrolavam no convés como pequenas bolas, soluçando com amargura. Uma menininha chupava os dedos, me encarando com olhos grandes. Um homem que era parte cavalo e parte humano se remexia, desconfortável, enquanto outros fantasmas se comprimiam junto a seu corpo. Ele abanou a cauda fantasmagórica, irritado.

Quando gritei, todos me olharam. Mais e mais fantasmas se materializaram. Tantos que eu me senti presa. Cercada pelos mortos. Suas bocas escuras se abriram num grito silencioso que ecoou o meu, enquanto os que estavam perto apertavam as bochechas e copiavam meus movimentos. Girei várias vezes, minhas garras emergindo enquanto eu golpeava o ar para mantê-los longe. As pontas dos meus dedos em forma de adagas simplesmente atravessavam suas formas como se eles fossem compostos apenas de ar.

Quando percebi que minhas garras de esfinge não funcionavam, recuei até bater na amurada do navio e segurei o corrimão, desesperada, querendo escapar. Eles chegaram mais e mais perto, me olhando com

curiosidade. Talvez fosse meu corpo mortal que os surpreendesse, mas eles estendiam a mão e me tocavam. Gemi e fechei os olhos, tentando ignorar o frio que se esgueirava em minhas veias sempre que uma daquelas mãos espectrais atravessava meu corpo.

Só abri os olhos quando escutei Cherty gritando:

– Para trás. Para trás, seus fantasmas desgraçados!

Os seres reluzentes no convés se afastaram um pouco, os corpos se fundindo uns nos outros.

O barqueiro não brincara ao dizer que os fantasmas eram tantos que não havia espaço para eles no navio. Eles se apinhavam em todas as formas e todos os tamanhos, tão apertados que não havia espaço para enfiar uma folha de papel entre eles. A maioria se encontrava de pé com os braços e os troncos se sobrepondo, e dava para ver que não gostavam disso. Parecia algo doloroso. Como se a fusão, ainda que possível, não fosse confortável. Eu também não gostaria. Olhei por cima da amurada outra vez e vi não dezenas de fantasmas pendurados ali, mas centenas deles.

Os que não conseguiam segurar a trave de madeira se agarravam de algum modo aos outros fantasmas, formando uma corrente medonha que desaparecia na água negra. Cabeças balançavam flutuando na nossa esteira como esquiadores caídos, mas, em vez de se segurar a uma corda, eles se prendiam aos membros descorados de seus companheiros. Era nauseabundo e horrível. Eu não podia imaginar um meio de transporte pior. O barco de Cherty era uma noiva infernal andando por um corredor escuro arrastando um longo véu de mortos.

Quando Cherty se aproximou, empurrando para o lado um fantasma depois de outro, até mesmo jogando alguns por cima da amurada, segurei seu braço, precisando de alguma coisa sólida em que me concentrar.

– Eles não vão... – Engoli em seco. – Se afogar lá embaixo?

Ele fez que não com a cabeça.

– Já estão mortos. Provavelmente vão ser comidos. Então estarão mortos *mortos*.

– Comidos? – A situação estava ficando pior. – Que tipo de monstro come fantasmas?

– A Devoradora, por exemplo. – Ahmose chegou perto e me senti grata por sua presença. Ele pôs a mão possessivamente no meu braço e deu uma bronca em Cherty: – Você deveria ter alertado que estava superlotado.

– E de quem é a culpa? Vocês me invocaram num momento de muito trabalho. Além disso, se você e seus irmãos estivessem fazendo seu serviço, eu não teria tantos passageiros agora! – gritou o barqueiro, o rosto ficando roxo.

Reuni coragem, toda que eu tinha, e me afastei de Ahmose, que franziu a testa.

– Está... está tudo bem – falei, dando um tapinha no braço de Cherty com uma imitação de sorriso. – Vou me acostumar com eles.

Não havia a menor indicação de que me acostumaria, mas eu não queria ser considerada covarde. Tia disse que tínhamos visto coisa semelhante no mundo dos mortos e havíamos sobrevivido. Enrijeci as costas, apesar da incômoda sensação de insetos se arrastando em minha pele, e tentei reagir do melhor modo possível.

Cherty baixou a cabeça.

– É melhor assim, mocinha. Apep vai ficar distraído com tantas opções para encher a barriga. Talvez a gente até tenha uma chance.

– Tem certeza de que este é o caminho certo? – perguntei a Ahmose, esperando que ele dissesse que não e que poderíamos ir para outro lugar. De preferência um lugar onde pudéssemos desembarcar os passageiros.

– Sim. Até onde eu sei, a *oubliette* onde Maat escondeu nós três fica na Ilha dos Perdidos, bem além da extremidade mais distante das Águas do Caos, depois das fronteiras dos deuses. Nem eles se aventuram tão longe.

– Se é tão perigoso, por que Maat os prendeu lá? – perguntei, a curiosidade instigada apesar da plateia.

– Maat não é tão boa em encantamentos quanto Ísis. É provável que ela tenha usado um encantamento específico que os mandou para um

lugar aonde Seth não iria. Os encantamentos são complicados de se verbalizar. O fato de ela nos mandar para um lugar tão remoto e inacessível é sinal de quanto estava desesperada.

– Se é perigoso para os deuses, como esperam que sobrevivamos? – perguntei.

– Vai dar tudo certo, meu amor. Vou ficar de olho no caminho.

Franzi a testa.

– Não me chame de amor. Você não pode mais fazer isso.

Cherty deu um risinho enquanto movia o leme, mas não olhou na nossa direção.

Ahmose deu um passo em minha direção.

– Nem *todas* vocês pensam assim – murmurou baixinho.

– Não? Bom, as outras não estão no comando agora. Infelizmente você terá de lidar comigo.

– Não me importo de lidar com você, Lily – disse Ahmose com voz suave, então levantou a mão e deslizou os nós dos dedos por meu maxilar.

Pequenos arrepios dispararam por meus braços apesar da minha decisão de ficar com raiva dele. Ele pareceu sentir minha fraqueza e se curvou para me beijar de leve na têmpora.

– Preciso ficar de olho no caminho para que Cherty nos guie na direção certa. Quer ficar comigo na proa? Vou tentar manter os fantasmas afastados.

Eu queria. De verdade. A vontade que Ashleigh tinha de ficar perto dele me chegava em ondas de desejo tão pungentes que resistir a elas quase trouxe lágrimas aos meus olhos, mas de algum modo consegui. Balancei a cabeça.

– Prefiro ficar com Cherty, se você não se importa – falei, imaginando se isso significava que eu estava resignada a me aconchegar com aqueles mortos assustadores.

Ahmose olhou para o barqueiro e respirou fundo, com resignação.

– Tenha cuidado – alertou. – Cherty vai manter os mortos longe de

você, mas há problemas à frente e quero você perto de mim quando eles chegarem. Promete ir para perto de mim nesse momento?

Fitei seus olhos de luar e assenti:

– Prometo.

Satisfeito, Ahmose voltou para a proa, passando pela numerosa horda de mortos como se nem os visse. Estremeci e encontrei um caixote para me sentar ao lado de Cherty. Parecia que Ahmose estava certo. Havia um círculo em volta do barqueiro que os fantasmas não atravessavam, por isso puxei meu caixote para o mais perto dele que pude e tentei ignorar as sensações arrepiantes de dedos invisíveis passando pelas minhas costas e deixando meu cabelo eriçado.

– Você está se metendo numa tremenda encrenca com esse aí – disse Cherty, estalando a língua. – A fada gosta do sujeito, você sabe. Acho que você não vai se livrar da influência dele até que ela vá embora. Eu posso livrá-la dos fantasmas delas, mocinha, se isso ajudar.

– Está tudo bem, Cherty – falei. – As garotas agora fazem parte de mim. Vamos nos manter juntas, as três, até o fim.

– E o que acontece depois do fim? – indagou Cherty.

– Não... não sabemos – respondi baixinho, depois dei um sorriso débil. – Provavelmente vamos terminar como fantasmas em seu navio. – Olhei meus companheiros de viagem ao redor e não consegui me imaginar perdendo meu corpo mortal. – Pode me falar sobre Apep agora? – perguntei, esperando que a distração me ajudasse a ignorar a sensação horripilante de estar cercada pelos mortos.

O velho barqueiro me olhou com olhos afiados, perspicazes, depois levantou de novo a cabeça, ajustando ligeiramente o curso em resposta a um sinal de Ahmose.

– A ilha – começou ele – é chamada de Ilha dos Perdidos por um motivo. Quando você vai naquela direção, ela se torna visível, chamando para lá. E que paisagem! É um lugar lindo, parece uma terra de utopia. Muito tranquilo. Mas o truque é que ela se esquiva. Quando você se aproxima, ela desaparece. Isso deixa os barqueiros loucos. Os que a veem a perseguem pelo resto de seus dias.

– Então você já viu?

– Já estive nas proximidades. Mas não foi planejado. Apep me impeliu para lá. É o lar dela, sabe?

– Você ficou louco quando a viu?

– Não. Fui esperto e pus uma venda nos olhos quando cheguei perto. Mas meus passageiros enlouqueceram. Os fantasmas não podem cobrir os olhos.

– O que aconteceu?

– Eles pularam. Absolutamente todos pularam do navio e nadaram para ela. Viraram presas fáceis para Apep. Eu fiquei com a venda até o barco chegar a águas mais calmas.

Engoli em seco.

– Então vamos precisar colocar vendas?

– Acho que sim.

– E todos esses fantasmas vão...

– Vão virar comida para o monstro.

Olhei os fantasmas ao redor, concentrando-me na menininha que estava sentada na borda do círculo de Cherty, me espiando com os olhos arregalados. De repente senti pena deles. Não pareciam mais assustadores. Não depois que eu soube que iam para um segundo tipo de fatalidade.

Eram apenas sombras das pessoas que tinham sido. Em algum lugar, alguém chorava por eles. Eram pais, avós, médicos, crianças, professores. Alguns não eram totalmente humanos, mas imaginei que tivessem famílias também. Era horrível pensar que sua vida após a morte terminasse de modo tão medonho.

Então Tia me contou tudo sobre a segunda morte. Eu sabia o básico do que a Devoradora era capaz de fazer, mas, quando elas haviam me contado, na fazenda, eu estava tentando ignorá-las. Fingir que não era real. A ideia de que Asten, Ahmose e Amon podiam passar por essa segunda morte não me caía bem. Se nós morrêssemos, Tia e Ashleigh teriam uma segunda morte. Desapareceriam da existência. Talvez eu

também. Eu não tinha certeza se seria assim, já que tecnicamente eu ainda estava viva. Pelo menos achava que estava.

Um grupo de fantasmas se agarrava aos mastros, os corpos balançando à brisa como bandeiras rasgadas. Seus rostos tinham várias expressões, mas a mais comum era de resignação. Um arrepio premonitório percorreu meu corpo, uma sensação tão inquietante quanto insetos se arrastando na pele. Ahmose tinha dito que alguma coisa perigosa estava chegando. Ele sabia.

– Então Apep come os mortos? – perguntei.

– Ah, Apep come praticamente qualquer coisa. Nos últimos séculos ele ficou meio gordo e preguiçoso. Não precisa trabalhar tanto quanto na juventude.

– Sei. E o que, exatamente, ele é? – continuei, sem querer ouvir a resposta de verdade.

– Eu não disse? Achei que tinha dito.

Balancei a cabeça.

– Não.

– Ah, bom, Apep é uma cobra gigante. A cobra original. Alguns o chamam de diabo. Outros dizem que é um dragão. Mas eu o vi bem de perto. E ele é uma cobra, sem dúvida. Uma cobra especial, claro. Maior do que qualquer coisa que você já viu. Desliza pelo meio das estrelas. Faz do rio sua área de caça. Mas seu lar, seu ninho, é naquela ilha. Ele se sente atraído por ela. Só se aventura fora dela quando está com fome. O que acontece com bastante frequência.

– E Asten e Amon estão presos lá?

– É o que parece.

– Estão em segurança?

– Se eles estão numa *oubliette*, devem estar bem seguros. Apep vai deixá-los em paz desde que não possa vê-los nem sentir o cheiro deles.

– Não é de espantar que nada possa chegar até eles – falei. – Estão protegidos por uma cobra cósmica gigante.

– Eu não diria "protegidos". Provavelmente ele não sabe que eles estão lá.



Mais tarde, depois de recusar a oferta de Cherty de jantar uma enguia preta que ele descreveu como um filhote de Apep, fui dormir. Então, aparentemente horas depois, o navio se sacudiu e acordei com um susto. Os murmúrios suaves dos fantasmas tinham se transformado num trinado frenético, como o zumbido agourento de asas de cigarras multiplicado por mil.

– O que há de errado? – gritei, saltando de pé.

Cherty fazia força puxando cordas e amarrando-as.

– Apep nos encontrou! – gritou ele. – Está pegando os fantasmas presos atrás de nós.

Olhei para trás, espiando a água na esteira do navio. Os fantasmas se debatiam, tentando desesperadamente se agarrar aos companheiros. Cherty apontou para um volume sob as ondas e eu vi uma ondulação gigantesca subir e descer embaixo d'água. Aquilo cintilava. As escamas eram lindas como um arco-íris. Quando olhei com mais atenção, vi que na verdade o corpo era preto, mas brilhava tanto que as estrelas se refletiam nele, tornando as escamas verdes, azuis e douradas.

Se eu não estivesse morrendo de medo, teria adorado ver o animal de perto. Observei uma ondulação do corpo depois da outra, mas não pude vislumbrar a cabeça. Puxei o arco das costas, ajustei uma flecha e apontei para um calombo que emergiu da água.

– Não adianta, mocinha– disse Cherty, pondo a mão no meu braço. – Suas flechas não vão funcionar com ele.

– Nem as de Ísis?

– Nem as dela.

– Então como lutamos contra ele?

– Não lutamos. O melhor que podemos esperar é que ele encha a barriga e vá para casa dormir.

– Então não podemos fazer nada para protegê-los?

– Não. Tente ignorar.

– Ignorar? – ecoei, incrédula. – Eles estão gritando lá atrás.

– É. Você também gritaria se estivesse sendo devorada por ele.

Os gritos dignos de pena dos fantasmas ressoavam acima da água. Vislumbrei a cauda do bicho, mais grossa do que uma caminhonete. Se aquilo era o último vagão, eu odiaria ver a locomotiva. Tentei seguir as instruções de Cherty. Eu não tinha interesse nos fantasmas. Não havia obrigação de salvá-los, mas algo me dilacerava e eu sabia que precisava agir.

Primeiro Tia se juntou a mim, depois Ashleigh acrescentou seu poder ao nosso. Invocamos Wasret. Um grande vento surgiu à nossa volta e o poder percorreu minhas veias. Minha voz era um trovão quando tentei descobrir o verdadeiro nome da criatura e mandei vendavais uivantes para golpear a fera.

– Serpente Oca – gritei, mas nós três sabíamos que aquele não era o nome –, venha a mim.

A agitação na água cessou e os seis calombos visíveis afundaram embaixo das ondas. Eu não sabia se tinha evocado o poder de Wasret com intensidade suficiente para usá-lo com eficácia. Era uma coisa da qual eu ainda sentia medo. Pensava que, se me entregasse cem por cento a ele, a ela, iria me perder. Por isso me contive. Todas nós fizemos isso. Nenhuma queria perder a identidade. Torcemos para que isso bastasse.

Nada aconteceu durante vários minutos, mas então as águas se abriram perto do barco e uma cabeça enorme subiu do Rio Cósmico e oscilou no ar acima de nós. Gotas pretas choveram sobre nossa cabeça. Inclinando o corpo, Apep me encarou com olhos de opala do tamanho de um caldeirão de bruxa.

Tola mortal, disse ele em minha mente. *Os que perturbam meu jantar se tornam o meu jantar.*



A Ilha dos Perdidos

Fiquei ali parada, horrorizada, imóvel, boquiaberta. Uma língua comprida e bifurcada saltou da boca do monstro e provou o ar. Meu corpo tremeu descontroladamente ao ver aquilo. Ficamos nos entreolhando, imobilizados, mesmo quando Ahmose e Cherty se puseram entre nós.

Ahmose invocou uma arma reluzente que se materializou a partir de partículas de areia invisíveis presas entre as tábuas do convés do barco. Ele a brandiu num gesto ameaçador, o braço musculoso pronto para golpear. Cherty pegou duas varas compridas com pontas afiadas, segurando-as frouxamente nas mãos rachadas e nodosas, demonstrando que tinha muita experiência em usá-las.

– Não olhe no olho dele, mocinha – disse Cherty. – O olhar de Apep é hipnótico. Pode convencer você a ir direto para a barriga dele pensando que está caminhando num jardim florido.

A cobra abriu as mandíbulas numa imitação maligna de sorriso, mostrando presas grossas afiadas em pontas mortais e reluzentes à luz das estrelas. *Você estraga minha diversão*, disse Apep, petulante, a voz penetrando nossa mente. *Você sabe que eu gosto de dar à minha presa a chance de lutar. Quase sempre. Não que elas tenham muita capacidade de luta quando vêm parar no seu navio.*

Apep balançou a cabeça para a frente e para trás como se tentasse empurrar Cherty e Ahmose para o lado, mas nenhum dos dois se

intimidou a ponto de se mexer, o que achei notável. Levando tudo em conta, eu não achava que tínhamos chance contra a criatura. Não com as armas ridículas à nossa disposição. A cobra era grande demais. Podia esmagar o navio com apenas um esforço minúsculo e depois nos pegar, engolindo-nos tranquilamente.

– A garota não falou por mal – disse Cherty, interrompendo meus pensamentos. – Pegue quanto quiser desses aí e deixe os vivos em paz. Há o suficiente para encher sua barriga sem você precisar ser ganancioso.

Achei as palavras de Cherty bem ousadas. Aparentemente sua consciência não sofria muito com a ideia de perder os passageiros. A cobra sibilou e ergueu da água uma espiral do corpo pesado, baixando-o em seguida com violência. Parte do corpo devia ter golpeado o barco com bastante força, porque adernamos para um lado e tivemos dificuldade para manter o equilíbrio.

Ah, disse a cobra. *O que você diz é bem verdade. O cheiro dos mortos que você carrega é forte, o que indica que o barco está lotado. Bom, estava, até que terminei meu primeiro prato. Mas, agora que meu apetite foi aberto, estou pronto para o jantar.*

Ao ouvir suas palavras, os mortos gemeram e tremeram. Começaram a empurrar uns aos outros até as extremidades do barco, cada um deles tentando desesperadamente se afastar da criatura, que balançava a grande cabeça chifruda para vê-los melhor. Vislumbrei a barriga da cobra, que reluzia como se fosse coberta por rubis polidos. De novo fiquei pasma vendo como minha morte iminente era linda.

Mesmo se eles encherem minha barriga, disse Apep, *não posso permitir que uma jovem com tamanho poder entre no meu reino. Você deveria saber, Cherty, que não poderia trazer alguém como ela para este lugar. Faz muito tempo que você não ousa entrar nas minhas águas.*

Ahmose falou em seguida:

– Grande Apep, estamos a serviço dos deuses. Seth foi libertado e devemos detê-lo a todo custo. Até mesmo você deve ter consciência do caos que ele engendra. Prometemos que não vamos permanecer muito

tempo no seu território. Se deixar que passemos em paz, não vamos lhe causar nenhum mal.

A cobra se empinou, com espasmos nas grandes guelras, expulsando a água salobra que fervia e escorria pelo corpo escamoso, indo cair no convés de madeira, onde fumegou e apodreceu a madeira. Demorei um momento para ver que Apep estava rindo, e não expelindo gosma venenosa numa tentativa de nos sufocar com ela. Ele girou a cabeça com força e então, rápido como um relâmpago, abaixou-a para encarar Ahmose. Seus olhos pretos cintilavam com malícia. Bastaria uma mordida e Ahmose não existiria mais.

Vocês, seus fracotes patéticos, não podem me fazer mal, declarou a cobra, sibilando. *A simples ideia é absurda. Quanto a Seth e os outros deuses, não ligo para eles. Por mim eles podem destruir uns aos outros e os seus reinos. Isso só significa mais comida para mim. Agora, por que vocês dois não ficam de lado e me deixam falar com a garotinha que pensa que me conhece?*

Apep hesitou apenas por um segundo para ver se seria obedecido. Depois inclinou a cabeça para trás e a chocou contra o convés, rachando-o. Cherty e Ahmose caíram pelo buraco enorme. O instinto tinha feito minhas garras saírem. Cravei-as na amurada do navio, o que me impediu de despencar atrás deles.

Antes que eu pudesse pensar num caminho mais sensato, fui até a borda quebrada do convés e gritei:

– Ahmose? Cherty?

Não houve resposta e não pude ver nenhum dos dois nas entranhas negras do barco. Eles podiam estar empalados num pedaço de madeira ou caídos com os ossos quebrados, incapazes de se levantar. O barco tremeu e gemeu, e então, lentamente, diante dos meus olhos, começou a se consertar. As lascas e a madeira quebrada se ergueram no ar, indo se posicionar nos lugares certos. Em apenas um momento o convés estava refeito, lacrando os dois dentro do porão escuro do barco.

Ofeguei, chocada, e bati a mão espalmada no convés.

– Não! – gritei. – Ahmose? Está me ouvindo?

De novo não houve resposta, pelo menos até que ouvi um sibilo. Fiquei imóvel, de costas para o predador que me caçava. Senti um sopro de ar quente e úmido levantar os cabelos na minha nuca. Outro sopro me atingiu e eu soube que era o bafo do monstro – fétido e repulsivo. Lentamente me virei para enfrentá-lo sozinha. Peguei as armas por cima do ombro e apertei os botões para transformar as facas em lanças.

Um êxtase odioso iluminou a cara da cobra. Enquanto eu a avaliava, uma curiosidade enojada me dominou. Havia algo partido na criatura. As habilidades de Wasret ainda percorriam meu corpo, e a necessidade de saber o nome do monstro era esmagadora. Apesar de ser poderoso, eu via nele uma fraqueza, uma doença devastadora, uma fome interminável que jamais poderia ser satisfeita. Ele era... malformado. Anormal. Não tinha um propósito no Cosmo. Apep era uma aberração.

Apesar de estar suficientemente perto para me abocanhar, ele parecia tão curioso comigo quanto eu estava com ele.

– O que criou você? – perguntei.

O quê? O que você disse?, perguntou a cobra com incredulidade.

– Perguntei o que criou você. Sei que não foi um *quem*. Não foi Amon-Rá. Você é mais velho do que Amon-Rá, não é? Isso faria você mais velho do que o Cosmo. Certo?

Uma sensação medonha atravessou meu corpo, uma premonição de que tinha perguntado uma coisa que não deveria. De que o que acontecesse em seguida mancharia o mundo e faria com que o mal brotasse como cogumelos do solo apodrecido. A cobra estremeceu com violência, como se minhas palavras a tivessem cortado fundo a ponto de as sentir no sangue.

Gotas d'água escorriam pela minha têmpora e pelo meu cabelo. Eu não sabia se eram os borrifos do oceano ou suor. De qualquer modo, elas me gelaram até os ossos. Pareciam minúsculos vermes deslizando pelo couro cabeludo. Os fantasmas tinham ficado silenciosos, observando nosso diálogo com a boca tão apertada que nem o ar poderia escapar. Eles se amontoavam nos cantos escuros do barco como baratas se escondendo da luz, os membros pálidos embolados em nós macabros.

Dei um passo na direção da criatura.

– O lugar de onde você veio é profundo. De uma profundidade imensurável. Você engole essas pobres criaturas para que não seja engolido e sugado de volta para o lugar de onde veio.

Quem é você?, perguntou a cobra num sussurro. *Como soube dessas coisas?*

Retraí uma das minhas lanças e a coloquei de volta na bainha, em seguida empurrei o cabelo embolado pela água do mar para longe do rosto e estendi uma das mãos. A cobra, chocada com minha ação, se afastou, fazendo o barco balançar violentamente, mas não submergiu. Atravessei o convés e encostei a mão em seu corpo preto. Apesar das minhas expectativas, o corpo era quente.

– Sim – falei baixinho, canalizando meu poder com mais facilidade do que jamais tinha acontecido. – Seu caminho foi partido. O sofrimento e o peso do que você perdeu afiaram suas presas.

Quando o toquei, minha mente foi inundada por visões de uma escuridão tão completa que nem mesmo a luz conseguia escapar dela. Ele havia existido num vácuo. Como um buraco negro. A pressão, apesar de terrível, pelo menos era familiar. Até que houve uma ruptura, movimentos bruscos e uma expulsão. Apep tinha sido rasgado em dois. Partido no meio. Parte dele tinha sido cortada e a outra parte fizera seu lar aqui.

A mente da cobra era absolutamente estranha para mim. O lugar em que Apep existia agora era lúgubre e amedrontador – o pior tipo de prisão. Mas o negrume não era o que o amedrontava; ele sentia medo pela parte que havia deixado para trás.

– Agora entendo – eu disse à criatura, acariciando suas escamas pretas e lisas. – Você é a fome, a desolação. É escravo do seu temperamento. A parte que ficou para trás o tornava inteiro. Mais do que qualquer coisa, você anseia por se reunir a ela. Sabe como isso aconteceu?

Não, sibilou a cobra. *Fui até a extremidade do Cosmo e voltei. Não encontrei nenhum traço da minha outra metade. Talvez a divisão tenha sido*

acidental. Talvez tenha sido um corte cirúrgico feito por um vilão no grande teatro do Cosmo. Eu fui a parte indesejada, jogada fora. Não tenho como saber.

– Talvez você possa ser curado. Posso tentar ajudar.

Não existe ajuda para alguém como eu. Minha natureza me torna o que eu sou. E o que sou é a fome.

Seus olhos mudaram. Sua expressão ficou ainda mais negra do que a pele lustrosa.

Venha a mim, jovem, disse ele em tom sedoso, a voz fazendo com que todo o ruído do barco e das águas agitadas à minha volta desaparecesse. *Você é o remédio que vai aliviar minha garganta dolorida. Entre na minha boca e vou cobri-la como uma tempestade cobre o mar. Você vai se afogar em mim, mas será uma morte pacífica, como se deitar num tapete de musgo enquanto os raios pálidos da luz drenam lentamente a vida de seu corpo.*

Obedeci. Subi na colina cheia de musgo e me deitei, aconchegando a cabeça no leito esponjoso. Era mesmo tranquilo. A voz estava certa. Esse era o meu caminho, meu propósito na vida. Meu corpo alimentaria a fome do Cosmo. Senti uma ferroada horrível, uma pressão na perna. Mas logo esqueci isso e descansei de novo. Minha boca tinha um gosto engraçado, como se eu tivesse mordido um pêssego podre. O gosto amargo, inchado, se transformou numa queimação que lambeu minhas veias com fogo. Gemi.

Então uma grande explosão me arrancou violentamente daquela cama. Estava escuro, com apenas uma faixa de luz na base da porta. Minha perna estava presa à cama e doía muito. De repente a porta se escancarou, mas para o lado errado. A coisa que prendia minha perna se afastou e eu soube exatamente onde estava. Na boca da cobra.

Eu havia entrado na boca de Apep. Sua presa tinha furado minha panturrilha e o veneno já estava atuando. Percorrendo meu organismo e entorpecendo os membros. O corpo da cobra se sacudiu para trás e para a frente, e eu escorreguei para fora de sua boca, pendurada na presa escorregadia, enquanto ela se jogava de um lado para outro.

Meu estômago se revirou quando a cobra mergulhou na direção do

barco e avistei um furioso Ahmose pingando, saído do Rio Cósmico. Lindo em sua fúria. Quando passamos por ele, seus olhos se arregalaram e ele fez menção de me pegar, mas a cobra foi mais rápida. Ahmose levantou os braços acima da cabeça e entoou um encantamento. Foi tão alto que, quando a cabeça da cobra se ergueu muito acima do barco, eu ainda podia ouvi-lo. O encantamento de Ahmose fez grandes pedras flamejantes caírem do céu. Pesados meteoros despencavam ao nosso redor, alguns batendo no Rio Cósmico e espirrando água com um chiado, outros acertando as espirais do corpo da cobra, cada um deles provocando uma explosão.

O veneno fez seu trabalho e meus braços não conseguiram mais sustentar meu corpo. Mergulhei na direção do rio, caindo com tanta força quanto um daqueles meteoros de cheiro amargo. Estava alerta o suficiente para esperar não morrer com o impacto. Quando bati na água, ossos se despedaçaram audivelmente, mas a dor desapareceu depressa enquanto eu afundava sob as ondas. O último pensamento que tive antes de apagar foi que a cobra estava certa. Morrer era como se afogar em paz.

Infelizmente a dor retornou. A princípio, como algo irritante fazendo cócegas em minhas costelas, e eu gemi, esperando que parasse. Mas rapidamente piorou. Tentei me livrar daquilo com a mão, como se tivesse esbarrado inadvertidamente numa teia de aranha. Agarrei-me com teimosia à dor, enfiando-a bem fundo e segurando, como um gato faria com um camundongo, não querendo que ela me dominasse.

– Não – falei, a voz engrolada. – Me deixe em paz.

– Preciso curar você, amor.

Meus nervos formigavam, como se ferroados por mil marimbondos. Houve um estalo e a água brotou dos meus olhos, escorrendo pelo pescoço. Foi quando ouvi o som de grilos. Eles cantavam juntos, movendo as pernas em movimento de serra, para trás e para a frente, imaginando se eu estava morta como eles ou ainda entre os vivos. A canção deles era louca e incômoda.

– Parem com isso – gritei.

– Parar o quê, amor? – perguntou o homem reluzente inclinado sobre mim.

– Os insetos. Eles são barulhentos demais.

– Acho que ela está falando dos fantasmas – sugeriu uma voz familiar. – Calem a boca! – ordenou o homem.

O zumbido cessou de repente e eu passei a língua inchada sobre os lábios entorpecidos.

– Obrigada – murmurei, e caí imediatamente no sono.



Quando acordei de novo, fiquei imóvel por um tempo, avaliando meu corpo em busca de danos.

Ahmose nos curou, disse Ashleigh.

Tia?, perguntei.

Estou aqui, Lily.

Vocês estão bem?

Estamos, respondeu Tia. *Mas precisamos ter uma conversa séria sobre dar as costas a um caçador.*

Eu sei. Vou acrescentar isso à lista. Desculpe ter colocado vocês duas em perigo.

Lentamente abri os olhos e vi Cherty no leme.

– Já não era sem tempo – disse ele. – Estava pensando que você ia dormir até chegarmos à ilha.

– Ahmose? – chamei baixinho.

– Ele está dormindo – respondeu Cherty, indicando com a cabeça alguma coisa atrás de mim.

Virei-me e vi Ahmose com as costas apoiadas na amurada, a cabeça pendendo sobre o peito enquanto dormia.

– Ele precisou fazer um bocado de esforço para trazer você de volta – disse Cherty. – Achei que não ia conseguir.

– Eu estava tão mal assim?

Cherty se inclinou para a frente, as sobrancelhas fartas erguidas.

– Você estava morta, mocinha. Não sei o que ele fez, mas conseguiu. Pescou você do rio pessoalmente.

Assenti e me aproximei um pouco mais de Ahmose. Sua pele dourada tinha uma palidez sombria e as pontas dos dedos estavam azuis como se tivessem congelado. Um hematoma cinza escurecia o maxilar e a bochecha estava ligeiramente inchada. Eu sabia que não devia estar muito melhor. Minhas roupas continuavam úmidas em alguns lugares e as partes secas estavam ásperas. Não queria nem olhar meus braços e pernas brancos feito ossos nem a ferida na perna, ainda pegajosa de sangue, apesar de cicatrizada.

– Estamos em segurança? – perguntei. – O que aconteceu com Apep?

– As pedras pegando fogo foram demais para ele. Ele foi embora lamber as feridas. Mas não se preocupe. Ele vai voltar. Causou bastante dano antes de ir embora. O *Mesektet* precisou se curar. Apep, frustrado, o despedaçou antes de ir. Perdi mais da metade dos meus fantasmas.

O barco parecia mesmo consideravelmente menos apinhado.

– Quanto tempo você acha que teremos até ele voltar?

A ideia de que a cobra gigantesca voltaria para o segundo assalto me enchia de horror. Eu não tinha me saído bem antes. Claro, eu a tinha distraído por um curto tempo, mas acabamos perdendo. Não sabia se conseguiria sobreviver a um segundo confronto.

– É difícil dizer. Pode voltar logo ou nos deixar em paz de vez. Depende do humor dele. Se tivermos sorte, poderemos pegar os dois rapazes e dar o fora da ilha antes que ele sequer saiba que estamos lá.

– Esperemos que sim.

Depois de um breve momento de hesitação, estendi a mão e afastei o cabelo denso de Ahmose de sua testa. Seus lábios estavam ligeiramente abertos e as preocupações que ele carregava como uma capa nos ombros tinham sumido enquanto dormia, revelando um leve traço do homem feliz, despreocupado, que tinha passado uma tarde no sonho ensolarado e com gosto de morangos de Ashleigh.

Apesar de tudo, eu o amava. Não era só Ashleigh. Era hora de eu

admitir. Queria que Ahmose fosse feliz. Seria uma pena jamais ver de novo aquele sorriso de luar. Jamais sentir o conforto e o calor de seus braços à minha volta. Talvez as outras estivessem certas e devêssemos aproveitar cada momento de felicidade possível. Isso não iria durar. O fim estava chegando. Todas sabíamos.

Pendurei a Estela de Cura de Hórus no pescoço de Ahmose, esperando que ela fizesse sua magia enquanto ele estava dormindo, e me recostei no barco, me ajeitando ao lado dele e apoiando a cabeça em seu ombro. Ele só se mexeu um pouquinho quando segurei sua mão e cruzei os dedos com os dele.

– É melhor descansar enquanto pode – disse Cherty. – Não vai demorar até chegarmos à ilha e você vai precisar estar alerta.

Dei-lhe um sorriso agradecido e fechei os olhos, o corpo balançando junto com o movimento do barco.

Lily. A luz do sol encheu minha mente. Acordei com um susto.

– Amon? – murmurei, grogue, relutante em acordar.

Ahmose se mexeu ao meu lado e esfregou os olhos.

– Que bom. Já ia mesmo acordar vocês – disse Cherty.

– O que foi? – perguntei, ficando de pé, nervosa. – Apep voltou?

– Não. É a ilha. Estamos chegando. Encontrei-a há uma hora, mas ela desapareceu. É a segunda vez que consigo vê-la. Não olhe para ela diretamente, caso contrário ela some de novo na névoa.

– Posso encontrá-la sem olhar, agora que estamos perto – disse Ahmose, me virando para ele.

Depois de inspecionar meus ferimentos, ele tocou meu rosto, um contato fugaz como as asas de uma borboleta, mas mesmo assim minha pele queimou. Eu me perguntei o que ele via quando me olhava. Tia? Ashleigh? Nós três? Talvez isso não tivesse mais importância.

– Como você se sente? – perguntou ele. – Ainda está com dor?

– Eu ia perguntar a mesma coisa a você. Cherty contou que você me trouxe de volta, esgotando toda sua energia para isso.

– Não foi nada.

Cobri sua mão com a minha. Era um gesto ousado da minha parte,

mas de algum modo parecia correto.

– Foi muita coisa.

Ele olhou nossas mãos e então seus olhos me fitaram. Por um momento ele me examinou e um canto de sua boca subiu em um breve e esperançoso sorriso. Ahmose apertou minha mão, não dolorosamente, mas de forma possessiva, e cheguei ainda mais perto dele.

– Eu faria de novo, amor – disse ele enquanto se curvava na direção do meu ouvido, seu hálito aquecendo minha face.

Quando assenti, ele deu um beijo suave no meu rosto, perto do lóbulo da orelha, e um arrepio disparou pelo meu corpo. Envolvi sua cintura com os braços, encostei a cabeça no seu peito e disse:

– Obrigada.

Sua mão enorme segurou minha cabeça e acariciou meu cabelo delicadamente. Eu estava tão perdida no momento que fiquei surpresa quando Ahmose disse a Cherty:

– Siga para a direita. – O navio adernou, e eu teria de me agarrar à amurada se Ahmose não tivesse me segurado com firmeza contra seu corpo. – Agora, em frente. É isso. Posso senti-los por perto. Mantenha os olhos bem fechados, Lily.

– É melhor você também fazer isso, rapaz – disse Cherty. – Não olhe direto para ela.

– Você pode sentir a proximidade de seus irmãos? – murmurei contra seu peito, ambos oscilando com o navio.

– Posso.

Depois de outro momento Cherty disse:

– Vocês dois já podem abrir os olhos. Perdi mais alguns fantasmas que olharam para a ilha, mas, agora que estamos ancorados nela, estamos seguros. Foi bom ter você a bordo, rapaz. Foi bem útil.

Com relutância, Ahmose me deixou e foi ajudar Cherty com as velas, e eu esfreguei os braços, sentindo frio depois de ter ficado envolvida em seu calor. Sentia uma combinação de vertigem e culpa por meus sentimentos por Ahmose. Ceder ao desejo de ficar perto dele, mesmo sabendo tudo o que sabia, fazia com que eu me sentisse como uma

alcoólatra passando por um bar. Andava com lentidão suficiente para que a tentação escoasse pela janela, me chamando. Meus membros tremiam com o desejo de uma coisa que eu não deveria ter. Fui até Cherty e perguntei:

– A ilha vai se mover agora que estamos aqui?

– Não. Ela não pode se afastar quando estamos ancorados.

Assenti, desviando o olhar da barba áspera de Cherty para a vista além da proa do navio. Inicialmente uma névoa densa obscurecia a ilha, mas depois lanças de luz do sol furaram as nuvens. Vi o topo de uma montanha verde partir os vagalhões cinzentos, como uma barbatana de tubarão no oceano. Quando ela tornou a desaparecer, uma sensação de premonição e perigo me dominou, como se estivéssemos mesmo cercados por um cardume dos perigosos predadores.

Canalizando os poderes de Wasret, criamos roupas novas e levei a mão à cabeça, descobrindo que meu cabelo despenteado pelo vento e cheio de sal estava agora limpo e pendia numa trança frouxa em minhas costas. Eu usava uma camiseta enfiada numa calça cargo cáqui com uma camisa de manga comprida amarrada na cintura. E um par de botas de caminhada flexíveis adornava meus pés.

Ahmose apareceu um instante depois, também de roupa trocada. Seu cabelo, escuro como as águas agitadas do Rio Cósmico, estava penteado para trás. Ele me dirigiu um sorriso cansado e devolveu a Estela.

– Obrigado por me emprestar o presente de Hórus. Ela fez tudo o que podia por mim – acrescentou enigmaticamente.

Pendurei o cordão no pescoço e me perguntei exatamente o que a minha cura teria tirado dele. Fiz uma anotação mental para descobrir.

Cherty segurou minha mão e me ajudou a entrar num bote que havia se formado magicamente no costado do navio.

– Que conveniente! – falei ao entrar no bote e me acomodar em um assento. – Aposto que o capitão do *Titanic* gostaria de ter tido essa capacidade.

Ele também embarcou e começou a puxar as cordas para nos baixar.

– Eu vi aquilo acontecer, sabe? É terrível ver um belo navio como

aquele ir morar no fundo do mar. Carreguei muitas daquelas almas na última viagem que fizeram. Não tive coragem de dizer ao capitão tudo o que ele fez de errado. Pelo menos ele afundou com o navio. É preciso lhe dar o crédito pela bravura.

Quando estávamos balançando no Rio Cósmico, levantei os olhos e vi Ahmose puxando as cordas. Depois ele ergueu as mãos e seu corpo se alçou no ar e desceu flutuando até nós. Ele se acomodou no banco ao meu lado, mas dava para ver como o uso de seu poder o havia exaurido. Segurei sua mão e a apertei entre as minhas. Ele pressionou meus dedos debilmente.

Cherty sentou-se junto ao leme e girou um dedo no ar. Partimos na direção da ilha como se tivéssemos um motor nos impelindo, mas, pelo que dava para ver, atravessávamos as ondas com o poder de Cherty. Peixes-voadores cintilantes corriam ao lado da nossa embarcação e um animal maior, que parecia um cruzamento entre um golfinho preto e um cavalo-marinho, saltou e tornou a mergulhar, espirrando água no ar.

Vislumbrei a ilha, que me acenava com clarões de verde, mas a maior parte estava coberta por nuvens inchadas tão densas que era difícil ter noção do tamanho e da forma dela. Então, quando o barco chegou a terra, a névoa se dissipou diante de nós e a Ilha dos Perdidos se revelou em todo seu esplendor. Um magnífico paraíso verde erguia-se das profundezas do negro Rio Cósmico. Montanhas pairavam acima dele, os topos escondidos pelas nuvens. Árvores de todos os tipos, com copas densas que se balançavam ao sabor de uma brisa quente, chegavam até perto da praia estreita de areias negras.

– É linda – murmurei baixinho.

– É linda mesmo – concordou Cherty. – Linda até você se confundir e se perder na floresta, imaginando se vai voltar a ver a luz do dia.

– Como assim? – perguntei.

Cherty coçou a barba crescendo no queixo enquanto avaliava a selva à sua frente.

– A ilha toda é... bom, ela não gosta de deixar você ir embora depois de pôr os pés nela. Bem, comigo ela não se importa muito. Não pode

tirar nada de mim. Mas dois chutadores como vocês? Bom, digamos apenas que não é muito provável que ela os deixe partir facilmente.

– Mas Ahmose pode encontrar um caminho.

– Pode. Claro. Mas, por outro lado, as ilhas são coisas confusas. E tenha em mente que o velho Apep mora aqui. Pode ser que ele esteja esperando que a gente entre em sua goela outra vez. E, se já não é suficientemente ruim que ele possa fazer isso, saiba que a ilha também pode hipnotizá-la. Ela tem meios de prender você.

A ideia de entrar na boca da cobra de novo me paralisou. O medo se esgueirou por minhas veias, formando riachos gelados, e a respiração ficou presa na garganta.

– Você poderia ter dito isso antes de desembarcarmos – disse Ahmose, colocando a mão no meu ombro para me confortar.

Inalei o ar, trêmula.

– Ah, poderia. Mas isso não mudaria o pensamento de vocês – replicou Cherty.

– Ele tem razão – falei, pondo a mão em cima da de Ahmose. Virei-me para encará-lo. – Precisamos salvar seus irmãos. Não temos outra escolha. – E acrescentei, esperançosa: – Mas, se a ilha não se interessa por ele, Cherty pode ir na frente em vez de você.

– Eu gostaria de poder ajudar, mas estou preso ao meu barco. Não posso deixar o *Mesektet*. Já é bem ruim que os fantasmas a bordo precisem esperar. Só posso lhes dar um dia, mais ou menos, para encontrar os outros dois guardiões. Depois disso a força que atrai os mortos vai pressionar o barco a continuar e eu terei de ir com ele.

Quando viu minha expressão consternada, Cherty se enrijeceu.

– Não vou admitir que me chame de covarde – disse, levantando o queixo.

Balancei a cabeça e fui até ele. Suas mãos ásperas e rachadas se contraíam ao lado do corpo.

– Não acho que você seja covarde, Cherty. Só estou com um pouco de medo do desconhecido.

Cherty me fitou com um olho fechado, depois assentiu com a cabeça,

carrancudo, e me puxou de lado.

– Eu também estou. Mas o rapaz é bom – disse, indicando Ahmose, que tinha se agachado na areia e estava agitando as mãos acima dela, à procura de um caminho.

O cabelo denso de Ahmose, preto como a areia, pendia sobre sua testa, escondendo os olhos cinza que brilhavam como o luar.

– Eu o julguei mal antes – continuou Cherty. – Ele claramente ama você e está disposto a se arriscar para salvá-la. Eu achava que os guardiões eram homens frios com coração insensível como couro de crocodilo, mas vê-lo com você mudou meu pensamento.

– Ele não tem o coração nem um pouco frio – peguei-me dizendo. – Ahmose só é contido em relação aos sentimentos, só isso. Você pode pensar que ele é intimidante e sério se olhar apenas por fora, mas, quando consegue chegar ao coração, ele é mole e doce que nem um gatinho recém-nascido no Natal, o pobrezinho.

Fiquei parada, olhando em silêncio para Ahmose, uma expressão patética no rosto. Nem percebi que Cherty ainda estava ali, até que ele pigarreou e cuspiu na areia. Piscando, estremeci e me virei para ele.

– Isso foi desconcertante – disse Cherty. – Você deveria ter vergonha, fada.

– O quê? – perguntei, confusa.

– A sua fada. Ela assumiu o controle e você nem notou. Vocês três estão se fundindo cada vez mais.

Ashleigh começou a soluçar na minha mente.

– Pare com isso – falei para Cherty. – Você magoou Ashleigh. Ela não pode evitar o que está sentindo.

– Talvez não. Só... só tenha cuidado, Lily. Já é bem ruim ficar confusa aqui, onde isso não importa muito. Outra coisa totalmente diferente é ficar atarantada lá. – Ele apontou para a selva, onde galhos e troncos escuros davam lugar a uma folhagem alta que nos chamava para si. – Vocês três vão ter de manter muito controle. Se mostrarem suas fraquezas à ilha, ela vai explorar isso, como um tubarão partindo para cima de um peixe se debatendo.

– Vamos ter cuidado – prometi. – Você vai esperar na praia?

– Sim. Vou ficar aqui enquanto puder, mas, se por algum motivo eu e meu barco tivermos ido embora, não olhem de volta para a ilha quando saírem. Ela vai prender vocês como um martim-pescador. Se Apep voltar, eu... bom... só vamos torcer para que ele não volte. Fique em segurança, Lily – disse ele. – E se apresse.

– Vamos fazer isso – respondi, aparentando mais confiança do que sentia.

Ajustei por cima do ombro o arnês de couro que continha as facas-lanças e a aljava.

– Está pronta? – perguntou Ahmose, aproximando-se por trás de mim e ajeitando meu arco numa posição mais confortável.

Seu rosto parecia grave e sério, os sulcos fundos embaixo dos malares lhe dando um aspecto severo, quase como um animal faminto e desesperado.

– Estou – respondi, ansiando para ver a felicidade e o brilho retornarem aos seus olhos, para vê-lo como ele estava no sonho de Ashleigh.

Abri o que esperava fosse um sorriso tranquilizador e segurei seu rosto com uma das mãos. Ele a puxou para beijar a palma, os lábios leves e macios como pétalas de flores. Fechei os olhos com força por um momento. Depois ele envolveu minha mão com a sua, me guiando adiante.

Juntos caminhamos até o início da selva e, com um último olhar para Cherty, mergulhamos nas sombras sob as árvores da Ilha dos Perdidos.



Problema com os nativos

A selva se fechou à nossa volta. Em instantes eu já não conseguia ouvir o som das ondas quebrando na praia. Ahmose tinha se mostrado confiante antes de entrarmos, mas, assim que nos vimos sob as árvores, seu sorriso desapareceu e os passos ficaram menos firmes. Nem dez minutos haviam se passado quando ele parou e girou num círculo vagaroso.

Então se agachou e abriu os dedos, procurando uma direção. Depois de várias tentativas, bufou, frustrado.

– O caminho até meus irmãos não está claro. Quando canalizo meu poder, não aparece um caminho, e sim muitos, e logo que sigo um deles descubro que está partido. Não podem estar todos certos. Tenho medo de levar você pelo errado.

– Algum parece mais forte do que os outros? Você ainda consegue sentir a proximidade de seus irmãos?

– Sim e não. Sei que eles estão perto, mas não posso identificar o local exato.

– Cherty disse que só iria nos esperar um dia. O que vamos fazer?

Um grupo de pássaros grandes grasnou ruidosamente acima. Levantei os olhos e um tremor me atravessou ao perceber que eles estavam nos olhando. Os bicos grandes se fechavam numa série de estalos, fazendo parecer que se comunicavam. Eles me lembravam pterodáctilos em miniatura querendo uma refeição fácil.

Ahmose estudou os caminhos por um instante, resmungou frustrado

e disse:

– Independentemente de qualquer coisa, não devíamos ficar aqui.

– Concordo.

Seguimos adiante pela selva. O suor escorria das minhas têmporas até o pescoço. Eu o enxuguei, distraída. Quando a trilha chegou a um final sem saída, Ahmose murmurou um encantamento e um par de facões dourados de aspecto maligno se materializou em suas mãos. Ele cortou o matagal para podermos passar, mas, assim que fazíamos isso, a selva se fechava de novo às nossas costas. Ao que tudo indicava, sair seria tão difícil quanto entrar.

Apesar do calor, o poder da esfinge me dava energia e a capacidade de regular minha temperatura. Poderia ter andado durante horas na floresta sem me cansar. Já com Ahmose a história era outra. Para nos distrair, perguntei-lhe:

– O que significa quando um caminho está partido?

– Um caminho partido é uma aberração. Não é natural. Cada objeto no Cosmo tem um caminho que começa nas Águas do Caos e se expande dali. Um caminho partido significa que algo danificou fisicamente ou moveu esse objeto antes de ele chegar a um fim natural.

– Quer dizer, como Seth desfazendo alguma coisa?

– Sim.

– É por isso que esta ilha estava escondida? Ela foi desfeita?

– Não. Seth não tocou nesta ilha. Se tivesse feito isso, ela não existiria. – Ahmose coçou o queixo com o facão, errando por pouco sua jugular. – Pelo que dá para perceber, eu diria que esta ilha é anterior a Seth.

– Interessante. Então é como Apep.

– Apep?

– Sim. Ele também está partido. Parte dele foi cortada. Ele não sabe o que fez isso, mas anseia por se reunir à sua outra metade – expliquei, empurrando para o lado uma folha verde e grossa e passando pelo buraco que Ahmose tinha acabado de abrir. – A parte que vemos é a

parte faminta. O triste é que não importa quantos fantasmas ele coma, nunca vai ficar saciado. Pelo menos até que esteja outra vez inteiro.

Ahmose ergueu a arma e golpeou. Um cipó grosso e com folhas caiu aos seus pés.

– Apep sozinho já é bastante ruim. Detestaria encontrar sua outra metade também – disse ele, liberando o caminho para eu seguir.

– Verdade.

Ofereci ajuda, mas Ahmose balançou a cabeça, teimoso. Cuidou para que eu me mantivesse a uma distância suficiente para que seus facões não me acertassem acidentalmente. Segui-lo me dava a oportunidade de admirar-lhe as costas e os braços esculpidos. Os músculos não eram resultado de barras de proteína e de malhação em uma academia, como os da maioria dos caras fortes que eu conhecia. O trabalho duro e as batalhas de verdade tinham moldado Ahmose.

Dava para ver isso em cada movimento dos braços, no ângulo das armas e na postura ao enfrentar o inimigo – nesse caso, um denso trecho de mato. O corpo musculoso que brilhava de suor não se destinava a impressionar mulheres ou o cara que estava no aparelho ao lado nem a conseguir um papel pequeno num filme ainda menor. Ahmose tinha merecido cada centímetro daqueles músculos. Olhá-lo em ação era como ver Hércules em seus trabalhos. Eu não admirava somente a visão; admirava também o homem. E mais: eu o respeitava. Ahmose era simplesmente de tirar o fôlego. Minhas duas outras vozes interiores concordavam.

Seguimos por uma hora e depois outra e mais outra. A selva era quente e minha pele foi ficando febril e pegajosa. Eu estava pensando em minha banheira de hidromassagem em Nova York quando Ahmose parou e se inclinou à frente, ofegando. Estava obviamente exausto, mas continuava se recusando a me deixar ajudar. Pensava na idiotice de não ter trazido um cantil quando ele se levantou e ficou imóvel. Seus olhos estavam voltados para alguma coisa além do meu ombro.

Girei, mas a princípio não consegui ver o que tinha capturado a atenção dele. Só notei uma árvore. Pelo menos achei que era o tronco de

uma árvore. Olhando mais demoradamente, descobri que era um poste grosso com um rosto esculpido de modo intricado. Pedaços de tecido rasgado flutuavam à sua volta como um adereço fantasmagórico e colares de conchas do mar pendiam em torno do sulco no local onde deveria haver um pescoço.

– O que é isso? – perguntei, a respiração quente contra o braço suado enquanto limpava o rosto.

Cheguei mais perto para examinar.

– Um totem. É um alerta. Se passarmos por ele, estaremos avisados de que nossa vida corre perigo.

– Parece perfeito – falei em tom casual. – Já é bastante ruim que aqui more uma cobra que quer comer a gente no café da manhã.

Ahmose aproximou-se por trás de mim e examinou a escultura. Sem ao menos me consultar, passou ousadamente por ela e disse:

– Não creio que devamos nos preocupar muito com isso.

Alguma coisa se mexeu. Estendi a mão e puxei seu braço para detê-lo.

– *Você está falando besteira, garoto bonito* – falei com sotaque irlandês, pondo as mãos nos quadris. – *Não acha que a gente devia ter um pouquinho mais de cuidado?*

Ahmose voltou para o meu lado do totem, o que me fez suspirar de alívio, e segurou meus ombros, fitando meus olhos.

– Ashleigh?

– *Sim?* – respondi com um sorriso maroto.

– Onde está Lily?

– *Está bem aqui. Mas Lily confia mais nos outros do que eu. Achei melhor garantir que você saiba o que vai fazer antes de sair saracoteando por aí numa selva assombrada.*

– Está dizendo que não confia em mim? – Um brilho malicioso surgiu nos olhos dele.

O calor subiu no espaço que separava nossos corpos e, apesar de Ahmose não ter se mexido, eu poderia jurar que a distância entre nós diminuiu. Levantei as mãos para mantê-lo longe, mas em vez disso acabei pressionando as mãos contra ele. Quando senti os contornos de seu

peito, toda a percepção das dores que eu experimentava se dissolveu como neve no deserto. Santo Deus, seu corpo parecia esculpido em pedra.

– *Ah, bem* – falei, tentando pôr os neurônios para funcionar –, *a confiança é uma estrada de mão dupla. Eu achava que você ia demonstrar um tiquinho de gratidão por eu trazer você de volta.*

Ele tirou uma das mãos pousadas em meus ombros e segurou uma mecha de cabelos entre os dedos reluzentes, mudando a cor deles para um prata brilhante.

– E como eu deveria demonstrar minha gratidão, Ash?

– *Tenho certeza de que eu conseguiria pensar numa coisa, se me esforçasse* – falei com um sorriso.

Ergui o rosto, à espera de um beijo.

A respiração dele ficou presa, eu fechei os olhos e aguardei, mas o beijo não veio. Abri os olhos com as sobrancelhas franzidas, confusa, e a expressão dele era de tristeza misturada à sua familiar obstinação.

– No nosso caso, Ash, a confiança é uma estrada de *quatro* pistas. Seis, se você contar os meus irmãos. E, para salvar meu orgulho, eu preferiria deixá-los fora da equação. Não vou me aproveitar de Lily e Tia desse jeito.

Dei um soco no peito dele, o temperamento explosivo tomando conta de mim, esquentando o corpo já superaquecido.

– *Você é um rapaz perverso, isso sim!* – gritei. – *Eu vou...*

Minhas palavras foram cortadas quando Ahmose colou os lábios aos meus. Ele me puxou com tanta força contra o seu corpo que o calor que emanava dele me envolveu e uma espécie de vulcão entrou em erupção entre nós. As batidas do seu coração se fundiram com as minhas até soarem como loucos tambores de floresta. Um pequeno gemido escapou dos meus lábios e eu não era mais Tia, Ashleigh ou Lily. Era só uma garota sendo beijada pelo homem que ela amava. As mãos dele estavam na minha cintura, depois no pescoço, depois se enroscando em meus cabelos, soltando minha trança.

Quando nos separamos, eu só conseguia olhar seus olhos cinzentos

cheios de paixão tempestuosa e tentar respirar. Ele beijou docemente minha testa úmida.

– Agora pare de me provocar, mulher. Caso contrário, vou ter de beijá-la até você perder os sentidos e não poder mais discutir comigo. E não quero ouvir nenhuma de vocês dizendo que preferiria beijar Asten ou Amon. Eu posso ser do tipo quieto, mas sou ciumento.

Ele pegou minha mão e me puxou, passando pelo totem.



Uma hora depois estávamos agachados no meio do mato, olhando um pequeno povoado. Quando uma pessoa muito baixinha emergiu de uma cabana vestindo apenas uma saia de folhas, Ashleigh sussurrou, agitada, usando minha voz:

– *É um duende!*

Não, falei com ela mentalmente. *Não creio que seja um elemental. Você está vendo algum pote de ouro?*

Ahmose levou um dedo aos lábios. Examinou os poucos aldeões que vimos por um tempo longo o bastante para que minhas pernas começassem a ter cãibras. Ashleigh recuou, relutante, e assumi o controle. Inclinei-me para ele e perguntei:

– O que você está procurando?

Ahmose se virou para me olhar, os olhos estreitados.

– Lily?

Confirmei com a cabeça.

– Estou procurando armas, soldados, alguma sugestão de que eles tenham magia.

– Você viu alguma dessas coisas?

– Não. Mas há algo esquisito.

– É verdade – concordei.

– Tia? – perguntou ele. – O que você está sentindo?

Tia ficou surpresa por ele ter se dirigido a ela. Mas gostou. Pus-me

de lado mentalmente e deixei que ela assumisse o controle. Minha cabeça se inclinou de lado e as narinas inflaram.

– *Há mais aldeões do que podemos ver* – disse ela. – *Muito mais.*

– Era com isso que eu estava preocupado. Onde eles estão?

Tia respirou fundo e, quando o ar circulou por nossos pulmões, ela se imobilizou. Arrepios subiram pela minha espinha e todos os meus nervos se aguçaram.

– *Acima de nós!* – sibilou ela.

Nesse exato momento gritos ululantes ecoaram a toda volta e pequenos corpos saltaram das copas das árvores, deslizando por cipós. Antes que pudéssemos sequer nos levantar, eles nos cercaram, as lanças cutucando nossos corpos e dezenas de flechas apontadas na nossa direção. O guerreiro mais alto chegava à altura do meu umbigo, mas isso não os tornava menos ferozes ou formidáveis. Os rostos e os corpos escuros estavam pintados e cobertos de cinzas, dando-lhes uma aparência fantasmagórica.

Falavam numa língua que eu não entendia, mas Ahmose e Tia, sim. Acessando os pensamentos dela, pude discernir o significado.

– Vocês invadiram nossa área de caça! – disse o guerreiro maior, avançando.

Apesar de Tia captar o significado das palavras, não conseguia responder. Ahmose, que tinha levantado as mãos para mostrar que não pretendia fazer-lhes nenhum mal, falou por nós. Tia traduziu mentalmente:

Não queremos ofender. Estou procurando meus irmãos perdidos. Vocês os viram? Estão escondidos num lugar escuro.

Os guerreiros se entreolharam e falaram brevemente, até que um deles sibilou e todos ficaram quietos:

– Nós não vamos ao lugar escuro. É proibido. Quem vai lá não volta.

– Não temos escolha. Precisamos encontrar meus irmãos. Vocês podem nos guiar?

Os homens sacudiam as lanças com raiva enquanto discutiam entre si.

– Não ajudamos quem invade! – gritou para Ahmose o que falara antes, sem se importar com o fato de que seriam necessários dois ou três deles, de pé nos ombros um do outro, para chegar à altura do invasor.

Ahmose cruzou os braços diante do peito.

– Então talvez possamos fazer uma petição ao seu rei. Temos muita coisa para oferecer em troca.

Ergui os olhos, alarmada. Não tínhamos nada para oferecer em troca. Nem água tínhamos. Passei a língua pelos lábios rachados e engoli em seco. A expressão de Ahmose era fria e confiante. Até mesmo Tia estava preocupada, e, se ela estava preocupada, eu estava praticamente petrificada.

O homem mais alto mudou de posição enquanto pensava na proposta. Então, finalmente, assentiu com a cabeça, rígido, e gritou instruções para seus homens, que nos cutucaram com as lanças. Ahmose me puxou para perto, para me proteger, e deixamos que eles nos conduzissem sem cerimônia até a aldeia. As poucas mulheres que estavam por ali gritaram e pegaram as crianças no colo, desaparecendo em cabanas feitas de folhas, pedaços de pano e galhos de árvores.

Fizeram com que nos sentássemos perto de uma grande fogueira onde havia vários caldeirões com o conteúdo borbulhando.

– Fiquem aqui – alertou o guerreiro maior. – Vou trazer o rei. Talvez ele ajude vocês. – Ele me olhou com um sorriso maligno, mostrando os dentes afiados e manchados. – Talvez cozinhe vocês para o jantar.

O sujeito gargalhou de sua própria piada. Pelo menos eu esperava que fosse piada.

Ele se aproximou de mim e fechou os olhos, farejando meu pescoço e o cabelo.

– Você tem carne boa e macia – disse com outro riso escancarado antes de desaparecer na maior cabana.

Talvez não fosse piada. Não tivemos de esperar muito, mas senti cada minuto. A náusea me dominou enquanto eu pensava no motivo de existirem tão poucas mulheres e crianças na aldeia. Será que aquelas

pessoas eram mesmo canibais? Será que comiam os mais fracos da tribo? Fiz uma careta, ouvindo as borbulhas do jantar cozinhando no fogo.

Tia achou a ideia fascinante. Ela me regalou com a história de uma leoa que comeu o filhote quando ele morreu. Tenho certeza de que meu rosto era uma máscara de horror, mas Tia falava em tom de reverência, explicando que era algo natural e instintivo. A mãe estava reabsorvendo a energia do filhote perdido para continuar a alimentar os outros, mais saudáveis. Mesmo assim, todas concordamos que nenhuma de nós queria fazer parte do cardápio.

Logo o pano que cobria a entrada da cabana se agitou e o guerreiro saiu. Atrás veio outro homem. Vestia uma saia de tecido colorido, mas o peito estava nu. Em vez do rosto pintado, ele usava uma máscara elaborada, semelhante ao totem esculpido que tínhamos visto. O rei era ligeiramente mais alto do que os outros homens, devia ter pouco mais de 1,20 metro, e me perguntei se esse simples fato fora o que o havia qualificado para a liderança. Ele caminhou com ousadia em nossa direção, mas, em vez de nos olhar ou falar conosco, dirigiu-se ao seu povo:

– Esses intrusos vêm pedir favores. Vamos concedê-los?

– Não! – gritaram as pessoas ao mesmo tempo.

O homem descalço andou à nossa volta sacudindo um pedaço de pau, as conchas em seus tornozelos e no pedaço de pau chacoalhando ruidosamente.

– Eles procuram o lugar proibido – disse ele. – Ignoram nossos avisos. Vieram roubar nossa comida ou virar nossa comida?

Tudo o que Tia escutou foi a palavra "comida", repetida várias vezes pela multidão. Não sabíamos para que lado o vento soprava.

– Talvez tenham sido mandados pelos deuses. Meu trabalho, como rei de vocês, é descobrir por quê.

Gritos de concordância percorreram o acampamento. Estendi a mão para a de Ahmose e ele entrelaçou os dedos nos meus, apertando-os para me tranquilizar, enquanto fazia um imperceptível gesto de cabeça em minha direção.

– Tragam os adivinhadores! – gritou o rei, e um homem correu até a cabana principal, onde pegou uma sacola e algo que parecia a cabeça de um daqueles pássaros de bico comprido.

Fitei as órbitas vazias do pássaro enquanto o homem jogava o conteúdo da sacola dentro do crânio, tapava as aberturas e o sacudia. Por fim ele o ergueu acima da cabeça, segurando-o pela base. Quando o bico se abriu, caíram seis pedras com símbolos pintados. Elas rolaram pelo chão e uma delas veio parar perto da minha bota. Examinando mais de perto, notei que não eram pedras.

Coquinhos, disse Tia na minha mente. *Algumas tribos na África os usam com objetivo semelhante.*

Apesar desse conhecimento, ela não conseguiu discernir o que os coquinhos poderiam estar prevendo para nós. O homem se curvou sobre eles, virando-os com os dedos compridos e ossudos enquanto ia soltando grunhidos. Quando ficou satisfeito, levantou-se. Um sorriso largo, sinistro, apareceu sob a máscara. *Por favor, não nos mate*, pensei.

Tia emitiu a versão mental do rugido de uma leoa. Ela considerava nossos captores fáceis de ser dominados. Eu queria me deixar tranquilizar por sua confiança, mas meu lado prático não permitia. Em vez disso, repassei todos os filmes de aventura que tinha visto em que os heróis da história tinham sido dominados e amarrados. A coisa nunca terminava bem. Claro, nós não estávamos amarrados. Pelo menos por enquanto.

Erguendo as mãos com expressão de triunfo, o homem silenciou a multidão. A selva também pareceu ficar sinistramente quieta enquanto ele proclamava o que havia descoberto. Com um drama digno de qualquer vencedor do Emmy, disse com um floreio:

– Os dois intrusos vão enfrentar... o Julgamento da Calabaça!

Os guerreiros que nos cercavam bateram os pés e gritaram, empolgados.

– O que é calabaça? – perguntei a Ahmose, falando em seu ouvido.

– Uma cabaça, uma cuia.

– Ah. Isso não parece tão ruim. Como um julgamento feito por uma

cabaça pode ser perigoso?

Como se para responder à minha pergunta, três pequenos guerreiros se aproximaram, cada um carregando uma cabaça marrom enfeitada, de pescoço curto e com um buraco escuro na parte de cima. Eles as sacudiram de modo agourento, dançando à nossa volta, depois as colocaram diante do rei, que então se ajoelhou em um tapete trançado.

– Primeiro comemoramos, depois o julgamento começa!

Alguns instrumentos de corda foram trazidos, além de uma variedade de tambores. Os guerreiros se enfileiraram e começaram a bater os pés e a cantar, as vozes se fundindo com uma série de estalos e assobios enquanto se moviam ao redor da fogueira. Uma das mulheres começou a bater num cocho d'água, produzindo um ritmo que reverberava nos meus ossos. A comida que borbulhava acima do fogo foi tirada com conchas e distribuída, junto com cabaças de água compartilhadas entre várias pessoas.

Uma tigela perfumada do cozido fervente foi passada quase embaixo do meu nariz, mas nada foi oferecido a mim nem a Ahmose. O cheiro era amargo e terroso, como carne queimada misturada com algum material vegetal meio apodrecido e coberto por especiarias exóticas. Ashleigh resmungou:

Queria que fosse um mingau. Adoro. Eles podiam nos oferecer alguma coisa. Pelo menos água.

Eu preferiria isso a qualquer coisa que eles estejam comendo, falei para não pensar na sede que sentia.

Nós podemos caçar assim que mostrarmos as garras a essas pessoas, disse Tia. *Não entendo por que não estamos agindo.*

Ahmose sabe que não podemos encontrar os outros sozinhos, falei. *Provavelmente está esperando para ver se eles vão nos ajudar. Vamos continuar com o jogo até vermos o que vai acontecer.*

As leoas não fazem jogos. Elas partem para a matança ou vão embora, respondeu Tia.

Bem, os humanos aprenderam a tentar tirar o máximo de proveito de uma situação, tentar matar dois coelhos com uma cajadada só, eu disse.

Um coelho me parece algo muito apetitoso neste momento, grunhiu minha leoa interior.

Suspirei.

Bom, o que o instinto de vocês diz?

Para confiar em Ahmose, admitiu Tia.

O meu também, acrescentou Ashleigh.

Então vamos esperar.

Tentei ser paciente, ficar imóvel como Ahmose. Seus braços estavam apoiados nos joelhos e ele permanecia sentado em silêncio, descansando e observando como se fosse um convidado na festa e não estivesse morrendo de fome e sede como nós. Para passar o tempo, tentei ajeitar meu cabelo desgrenhado. A tira que o amarrava havia sumido. Eu não queria revelar todas as nossas cartas invocando meu poder só para prendê-lo de novo. Em vez disso, afofei-o, sabendo que provavelmente parecia um monte de palha embolada projetando-se em todas as direções.

Quase uma hora se passou antes que os aldeões se acomodassem e a música e a dança parassem. A tigela vazia do rei foi retirada, ele limpou as mãos e se levantou, gesticulando para que fizéssemos a mesma coisa. Depois chamou os três homens que seguravam as cabaças e eles se aproximaram, fazendo reverências e estendendo a oferenda.

– Antes que vocês tenham o privilégio de escolher a cabaça – disse o rei –, devem passar por três provas.

– Três? – ecoei com uma careta.

O homem franziu a testa diante da minha interrupção.

– Mas saibam que, mesmo que passem pelas três provas, só uma cabaça esconde o tesouro que vocês procuram. Numa delas vocês vão encontrar um mapa do lugar proibido. Em outra, vão encontrar doença. E, na terceira, vão encontrar a morte.

Levantei a mão.

– Espere um minuto. Está dizendo que precisamos passar por três provas e que depois nosso prêmio por isso ainda pode ser a morte?

O homem apenas me olhou em silêncio. Ahmose "traduziu" minhas

palavras, mas modificou-as para servir a seus propósitos.

– Nós aceitamos o desafio da calabaça e entendemos que o resultado pode ser diferente do que esperamos.

Dei-lhe uma cotovelada nas costelas, mas ele me ignorou. Limitou-se a pegar minha mão e entrelaçar os dedos nos meus.

– Muito bem – disse o rei. – Então vamos começar.

Ele levantou os dedos e assobiou. Um menino pequeno, cuja saia de folhas mal se segurava em seus quadris, correu e pôs uma cabaça vazia em forma de tigela nas mãos do rei. O rei a entregou a Ahmose.

– Sua primeira tarefa – disse ele – é encher a cabaça até a borda com água. – Ele levantou um cajado e o sacudiu na nossa cara. – Mas não podem enchê-la usando nosso poço, nem o lago, o rio ou uma poça. Se tiverem sucesso, podem beber dela.

Fiquei parada, perplexa, pensando que aquilo deveria ser algum tipo de charada, como a da esfinge. Tia, Ashleigh e eu sussurramos mentalmente entre nós, tentando pensar em alguma coisa. Nem notamos o que Ahmose estava fazendo até que sua voz ressoou ao nosso redor em um encantamento. Os guerreiros se agacharam, as mãos cobrindo os ouvidos, tremendo de medo. Seu rei manteve-se de pé, com um brilho de interesse nos olhos.

Ahmose teceu seu encantamento e nuvens se juntaram no céu. Quando ergueu os braços, pude vê-los tremendo com o esforço. As nuvens escureceram e então uma chuva pesada começou a cair. Em alguns instantes eu estava completamente encharcada. A chuva quente era revigorante, lavando o suor e a sujeira de nossa caminhada pela selva. Abri a boca para deixar a água escorrer pela garganta, aliviando a sede.

Enquanto os minutos passavam, a tigela foi se enchendo lentamente, os aldeões observando curiosos. Assim que a tigela ficou cheia, a chuva parou e as nuvens se separaram. O sol brilhou e o vapor subiu do chão em espirais. Agora a terra batida estava preta como a casca das árvores. A pintura facial e a cinza que adornavam os corpos dos guerreiros tinham sido parcialmente lavadas, fazendo com que o resto da pintura formasse feios borrões compactos.

– Bom! – O rei gargalhou, deliciado. – Agora podem beber!

Ahmose me ofereceu a tigela e eu a aceitei, agradecida. Bebi pela borda, com sofreguidão. O conteúdo transbordou pelos lados e molhou ainda mais minha camisa, mas não me importei. Quando fiquei saciada, devolvi-a a Ahmose, que bebeu o que restava. A água escorria de sua boca pelo pescoço, desaparecendo no vale do peito. Quando acabou, ele entregou a tigela vazia ao rei.

– Muito bem – disse o rei. – Agora a segunda prova.

Ele fez sinal para que o acompanhássemos. Em pouco tempo tínhamos saído da aldeia e andamos pela selva até chegarmos a uma determinada árvore.

– A tarefa seguinte é cortar esta árvore para fazer lenha sem usar nenhuma ferramenta. Mas tenham cuidado com as formigas – disse o rei, indicando uma massa pulsante marrom e vermelha que agora eu reconhecia como um aglomerado de criaturas vivas. – Elas não vão ficar muito felizes quando vocês perturbarem a área.

Com isso, os aldeões se foram, passando longe das formigas. Ahmose e eu circundamos a árvore, empurrando-a e procurando seus pontos fracos. Ela era grossa, forte e com raízes profundas. Demoraria muito para ser derrubada, mesmo se tivéssemos um machado. Ahmose imediatamente invocou uma arma da areia, mas parou, lembrando-se de que isso não era permitido.

– Minhas garras contariam como armas? – perguntei.

– Eu não arriscaria – respondeu ele, deixando sua arma se dissipar. – Ai! – disse, dando um tapa no pescoço. Então sapateou um pouco e bateu nos braços, tentando se livrar das formigas. – Para trás – alertou. – Elas são perigosas. São do tipo que pode matar organismos vivos e arrancar a carne dos ossos.

Tia assumiu:

– *Já tive muita experiência com essas. Vi formigas dominarem leões velhos e filhotes que não podiam ser mais rápidos do que elas. Na manhã seguinte não resta nada e até os esqueletos são quase irreconhecíveis.*

Verdade?, perguntei. *Como elas se chamam?*

Esperem um minuto, disse Ashleigh. *Podemos descobrir como elas se chamam. Vamos usar as formigas!*, disse, empolgada.

– *Ashleigh tem uma ideia*, disse Tia. Sem nem sequer explicar a Ahmose o que íamos fazer, nós três nos fundimos e invocamos nosso poder. A voz de Wasret ecoou: – *Ouçam, pequeninas.*

A massa de formigas se desfez, como numa explosão, e veio em nossa direção. Como indivíduos, começamos a entrar em pânico, mas nos agarramos umas às outras com força, apesar das formigas subindo por minhas pernas e meu tronco.

Ashleigh tentou romper a conexão quando elas começaram a picar.

São muitas!, gritou. *Não podemos descobrir o nome de todas!*

Mas Tia a encurralou, teimosa, trazendo-a de volta:

Precisamos descobrir o que é comum a todas, encorajou. *Temos de dar o nome da colônia!*

Não, gritei mentalmente. *O nome da rainha! Ela controla as outras.*

Então nos forçamos até o limite, finalmente nos livrando da dor infligida pelas formigas, que picavam e se enfiavam embaixo das roupas. Numa voz carregada pelo vento, gritamos em uníssono:

– Abissínia, a Feroz! Aquela Que Traz a Morte e a Vida! Rainha do Mel e do Fogo! Ouça nossos comandos!

Sentimos a rainha se dobrando ao nos ouvir e num instante suas formigas se moveram, obedecendo às instruções dela.

A colônia cercou a árvore e começou a trabalhar. Fiquei surpresa ao ver a rapidez com que conseguiram enfraquecer o tronco. Depois de uma hora, ouvimos o estalo e o estrondo do tronco se rachando. Ahmose me puxou para o lado quando ele desabou na selva, levando junto vários galhos de árvores próximas. O poder de Wasret nos deixou de imediato.

Logo apareceu um guerreiro solitário e nos guiou de volta à aldeia. O rei saiu de sua cabana, a máscara levantada no topo da cabeça, coçando o queixo. Sentou-se em seu tapete, indicando que deveríamos fazer o mesmo. Fez sinal para uma mulher, que se sentou ao nosso lado. Ela trouxe uma tigela cheia de uma pasta branca com um cheiro ligeiramente medicinal mas muito pungente.

Esfregou aquilo nas picadas das formigas e, apesar de eu franzir o nariz por causa do cheiro, senti-me imediatamente agradecida porque o unguento esfriou as picadas e aliviou a ardência. Enquanto ela trabalhava, o rei exigiu:

– Digam como fizeram isso! Um feiticeiro pode provocar a chuva, mas até hoje ninguém sobreviveu às formigas, muito menos derrubou a árvore.

Ahmose deu de ombros.

– Se completarmos as tarefas e obtivermos sua ajuda para encontrar meus irmãos, talvez possamos lhe dar uma demonstração do nosso poder.

O rei, que estivera ajoelhado, sentou-se abruptamente enquanto pensava nas palavras de Ahmose.

– Ah. Não importa – disse, com um gesto de dispensa da mão. – Ninguém pode sobreviver à terceira prova.

– Qual é a terceira prova? – perguntei.

Ahmose traduziu fielmente. O rei respondeu:

– Primeiro, vocês precisam comer. Considerem sua última refeição.

Dessa vez uma refeição totalmente diferente nos foi servida. O sol estava se pondo, esticando as sombras longas das árvores. Os aldeões saíam das cabanas, amontoando-se diante de nós com pratos cheios de peixe defumado, algum tipo de carne assada com cogumelos, ovos cozidos, o ensopado de um legume que parecia cenoura com um tempero perfumado, inhame com mel, uma fruta que não reconheci e uma tigela de cupins. O rei pegou um punhado daqueles insetos se remexendo e enfiou na boca, mastigando feliz. Alguns escaparam de seus lábios, mas ele os enfiou de volta, lambendo os dedos.

Evitando os cupins e a carne misteriosa, peguei o inhame e a cenoura e mordisquei a fruta, enquanto Ahmose erguia o prato inteiro de peixe e começava a devorá-lo. Os músicos voltaram, dessa vez dançando em um frenesi que me deixou nervosa. Fez com que eu lembrasse da louca dança sob o efeito de drogas dos nativos antes de sacrificarem a garota loura a King Kong.

Depois de limpar as mãos na calça cáqui, perguntei de novo:

– Qual é a terceira prova?

O rei, animado, sem afastar o olhar dos dançarinos, respondeu à pergunta, traduzida por Ahmose:

– Não é nada de mais. Só precisam derrotar Ananse.

– E Ananse é...? – perguntou Ahmose.

– Ananse tem muita fome. Nada tão ruim quanto a cobra, mas chega perto. No entanto, ela não gosta de fantasmas. Não. O que ela quer é carne.

O rei finalmente olhou na nossa direção e riu, os dentes afiados brilhando à luz da fogueira.

– Ananse mora do outro lado da selva. Quando ela se agita, a gente sacrifica uma mulher. Ela gosta mais de carne de mulher.

Engoli em seco.

– Carne de mulher?

Ahmose insistiu:

– O que, exatamente, é Ananse?

O rei piscou.

– Ananse é uma aranha gigante.



Presos numa teia

Cruzando os braços, eu disse:

– Parece que o seu Julgamento da Calabaça é igual a morte, morte e... ah, surpresa, mais morte. Acho que não vamos continuar fazendo o seu jogo.

Ahmose não traduziu. Olhou para mim com uma mistura de "Você provavelmente não deveria ter dito isso" e um orgulho sem limites, os olhos cinza se franzindo quando um canto da boca subiu. Quando ergui as sobrancelhas e gesticulei para que fizesse alguma coisa, ele suspirou. Ahmose expressou meu sentimento corretamente, ainda que seu tom não fosse tão irritado quanto o meu. O rei inclinou a cabeça, pensando nas minhas palavras. Não havia dúvida de que ele era inteligente e gostava de nos provocar.

Eu tinha encontrado homens como o rei nas festas do meu pai. Certo, aqueles homens tinham sorrisos de um milhão de dólares e estaturas imponentes, mas o diminuto rei da ilha sentado ao nosso lado mordiscando insetos *du jour* não era menos astuto do que os sujeitos com ternos caros na cidade de Nova York. Na verdade, provavelmente era mais esperto do que a maioria deles e sem dúvida mais confiante.

O rei bebia de uma tigela com um líquido quente e perfumado. Espirais de vapor subiam, com um cheiro agradável de especiarias frescas. Identifiquei algo que lembrava canela ou talvez anis. Se nos oferecessem, eu ficaria tentada a experimentar. Seu rosto de traços

marcados parecia mais jovem, suavizado pelo vapor do chá ou pela alegria de pensar em nossa morte.

– Quando começa – disse entre goles do chá –, o Julgamento da Calabaça deve ser concluído. O seu homem concordou com o desafio, se me recordo. Vocês devem terminar o que começaram, por mais perigoso que possa ser. Meu povo não gosta de quem volta atrás com a palavra dada.

– Voltar atrás com a palavra? – contrapus. – Nós não tivemos esco...

Ahmose pôs a mão no meu joelho e me interrompeu:

– Então, se você não tem objeção, gostaríamos de encontrar essa Ananse o quanto antes.

– Claro, claro – disse o rei.

– Ahmose – sibilei, segurando seu braço –, não acho que essa seja uma boa ideia. Estamos perdendo tempo aqui entretendo esse sujeito, quando deveríamos procurar seus irmãos.

– Sei que é o que parece, Lily – respondeu ele baixinho. – Mas esse rei e essa aldeia são as únicas coisas que encontrei até agora nesta ilha que não têm o caminho partido.

– O que isso quer dizer?

– Não sei exatamente. Só que, quando estudei os caminhos possíveis depois de ver as cabaças, um deles brilhou. Acho que sei qual pegar, se chegarmos à parte da escolha nesse jogo.

– Certo, mas para chegar lá precisamos derrotar uma aranha gigante. Não é uma coisa que eu gostaria de pôr na minha lista de sonhos de consumo, se você me entende.

– Não sei o que é uma lista de sonhos de consumo, mas enfrentar uma aranha não deve ser diferente de enfrentar as formigas. Na verdade, imagino que seja mais fácil, pois estaremos lidando com uma única criatura.

– Certo, entendo o seu ponto de vista, mas em todo filme com aranhas gigantes que eu vi...

O que é um filme?, perguntou Ashleigh enquanto eu tentava em vão interromper a reprise de *Aracnofobia* no meu cérebro.

Suspirei.

– Deixe para lá. Sorte de vocês não terem imagens mentais fixas graças às versões de Hollywood daquelas coisas com pernas compridas que aparecem de noite. Talvez essa aranha gigante não seja tão ruim – falei, tentando convencer não somente a elas, mas a mim mesma.

Tia não temia aranhas e Ashleigh até gostava delas. Chegara a ter uma de estimação no mundo dos mortos e havia tecido os fragmentos de sua teia para fazer uma rede de dormir.

Aparentemente eu era a única do grupo apavorada com a ideia de uma aranha gigante querendo consumir minha carne. Joguei as mãos para o alto.

– Ótimo. Mas, se formos comidos, esperem ouvir "Eu não disse?" até nosso fim definitivo nesta ilha da morte.

O grandalhão ao meu lado me dirigiu o que deveria ser um sorriso tranquilizador, mas eu me recusava a me sentir reconfortada numa situação dessas.

Eu não era uma atriz loura e burra que gritava por causa de insetos, mas aranhas gigantes? Eu não era idiota. Quando Godzilla chega a Manhattan, os nova-iorquinos são espertos o suficiente para sair da cidade. Essa parecia uma situação do tipo para sair da cidade. Pelo jeito, eu era a única voz racional no grupo e ninguém estava me dando ouvidos.

O reizinho se levantou e bateu palmas.

– Vocês deixam as armas aqui.

– Acho que não – eu disse, segurando meu arco quando um guerreiro o puxou do meu ombro.

– Vamos manter suas armas em segurança – garantiu o rei.

Como Ahmose não estava me dando escolha, concordei com relutância e fiquei olhando enquanto minhas armas desapareciam dentro da cabana do rei. Dois soldados avançaram e amarraram nossos pulsos com uma corda áspera que arranhava. Levantei os pulsos amarrados para Ahmose e o fulminei com o olhar, depois o acompanhei, a contragosto, com nossos captores, voltando para a selva.

Quando chegamos ao local designado, um alto mastro de madeira numa pequena clareira, um homenzinho me levou direto até ele. Fez um tremendo alarde ao me amarrar ao mastro, no estilo garota sendo sacrificada ao King Kong. A qualquer momento eu provavelmente poderia tê-lo derrubado com um leve empurrão, mas fui em frente atendendo aos desejos de todo mundo. Resmunguei e tentei chutá-lo na canela quando ele puxou as cordas com força suficiente para doer. Ao se sentir confiante de que eu não poderia escapar, foi ajudar seu colega.

Enquanto isso, Ahmose estava ajudando seu captor a localizar uma árvore à qual poderia ser amarrado.

– Ah, fala sério! – resmunguei. Para mim, esse jogo tinha ido longe demais. Depois de Ahmose estar devidamente amarrado, o cara que me prendeu bateu numa espécie de sino pendurado. – Ótimo – falei assim que ele saiu correndo da clareira. – Tocando a sineta do jantar. Será que não dava para ser mais óbvio? – gritei atrás dele.

A copa das árvores estremeceu e eu fuzilei Ahmose, do outro lado da clareira, com os olhos.

– Só para saber: eu culpo *você* totalmente por isso – berrei.

– Vai ficar tudo bem, amor – gritou ele de volta.

– Ah, não. Você não deve gritar palavras carinhosas numa hora assim!

– Apenas se concentre. Use seu poder – disse ele, elevando a voz de um modo tranquilizador mas compreensível.

Retorci o corpo tentando partir as amarras, mas as cordas estavam apertadas demais.

Mal posso esperar para ver o bicho, disse Ashleigh.

Eu também estou curiosa, acrescentou Tia.

– Calem a boca – falei, com raiva de todo mundo por causa da nossa situação, e finalmente me acomodei encostada no mastro. – Concentrem-se.

Fechando os olhos, nós três canalizamos o poder. Mas, antes que o elo estivesse completo, um galho de árvore se partiu. Levantei os olhos e ofeguei ao ver uma pata marrom peluda e gigantesca emergir do meio das árvores e baixar delicadamente na clareira. Assim que pousou, o

membro grosso pareceu um tronco de árvore fino e eu pisquei, pensando se minha imaginação o teria conjurado. Então outra pata apareceu, e depois outra.

Um medo frio disparou por minhas veias e minha boca ficou seca. Por que as pessoas que eu amava eram tão idiotas? Tia e Ashleigh estavam gritando na minha mente, mas suas vozes pareciam distantes, como se abafadas ou presas atrás de um vidro. Eu não conseguia ultrapassar o medo para ouvi-las. As patas compridas subiram e pousaram de novo. Tudo o que eu conseguia fazer era espiar seu progresso. Não ousava olhar mais para cima. Não queria ver a boca, as presas ou um punhado de olhos refletindo minha imagem.

Ahmose gritou do outro lado da clareira, mas suas palavras também não tiveram efeito. Por fim, as patas pararam de se mover. Duas delas tinham passado por cima de mim. Duas estavam nas bordas da minha visão periférica. Agora que estavam mais perto, vi que terminavam num invólucro duro, pontudo, como uma garra que se cravava no chão. Senti a presença da criatura. Era antiga e, enquanto ela me olhava, minha pele formigava. De novo eu estava perplexa e não podia fazer nada a respeito. O ar se agitou. Senti frio em minha pele suada. Todos os pelos da minha nuca estavam eriçados.

As patas estremeceram e eu não pude me impedir de olhar para cima. O corpo da aranha também era peludo e um pouco mais escuro do que as patas. O abdome era gigantesco, com calombos se projetando atrás, que imaginei que seriam as fiandeiras. Ela se abaixou até que a cabeça e o corpo quase tocaram no chão. À minha esquerda e à direita, longos palpos se contraíam. Por fim, olhei direto para a criatura.

Meia dúzia de joias pretas, ou mais, piscavam num leito peludo na parte de cima da cabeça. Demorei um momento para perceber que eram olhos. Calombos esverdeados adornavam as costas da aranha. Pareciam um cruzamento entre cogumelos e musgo. Imaginei se aquilo seria natural ou se era só algo que crescera ali, como consequência de Ananse morar na floresta.

Duas mandíbulas grossas, articuladas, grandes como uma porta

dupla, se abriram e fecharam como uma tesoura de cozinha, e uma presa comprida e preta pendia de cada uma delas. Uma gota de líquido branco escorreu de uma. Tremi e pressionei as costas no mastro. Nesse ponto King Kong estava parecendo bastante simpático. O gorila gigante não era nada perto daquela aranha.

A criatura moveu os palpos, estendendo-os para me sondar. Precisei de todo o esforço de que era capaz para engolir o grito. Os palpos não doíam, mas eram ásperos e se prenderam no meu cabelo. As pontas pareciam um pouco as almofadas nas patas dos cães, passando por meus braços e subindo pelo pescoço. Os palpos se afastaram de novo e a cabeça se aproximou. Notei que as presas não eram somente pontudas, mas tinham bordas como navalhas de ambos os lados. Engoli em seco quando me ocorreu que essas lâminas poderiam ajudar a criatura a desmembrar as garotas que ela devorava.

Tia?, gaguejei em minha mente. *Ashleigh?* Mas minhas companheiras interiores não responderam. Em vez disso, uma voz nova penetrou no meu cérebro.

Ora, olá, ouvi nos pensamentos. *É muito raro encontrar uma jovem que possa falar com a mente. Você não é uma oferenda típica. Parece que entrou no lugar errado na hora errada, minha cara.*

Agora desesperada, tentei bloquear tudo aquilo e acessar Tia e Ashleigh. Mas, por mais que me esforçasse, não conseguia encontrá-las. Um palpo me golpeou de volta contra o mastro. Parecia errado não ter acesso às minhas companheiras interiores, como se uma parte de mim estivesse faltando ou tivesse sido drogada. O palpo me beliscou.

– Ai! – gritei.

Quando olhei para baixo, meu cérebro turvo percebeu que não era um palpo, mas sim uma das presas, que agora estava cravada em minha coxa.

Ora, ora, não se preocupe com sua incapacidade de se comunicar. Meu veneno dificulta um monte de coisas.

As árvores da floresta tinham começado a desaparecer. Uma a uma foram sumindo. As bordas da minha visão estavam ficando brancas. Meu

corpo se sacudiu uma vez. Duas. Não era doloroso, mesmo, embora devesse ser. O veneno devia ter me paralisado, porque tudo o que eu sentia era algo me puxando e as ligeiras cócegas dos pelos da aranha enquanto as patas roçavam em mim.

Ah, que chato, disse a voz. *Não gosto quando eles amarram tão apertado. Eles sabem que não gosto que minha presa seja danificada.*

Senti lágrimas escorrendo pelo rosto, mas não conseguia levantar a mão para enxugá-las. Com um último tremor, meu corpo tombou para a frente, mas fui apanhada pela cintura antes de bater no chão. Pelos ásperos se esfregaram em minhas costas e pernas, e então eu estava me movendo rapidamente pela clareira. A última coisa de que me lembro antes de o mundo ficar escuro foi de ouvir Ahmose gritar.

Quando voltei a mim, estava olhando a luz suave de uma lua cheia. Minha perna latejava ligeiramente, mas a dor parecia opaca e distante, mais como um eco do que qualquer coisa que precisasse de atenção. Eu me balançava suavemente numa confortável rede de acampar, o ar da noite estava fresco e trazia alívio à minha pele. As estrelas piscavam lá em cima. Que sonho estranho eu tinha tido! Queria chamar Ahmose, mas minha língua estava inchada e a boca tinha um gosto esquisito.

Uma mulher cantarolava ali perto.

Ah, bom, você acordou, disse ela. Sua voz era reconfortante. Como uma tia querida. *Estou quase terminando sua tapeçaria.*

Que legal, pensei, e me acomodei, deixando a mente divagar enquanto pensava em belos cavaleiros, castelos e lindas tapeçarias.

Alguns minutos se passaram, mas alguma coisa me impedia de cair de novo no sono. Uma irritação começou, dizendo que meu sonho agradável estava errado. Pisquei e percebi que meus olhos estavam muito secos. Na verdade, havia terra neles e folhas no meu rosto. Remexendo-me na rede de acampar, tentei levantar a mão, mas meus braços estavam presos. Olhei para baixo sem compreender as fibras brancas em volta do meu corpo. De repente tudo voltou.

A aranha!

– O quuu... – lambi os lábios e tentei de novo: – O que você fez com...

comigo?

Houve um movimento à minha esquerda e em seguida o farfalhar de folhas acima. Examinei as sombras através das folhas, que giravam caindo.

Estive ocupada trabalhando na sua tapeçaria. Eu faço uma para todas as minhas meninas.

– O quê? – perguntei, girando a cabeça, agradecida por tirar as folhas de cima do rosto.

Vou mostrar, disse a aranha. *Seja paciente.*

Enquanto eu ficava ali pendurada, balançando para trás e para a frente, a aranha dançava ao redor, invisível no escuro, e meus membros começaram a formigar. Flexionei os dedos e invoquei as garras. Demorou vários instantes, mas por fim elas apareceram. Agora eu sabia que, mesmo não escutando Tia ou Ashleigh, elas ainda deviam estar comigo, já que conseguia usar o poder da esfinge. O mais silenciosamente que pude, serrei as fibras pegajosas que me prendiam.

– Onde está Ahmose? – perguntei para distrair a aranha enquanto trabalhava.

Quer dizer, o seu homem? Está aqui. Geralmente não como homens. São... duros demais para o meu gosto. Prefiro mulheres. São muito mais macias, sabe? Dissolvem com mais facilidade. É uma refeição tenra e satisfatória. Mas nesse caso vou experimentar o seu homem. Ele parece limpo e pode ser gostoso se eu o amaciar bastante. Claro, ele terá de esperar um tempo. Dois de vocês, tão grandes assim, é demais para comer de uma vez. Minha silhueta ficaria arruinada se eu fosse tão gulosa.

Parei ao ouvir a palavra *dissolvem*, depois continuei a cortar, mais rápido ainda. Por fim, soltei um braço e depois uma perna.

Pare de se remexer tanto, disse a aranha. *Vai arruinar sua tapeçaria.*

Ignorando-a, soltei o outro braço e a perna. Então me agarrei à teia, balançando-me loucamente enquanto o casulo que me segurava caía no chão da floresta. O fio da teia era pegajoso e denso. Olhando para baixo, vi dezenas e mais dezenas de cordas translúcidas se cruzando e se enrolando entre galhos grossos. Estendi a mão para o alto e peguei

outro fio, e depois, com o máximo de cuidado possível, comecei a ir para o lado, uma das mãos após outra, um pé após outro, na direção da árvore mais próxima.

Meu pé quase escorregou, mas me ajeitei e fui em frente. Quando dois fios se cruzaram, tateei ao longo do fio novo até me sentir confortável. Então passei rapidamente para o fio que os unia a fim de descer pelo novo caminho. Finalmente vi outro casulo vários níveis abaixo, com uma forma que achei que devia ser a de Ahmose. Mudei de direção.

Demorei vários minutos para alcançá-lo e, embora eu empurrasse seu casulo, desse tapas em seu rosto exposto e chamasse seu nome, não houve reação. Eu não sabia direito o que fazer. Com o poder da esfinge eu era forte. Talvez até o suficiente para carregá-lo. Mas não poderia percorrer a teia e transportá-lo ao mesmo tempo. Decidi que poderia ao menos tentar libertá-lo e esperar que ele acordasse antes que ela acabasse comigo.

Só estava na metade do trabalho de soltá-lo quando a aranha me descobriu.

Aí está você, disse ela. *Não adianta fazer isso. Ele não vai acordar antes de pelo menos mais uma hora. Ele é grande. Precisei dar uma dose dupla. Venha cá agora. É hora de ver sua tapeçaria.* A aranha, que de algum modo tinha se esgueirado para perto de mim sem que eu a sentisse, o que era um feito incrível considerando meus sentidos aguçados, disparou uma teia que envolveu meu tornozelo.

Antes mesmo que eu pudesse murmurar uma palavra, a aranha saltou para o alto e minha perna foi puxada para cima. Fui sendo arrastada atrás dela. Cada teia vibrava à minha passagem e uma vez ela bateu minha cabeça no galho de uma árvore.

Ah, desculpe, gritou enquanto continuava a subir. *Espero não ter esmagado seu cérebro. É a minha parte predileta.*

Não me dei ao trabalho de responder e tentei de novo alcançar Tia e Ashleigh. Nenhuma das duas respondia. Como eu poderia acessar o poder de Wasret se Tia e Ashleigh estavam sumidas?, pensei.

Eu bloqueei as outras duas mentes, se é isso que você quer saber, disse a aranha, como se lesse meus pensamentos.

O bicho parou, enrolando a longa teia que prendia meu tornozelo e me puxando para ela. Quando eu estava na posição que ela queria, e que por acaso era no fim de uma teia presa no galho mais alto de uma árvore, ela moveu o corpo gigantesco. Circulou pela teia como um ginasta antes de prender minha perna no lugar. Mudei de posição para conseguir me sentar na forquilha da árvore, que mal suportava meu peso. Por sorte a teia era suficientemente forte para aguentar o peso de um elefante.

– Como assim, bloqueou as outras duas mentes? – perguntei enquanto o sangue que latejava na minha cabeça se espalhava de volta para os membros.

Ananse, a aranha, moveu-se pela teia, as patas andando pelo fio com a delicadeza de uma bailarina. Seus olhos de pedras preciosas refletiam a luz das estrelas.

Elas me distraíam, disse. *A tapeçaria ficaria muito complicada se eu incluísse as duas. Além do mais, elas só iriam turvar o tema geral.*

– Minha tapeçaria tem um tema?

Ah, sim!, respondeu a aranha com uma leve empolgação. *Eu costumava tecer o Cosmo, querida. Fui eu que conectei cada planeta a uma estrela e cada lua orbitando um planeta. Os restos dessas grandes peças ainda podem ser vistos no céu noturno, mas a maioria das pessoas não consegue mais perceber o significado dos fragmentos.*

Ela pôs-se a pensar, depois prosseguiu: *Nenhuma teia era maior do que a minha. Nenhum território era mais vasto. As histórias que os homens e os deuses teciam ao olhar as estrelas vinham das minhas grandes tapeçarias celestiais. Hoje a maior parte do que fazem é adivinhar. Só eu conheço as histórias verdadeiras. Só eu segui as origens do Cosmo antes de ele nascer. Agora vivo aqui, em obscuridade quase total, tecendo as tapeçarias tediosas e dignas de pena de uma tribo de ilhéus inconsequentes. Mesmo assim, gosto de usar minhas habilidades. Mesmo que o tema seja tremendamente sem graça, ainda faço o trabalho mais lindo que consigo.*

– Sei. Mas você não preferiria manter uma pessoa interessante como eu por perto durante um tempo? Sabe, só para o caso de eu inspirar você a criar mais obras de arte?

Ah, não creio que seja necessário. Veja bem, agora que a tribo sacrificou vocês dois, provavelmente vai ignorar minhas necessidades durante alguns anos. Além disso, cada pessoa tem só uma tapeçaria. Agora que vi a sua, não preciso manter você por perto. Claro, também há o fato de que minha teia é venenosa. O veneno já está penetrando em suas veias há muitas horas.

Olhei minha perna e a pele pareceu subitamente quente.

– V... veneno? – perguntei nauseada.

É. Ah, ele levaria dias para matar você. Até mesmo semanas. Você terá morrido muito antes disso, prometo.

– Ah, que bom. Eu odiaria ter de me desfazer aos poucos.

Eu também não quereria isso. Prefiro minhas refeições o mais nutritivas possível, e a teia mina sua energia, deixando menos para mim.

– Certo. Então vejamos essa tapeçaria que você fez para mim.

Paciência, minha cara. Paciência. Não é uma coisa que a gente simplesmente jogue para a pessoa. É uma obra de arte. Precisa ser apreciada como tal.

– Certo, eu conheço arte. Já falei do museu que frequento em Nova York? Tem um monte de obras de arte lá.

Verdade? Eles mantêm a arte à mostra?

– Claro. Às vezes circulam uma exposição por vários museus do mundo. Assim todos têm a chance de apreciar.

Eu gostaria disso. Que as pessoas vissem o que faço e tivessem a chance de falar a respeito.

Dobrando a perna que não estava amarrada à árvore, eu a abracei e disse:

– Então me fale. Não somente sobre minha tapeçaria, mas sobre as outras coisas que você criou. Fico feliz em ouvir. Sou uma ouvinte cativa, por assim dizer – falei com um risinho, apostando que a aranha não entenderia a piada.

Não entendeu. Meu objetivo ao distrair a aranha era duplo. Eu queria

adiar minha morte iminente e ganhar tempo para Ahmose acordar. Minha esperança era de ter cortado o suficiente de seu casulo para que ele conseguisse sair sem minha ajuda. Com sorte, ele conseguiria.

Bom, para entender o quê e como eu crio, precisaria começar do início.

– Por mim, tudo bem.

Encolhi-me, sabendo que, se houvesse algum modo de sairmos dali ilesos, teríamos muito pouco tempo para encontrar Amon e Asten antes que Cherty fosse embora. Mas uma coisa de cada vez. Primeiro eu precisava sobreviver à aranha.

Nem sempre fui a melhor tecelã, sabe?, começou ela. *Outras da minha espécie eram muito mais talentosas. Mas eu era uma jovem inteligente, vivendo nas sombras dos mais velhos. Era uma imitadora hábil. Isso foi muito útil.*

Minha coxa não estava sangrando, o que me incomodava. Talvez alguma coisa no veneno da aranha tivesse feito o sangue coagular. Também não doía, apesar de eu ver claramente o ferimento. A presa não havia atravessado a coxa, mas eu tinha certeza de que o músculo fora muito danificado.

Enquanto isso ela continuou:

Quando era escolhida para tecer as histórias de reis e impérios, observava com atenção para ver como eles ascendiam e tomavam o poder. Pegava sua sabedoria e sua astúcia e, apesar de tecer seus triunfos, de propósito escondia seus meios de ascender à grandeza. Tornei-me aduladora e traidora. Você deve entender que somente um membro da minha espécie pode se tornar Tecelã do Destino, e era a isso que eu aspirava, mais do que a qualquer coisa.

Um a um eu manipulava os fios, parecendo dar a meus inimigos o que eles mais queriam. Então puxava a trama de baixo deles, prendendo-os na minha teia. Depois os devorava, e, ao fazer isso, absorvia tudo o que eles eram. Fui ficando cada vez mais poderosa. Logo se tornou claro que nenhum obstáculo poderia impedir meu progresso. Por fim, só restavam dois de nós: eu e meu mestre, Sibriku, o sábio. Passei séculos aprendendo ao lado dele, ficando cada vez mais forte e mais poderosa. Quando estava preparada,

desafiei-o a um jogo. Disse que o destino determinaria quem iria triunfar. Se fosse ele, eu me deitaria de costas e deixaria que ele me absorvesse, mas, se eu vencesse, iria me tornar a criatura mais poderosa que já havia existido e aprenderia todos os segredos do Cosmo. Então fiz uma coisa que Sibriku não esperava.

– E o que foi?

Trapaceei. Ele não esperava por isso. Foi assim que o derrotei. Foi como derrotei todos. Mas você se lembra de que ele era chamado de Sibriku, o sábio. Ele reconheceu minha artimanha, mas era tarde demais. Sibriku se deitou de costas e eu dissolvi seu corpo, absorvendo seu conhecimento.

– Mas agora você está sozinha – falei. – Não resta ninguém da sua espécie em todo o Cosmo, a não ser você. Ninguém para registrar seus feitos. Ninguém para ajudá-la a tecer suas tapeçarias celestiais.

Isso mesmo. Logo depois da morte de Sibriku, percebi minha idiotice. Ao ganhar toda a sabedoria do Cosmo, destruí a única coisa que me impelia, já que não restava ninguém para eu superar. Tentei criar um novo caminho para mim e rasguei o tecido da criação. Mas nem mesmo eu, com toda a minha sabedoria, pude remendá-lo. – Devaneou e logo continuou: – *Então os deuses nasceram. Foi o resultado de o Cosmo tentar restaurar o equilíbrio depois do que eu tinha feito. Recuei e observei surgir um poderoso vidente. Nós espiamos nos olhos um do outro e eu não suportei ver meu reflexo, por isso me escondi no lugar mais profundo e escuro do Cosmo. Quando Aquele Que Desfaz assumiu seu poder, eu tremi, sabendo que ele ascendia para que eu pudesse cair. Então criei este lugar onde todas as coisas perdidas e partidas podiam se esconder. Abandonei minha teia celestial e caí. Agora aqui estou. Sozinha. Esquecida. Sem objetivo. Tentei me contentar com o que tenho e com o fato de que ainda existo. Mas tantas eras se passaram que desisti da esperança de algum dia tecer outra teia celestial. Agora só sinto prazer quando como. Por falar nisso, venha, Lily, chegou a hora.*



A tapeçaria fatídica

Eu não estava pronta para morrer. Aparentemente meu grande destino era ser o jantar de uma aranha cósmica. Não era assim que eu pensava que iria acabar. Mas, por outro lado, mil maneiras estranhas de morrer tinham me passado pela cabeça desde que eu ficara sabendo o que eu era. O que tinha acontecido comigo. Acho que ser devorada por uma aranha não era a pior delas.

Ananse aproximou-se e passou uma presa afiada pela teia que prendia minha perna, me libertando.

Se você quiser, pode vir por vontade própria, disse ela. *Vou lhe mostrar o caminho até a sua tapeçaria. Não é longe. Se você não for muito melindrosa, pode montar nas minhas costas. Ah, e não pense em usar suas garras minúsculas em mim. Elas se quebrariam em minha pele. Meu couro é mais velho do que o seu sol e é feito de material muito mais duro.*

– Bom, acho que vou estar mais segura montada em você.

Isso é sensato. Pode subir pela minha pata. Há um lugar atrás da minha cabeça onde você deve ficar confortável.

Fiquei em pé com alguma dificuldade. Minha perna ferida estava rígida e inchada, mas eu ainda tinha força suficiente nos braços para subir pela pata articulada da aranha. Agarrei os pelos rígidos e, quando sentei confortavelmente nas costas de Ananse, ela partiu.

A aranha gigante movia-se rapidamente entre as árvores, o corpo se retorcendo e girando agilmente nas teias fortes. Quando chegou ao fim

de uma teia, saltou no ar, o corpo enorme quase flutuando como uma pipa enquanto ela tecia uma nova teia em seu rastro. Então pousou num galho e depois saltou para outro. E começou a subir, enquanto eu me segurava com força às suas costas.

Ela seguiu para uma árvore grande. Na realidade, a maior que eu tinha visto na selva. Abaixando-se sob os galhos, ela circundou o tronco. Comecei a notar minúsculos volumes na teia. Acho que não eram só pessoas que ela comia, se bem que a maior parte dos animais da selva era provavelmente pequena demais para alimentar uma criatura do tamanho de Ananse. Por fim, no topo da árvore, que oscilou ligeiramente sob seu peso, ela se virou e me mostrou seu trabalho.

Aí está, falou, quase com reverência. *Diga, você acha que está exata?*

Arquejei baixinho. Ali, reluzindo ao luar, estava a teia mais intricada que eu já vira. O orvalho brilhava ao longo dos fios translúcidos, fazendo-os cintilar, e havia um leve tom esverdeado no material. Demorou um tempo para que meus olhos se acostumassem, até que eu pudesse ver a profundidade daquilo e identificar as formas. Quando finalmente entrou em foco, percebi que era uma peça de arte tridimensional e que o que eu estava vendo era só a superfície.

– Ela tem luz própria? – perguntei, perplexa com a luz que pulsava na teia.

Mais ou menos. Antigamente eu controlava todas as cores do Cosmo, mas agora só disponho desta.

– É linda – falei, absolutamente pasma com o que ela havia criado.

É, mas está exata?

– Eu... eu não sei bem o que você quer dizer.

Olhe com mais atenção, Lily. O que você vê?

A aranha desceu pelo tronco da árvore, as patas compridas se agarrando aos galhos, e, com isso, a teia foi se modificando, revelando uma série de imagens, como cenas num grande mosaico magistral. Formas explodiam diante dos meus olhos. Vi todo o horizonte de Nova York. Um pôr do sol brilhante que lançava sombras compridas. O Central Park tinha sido recriado com grande detalhamento. Até as carruagens

com cavalos cintilavam ao luar. Na forquilha de uma árvore, identifiquei pirâmides e explosões estelares que pareciam minúsculos fogos de artifício.

Ananse começou a andar por um galho comprido e fiquei maravilhada vendo como o desenho da teia era grande. Pensei que a totalidade dela estava contida entre duas árvores grandes, mas, quando ela se virou, havia outra seção, esta uma recriação da fazenda da minha avó. Era ligeiramente diferente do que eu lembrava. No cemitério não havia apenas uma lápide, mas três. Eu quis chegar mais perto para ver se a aranha sabia que nomes poderiam estar gravados nelas, mas o ângulo em que estávamos me impedia de enxergar com foco.

Descemos mais um tronco e, em cada nível, enquanto baixávamos até o solo da floresta, havia outra cena. Uma era uma igrejinha rural com uma noiva e um noivo junto à porta, ele descendo os degraus com ela no colo enquanto alguns espectadores aplaudiam. Outra mostrava um vasto deserto com platôs e um vale coberto com uma plantação que estremecia com luz pulsante.

Havia um crocodilo monstruoso cercado por criaturas demoníacas e uma mulher com pássaros horríveis pousados no ombro. Vi um velho sentado numa cadeira de balanço cercado por um grupo de crianças, três no colo, a cabeça dele jogada para trás no momento em que dava uma risada. E havia um homem e uma mulher estudando hieróglifos dentro de uma tumba.

Em outra parte vi um morto sobre uma laje, com uma faca enterrada no peito. Uma mulher debruçava-se sobre ele, chorando, enquanto um deus egípcio montava guarda. Uma garota estava parada junto de um unicórnio, a mão segurando o chifre do animal, que baixava a cabeça. Uma luz irradiava-se do chifre. A mesma garota, agora com asas, voava até um sol agonizante e o trazia de volta à vida. Havia um velho colocando uma velha num sarcófago enquanto um deus egípcio contemplava, seu cão erguendo a cabeça num uivo. Outras pessoas, essas mais jovens, observavam. A mulher ainda estava viva.

Estremeci.

A aranha saltou para outra árvore, deixando à vista toda uma nova teia.

Nessa um dragão pairava sobre um cavaleiro morto, com fogo e fumaça brotando de sua boca, enquanto a menina se ajoelhava ao lado do cavaleiro. A aranha se virou e vi uma enorme cidade sendo reconstruída. Era diferente de qualquer uma que eu já vira. Os prédios eram conectados por passarelas e pontes. A cena seguinte mostrava uma garota voando pelo espaço nas costas de um unicórnio, à frente de um exército de cavaleiros da mesma estirpe. Ela brandia armas familiares e seu rosto estava iluminado pela determinação.

Apontei para ela no momento em que a aranha parou.

– Aquela não sou eu – falei. – Se isso deveria ser minha vida, meu destino ou sei lá o quê, acho que você errou algumas coisas. Não posso me lembrar exatamente de tudo por que passei, mas algumas dessas imagens não são minhas.

Tenha em mente que a tapeçaria inclui imagens não somente do seu passado, mas também do seu futuro. Essas cenas representam todas as coisas que você vai fazer na vida.

– Eu entendi, mas como posso fazer essas coisas no futuro se você vai me comer?

Ah, muitas pessoas se enganam aqui. Suponho que eu não deveria esperar mais de você do que das garotas nativas, apesar de você ser tão especial. Lembre-se de que, apesar de eu ter a capacidade de tecer o seu destino, esse destino é o que você conheceria se não tivesse posto os pés na Ilha dos Perdidos. Uma vez tendo chegado aqui, seu caminho se parte. Eu só lhe dou um pequeno vislumbre do que poderia ter sido. É uma gentileza, acho, poder ver sua vida assim antes de ela terminar abruptamente.

– Bom, isso é questionável. Mas mesmo assim você errou.

É? Como?

– Bom, veja isso, por exemplo – falei, apontando para a garota alada voando na direção de uma estrela agonizante. – Isso não é possível. Não posso fazer isso. Não tenho asas. Não sou uma deusa nem nada.

Tem certeza? Você não pode fazer com que elas brotem?

– Não. Talvez Ashleigh. Ela foi fada em outra vida.

Não. Não. Eu bloqueei as outras.

– Certo, mas elas fazem parte de mim. Não estou vendo uma leoa aqui nem o bando do qual ela veio, na África. Você deixou de fora um grande pedaço da minha vida ao ignorá-las.

Certamente não são pedaços importantes.

– Eu diria que são. Não me lembro de como elas passaram a fazer parte de mim, mas causaram um impacto gigantesco. Não há como deixá-las de fora. Você terá de acrescentá-las se quiser que a tapeçaria esteja certa. A não ser que a precisão não tenha muita importância para você. Eu imaginaria que um ser poderoso como você seria capaz de discernir esses detalhes. Talvez você não seja uma tecelã tão boa ou tão cheia de sabedoria como acha que é.

Certo. Bom, veja só, a questão é que eu não posso acrescentar simplesmente as formas como elas influenciam sua vida. Precisaria tecer uma tapeçaria completa para cada uma delas. Seria muito complicado. As teias delas teriam de fazer interseção com a sua em muitos pontos diferentes. É o único modo de ser completamente exata.

– Entendo. Bom, acho que, se é difícil demais, terei de aceitar uma tapeçaria incompleta. É uma pena, de verdade. Não me entenda mal. É um trabalho lindo. E posso viver com a discrepância... bom, viver pelo pouco tempo que me resta... se você também puder. Claro, como uma criatura imortal, você teria de viver com a imprecisão durante um bom tempo. Talvez não seja uma coisa que você possa realizar neste ponto da sua vida, de qualquer modo.

O que você quer dizer com isso?

– Só quero dizer que você não é mais tão jovem. Não é vergonhoso perder a prática. Quero dizer, veja o que você pôde fazer depois de ficar presa aqui na ilha por tanto tempo – falei, estendendo o braço num gesto amplo. Não sabia se seus olhos de pedras preciosas podiam me ver ou não, por isso não corri nenhum risco com minha expressão.

A aranha esfregou as duas patas da frente uma na outra enquanto pensava no que iria fazer. Forcei os ouvidos, tentando escutar Ahmose,

mas o único som que chegava a mim era o farfalhar das folhas à brisa noturna.

Posso estar destreinada, disse Ananse, *mas certamente ainda possuo as habilidades necessárias para criar tapeçarias múltiplas. Já teci as tapeçarias de populações inteiras. Três garotas não devem ser um problema, não importa a complexidade com que estejam conectadas.* A aranha estalou as presas. *Muito bem. Vou precisar de acesso aos pensamentos das outras duas que residem na sua mente para ver como elas moldaram e influenciaram seu destino.*

– Acho que seria melhor – eu disse. – Tia já será um acréscimo muito interessante. Ela teve uma trajetória de vida bem complicada. Creio que você vai achar a tapeçaria dela muito instigante.

Então está decidido.

Uma pressão, a que eu não tinha atentado, deixou a minha mente e escutei as vozes familiares, agora muito confusas, de Tia e Ashleigh. Em voz alta eu disse:

– Tia, Ashleigh, gostaria de apresentar vocês a Ananse. Ela vai tecer suas tapeçarias. Vocês devem ficar bem *quietas* para que ela possa trabalhar.

As duas ficaram imediatamente em silêncio.

Ananse correu por um fio e saltou rapidamente de árvore em árvore. Assim que se afastou o suficiente da minha tapeçaria, parou. Eu desci de suas costas e me sentei na forquilha de uma árvore alta.

– Quer amarrar minha perna de novo? – perguntei, afável. – Não me importo. Quanto tempo você acha que vai demorar para terminar? Estou tão empolgada para as garotas verem o trabalho glorioso que você faz!

Sim, disse Ananse distraída. *Quero dizer, não. Você está num lugar bem alto e o veneno provavelmente a enfraqueceu o suficiente para que você não consiga descer sozinha. Provavelmente vou demorar quase dois dias. Claro, terei de tecer noite e dia para terminar nesse tempo.*

– Perfeito. Vamos ficar esperando aqui.

A aranha se virou, pegando uma teia mais alta, e içou o corpo.

Desceu rapidamente pelo fio e acrescentou, como se falasse consigo mesma:

Terei de consumir o rapaz primeiro, para ter energia suficiente para a tarefa. Nunca fiz uma tapeçaria tão complicada.

– *Não!* – gritou Ashleigh usando minha voz.

Pressionei as mãos sobre a boca enquanto a aranha voltava correndo até mim, rápida como um raio. Ananse se abaixou até onde eu estava, as patas traseiras firmando a teia nova de onde ela pendia. Virando a cabeça de modo a manter as presas a uma distância em que poderiam se cravar em mim, ela me sondou com os palpos.

O que foi isso?, perguntou a aranha, com um gume de malícia na voz.

– Ah, é só que, antes de comê-lo, você deveria saber que Ahmose também tem um importante lugar na minha tapeçaria.

Ananse inclinou a cabeça.

Seja como for, não posso construir uma coisa tão grande sem energia. Você acha que meu corpo pode gerar fios a partir do ar?

– Ah... não pode?

"Não" é a resposta correta. Olhei as mentes de suas companheiras, e os destinos potenciais delas são vastos. Na verdade, as tapeçarias resultantes podem acabar cobrindo toda a ilha.

– Mas...

Ela me interrompeu:

Garanto que estou à altura da tarefa, mas isso vai exigir muita energia e estou exaurida. Sinto muito se seu homem é importante na sua trama, mas terei de deixá-lo de fora.

– Tudo bem – garanti. – Nós entendemos. Não é, garotas?

Claro, respondeu Tia mentalmente.

A princípio Ashleigh não respondeu. Eu quase podia sentir sua contrariedade por ter de bancar a boazinha.

Faça o que tem de fazer, criaturinha, disse ela por fim.

Aparentemente isso bastou, porque a aranha se afastou de novo, voltando para a parte da floresta onde tinha deixado Ahmose num

casulo. Quando achei que a aranha estava suficientemente longe, falei mentalmente:

Agora!

Então nos concentramos, unindo nossas mentes como Wasret. Eu sabia que o medo era uma barreira para mim. Precisava me soltar e confiar absolutamente nas minhas companheiras interiores.

– Depressa! – gritei em voz alta.

Ouvi os estalos e o farfalhar de árvores enquanto a aranha voltava correndo a toda a velocidade. Uma bolha de pressão cresceu na minha mente de novo quando Ananse tentou nos bloquear, mas era tarde demais. Nós nos conectamos completamente pela primeira vez, instigadas pelo desespero de salvar Ahmose, e nos enchemos de poder.

Com toda a calma abri os olhos e ergui os braços. A luz das estrelas se dividiu e escoou para o meu corpo. Olhei a minha perna inchada e tirei energia das árvores, dos animais e do próprio Cosmo, sorrindo enquanto o ferimento se fechava e o veneno era retirado do meu corpo. A aranha pousou no meu galho com uma pancada forte, as mandíbulas estalando e as presas pingando veneno.

O que você fez?, perguntou.

Ignorei-a e torci as mãos. Meu corpo ficou sem peso como o luar. Lentamente ele subiu por vontade própria. Quando minhas pernas pareceram retas e fortes, pousei os pés no galho. A parte de mim que era fada sabia como se equilibrar instintivamente. A parte de mim que era leoa sabia que eu precisava de água, por isso invoquei a água até mim. Ela veio do ar e subiu do rio. Quando pus as mãos em concha ela se empoçou no centro. Bebi até a leoa se saciar.

Lily, você foi longe demais, começou a aranha.

– Não, Ananse – falei, a voz baixa como um trovão distante. – Você é que foi longe demais.

A aranha recuou, os palpos estremecendo no ar. Eu sabia que ela estava desesperada para me tocar. Sabia que era com os palpos que ela lia a mente das presas. Quando baixei as mãos, seus palpos imitaram minha ação e se tornaram inúteis.

– Mas você não é realmente Ananse, é? – falei. – Esse é o nome que os mortais lhe deram.

Como você sabe?, perguntou a aranha. *Por que fala comigo assim?*

– Eu sei de muitas coisas, decaída. Sei que você já foi brilhante e linda. Que nasceu uma *megaraneae*, uma tecelã cósmica, a quem foi confiada a tarefa mais importante: criar equilíbrio e documentar a história. Mas você buscava o poder e violou as leis fundamentais que governavam sua espécie. Quando o Cosmo não pôde mais ignorar seu crime, a justiça veio acertar as contas, mas você se escondeu dela. Assim como se esconde de seu nome verdadeiro.

Você não sabe do que está falando.

– Ah, claro que sei. Não é o nome com o qual você começou. Não, esse nome é um que você criou para si mesma. É o seu nome verdadeiro. Ele está gravado no seu coração. Não é, Abjeta Antropófaga?

Na minha mente a aranha gritou. Suas patas compridas tremeram e ela despencou do galho, indo cair vários metros abaixo, numa teia que segurou seu corpo trêmulo. A humana que havia em mim achou que a aranha parecia ter sido atingida por uma lata gigantesca de inseticida.

Inclinei-me sobre o galho, olhando-a.

– Você ouve esse nome ecoar no oceano de vazio em que vive? Apesar de sua voracidade, você não vai comer. – A humana que havia em mim advertiu que eu deveria verbalizar as palavras do modo exato. – E quando a justiça chegar para você – inclinei-me para a frente, fitando seus olhos que pareciam joias –, e eu garanto que vai chegar, você vai aceitar seu destino de braços abertos. Ou patas, no seu caso.

Quando cheguei mais perto, a aranha recuou, apavorada, os palpos frouxos se arrastando, pendendo de ambos os lados da cabeça.

– Eu sugeriria que você usasse o tempo entre agora e esse momento para pensar nas escolhas egoístas que fez em sua vida longa demais. Aproveite a oportunidade para tecer a sua tapeçaria introspectiva. Certifique-se de colocar seu fim. Se serve de consolo, será o trabalho mais grandioso que você já fez.

A aranha tremeu ao responder:

Sim, senhora.

– Muito bem. Agora sugiro que você me leve ao meu companheiro de viagem e o liberte de sua teia. Temos muito trabalho a fazer.

Como quiser. Ananse endireitou o corpo debilmente e, com as patas trêmulas, desceu, parando apenas para se certificar de que eu a seguia.

Ela me levou por um caminho sinuoso através das árvores da selva, descendo por fios de teias e criando novas teias onde elas haviam enfraquecido. Fui atrás dela, pisando leve e confiante, em equilíbrio perfeito, a mente e o espírito harmoniosos e concentrados. Na verdade, só quando nos aproximamos de Ahmose e a aranha passou a presa pela lateral do casulo que o segurava, senti meu controle como Wasret diminuindo.

Minha parte fada lutava para se soltar, mas mantive poder suficiente para pôr a mão no rosto dele e direcionar o luar para o seu corpo. Havia algo errado com ele. Algo por dentro que eu não conseguia consertar rapidamente, e o tempo era fundamental. Pude, porém, erradicar o veneno. Ahmose respirou fundo e abriu os olhos.

– Lily? – disse ele.

Balancei a cabeça.

– Agora você fala com Wasret, Filho do Egito.

Se eu quisesse usar meu poder nele, poderia, mas recuei diante dessa ideia. Não queria controlá-lo e, além disso, Ahmose ainda não tinha chegado ao momento em que um nome final deveria ser designado. Seu nome verdadeiro seria revelado mais tarde. Fechei os olhos. Algo iria acontecer com relação àquele homem e seus irmãos, e tinha a ver com o meu futuro. Pensei em virar meu poder para mim mesma, com o objetivo de descobrir meu nome verdadeiro. Wasret era o nome que me fora dado pelo Cosmo, mas eu era mais. Sentia isso no âmago.

A aranha tinha tecido o destino de Lilliana Young, pelo menos em parte. Imaginei o que ela veria se tivesse a capacidade de tecer o meu destino. Mas eu percebia que ninguém no Cosmo, nem mesmo a última *megaraneae* que restava, sabia o que eu iria me tornar. Eu teria de esperar e descobrir sozinha.

A fada continuou fazendo força, arrancando partes de sua consciência, enquanto Ahmose se mexia e se libertava do casulo. Alarmada com a força e a determinação da fada, e fraca demais para impedi-la, ordenei à aranha que nos deixasse e disse para Ahmose me seguir. Saí da teia e baixei suavemente até o chão. Apesar da distância, meu corpo absorveu o impacto facilmente.

Ahmose me acompanhou de volta à clareira. Ali, virei-me para olhar o domínio da aranha. Fechei os olhos e senti que ela nos observava, mas, enquanto eu fosse Wasret, ela não poderia agir contra mim. Não enquanto eu usasse seu nome verdadeiro.

– Venha – eu disse a Ahmose. – Precisamos voltar rapidamente à aldeia. Seus irmãos esperam.

A fada se sacudiu contra mim quando Ahmose segurou minha mão.

– Você está bem? – perguntou ele, a voz preocupada. Em seguida, tirou uma folha do meu cabelo e segurou meu pescoço. – Vi a aranha morder você.

– É. Ela mordeu. Mas eu me curei.

– Você pode curar?

– É uma coisa simples – respondi, inclinando a cabeça. – Você também tem essa capacidade.

– Sim. Mas não sabia que Wasret tinha.

Assenti, pronta para ir em frente, mas depois parei e segurei a nuca de Ahmose, trazendo seus lábios para os meus. Ele me puxou contra seu corpo e correu as mãos pelas minhas costas até envolver minha cintura.

Depois de um beijo demorado, ele ergueu a cabeça.

– Por que isso? – perguntou, com um sorriso levantando os cantos da boca.

– Eu só estava tentando aplacar a fada. Ela quer dissolver nossa conexão, mas precisamos mantê-la pelo menos por mais um tempo. Meus elos com seu reino ainda são frágeis demais. Venha, Ahmose.

Segurei a mão dele e fui puxando-o atrás de mim. Ele mudou a posição das mãos para poder andar ao meu lado. A fada se acalmou e eu pensei que um companheiro como ele era uma peça importante no

quebra-cabeça para determinar o que eu era, o que viria a me tornar. Quando entramos na aldeia os guardas nos olharam chocados. Obviamente não esperavam que retornássemos.

Levantando a mão quando a multidão se juntou à nossa volta, falei:

– Não precisam mais fazer sacrifícios à aranha. O tempo dela nesta ilha é curto. Mesmo assim, seria sensato evitarem o domínio dela. Se forem apanhados na teia, o veneno ainda irá afetá-los.

Se estavam surpresos porque de repente eu podia falar com fluência sua língua, eles não demonstraram.

– O que vocês fizeram? – perguntou o rei minúsculo enquanto a multidão abria caminho para ele passar. – Se deixaram Ananse com raiva... – ameaçou, sacudindo um dedo para mim.

– Pérfido imperador, você trará as cabaças imediatamente. Se quisesse, eu o teria rastejando aos meus pés, mas temos pouco tempo. Passamos por suas provas. Sobrevivemos à aranha. Faça o que eu digo antes que você sofra as consequências.

Os homens correram, mesmo enquanto o rei me encarava, carrancudo. Eu sabia que ele estava tentando encontrar uma falha. Algum modo de me punir para instilar medo em seus seguidores. Mostrar que estava no comando. Meus dedos pinicavam de vontade de humilhá-lo, mas não foi necessário. O rei deu um passo para trás e fez uma reverência; ainda que não fosse sincera, pelo menos era óbvia. Seus soldados seguiram o exemplo e três deles avançaram apresentando as cabaças.

Sorri, fitando o rei com os olhos estreitados. Tinha adivinhado seu jogo. Ele jamais pretendera nos dar o que queríamos. Numa cabaça havia uma cobra. Venenosa e mortal. Em outra, uma fruta podre cheia de insetos minúsculos. Uma picada deles causaria uma doença terrível. A terceira cabaça deveria conter um mapa. Continha, mas o que Ahmose não pudera discernir era que o mapa era desenhado na teia de Ananse. Ele envenenaria qualquer um que o tocasse, também trazendo a morte.

– Que rei esperto você é! – falei. – Gostaria de lhe propor uma barganha.

– Uma barganha? – perguntou ele com os dedos se remexendo, cobiçosos.

– Sim. Se escolhermos o mapa, você vai pegá-lo e nos levar pessoalmente ao nosso destino.

Seus olhos se tornaram fendas estreitas.

– E se vocês escolherem outra coisa?

– Se escolhermos uma cabaça diferente, Ahmose lhe dará o poder de invocar a chuva. E – acrescentei – você pode ficar com minhas armas.

O rei franziu a testa. Eu sabia que ele pretendia ficar com minhas armas de qualquer jeito, mas ele coçou o queixo pensando na possibilidade de ganhar o poder de Ahmose.

A multidão reagiu, empolgada. Era uma coisa que o rei não poderia negar. O fato de que as pessoas não demonstravam medo de perder seu rei significava que não sabiam o que ele havia feito. Imaginei como ele teria conseguido aquilo. Será que tinha feito um trato com Ananse enquanto estávamos pensando num modo de derrubar uma árvore usando formigas? Eu sabia que os aldeões ansiavam pela capacidade de Ahmose e iriam pressioná-lo para fazer o que pedíamos.

Com relutância, ele concordou, provavelmente achando que eu escolheria a cabaça errada, de qualquer modo. Não querendo perder tempo, fingi dúvida enquanto escolhia, mais para satisfazer as pessoas do que o rei. Vi os olhos dele se iluminarem quando pus a mão na cabaça que continha a cobra. Sussurrei o nome verdadeiro dela e a pobre criatura se acomodou e dormiu. Pairando sobre a cabaça que continha a doença, fiz uma pausa. Depois fui para a do mapa, parei e olhei de uma para outra, finalmente pousando a mão sobre a que continha o mapa mortal.

Enfiei a mão dentro dela, peguei o mapa e o levantei em triunfo. O povo gritou, comemorando. Com um sorriso no rosto, inclinei a cabeça e o entreguei ao rei. Ele franziu o nariz com repulsa e tentou imediatamente chamar seu melhor rastreador para me guiar.

– Não, grande rei – repreendi. – Você prometeu nos guiar pessoalmente.

Empurrei o mapa contra seu peito nu e ele saltou para longe, como se eu tivesse lhe atirado uma tocha acesa. O mapa já havia tocado sua pele, mas ele o pegou com cuidado usando as bordas da saia colorida e gritou para seu povo abrir caminho. Quando o lembrei das minhas armas, um guerreiro rapidamente as apresentou e eu as prendi às costas.

O rei abandonou todos os fingimentos de civilidade assim que nos vimos cercados pelas árvores.

– Eu posso curá-lo, sabe? – falei, seguindo-o. – Se nos levar rapidamente e sem trapaças, vou remover o veneno do seu corpo.

– Como você sabia? – perguntou ele.

Dei de ombros.

– Eu simplesmente sabia.

Desesperado pelo presente que eu tinha oferecido, o rei descartou o mapa e nos levou direto ao lugar aonde queríamos ir. Quando chegamos à pedra escondida no bosque, ele disse:

– Pronto. Eu trouxe vocês. Agora faça o que prometeu.

– Você não nos enganou, não é? É o mínimo que espero de sua parte.

– Não. Este é o Poço das Almas. Assim que alguém entra, não há como sair, pelo menos que eu saiba. Por isso vou agradecer se você me curar antes de descer.

Fui até a borda do poço e olhei para baixo. Não havia um balde ou uma corda indicando que fosse usado para pegar água. Era só uma abertura que parecia... vazia. Como se as profundezas do poço existissem para além da borda do Cosmo. Mesmo com meus poderes, eu não podia ouvir nem ver nada. Ahmose pegou uma pedrinha e a jogou lá dentro. Não houve som. Mesmo assim, parecia o lugar certo. O rei estava suando e esfregando as mãos uma na outra.

– Muito bem – falei e fechei os olhos. Pensei em deixar o veneno. Com o pouco contato que ele tivera, demoraria anos para matá-lo, mas esses anos seriam longos e dolorosos. Com a decisão tomada, só levei um instante para limpar os efeitos do veneno da aranha de seu organismo. – Está feito. Tente liderar seu povo com sabedoria, e não com medo.

– Fico feliz por me livrar de vocês dois – disse ele, afastando-se

rapidamente do poço e desaparecendo entre as árvores.

Saltei para a borda, com a fada que havia em mim adorando o modo como meu corpo se movia. A leoa hesitou em saltar para o desconhecido, assim como a humana; eu, porém, as ignorei. Minha intenção era pular dentro do poço, mas Ahmose segurou meu braço.

– Não deveríamos providenciar uma corda? – perguntou. – Como vamos sair?

– Voando, acho – respondi, e lhe dirigi um sorriso atrevido antes de pular.



O Poço das Almas

– Lily! Quero dizer, Wasret. Espere! – gritou Ahmose.

Ele chegou a tentar me pegar no ar, mas eu já estava longe. O homem parado junto do poço deu um grito frustrado e veio atrás de mim. Seu corpo grande bloqueava o pouco de luz que descia pela abertura cada vez menor lá em cima.

As paredes do poço estavam molhadas pela umidade e o ar foi ficando mais frio à medida que descíamos. As pedras cheiravam a vida e morte, crescimento e deterioração. O que parecia adequado para um lugar daqueles. Ahmose podia controlar tão bem quanto eu a velocidade com que seu corpo descia, por isso não bateu em mim, mantendo-se logo acima. Um brilho prateado, claro, iluminava as pedras de ambos os lados, e, quando olhei para cima, sorri vendo Ahmose reluzir na escuridão.

Quando o buraco enorme que eu sentia abaixo de nós se abriu, pousamos levemente no chão de uma vasta caverna subterrânea, os pés tocando a pedra. A luz de Ahmose enchia o espaço como se ele fosse um vaga-lume preso num jarro de vidro. Quando perguntei se estava ferido, sua resposta negativa ecoou em pedras e percorreu passagens escuras. Cada *não* parecia nos alertar a não ir em frente.

Ele perguntou se deveria usar o poder da Lua para iluminar a caverna e facilitar minha passagem. Corri os olhos ao redor. A pequena abertura por onde tínhamos vindo lançava um facho fraco de luz, mas

com meus olhos de felina aquilo era claro como o luar numa planície aberta. Falei para ele preservar a energia. Salvar o corpo de Lily o havia enfraquecido seriamente.

Examinando a superfície da cúpula, vi outros pontos de iluminação. Cada um deles brilhava sobre nós, clareando o Poço das Almas. Sem meu poder eu poderia ter confundido aquilo com buracos no teto que deixassem a luz vir de cima. Mas, com meus sentidos apurados, sabia que cada facho era o remanescente de uma alma, uma luz agonizante que desistira de tudo, sem esperança de prosseguir.

A aranha estava certa ao dizer que essa ilha era um lugar para os perdidos e partidos. O Poço das Almas estava cheio de seres que surgiam e sumiam da minha visão. Ahmose pressentia algo sobrenatural, mas não tinha meu poder de dar nome àquilo. Quando fiz isso, eles surgiram. Eu sabia o que eram e, mais importante, o que tinham sido. Não via motivo para causar inquietação em Ahmose descrevendo a cena em detalhes, por isso deixei que ele aproveitasse as luzes bonitas e guardei o conhecimento para mim mesma. Se ele perguntasse, eu diria. Caso contrário, poderia ser uma jornada mais agradável para ele se não conhecesse a tristeza daquele lugar.

Eu sentia o cheiro da umidade fria do Rio Cósmico que batia contra o poço. Com o passar do tempo ele havia aberto pequenas brechas. Pequenas poças da água escura tinham se juntado aqui e ali, em lugares esburacados, pedregosos. Agachei-me, olhei para uma delas e vi as luzes das centenas de criaturas minúsculas que tinham feito moradia no rio. Não estavam mais vivas.

Era fácil entender como a parte humana de mim as havia confundido com estrelas. Não eram, claro, mas a mente humana era muito limitada. Certamente a leoa, a fada e a humana tinham sido expostas a muito mais do que o ser senciente médio. Mesmo assim, sua percepção do Cosmo era fraturada. Prejudicada por suas visões estreitas.

Os Filhos do Egito não eram muito mais avançados, mas tinham um potencial enorme. Isso me atraía. Eu precisaria de um companheiro capaz de aprender e crescer.

Estendi a mão para Ahmose e, apesar de me olhar com curiosidade, ele a pegou e perguntou:

– Você sabe onde encontrá-los? Não consigo ver o caminho deles. – Seus olhos brilhantes me espiaram na semiescuridão e depois procuraram à frente, absorvendo coisas que os olhos mortais não conseguiriam.

– Não. Você não saberia. Pelo menos aqui embaixo. Nem eu consigo discernir em que câmara eles estão. Pelo menos por enquanto. Posso dizer que esta tumba, já que isto é de fato uma tumba dos perdidos e partidos, contém dezenas de câmaras, cavernas e cisternas, todas ligadas por túneis. Para procurar em todos teríamos de passar por eles, e garanto que nem todos estarão vazios. Algumas coisas que estão aqui foram trancadas há muito tempo. E algumas podem não gostar de ser descobertas. – Parei e olhei meu companheiro. – Você vai conseguir refazer nosso caminho depois de começarmos?

– Sim.

– Então vamos em frente?

Ele assentiu com um ligeiro aceno da cabeça e eu me virei para uma abertura à direita. Não havia motivo específico para ir naquela direção, a não ser porque o sopro de ar na minha pele do lado direito era ligeiramente mais quente do que à esquerda. Pensei no motivo para tê-la escolhido. A leoa era atraída para o calor. A humana conhecia histórias fantásticas de que os fantasmas eram atraídos para lugares frios. Ela estava certa com relação a isso, mas os fantasmas residiam em todos os lugares do Poço das Almas, não só nos frios. A fada que havia em mim acreditava que as primeiras impressões davam sorte, mas eu sabia que não existia essa coisa de sorte. Levando tudo isso em consideração, pensei que seria bom continuarmos pela passagem da direita.

Inicialmente seguimos por uma série de cavernas, sem qualquer problema. Não estavam exatamente vazias, mas os seres que residiam ali não representavam perigo para nós. Eram fantasmas desbotados de criaturas agarradas a ossos mortos muito tempo atrás, provavelmente aldeões perdidos que tinham descido em busca de aventura ou da morte.

Examinei Ahmose enquanto caminhávamos, deixando que ele fosse à frente. Na verdade, qualquer que fosse o caminho que ele escolhesse, precisaríamos prosseguir a busca até encontrarmos seus irmãos, não importando com o que deparássemos. Uma vez ele pôs as mãos na minha cintura e me levantou por cima de um trecho de pedras quebradas. Eu poderia ter levitado facilmente, mas gostei da sensação de suas mãos em minha cintura.

Ele segurou minha mão de modo possessivo e seguimos em frente. Olhei para cima e notei que seu cabelo se encaracolava logo atrás das orelhas reluzentes. Ainda era preto e lustroso como penas de corvo sobre a pele brilhante. O contraste era bem agradável.

As diferentes garotas a cujas mentes eu tinha acesso admiravam Ahmose por vários motivos. Uma gostava da linha rude de seu maxilar. Outra, dos olhos. Ahmose tinha ombros largos e costas fortes. Tinha fala mansa e era gentil. Seus lábios invocavam lembranças agradáveis que faziam cócegas nas bordas da minha mente.

Quando eu o olhava, todos esses sentimentos e pensamentos eram parte de mim. Influenciavam o modo como eu via Ahmose e criavam um alicerce, uma conexão com ele que, se não fosse assim, eu não teria. Os primeiros vislumbres que tive do mundo ao redor tinham vindo pelos olhos de Tia, Lily e Ashleigh. Eu sabia quem eu poderia ser e como era viver como uma delas, olhando seus corações e suas mentes.

A humana, ainda conectada a mim, tinha me rotulado como uma espécie de monstro. Ela achava que eu era um Frankenstein. Uma criatura feita de partes diferentes. Que aterrorizava e destruía. Mas não era assim que eu me definia. Eu tinha vindo a ser não para devastar, e sim para unir. Para ver o que faltava e acrescentar. Para descobrir o que era desnecessário e remover.

Mas, apesar de minha aversão ao seu ponto de vista, de certa forma ela estava certa. Eu era uma espécie de amálgama. Não era totalmente Lily, Tia ou Ashleigh. Tinha pegado as partes mais interessantes de cada uma delas – as melhores partes de uma humana, uma fada e uma leoa – e as enxertado em mim. Certo, meu corpo pertencia a Lily, mas havia

mudanças sutis dentro do corpo que a garota humana não poderia ter causado sozinha. Eu tinha alguns traços da fada e da leoa, mas, diferentemente de quando elas faziam parte de Lily, esses traços estavam totalmente integrados ao meu corpo.

Por exemplo, agora eu podia infundir em minhas células humanas a energia das coisas vivas. Essa capacidade se devia em parte à fada, que absorvia energia de árvores da floresta, mas a outra parte, canalizar o poder da luz das estrelas, era algo que nem ela podia fazer. Como Wasret, eu podia me regenerar indefinidamente; a única exceção a isso seria remover a cabeça do meu tronco.

Tia tinha dado suas garras a Lily, mas eu as tornei inquebráveis. As flechas de Ísis não me limitavam mais, porque eu podia forjar minhas flechas, se necessário. Para derrotar um inimigo, eu só precisava sussurrar o nome dele para a flecha emplumada e ela iria procurar o coração cujo nome eu lhe tinha dado, não importando onde ele se escondesse no Cosmo. Mas meu propósito, apesar do que elas acreditavam, não era o de um anjo vingador. Pelo menos isso eu sabia sobre mim.

E havia minha capacidade de me comunicar mentalmente. Eu não estava mais limitada aos meus mecanismos interiores, como tinha acontecido com Lily, Tia e Ashleigh. Se quisesse, poderia conversar mentalmente com Ahmose. Mas, por enquanto, queria praticar a habilidade de compartilhar meus pensamentos verbalmente. Adorava a ideia de finalmente ter uma voz própria, mas agora que tinha não sabia o que falar com ele primeiro. Eu era tão nova e crua que ainda não podia ter certeza de que qualquer coisa que me viesse à mente seria dos meus pensamentos, e não das minhas predecessoras.

Apesar de eu ser poderosa e saber instintivamente coisas que os outros não sabiam, minhas vozes interiores me deixavam cautelosa e em dúvida com relação a Ahmose e seus irmãos. As emoções que eu sentia quando pensava neles eram cruas e voláteis. Eu não experimentava esses sentimentos ao enfrentar outras pessoas.

A ideia de um ou mais dos Filhos do Egito rejeitar a oportunidade

de se tornar meu companheiro feria uma parte de mim que eu ainda não entendia. Talvez isso se devesse aos pedaços de cada garota que eu carregava. Mesmo sabendo que eu era única, não podia negar meus mecanismos mais profundos. Meu modo de ver o Cosmo e os seres que residiam nele era afetado pela visão delas, e no entanto eu sabia que era capaz de formar minhas opiniões, que poderiam ou não ser muito diferentes das delas.

Eu não sabia de onde vinha a coisa que me tornava Wasret.

De fato, essa era a primeira vez que tomava consciência de mim mesma como uma entidade distinta e separada. Era quase como se antes eu estivesse dormindo, à deriva num espaço semelhante a um útero. As três jovens tinham me invocado, me trazido mais para a superfície cada vez que se juntavam. A cada conexão, eu ganhava mais consciência. A princípio, eu era simplesmente uma fonte de poder. Uma fusão das três e de suas capacidades. Mas agora eu também era algo mais.

Chegamos a uma caverna que abrigava o que Ashleigh acreditaria que era uma *banshee*. A criatura uivava, cantando a morte de Ahmose. Tanto seu falecimento como um humano da antiguidade quanto cada morte que ele havia experimentado desde então e as que teria no futuro. Pude perceber o momento em que Ahmose ouviu a linda canção.

– Ela canta sobre a morte – expliquei.

– É estranho que um canto sobre a morte possa ser tão lindo.

– Seu pós-morte não é a morte, você sabe. A morte verdadeira é uma transição instantânea. É lindo para além de qualquer coisa que você já experimentou. É azul de geleira e ouro encharcado de sol. É harmonia, contentamento e perfeição. Veja, a morte é um despertar, e não um fim, como a maioria dos seres acredita. A canção dela é apenas um breve vislumbre do que o espera.

– A ideia de paz me atrai. Você... você acredita que a morte verdadeira ainda é possível para mim? Para meus irmãos?

– É. Ainda está ao seu alcance. Uma morte verdadeira é possível até mesmo para mim.

– Wasret? – perguntou ele.

– Sim, Ahmose?

– Ashleigh, Tia ou Lily... alguma delas está morta?

Franzi testa pensando na pergunta. Não me doía o fato de ele perguntar. Realmente. A fada veio à frente diante de sua indagação, abrindo-se como uma flor agonizante, e as palavras de Ahmose eram o sustento de que ela precisava. Ela queria se separar, livrar-se do elo. Mas agora eu era mais forte. Podia segurá-la e permanecer no controle.

– Não. Elas não estão mortas. Elas residem em mim. São parte de mim.

Não o enganei. As três jovens ainda *estavam* comigo e estariam até que meus passos neste reino fossem seguros e eu não precisasse me apoiar nelas. Mesmo depois, suas vozes permaneceriam como ecos na minha mente, me influenciando para sempre.

– Sei.

– Isso incomoda você?

– Não. Fico feliz que elas não estejam mortas.

– Mas você gostaria que elas estivessem aqui, em meu lugar.

Eu não sabia por que tinha falado isso. Havia algo dentro de mim que queria desesperadamente saber a resposta para essa pergunta, ainda que, em um nível racional, eu soubesse que a resposta não fazia diferença. Não com o futuro que estava à nossa frente, pairando como uma grande pedra sobre nossa cabeça. Ela cairia muito antes de estarmos preparados.

Ahmose pensou na resposta durante um longo minuto.

– Eu me sinto feliz por estar aqui com você. Mas também fico feliz por saber que elas não se foram para sempre. Você deve saber que tive vislumbres de nós dois juntos quando estudei meu caminho.

– É. Eu sei. Isso amedrontou as três que estavam aqui antes de mim.

– Isso as incomodou particularmente porque achavam que poderia significar que iriam desaparecer.

Franzi a testa.

– Seus irmãos talvez não aceitem a mim e o que eu sou com tanta facilidade quanto você. Quanto às três jovens, elas não desapareceram. Ainda estão aqui – expliquei com paciência.

Senti que ele demoraria para entender esse conceito.

– Elas estão – disse ele. – Mas não têm nenhum controle. Não podem decidir aonde vão nem o que farão. Agora a existência delas é limitada.

– Limitada? Como são limitadas quando serão testemunhas de maravilhas para além da imaginação? Quando sua força emprestada irá clarear os cantos escuros do Cosmo?

Ahmose parecia disposto a continuar a conversa, mas se conteve e me ofereceu um sorriso e seu braço.

– Por falar nos meus irmãos, deveríamos procurá-los, não acha?

– Sim – respondi, aceitando seu braço.

O homem ao meu lado desviou o olhar e em resultado um incômodo tumulto interior irrompeu. Ele se manteve calado enquanto passávamos por uma série de cavernas vazias. Mordi o lábio, preocupada com a possibilidade de que algo que eu dissera o tivesse aborrecido. Não queria que ele me entendesse mal. A parte humana de mim tinha lido sua linguagem corporal e sabia que algo estava errado.

Estranhamente, a fada estava atormentada pela tristeza. A leoa não se sentia muito preocupada com a reação dele ao que eu tinha dito ou feito. Uma leoa não se incomodava com emoções. Contava com o instinto e se concentrava na tarefa adiante sem deixar que a mente se desviasse para outras coisas.

Avaliando minhas opções, decidi adotar a reação da leoa nesse caso e, assim que tomei essa decisão, o choro da fada e a preocupação da humana se dissolveram rapidamente, como a luz das estrelas passando entre dedos abertos. Era um alívio não ter uma cacofonia de opiniões tentando influenciar a minha, cada uma delas dotada de uma ilusão de controle.

Seguimos por um grande corredor e chegamos a uma bifurcação.

– Para onde? – perguntou Ahmose, mais para si mesmo do que para mim, pesando as opções.

Enquanto eu olhava para o caminho da esquerda, meus olhos ficaram vítreos e algo sussurrou para mim, vindo das profundezas. Minha mente se agitou, pressionando como uma pedra de moinho sobre o trigo; no

entanto, a coisa que me hipnotizava permanecia esquiva. Chamava, movendo-se por buracos na rocha e mergulhava ainda mais no escuro, ofegando e expelindo seu bafo quente no ar.

– Está ouvindo? – perguntei a Ahmose, fitando o negrume adiante.

– Não. Você está ouvindo meus irmãos?

– Não são eles que me chamam. É uma coisa antiga. Não é deste lugar.

– O que é? – perguntou Ahmose, passando à minha frente e adotando postura de batalha.

Numa voz cantarolada, entoei:

– Serpenteando por caminhos e rios, escondendo o sol e as estrelas, a picada que causa arrepios, nós perdemos o que já foi nosso.

Não sei quanto tempo fiquei ali, cantando baixinho para mim mesma, mas só voltei ao estado de alerta quando Ahmose me sacudiu com força.

– O que há nesse caminho, Wasret?

Seus olhos cinza relampejavam como trovões no deserto.

– Está com raiva de mim? – perguntei, encostando a mão em seu peito sólido.

Ele soltou um suspiro trêmulo.

– Não. Só... não quero perder você também.

– Me perder? – questionei, inclinando a cabeça. – Isso não é possível. Eu não posso *ser* perdida. – Sua expressão não mostrou o alívio que presumi que mostraria. – Ah – falei, supondo que sua preocupação não era somente por mim –, você deveria saber que no fim desse caminho estão seus irmãos. Seus irmãos e... e outra coisa. Esperemos encontrá-los antes que *a coisa* nos encontre.

Ahmose levou a mão ao pescoço e o esfregou, depois assentiu:

– De acordo.

Passamos por uma caverna onde havia um fantasma usando uma capa feita de folhas secas e gastas como uma floresta de outono pouco antes da chegada da neve. Quando ele nos viu, veio arrastando os pés rapidamente na nossa direção, perdendo várias folhas no caminho.

Desesperado, começou a catá-las, apertando-as contra o peito, e implorou que o ajudássemos a costurá-las de volta. Eu sabia que, quando

elas se desintegrassem, ele teria de enfrentar o que estava por baixo – um esqueleto. Não era dele, mas representava uma pessoa que ele tinha assassinado e enterrado embaixo de uma pilha de folhas num lugar e num tempo muito antigos.

Enojada, empurrei Ahmose adiante.

A caverna seguinte tinha uma criatura vestida de mulher, usando um velho vestido de noiva feito de renda. Ela nunca havia sido mortal, mas tinha enganado um mortal para se casar com ela. Quisera amá-lo, mas desejara mais a carne humana. Na lua de mel, perdeu o controle e o consumiu, começando pelos dedos dos pés. Agora se balançava para a frente e para trás no vestido sujo, cantando baixinho para o noivo que sempre estaria com ela, só não como ela havia esperado, e beliscando os dedos dos próprios pés até eles sangrarem.

Passamos por uma caverna com algo que parecia um cavalo, mas na verdade era um mortal que tinha espancado seu cavalo até a morte. Ele corria e corria no terreno pedregoso que feria seus pés macios, mas na verdade não ia a lugar nenhum. Depois devorava sem parar brotos de plantas e densos montes de capim que cresciam no chão pedregoso, comendo até que sua barriga se distendia e rachava, abrindo-se.

Felizmente Ahmose tinha apenas pequenos vislumbres dessas coisas, porque eram os seres mais antigos da tumba. Os que estavam quase desprovidos de energia. Da minha parte, era necessário um esforço monumental para passar pelos que ainda mereciam seus castigos, mas de algum modo consegui fazer isso, agarrando-me a Ahmose e fechando os olhos quando a visão era mais pavorosa.

Havia outros. Os que ficavam sentados em silêncio, com a vitalidade havia muito exaurida. Os que estavam prontos, bastava simplesmente lhes dar permissão para se soltar e eles podiam prosseguir para a morte verdadeira. Eu encontrava uma espécie de satisfação em ajudá-los a se soltar da coisa que os prendia àquele local.

Então chegamos a uma câmara grande bloqueada por uma pedra. Uma energia pulsava do outro lado. Pus a mão na barreira e fechei os olhos.

– Eles estão aí? – sussurrou Ahmose.

– Estão. Mas há outra coisa com eles. – Soltando um suspiro sibilante, falei: – Não posso mover a pedra. Infelizmente gastei muita energia lutando com a aranha e lidando com os seres pelos quais passamos. Meu corpo físico está fraco e minha alma é como a de um recém-nascido perplexo. Não há muita coisa viva de onde eu possa pegar energia, além de você, e não quero debilitá-lo mais ainda. Você já sacrificou mais do que deveria para nos manter vivos.

Se ele ficou surpreso com minhas palavras, não demonstrou.

– Posso tentar encontrar um caminho através da pedra – disse baixinho.

Assenti e fiquei de lado. Ahmose encontrou uma rachadura minúscula na pedra e a acompanhou com a ponta do dedo, murmurando um encantamento. A pedra se moveu e rachou. Um raio de luz prateada atravessou a fenda e, enquanto eu olhava, foi se alargando. Ahmose me puxou vários passos para trás e se posicionou na minha frente. Por fim, com um estrondo sonoro, a pedra se partiu em vários pedaços grandes e um deles se despedaçou, disparando fragmentos e entulho pela passagem. A poeira caiu suavemente sobre nossa cabeça.

Houve um gemido alto e um sopro de ar quente jogou meus cabelos para trás. Ahmose avançou e invocou da poeira sua arma predileta, uma maça. Ela reluzia na escuridão, brilhando com uma luz fantasmagórica que só era suplantada pela claridade da pele dele.

– Vamos prosseguir com cautela – sussurrou ele, me puxando para perto enquanto levantava a arma com a outra mão.

Eu também tinha armas, mas não peguei o arco. Se precisasse das facas-lanças, poderia acessá-las rapidamente. Mas alguma coisa me dizia que minha mente era a arma de que eu precisava mais do que qualquer outra. A caverna onde entramos era maior do que todas as formações por onde tínhamos passado. Não havia dúvida de que os irmãos dele estavam aqui, em algum lugar. Ahmose poderia tê-los chamado, se eu deixasse, mas alertei-o a não fazer isso. Não queríamos atrair a atenção do outro ser que residia ali.

Contornamos afloramentos rochosos e passamos por baixo de arcos de pedra até finalmente chegarmos a dois cavaleiros imobilizados. Era como se guardassem a entrada para um fosso atrás deles. O chão ribombou à nossa aproximação e nos detivemos. Quando os tremores cessaram, avançamos com cautela.

Ahmose ergueu a viseira do primeiro cavaleiro.

– É Asten – sussurrou, empolgado.

Enquanto ia até o segundo, eu lutava com a leoa. Ela ficara perturbada ao ver o Filho do Egito daquele modo. Também fiquei inquieta com a aparência dele. Parecia morto. Quando Ahmose verificou que o segundo cavaleiro era mesmo Amon, deu um passo para trás e fez a pergunta para a qual eu não tinha resposta:

– Por que eles estão assim? Não reagem a nada e não posso senti-los, mesmo estando ao lado deles.

– Eles estão aqui, disso não há dúvida. No entanto, também não consigo acessar a mente deles – admiti. – O que aconteceu com eles deve ter ocorrido depois de Lily trazer você para o seu corpo. Mesmo que eu tentasse acordá-los agora, não conseguiria. Eles não iriam me escutar.

A caverna estremeceu furiosamente, nós cambaleamos e quase caímos. Os dois cavaleiros permaneceram rígidos, sem sair do lugar. Inclinei a cabeça, refletindo, e fui com cuidado até a beira do fosso que eles guardavam. Olhei para a escuridão procurando a criatura, o ser antigo que eu sabia que compartilhava esse lugar de repouso com os Filhos do Egito. Era poderoso e se ressentia de nossa intromissão. Seu nome me escapava e me lembrava de alguma coisa. Algo que eu já havia enfrentado. A coisa me olhava de seu abismo sombrio com seus olhos amarelos ressentidos e mortais.

– Venha a mim, Sinuoso – chamei. – Venha e diga por que mantém esses homens prisioneiros.

Caí apoiada em um dos joelhos enquanto a grande criatura deslizava para fora das sombras, fazendo o chão se mover embaixo de mim. A língua foi a primeira a disparar para fora do abismo, provando o ar. Então uma cabeça gigante apareceu. Eu soube imediatamente que não

era Apep. Não. Essa era a outra metade dele, seu gêmeo polar. Tentei desesperadamente captar seu nome, mas, como o de Apep, ele me escapava. O nome quase atravessou meus lábios, mas recuou de volta a reinos sombrios.

Por que me incomoda? A grande cobra abriu as mandíbulas, as presas brilhando à luz lançada pelo corpo de Ahmose enquanto levantava a cabeça e a pousava na borda do fosso. *Você não tem nada que fazer no meu domínio, deusa*, sibilou ela, aproximando-se ainda mais.

– Eu não pretendia incomodar você. Viemos por causa dos Filhos do Egito, os dois guardiões que você prendeu em sua tumba.

Você não pode tê-los, disse a cobra. *Eles são meus.*

– Você não os consumiu. Então por que os mantém aqui?

A cobra fez uma pausa. Eu sabia o que a criatura astuciosa pretendia. Queria que eu e Ahmose ficássemos presos ali como os outros dois. Mas eu não permitiria isso.

A minha existência é solitária, eles são meus companheiros.

– Mas nesse estado eles não podem falar com você.

Verdade. Mas também não podem me deixar. A cobra voltou a se mover, chegando cada vez mais perto de mim e Ahmose, que levantou a maça em alerta mas a baixou quando balancei a cabeça.

– Sei por que você está sozinho – falei. – Sei onde encontrar sua outra metade. A que sente fome.

Deusa tola, sibilou ele. *Eu sei onde minha outra metade está. Só não posso escapar desta prisão. Mesmo se pudesse, nós só rasgaríamos o Cosmo em dois na tentativa de consumir um ao outro.*

– Sim. E agora entendo por quê. – Dei um passo em sua direção e levantei a mão com a palma para cima. – Posso dar o que deseja, se você entregar seus dois companheiros.

Como, pequena deusa? Como posso confiar em você quando o último em quem confiei fez isso comigo?

– Certamente você pode encontrar força para isso. Prometo que não só vou reunir você ao seu gêmeo e restaurar o que foi partido dentro de você como também vou castigar quem o colocou aqui.

O que você pode oferecer para provar que diz a verdade?

– Vou sussurrar o nome de quem o arrancou de seu lar. Você vai sentir a verdade disso nos ossos. Chegue mais perto, grande criatura.

A cobra tirou mais uma parte do corpo de dentro do fosso e deslizou a cabeça ao meu lado. Tremi mesmo contra a vontade quando as grandes presas passaram por mim. Uma lembrança nítida do seu gêmeo empalando minha perna e me enchendo de veneno nublou minha visão por um breve momento. Inclinando-me para ela, sussurrei:

– Aquela que lhe fez mal recebeu um nome. É Abjeta Antropófaga.

A cobra levantou a cabeça e um grito enfurecido ecoou na câmara, fazendo grandes pedras caírem e se partirem no chão ao nosso lado. Quando ela finalmente se acalmou, disse:

Muito bem, deusa. Pode levar meus companheiros. Mas, se não cumprir integralmente sua promessa, vou assombrá-la em seus sonhos e consumir cada uma das almas que residem em seu corpo.

A cobra tornou a erguer a cabeça e mordeu uma pedra, bombeando dois poços de líquido branco das presas. *Pegue um pouco do meu veneno e esfregue nos ferimentos dos dois. Eles vão acordar logo. Mas saiba que estão presos aqui em espírito, tanto quanto eu. Sem os corpos, infelizmente eles também não poderão ir embora.*

– Obrigada – eu disse à cobra quando ela descia de novo para seu fosso solitário.

Ahmose usou cuidadosamente a borda de sua capa para colher o veneno. Quando retirei a armadura de Asten para localizar o ferimento deixado pela cobra, Ahmose esfregou o líquido branco. A ferida se curou diante dos nossos olhos e a cor voltou ao rosto de Asten.

A leoa se empolgou ao ver Asten piscar os olhos. Ele estendeu a mão e me envolveu com os braços. Ahmose deu-lhe tapinhas nas costas e nós três fomos até Amon. O veneno atuou rapidamente, mas Amon não acordou do mesmo modo que Asten. Ele se sacudiu e gemeu como se estivesse lutando contra um pesadelo. Quando finalmente abriu os olhos, segurou meus ombros e gritou um nome, mas não era o meu:

– *Lily!*

Meu lado humano deu uma guinada violenta. As partes que faziam de mim o que eu era se romperam nas costuras, me rasgando. Soltei um grito e o Cosmo ouviu. Uma grande tempestade se formou sobre a Ilha dos Perdidos no momento exato em que meus olhos se reviraram e desabei nos braços de Amon.



O necromante

– Lily? Lily! – Vozes me chamavam aos gritos, mas minha mente estava escura e turva. Eu não conseguia abrir os olhos e minha cabeça martelava com a batida de mil tambores da selva. – Volte para mim, Nehabet, *por favor* – implorava uma voz.

Gemi.

– Amon? – Consegui envolver a palavra com os lábios, mas a língua estava grossa e parecia não me pertencer. Era como se eu tivesse me afogado e fosse puxada violentamente para a margem, mãos pressionando meu peito, tentando me fazer reviver.

– Espere – disse outra voz, e senti o toque frio de uma mão na testa. – Elas estão feridas.

– Onde? – perguntou um homem. – Como? Não estou vendo nenhum ferimento.

– Os ferimentos são internos. Elas foram rasgadas e separadas como a cobra. Amon provocou isso. – A acusação tinha vindo de Ahmose.

Apesar dos braços que me envolviam, eu me sentia fria, vazia. Estremeci e me recolhi, me distanciando mentalmente dos outros.

Outra pessoa se aproximou e tocou minha mão.

Algo se mexeu.

– *Asten?* – sussurrou a leoa usando minha voz.

– Tia – disse ele, o alívio evidente em seu tom. – Você vai se recuperar? Vocês três estão aí?

– *Sim. Estamos todas aqui, mas... falta alguma coisa.*

– Wasret – disse Ahmose com um suspiro pesado. – Ela se foi. Levou pedaços de cada uma delas.

Senti um pequeno fiapo de energia percorrer meu corpo. Ahmose estava tentando nos curar.

– *Não* – disse Tia, abrindo meus olhos. – *Você não deve. Está fraco demais.*

Ahmose cerrou o maxilar, teimoso, mas Tia foi inflexível e ele finalmente recuou. Asten pegou nossa mão e pousou um beijo rápido nos dedos, a preocupação marcando suas feições. Virando minha cabeça, Tia olhou o rosto do terceiro homem, o que nos segurava nos braços. A fisionomia dele ficou turva instantaneamente. Então eu dei as costas para todo mundo, até mesmo para Tia e Ashleigh. Enrosquei-me feito uma bola, gemendo ao fundo, incapaz de olhar além dos meus olhos.

Então o homem, aquele cuja voz tinha penetrado na escuridão, o que me segurava com ternura até pouco tempo antes, disse:

– Lily? – Sua voz era suave. – É hora de você lembrar.

Houve uma pausa.

– *Ela não quer, Amon* – disse Tia.

– Eu sei que ela não quer. Está com medo. Todas vocês estão.

– Amon – começou Asten –, talvez você não devesse pressioná-las por enquanto. Deixe que descansem enquanto você invoca nossos corpos.

Um calor penetrou na minha pele nos pontos em que o homem me tocava. Era uma coisa familiar e reconfortante. O corpo dele estava arqueado sobre o meu, me abrigando, protegendo, enquanto tentava me instigar a sair. De algum modo, usando apenas a voz, ele havia criado um espaço onde estávamos somente eu e ele. Apesar dos outros ao redor, eu sabia que ele odiava me deixar nesse momento. Mas eu ainda não estava pronta para vê-lo, para falar de coisas que eu sabia que precisávamos falar.

– Eu trouxe o que você necessita – disse Ahmose, e entregou uma sacola a Asten.

O homem que me segurava se mexeu e suspirou.

– Certo – disse ele. – Ashleigh? Pode ficar aqui com Ahmose um pouco enquanto eu ajudo Asten?

Senti meus lábios se repuxando num sorriso enquanto a fada emergia.

– *Sim, posso* – disse ela, e Tia se juntou a mim no fundo da minha mente, enroscando-se, solidária, ao meu lado. Se ela ainda fosse uma leoa, estaria lambendo nossas feridas.

O homem nos acomodou encostadas numa pedra. Ahmose sentou-se ao nosso lado e passou um braço pelo nosso ombro. Ashleigh se aninhou com ele e suspirou baixinho.

– *Que bom ver você, rapaz* – disse ela.

– Também fico feliz em estar com você novamente.

– *Tem certeza? Parece que você gostou da Wasret. Talvez esteja lamentando ter a gente de volta.*

Ahmose ficou em silêncio por um momento. Pegou uma mecha do nosso cabelo e a enrolou delicadamente no dedo.

– Não. Não lamento ter vocês aqui. Nunca lamentaria isso. Mas você deve entender que, na ocasião, tudo o que eu tinha de você era Wasret. Como poderia rejeitá-la?

– *Palavras bonitas ditas ao luar não têm o mesmo encanto durante o dia. Ela não é como nenhuma de nós.*

– Não, não é.

– *Você acha que pode vir a amá-la, então?*

– Não sei. Ela não é tão... tão tranquila. Você se lembra de tudo?

– *Não. Só uns fragmentos. Mas estão se esvaindo, como um sonho. Uma coisa de que lembramos, porém, é como ela se sentiu em relação a você. Ela quer manter você depois de tudo terminado. Presumindo, claro, que todos sobrevivamos.*

Ahmose assentiu, solene, e Ashleigh entrelaçou os dedos nos dele.

– *Ah, rapaz, o que a gente fez com você?* – Ela deu um beijo no braço dele. – *Pensamentos confusos franzem sua testa tanto quanto a nossa.*

Juntos observamos Amon invocar seu poder. Sua forma brilhava como o sol na caverna escura. Pegando os frascos na bolsa trazida por

Ahmose, ele os destampou. Quatro luzes dançantes orbitaram em volta dele, uma delas no formato de um pássaro. Então ele pegou uma coisa pequena e pôs na palma da mão. Enquanto ele entoava um feitiço, tecendo-o no ar, Ashleigh perguntou a Ahmose:

– *O que você trouxe?*

– Os jarros canópicos deles. Além disso, Amon precisava de um pedaço do corpo mortal deles para criar novos. No caso de Asten, eu pude pegar uma mecha dos cabelos.

– Entendi.

A energia girou num vórtice e Amon abriu a mão. Um vento varreu a caverna e levantou os fios de cabelo em sua palma. Houve uma pequena explosão no centro do vórtice. Luzes brancas e brilhantes, milhões delas, preencheram o redemoinho que girava diante de Amon. Elas foram rodopiando cada vez mais depressa. Ficaram tão brilhantes que precisei desviar os olhos. Quando a luz diminuiu, um corpo jovem e saudável tinha se formado e cintilava com a luz de estrelas.

Asten dirigiu-se para o corpo, que poderia ser seu gêmeo. Então, fechando os olhos, entrou na forma reluzente e desapareceu, com armadura e tudo. O corpo se contorceu, o peito subindo e descendo em sua primeira respiração. Quando abriu os olhos, eu vi Asten. Seu peito e as pernas estavam nus. Com o saiote branco enrolado na cintura, ele parecia o antigo príncipe egípcio ressuscitado que era.

Asten pegou a bolsa e abriu os outros frascos, depois pegou o segundo objeto e entregou a Amon. Este era maior, mais volumoso.

Ashleigh virou-se para Ahmose, uma expressão interrogativa no rosto.

– Os tecidos de Amon estavam apertados demais para eu pegar algum cabelo, por isso, no caso dele, foi mais fácil simplesmente trazer a mão – concluiu Ahmose com uma careta de desculpas.

– *A... a mão dele?* – gaguejou Ashleigh.

A sensação de náusea dela foi algo que todas sentimos. Ficamos olhando, um tanto horrorizadas, enquanto Amon levantava a própria mão mumificada e desmembrada, sem se incomodar nem um pouco com

o pedaço de seu antigo corpo. Invocando seu poder novamente, ele teceu o encantamento. A mão subiu no ar, brilhando como um enfeite de Halloween macabro pendurado numa árvore, antes de explodir em poeira. O pó brilhante foi sugado para o turbilhão de luz.

Dessa vez a bola de luz era dourada e explodiu em raios que preencheram um espaço mais ou menos do tamanho de um corpo humano, cada raio se tornando mais ofuscante até que Ashleigh precisou desviar os olhos. Quando a luz se dissipou, outro corpo havia surgido. O homem dourado que eu não suportava olhar foi na direção dele.

Das profundezas em que estava escondida, olhei a forma do homem e vi um maxilar cinzelado e lábios modelados. Seu peito forte estava nu como o de Asten, exibindo a pele lisa e dourada. Cílios escuros roçavam-lhe a face e, quando respirou pela primeira vez, seus lábios se separaram. Seus olhos brilhantes se abriram. Imediatamente se fixaram nos meus. Estremeci e a aura em volta dele se iluminou ainda mais, lançando seu corpo outra vez em pura luz dourada.

Seus ombros caíram visivelmente. Mas depois de apenas um momento de hesitação ele se aproximou e estendeu a mão.

– Jovem Lily? – perguntou. – Você vem comigo?

Ashleigh gostava de Amon e teria aceitado prontamente a ajuda dele para se levantar, mas eu a contive, sabendo que não era ela que ele estava chamando.

Deixe-me ir, falei baixinho.

Quando minha mão segurou a dele, foi porque eu me obriguei a estendê-la. Ele me ajudou a ficar de pé, fazendo um gesto com a cabeça para os dois irmãos, que nos observavam com olhos atentos. Amon indicou que eu deveria acompanhá-lo. Ele soltou minha mão no que supus fosse uma tentativa de me ajudar a ficar mais confortável.

Segui o homem dourado, que me afastou do buraco onde a cobra havia se enrolado para dormir. Contornamos pedras e passamos sob arcos rochosos até nos encontrarmos suficientemente longe de seus irmãos para sentir que estávamos a sós. Claro, nunca ficávamos

realmente a sós, não com minhas passageiras interiores, mas pelo menos estávamos o mais a sós que as circunstâncias permitiam.

Quando ele parou e se virou para mim, as primeiras palavras que ouvi não foram as que eu esperava.

– Senti sua falta – disse ele, passando a ponta de um dedo pela linha onde começavam meus cabelos, empurrando para trás os fios soltos.

Algo dentro de mim se rachou. Um muro interior que eu tinha construído entre nós.

Engoli em seco e inclinei a cabeça, procurando algo para dizer.

– Mas você me viu – gaguejei. – No meu sonho.

– Mas não é a mesma coisa. Não é como antigamente.

– Como era antes?

Minha respiração ficou presa enquanto eu esperava sua resposta.

Ele não respondeu imediatamente. Em vez disso, apertou a palma da mão contra o peito e tirou alguma coisa dali de dentro. Algo que brilhava com uma luz diferente da luz de sua pele.

Ofeguei.

– Isso é... isso é o seu coração? – perguntei, abalada com a ideia.

– Não – respondeu ele simplesmente. – É o seu, pelo menos o seu escaravelho do coração. Você só precisa segurá-lo para restaurar tudo o que foi perdido.

As pontas dos meus dedos se estenderam quase por vontade própria, mas então recuei. As outras duas vozes na minha mente estavam silenciosas e imóveis. Esperavam ansiosas para ver o que eu faria.

– Por quê? – Minha voz se embargou. – Por que você quer que eu lembre? – Dei as costas para ele, desprotegida e vulnerável.

– Porque, Nehabet, o que você temia aconteceu. Wasret nasceu. Não quero que você se entregue de novo a ela sem saber de tudo. – Ele pôs a mão no meu ombro. Calor e afeto penetraram em mim. – Foi por isso que eu a mandei de volta, mesmo sabendo que causaria algum dano a todas vocês. – Meu estômago teve um espasmo; meus membros tremeram. – Por favor, Lily. Eu sei que dói. Dói em mim também quando penso no que podemos perder.

Virei-me para ele e sua mão escorregou pelo meu ombro até segurar a minha. Ele continuou:

– Não vê, Nehabet? Preciso saber que caminho você vai escolher, porque estou decidido a percorrê-lo com você. Se estão lhe pedindo que pese sua vida contra o bem do Cosmo, você precisa colocar tudo nos pratos da balança. Só você pode determinar qual valor é o maior.

O medo e a dor que tinham penetrado fundo no meu coração, fazendo-o pesar como uma pedra, como algo funesto e sem vida, se dissolveram diante dessas palavras. Sua aceitação completa envolveu minha alma e a acalentou. Amon era a compaixão e o amor incondicional. Isso era libertador. O que quer que eu decidisse fazer, ele me apoiaria.

Respirei fundo, inalando o cheiro dele, e cheguei mais perto. Passando a mão por trás de seu pescoço, puxei o deus dourado para mim e pressionei meus lábios contra os dele. A luz me preencheu enquanto seus lábios de sol se moldavam aos meus. Correndo a mão por seu braço, abri os dedos e pus a palma sobre o escaravelho do coração. Nossas mãos se fecharam juntas e um vento forte preencheu minha mente.

As lembranças me inundaram. Vi tudo de uma vez: toda a dor, toda a alegria, todo o triunfo e toda a perda, culminando no mundo dos mortos, naquele último sonho que compartilhamos antes de eu deixá-lo para trás.

Seríamos separados de novo. Os deuses estavam contentes com o fato de eu ter salvado Amon, tê-lo trazido de volta do além. Eles não viam motivo para ficarmos juntos, mas tinham nos concedido um último momento. Uma única oportunidade para acumular uma quantidade infinita de amor num período de tempo finito. Uma última chance de dizer adeus.

Eu tinha dito a Amon que nunca iria esquecê-lo, e não esquecera. Só havia trancado no coração tudo o que sentia por ele e depois o colocara em suas mãos. Sabia que, ao fazer isso, mesmo se os deuses me usassem com objetivos próprios e me jogassem fora quando terminassem, mesmo que isso significasse minha morte, pelo menos Amon teria aquela parte

de mim. Eu tinha esperança de que nos encontraríamos de novo. E também sabia que nosso reencontro poderia não acontecer até chegarmos ao além.

Ele tinha pensado que os deuses eram os responsáveis por nos manter separados, por roubar nossos sonhos. Não tínhamos podido nos ver, não de verdade, desde aquela última vez, apesar do nosso elo. Mas Amon percebeu que o motivo para isso ter acontecido não eram os deuses, era eu. Eu tinha feito isso com ele. Conosco.

Ainda assim, eu não lamentava. Ele tinha razão em pensar que eu estava preocupada com Wasret. Eu temera que me render a Wasret significaria perdê-lo. Sabia o que poderia acontecer, o que aconteceria, se ele optasse por permanecer ao meu lado durante as inevitáveis provações. Tinha pensado que esquecê-lo, afastar-me dele, iria mantê-lo em segurança, manter nosso amor em segurança. Ou pelo menos que esquecer de tudo tornaria a transição mais fácil quando Wasret inevitavelmente surgisse. Como eu poderia de boa vontade, consciente, abrir mão de algo incrível como o que tinha encontrado com Amon? Não saber era o caminho da covardia, mas era o único caminho que eu conseguia ver na ocasião.

O beijo terminou, mas me movi para ele de novo, para beijá-lo breve e suavemente mais uma vez – um pedido de desculpas pelo que tinha feito. Quando abri os olhos, o brilho dourado havia diminuído e pude finalmente ver o rosto do homem que eu amava.

– Desculpe – falei, os olhos se enchendo de lágrimas. – Você tem razão. Nós deveríamos ter feito isso juntos.

– Eles não nos deram muito tempo para conversar – disse ele, me tranquilizando. – Mas saiba, jovem Lily, que estou com você, qualquer que seja o caminho que você escolha. – Ele acariciou meu rosto. – Se quiser fugir disso, do que eles esperam de nós, vamos fugir.

– Não. Pelo menos, não por enquanto. Primeiro preciso falar com Tia e Ashleigh. E depois teremos de consultar Asten e Ahmose também. Não somos mais só nós. – Encostei minha testa na dele. Cobri novamente meu escaravelho do coração com a mão de Amon. – Pode ficar com ele? –

perguntei, sem saber se ele ainda queria, depois de tudo o que tínhamos passado.

– Sempre.

E Amon encostou o escaravelho em seu peito. Sua pele o absorveu e, quando a pedra sumiu, ele me envolveu nos braços.

– Você vai ter de me ensinar esse truque – falei, encostando o rosto na superfície plana e firme de seu peito nu, ouvindo os novos batimentos de seu coração.

Ficamos assim por vários instantes, até que finalmente me afastei e estendi a mão. Ele a segurou e, juntos, voltamos até onde os outros estavam.

Dois pares de olhos se voltaram para o meu rosto e depois para nossas mãos dadas.

– Ela lembrou – disse-lhes Amon.

Asten assentiu com uma expressão indecifrável.

Ahmose resmungou, virando-se e pegando as coisas que tínhamos trazido. Quando me entregou o arco e a aljava sem fazer contato visual, isso doeu. Ele era importante para mim. Eu o amava. Mas também amava Amon e Asten. Tudo era confuso e eu tinha dificuldade para separar meus sentimentos dos de Tia e Ashleigh, especialmente agora que tínhamos nos unido totalmente para nos tornarmos Wasret.

Amon se recusou a soltar minha mão e ficou feliz em deixar que Ahmose fosse na frente. Ele refez o caminho de volta até o poço aberto por onde tínhamos entrado. Asten passou por nós, me dirigindo um breve sorriso que só levantou um canto da boca. Era como se o restante de sua felicidade tivesse se desinflado e esse pequeno esforço fosse tudo o que ele conseguisse fazer. Assentiu para mim e depois seguiu ao lado de seu irmão muito maior.

Observei-os enquanto andavam juntos. Asten tentava tirar Ahmose de sua disposição soturna com tentativas desajeitadas de humor, enquanto Ahmose caminhava com as costas rígidas e uma postura silenciosa demais. Havia uma curva reveladora nos ombros e uma exaustão nos passos dos dois. A tristeza por causa da condição daqueles

homens penetrou no meu coração e ali se enterrou profundamente. A felicidade que eu sentia pelo reencontro com Amon se dissipou.

Ver Asten e Amon caminharem pelo terreno rochoso com os pés descalços fazia com que eu me encolhesse. Eu tinha poder para fazer roupas para eles, mas tremia diante dessa ideia. Nenhuma de nós estava ansiosa por abraçar os poderes de Wasret de novo. Pessoalmente meu plano era evitar canalizá-la, assim como a seu poder, a todo custo. Se achasse que meus sapatos caberiam em algum deles, eu os teria cedido de boa vontade.

Chegamos a um trecho de pedras caídas havia pouco e Ahmose parou.

– Foi por aqui que viemos – disse, agachando-se e inspecionando as pedras, à procura de um caminho.

Enquanto ele fazia isso, uma sensação de arrepio se esgueirou pela minha coluna, retesando a pele no couro cabeludo. Alguma coisa estava nos vigiando.

Esfregando os braços, olhei à nossa volta.

Cheira a angústia, alertou Tia.

– Está cheirando assim desde que entramos – respondi.

Sim, mas alguma coisa está nos observando das sombras, disse Ashleigh. *Não está sentindo?*

Estava. Quando alertei os outros, eles criaram armas a partir da areia e vigiaram as costas de Ahmose enquanto ele trabalhava. Meus sentidos formigaram quando uma sensação de bafo quente no meu pescoço surgiu e depois desapareceu. Levantei a cabeça, farejando e sondando a escuridão com meus olhos de felina, e captei um cheiro novo no ar. Era carne podre, pântano e corrosão.

Dos corredores que nos cercavam uma névoa fria se esgueirou pelo chão, formando uma nuvem densa, fétida. O ar tornou-se pegajoso e úmido. As costas nuas e os braços de Amon e Asten logo estavam brilhando de suor.

– O que é isso? – perguntou Asten.

Eu não sabia se ele estava perguntando a mim ou a Amon. Antes que

qualquer um de nós pudesse responder, ficamos paralisados. Estalos, como de garras batendo em pedra, ecoaram nas cavernas ao redor de tal modo que tornava impossível saber de onde vinham.

O ruído penetrou fundo no lugar dentro de mim onde existia o medo. Cada som de garra raspando na pedra esfolava e irritava a apreensão crua que eu já sentia. Era como roupas ásperas sobre a pele queimada de sol. De todos nós, só eu sabia o que se escondia nas cavernas. Verdade, tínhamos passado por eles facilmente antes, mas isso porque Wasret sabia quais deveria evitar. Seus poderes amedrontavam a maioria das criaturas. Agora eles sabiam que ela não estava conosco e vinham para cima de nós.

Por fim Ahmose liberou o caminho. Pedras e entulho saltaram à nossa volta. Estalactites com superfícies lisas como gelo despencaram, espatifando-se no chão, tornando o caminho mais difícil ainda. Assim que a poeira assentou, ele partiu para a ação.

– Vamos – gritou Ahmose, pegando minha mão e me puxando.

Nem parou para ver se os irmãos nos seguiam.

– Amon? – chamei, mas ele e Asten corriam atrás de nós com as armas em punho, abrindo caminho pelo entulho, tentando encontrar os locais mais lisos para pisar. – Não posso detê-los como Wasret fez – alertei-o. – Ela escondeu a maioria deles de você. Alguns eram simplesmente horrendos, mas outros eram perigosos.

– Sim – retrucou ele. – Eu sabia que ela estava escondendo coisas de mim.

Senti que eu devia um pedido de desculpas, mas estávamos indo depressa demais para que eu conseguisse falar. Passamos por um fantasma. Era muito brilhante, pensando bem. Sua cabeça se levantou rapidamente à nossa passagem e a boca formou um riso rígido enquanto os olhos relampejavam. Sua capa estava rasgada e surrada e, quando ele a puxou para o lado, vi que estava segurando um crânio na mão, ao estilo de Hamlet.

Ele acariciou o topo liso do crânio e riu enquanto gritava para nós:

– Voltem! Temos perguntas.

Eu tinha me virado para olhá-lo de novo antes de dobrarmos uma esquina e fiquei chocada ao ver que não era o fantasma que falava, e sim o crânio.

Os três homens à minha volta reluziam de poder, a pele cintilando como se estivessem sob um refletor num palco.

– Talvez seja bom diminuírem a luz – alertei. – Vocês dois não estão usando roupas suficientes. Ahmose parece o luar através de uma janela pequena, mas vocês dois brilham como a cidade de Nova York. Dá para vê-los do espaço.

Os lábios de Asten se curvaram para cima, os olhos castanhos brilhando à medida que sua luz se apagava completamente. Amon também reduziu sua luz, mas eu ainda podia sentir seu calor às costas. Era como se a luz tivesse sido meramente um truque para disfarçar o calor verdadeiro que irradiava dele. Agora a única iluminação vinha da luz suave de Ahmose. Nossa respiração áspera e o ruído dos pés abafavam os outros barulhos que eu ouvia enquanto passávamos de uma caverna para outra.

– Estamos perto – disse Ahmose finalmente.

Um sopro de ar mais fresco bateu no meu rosto e sorri enquanto corríamos para a caverna principal. Paramos subitamente no fim da passagem. As pequenas poças de água estagnada nas reentrâncias da rocha tinham aumentado. Agora toda a área estava inundada de água preta que lambia nossos pés. Na verdade, o piso de pedra havia mudado.

Amon levantou uma perna e vi que a passagem antes empoeirada estava esponjosa e macia. Ele sacudiu o pé e blocos densos de lama caíram no chão da caverna. Acima de nós, as luzes das pequenas criaturas mortas piscavam, maliciosas, como se tivessem orquestrado toda aquela coisa lá de cima.

A névoa se esgueirou de novo, vinda de dezenas de passagens, e vi uma ondulação na água escura. Isso agitou as criaturas mortas e luminosas que moravam ali. O fedor que eu tinha sentido antes – de pântano e carne podre – voltou e meus nervos formigaram quando a leoa pressentiu um predador totalmente novo.

Ainda assim, alguma coisa parecia familiar a nós duas.

– Não vamos esperar aqui – falei, e apontei para cima. – O poço por onde entramos fica ali.

Ahmose pôs a mão no meu braço.

– Você não pode voar sem o poder de Wasret, não é, Lily?

Mordi o lábio.

– Não.

– Então vou carregar você.

– Você não pode – insisti. – Precisa conservar sua energia.

– Lily, você mal...

O que quer que ele fosse dizer não importava, porque a menos de 3 metros de nós um monstro irrompeu da água. Era o maior crocodilo que eu já tinha visto e investiu contra Amon. Felizmente, em vez de abocanhar a cintura de Amon, o crocodilo gigante bateu em uma pedra e suas pesadas mandíbulas se fecharam a centímetros da barriga de Amon.

Asten segurou meu braço e me puxou para ele. Amon levitou rapidamente para longe do alcance da fera, que tinha deslizado de volta para a água. Asten me pegou nos braços e acompanhou Amon. Ahmose veio atrás, numa ascensão mais lenta que a dos os irmãos. Envolvi o pescoço de Asten com os braços e seu cabelo macio fez cócegas nos meus dedos.

– Aquilo não era um crocodilo qualquer – murmurei.

Olhando para baixo, ofeguei quando a fera saltou da água e mordeu o ar onde as pernas de Ahmose tinham estado. Ele as havia dobrado bem a tempo.

– Ele ficou maior! – gritei.

Nós três subimos. Amon entrou primeiro no poço. Segundos antes de Asten entrar, olhei para baixo. Para meu horror, o crocodilo tinha triplicado de tamanho. Ele tentou pegar Ahmose uma última vez, procurando subir com as garras nas laterais da caverna, antes de cair de volta espirrando água tão alto que nos molhou. Depois de estarmos

dentro dos limites mais frescos do poço, eu me permiti respirar um pouco, especialmente quando vi Ahmose nos seguindo.

Asten me pousou na mureta do poço e Amon segurou minha mão e me ajudou a descer. Uma brisa insular agitou a bainha da minha camisa, junto com as folhas das árvores. A lua cheia havia quase se posto. Estava baixa no céu, fria e dura de encontro à flexibilidade da selva escura, encharcando-nos com sua luz exuberante.

Quando Ahmose finalmente pôs os pés na grama densa perto de nós, segurou meus ombros, seus olhos me examinando.

– Cherty deve ter ido embora – alertou.

– Talvez tenha esperado. Se pudermos chegar à praia antes de o sol nascer... – comecei.

Ahmose parecia desconcertado. Passou uma das mãos pelos cabelos ao me interromper:

– Lily, passaram-se três dias.

– O quê? Como assim? – Meu coração despencou no peito, como se eu tivesse sido jogada de volta no poço. – Não é possível.

– Eu posso sentir os caminhos – disse ele. – Não somente as criaturas da ilha estão perdidas, como a ilha também está.

– O que isso tem a ver com a nossa situação?

– Receio que o tempo funcione de modo diferente no poço. Tudo o que sei é que o caminho que nos trouxe aqui ficou mais velho do que seria de esperar.

– Tem certeza?

– Infelizmente tenho – respondeu Ahmose.

Ele tinha acabado de dizer essas palavras quando o chão tremeu e eu cambaleei, colidindo com ele.

– O que foi isso? – perguntei. – Apep voltou?

– Não sei.

O chão tremeu novamente e se moveu. Dessa vez caí junto com Ahmose. Asten me ajudou a ficar de pé. Amon tinha se levantado junto a uma árvore que o impediu de continuar rolando. Antes que eu pudesse fazer outra pergunta, o poço rachou quando algo explodiu lá embaixo.

– Não pode ser – murmurei enquanto Ahmose me entregava a Asten e olhava para baixo.

– É – disse ele, sério, andando de costas. – Precisamos sair deste lugar. Agora!

A terra embaixo dos nossos pés se sacudiu violentamente e nós quatro fomos lançados ao ar. Árvores ali perto foram arrancadas e desabaram ao redor. O Poço das Almas explodiu, disparando pedras como balas de canhão, algumas arrancando galhos.

Amon gritou meu nome:

– Lily! Lily, onde você está?

– Aqui – respondi, empurrando um galho pesado que tinha caído em cima de mim.

Assim que ele veio até mim, procuramos Asten e Ahmose. Asten tinha sido atingido na parte de trás da cabeça por uma pedra. Um calombo estava se formando e ele sangrava muito, mas estava suficientemente alerta para nos acompanhar. Ahmose tinha se levantado, mas não se virou quando chamamos seu nome. Ele fitava o que restara do poço.

– Ahmose? – perguntei. – Você está...

A respiração ficou presa em minha garganta quando as palavras morreram. Eu chegara ao lado de Ahmose e me virara para olhar o que o havia hipnotizado. O chão ribombou novamente e ele, em um gesto automático, estendeu uma das mãos para me firmar. Nós dois ficamos olhando enquanto o focinho e a mandíbula gigante de um crocodilo emergiam do buraco enorme no chão. Agora seus dentes eram do tamanho de cones de trânsito. Quando os olhos apareceram, eu recuei, puxando Ahmose comigo, desesperada para ir embora antes que a criatura se libertasse.

– Achei que as coisas mortas não podiam escapar do poço – falei, mais para mim mesma do que para eles.

– Aquela coisa só está meio morta – disse Amon.

Garras afiadas raspavam o chão de ambos os lados da cabeça e a criatura sacudia o corpo de um lado para outro, para se exumar.

– Como assim, “meio morta”?

– Você não o reconhece? – perguntou Amon.

Nesse momento o crocodilo virou a cabeça de lado, tentando me abocanhar. Eu estava longe demais, mas o réptil gigante não parecia se dar conta disso. Sua mandíbula pesada se abriu, os dentes afiados mostrando-se em detalhes vívidos. O bafo do réptil me envolveu, fedendo a podridão e degradação.

– Não. – Balancei a cabeça. – É impossível.

Diante dos meus olhos, a criatura cresceu ainda mais. Membros pesados irromperam da terra.

– Você pode se transformar? – perguntou Asten a Ahmose com uma expressão intensa no rosto.

– Acho que não – respondeu Ahmose.

Os dois trocaram um olhar carregado de significado.

– Então você vai nas minhas costas – disse Asten.

Com isso seu corpo tremeluziu e a luz se tornou mais intensa, assumindo a forma do íbis estelar. Ao meu lado, Amon também se transformou. Ele me dirigiu um breve sorriso e então suas feições ficaram turvas, os raios dourados que irromperam de seu corpo assumindo a forma de um segundo pássaro: um falcão dourado.

Ahmose correu para me ajudar a montar enquanto o falcão guinchava, o grito ecoando pela ilha. Quando me acomodei nas suas costas, o pássaro correu pelo capim até um ponto onde um número suficiente de árvores havia tombado, oferecendo-lhe acesso livre ao céu. O grande pássaro bateu as asas e, comigo agarrada ao seu pescoço, decolou.

Um instante depois o íbis nos seguiu, com Ahmose montado em suas costas. Voamos em um círculo acima da copa das árvores e olhei para o lugar onde antes ficava o Poço das Almas. O crocodilo tinha saído totalmente do chão e estava ali, de cabeça levantada, nos espiando com olhos pequenos e pretos.

Quando nos afastávamos em direção à praia distante onde Cherty

havia nos deixado, uma voz ecoou na minha mente, e era uma voz que eu reconhecia:

Estou indo atrás de você, Lilliana Young. Não há como escapar. Então ele gargalhou. *Agora sabemos onde você está. E Aquele Que Desfaz me prometeu vingança.*

Nem tentei reprimir o tremor que me abalou. O traiçoeiro assistente do Dr. Hassan, Sebak, tinha conseguido voltar. Já era suficientemente ruim saber que Seth e a Devoradora estavam atrás de mim. Agora o maligno necromante/Godzilla/crocodilo tinha voltado dos mortos também.

Abraçando Amon mais forte, enterrei o rosto nas penas douradas de seu pescoço no momento em que o sol irrompeu no horizonte, banhando a Ilha dos Perdidos com sua luz amarela. Apesar da alegria com que a luminosidade preenchia o ar, havia um frio dentro de mim que nem mesmo o sol, nem mesmo Amon, conseguiam afastar.



A barriga da fera

Encontramos a praia rapidamente. Os dois grandes pássaros examinaram o litoral em busca do *Mesektet*, mas Cherty tinha ido embora. Depois de um breve debate, Asten e Amon decidiram que a única opção era sair voando à procura dele. Só Cherty tinha a capacidade de se orientar no Rio Cósmico. Se tentássemos fazer isso, encontrar Heliópolis ou mesmo a Terra sozinhos, inevitavelmente iríamos nos perder. A alternativa era ficar na Ilha dos Perdidos com uma aranha faminta e um crocodilo vingativo grande o bastante para comer nós quatro e ainda continuar com fome.

Contei-lhes o aviso de Cherty: não olhar para trás, para a ilha, quando fôssemos embora, e então, voando, deixamos a praia. Amon subiu bem alto, mantendo o sol às costas. O Rio Cósmico fluía lá embaixo, estendendo-se até onde a vista alcançava. Logo entramos na névoa que cercava a ilha. Até bem depois de deixá-la, mantivemos os olhos voltados para a frente, torcendo para que a ilha e o sol sobre ela tivessem desaparecido. Eu sabia que, assim que ela estivesse fora do campo de visão, mesmo que quiséssemos encontrá-la de novo, provavelmente não conseguiríamos.

Meu senso de equilíbrio desapareceu, o que era preocupante, especialmente para a felina dentro de mim. Na verdade, logo ficou difícil discernir entre o espaço acima e o rio abaixo. Por duas vezes quase

mergulhamos nele acidentalmente. Era como estar num salão de espelhos. No espaço.

A gravidade funcionava de modo diferente agora que não tínhamos as tábuas do barco de Cherty, sólidas, sob os pés. Meu cabelo subia, descolando-se dos ombros, e meu corpo parecia não ter peso. A única coisa que me orientava era estar agarrada com força em Amon. Ele estava preocupado. Assim como minhas passageiras interiores.

Ficar perdidos no rio era bastante fácil quando estávamos no barco, mas pelo menos ele fornecia algum senso de equilíbrio, de normalidade, no terreno cósmico e móvel. Bastaria um escorregão e mergulharíamos de cabeça no rio, virando o jantar das criaturas que assombravam as águas escuras. Eu sabia que Apep ainda estava ali, e também sabia que o único modo de impedi-lo de nos devorar era Wasret.

Nenhuma de nós estava ansiosa para se entregar a ela de novo. Pelo menos não enquanto nos restasse qualquer outra escolha. Amon tinha nos trazido de volta. Eu não sabia se ele conseguiria fazer isso uma segunda vez. Era um risco grande demais.

Voamos durante horas e horas. A vigilância necessária para nos manter acima do rio estava cobrando um preço alto, especialmente dos pássaros. Eu sabia que Amon e Asten precisavam de comida. Seus novos corpos estavam famintos quando acordaram, mas nem eu nem Ahmose tínhamos nada para dar a eles. As duas múmias recém-despertadas estavam fazendo todo o trabalho, e dava para ver que sua energia começava a diminuir.

Ahmose se esforçava ao máximo para encontrar um caminho, mas agora que tinha localizado os irmãos a trilha que buscava estava menos clara. Os Filhos do Egito sempre tiveram um senso de orientação em relação a todas as outras coisas no Cosmo, mas o Rio Cósmico era diferente. Era selvagem e indomado. Regras medíocres como gravidade e direção não se aplicavam muito a ele. Agora que os irmãos estavam fortalecidos pelo reencontro, Ahmose deveria ter se recuperado. No entanto, ele estava totalmente sem senso de direção. Era isso que, aliado ao fato de viajarmos pelo rio, nos deixava voando às cegas.

– Pegue minha energia – implorei a Amon quando ele tombou para um lado inesperadamente, lutando em seguida para se aprumar.

Nosso elo contínuo ainda permitia uma troca de energia, mas Amon era muito teimoso e parecia decidido a impor limitações extremas à minha oferta. Ele cedeu, mas só pegou o suficiente para sustentar o voo.

Enquanto eu acariciava as penas do seu pescoço, forcei minha energia para dentro dele. Ela escorria das pontas dos meus dedos para seu corpo numa lentidão frustrante. Isso me exauriu, mas nem de longe tanto como quando eu era totalmente humana. Percebi que Tia e Ashleigh também estavam compartilhando sua energia.

Continuamos assim por um bom tempo. Ashleigh e Tia estavam frustradas porque não podíamos ajudar Asten e Ahmose do mesmo jeito. As duas debateram sobre como poderíamos fazer isso. Eu não sabia quanto da nossa força combinada estava mesmo ajudando Amon, mas começamos a nos sentir sem energia. Logo tombei sobre seu pescoço, exausta, mas mantive as mãos apertando-o com força. Depois de mais uma hora, ele interrompeu o fluxo totalmente, insistindo que havia aceitado o suficiente.

Basta, Nehabet, disse.

Estremeci, sem perceber como tinha chegado perto de cair no sono. Esfregando os olhos, falei:

– Mas é você quem está voando. Eu só estou aqui montada, e faz menos de um dia que comi.

Ahmose e Asten viraram a cabeça para nos olhar. Minha voz tinha atravessado o espaço e me encolhi, esperando não ter falado alto a ponto de atrair a atenção de Apep.

Não, contrapôs Amon com paciência, *você esteve no Poço das Almas por mais de um dia, lembra? Além disso, não vou deixá-la enfraquecida a ponto de cair. Perder você no rio seria impensável. Você sabe o que vive nessas águas.*

Estremeci. Nesse ponto ele tinha razão. Eu não queria mesmo cair. Olhando à esquerda, vi Asten planando, preservando o máximo de energia possível.

– Como eles estão? – perguntei, a voz mais contida.

Como eu tinha contato direto com Amon enquanto ele estava em sua forma de pássaro, ele podia falar comigo mentalmente, assim como Tia e Ashleigh. Ele também podia ouvir os irmãos dessa forma, desde que estivessem perto, mas eu não podia falar com os dois. Sabia que Ahmose estava fraco. Ele tinha feito alguma coisa por mim, algo que Wasret sabia, mas ele escondera isso de nós e, por mais que tentássemos, não conseguíamos lembrar.

Eles estão... tentando não desistir.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao ouvir essas palavras. Era óbvio que o que quer que Ahmose tivesse feito havia cobrado um preço enorme, e não somente dele. Os Filhos do Egito eram conectados, e, se eles estavam com dificuldade para sustentá-lo, a situação devia ser muito ruim. O fato de Amon não dizer nada também me alarmava. Talvez eu estivesse vendo mais do que existia, mas conhecia o coração de Asten e o de Ahmose. Não era só a jornada árdua que empreendíamos que os fazia pensar em desistir. Era mais do que isso. E tinha tudo a ver comigo, ou pelo menos com nós três.

O íbis estelar inclinou a cabeça, me espiando com um olho reluzente enquanto levantava as asas. A fadiga tomara conta dele havia muito. A cada vez que batia as asas eu me encolhia, vendo o esforço que ele fazia para isso. Eu me perguntei quanto tempo poderíamos continuar nesse caminho até que seus membros exaustos não funcionassem mais e eu o perdesse junto com Ahmose. Meu coração se partia só de pensar, por isso voltei o pensamento para a primeira vez em que nos vimos.

Para um observador casual, Asten parecia um daqueles homens egocêntricos, capazes de irritar qualquer mulher a ponto de ela ir embora, mas também era charmoso a ponto de trazê-las de volta. Era escandalosamente bonito, como os rapazes mais maliciosamente desejáveis. Era uma tentação que atraía uma garota a lugares perigosos. Mas esse era ele apenas superficialmente. Pelo menos do meu ponto de vista.

Curiosamente, Tia enxergava Asten de modo bem diverso. Uma leoa

procurava um companheiro poderoso. Nesse sentido, ela admirava os três Filhos do Egito, mas Asten ocupava um lugar especial no seu coração. Quando ela o olhava, não via o homem petulante com um brilho maroto no olhar. Via alguém igual a ela. Alguém que não se encaixava com os outros, mas que tinha feito seu lar com eles e lutava ao lado deles assim mesmo. Tia gostava que ele a visse, que a reconhecesse e se aconselhasse com ela.

O íbis planava atrás de nós, descansando um pouco enquanto aproveitava o empuxo de Amon. Mordi o lábio e fechei os olhos. Tia lamentava. Por mais que eu amasse Amon, sabia tanto quanto ela que Asten precisava de nós. Ele desabrochava quando estávamos com ele. Nós o lembrávamos de que ele era bom, forte e digno de ser um Filho do Egito, apesar de suas origens mortais. Ele se sentia livre conosco e relaxava a guarda. Não precisava se preocupar com aparências.

Amar Asten era fácil. Fazia sentido. Sabíamos que ele vinha observando nossos sonhos havia muito tempo. Ele se vira como parte deles, no entanto negava a si mesmo seu sonho para mostrar lealdade ao irmão. Isso tornava Asten realmente especial. Ele tinha um coração terno. Via cada sonho, tanto os bons quanto os ruins, e se preocupava conosco de qualquer modo.

E havia Ahmose. Não era possível negar que o que eu sentia pelo grandalhão era mais do que amizade. Eu tinha me apaixonado por ele antes de me lembrar de Amon. Meu coração ainda doía ao vê-lo com Ashleigh, sabendo que ele a amava mais do que a mim. Permiti que essa dor permanecesse, ainda mais sabendo que tinha feito o mesmo com ele.

Em minha defesa, Ahmose sabia de minha ligação com Amon enquanto dava em cima de mim – bom, em cima de *nós*. Em sua mente, via nossos caminhos se fundindo. Sentia que isso era inevitável. Nesse aspecto, sua experiência não era muito diferente da de Asten. Mas, enquanto Asten havia sonhado em ficarmos juntos e depois se negado esse sonho, Ahmose tinha abraçado a possibilidade e vindo atrás de mim. Certo: ele saiu de campo muito facilmente quando pedi. Submeteu-se a

Amon quando recuperei a memória. Mas eu sabia que isso doía nele. Ele se sentia traído por mim, por nós três.

Ele tivera muita certeza de que seu futuro era com Wasret. Talvez ele fosse o irmão a quem nós três estivéssemos mais ligadas. Não gostávamos de pensar no ponto de vista de Wasret, mas isso pairava em nossa mente.

Quanto a Amon... quando eu pensava no deus dourado que me carregava nas costas, minha boca se curvava num sorriso involuntário. Amon era meu. Isso era simples. Era... bem, era perfeito. Apesar de tratar Tia e Ashleigh com deferência, ele não as amava, não da maneira como me amava. Para ele não havia confusão. Wasret não exercia nenhuma influência sobre ele. Apesar de Ahmose acreditar, Amon não considerava que o fato de virarmos Wasret significava que eu ainda estaria lá dentro, em algum lugar.

Eu tendia a concordar com ele. Para nós não estava claro aonde Wasret ia quando não habitava nosso corpo, mas era bastante óbvio que ela não estava ali. E, apesar de não termos lembrança nítida do que tinha acontecido conosco quando ela estava no controle, sabíamos que os seres que éramos tinham sido bloqueados. Na verdade, tinham começado a diminuir.

É o escaravelho do coração, disse Amon, interrompendo meus pensamentos.

– Como assim? – gaguejei.

Eu não queria me intrometer, mas achei que você deveria saber que foi através do seu escaravelho do coração que eu a trouxe de volta. Ele a impediu de desaparecer completamente. Embora eu deva alertá-la de que não sei se vai ser assim de agora em diante. Tenho medo de que, agora que você está com todas as lembranças de volta, não haja nada ancorando-a. Quando ela possui você, ocupa tudo.

– Você me ancora, Amon. Se for possível me trazer de volta, você vai fazer isso.

Espero que esteja certa, jovem Lily. Houve uma pausa e então Amon disse: *Você também deve saber que estar com seu escaravelho do coração*

permite não somente que eu me comunique com você, mas também que leia seus pensamentos.

– Ah. Bom, isso é... esquisito. Até que ponto você ouviu? – perguntei enquanto tentava rapidamente pensar aonde todos os meus pensamentos tinham me levado.

Eu havia aprendido que nada entre mim, Ashleigh e Tia era segredo. Supus que teria de colocar Amon na lista. A ideia era ligeiramente desconcertante.

Amon ficou quieto por um momento.

Possuir seu coração significa que tenho acesso a todos os seus desejos, esperanças, pensamentos e anseios. Isso me sustentou durante o tempo em que estivemos separados, quando eu estava impedido de me comunicar com você, se bem que houve situações em que isso foi difícil. Mas você deve saber que possuir o seu escaravelho do coração não me dá acesso aos pensamentos de Tia ou Ashleigh. Só ouço sua reação a elas.

– E isso só está acontecendo desde que recuperei a memória?

Não.

Engoli em seco.

– Quer dizer que você sentiu meus... desejos, ouviu meus pensamentos, mesmo quando eu não podia me lembrar de você?

Sim, respondeu ele baixinho. *A única exceção foi quando Wasret assumiu o controle. Os poderes de Wasret turvam minha conexão com você.*

– Quer dizer que eu desapareço?

Não exatamente. Você não vai embora... mas é como se estivesse escondida atrás de um muro de areia, onde não posso vê-la com clareza. A cada momento que fica aqui, ela se enraíza mais profundamente e você se afasta cada vez mais do meu alcance.

– É disso que eu tenho medo.

Eu também tenho. Então Amon perguntou: *Você está com raiva de mim, jovem Lily, por eu ter visto as coisas que vi?*

– Com raiva? Não. Não com raiva. Acho que só não entendia todas as consequências de lhe dar meu escaravelho do coração.

Você... quer que eu o devolva?

– Não – respondi automaticamente, mas então pensei um pouco mais.

Será que eu queria?

Se a ideia de que eu posso ler seus pensamentos a deixa desconfortável, posso me conter para não fazer isso.

– Quer dizer que você pode ligar ou desligar esse recurso?

De certa forma. É parecido com a maneira como você protege seus pensamentos de Tia e Ashleigh.

– Eu posso ler seus pensamentos também? Eu não sabia que ler seus pensamentos era um brinde que acompanhava a compra.

Ele não perguntou o que minha expressão moderna significava, apenas se limitou a responder à pergunta:

Você pode, mas para isso teria de absorver meu escaravelho.

– "Absorver" no sentido de colocá-lo no meu peito como você fez?

Sim.

– Isso dói?

Não. Pelo menos não em mim. Não sei como seria para um mortal, embora agora você não seja exatamente o que eu chamaria de mortal.

Senti sua hesitação.

– O que você não está me dizendo?

Colocar meu escaravelho do coração dentro de você poderia ser... confuso para Tia e Ashleigh.

– Como assim?

Como elas residem dentro de você, são suscetíveis aos seus sentimentos, assim como você é suscetível aos delas.

– E...? – pressionei.

Com nossos escaravelhos do coração trocados de modo tão completo, nossos sentimentos um pelo outro irão nublar a mente delas. Elas não poderão ignorar nossa ligação.

– Quer dizer que isso fará com que elas esqueçam os outros?

Elas não vão esquecer, mas provavelmente vão evitar as pessoas de quem gostam.

– Então isso tiraria a liberdade delas.

Sim.

– Então por enquanto vamos deixar isso de lado.

Como você quiser.

– Bom... então parece que há algumas coisas que precisamos conversar... – comecei.

Você não precisa explicar nada. Assim como ouço seus pensamentos e percebo seus desejos, também sinto o que os motivou. Não culpo você por nada. O tempo e a atenção que você deu aos meus irmãos não provocam ciúme em mim como provocam neles.

Após uma pausa, prosseguiu: *Não é porque não me importo em ver você nos braços de outro homem. Acredite quando digo que isso me angustia, como angustia os dois. Mas é porque conheço perfeitamente sua mente e seu coração. Se você fosse apenas você mesma, não teria ficado tentada. Mesmo agora, são sua compaixão e sua gentileza que a impelem. Não é o desejo de ter um príncipe em cada braço e um ajoelhado aos seus pés.*

Ele pareceu pensar antes de continuar:

Na verdade, meu conhecimento íntimo do seu coração me dá mais confiança do que me alarma. É com meus irmãos que estou mais preocupado. Não desejo que eles sintam a dor e o sofrimento da perda, mas não vou abrir mão de você para eles, Lily, principalmente quando conheço seus sentimentos de verdade. Eles podem precisar de vocês três, mas eu só preciso de você. Você é tudo o que eu quero. Tudo em que eu penso. Se o Cosmo me fizesse uma companheira perfeita, com quem eu pudesse compartilhar a vida, seria você.

Meus olhos se encheram de lágrimas e pisquei rapidamente, mas algumas escorreram pelo meu rosto.

– Eu escolheria ficar com você também – falei, enxugando os olhos. – Quero dizer, eu escolho. Escolho estar com você.

Era a verdade, e parecia certo no meu coração, mas eu não podia ignorar as outras duas garotas no fundo da mente. Meu coração era ligado a Amon em mais de um sentido, e não havia como mudar isso.

O balanço de seu corpo me acalmou e não demorou para que eu caísse no sono.



Acordei com o som de uma voz calorosa ressoando pelo Cosmo:

– Olá, guardiões!

Os pássaros se viraram ao mesmo tempo e voaram na direção do barco de Cherty, que balouçava nas águas do rio, agitando um torvelinho de estrelas. Quando sobrevoamos o barco, eu ri, alegre, vendo o capitão de rosto vermelho com um braço na cana do leme, firmando o *Mesektet* para nossa aproximação. Ele franzia os olhos e gritava para nos apressarmos, um grande sorriso iluminando seu rosto.

Asten aproximou-se com as asas batendo loucamente enquanto pairava sobre o barco. Ahmose saltou com leveza e depois me pegou quando deslizei das costas de Amon. No momento em que ele me pousou no convés, o íbis estelar recolheu as asas, o grande corpo tremeluzindo, e então desabou. De um salto, Ahmose pegou o irmão justo quando ele assumia a forma humana, evitando que se chocasse no convés. Asten estava tão exaurido que não conseguia se mexer.

– Aqui, Sonhador – disse Cherty, trazendo-lhe um odre de água e abrindo sua sacola de suprimentos.

Amon pousou em pé mas sentou-se rapidamente, as costas apoiadas na amurada do navio enquanto fechava os olhos e ofegava. Levei água e comida para ele e, depois de comer um pouco, Amon relaxou o corpo, apoiou a cabeça no meu colo e caiu imediatamente no sono.

Quando levantei os olhos para Ahmose e fiz um gesto de cabeça na direção de Asten, ele disse:

– Ele vai ficar bem. Os dois só precisam descansar.

Cherty se agachou perto de mim.

– A viagem está tranquila por enquanto. Meus passageiros foram deixados no cais do além. – Fez um muxoxo. – Bem, no que resta dele.

– E eles? – perguntei, apontando dois fantasmas que restavam, pairando no canto do navio e nos observando com olhos escuros e expressões pétreas.

– Aqueles dois deram uma olhada e decidiram ir para pastagens mais verdes. Perguntaram se podiam ficar a bordo e se eu poderia deixá-los no próximo porto. Eu estava me sentindo mais afável do que o normal, por isso concordei. Cá entre nós, eu também não quereria ficar lá. Ainda é melhor na Ilha dos Perdidos. Vocês vão ter de me contar sua aventura quando estiverem dispostos. Mas por enquanto durma um pouco também, mocinha. Acordo vocês quando chegarmos a Heliópolis.

– Obrigada.

Consegui dar um breve sorriso para Cherty e, com uma das mãos no cabelo de Amon e a outra presa na dele, pressionada contra seu peito, encostei a cabeça na amurada e dormi também.

Não sei por quantas horas dormimos. A sensação é de que podiam ter sido dias; quando acordamos, estávamos esfomeados. Cherty não somente distribuiu suas rações típicas, como conseguiu apresentar uma abundância de peixes suculentos grelhados (não me permiti pensar de que espécie seriam), frutas em conserva que espalhamos em biscoitos secos, carne de porco seca (pelo menos achei que era de porco), picles e uma tigela de feijão e arroz.

Comemos até ficar saciados e agora que tínhamos dormido e a barriga estava cheia, minha mente voltou-se para outras coisas, como banho e roupas. Depois de puxar a bainha da minha camisa imunda, olhei para Amon e Asten, esperando que ainda estivessem usando suas saias brancas. Em vez disso, vi que vestiam roupas de marinheiro surradas e largas.

Amon usava calças largas amarradas com uma corda na cintura e uma camisa de gola aberta que tinha visto dias melhores, mas seus pés continuavam descalços. Parecia um rei pirata, de pé em cima da amurada, segurando-se numa corda para se equilibrar. Senti uma vontade louca de me juntar a ele e desfrutar dos borrifos do rio no rosto enquanto ficava no calor de seus braços.

Asten usava uma calça parecida, mas cortada logo acima dos joelhos. Sua capa estava puída e esgarçada, e ele obviamente não tinha encontrado uma camisa. O corpo musculoso de Asten estava muito

magro, mesmo depois de termos consumido uma grande parte da refeição, sinal da quantidade de energia que tinha despendido no voo. Mesmo assim, parte de mim gostava de ver a grande área de pele exposta. Duas botas velhas protegiam seus pés, mas ele caminhava pelo convés confiante, como se tivesse nascido navegando.

Fui até Cherty.

– Obrigada por emprestar suas roupas de reserva.

– Não foi nada – disse ele e desviou o olhar.

Manchas vermelhas subiram por seu pescoço.

Olhando seu rosto, meus olhos se estreitaram.

– Ahmose contou a você.

Cherty deu de ombros.

– O suficiente. Wasret assumiu o comando. Ninguém quer perder você só para ter roupas mais bonitas.

– Bem, obrigada de novo.

– De nada. É bom ter você de volta, mocinha. Eu... queria que soubesse que fiquei lá na ilha enquanto meu barco permitiu.

– Eu entendo – falei, pondo a mão em seu braço para tranquilizá-lo. – Não o culpo por ter ido embora. Você nos alertou.

Ele resmungou e cuspiu por cima da amurada.

– Esperei dois dias. O gemido dos fantasmas ficou tão ruim que eu não conseguia ouvir meus pensamentos. Quando o *Mesektet* começou a se sacudir, doido para ir embora, eu o contive pelo máximo de tempo possível.

– Eu sei – falei, surpresa ao ver uma umidade reveladora nos olhos dele. Não querendo que o grande capitão, o barqueiro, fosse apanhado num estado tão emotivo, mudei de assunto: – A que distância estamos de Heliópolis?

– Agora não está longe. A costa fica logo depois do horizonte. Vocês quatro dormiram boa parte do caminho. Fiquei surpreso quando me encontraram. Os deuses devem estar sorrindo para vocês, para terem chegado tão longe sozinhos.

– Acho que, se os deuses estivessem mesmo sorrindo para nós,

estaríamos um pouco melhor do que agora.

– Talvez. Os deuses andam meio ocupados ultimamente.

– É. Imagino que sim.

Nesse momento o barco se sacudiu, atingido por alguma coisa por baixo. Cherty pegou suas varas pontudas na lateral, erguendo-as.

– Pegue o leme, mocinha, enquanto vou ver que fera está caçando a gente.

Outro golpe balançou o navio. Asten e Ahmose se inclinaram sobre a amurada, apontando para alguma coisa. Olhei por cima do ombro e vi uma cauda espinhenta e blindada desaparecer no rio. Os dois fantasmas tinham se aproximado mais de mim. Eu não sabia se eles queriam minha proteção ou se estavam apenas curiosos. Amon veio até mim rapidamente, um par de espadas malignas se materializando em suas mãos.

– Nunca vi essa fera antes – gritou Cherty.

– Nós vimos – retrucou Amon. Para mim, acrescentou: – É o necromante.

O alarme percorreu meu corpo.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Como ele nos encontrou?

– Não sei, mas teremos de acabar com ele de uma vez por todas.

– Mas como? Ele é tão grande!

– Vamos lhe dar uma segunda morte.

– Mas você disse que ele só estava semimorto. Então não o matamos completamente antes.

– Está certa. O feitiço que Hassan usou o baniu do reino mortal. E ele veio para cá. – Amon me segurou firme enquanto o barco era empurrado de lado, correndo o risco de emborcar. – Precisamos acabar com ele de uma vez por todas. Fique aqui. E não use seu poder. – Quando assenti, hesitante, ele baixou a cabeça para me olhar nos olhos. – Por favor – acrescentou, esperando que eu respondesse, depois de ter lido meus pensamentos.

Quando ficou satisfeito com minha reação, foi ajudar os irmãos.

Ahmose invocou os mesmos meteoros que tinham mantido Apep longe e os fez chover sobre o rio. Sua maça de aparência maligna, prateada e afiada, e o machado mortal estavam a seus pés, esperando para ser usados. Asten empunhava seu arco e disparou as flechas contra a água enquanto a fera passava embaixo do barco. Os projéteis se moviam mais como torpedos do que como flechas assim que batiam na água, mas mesmo assim resvalavam no couro áspero do crocodilo.

Amon invocou a poder do sol e bolas de fogo gigantes apareceram em suas mãos. Ele as atirou contra a fera, mas esta submergiu. O réptil gigante passou por baixo do navio, levantando-o nas costas. O *Mesektet* despencou na água com um estrondo. Fiquei aliviada ao ver Ahmose ainda na proa, mas Asten e Amon tinham sumido.

– Onde eles estão? – gritei, mas no mesmo momento olhei para a água e soube.

Asten e Amon desciam rapidamente o rio estrelado, cavalgando as costas da fera e golpeando-a com suas armas. Em retaliação, a fera mergulhou, deixando-os na superfície. O rio ficou imóvel e, enquanto Amon e Asten voltavam para o barco, examinei o horizonte, à procura do monstro que eu sabia que espreitava embaixo da superfície.

Então vi a criatura emergir. Sua cauda poderosa se agitava para trás e para a frente e as mandíbulas enormes se escancararam para engolir os homens que nadavam. Sebak dirigiu-se à minha mente:

Eu disse que voltaria para pegar você. Esta refeição será tremendamente prazerosa.

Ahmose usou seu poder para fazer chover pedras flamejantes sobre a fera, mas muitas erraram o alvo. Ele estava obviamente preocupado com a possibilidade de acertar Amon e Asten. Os dois alcançaram o navio e estavam subindo a bordo. Mas o monstro continuava vindo em nossa direção, a boca aberta, os dentes afiados brilhando à luz das estrelas. Ia abalroar o barco e partir os dois ao meio com uma mordida.

– Não! – gritei, escalando a amurada enquanto Ahmose os ajudava a subir. – Você não vai pegá-los!

Justo quando eu ia canalizar meu poder, ouvi o som de pés no convés.

– Venha, fera! – gritou Cherty, correndo. – Mostre o que você tem!

E então saltou por cima da amurada com um terrível grito de guerra, levantando as varas pontiagudas acima da cabeça. Minha respiração ficou presa nos pulmões enquanto eu o olhava cair com as armas apontadas para cravá-las na cabeça do crocodilo. O monstro inclinou a cabeça para cima no último minuto e pegou Cherty pela cintura. O corpo imenso bateu no barco, criando um buraco enorme que fez entrar a água. Eu sabia que o barco ia se curar, mas não podia dizer o mesmo do capitão.

Com um estalo terrível, as mandíbulas do bicho se fecharam de novo e de novo. O grito de Cherty se transformou num gorgolejo quando o crocodilo o sacudiu com força e engoliu a metade inferior de seu corpo enquanto se agitava na água. O capitão reuniu as últimas forças e conseguiu golpear a fera no olho com uma das suas varas, mas isso não bastou. Inclinei-me sobre a amurada, cobrindo a boca com a mão, vendo, dominada pelo choque e o terror, Cherty desaparecer, descendo aos poucos pela garganta pálida do crocodilo até sumir totalmente.

– Não! – gritei, meu corpo todo tremendo de fúria e dor enquanto eu socava o corrimão.

As lágrimas turvaram minha visão e eu também me transformei em fera. Rapidamente enxuguei os olhos, gostando das trilhas quentes e ardentes que desciam por meu rosto. *Eu vou destruí-lo.*

Um par de braços me envolveu. Eu me debati.

– Asten, me solte! – exigi.

– Não há como ajudá-lo agora.

– Mas eu posso...

– *Não.*

Não havia hesitação na voz de Asten. Ele não admitiria discussão. O horror e a angústia me atravessavam como uma coisa viva. Eu me contorcia, mas Asten se manteve firme. Nesse momento, o crocodilo gigante saltou da água, saindo inteiramente do rio e deslizando por cima

do barco como se fosse um pássaro reptiliano gigantesco procurando um peixe.

Amon e Ahmose agiram. Os dois correram e saltaram, erguendo as armas até a barriga exposta do crocodilo. Quando este passou sobre eles, as lâminas acharam o alvo e se cravaram fundo na pele macia dali. Densas cortinas de sangue preto escorreram dos cortes fundos. Quando ele chegou ao outro lado do barco, já sabíamos que estava mortalmente ferido.

O bicho caiu pesadamente no rio e nós esperamos, a respiração suspensa, atentos à água agitada até que ela se acalmou. Não havia sinal da fera. Nenhum movimento na água. Então algo se agitou. A princípio eu não tive certeza se era o crocodilo gigante, o corpo pálido virado na água, mas era. Tinha finalmente morrido.

Amon e Ahmose vieram até mim, manchas de sangue preto no rosto e nos braços. O rio ficou oleoso, a superfície puxada para trás como pele rasgada, expondo a fera degradante que tinha vivido dentro dele. Rapidamente a água recomeçou a borbulhar enquanto criaturas invisíveis, atraídas pelo cheiro do sangue do crocodilo, começavam a se refestelar. Enjoada e de coração partido, virei-me e encostei o rosto no ombro de Asten, soluçando, inconsolável.

Só ergui a cabeça quando ouvi um som estranho. Os dois fantasmas que tinham ficado encolhidos o tempo todo estavam sussurrando, olhando as estrelas.

– O que... o que eles estão dizendo? – perguntei.

Estavam falando uma língua que eu não entendia.

Asten franziu a testa.

– Estão dizendo... Mestre, o necromante morreu. Eles estão chegando!

– O quê? Não enten...

Com uma expressão violenta, Amon decepou a cabeça dos dois fantasmas.

– Eram *shabtis* espionando para Seth – disse. – Agora ele já sabe.

Ahmose passou por trás de mim, indo para o leme, e o navio se

moveu à frente com um espasmo, apenas parcialmente refeito. Logo deixamos para trás o cadáver semicomido do necromante, além dos restos do nosso querido amigo. Eu estava inconsolável. Amon tentou fazer com que eu comesse ou bebesse, mas recusei todas as tentativas deles para me reconfortar. Quando a costa de Heliópolis surgiu no horizonte distante, não senti nada. Nem alegria nem necessidade de ajudar os deuses. Tudo o que eu sentia era tristeza pelo que fora perdido.

Nem sequer registrei o fato de que estávamos afundando lentamente.



Heliapocalipse

Foi Amon quem percebeu primeiro.

– O barco está morrendo – disse ele.

Alguma coisa nessas palavras provocou uma reação interior histérica, errada, e um riso meio de espanto, meio insano, irrompeu da minha boca. O *Mesektet* estava morrendo? Supus que isso fazia sentido. Ele era ligado ao seu capitão. Sem Cherty, o navio não podia ou não queria se curar. Asten e Ahmose se esforçaram para nos manter flutuando pelo maior tempo possível, mas logo ficou óbvio que teríamos de deixá-lo para trás.

Encolhi-me, imaginando se iríamos afundar com o navio. Existiam coisas malignas morando na água. Criaturas monstruosas em forma de vermes que teciam redes para capturar as presas, parentes maldosas das sereias chamadas serinas. Havia uma infinidade de peixes venenosos e agressivos à espera da próxima refeição. Eu havia tido uma experiência bem direta com alguns daqueles monstros. Na minha tristeza pela morte de Cherty, olhava-as com muito pouco medo. Depois de batalhar com o necromante, qualquer coisa parecia fácil.

– Vocês não podem se transformar e voar até o litoral? – perguntei a Asten.

Parecia a solução mais lógica. Mas ele explicou, nervoso:

– No momento em que o *Mesektet* afundar, Heliópolis vai desaparecer de vista, exatamente como a Ilha dos Perdidos.

Provavelmente ficaríamos desorientados de novo no Rio Cósmico. O melhor que podemos fazer é nadar até a costa agarrados a um pedaço dele.

Parecia que um pedaço era mesmo tudo o que teríamos, isso com sorte. O *Mesektet* não estava apenas afundando, mas também encolhendo. A proa e a popa estavam muito mais próximas uma da outra do que originalmente e os costados também iam se estreitando cada vez mais. O mastro rachou, caiu no rio e foi cercado por criaturas que mastigaram as velas e destroçaram a madeira em pedacinhos, como se o barco fosse uma coisa viva. Observei aquilo tudo sentindo uma dor fria no coração.

Sentada na parte de trás, com a água batendo nos dedos dos pés enquanto seguíamos lentamente, passei a mão pelas tábuas escorregadias e sussurrei minha tristeza para o navio. Disse quanto admirava seu capitão e como o achei – a ele, *Mesektet* – lindo na primeira vez em que embarquei. Não tinha certeza se a embarcação ainda estava viva ao seu modo nem se me entendia, mas o *Mesektet* pareceu reagir, pelo menos segundo minha perspectiva. O leme se moveu, virando-nos em direção ao litoral distante.

Os rapazes corriam de um lado para outro no convés jogando fora tudo o que podiam, para nos dar mais tempo de diminuir a distância, e tentavam o mais rápido possível tirar a água do rio que entrava. Ahmose usou seu poder para erguê-la e jogá-la para fora, mas ela penetrava de novo quase instantaneamente. A água sibilava pelos costados, sacudindo as tábuas perto de mim, e finalmente inundou a proa. Então soubemos que não tínhamos opção a não ser deixar o navio.

Assim que os irmãos começaram a vir na minha direção, houve um estrondo quando uma criatura grande mordeu a proa. A popa ergueu-se da água e cravei as garras na madeira para me segurar. O que quer que fosse, arrancou um naco do convés. Quando a criatura caiu de volta, o rio invadiu tudo numa onda furiosa, sibilando. O navio caiu de novo na água e então finalmente desistiu.

Quase pude senti-lo partindo. Era algo tão tangível quanto a perda de Cherty.

A água subiu, alcançando a minha cintura, e eu já não podia sentir o convés com os pés. Fiquei boiando enquanto resistia ao puxão do navio que afundava embaixo de mim. Bolhas irromperam em volta do meu corpo e alguma coisa agarrou meu braço e puxou. Bati em um peito sólido.

– Aqui – disse Amon, colocando um pequeno pedaço do navio em meus braços. – Precisamos nadar para longe dele o mais rápido possível. Vamos torcer para que ele atraia todos os predadores por enquanto.

Senti náuseas por usar o navio avariado de Cherty daquele jeito. Era como jogar um amigo para um bando de zumbis com o objetivo de salvar minha pele. Mas minhas pernas se moveram automaticamente quando Amon começou a me puxar. Asten e Ahmose aproximaram-se, cada um deles assumindo posição à minha volta, como se quisessem atrair a atenção para longe.

Asten segurava um pedaço da amurada e Ahmose uma seção do mastro. Quando olhei para o que eu tinha nas mãos, vi que era a cana do leme. Ainda que o litoral parecesse próximo, o rio nos empurrava em sentido contrário e lutamos por mais de uma hora antes de as ondas finalmente nos ajudarem e nos impelirem para a margem.



– Você sabe onde estamos? – perguntei a Ahmose.

A areia cobria minha pele, mas eu estava tão agradecida por me encontrar em terra que não me importei. A estela curativa começou a atuar sobre os cortes e arranhões da minha pele. Quando eu estivesse inteira, ia usá-la em cada um deles também.

– Do outro lado de Duat. Teremos de ir a pé para Heliópolis. Amon-Rá proíbe qualquer pessoa de se mover por suas terras usando tempestade de areia.

Assenti com a cabeça.

– Então vamos. Festejaremos em memória de Cherty quando

chegarmos lá.

Seguimos rapidamente pelo terreno montanhoso até que o sol se pôs sobre as colinas. Enquanto Ahmose e Amon faziam uma fogueira, eu tirei o arco das costas.

– Venha, Asten – falei. – Vamos caçar.

Amon ergueu os olhos com uma expressão interrogativa, mas não disse nada. Ahmose simplesmente não nos olhou. Mas Asten me dirigiu o sorriso que eu não via desde o sonho.

– Sim, minha devoção.

– Corte o papo de "devoção", caso contrário Tia vai acabar caçando você.

– Isso pode ser interessante.

Ele invocou a areia, que formou seu arco e uma aljava com flechas de ponta em forma de losango.

A noite estava escura. Muito poucas estrelas enfeitavam o céu, mas, com meus olhos de felina, a paisagem era facilmente visível, ainda que em vários tons de verde. Encontrei uma trilha de caça e a segui por vários minutos, ajustando a audição aos sons noturnos, até deparar com um cheiro irresistível, que já me era familiar. Sentindo-me mais leoa do que humana, fui me esgueirando, parando para esperar por longos minutos de cada vez.

Peguei o arco, mas de repente parei, olhando as imagens gravadas na madeira. Antes elas eram estranhas para mim. Misteriosas. Escritas numa língua que nem o Dr. Hassan conhecia. Mesmo à luz fraca das estrelas, os relevos brilhavam como se iluminados por dentro.

Passando o dedo pela borda, entendi subitamente o significado delas. Agora eu sabia qual o verdadeiro objetivo do arco. Joguei-o fora imediatamente. Ele caiu no capim aos meus pés enquanto eu o olhava horrorizada.

– O que foi? – perguntou Asten, dando a volta na árvore para me encarar.

Ele havia abatido um animal. O cheiro de sangue estava nas suas mãos, quente e metálico. Era o cheiro de vida e morte. Normalmente a

leoa que havia em mim não acharia nada de mais. Tia apreciava o fato de Asten ser um caçador ousado como ela. Mas minha parte humana se encolheu enquanto o sangue de uma criatura totalmente diferente preenchia minha mente.

Apontei para o arco.

– É dela – murmurei baixinho, a voz se afastando na brisa que levantava meus cabelos, afastando-os dos meus ombros.

– O que é dela? – insistiu Asten.

– O arco. Não é para uma esfinge. Não é meu nem de Tia. Ele foi feito para Wasret. É ela quem deve usá-lo em batalha.

Olhei o rosto bonito de Asten, agora sombreado, a boca tensa.

– Sei – disse ele.

Mas ele não sabia. Não de verdade. Começando a andar de um lado para outro e retorcendo as mãos, tentei explicar:

– Eu li. Os relevos. E então ele... ele falou comigo. Terei de sacrificar alguém que eu amo para matar a fera.

– Tem certeza? – perguntou Asten baixinho.

– Tenho.

– Lily – disse ele, ficando na minha frente para fazer com que eu parasse de andar –, vai ficar tudo bem.

– Não. Não vai, Asten. Você não entende? Wasret tem uma queda por Ahmose. Ela acha que ele vai ser o companheiro dela quando tudo isso acabar. Com isso restam apenas... apenas Amon e... e você.

– Talvez haja mais coisas do que parece.

– Não é assim que Wasret age. Nós mantivemos fragmentos dos pensamentos dela. Ela é muito direta. Se está se inclinando para Ahmose, significa que você ou Amon pode acabar fora de cena, e ela sabe disso.

Esperei que ele dissesse alguma coisa, mas pelo visto Asten tinha outras ideias. Ficou me examinando por um breve instante e depois voltou para o riacho e lavou metodicamente as mãos.

– Não vamos sacrificar você, Asten – falei, indo atrás dele.

Ele se levantou, pegou a carcaça do animal que tinha matado e a

pendurou nos ombros, depois me dirigiu um sorriso tenso.

– Sei que não sou a primeira opção, Lily. Na verdade, eu esperava algo assim. Era só uma questão de tempo até que o Cosmo colocasse as coisas de volta em equilíbrio.

– O que você está dizendo? Que quer morrer?

– Não. Não quero morrer. Mas sou... sou diferente dos meus irmãos. Mais dispensável.

– Para mim, não.

– Seja como for, pequena esfinge, esta não é a hora para pensar nessas coisas. Na verdade, acho que é hora de comer. Estou faminto. O que acha de esquecermos essa pequena revelação por enquanto e voltar para fazer o jantar?

Minhas passageiras e eu ficamos irritadas com o modo como Asten recebeu a notícia. Também nos incomodou o fato de, bem no fundo, acharmos que ele podia estar certo. Peguei o arco, ainda que agora odiasse aquela coisa, e o pendurei com raiva nas costas.

Amon se levantou para ajudar Asten a preparar nossa caça quando entramos no acampamento. Sentei-me perto de Ahmose com uma careta. Amon e Ahmose provavelmente acharam que eu estava irritada com Asten, mas eu estava furiosa era comigo mesma. Se fosse por mim, Tia e Ashleigh, não haveria dúvida. Não sacrificaríamos nenhum deles. E mesmo sabendo que Wasret não era nós, não de verdade, todas nos perguntávamos em que havíamos colaborado para que ela fosse o que era. Nós nos sentíamos traidoras.

Por que o Cosmo podia nos dar aqueles três homens maravilhosos como companheiros e depois esperar que sacrificássemos um deles? Não parecia justo. Não que qualquer coisa que tivesse acontecido até agora fosse justa.

Era justo termos perdido Cherty? Era justo que Tia e Ashleigh não tivessem corpos próprios e fossem forçadas a ser passageiras no meu? Era justo que nós três devêssemos de algum modo salvar o Cosmo? Não. Não queríamos nada disso.

Enquanto comíamos, peguei o arco odiado e examinei as marcas,

esperando que tivesse entendido mal. Asten não sentiu necessidade de contar minha revelação aos irmãos e eu achei que precisava pensar um bocado nela antes de lhes contar. Os fachos de seus olhares me assombravam no escuro: prata, ouro e verde. Qual daquelas luzes eu iria apagar?

Passei as pontas dos dedos ao longo do arco. Não era uma língua, pelo menos não como qualquer outra da Terra, mas eu discernia o significado, e quanto mais olhava, mais clara a mensagem ficava. O arco tinha sido feito muito, muito tempo antes. Milênios antes, na verdade. Tinha um objetivo muito específico, e esse objetivo estava delineado. Ele fora criado para destruir Aquele Que Desfaz. O problema, e a parte que eu não conseguia aceitar, era que o arco só encontraria seu alvo verdadeiro, cumpriria o objetivo para o qual fora criado, depois do sacrifício de uma pessoa amada por quem o empunhava. Eu.

Apertando o arco quase a ponto de quebrá-lo, jurei que preferiria perder a batalha do Cosmo a perder um dos nossos rapazes. Se tivéssemos de morrer para que isso acontecesse, que fosse.

Ao concluir a promessa, um minúsculo fiapo de energia percorreu minhas veias. Então tive uma ideia e trabalhei com ela na mente, memorizando-a. Mesmo se Wasret surgisse de novo, ela iria se lembrar. Esperávamos que isso bastasse.

Devo ter caído no sono, porque acordei com o sol da manhã no rosto, as mãos apertando o arco com força.

– Bom dia – disse Amon, agachando-se e me dando um pedaço frio de carne. – Ahmose está procurando um caminho. Asten o acompanhou.

Assenti com a cabeça e movi o arco para as costas, só para ver que Amon segurava meu arnês.

– Você o tirou de mim?

– Achei que você dormiria melhor sem as facas cutucando suas costas.

– Eu devia estar mesmo exausta para não acordar – falei, enfiando as mãos pelas alças de couro.

– Estava. Você nem se mexeu quando a ajeitei. Foi... desconcertante.

Segurei seu braço.

– Estou bem. Garanto.

– Quer conversar sobre isso? – perguntou ele, pondo o arco às minhas costas.

Amon sempre fora capaz de me decifrar com facilidade, mesmo antes de ter meu escaravelho do coração. Perscrutei-o, tentando identificar se estava conectado aos meus pensamentos, mas aparentemente ele havia desligado essa habilidade ao ver como isso me deixara desconfortável. Mesmo assim, era óbvio que ele sabia que algo estava errado.

– Não – respondi com um suspiro pesado. – Pelo menos não por enquanto.

Ele começou a se afastar, mas pus a mão em seu braço para detê-lo.

– Amon? – chamei. – Você pode... – Mordi o lábio com os dentes antes de continuar: – Você pode me ensinar a colocar o seu escaravelho do coração num lugar mais seguro?

Amon inclinou a cabeça, me examinando.

– Quer dizer, guardá-lo como eu faço?

– Sim. – Fiz um gesto com as mãos. – Não agora, só quero saber como fazer quando estiver preparada.

– Entendo.

Ele parou por um momento, em seguida pôs a mão sobre o coração e tirou minha pedra. A joia reluzente brilhou na palma da sua mão. Fiquei com vontade de examiná-la mais. Não havia tido a chance de observar as diferenças entre a dele e a minha, mas sabia que tínhamos apenas alguns instantes até a volta de Ahmose e Asten.

– Para colocá-lo dentro de você – explicou ele –, basta pensar na pessoa amada enquanto segura o coração dela. E no que você sacrificaria para mantê-la em segurança. – Amon colocou a joia perto do peito e fechou os olhos. – Seu corpo absorve automaticamente a pedra, para protegê-la. – Lentamente o escaravelho se fundiu à sua pele. – Mas, Lily – disse ele assim que o escaravelho desapareceu –, depois de fazer isso, o seu coração só vai ansiar por essa pessoa. É um compromisso que não pode ser rompido.

Pus a mão sobre seu coração.

– E você fez isso por mim? – murmurei.

– Fiz. E não me arrependo.

Mais do que qualquer coisa, desejei ser capaz de retribuir seu gesto doce naquele momento. Mostrar a Amon como eu me sentia. Que estava tão comprometida com ele quanto ele comigo. Mas eu não podia fazer aquilo. Ainda não. Em vez disso, ofereci-lhe um sorriso doce e um beijo suave.

– Prometo que seu escaravelho logo estará ao lado do meu coração – falei.

Amon me abraçou e aninhou minha cabeça sob seu queixo enquanto acariciava meus cabelos.

– Encontramos um caminho! – gritou Ahmose entrando no acampamento.

Afastei-me de Amon, lamentando não ter sido mais rápida ao ver a expressão de dor no rosto de Ahmose e no de Asten. Mesmo assim, consegui lhes dar um sorriso de encorajamento.

– Vamos indo, então – falei. – Temos muito a fazer.



À tarde escalamos um pico alto. O vento trazia um cheiro terrível e familiar de deterioração e podridão. Quando chegamos ao cume, olhamos para baixo e minha respiração ficou presa no peito. Vínhamos viajando por florestas densas cheias de caça. Agora, vendo o que se estendia à nossa frente, entendi por que a floresta estava tão apinhada de animais.

– Tudo queimado – falei. – O que poderia ter feito isso?

As grandes árvores e as colinas estavam enegrecidas, e os tocos restantes pareciam fileiras e mais fileiras de lápides. Havia buracos no chão, onde os animais que tinham tocas haviam tentado se esconder, mas dava para sentir o cheiro de suas carcaças calcinadas apodrecendo. Um

monte escuro se mexeu e se desfez. Um grito ressoou quando uma massa de seres alados, pássaros parecidos com morcegos, saiu de cima de uma criatura caída e subiu no ar.

Ao reconhecê-los, deixei escapar um silvo.

– Eles não deveriam estar em Heliópolis – falei baixinho, o horror tomando conta de mim.

– Não – concordou Ahmose. – Eles só aparecem quando sua senhora está por perto.

– A Devoradora está aqui – disse Amon, a voz falhando.

Não havíamos tido muito tempo para conversar sobre o que ela havia feito com ele, mas eu tinha uma boa ideia. Se ela estava em Helióplis, coisas pavorosas vinham acontecendo.

– Mas certamente os deuses... – comecei.

– Se ela está aqui – disse Amon –, é possível que eles tenham abandonado a cidade.

Agachamo-nos atrás de uma pedra grande, esperando que as criaturas parecidas com morcegos deixassem o vale. Se nos vissem, certamente alertariam sua senhora.

– Eles estão indo para Heliópolis – afirmou Ahmose. – Tenho certeza.

Depois de uma breve discussão, decidimos permanecer no caminho para Heliópolis. Entraríamos na cidade ao escurecer e tentaríamos descobrir o que estava acontecendo antes de darmos o próximo passo. Asten usou sua capacidade para nos encobrir com uma névoa de sombras e Ahmose escondeu o sol atrás de nuvens enquanto descíamos a encosta.

Quanto mais perto chegávamos da cidade, mais terrível a situação parecia. Onde houvera construções reluzentes, com plantas verdes pendendo como véus nas laterais e pontes ligando-as entre si, agora víamos cascas arruinadas. Parecia que bombas tinham sido jogadas sobre toda a cidade. Grandes crateras estavam cheias de entulho e pedras. O grande estábulo e os jardins de Osíris estavam completamente arrasados. Até o rio, normalmente de um roxo brilhante onde tocava a margem, estava quase preto e destroços eram lançados de um lado para outro na praia.

Não havia sinais dos cidadãos que tinham seu lar na cidade. Eu não sabia se isso era bom ou ruim. Sabia que a Devoradora gostava de juntar pessoas e se alimentar delas. Talvez já tivesse comido todo mundo. Mais provavelmente estava com todos trancados para uma diversão fácil. Onde estaria Amon-Rá? Como ele podia abandonar sua grandiosa cidade?

Olhei a torre alta onde Amon-Rá morava e de onde governava. Ainda estava intacta. Talvez ele ainda estivesse ali. Talvez tivesse conseguido impedir a Devoradora de entrar e ele e seu povo estivessem trancados lá dentro. Quando apontei para ela, todos concordaram que precisaríamos saber, por isso buscamos um lugar onde pudéssemos ficar escondidos até a noite.

Eles encontraram uma casa meio destruída que devia ter pertencido a um sapateiro, pois havia pedaços de calçados inacabados por toda parte, além de moldes de solas de tamanhos diferentes. Asten e Amon remexeram no entulho até que cada um encontrou um par que lhes servia. Ahmose usou sua pouca energia para curar os pés feridos e doloridos dos dois e, quando terminou, sentou-se, ofegante. Tínhamos descoberto, para minha consternação, que a Estela de Cura de Hórus só funcionava em mim.

De onde eu encontrava sentada, fitei Ahmose e falei:

– Você não acha que deveria me contar o que fez?

– Você não sabe? – perguntou Amon, a surpresa evidente em seu rosto.

– Não. Ele não quer me contar. Só sei que fez alguma coisa para me salvar e se exauriu a ponto de nem mesmo Wasret conseguir consertar. Pelo menos não sem canalizar seriamente seu poder.

– Não foi nada – disse Ahmose. – Qualquer um de nós teria feito o mesmo. Além disso, *agora* não importa.

Suas palavras simples eram tremendamente reveladoras. Eu sabia que ele não estava mais falando sobre a fraqueza de seu corpo.

– Para mim, importa.

Ahmose ergueu a sobrancelha, no rosto uma expressão de teimosia, e

me dirigiu um olhar que eu entendia bem.

Estreitei os olhos.

– Ei. Apesar do que você pensa, eu não o traí. Se alguém estava induzindo alguém, era mais você do que eu. Pelo menos eu tinha a desculpa da perda de memória. Você sabia. Você sabia como eu me sentia e optou por agir assim mesmo.

– Talvez sua memória não esteja tão intacta quanto você acredita, amor. Eu não a pressionei a fazer nada que você não quisesse.

– Seja como for...

– Lily? – Amon tocou meu braço e eu fechei a boca imediatamente, sentindo o rosto esquentar. Tínhamos uma plateia, na verdade uma plateia muito incômoda. – Talvez você devesse retornar à sua questão original. Ahmose sempre foi hábil em distrair a mim e a Asten de qualquer coisa que ele não quisesse contar.

Asten, no outro canto, deu uma risadinha.

Cruzei os braços e lancei um olhar muito sério a Ahmose.

Suspirando, Ahmose levantou um joelho e o envolveu com as mãos.

– Eu abri mão de parte de mim para salvar sua vida quando você morreu com a picada da serpente.

Meu queixo caiu, mas, de algum modo, consegui falar.

– Eu... – gaguejei. – Eu... *morri*?

– Você estava quase morta quando bateu na água. Quase todos os ossos do seu corpo se despedaçaram com o impacto. Com o veneno de Apep correndo nas veias, seus poderes foram quase anulados. Quando a água entrou nos seus pulmões, você se afogou. Cherty descobriu suas três almas trêmulas encolhidas num canto do navio. Tivemos de trabalhar juntos para curar você e colocar todas de volta no lugar.

Vocês têm alguma lembrança disso?, perguntei a Tia e Ashleigh.

Quando elas responderam que não, perguntei:

– O que você fez?

– Tirei seu corpo da água, usei meu poder para limpar o líquido dos seus pulmões e depois disse a Cherty que colocasse vocês três no corpo.

Ele, claro, disse que não podia fazer isso. Pelo menos não sem que eu pagasse um preço alto.

Engoli em seco.

– Com que você pagou?

– Você deve entender que Cherty, se pudesse, teria feito mesmo sem o pagamento, mas o Cosmo exigia um equilíbrio, uma troca.

– Quanto? – perguntei de novo, tremendo enquanto esperava a resposta.

Ahmose ficou em silêncio.

Como ele não falava, Amon interveio:

– Ele precisou dar alguma coisa em troca de cada uma de vocês. Vocês se lembram dos jarros canópicos? Que eles contêm energia suficiente para nos sustentar enquanto estamos vivos?

Confirmei com a cabeça.

– Ahmose abriu mão de três dos seus quatro jarros – prosseguiu Amon. – Por Tia, ele abriu mão de seu domínio sobre os animais. Por Lily, abriu mão da capacidade de extrair energia da Lua. E, por Ashleigh, abriu mão das asas.

Pude ouvir Ashleigh soluçando no fundo da minha mente. Lágrimas quentes também ardiam em meus olhos.

– Foi por isso que ele não conseguiu se transformar no grou – murmurei.

– Sim. E também é por isso que ele está tão exaurido. Ele não ousou abrir mão de seu dom de desbravador nem da capacidade de curar os outros. E, obviamente, ainda precisava da capacidade de comandar o tempo. Mas, sem tirar energia da Lua, ele mal consegue se sustentar. Todos os poderes que manteve se enfraquecem se não são renovados, especialmente quando ele os usa com muita frequência.

Olhei para Ahmose, que estava examinando as próprias mãos cruzadas.

Depois de apertar a mão de Amon, fui até Ahmose e segurei seu braço pesado, passando-o pelos meus ombros.

– Obrigada – falei, dando um beijo suave em seu rosto.

Ahmose suspirou fundo e me puxou para mais perto, de modo que eu pudesse pousar a cabeça em seu peito.

– Como eu disse – seu peito ribombava sob o meu rosto enquanto ele falava –, qualquer um de nós teria feito o mesmo.

A sala ficou silenciosa. Devíamos ter dormido, porque toda aquela conversa parecia um sonho, até que acordei envolta nos braços fortes de Ahmose. Ele piscou, abrindo os olhos, e esfregou minhas costas. O luar se derramava sobre nós por uma janela quebrada e eu me desesperei, pensando que ele não podia mais obter forças dos raios prateados. Com um sorriso de desculpas, deixei-o e fui até a porta aberta que pendia frouxamente das dobradiças, onde Amon estava.

Ele roçou os lábios na minha testa e me lançou um olhar pungente, um olhar que dizia que entendia e não precisava ser tranquilizado por mim. Estendi a mão e ele a segurou, prendendo-a calorosamente na sua.

– Você acha que é seguro tentar entrar lá agora? – perguntei.

– Se vamos tentar, agora é a hora certa – replicou ele.



O vento corria pelos espaços entre as casas e as lojas, assobiando lugubremente e gemendo feito os fantasmas plantados no Pântano do Desespero enquanto íamos em direção à torre.

Finalmente encontramos uma entrada escura para a torre que estava aberta. Eu já ia sair ao luar para ir até lá quando Asten me puxou de volta e apontou para cima. No alto da torre, quase escondidas na construção, havia grandes criaturas com asas espessas.

– O que são essas coisas? – sussurrei. – São muito maiores do que os morcegos da Devoradora.

– Ouvi falar neles, mas nunca tinha visto nenhum, nem no mundo dos mortos. São chamados de demônios do céu. Você poderia pensar que são gárgulas, mas eles são muito, muito piores do que qualquer coisa que

o mundo mortal possa imaginar. São um cruzamento entre os lacaios alados da Devoradora e seus lobos.

– Como vamos passar por eles?

Em resposta, Asten criou uma de suas nuvens de vaga-lumes mágicos. Entramos todos nela e começamos a atravessar lentamente o terreno enluarado em direção à torre. Um guincho veio lá de cima, seguido por outro. Eu teria corrido, mas Amon me conteve.

– Eles sabem que estamos aqui. Podem sentir nosso cheiro, mas não podem nos ver – sussurrou.

Criaturas aladas decolaram, enxameando o ar com seus corpos escuros. Moviam-se acima da terra como bolas espelhadas de discoteca captadas em negativo. Quando finalmente atravessamos a porta, Asten deixou sua magia se esvair e prosseguimos pelo interior da torre.

Os corredores estavam escuros; os candelabros nas paredes, apagados. Belíssimos espelhos dourados tinham sido estilhaçados; cortinas diáfanas, rasgadas; as varas, quebradas. Até o piso de ladrilhos antes brilhante tinha sido destruído, seus lindos padrões arruinados.

Subimos um andar após outro, encontrando apenas destruição. Por fim alcançamos o último, onde Amon-Rá morava. Quando chegamos ao átrio grandioso onde eu havia conhecido Hórus, levantei a mão. Tinha ouvido alguma coisa. O ofegar de um homem ou de um animal e o retinir familiar de correntes.

Fui me esgueirando por trás de uma cortina e olhei a cena à minha frente. A fonte dourada fora derrubada e as árvores haviam sido reduzidas a tocos queimados. No divã onde Hórus tinha tentado me seduzir, havia uma figura reclinada. Parecia estar totalmente sozinha e seus membros estavam acorrentados ao chão.

Em silêncio, dei a volta para ter uma visão melhor, com os Filhos do Egito me seguindo. Parávamos com frequência, a leoa dentro de mim paciente e atenta. Juntos esperamos e tentamos ouvir qualquer sinal de alerta por parte do homem, mas ele parecia estar dormindo. Minhas narinas se abriram quando senti cheiro de suor e sangue. Chegamos mais perto.

Puxando a cortina para olhar melhor, vi o hematoma roxo na lateral do rosto do homem. De repente ele se mexeu, o olhar se fixando nos meus olhos.

– Lily – disse ele num sibilo engasgado, a boca inchada mal conseguindo formar as palavras.

Saí do meu esconderijo.

– Osíris? – perguntei. Quando vi o que tinha sido feito com ele, me encolhi. Sua perna, do joelho para baixo, havia sumido. O coto estava coberto por ataduras frouxas e ainda sangrava. Havia um machado de duas lâminas encostado à parede, com manchas vermelhas nos gumes. Ajoelhei-me ao lado dele, pondo a mão em seu braço trêmulo. – O que aconteceu com você? – perguntei, a voz embargada.

– Não há tempo – murmurou ele. – Você precisa se juntar aos outros. Estão escondidos no grande ovo de serpente. No topo do monte Babel. – Ele tossiu e o sangue escorreu de sua boca. – Ela não pode encontrar você aqui!

Amon e Asten surgiram por trás de mim. Osíris olhou para eles, suplicante.

– Por favor – disse com um gorgolejo –, levem-na. Agora!

– Mas podemos ajudar você – comecei.

– Não devem fazer isso. Ela vai saber que estão aqui. Não se preocupem comigo – disse quando viu a hesitação no meu rosto. – Ela só pode fazer mal ao meu corpo. Minha alma pertence a Ísis. Enquanto ela estiver viva, eu sobreviverei.

Ouviu-se um barulho no corredor ao lado.

– Vão! Depressa!

Um instante depois de nos enfiarmos atrás da cortina ouvimos o ruído de saltos quando alguém entrou na sala.

– Estamos falando sozinhos agora, Osíris? Algum passarinho veio visitar você? Não? Ah, bem. Ainda podemos ter esperança. Bom, meu bichinho bonitinho, onde é que estávamos? – Ela deu uma risada sedutora. – Isso mesmo. Estávamos discutindo onde sua mulher pode estar escondida. – Como não houve resposta, ela continuou: – Não se

desespere. Tenho a intenção de ficar com você para mim assim que meu senhor a tomar como esposa. Afinal de contas, vou precisar de alguém para me distrair. Pelo menos por um tempo. Vai ser um tremendo prazer olhar a chama do amor entre vocês tremular e morrer enquanto ele desfaz o laço entre os dois.

Meus punhos se fecharam escutando a voz da mulher que eu tinha passado a odiar. Só as mãos de Amon nos meus braços me impediam de atacá-la. Uma luz verde se esgueirou por baixo da cortina. Eu sabia que isso significava que a Devoradora estava se alimentando de Osíris. Enquanto ela estava ocupada com ele, recuamos em silêncio, mantendo-nos por trás da cortina. Asten nos cobriu com sua nuvem cósmica para não sermos notados.

Parecia errado demais dar as costas ao deus capturado, mas, a não ser que eu estivesse disposta a me entregar a Wasret outra vez, sabia que não éramos páreo para a Devoradora. Fechei os olhos e deixei as lágrimas correrem em silêncio ao sairmos da sala. Assim que nos vimos fora, descemos rapidamente as escadas, sabendo que precisávamos encontrar os outros imortais para traçar um plano.

Apertei a mão contra a boca quando Osíris começou a gritar.



A visão de Néftis

Atravessamos rapidamente o palácio de Amon-Rá. Ahmose nos guiou até a saída nos fundos do prédio, esperando evitar as gárgulas vivas que protegiam o recém-conquistado covil da rainha má. Logo ficou claro que as barulhentas sentinelas cercavam a cidade dizimada por todos os lados. Asten invocou sua nuvem de vaga-lumes e encobriu nossa fuga. Assim, apesar de os demônios alados voarem em círculos à nossa procura, logo os deixamos para trás.

Quando o sol surgiu no horizonte, pintando a paisagem com um vermelho macabro, o poder de Asten foi diminuindo ao mesmo tempo que o de Amon aumentava. Ahmose se ajoelhou, tentando encontrar o caminho para o monte Babel, mas descobriu que esse lugar não existia.

– Não entendo – falei quando Asten por fim deixou sua nuvem se dissipar depois de decidir que estávamos suficientemente longe, apesar de continuarmos nas terras incendiadas.

Ele se inclinou, ofegante, por causa do esforço de mantê-la por tanto tempo.

– Como esse lugar pode não existir? – perguntei.

– Talvez Osíris tenha se referido a um local fora de Heliópolis – sugeriu Amon.

Pus as mãos nos quadris e franzi a testa.

– Não foi o que pareceu. Precisamos descobrir onde é. Quanto mais tempo perdermos, mais sofrimento a Devoradora causará a Osíris – falei.

Um sentimento nauseante de culpa por ter deixado o deus nas garras dela revirava minhas entranhas.

– E se traçarmos o caminho de Ísis? – sugeriu Amon.

Ahmose balançou a cabeça.

– Não vai funcionar. Não tenho capacidade de traçar os caminhos dos deuses, especialmente aqui. As impressões que obtenho são vagas, na melhor das hipóteses. Minha capacidade funciona com mais precisão quando me concentro em vocês dois ou em Lily. Ao abrir mão do meu poder de absorver a energia da Lua, todos os dons que mantive diminuíram. Os caminhos simplesmente não são mais claros como antes.

– Então como vamos encontrar os deuses? – perguntou Amon.

– Wasret poderia encontrá-los – falei baixinho.

– Podemos descobrir isso sem ela – respondeu Amon imediatamente.

– Podemos? – Virei-me para ele. – Não tenho tanta certeza.

Amon trincou o maxilar, com teimosia, e se recusou a continuar com o assunto.

Era fácil pensar em fugir quando eu não via o que estava acontecendo. Mas nesse caso estaríamos abandonando todos os outros. A Devoradora os sugaria totalmente e os torturaria só por prazer. Então, quando estivesse farta, Seth viria limpar tudo. Ele desfaria a Terra. Talvez até todo o Cosmo. O que eu podia fazer, então? Se até os deuses estavam se escondendo de Seth e da Devoradora, a situação estava ruim. Ruim de verdade.

Enquanto os três homens discutiam sobre onde deveríamos procurar em seguida, tive uma conversa interior com as garotas na minha cabeça.

Podemos fazer isso e permanecer no controle?, perguntei, mordendo o lábio inferior.

Não há como saber, realmente não há, disse Tia.

Não podemos deixar que a Devoradora os pegue, acrescentou Ashleigh. *Vejam o que ela fez com Osíris! Ela é uma feiticeira maligna. Eu preferiria me render a entregar nossos homens para alguém como ela.*

Tem certeza de que quer correr o risco, Lily?, perguntou Tia.

Não. Neste ponto não tenho certeza de nada. Afastando-me alguns

passos, sacudi as mãos para juntar coragem. *Precisamos tentar. Só não... se fundam completamente. Pelo menos, tentem não fazer isso. Vamos nos combinar só o suficiente para descobrir aonde precisamos ir.*

Ashleigh e Tia consentiram em silêncio e nossas consciências se aproximaram. Não percebemos como a atração de Wasret era intensa até que nos movemos de novo na direção dela. Ela era um ímã poderoso, e tínhamos acabado de acionar um interruptor, ligando-a. Desesperadamente, lutamos para resistir à luz brilhante que ameaçava nos engolfar. Era como lutar contra um maremoto. Nossa energia desapareceu rapidamente enquanto andávamos na borda do abismo. Se escorregássemos, sabíamos que iríamos nos perder. Foi então que escutamos a voz.

Olá, de novo, disse ela.

O... olá?, gritei mentalmente. *Estou... estamos mesmo falando conosco?*

Não exatamente, respondeu a voz da mulher. *Vocês são vocês mesmas e eu sou eu. Devo dizer que não foi gentil da parte do seu homem, Amon, me expulsar de modo tão abrupto. Eu não teria sido tão cruel com ele.*

Optando por ignorar seu comentário sobre Amon, concentrei-me na outra revelação.

Quer dizer que você não é totalmente composta por nós três?

Não. Não sou.

Meus pensamentos eram um emaranhado caótico.

Impossível!, exclamaram Tia e Ashleigh, tão atônitas quanto eu.

Então o que é você?, perguntei.

O que eu sou? Que grosseria a sua presumir que sou um o quê *e não um* quem. *Mas tecnicamente você está certa.* Quem *eu sou vem de vocês três; o* quê *vem de um lugar diferente.*

Por que está falando conosco agora?, perguntou Tia. *Você nunca fez isso antes. Poderia nos empurrar a qualquer momento e assumir o controle. Nós sentimos o seu poder. Está brincando conosco como se fôssemos bichos insignificantes que você pode jogar de uma pata para outra?*

De jeito nenhum, respondeu ela. *Vocês são parte de mim. Tão preciosas*

quanto meus olhos, minhas mãos e minha mente. Não considero vocês três bichos insignificantes.

Então o que você é?, perguntou Ashleigh. *Por que deseja a nossa destruição?*

Não lhes desejo mal... pelo menos não como vocês pensam. É simplesmente um fato que, para usar seu corpo, seus talentos e capacidades, eu preciso recriá-las. É um processo perfeitamente natural. Tudo o que é velho deve dar lugar ao novo. Um peixe pode sobreviver sem consumir seus companheiros? Um prédio pode ser construído sem tirar o minério e a pedra da montanha? Um fazendeiro pode cultivar a terra sem primeiro derrubar a floresta? A criação e a destruição são yin e yang. Quando acontecem do modo correto, estão em absoluto equilíbrio. Para que eu viva, vocês três precisam, infelizmente, deixar de existir.

Então como podemos estar aqui... neste lugar, juntas?, perguntei.

Porque estamos num espaço intermediário: a escuridão infinita que fica entre a memória e o potencial futuro. É onde eu nasci. Um lugar de observação. Onde o tempo se estende num eterno círculo de antes e atrás. Vocês já estiveram aqui, embora não tenham lembrança. Infelizmente suas limitações só permitem que existam aqui por um período finito de tempo.

O que você pretende fazer agora?, perguntou Tia sem rodeios.

Ah, o meu lado sempre prático. Não creio que eu já tenha dito como aprecio você e sua visão crua, franca, do mundo, Tia. É revigorante. Isso me mantém com os pés na realidade. A resposta à sua pergunta é que não planejo fazer nada. Vou simplesmente esperar aqui até vocês me invocarem. Não me preocupo muito com isso. É inevitável.

Você não vai tentar nos dominar?, perguntei, desconfiada.

Nunca tentei. Todas as vezes vocês me convidaram. A diferença entre nós é que eu não convido vocês de volta.

E por que não?, perguntou Ashleigh.

Ah, aí está o meu lado passional, impulsivo. Deixe-me perguntar, fada: é errado querer experimentar a vida e o amor? Eu não tenho o direito de colher as recompensas pelo meus esforços? O que dá a vocês três mais direito de existir do que eu?

Exatamente isso, falei. *Nós somos três e você é só uma. As necessidades de muitos sobrepujam as necessidades de um só.*

Wasret voltou a atenção para mim.

A humana sempre filosófica. Deixe-me perguntar-lhe então, Lily: você abriria mão de seu corpo para que Tia o possuísse, ou Ashleigh? As formas mortais delas estão mortas há muito tempo. Você permite que elas compartilhem a sua, mas permanece rigidamente no controle, não é? Qual é a sensação de ficar no segundo plano? De ser uma observadora silenciosa? Você conseguiria tolerar isso? É o que você pede a elas. Mas, afinal, os humanos sempre representam o papel dominante, não é? Só porque a fada e a leoa são diferentes não significa que sejam inferiores. Minha existência significa harmonia perfeita para vocês três. Não há vencedora nem perdedora. Se você realmente as amasse como irmãs, como diz, optaria por esse sacrifício. Traria esse equilíbrio. As necessidades de muitos, realmente. O que você quer mesmo dizer quando argumenta desse modo é que as necessidades da humana devem ter precedência.

Eu não tinha palavras para contra-argumentar. Sentia vergonha e raiva ao mesmo tempo. Será que meu pensamento era mesmo tão limitado? Ela não estava errada. E esse era o problema.

Ela continuou:

Eu não escolhi um homem que vocês três poderiam amar? Como podem ser tão egoístas quando o Cosmo está em jogo? Quando a vida dos seus outros dois homens corre perigo? A preservação das suas identidades individuais, ainda que compreensível, tem um custo. Ashleigh, você já abriu mão de si mesma uma vez. Sua mortalidade, sua humanidade, foi sacrificada simplesmente para se proteger de uma provação infeliz.

A voz de Wasret ficou no ar enquanto sua atenção se voltava para Tia:

E você, leoa? Estava desesperada por uma irmã para substituir a que você perdeu. Diga-me: para Lily, é melhor viver a existência dual que passou a levar quando você a tornou uma esfinge? Não creio. De fato, teria sido uma gentileza se você simplesmente a consumisse na planície. Como você obrigou Lily a se tornar sua irmã, ela cedeu um pedaço de si mesma.

Eu já ia protestar quando Wasret me acuou:

E finalmente chegamos a você, Lilliana Young. Você ansiava por uma vida com um significado, um propósito, livre do domínio dos seus pais. Mas isso é uma mentira que você repete para si mesma. Você acredita que seus pais a cerceiam, que a obrigam a frequentar determinada escola, agir de certo modo ou namorar determinado rapaz, mas isso não é culpa dos seus pais. Você é a responsável. Só você decide o seu destino. Você foi fraca porque se permitiu ser. O caminho em que está foi escolha sua. Na verdade, você o abraçou. Agora mesmo você gostaria de imaginar que eu a estou forçando. Que vou aniquilar sua existência para salvar o Cosmo. Mas não farei isso. Quando chegar a hora de tomar uma decisão, espero que você seja suficientemente forte para escolher o caminho certo. O caminho que não esteja atulhado pela dúvida com relação a si mesma e com a autopreservação. Mas saiba que, independentemente do que você decidir fazer, a escolha é e sempre foi sua. Só porque não gosta das opções que se apresentam a você não significa que não tem nenhuma. Aceite isso, Lily.

Nós três tínhamos ficado em silêncio. Que estranho levarmos uma bronca de nós mesmas! Devia ser a experiência mais bizarra da minha vida. E isso era dizer muito.

Flutuávamos no escuro, sentindo o puxão de Wasret, mas a sensação não era mais de que estávamos em um vórtice. Agora que sabíamos que tínhamos capacidade de resistir, podíamos fazer isso. Pairamos as três ali, não querendo nos olhar nos olhos, literal ou mentalmente.

Enquanto cada uma de nós juntava os próprios pedaços, ela disse:

Por ora vou ajudar vocês, dar o que buscam sem assumir o controle do nosso corpo. Mas saibam que, da próxima vez que recorrerem a mim, não serei tão generosa. Não posso me dar a esse luxo. Não diante da batalha que virá. Agora vocês sabem, e com o conhecimento vem a escolha. Quando retornarem, vou presumir que as três fizeram a sua. Para encontrar os deuses que vocês procuram, sigam na direção do sol nascente até chegarem a uma montanha tão alta que o pico roça as nuvens. Vocês saberão que é a certa quando ouvirem o zumbido de vozes nas árvores. No topo está o lugar que procuram. Mas estejam cientes de que o caminho até o topo é difícil.

Vocês devem se manter perto dos seus homens. Não se separem em nenhuma circunstância.

Eu ia agradecer, mas me detive. Por que deveria agradecer a alguém que tinha me repreendido de forma tão completa? Então nós três fomos subitamente lançadas para fora do vórtice. Giramos e, durante um tempo, nos perdemos, mas voltamos lentamente. Pisquei e vi Amon me fitando com uma expressão intensa, o céu brilhando acima dele, o sol formando um halo em torno de sua cabeça. Horas deviam ter se passado, para o sol estar no zênite.

– Elas voltaram – disse Amon.

– Tem certeza de que não é Wasret? – perguntou Ahmose.

– Não. Sou eu... quero dizer, nós – falei, meneando levemente a cabeça.

– O que aconteceu, Lily? – Asten segurou meu cotovelo para me ajudar a ficar de pé.

Levantei-me, batendo os pés para voltar a senti-los.

– Nós... nós falamos com Wasret.

Os três rapazes baixaram as sobrancelhas numa expressão de preocupação quase idêntica. Seria engraçado se a situação não fosse tão séria.

– O que ela disse? – perguntou Amon.

– Ela estava... estava chateada porque você a mandou embora tão depressa. Disse... – hesitei.

Vá em frente, Lily, encorajou Tia. *Não temos segredos umas das outras e eles não vão nos desprezar por causa disso.*

– Ela disse que fomos egoístas e fracas e que deveríamos querer fazer o melhor para o Cosmo e para as outras.

– Vocês não foram fracas – disse Asten com o maxilar trincado.

– Nem egoístas – completou Ahmose, cruzando os braços.

– Ela obviamente não conhece bem vocês – acrescentou Amon.

– É justamente essa a questão – falei. – Ela conhece. Wasret somos nós, ou pelo menos parte de nós, gostemos disso ou não. Ela nos conhece melhor até do que nós mesmas. Mas há mais. Wasret não é

somente nós. É mais alguma coisa. Há uma parte extra que a torna diferente.

Fitei o rosto de cada um e vi uma expressão nova, uma confirmação.

– Vocês sabiam. Todos vocês sabiam – acusei.

Ahmose falou primeiro:

– Dava para ver que havia alguma coisa nela que não vinha de vocês três. Era o modo como ela enxergava o mundo.

– Quando a examinei com o Olho de Hórus – começou Amon –, pude facilmente discernir vocês três, mesmo todas estando esmaecidas. Foi assim que eu as trouxe de volta. Concentrei toda a minha energia em ver somente vocês três e vocês ganharam força suficiente para retornar. Mas havia outra parte que recuou, que ficou para trás. Achei que teríamos tempo de falar mais sobre isso, mas tanta coisa aconteceu...

Suas palavras ficaram no ar. Pus a mão no seu braço.

– Temos estado meio ocupados desde então – falei.

– Eu não consigo ver os sonhos dela – murmurou Asten, e me virei para ele. – Deveria poder. Consigo acessar os sonhos de todas as criaturas do Cosmo, até mesmo os de Apep, se quisesse, mas não os dela.

Eu estava refletindo sobre isso quando outro pensamento me ocorreu.

– Asten? Você consegue ver os sonhos de todo mundo? Até dos deuses?

– Sim. Desde que não estejam bloqueando meu acesso. Mas, como eles não estão tecnicamente mortos, isso não acontece simplesmente quando nos encontramos, como com os que chegam ao cais. Acredite ou não, não tento invadir os sonhos dos outros. Por que está perguntando?

– Você consegue ver os sonhos de Seth?

Ele fez uma careta.

– Nunca tentei. Mesmo se conseguisse, talvez não gostássemos do que iríamos ver.

– Alguma coisa me diz que é tempo disso. Quero dizer, depois de encontrarmos o monte Babel.

– Mas ainda não sabemos onde ele fica – disse Asten.

– Agora sabemos. Wasret deu a informação sem cobrar nada. Bom, pelo menos sem uma troca de corpo. Mas nos avisou que da próxima vez não vai garantir nada.

– Então esperemos que não haja uma próxima vez – observou Amon, sério.

Eu lhe dirigi um sorriso débil. Não que eu não quisesse revelar tudo, só não sabia se os Filhos do Egito entenderiam de verdade – ou aceitariam – a experiência que havíamos tido com Wasret. Ela dissera *quando* fôssemos chamá-la de novo, e não *se*.

Minha intuição dizia que ela estava certa. Voltaríamos a recorrer a ela. E a próxima vez seria a última. Uma sensação de pesar me revirou por dentro e peguei a mão de Amon. Havia mais dor pela frente. Wasret disse que eu teria de aceitar. Todos teríamos. Mas o melhor para mim no momento era me concentrar na tarefa imediata.

Depois de verificar a posição do sol, partimos na direção que Wasret tinha indicado. Levamos o restante do dia para encontrar a montanha. Tínhamos penetrado na parte mais densa e escura da floresta nos limites de Duat. Até Tia estava nervosa e desconfortável.

Existem coisas antigas aqui, disse ela. *Coisas que não deveriam ser descobertas.*

Eu concordava. O topo do monte Babel estava coberto por nuvens cinzentas, embora Ahmose dissesse que não sentia umidade nelas. As encostas eram escuras, cobertas por árvores grandes que iam do sopé até onde a vista alcançava. Não havia uma trilha discernível.

Agora o sol estava baixo no céu. Eu sabia que seria perigoso subir no escuro, mesmo se a montanha não tivesse um elemento assustador, sobrenatural. Depois de alertar os três irmãos para que ficassem próximos, entramos lado a lado e sentimos imediatamente a agitação das árvores. Elas se tornaram ativas, nos batendo com galhos finos e fazendo com que tropeçássemos em raízes. Elas não nos queriam ali.

Então começaram a sussurrar, a princípio baixinho, mas em seguida os murmúrios foram ficando mais altos. Havia uma nítida percepção de que o mais inteligente seria voltar. Em dado momento, quando parei e

recuei um passo, as vozes diminuíram, ficaram quase encorajadoras e reconfortantes. No entanto, no momento em que olhei para a frente de novo elas recuaram, golpeando-nos com intensidade cada vez maior. Ahmose foi o primeiro a reagir com mais do que apenas uma expressão incomodada.

Mais ou menos na metade da subida ele se imobilizou, os músculos definidos das costas tensos como se ele estivesse se preparando para um ataque. Quando paramos ao lado dele para olhar o que havia interrompido seu progresso, não vimos nada. Ahmose simplesmente olhava para o tronco de uma árvore enorme, com o maxilar se movendo e os olhos marejados de lágrimas.

– Ahmose?

Segurei seu braço. Como ele não respondeu, levantei a manga de sua camisa larga e pousei os dedos gentilmente em seu pulso. Os batimentos estavam muito acelerados, mas meu toque pareceu romper o transe.

– O que você viu? – perguntei.

Piscando rapidamente, ele resmungou:

– Não... não é importante. Vamos continuar.

Asten também começou a mostrar sinais de trauma emocional. Ficava tentando se afastar, dizendo que a tinha perdido e precisava encontrá-la. Olhava para a copa das árvores e examinava cada arbusto grande que encontrava. Até se agachava perto de cada riacho, olhando o chão, procurando rastros.

– Encontrar quem? – perguntei.

De novo, só quando segurei seu rosto entre as mãos e o fiz me encarar foi que seus olhos clarearam.

Amon conseguiu se manter mais focado. Quando perguntei por quê, ele apenas balançou a cabeça, como se não entendesse a pergunta. Presumimos que fosse o Olho de Hórus que o conservava centrado. Foi Amon que sugeriu que eu segurasse a mão de Asten e a de Ahmose enquanto continuávamos. Isso tornou a subida um pouco mais difícil para nós, mas os dois puderam se controlar muito melhor assim. A

subida já era extenuante por si só, mas a concentração mental necessária para continuar nos exauriu rapidamente.

Paramos uma vez e descobrimos que permanecer no mesmo lugar não era boa ideia. Encostei-me numa árvore e fechei os olhos. Um instante depois minha mente era varrida pelas visões enviadas pelas árvores. Ao baixar a guarda, devo ter lhes dado um ponto de entrada e elas aproveitaram.

Sonhei que estava sendo levada, girando num redemoinho, e que nada, nem mesmo Amon, conseguia me puxar de volta. Durante um breve tempo, fiquei com Tia e Ashleigh, mas logo nem mesmo elas puderam permanecer comigo. Subindo cada vez mais, atravessei as nuvens e cheguei ao espaço.

Planetas passavam por mim, depois estrelas e galáxias, enquanto eu era puxada para trás. Nada do que eu fazia conseguia deter a ascensão. Então, quando estava acima de tudo, pairando sobre o Cosmo no nada que o cercava, vi uma sombra o esmagar, enquanto eu soltava um grito silencioso. A vida, o amor e tudo o que tinha valor para mim num minuto estava ali e no outro havia desaparecido. Comecei a desvanecer, mas não liguei. Nada mais importava. Só sabia que não queria ficar sozinha.

Um tapa de leve no meu rosto me trouxe de volta e percebi que a palma da mão de Amon continuava pousada em minha face e que Asten e Ahmose se agarravam às minhas mãos. Aparentemente, enquanto descansávamos, as árvores tinham feito uma espécie de barreira à nossa volta, quase como se o terreno quisesse nos enjaular. Amon se recusava a sequer pensar na ideia de eu usar meu poder, por isso abrimos caminho com armas e minhas garras.

Quando chegamos ao pico pedregoso, caímos de joelhos, ofegantes. Dizer que a jornada tinha sido árdua seria eufemismo. Uma névoa densa nos envolvia a ponto de eu nem conseguir ver as feições do rapaz ao meu lado.

– Olá? – gritei, sem de fato esperar resposta.

Minha voz ecoou no topo da montanha e pareceu deslizar para o

próprio espaço. O efeito foi fantasmagórico. Uma forma surgiu no meio da névoa. Foi ficando maior e, quando estávamos prestes a discerni-la, ela parou. Eu sabia que ela estava nos examinando, nos observando. Então, quem quer que fosse, devia ter ficado satisfeita, porque uma mão se ergueu e a névoa se abriu, revelando uma deusa que eu já tinha visto.

Os cabelos louros e compridos desciam por suas costas numa onda sedosa, e a prata ainda adornava seu corpo. Mas, em vez de finos braceletes e ornamentos de cabelo, ela usava armadura. A suavidade do rosto e do corpo tinha desaparecido. Em seu lugar, havia uma determinação de aço e algo mais: uma tristeza tão pesada que quase a esmagava.

– Lily – disse ela, assentindo ligeiramente com a cabeça. – Tia, Ashleigh. Estávamos esperando vocês. Venham.

Ela estendeu a mão e eu a aceitei. Imediatamente as vozes furiosas das árvores desapareceram. Dei um passo à frente e me virei, vendo Asten, Ahmose e Amon ainda ajoelhados. Os três estavam esmagados pelo peso das mesmas vozes que eu tinha ouvido. Levantei os olhos para a deusa, a pergunta não formulada flutuando entre nós.

– Você mesma deve dar as boas-vindas aos Filhos do Egito – disse ela. – Eles não podem cruzar a soleira sem você. Assim que fizerem isso, as estrelas irão reconhecê-los como seus companheiros e a loucura que elas causam irá se dissipar. Então vocês podem atravessar a montanha e até mesmo voar do pico sem problemas.

Eu não sabia se havia alguma cerimônia para as boas-vindas, mas toquei no ombro de cada um deles. Isso pareceu bastar. O alívio era evidente em seus rostos. Depois de se levantarem, Néftis se virou, indicando que eu deveria segui-la. A névoa retornou, preenchendo o ar atrás de nós e fazendo as árvores desaparecerem.

O topo da montanha era uma série de degraus de pedra perfurados por altas colunas de granito. Elas se estendiam até o céu como grandes lanças cravadas no solo. Imaginei que, do ar, aquilo deveria parecer a fortaleza de um dragão.

Seguimos por um caminho entre as colunas pontudas até chegarmos

a uma rotunda de pedra. Uma série de aberturas levava ao interior da montanha. No centro da área aberta havia um grande buraco de fogueira cercado por bancos de pedra chata.

Com um estalo dos dedos, Néftis acendeu uma fogueira. Quando bateu palmas, outros deuses emergiram das cavernas escuras, inclusive Amon-Rá, Hórus, Ísis, Anúbis e Maat. Havia alguns outros que eu não reconheci, mas o número era pequeno, considerando a cidade dizimada que tínhamos visto.

Achei interessante que a tímida e recatada Néftis, que tinha permanecido sentada e silenciosa ao fundo durante nosso julgamento, tivesse a presença de espírito de comandar os outros. O fato de eles lhe darem toda a atenção não me passou despercebido.

– Ela chegou – disse Néfits simplesmente.

Em seguida, foi para o outro lado da fogueira, posicionando-se entre Amon-Rá e Ísis. Ficamos ali por um longo e pesado momento, entreolhando-nos por cima das chamas. Eu estava esperando que os deuses dissessem alguma coisa, qualquer coisa. Queria que explicassem por que tinham me mandado naquela jornada louca. Por que estavam escondendo informações. Queria perguntar o que desejavam de mim. Mas eles não disseram nada. Pelo jeito, eu teria de ser a primeira a falar.

Olhei de um rosto para outro, ficando mais irritada com a falta de comunicação a cada momento que passava.

– O que aconteceu com todos os outros? Todos os seus cidadãos estão mortos? – perguntei, deixando a acusação se evidenciar na minha voz. Agora que finalmente havia rompido o silêncio, fitei Amon-Rá, estreitando os olhos e cruzando os braços. – Vocês ao menos sabem o que está acontecendo lá embaixo ou será que só vieram aqui para cima enterrar a cabeça na areia, como sempre?

– Claro que sabemos – disse o deus sol com mais paciência do que eu merecia. – Nós a mantivemos longe enquanto pudemos, mas acabamos decidindo deixar que ela tomasse a cidade assim que colocamos todo mundo em segurança. Os cidadãos de Heliópolis estão escondidos por enquanto.

Era um alívio saber que a maior parte da população não tinha sido devorada.

– Acho que vocês esqueceram alguém – falei, ainda irritada.

Ouvi um som ofegante e olhei rapidamente para Ísis. A deusa escultural tinha se aproximado de Anúbis, que passara o braço por seus ombros.

– Então vocês o viram? – perguntou ela, a voz linda vacilando de emoção.

– Sim. Foi ele quem disse para virmos aqui. Ele está... – hesitei – ... muito ferido. – Ísis estremeceu, mas não disse nada, o olhar tornando-se pétreo. Percebi que ela já sabia. – A Devoradora o está consumindo – acrescentei, pressionando a deusa. – Ela quer saber onde vocês estão, para entregá-los a Seth.

Como tudo o que ela fez foi assentir com a cabeça, levantei as mãos.

– Não entendo a senhora. Sabe que ele está lá embaixo e o deixa sofrer nas mãos dela. Achei que o amasse.

– E amo – disse ela, um pouco de fogo acendendo seus olhos de nebulosa turbulenta. – Mais do que você imagina. Deixá-lo lá me mata.

– Então por que deixam? – acusei, olhando cada um deles. – Vocês são deuses. Certamente são páreo para ela.

– Eles o deixaram a meu pedido. – Néftis avançou e pôs a mão no ombro de Ísis, dirigindo-lhe um sorriso suave antes de voltar o olhar para mim outra vez.

– A *seu* pedido – ecoei, perplexa. – Por que a senhora faria isso?

– Há mais coisas acontecendo aqui do que é possível enxergar, Lilliana Young.

– Obviamente. – Dei um suspiro pesado. – Olhem, vocês não acham que é hora de me dar alguma dica? Preciso dizer que estou ficando cansada de ser um peão de vocês.

Néftis deu a volta na fogueira, vindo para o nosso lado.

– Você entendeu mal. Você não é nosso peão. É nossa rainha. Nós estamos neste jogo há muito tempo. Agora que todas as peças estão

reunidas, é hora de fazermos as últimas jogadas. E torcer para que as estrelas tenham planejado tudo com tanto cuidado quanto esperamos.

Dei um passo para trás, a percepção desabando sobre mim.

– Vocês estavam atrás de Wasret esse tempo todo.

– Sim. Cada jornada em que mandamos você a preparava para o que precisávamos que você se tornasse.

Meu corpo tremeu ante essas palavras. Mãos quentes envolveram meus ombros e logo fui pressionada contra um peito rijo.

– Há muito tempo tive uma visão – continuou Néftis. – Nela, vi uma jovem, uma mortal muito especial, que realizaria coisas importantes. Coisas que nem os deuses poderiam fazer.

A deusa levantou as mãos em súplica, mas eu me mantive rígida nos braços de Amon. Ela suspirou e as baixou, levando-as às costas enquanto recomeçava a falar:

– Amon foi posto de propósito em Nova York e acordou no momento exato em que você estava perto. – Ela inclinou a cabeça na direção de Amon, atrás de mim. – Quando ele escapou do além, indo para o mundo dos mortos, vimos isso como uma oportunidade para testá-la, para determinar se você tinha a força para passar pelo Rito de Wasret. Quando você teve sucesso, soubemos que era quem procurávamos.

– Eu poderia ter sido morta.

– Poderia – admitiu Néftis –, mas você encontrou seu destino. – Ela sorriu. – Assim como sua leoa interior. Com Tia, você obteve os poderes da esfinge, que lhe permitiram entrar no mundo dos mortos. Esse era um lugar a que nem os deuses tinham acesso. Mas com a ajuda dos Filhos do Egito você não só entrou como sobreviveu e nos trouxe Amon de volta.

Néftis fez uma pequena pausa e continuou:

– Mas faltava outra peça. Sabíamos que, para você canalizar de verdade o poder de Wasret, precisaria se tornar a anfitriã de uma terceira jovem. Pois somente uma deusa tripla, uma união em que cada jovem estivesse atada às outras em perfeita harmonia, formaria uma verdadeira sizígia que permitiria a Wasret entrar em nosso reino.

Ísis deu um passo à frente.

– Por vários motivos, nem eu nem Néftis podíamos assumir o papel da terceira deusa, por isso Maat se ofereceu. Ela estava planejando abrir mão de sua forma física e se fundir com você depois de sua volta do além. – Ela abriu um sorriso triste. – Não esperávamos Ashleigh. Na verdade, nem sabíamos que ela estava no mundo dos mortos.

Olhei para Maat, ali parada numa postura rígida e orgulhosa. Estremeci. Pensando bem, Tia e eu preferíamos nossa fada interior.

– Quando a árvore das fadas se sacrificou e entregou sua tutelada, sabia o que estava fazendo – disse Ísis. – Ashleigh complementa vocês duas perfeitamente. Maat teria dado mais poder ao trio, mas Ashleigh traz seus talentos e sua personalidade. Funcionou, e isso era o mais importante. Não esperávamos que vocês precisassem usar seu poder tão rápido. A Devoradora foi uma complicação inesperada. Então Seth se libertou e tivemos de acelerar os planos.

– Quando o Dr. Hassan perguntou se as estrelas sabiam sobre mim, a senhora mentiu? – perguntei friamente a Ísis.

– Não exatamente – respondeu ela. – Sabíamos que Wasret estava chegando e esperávamos que fosse você, que tinha grande potencial. Nenhuma outra jovem havia estabelecido uma conexão com um Filho do Egito antes. O fato de você ter um relacionamento com os três...

Néftis a interrompeu rapidamente:

– O ponto, Lily, é que agora chegamos aqui. Basta dizer que estávamos esperando você. Sim, nós omitimos informações. Sim, fizemos você sofrer durante as provas. Sim, estamos depositando todas as esperanças em você. Apesar de tudo o que passou, conforte-se sabendo que estamos aqui agora. Estamos prontos para ajudar, para responder às perguntas e para lutar ao seu lado. O que precisamos saber agora é... você vai nos ajudar?



Corações trocados

Todos no topo da montanha me olhavam em expectativa, a esperança iluminando seus rostos. Isto é, todos menos os três homens atrás de mim, cuja opinião mais me importava. Sustentada por sua dedicação a mim, eu me preparei para responder.

Com o coração pesado, afirmei baixinho:

– Sim. Vou ajudar.

Quase como um só, os Filhos do Egito empertigaram os ombros, parecendo se preparar para a luta inevitável com a qual eu tinha acabado de me comprometer.

– *Nós* vamos ajudar você – disse Amon, verbalizando o sentimento dos três irmãos.

Pus a mão sobre a dele, que ainda pressionava meu ombro.

– Diga o que precisamos saber – falei.

Néftis ia falar, mas Ísis se adiantou. Suas palavras se derramavam tão depressa que eu me perguntei como ela conseguira segurá-las por tanto tempo. Era uma versão muito diferente da deusa gelada e silenciosa que eu tinha conhecido. Talvez sua preocupação com o marido provocasse a mudança de comportamento.

– Primeiro precisamos proteger você da Devoradora. Vou tecer um encantamento, um encantamento poderoso, de modo que ela não consiga descobrir os outros se capturar um de vocês. Tenham em mente

que tentaremos evitar isso a todo custo, mas devemos estar preparados para qualquer coisa.

Inclinei a cabeça.

– Quer dizer: fazer conosco a mesma coisa que fez com Osíris? É por isso que ela o está torturando em vez de procurar vocês, não é?

– Sim – respondeu ela, baixando os olhos. – A montanha nos esconde dela, mas, assim que sairmos daqui, ela pode nos encontrar. Então nem mesmo nossa mãe, Nut, poderia nos abrigar da visão dela. E nenhuma caverna que nosso pai, Geb, possa criar seria suficientemente profunda. Estamos preparados para as consequências disso, mas vocês quatro são importantes demais para correrm os risco de perdê-los numa batalha com a Devoradora. No fim, ela não terá importância. Devemos reservar a maior parte da sua energia para Seth.

– Então por que simplesmente não a deixamos de lado e procuramos Seth? – perguntei. – Vocês sabem, se cortarmos a cabeça da cobra, o resto do corpo morre.

– A não ser que isso faça com que duas cabeças brotem – murmurou Asten de forma quase inaudível.

Ísis estremeceu diante da minha analogia, mas Néftis prontamente respondeu à pergunta:

– Seth investiu muito de sua energia na Devoradora, assim como fez com Sebak. Ao derrotar o necromante de uma vez por todas, vocês enfraqueceram o controle de Seth. Será quase impossível dominá-lo, mesmo com todas as nossas forças combinadas, mas, se cortarmos os laços entre ele e a Devoradora, isso irá torná-lo muito mais vulnerável.

– Espere um minuto. – Um fato que eu ficara sabendo sobre Seth muito tempo antes me veio à memória. – Uma vez o Dr. Hassan disse que Seth podia criar, mas que só fazia isso para desfazer a coisa que tinha criado. Será que, sem querer, não vamos dar mais poder a ele nos livrando da Devoradora?

– O seu Dr. Hassan, mesmo tendo possuído o Olho por um curto tempo, e apesar de ser muito sábio para um mortal, não entende tudo – respondeu a deusa loura. – A Devoradora já compartilhou de livre

vontade suas energias e seus poderes com Seth. Ele não pode tomar mais do que já tomou, mesmo se decidisse desfazê-la. Ele só pode ganhar de volta o que emprestou a ela para que fizesse sua vontade. Quando o Dr. Hassan falou sobre criar e desfazer, estava se referindo aos Filhos do Egito. Como entender isso é importante, vamos contar o que pudermos. Deixe-me começar dizendo que o que sabemos sobre os planos de Seth com relação a eles é muito pouco, mas supomos que, ao gerar os Filhos do Egito, ele estava tentando recriar o encantamento que Ísis teceu. Pelo que discernimos, Seth estava canalizando boa parte de seu poder para os três rapazes. O modo como fez isso ainda é um mistério para nós. Seria impossível para ele recriar o encantamento dela.

– Por que seria impossível? Ele não tinha poder para isso?

– Não era poder que ele não tinha – disse Ísis. – Fazer encantamentos exige um certo talento, sem dúvida, mas esse encantamento específico exige mais ainda. O ingrediente-chave é o amor. Amor e um coração disposto. O amor não é uma coisa que Seth consiga entender.

Quando as duas deusas ficaram em silêncio, Anúbis acrescentou:

– O fato de Seth mexer com necromancia é provavelmente uma chave para entender suas motivações. O que sabemos é que a energia cósmica só pode ser utilizada e controlada de determinados modos. A morte, tanto a primeira como a segunda, parece ser um catalisador para romper e criar laços; a energia cósmica flui através dessas conexões.

–Isso explicaria a conexão dele com a Devoradora – sugeri. – Aqueles dois são farinha do mesmo saco. Ela ganha energia comendo corações, o que não é muito diferente de desfazer. Como a morte é um catalisador, faz sentido que seja desse modo que ela se mantém alimentada, por assim dizer.

– Sim – refletiu Anúbis, coçando o queixo áspero. – Não é de espantar que eles tenham sido atraídos um para o outro, mesmo através dos muros da prisão de Seth.

– Certo – acrescentei com um riso de escárnio. – Acho que eles eram como Píramo e Tisbe falando através da fresta na parede. – Todos os deuses me olharam sem entender. – O quê?... Vocês não estudam poesia

romana antiga em Heliópolis? Bom, acho que para vocês não é tão antiga. – Nenhuma reação ainda. – Shakespeare? – Ergui as sobrancelhas e depois suspirei. – Deixem para lá. Continuem, por favor.

Anúbis me observou por um instante, depois prosseguiu:

– Seth foi recusado pelos Filhos do Egito, mas encontrou parceiros dispostos em Sebak e na Devoradora. Apesar de não poder fazer o mesmo encantamento de Ísis, há uma conexão inegável entre os três. É por isso que ele reabsorveu Sebak justamente no momento de sua morte no reino mortal.

– Espere aí – falei, levantando a mão. – Está dizendo que ele desfez Sebak? Mas isso foi, se não instantâneo, pelo menos rápido. O Dr. Hassan disse que desfazer exige muito tempo.

Anúbis lançou um olhar para Ísis, que explicou:

– O ato de desfazer acontece muito depressa, pelo menos para a criatura em que Seth está concentrado. Infelizmente, quando ele desfaz uma árvore ou um animal, parece que tem a capacidade de desfazer toda a espécie. Isso não é inevitável, já que o vimos desfazer vários indivíduos e a humanidade ainda existe, mas é possível. Provavelmente, era a esse tipo de desfazer a que Hassan estava se referindo. Se Seth estava tentando desfazer toda a humanidade ao destruir os Filhos do Egito, então sim, levaria algum tempo. Felizmente, nós o impedimos antes que isso acontecesse.

Depois de uma pausa, Anúbis acrescentou:

– Você também deveria saber, Lily, que, ao desfazer toda uma espécie, ele ganha as habilidades e vantagens dessas criaturas.

– Como as garras de Tia – murmurei.

– Sim – replicou Ísis. – Mas não ganha somente as garras; ele pode se tornar essa criatura completamente. Isso mascara sua presença. Nem mesmo nós podemos detectá-lo quando aparece na forma de um animal. Se bem que alguns dos favoritos dele se tornaram muito familiares para mim.

Néftis pegou a mão da irmã e apertou. Mais uma vez fiquei arrepiada e decidi não pedir mais informações sobre isso.

– Certo – falei. – A conexão de Seth com a Devoradora faz sentido, mas e quanto a Sebak? Por que ele o escolheu, encheu-o de poder e depois o abandonou?

– Quando a morte dele era certa – começou Anúbis –, Seth reabsorveu a energia que tinha dado ao necromante. Então lançou o que restava de Sebak no Poço das Almas para o caso de precisar de novo. Ainda que Sebak fosse mortal, era um feiticeiro poderoso. Provavelmente foi isso que despertou o interesse de Seth. Mas, assim que vocês provocaram a primeira morte dele, Sebak ficou preso na forma do deus crocodilo e não podia mais lançar mão de seus feitiços. Depois disso, Seth praticamente o ignorou, perdendo o interesse.

– Sebak disse que desejava provar seu valor ao mestre. Foi assim que Seth soube onde estávamos – falei. – Além disso, no barco havia *shabtis* lacaios que estavam tentando se comunicar com Seth. Devemos nos preocupar?

Néftis e Anúbis se entreolharam.

– Tem uma coisa que não contamos a você, Lily – disse a deusa.

Bufei de um modo muito pouco elegante.

– Não diga. Bom, fale logo. Não creio que possa ficar muito pior.

A deusa se encolheu.

– A resposta à sua pergunta é "não". Seth não pode exatamente... ver você. Isso é parte do que a torna especial. O Dr. Hassan explicou o que era uma pedra ovo de serpente, não explicou?

Franzi as sobrancelhas, confusa, e respondi:

– Explicou.

– Bom, este lugar onde nós estamos escondidos é um gigantesco ovo de serpente. É por isso que Seth não pode nos encontrar. E você... *você* também é um ovo de serpente.

– Como posso ser um ovo de serpente? Quer dizer que sou feita de ossos de cobra?

O modo como o rosto dela se franziu me deixou muito desconfortável.

– Há uma coisa em você, Lilliana, uma coisa que a esconde da visão

dele e da nossa. Pode ser Wasret, mas não creio. Você possuía essa capacidade mesmo antes de se tornar esfinge. É por isso que nem suas irmãs sabiam sobre as memórias escondidas que você guardou no seu escaravelho. É uma coisa boa ser um ovo de serpente, garanto.

Mordi o polegar, pensando.

– Então Sebak e os *shabtis* espiões deveriam informar nossa localização a Seth, já que ele não podia nos ver.

A deusa assentiu com a cabeça.

– Enquanto Sebak tinha você na mira, Seth também tinha.

– Então por que Seth não atacou quando nos encontrávamos no rio? Nós estávamos fracos. Vulneráveis.

– Ele podia ver você, mas não sabia onde estava exatamente – explicou Anúbis. – O rio é vasto. Cobre todo o Cosmo. Seria como procurar um grão de areia no deserto e, como você sabe, é muito fácil se perder por lá.

– Sim – falei, lembrando-me de que tínhamos chegado muito perto disso.

Eu quase havia perdido Asten e Ahmose no rio. Tinha sido um golpe de sorte encontrarmos Cherty. Contive o soluço que ameaçou escapar quando pensei no barqueiro perdido.

Anúbis interrompeu meus pensamentos sombrios:

– Quanto aos *shabtis*, provavelmente estavam encarregados de vigiar Cherty. Se ele deixasse vocês num lugar que Seth reconhecesse, ele poderia ir atrás de vocês. A exceção era a Ilha dos Perdidos. É por isso que Maat escondeu os Filhos do Egito lá.

– Mas você disse que não sabia onde os escondeu – falei à deusa austera.

– Eu não menti, se é isso que você quer dizer – contrapôs Maat. – Eu realmente não sabia onde eles estavam. Cherty me falou do seu paradeiro. A Ilha dos Perdidos é um lugar que só você e o Desbravador poderiam ter descoberto. Era seguro. Seth não poderia segui-los até lá, e, como ela muda de lugar o tempo todo, é praticamente impossível ser descoberta.

– Quando vocês escaparam da ilha – disse Anúbis –, sem querer atraíram a atenção de Sebak. E depois, quando causaram a segunda morte do necromante, isso feriu Seth. Vimos isso na hesitação da Devoradora. Ele não esperava por isso e, como resultado, afastou-se dela e a deixou praticamente sozinha aqui. Isso nos deu uma abertura.

– Não que ela fique realmente sozinha – observou Néftis. – Mesmo assim, acreditamos que, se conseguirmos destruir a Devoradora antes que Seth possa reabsorver a energia que entregou a ela, isso quebrará qualquer laço que exista entre os dois. Assim que ela também experimentar a morte final, a energia que liga os dois irá se esvair completamente e ele terá de se defender sozinho.

– Bom, o que iria impedi-lo de desfazer a Devoradora assim que a encurralarmos, como fez com Sebak? – perguntei.

– Vamos distraí-lo – respondeu Néftis, os olhos seguindo para Ísis.

– Mas... mas não é exatamente isso que ele quer? – gaguejei.

– Seth não pode ter o que deseja – disse Ísis, soturna, com um tom perigoso na voz. – Está fora do seu alcance para sempre.

– Mas você irá fazê-lo pensar que ainda é uma possibilidade, irmã – observou Néftis. – Isso vai nos dar tempo.

As duas irmãs trocaram um olhar.

Estremeci, um calafrio desagradável percorrendo meu corpo. Parte de mim queria perguntar o que Seth desejava da deusa linda, que por acaso também era cunhada dele. Mas, no fim das contas, dava para adivinhar.

– Apesar desse dramalhão mexicano dos deuses – falei, voltando-me para Néftis –, eu achava que *a senhora* era esposa dele. Não seria melhor se fosse a senhora a... vocês sabem... distraí-lo?

– Não – disse Amon-Rá, falando pela primeira vez. Seu corpo reluziu por um instante com um poder tão brilhante que escondeu as bonitas feições. – Ele já fez mal suficiente a ela.

– Certo. – Mordi o lábio. – Ainda há uma coisa que não entendo. Se Seth está livre e pode desfazer qualquer coisa que escolher, e se é poderoso a ponto de fazer todos vocês se esconderem nesta montanha,

por que já não desfez tudo, simplesmente? Ele poderia destruir Duat ou a Terra e todos os seus habitantes sem pensar duas vezes. O que o está impedindo?

Dessa vez Amon-Rá respondeu:

– Primeiro, porque se convenceu de que está apaixonado por Ísis. Quer possuí-la e possuir Néftis, e fazer com que as duas governem ao seu lado como rainhas. Se ele tentasse desfazer Duat ou qualquer outro refúgio para onde fôssemos, iria se arriscar a perdê-la.

– Isso é perturbador, mas tudo bem.

– Segundo, apesar de estar tecnicamente livre da prisão que fizemos para ele, Seth continua contido.

– O que isso quer dizer exatamente?

– Nossos avós Tefnut e Shu abriram mão de suas formas corpóreas para prendê-lo – esclareceu Néftis. – Para explicar isso em termos que você possa entender, Seth ainda está algemado, apesar de não estar confinado atrás das paredes de sua jaula.

– Entendo – falei, apesar de não entender de verdade. Havia muitas perguntas sem resposta. O que significava algemar um deus? Ele ainda podia vir atrás de nós? Desfazer coisas? Assumir uma forma animal? – Então, esse encantamento... – comecei.

– Pode esperar por enquanto – disse Néftis. – Vocês devem estar cansados. Sua jornada até aqui foi árdua. Venham. Vamos lhes servir uma refeição e depois vocês vão descansar até a noite. Enquanto isso, nós vamos nos preparar.

Amon-Rá bateu palmas. A superfície de uma grande pedra cortada tremeluziu e surgiram sobre ela bandejas de comida. Ahmose começou imediatamente a servir um prato, que me entregou. Dirigi-lhe um sorriso agradecido e ele foi fazer outro.

Enquanto os três homens enchiam seus pratos com grossas fatias de carne, legumes assados, frutas cozidas e pão, passei pelos vários deuses e deusas, que conferenciavam em voz baixa, até que encontrei um banco vazio. Tinha acabado de dar o primeiro gole no líquido dourado que enchia minha taça quando alguém se sentou ao meu lado.

– Vejo que ainda está usando meu presente – disse um homem. Engasguei com a ambrosia e me inclinei para a frente, tossindo. Depois de pousar a taça, perguntei: – O que está fazendo aqui, Hórus?

– Não é óbvio? Estou escondido com os outros.

– Não. Quero dizer aqui *aqui*. Sentado no meu banco e pegando no meu pé.

– Não estou pegando no seu pé. Na verdade, fico magoado com essa sugestão. Como você é injusta comigo, quando tudo o que fiz foi sentir sua falta!

– Foi, é? – perguntei com um risinho.

– É tão difícil assim acreditar?

Corri os olhos ao redor.

– Acho que não. Não posso deixar de notar que não existem muitas mulheres aqui para mantê-lo distraído. Pelo menos nenhuma que não seja parente.

– Verdade. Mas... – ele pegou minha mão e levou meus dedos à boca, beijando-os de modo muito deliberado – ... você sabe que nenhuma outra mulher está à sua altura.

Suspirei. A fada na minha cabeça deu um risinho. E a voz interior de Tia trovejou, gutural.

Um prato bateu ruidosamente no banco de pedra e Amon surgiu. Olhou da minha mão para o deus que a segurava.

– Acho que você usurpou meu lugar – disse Amon, mal contendo a tensão nos braços.

Hórus gargalhou.

– Foi, jovem deusinho? Eu estava dizendo a Lily como os salões de Heliópolis ficaram monótonos quando ela partiu.

– Que interessante – disse Amon. – Eu pensaria que, se havia alguma coisa desinteressante em Heliópolis, seria graças a você.

Hórus estreitou os olhos para Amon.

– Tome cuidado, garotinho. Já tive a generosidade de permitir que você pegasse meu falcão dourado de empréstimo. Não tente fazer com que eu me arrependa desse presente precioso.

– Essa é a diferença entre nós – disse Amon, inclinando-se para ele e olhando de cima o deus sentado. – Eu jamais abriria mão de uma coisa tão preciosa.

Levantando-se com os punhos cerrados, Hórus disparou:

– Seu moleque ingrato. Parece que você está precisando aprender uma lição.

Antes que ele pudesse fazer qualquer movimento, Ahmose e Asten surgiram atrás de Amon.

– Ele estava incomodando você, Lily? – perguntou Ahmose.

– Não é óbvio? – observou Asten.

Então me interpus entre eles, a mão pressionando o peito musculoso de Amon e o de Hórus.

– Hórus não quis dizer nada com isso.

– Ah, acho que quis sim – reagiu Amon, o olhar fixo no deus.

Vendo que ele não iria recuar, tomei seu rosto entre as mãos. Os olhos de Amon estavam iluminados por um brilho verde. Ele estava prestes a canalizar seu poder.

– Ei – falei docemente, e ele por fim afastou o olhar de Hórus e me encarou. – Essa luta não vale a pena. Vamos nos concentrar naquela em que precisamos pensar de verdade. Além disso – lancei um olhar significativo para o deus atrás de mim –, eu posso lidar com ele.

Hórus gargalhou.

– Acho que eu gostaria disso.

Dessa vez foi Asten que avançou, desafiando o deus:

– Lily não é sua. Se sabe o que é melhor para você, afaste-se dela.

O deus deu um risinho.

– Ela é sua, então, Sonhador? Ou sua, Desbravador? – Um olhar magoado atravessou o rosto dos dois, mas eles não disseram nada. – O que, exatamente, vocês três vão fazer com uma mulher? – perguntou Hórus. – Me digam. Vão rasgá-la ao meio? – Ele se virou para Amon, cujos olhos brilhavam com farpas cristalinas e mortais. – Desculpe – disse Hórus em tom fingido. – Em três partes?

– Hórus! – interveio Ísis, pousando a mão com força no ombro do

filho. – Sua conduta é inadequada.

O deus parou instantaneamente, fazendo uma reverência a Ísis.

– Peço desculpas, mãe. Minha intenção era apenas verificar o presente que dei a Lily. Quanto a essas três marmotas espinhentas – disse, indicando os Filhos do Egito –, eu só estava me divertindo um pouco ao provocá-los. Eles pareciam ansiosos por uma luta para liberar um pouco da frustração contida.

– Seja como for – declarou Ísis –, haverá lutas suficientes para todos nós mais tarde. Venha, filho. Quero conversar com você antes de ir embora.

– Não, mãe. Por favor, reconsidere isso. Papai não quereria...

– É por seu pai que faço isso – disse ela baixinho. – Não torne a situação mais difícil do que já é, filho.

Eu imaginaria que ser repreendido pela mãe diante de uma garota seria embaraçoso para Hórus, mas, na verdade, ele parecia muito mais preocupado com o bem-estar dela do que com as aparências. Isso me fez gostar mais dele. Sem dúvida, havia mais em Hórus do que ele aparentava à primeira vista.

Assim que se afastou, começamos a comer. Amon, que atipicamente não estava comendo com prazer, disse baixinho:

– Sei o que você pretende fazer.

– Deve ser bom conseguir xeretar qualquer coisa que você queira.

– Não é... bom. Muitas vezes desejei não ter o Olho, especialmente em situações como esta.

– Eu sei – respondi baixinho. – Mas precisamos dele. Você sabe que não é algo que possamos pôr de lado, por mais que a gente queira.

Uma cidadã de Heliópolis que rondava Néftis se aproximou e perguntou se tínhamos terminado a refeição. Quando fiz que sim, notando que nenhum dos irmãos havia comido com a vontade de sempre, ela pediu que a seguíssemos.

Levou-nos até um toldo grande que abrigava a abertura de uma caverna na encosta. Era alta a ponto de nem mesmo Ahmose ter de se abaixar, e suficientemente larga para dois de nós entrarmos ao mesmo

tempo. Castiçais esculpidos em pedra faziam a luz de tochas dançar nas paredes. Dentro, o ar era fresco e um pouco úmido.

Descemos por uma série de degraus de pedra até chegarmos a uma caverna ampla. Algumas alcovas tinham sido arrumadas para nós. Numa delas ficavam três camas, uma bacia de pedra para se lavar e roupas limpas. A outra tinha uma cama muito maior, coberta com tecidos de seda em tons de dourado, cinza metálico e bronze. Um espelho adornava a parede e o piso de pedra era coberto por um tapete espesso. Era muito convidativa.

Quando a mulher saiu, verifiquei minha aparência no espelho. Ajeitando os cabelos castanhos, parei, pegando uma mecha loura. Virando-me, notei outras, umas mais sutis, algumas mais antigas e desbotadas e outras ainda mais novas. Cada homem tinha deixado uma lembrança visível. Puxei os cabelos para trás e os prendi com um nó na nuca.

Vamos mesmo fazer isso?

Vamos dar uma opção a eles, disse Tia.

E se disserem não?, perguntou Ashleigh.

Não vão dizer, respondeu Tia, confiante.

De qualquer modo, é um risco, falei. *Mas é a única solução que me ocorre. Se vocês tiverem outras ideias, esta é a hora.*

Tia e Ashleigh nada disseram, então me preparei e deixei o quarto, indo ao encontro dos homens. Detive-me do lado de fora da alcova, cuja entrada era coberta com um tecido, e já ia pigarrear anunciando minha presença quando os ouvi falando.

– Não podemos deixar que ela faça isso – disse Amon.

– Não sei como podemos impedir – retrucou Asten.

– Prefiro que elas fiquem com você a vê-las desaparecer – observou Ahmose.

– Entre, Nehabet – gritou Amon.

Constrangida por ter sido descoberta escutando, tropecei, chutando pedrinhas soltas, e me segurei na entrada de pedra. Abaixando-me para passar por baixo do tecido, entrei no quarto deles, muito menor, e levei

as mãos às costas, apertando a pedra preciosa que tinha pegado no bolso escondido na aljava.

Asten falou primeiro:

– Não queremos que você faça isso.

– Faç... faça o quê? – gaguejei, pondo o escaravelho de Amon no bolso.

– Entregar-se a Wasret.

Piscando, falei:

– Ah. Era sobre isso que vocês estavam falando.

– Não é por isso que você está aqui? – perguntou Ahmose. – Para dar a má notícia? – Os cílios escuros baixaram, lançando sombras nas faces.

Fiquei incomodada por Ahmose não conseguir mais me olhar nos olhos.

– Não. – Mordi o lábio. – Não estou planejando fazer esse tipo de anúncio. Na verdade, ainda tenho esperança de evitar a vinda de Wasret, se for possível.

Amon franziu os lábios.

– Então, o que é?

– Eu... – Torci as mãos. – Tive uma ideia. Quero dizer, nós tivemos uma ideia. Achamos que é um modo de permanecer conectadas com vocês. Como estou com Amon. Queremos formar um elo.

– Um elo? – perguntou Amon. – Quer dizer, como o que usei com você em Nova York?

Assenti com a cabeça.

– Refiro-me ao permanente. O que você criou antes de morrer, na pirâmide.

– Você se lembra do que falei sobre isso? – perguntou Amon baixinho.

– Lembro.

– E as outras sabem?

– Sabem.

– Talvez não funcione – disse Amon.

Ele se levantou e tomou minhas mãos nas suas.

– Você sabe o que sinto por você, jovem Lily. E não quero que confunda minha hesitação com reticência, mas preciso entender o que você espera conseguir antes de tentar ajudá-la a fazer esse encantamento.

– Certo – falei, umedecendo os lábios. – Primeiro, você disse que ter meu escaravelho do coração o ajudou a me encontrar, que eu não desapareci completamente da sua visão, certo?

– Sim. Correto.

– Você também disse que podia ler meus pensamentos se quisesse, mas não os de Tia e Ashleigh.

Amon fez que sim com a cabeça.

– Bom, nós achamos que há um motivo para isso. – Respirei fundo, olhando a expressão insondável de Asten e Ahmose. – Achamos que o escaravelho do coração que você tem pertence só a mim.

– Acho que não entendi.

Asten se adiantou e segurou uma de minhas mãos.

– Isso é possível? – perguntou, os olhos se iluminando.– Faz sentido. Cada uma delas tem um mundo dos sonhos diferente.

– Claro que são diferentes – disse Ahmose. – Vá direto ao ponto.

– Ah! – soltou Amon. – Entendi.

– É melhor alguém explicar do que estão falando – exigiu Ahmose.

– Ahmose – comecei –, nós achamos que Tia e Ashleigh têm, cada uma, o próprio escaravelho do coração. Se estivermos erradas, não perdemos nada, mas, se estivermos certas...

Amon ergueu a mão.

– Vamos conter as esperanças até verificarmos com certeza a primeira premissa. Venha, Lily. Vamos descobrir.

Tomando minhas mãos, Amon me puxou para ele. Fitando os meus olhos, disse:

– Tia? Você pode vir à frente?

A leoa se desenroscou do fundo da minha mente e trocou de lugar comigo. Meus músculos se enrijeceram com sua força e ela piscou. Virando-se para Asten, ergueu um canto da boca e depois apertou as mãos de Amon.

– Eu tenho um coração para compartilhar? – perguntou Tia baixinho. – Não tenho certeza se algum dia tive.

– Você tem, sim – disse Asten com suavidade.

– Ponha a mão sobre o coração – instruiu Amon. Quando ela fez isso, ele cobriu a dela com a sua. – Agora concentre-se. Ashleigh e Lily, tentem aquietar seus pensamentos. Fiquem o mais imóveis que puderem. Tia, feche os olhos e se veja em sua mente. Encontre sua verdadeira natureza. Pense no que a torna forte. No que é somente você. Pense nos seus talentos. Nas coisas que você ama. Agora... concentre todas essas coisas num só lugar. Ouça seu coração batendo. Imagine que cada batida é a liberdade. É sua pata batendo no chão enquanto você corre. É isso. Um... dois... três... Envolva-o com os dedos e puxe.

Amon recuou e Tia abriu os olhos. Em sua mão havia um reluzente escaravelho dourado. A pedra preciosa amarela tinha uma faixa de luz que traçava uma linha reta vertical em seu centro. Na base não ficavam as patas finas de um inseto, e sim as garras de um leão, e poderosas asas douradas se projetavam de ambos os lados. No topo havia uma leoa dourada com olhos vazios que cintilavam com a luz da pedra por trás deles.

– É um olho de gato – disse Amon. – Bem adequado!

Tia passou a ponta dos dedos pela pedra. Asten estendeu as mãos, perguntando:

– Posso segurá-lo para você?

Ela assentiu distraidamente.

– E agora Ashleigh – anunciou Amon.

Tia recuou para o lugar onde eu pairava no escuro e Ashleigh se adiantou. Amon repetiu o processo e logo, na palma dela, via-se um escaravelho verde com delicadas patas de borboleta e asas de fada. Com um brilho no olhar, ela o entregou a Ahmose para que o guardasse em segurança.

Em seguida, Amon disse:

– Você estava certa. Cada uma tem um escaravelho. Agora, senhoras, quais são suas intenções exatamente?

– *Bom, é meio óbvio, não é, garoto?* – disse Ashleigh, usando minha voz. – *Eu gostaria de perguntar àquele cara bonitão ali, todo carrancudo, se ele pode cuidar do meu coração.*

Ahmose respondeu franzindo as sobrancelhas, segurando meu cotovelo e me guiando para fora da caverna, de modo que seus irmãos não nos escutassem.

– Ash – começou ele –, isso que você está pedindo...

– *É, é importante, eu sei. É assim que você vai nos encontrar se a gente se perder de novo.*

– Significa muito mais do que isso.

– *Ah, garoto* – disse Ashleigh, estalando a língua e aproximando-se dele. – *Depois de tudo o que passamos juntos, você não deseja estar comigo?*

– Você sabe que desejo.

– *Então que bicho maligno está atormentando você?*

Ele passou a mão no queixo, a barba por fazer arranhando-lhe a palma.

– Só acho que você não se dá conta completamente das implicações...

Pondo a mão em cima da dele, envolvi a pedra verde com seus dedos.

– *Nós três entendemos as implicações. Você não vê? É um palito de fósforo que estamos lhe dando, uma luz pequenina que a gente pode seguir para encontrar o caminho de casa no escuro. E não se engane, garoto, você* é *minha casa. Se o mantiver perto, eu volto para você. Não duvide disso.*

Segurei sua camisa e o puxei para baixo, capturando seus lábios com os meus. Seus braços envolveram minha cintura, me puxando mais para perto, enquanto um som grave escapava do fundo de sua garganta. Ahmose me apertou com tanta força que eu mal conseguia respirar. Mas respirar parecia não ter muita importância. Eu não tinha percebido que ele havia me levantado até que ele, ao fim do beijo, me pôs no chão, firmando meus membros trêmulos.

– *Bom, é assim que uma garota deve ser beijada* – falei com um sorriso malicioso e um brilho maroto nos olhos.

Ahmose afastou um fio de cabelo do meu rosto enquanto me fitava

no fundo dos olhos. Não havia nada de provocador no modo como me encarava.

– Quero que você saiba que eu sei o que isso significa – disse ele. – Aceito seu presente, Ash. A partir desse momento meu coração só vai desejar você.

Ele começou a entoar um encantamento familiar. O que iria nos unir permanentemente. Ao terminar, deu um passo para trás, colocando o escaravelho verde sobre o coração, e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, a pedra afundou em seu peito. Quando ela sumiu, um sorriso suave levantou os cantos da boca de Ahmose.

– É como deveria ser – disse ele com um suspiro.

Erguendo a outra mão, tocou o peito e uma luz tremeluzente apareceu entre seus dedos. Um escaravelho se materializou. Era uma pedra da lua.

Com apenas uma breve hesitação, ele me entregou a joia e a envolveu com meus dedos.

– Sei que você não pode guardá-lo do mesmo modo – disse ele. – Mas mesmo assim é seu.

– *Meu lindo Ahmose* – disse Ashleigh –*, vou sempre guardá-lo como um tesouro.*

Coloquei seu precioso escaravelho no meu bolso, junto ao de Amon. Ele beijou minha mão e a passou pelo seu braço enquanto me guiava de volta até os outros. Quando entramos na alcova, ele disse:

– Está feito.

Ahmose pôs-se de lado e me virei para Asten, que segurava o escaravelho dourado, olhando-o pensativamente, sentado na cama. Ele me olhou e mordeu o lábio, o rosto bonito perturbado. Depois de um momento cheio de tensão, ele disse:

– Acho que não vou guardar esse escaravelho exatamente do mesmo modo que Amon e Ahmose.

Num piscar de olhos Tia chegou à superfície. Nossas garras emergiram, ela se esgueirou até Asten e levou a palma da mão ao

pescoço dele. Quando apertou, os olhos dele se arregalaram. A leoa estreitou os seus e sibilou:

– *Vou lhe dar exatamente cinco segundos para explicar sua atitude antes de picá-lo em pedacinhos e jogar sua carcaça retalhada e mentirosa aos quatro ventos, para que os abutres se fartem.*



Uma asa e uma oração

– Ei, espere um momento, Tia – conseguiu dizer Asten, engasgando.

Amon e Ahmose se adiantaram, como se fossem intervir, mas o rosnado grave de Tia fez com que se detivessem. Quando nos certificamos de que eles não iam interferir, ela retraiu as garras e moveu a mão para o ombro de Asten, segurando a camisa dele com força, mas mantendo os olhos estreitados fixos nele.

Enquanto Asten esfregava o pescoço, a marca de uma mão se destacando na pele, Tia o acusou:

– Está com medo da leoa, Asten? Talvez você seja um consorte indigno e eu tenha escolhido meu parceiro com pouca sabedoria.

Com raiva, ela empurrou Asten para o lado e lhe deu as costas.

– *Ahmose?* – começou Tia, mas Asten se levantou de repente da cama, agarrou o braço dela e a fez girar.

Então puxou meu corpo contra o seu em um abraço do qual eu não podia escapar. Com uma expressão severa que não admitia discussão, falou sem olhar os irmãos:

– Que tal um pouco de privacidade?

Amon e Ahmose nos lançaram um olhar demorado e então saíram. Tia não queria mais ser contida. Soltou-se dele, mas Asten grunhiu. Ele agarrou os ombros dela e a empurrou contra uma parede, barrando nossa fuga com o corpo. Um calor se irradiava dele e sua pele reluzia na penumbra da alcova.

– Você vai me fazer a gentileza de ouvir, senhora leoa.

Tia se eriçou com a ameaça que reconheceu na voz dele. Algo dentro dela queria reagir ao desafio. Minha respiração saía ofegante enquanto o peito subia e descia. A raiva que ela sentia – não, que *nós* sentíamos – era uma coisa inebriante e quase tangível. No entanto, eu percebia que a fúria estava se esvaindo, transformando-se aos poucos em algo igualmente poderoso e talvez ainda mais perigoso. Através de Tia, eu tinha consciência do corpo dele encostado no meu e do modo como seus olhos fitavam os meus lábios.

O fato de me debater contra ele fez Asten prender minhas mãos contra a parede. Tia lançou-lhe um olhar cortante, enquanto todo o meu corpo se eriçava com fogo. Dava para ver que ele não estava com medo da felina feroz dentro de mim. Mesmo assim, Tia o instigava, precisando provocar uma reação.

– Você é covarde – disparou ela. – Admita.

Asten inclinou a cabeça de cara feia. Seu aperto nas minhas mãos diminuiu, mas não baixei os braços porque ele nos prendia no lugar com os olhos. Estávamos hipnotizadas por seu olhar. Éramos como dois predadores se encarando, vendo quem hesitaria primeiro. Lentamente ele baixou as mãos até que as pontas dos dedos roçassem nas palmas das minhas mãos. Então chegou mais perto, tão perto que seu cabelo roçou meu rosto com um toque de pluma.

Os instintos felinos de Tia eram uma confusão só. Parte dela gritava dizendo que deveria proteger meu pescoço vulnerável, fonte do meu sangue vital. Mas outra parte queria sentir os lábios de Asten na minha garganta. A respiração quente dele levantava os pelos finos do meu pescoço enquanto ele murmurava em um tom de voz baixo e perigoso:

– Só porque estou agindo com cautela não quer dizer que eu seja covarde, Tia. Não confunda minha hesitação com falta de... desejo.

Meu corpo estremeceu quando seus lábios roçaram o lóbulo da minha orelha e percorreram a linha do meu maxilar. Fechei os olhos, o lado humano convencendo o lado felino de que, embora isso fosse perigoso, era o tipo de perigo do qual gostávamos. Quando os lábios

dele encontraram o canto da minha boca, Tia soltou um pequeno gemido de prazer. E nos entregamos à sensação.

Enquanto ele mordiscava o canto da minha boca e beijava meu rosto e meu queixo, suas mãos deslizavam lentamente pelos meus braços nus, hipnotizando minha pele, ateando fogo a cada nervo. Quando ele chegou aos meus ombros, correu as mãos sobre eles e envolveu meu pescoço. Mergulhando os dedos nos cabelos, inclinou minha cabeça e me beijou.

Tia desejava a sensação furiosa, chamejante. Agarrá-lo e correr pelo capim alto numa velocidade de tirar o fôlego. Mas ele a conteve, provocando e acariciando enquanto a beijava em um fogo lento que parecia jamais terminar. Ele levantou a cabeça e, com os polegares, traçou a linha dos meus malares. Tudo o que tinha feito era beijar Tia, e no entanto meu coração disparava no peito, como se eu tivesse perseguido uma gazela.

Os olhos castanhos de Asten eram poços redondos e reluzentes que me hipnotizavam. Tia lambeu os lábios, desejando sentir o gosto dele de novo. Dessa vez foi ele quem gemeu.

– Repetiremos isso mais tarde. – Encostando a testa na minha, ele envolveu minha cintura com os braços e me puxou mais para perto. – Eu prometo.

Era difícil separar os sentimentos de Tia dos meus. Ashleigh era menos afetada. Não conhecia Asten como nós conhecíamos, mas até ela sentia uma agitação emocional. Os pronomes eram confusos. Ele me tocava, tocava meu corpo, mas eu sabia que era Tia que ele desejava.

Eu não achava que estivesse apaixonada por Asten. No entanto, naquele momento, poderia jurar que sim. Era a suprema experiência em 4-D. Tentando acalmar as batidas do meu coração, ouvi Tia sussurrar com minha voz:

– *Então por quê, Asten?* – Pude sentir os músculos das costas dele ficando rígidos, mas ela precisava saber... *nós* precisávamos saber. – *Se você sente isso por mim, por que não quer proteger meu coração?*

– Você me entendeu mal – disse ele, recuando e segurando minhas

mãos. Levou os lábios ao dorso de cada uma delas, beijando-as de um jeito que deixou Tia sem fôlego. – Eu vou cuidar dele. – E nos encarou com toda a sinceridade nos olhos. – Considero esse presente inestimável e juro protegê-lo até não ser mais capaz.

– *Mas não quer mantê-lo dentro de você* – disse minha voz, categórica.

A leoa estava confusa e magoada. Sentia-se como qualquer humano depois da primeira picada da rejeição. A ideia de que agora era mais humana do que leoa a incomodava.

– Não. – Asten recuou um passo e me virou as costas. Eu ia me afastar e então ele se moveu. – Mas vou lhe oferecer o meu.

Asten estendeu as mãos e Tia olhou do rosto sério dele para o que estava aninhado nelas. Um escaravelho de diamante cor de chocolate com patas e asas de bronze repousava em suas palmas. Ela tocou a superfície do escaravelho, maravilhando-se com a pedra lisa, quase fria. Uma leve pulsação disparou nas pontas dos meus dedos e soubemos que eram os batimentos do coração dele.

– Mas eu pensei... – começou Tia.

– Pensou o quê? Que eu não gostava de você? Que uma fada e uma humana mereciam o amor, mas uma leoa não?

Ela se imobilizou. Era exatamente o que tinha pensado.

Asten pegou minha mão e pôs o escaravelho nela.

– Você pensou que eu gostava de Lily – acrescentou baixinho.

Ela o encarou rapidamente, mas os cílios dele estavam abaixados, escondendo os olhos.

– E não é verdade? – perguntou Tia.

Ele fez uma longa pausa, a boca se contorcendo antes de responder.

– Admito que amar uma humana seria mais fácil em muitos sentidos. Mas... – Asten pôs o dedo sob meu queixo, levantando meu rosto de modo a nos olhar diretamente nos olhos – ... a esta altura conheço vocês duas bastante bem. Gosto de Lily. Mas é em você que estou interessado, Tia.

Suas palavras eram o que Tia desejava escutar. No entanto, ela fora testemunha do diálogo doce e terno de Ahmose e Ashleigh. Também

sabia o que Amon e eu sentíamos um pelo outro. Alguma coisa estava errada. Algo que Asten não queria lhe dizer, e isso a chateava. Ela não gostava da falsidade humana.

– *O que você está escondendo de mim?* – perguntou. – *Está com vergonha de me contar seus verdadeiros motivos? Está com vergonha dos seus sentimentos?*

Ele ficou boquiaberto.

– Não, Tia. Como você pode pensar isso?

Tia virou-se e fitou o escaravelho do coração dele. Uma lágrima caiu na superfície da pedra e ela passou o polegar por cima. Tia estava chorando? Tia estava chorando! As leoas não choram. Seu choque com a reação emocional reverberou em minha mente. Irritada, ela enxugou as lágrimas e se soltou da mão dele.

Asten deu a volta e segurou meus ombros.

– Isso não tem nada a ver com você. Não sinto vergonha. É só... – ele passou a mão pelos cabelos e andou para um lado e para outro no cômodo pequeno. – … é só que meu coração não é... feito do mesmo jeito.

– *Como assim?* – perguntou Tia, inclinando minha cabeça.

– Quero dizer que eu... – Ele engoliu em seco e suspirou. Então sentou-se pesadamente na cama e pousou a cabeça nas mãos. – Eu já tentei, Tia.

– *O quê?* – perguntou ela, sem saber se entendera as palavras que ele havia murmurado.

Ele ergueu os olhos, o constrangimento colorindo-lhe as faces e o pescoço.

– Não funcionou. Quando você estava lá fora com Ahmose, eu tentei absorver seu coração. Achei que isso pouparia tempo. Eu já sabia como me sentia, mas... não consegui. Amon sabe – acrescentou, desalentado. – Ele acha que pode ter a ver com meu julgamento no mundo dos mortos. Sinceramente, também pode ser porque eu não sou o príncipe que nasceu para essa tarefa. Podem ser várias coisas.

Tia sentou-se ao lado dele, tão atônita que a princípio não soube o

que dizer.

– *Mas...* – começou ela – *... mas você me deu seu escaravelho.*

– É. Aparentemente ainda tenho um. Se você não o quiser, vou entender.

Não o quiser? Não querer o coração do feroz e ardente deus das estrelas? Como ele pode pensar uma coisa dessas?

Tia fechou minha mão num reflexo, envolvendo o escaravelho. Com cuidado, colocou-o no meu colo e se virou para o homem ao seu lado. Segurando-lhe o rosto, olhou fundo em seus olhos.

– *Agora me escute, Asten. Não há nada de errado com o seu coração. Não há nada de errado com você. Quando tudo isso terminar, vamos procurar uma resposta para essa questão. Mas por enquanto isso não tem importância.*

– E se isso significar que você está perdida para Wasret? Talvez você devesse encontrar outro que possa chamá-la das trevas – disse ele, cansado.

– *Asten, não existe mais ninguém que eu consideraria.*

Ele assentiu com a cabeça e perguntou, quase hesitante:

– Ainda quer ficar ligada a mim?

– *Você pode fazer o encantamento sem absorver meu coração?*

– Posso.

– *Então vá em frente.*

Asten ergueu as mãos e teceu uma nuvem estrelada, em seguida entoou o feitiço que ligaria Tia a ele para sempre. Quando terminou, tomou-a nos braços e os dois ficaram ali sentados juntos por vários minutos, simplesmente abraçados um ao outro. Então ouvimos uma tosse fraca do outro lado da cortina.

– Você deveria dormir agora – disse Asten. – Vamos partir quando o sol se puser.

Tia moveu a cabeça em assentimento.

– *Boa noite, então.*

– Boa noite.

Ao sair dos braços dele, Tia recuou e eu voltei à frente. Quando abri

a cortina, vi Ahmose e Amon parados. Segurei a mão de cada um deles e as apertei, e então voltei para minha alcova. Embora tenha me deitado, fiquei me revirando enquanto minha mente repassava os vários possíveis motivos para Asten não conseguir absorver o coração de Tia.

Incapaz de me separar deles, coloquei os três escaravelhos embaixo do travesseiro e enfiei a mão também sob ele, de modo que meu braço tocasse cada um dos três. As leves pulsações de cada coração nos tranquilizaram. Tia e Ashleigh falaram comigo até tarde. Quando todas por fim concordamos com relação a um caminho, finalmente fechei os olhos e dormi.

Tive a impressão de que apenas alguns minutos haviam se passado quando uma mão tocou meu ombro.

– Eles estão se reunindo lá em cima, Lily – disse Amon. – Venha quando estiver pronta.

Grogue, me levantei da cama e joguei água fria no rosto. As roupas limpas que estavam numa pilha muito bem dobrada quase encheram meus olhos de lágrimas. Depois de vestir uma blusa larga enfiada numa calça macia, fiz uma tentativa débil de passar os dedos pela massa de cabelos embolados, mas logo desisti.

Com cuidado coloquei cada um dos escaravelhos do coração na aljava, onde as poucas e preciosas flechas de Ísis estavam, e examinei o arnês de couro. Ele não tinha encolhido nem se afrouxado com a água do Rio Cósmico. Botas confortáveis completavam o traje. Quando fiquei pronta, com o arco, a aljava e o arnês com as facas, saí da alcova e encontrei os três homens me esperando. Assenti com a cabeça para cada um deles e disse:

– Vamos.



A criada de Néftis nos esperava na base da escada. Eu a acompanhei, os Filhos do Egito vindo logo atrás. Após alguns passos, senti meu pescoço

formigando e quente, como se alguém segurasse uma vela acesa perto demais dele. O calor envolvia o pescoço como uma coleira apertada e subia lentamente pelas faces.

Quando olhei para trás, imaginando se mais alguém estava com o mesmo problema, três pares de olhos se fixaram na minha direção. Meus passos ficaram mais pesados. De repente, minhas roupas irritavam a pele. Puxei a camisa, abanando a pele com o tecido. O sangue nas veias se transformou em lava. Uma fome líquida se empoçava na minha barriga.

O fogo se esvaiu quando uma mão segurou minha cintura. Era como gelo tocando uma testa febril. Amon murmurou baixinho no meu ouvido enquanto erguia a bainha da minha camisa e desenhava pequenos círculos na pele.

– É um efeito colateral do elo, intensificado pelo seu lado esfinge.

– O que está acontecendo comigo? – perguntei, os lábios trêmulos.

Seus olhos castanho-esverdeados reluziram na caverna escura.

– O sangue da esfinge é volátil. Especialmente quando ela aceita um parceiro.

Engoli em seco.

– Mas nós não... – minhas palavras ficaram no ar enquanto eu percebia como a conversa tinha ficado esquisita – ... acasalamos – consegui desembuchar finalmente.

Os lábios de Amon se retorceram.

– O fogo queimou em você antes, apesar de nossa falta de... como você diria?... uma lua de mel?

Confirmei com a cabeça, ao mesmo tempo fazendo uma careta. Lembrei-me vagamente do Dr. Hassan falando algo sobre o sangue da esfinge. Desejei ter prestado mais atenção.

– Você se lembra de como nosso elo a levou a me encontrar no mundo dos mortos?

– Lembro.

– Imagine aquilo multiplicado por cinquenta. – Quando ergui uma sobrancelha, lançando-lhe um olhar do tipo "Você não pode estar falando sério", Amon explicou: – Quando uma esfinge escolhe um

companheiro para toda a vida, eles se unem de tal modo que só ele pode esfriar o sangue ardente dela. Quando você me deu seu escaravelho do coração antes de sairmos do mundo dos mortos, o primeiro elo com a esfinge foi cimentado.

– Mas pensei que nos unimos permanentemente na pirâmide – falei, esfregando os braços, a pele pinicando, ainda que mais fria.

Amon balançou a cabeça.

– Ali era só você, a humana, Lilliana Young. O elo da esfinge só poderia ocorrer quando Tia também me aceitasse. Isso só aconteceu quando você me deu seu coração. Se ela tivesse sido contra, você não poderia tirá-lo. O fato de Tia e Ashleigh poderem extrair seus escaravelhos do coração também significa que todas vocês concordam com os elos criados.

– Certo, mas esse negócio do fogo é novo. Nós não queimamos na fazenda da vovó. Isso só acontece de vez em quando? Pode ser ligado e desligado?

– Não. Não exatamente. A mente é poderosa. Sem suas lembranças de mim, seu corpo não era dominado pelo calor. Desde que suas memórias despertaram, eu estive ao seu lado, mantendo o fogo a distância. Normalmente você não o sente estando perto do companheiro. Mas, quando uma esfinge vai para a batalha, o que estamos prestes a fazer, as brasas se tornam um fogo selvagem. É um modo de preservar você. O fogo alimenta suas habilidades na batalha. No seu caso, a reação é mais ampliada ainda agora que está ligada a três homens diferentes. Seu sangue queima por cada um de nós, e nós sentimos. É uma mensagem para nós de que você está indo para o perigo. Se isso acontecer quando estivermos separados, podemos ir diretamente a você, seguindo o fogo, para ajudá-la a derrotar qualquer inimigo que ameace sua vida.

– Espere um minuto. Você disse que isso normalmente não vai acontecer quando eu estiver perto de você. Então o que significa se acontece quando estamos juntos?

– Quando estamos juntos, quer dizer... quer dizer que você deseja estar mais perto. – Amon segurou minha mão, entrelaçando os dedos nos

meus. – Quando o seu sangue chama, não podemos negar a atração. É um canto de sereia para nós. Comigo foi sempre assim, mesmo antes de você virar esfinge, mas agora a força é irresistível. Qualquer separação, a partir deste momento, será quase insuportável para nós. Qualquer um de nós – acrescentou para que os outros ouvissem.

– Então enquanto você, Asten e Ahmose estiverem perto, eu não vou queimar feito um foguete entrando na atmosfera?

– Nós precisamos tocar você para afastar as chamas assim que elas começarem. Mas o fogo não fará mal a você, jovem Lily, apesar de às vezes ficar avassalador. Eu deveria ter previsto essa reação ao serem feitos três elos. Você é uma esfinge e, portanto, está sujeita aos instintos que governam essa criatura. Unir-se a uma esfinge não é uma coisa a ser encarada de modo leviano.

Vendo minha expressão preocupada, Amon acrescentou:

– Nós não estamos arrependidos. Nenhum de nós. Nem pense em imaginar que não estamos tão comprometidos com você quanto você conosco. Levamos nossos votos a sério.

Votos? Nossa ligação significa que... estamos casados? Uau. Eu não estava nem um pouco no lugar onde havia pensado que estaria nessa idade. Não achava que iria me casar antes dos... bom, acho que nunca tinha pensado de verdade em casamento, pelo menos não a sério. *Mas mesmo assim* – lancei um olhar de lado para meus novos companheiros, admirando-lhes o queixo e os ombros fortes, senti a mão entrelaçada na minha e soltei um suspiro. – *Uma garota poderia se sair pior.*

Quando chegamos ao topo da escada fomos cercados imediatamente pelos deuses. Néftis me dirigiu um olhar demorado, perspicaz – do tipo que dizia que tinha conhecimento de todas as coisas que havíamos feito.

– Ísis – anunciou ela –, chegou a hora.

A bela deusa alada se aproximou e andou em círculo à nossa volta, murmurando palavras suaves que não distingui. O sol havia acabado de se pôr e o céu tinha um tom fugaz entre roxo e preto. Num instante, isso desapareceu. Então algo roçou minha consciência. Eu poderia jurar que

ouvia sussurros em minha mente. Não eram nada parecidos com os de Tia e Ashleigh. Pareciam... estranhos.

– Este encantamento – disse Ísis, me distraindo das vozes – vai canalizar as energias do Cosmo, de modo a mantê-la escondida da Devoradora. Se ela capturar Amon de novo, seus corações unidos não vão levá-la a você, e vice-versa.

– É assim que a senhora e Osíris estão conectados? – perguntei.

– Não exatamente. – Ísis inclinou a cabeça. Seus lábios se franziram, depois formaram uma palavra: – Espere – pediu. Então fechou os olhos e levantou o nariz como se procurasse um cheiro. – Ora, ora, você andou ocupada. Sabíamos sobre Amon, claro, mas isso... – disse, indicando Asten e Ahmose. – Isso é novo, não é?

Enrubescendo, assenti com a cabeça.

– Hum... – disse Ísis. – Isso... complica as coisas. – Virando-se para Amon, ela perguntou: – Entendo os motivos de usar meu encantamento para seu benefício, mas por que o deu aos seus irmãos?

Amon, tão alto quanto a deusa escultural, parado diante dela, corajosamente respondeu:

– Eles têm tanto direito à felicidade quanto eu, imagino.

– Interessante. – Um canto da boca de Ísis subiu e seus olhos brilharam de forma reveladora. – E muito generoso, devo acrescentar, considerando que você uniu a mulher que ama aos seus irmãos. Por causa disso terei de fazer algumas mudanças.

Ele não se deu ao trabalho de esclarecer que o encantamento tinha sido para Tia e Ashleigh, e não para mim, mas talvez para ela isso não tivesse importância. *Ou...* mordi o lábio, pensando. *Será possível que Amon não tenha me contado todos os detalhes do encantamento?* De qualquer modo, agora era tarde demais para fazer alguma coisa. Eu teria de confrontá-lo sobre isso mais tarde.

Ísis se virou, andando de um lado para outro. Suas asas lustrosas estremeceram ligeiramente. Lembrei-me da sensação de suas flechas com extremidades emplumadas roçando no meu rosto quando eu puxava a corda do arco e me perguntei se ela sentiria dor ao perder uma pena.

Quando Ísis chegou a uma decisão, pediu que os Filhos do Egito formassem um triângulo à minha volta. Amon deveria colocar uma das mãos sobre meu coração e outra no ombro de Asten. Asten e Ahmose também deveriam colocar uma das mãos no ombro do irmão ao lado e a outra no meu ombro.

– Como vocês já optaram por unir os corações – disse Ísis –, vou terminar a parte do encantamento que Amon iniciou, mas saibam que vocês ainda terão o poder de se afastar, se quiserem.

– Espere aí – falei. – Eu achava que nossos elos eram indestrutíveis. Que nada poderia se interpor entre nós.

– E nada pode – disse Ísis –, a não ser vocês mesmos.

– Não entendi.

– Vocês uniram seus corações, mas, como sabem, um coração pode se partir. – Ísis olhou para sua irmã, Néftis, que baixou a cabeça olhando as próprias mãos. – Mas existe um elo mais profundo do que a simples troca de corações. É uma união compartilhada por dois seres que se conectam de modo tão profundo que se tornam um só. Esse é o encantamento que criei e que me conecta a Osíris. É um elo de almas, do poder cósmico de que nós dois somos constituídos.

Ela fez uma pequena pausa antes de continuar:

– Para isso precisei entregar uma parte de mim. Agora nós compartilhamos nossa energia, cada um sente a dor do outro. Se um morrer, o outro também morre. Esse é um encantamento oculto. Uma invocação que nem mesmo Amon pode discernir, porque foi realizado aqui nesta montanha, onde nem as estrelas podem ser testemunhas.

Depois de mais uma breve pausa, Ísis prosseguiu:

– Não vou coagir seus afetos nem tirar sua força interna para criar um elo tão duradouro neste momento. Mas vou ligar vocês seis. A partir deste ponto, vocês estarão amarrados uns aos outros. O único modo de separá-los depois disso é romper a amarra. Quando isso acontecer, *se* acontecer, irá devastá-los. Vocês podem se recuperar desse rompimento, mas talvez não se recuperem. Entenderam?

Todos dissemos que sim.

– Mais uma vez, saibam que não vou tocar nos laços que vocês mesmos criaram; em vez disso, vou criar uma sizígia, um encantamento poderoso que servirá para reforçar os laços entre os Filhos do Egito, assim como os das Progenitoras de Wasret. – Ela tocou o ombro de Amon com o rosto cheio de simpatia. – Amon, se você tivesse me procurado, eu poderia ter guiado seu caminho, reforçado o elo que você tentou criar, de modo que nada pudesse realmente rompê-lo. Um elo assim teria impedido tudo o que aconteceu com sua amada. É uma pena que sua escolhida seja aquela que minha irmã estava esperando.

Amon enrijeceu os ombros e seu olhar encontrou o meu. Seus olhos estavam cheios de tristeza e desculpas. Eu queria tranquilizá-lo, dizer que entendia e não me arrependia. Talvez ele pudesse ler minha mente, mas eu desconfiava que ele havia desligado essa habilidade. Amon optou por responder a Ísis com um simples aceno de cabeça.

– Irmã – disse Ísis –, é hora de começar.



Um sopro de ar gelado varreu a montanha. Minha pele se arrepiou e ficou fria, como se gelo houvesse queimado meus braços. Quando o vento cessou, fiquei parada, olhos fechados, sentindo a batida não de um, não de três, mas sim de seis corações. Engoli em seco, abri os olhos e descobri que fitava diretamente os de Amon. Ele me dirigiu um sorriso breve e levantou as sobrancelhas numa pergunta silenciosa.

Com um ligeiro aceno da cabeça, eu disse a ele que sim, eu estava bem. Na verdade, mais do que bem. Depois do encantamento, sentia uma conexão ainda mais profunda com os outros. Mas isso não tinha nada a ver com amor – pelo menos não com o amor romântico. Era mais como se fôssemos uma unidade, um grupo de guerreiros indo para a batalha. Se fosse pedido que nos colocássemos no caminho do perigo para proteger uns aos outros, era o que faríamos.

Amon levantou as mãos murmurando um encantamento e a areia se

juntou ao redor dele, redemoinhando em sopros intensos. Quando se acomodou, ele usava uma reluzente armadura de batalha, com as cimitarras mortais presas às costas. A areia girou em torno de Asten e Ahmose enquanto eles também se preparavam para a batalha.

Fiquei parada, torcendo as mãos desconfortavelmente. Néftis se aproximou.

– Por que não usa seu poder para criar a sua armadura? – perguntou.

Como eu poderia compartilhar meus temores com a deusa que estivera procurando Wasret praticamente desde o início dos tempos?

Ísis tocou o braço da irmã.

– Ela está preocupada com a hipótese de que a invocação do poder chame a outra – explicou.

– Ah! – exclamou Néftis. Em seguida, comprimiu os lábios, me examinando por um momento, os olhos mais luminosos do que um céu de verão. Depois disse: – Entendo sua hesitação. Você quer permanecer sendo você mesma pelo maior tempo possível. – Quando apenas concordei com um gesto da cabeça, infeliz, ela continuou: – Sua capacidade de se vestir estava presente antes de você acrescentar Ashleigh ao círculo, não estava?

– E-estava – gaguejei, lembrando-me de como Nebu me ensinou a usar o poder recém-adquirido em Heliópolis. – E o escaravelho de Amon me vestiu com uma armadura quando enfrentei a Devoradora no mundo dos mortos.

Néftis sorriu.

– Pode continuar a usá-la. Ela vem de dentro de você. É parte de ser esfinge, portanto não é exclusiva de Wasret. A proteção que vem de seus escaravelhos do coração é resultado do amor que seus rapazes têm por você.

Engoli em seco.

– Tem certeza?

Ísis riu.

– Se minha irmã diz, deve ser verdade.

A expressão de Néftis ficou tensa, mas então ela segurou minha mão.

– Confie em mim.

– Certo – falei, voltando a respirar. – Aí vai.

Com cuidado, quase hesitantes, Tia e eu nos juntamos para usar o poder da esfinge. Partículas de areia sopraram sobre nossos pés e envolveram nossas pernas. Ganhando confiança, invocamos mais areia. O vento soprou mais forte, criando uma parede móvel entre nós e os outros. Minhas roupas batiam no corpo e meu cabelo chicoteava como frenéticas serpentes da Medusa.

Quando o vento assentou, eu usava uma túnica de couro que se ajustava a minha cintura e era coberta por finas placas de metal. A blusa era escura e feita de um material cinza de trama apertada, assim como as calças justas. Botas com placas blindadas e luvas de metal protegiam a parte de baixo das pernas e os pulsos. Uma gola e placas de ombro de metal completavam a vestimenta. A roupa era pesada, mas daria proteção. Especialmente se tivéssemos de enfrentar aqueles demônios alados.

O arnês tinha saído dos meus ombros e virado um cinto de couro que pendia dos quadris. Agora minhas facas-lanças estavam facilmente acessíveis, uma em cada quadril. Treinei sacá-las e quando as coloquei de volta elas se encaixaram no lugar quase por vontade própria.

A aljava e o arco ainda estavam na posição de sempre, cruzando as costas. Por um breve momento entrei em pânico ao não encontrar os escaravelhos do coração na aljava. Então Ísis apontou para minha cintura e vi que os escaravelhos cintilantes estavam engastados no cinto. O de Amon no centro, ladeado pelos outros dois. Quando os toquei, as pedras reluzentes se expandiram em escamas sobrepostas que envolveram meu corpo como uma armadura. Eram rijas como diamantes, mas não pesavam nada.

Ísis andou à minha volta, inspecionando a vestimenta. Franziu a testa e balançou a cabeça.

– O que há de errado? – perguntei, ajeitando as tranças que formavam um coque na minha nuca. – Esqueci alguma coisa?

– Acho que sim – respondeu ela.

Verifiquei a aljava, puxei a camisa e olhei para Asten, que apenas deu de ombros.

Suspirando, Ísis disse:

– Dói ver um presente assim ser desperdiçado.

– Que presente? O arco e as flechas? Eu usei o mínimo possível, mas...

A deusa sibilou e agitou as mãos no ar.

– Não, não estou falando das flechas.

– Então o que... – comecei.

A deusa levantou as asas e as agitou.

Ao ver a expressão atônita ainda no meu rosto, Néftis veio em meu socorro.

– O que minha irmã está se perguntando é por que você não está usando suas asas.



Ganhando asas

– Minhas... minhas o quê? – perguntei, surpresa de ter encontrado a voz.

– Suas asas – disse Ísis. – Eu tinha certeza de que Hassan havia entendido – murmurou.

Pus as mãos nos quadris.

– Pelo jeito a senhora andou sendo discreta demais. – Apontei um dedo para a deusa, sacudindo-o no ar, e depois o movi num grande arco. – Isso serve para todos vocês.

Ísis suspirou e me dirigiu um olhar martirizado, como se eu fosse uma criança pedindo que ela explicasse a coisa mais básica.

– Você não se lembra de que o símbolo que encontrou no templo era da versão grega da esfinge?

– Sim, vagamente.

– E qual é a diferença entre as representações egípcia e grega da esfinge?

– Espere aí. Ele me contou. – Afastei-me alguns passos e voltei. – A versão grega é feminina.

– Sim, e o que mais?

– Ela tem asas?

– Muito bem. No dia em que deixei você para cumprir seu destino na planície africana, eu lhe dei não duas, mas três armas. – Ela fez uma pausa, esperando como uma professora impaciente que eu respondesse à pergunta não verbalizada.

– As facas-lanças – eu disse – e o arco com as flechas que fazem criaturas responderem às minhas perguntas e se dobrarem à minha vontade, e havia as...

Ísis levantou a mão.

– Não é isso que minhas flechas fazem.

– Não? Então por que os ceifadores...

Ela me interrompeu:

– Minhas flechas têm poderes curativos. No mundo dos mortos as flechas curaram as feridas místicas causadas pelo mal verdadeiro. Os ceifadores não eram de fato lacaios da Devoradora, por isso a flecha os libertou do controle dela. No caso dos cães do inferno, eles precisam se curvar ao poder da flecha, mas sua natureza é sombria. Por isso a flecha não os cura nem os transforma.

– E também não os matou – falei secamente.

– Não. Os cães do inferno não são vivos e nunca foram. São simplesmente sombras que nasceram no mundo dos mortos. Seu único propósito era perseguir os mortos no caminho da cura, de modo que os que estavam lá pudessem deixá-lo um dia. A Devoradora os usou e corrompeu.

– Ótimo. Que seja. Vamos voltar então à terceira arma que a senhora mencionou.

– São suas asas, claro.

– Certo, mesmo presumindo que eu tenha asas, e tudo indica que não tenho, como iria usá-las como armas?

– Quando minha pena entrou nas suas costas, doeu, não doeu?

– Claro que doeu. Ainda dói de vez em quando.

– Dói porque você mantém suas asas trancadas. Feche os olhos. – Quando ela viu que eu obedeci, continuou: – Concentre-se nesse calombo entre suas omoplatas. No lugar onde a pena entrou. Agora permita que essa irritação se expanda.

Eu me remexi, desconfortável, e estiquei as costas, girando o pescoço para um lado e para outro. A leve coceira se transformou numa ardência. Sibilando, falei:

– Isso espeta.

– Só na primeira vez que emergem. Pense na dor como se fosse uma farpa. Vai se sentir melhor quando as asas saírem.

Minha pele se rasgou, a dor explodindo ao longo da coluna. Gritei e caí apoiada em um dos joelhos, pondo as mãos no chão enquanto ofegava. Mordi o interior da bochecha e senti gosto de sangue. Minhas garras emergiram e riscaram sulcos na poeira enquanto eu arfava. Com um último esforço, a agonia passou, deixando em seu rastro um alívio tão palpável que gargalhei.

Retraí as garras e fiquei de pé, mas quase tombei para trás com o peso. Então algo me pegou e me firmou. A lua tinha nascido e, apesar de estarmos sob sua luz direta, sombras se cruzavam no meu rosto. Virei a cabeça devagar e vi uma asa pairando perto do meu ombro. Definitivamente não pertencia a Ísis.

Dei dois passos rápidos para trás e novamente experimentei o problema de desequilíbrio, mas dessa vez meu corpo se alçou no ar. As asas acima de mim bateram uma vez, duas, depois me pousaram no chão. Aparentemente a gravidade agora funcionava de modo diferente. Enrolei a asa direita em mim mesma até conseguir tocar as penas macias com a mão.

– Você as controla com a mente – disse Ísis. – Não vão ser tão difíceis de usar como você imagina. Você pode mandá-las embora de novo com um mero pensamento. – Estremeci, pensando no sofrimento que elas haviam causado ao emergir. A deusa deve ter lido minha mente, porque falou: – Não vai doer mais, agora que foram liberadas.

Testando sua orientação, mordi o lábio e desejei que elas se fossem. As asas se dobraram atrás de mim e se encolheram, desaparecendo. Levei as mãos às costas, tateando as omoplatas, mas as asas tinham sumido completamente.

– Antes de invocá-las de novo – disse Ísis –, posso sugerir uma ligeira mudança na sua vestimenta?

Confirmei com a cabeça, percebendo nesse momento que as asas

tinham rasgado as costas da minha camisa. Indo até atrás de mim, a deusa murmurou alguma coisa e a areia subiu ao longo do meu corpo.

– Pronto – disse ela quando a areia se imobilizou. – Modelei sua roupa como a minha. Suas asas vão emergir de uma fenda longa nas costas da camisa, acima da túnica, se você tiver cuidado. Caso contrário, elas podem danificar sua roupa a ponto de ela não continuar cobrindo seu corpo.

Passei a língua pelos lábios e olhei para os rapazes, dizendo:

– Sem dúvida, vou tomar cuidado.

Fechando os olhos e me preparando para a dor, invoquei as asas de novo. Dessa vez não senti nada além de um alívio confortável. Era como tirar os sapatos de salto alto no fim do dia. Experimentei batê-las e meu corpo subiu mais de 1 metro do chão antes de descer novamente.

Com os olhos de felina arregalados, engoli em seco. *Santos céus egípcios*, pensei. *Eu tenho asas. Se vovó e o Dr. Hassan pudessem me ver agora!* Eu sentia saudade deles.

Olhando de perto, notei que as penas eram matizadas, assim como meu cabelo, as cores numa palheta de ricos tons metálicos – prata, platina e ouro. Encontrando uma pequenina pena felpuda, puxei-a e soltei um uivo. Era como arrancar uma mecha de cabelos. Esfreguei a ardência na asa ferida e a dor foi sumindo devagar.

Amon aproximou-se e ergueu a mão, mas fez uma pausa, como se pedisse permissão. Quando assenti, ele passou a mão pelo lado interno da asa, maravilhando-se, como tinha acontecido comigo. A sensação era inebriante, quase sensual. Eu podia senti-la na asa, mas também nas costas. Era como a melhor massagem possível dada pelo massageador mais quente do mundo, o que não estava muito longe da verdade.

Um arrepio percorreu minha espinha. Segurando o braço musculoso de Amon, dobrei as asas para trás como um pássaro, balançando a cabeça ligeiramente num pedido de desculpas. Ele deu um passo para o lado, baixando a cabeça, o cabelo caindo em seus olhos. Em qualquer outra ocasião, eu estaria adorando sua proximidade, explorando-a comigo, mas não podia me dar ao luxo dessa distração naquele momento.

Com as asas bem dobradas às costas, eu não podia mais vê-las, mas mesmo assim não havia como esquecer que estavam ali. Toda a distribuição do meu peso havia mudado. Não era muito diferente de quando tinha me transformado em esfinge. Eu era um animal novo.

Ashleigh estava empolgada, e quero dizer absolutamente empolgada, com a ideia de experimentá-las. Foi difícil conter a agitação de seu entusiasmo do tipo "Vamos pular da montanha".

– Diga como nossas asas podem ser uma arma – pedi a Ísis. Então me encolhi e acrescentei: – Por favor. E obrigada – levantei a mão, indicando as asas – por isso. Deve ter sido um horror arrancar uma pena daquele tamanho.

– Vou admitir que foi doloroso, mas espero que tenha valido a pena, afinal. Agora você entende por que não quis que meu presente fosse desperdiçado.

– Entendo.

– As asas de uma esfinge – explicou Ísis – têm o poder de atrair grandes ventos. Ela pode dobrá-los à sua vontade, criando ciclones, tempestades de areia e tormentas. Você faz isso com a mente, mas também pode ser uma reação natural ao perigo, assim como suas garras.

– Sei. Bom, teria sido legal saber de tudo isso antes.

– Infelizmente não tenho tempo de lhe ensinar tudo o que sei sobre o poder da esfinge. Gostaria de ter – disse ela com tristeza. Empertigando-se, Ísis voltou-se para a irmã. – Está na minha hora – anunciou.

Néftis assentiu e as duas se abraçaram. Ísis acariciou as longas ondas louro-platinadas do cabelo da irmã. Quando se separaram, Ísis colou um sorriso no rosto, mas todos podíamos ver o medo e a dúvida por trás dele. Hórus se adiantou e abraçou a mãe. Lágrimas rolaram de seus olhos vermelhos.

A montanha escura estava silenciosa. Quando Ísis se afastou, segurou o braço de Hórus e sussurrou alguma coisa no ouvido dele. Ele assentiu, o queixo tremendo. Desdobrando as asas, Ísis soprou um beijo para seus parentes, olhou a lua brilhante e, batendo as asas com vigor, saltou para o céu.

Quando a escuridão a engoliu, meu olhar seguiu para Néftis e Hórus. Eles estavam apoiados um no outro, sustentando a tristeza mútua.

– Ele irá desfazê-la – disse Hórus, enxugando os olhos.

– Não chegará a esse ponto – respondeu Néftis. – Lembre-se, ele ainda está algemado.

A expressão de Hórus era de desprezo explícito.

– Há muita coisa que um homem pode fazer para causar dor, mesmo sem os poderes de um deus.

– Seth acredita que a ama, sobrinho.

– Ele deveria amar você.

O rosto de Hórus era como uma nuvem de tempestade. Por enquanto a tormenta dentro dele estava distante, mas seria sensato nos prepararmos para quando ela estourasse.

– Do seu modo deturpado, ele ama – respondeu Néftis baixinho.

– Aquela cobra não sabe o que significa o amor – disse Hórus, e se afastou, nos deixando com sua tia.

Néftis virou-se para nós, o lábio inferior tremendo.

– Venham, vamos pôr vocês a caminho, está bem? Mas primeiro precisamos contar nossos planos.

Ela passou a hora seguinte explicando em detalhes sua proposta. Os deuses sairiam em três grupos, numa tentativa de distrair a Devoradora. Dois grupos atacariam a primeira onda de seus lacaios. O trabalho deles era destruir o maior número possível de demônios alados. O terceiro grupo entraria sorrateiramente no palácio de Amon-Rá e salvaria Osíris, levando-o ao topo da montanha para se recuperar. Nós deveríamos esperar até eles terem saído e atacaríamos a Devoradora quando ela fosse atrás dele. Esperávamos pegá-la de surpresa.

Dois grupos de deuses partiram, com Anúbis à frente de um e Amon-Rá do outro. Desceram a encosta com agilidade, como cervos. O terceiro, comandado por Maat, partiria junto conosco. O tempo que tínhamos antes que amanhecesse era suficiente apenas para voltarmos a Heliópolis e encontrarmos um esconderijo. Néftis nos despachou, indicando que eu deveria voar.

Desdobrei as asas no momento em que Amon e Asten se preparavam para se transformar em pássaros, mas Néftis nos deteve.

– Quase esqueci – disse. – Hórus quer falar com vocês antes de partirem. Agora preciso conversar com o último grupo.

Com Asten, Amon e Ahmose atrás de mim, procuramos Hórus e o encontramos sentado num banco de pedra embaixo das árvores, com as mãos na cabeça.

Quando ele levantou a cabeça ao nos aproximarmos, sua boca se retorceu, com o fantasma de um sorriso petulante.

– Veio me dar um beijo de despedida? – perguntou, provocando os homens atrás de mim.

– Não. Néftis disse que você queria falar conosco.

– Ah, sim. Tem a ver com seu pássaro de asas cortadas.

– Meu o quê?

Hórus agitou a mão no ar, indicando os irmãos.

– Você sabe, o que não pode mais voar.

Olhando Ahmose, quase pude sentir seu desejo de dar um soco na cara de Hórus.

O deus, sem notar ou se importar com a reação de Ahmose, levantou-se e foi até o toco de uma árvore, esbarrando de propósito no ombro de Ahmose. Em seguida, se ajoelhou e limpou as raízes.

Deixando os irmãos para trás, fui até Hórus.

– Se é que serve de alguma coisa, sinto muito – falei. – Com relação à sua mãe.

– Eu também – respondeu ele baixinho.

Satisfeito com seus esforços, Hórus se levantou e entoou um feitiço, um que pareceu estranhamente familiar a ela.

– Para trás, agora – disse quando terminou, segurando meu braço. – Ele quer ajudar. Devo admitir que fiquei surpreso. Você deve ter causado um grande impacto nele. Mas, afinal de contas, as jovens belas e virgens lindas costumam ter esse efeito – concluiu o deus com um risinho sem graça.

O chão ribombou e cambaleei de encontro a Hórus, minhas asas se

levantando para me equilibrar. Nesse momento, um buraco se abriu no chão e uma forma dourada e reluzente saiu dele.

– Nebu! – gritei, feliz por rever meu velho amigo.

Olá, deusa. Que bom ver você.

– É bom ver você também. Obrigada por ter vindo.

De nada.

– Achei que você não queria participar da luta – falei, dando um passo à frente para acariciar suas costas.

Não queria. Mas, depois de deixarmos vocês, fui tomado por uma culpa terrível ao pensar no que você enfrentaria sozinha. Meu objetivo é protegê-la de Seth, nem que seja à custa de minha morte. Se bem que minha preferência, claro, seria não terminar desse modo. O unicórnio ergueu a cabeça para eu coçar seu pescoço. *Acha que eu sou um animal nobre?*, perguntou, batendo um casco no chão.

Rindo e recuando enquanto ele sacudia a crina, falei:

– Extremamente nobre.

Nebu me circulou, assentindo com a cabeça de forma aprovadora, e exclamou:

Suas asas novas são lindas! Com presentes assim, você é uma companheira digna de um unicórnio.

– Está tendo ideias, é, velho? – provocou Hórus com uma risada. – Você teria antes de se livrar da concorrência. – Ele inclinou a cabeça, pensativo. – Não posso dizer que me incomodaria muito com isso. Talvez abrisse espaço para um deus solitário. O que diz, unicórnio? Quer se juntar a mim para diminuir as fileiras?

Resfolegando, Nebu disse:

Quando um unicórnio coloca o chifre no anel, não há quem ouse interferir, nem um deus.

Revirei os olhos, mas depois dei uma risadinha quando Nebu relinchou e foi rapidamente cumprimentar os outros.

Depois que ele se afastou, Hórus pegou meu braço e me virou de modo que fiquei de costas para os outros.

– Obrigado – disse ele.

– Por quê?

– Por me distrair da minha tristeza. Você é muito boa nisso, sabe?

– De nada – falei, e abri um sorriso. – Você não é totalmente mau. Na verdade, pensando bem, é um cara bastante bom.

Hórus deu um passo em minha direção e passou a ponta de um dedo por uma pena reluzente.

– Tão generosa – murmurou. – E tão linda!

– Obrigada – falei, olhando-o incisivamente ao afastar a asa da sua mão.

Ele a baixou e sorriu.

– Agora, que tal aquele beijo de despedida?

– O beijo da jovem Lily não é seu, Hórus.

– Amon – disse Hórus, o desapontamento alterando o tom de sua voz. – Nunca está longe o bastante, não é?

– Eu ia dizer justamente o mesmo de você.

Curvando-se sobre minha mão, Hórus a beijou com um brilho malicioso no olhar.

– Até a próxima, Lily – disse. – Que ventos afortunados soprem na sua direção.

– E na sua também – respondi.

Hórus nos deixou e passei o braço pelo de Amon, indo até Nebu. Ahmose estava montado nas costas dele e Asten já havia se transformado no íbis estelar. Amon beijou meu rosto e perguntou:

– Está pronta?

– Mais do que nunca.



Assim que me vi no ar, com o falcão de ouro de um lado, o íbis estelar do outro e Nebu com Ahmose nas costas na retaguarda, soltei um grito de alegria, descrevendo um grande círculo. Deixei Ashleigh assumir o controle, já que voar, para ela, era uma habilidade natural e ela estava

morrendo de vontade de fazer isso. Aceleramos rapidamente acima do terreno, com Ashleigh me orientando pelo caminho. O interesse de Tia era nulo; ela disse a nós duas que voar não era natural para os felinos. Mas, para mim, voar era muito, muito melhor do que andar. Fiquei pasma com a facilidade com que me adaptei. Apesar de não ter medo de altura e estar acostumada com arranha-céus, as montanhas-russas me deixavam meio enjoadas. Eu tinha achado que voar seria a mesma coisa, mas estar no controle dos giros e mergulhos não era somente empolgante, mas também afastava o enjoo causado pelo movimento.

Ashleigh me devolveu o controle, contente por desfrutar do passeio enquanto eu treinava. Passei por cima das árvores altas, roçando-lhes as pontas com as mãos. A paisagem escura era marcada por veios gélidos de azul e roxo brilhantes com pedras lustrosas que se moviam. Curiosa, cheguei mais perto e vi que a luz roxo-azulada vinha de um rio. As pedras eram peixes alados, cujas cores cintilavam. Eles saltavam do rio, batendo loucamente as barbatanas para chegar ao topo de uma cachoeira.

Eles estão na desova, disse uma voz na minha mente. *As escamas se iluminam nessa época.*

Arquejei. Era a voz de Ahmose, e não de Amon, como eu tinha esperado. Então percebi que agora Ahmose também podia ler meus pensamentos. A brisa noturna estava impregnada de luar. Eu quase podia sentir o gosto fresco dos raios. O luar me fez pensar em Ahmose e nas longas horas que tínhamos viajado juntos. Descobri que sentia saudade da proximidade que tínhamos tido naquela época.

Também sinto saudade de estar com você, ecoou sua voz familiar na minha mente.

Por que você pode ouvir meus pensamentos?, perguntei. *Amon não podia escutar as vozes de Ashleigh nem de Tia, e você tem o coração de Ashleigh. Não deveria ser capaz de ouvir a minha.*

Se isso a incomoda, peço desculpas.

Não me incomoda exatamente. Só é meio chocante.

Interessante, acrescentou uma terceira voz. Era Amon. *Pode ser devido*

ao encantamento feito por Ísis.

Minhas asas bateram rapidamente, fazendo com que eu descesse e meu coração acelerasse. Desacelerando o movimento, estabilizei-me.

Você ouviu tudo?, perguntei.

Ouvi, respondeu Amon. *Mesmo não querendo bisbilhotar.*

Agora é tarde demais.

Não é uma coisa que possamos evitar, disse Amon. *Não mais.*

Poderia ser por causa da minha conexão com as três através de Wasret?, perguntou Ahmose.

Há um modo de descobrir, respondeu Amon.

Como?, perguntei.

Chame Asten. Se ele puder ouvir, saberemos que essa habilidade vem de Ísis, instruiu Amon.

Asten?, chamei mentalmente. *Está me ouvindo?*

Não houve resposta.

Tia? Você pode tentar?

Tia fez um esforço para se comunicar com Asten, mas o íbis continuou voando em silêncio ao lado, com a luz das estrelas piscando em suas asas. Ele não demonstrou nenhum sinal de ter nos ouvido.

Talvez seja porque ele não conseguiu absorver meu coração, sugeriu Tia com tristeza.

Talvez, respondi.

Continuamos voando até chegarmos à margem da floresta e depois descemos, com Asten e Amon assumindo novamente suas formas humanas. Um sinal iluminou o céu no horizonte distante. Passaram-se apenas alguns segundos até ouvirmos os guinchos dos demônios alados. Recuando para as sombras escuras das árvores, Asten teceu imediatamente seu encantamento de simulação, por garantia. Ficamos olhando enquanto eles passavam às centenas acima de nós.

Outro sinal veio e uma horda tão grande quanto a primeira seguiu naquela direção. Era hora de nos movermos. Ahmose me jogou nas costas de Nebu e fomos rapidamente para os arredores de Heliópolis. As construções escuras e arruinadas se erguiam sobre o mar roxo escuro,

com a torre de Amon-Rá ainda reluzente se destacando nos montes de destruição como uma pedra preciosa.

Seguimos para um jardim arruinado e nos escondemos embaixo de um caramanchão. As trepadeiras penduradas e os galhos quebrados das árvores nos ocultavam bem. Desci das costas de Nebu e vi meu reflexo nas águas escuras de um poço. Minhas asas estremeceram. Eu definitivamente não parecia a mesma garota de antes.

Afora as asas, meu cabelo, geralmente longo, liso e lustroso em razão dos produtos de beleza que usava, estava revolto e descuidado. Eu nem conseguia identificar sua cor. Estava encaracolado como os de Ashleigh. Até o tom da minha pele tinha mudado. Antes eu era clara como o luar, mas agora estava bronzeada como se tivesse passado o verão na Flórida.

Eu sempre tinha sido magra, mas agora meus membros eram esguios e fortes, mais parecidos com os de Tia. Até minha temperatura havia mudado. O normal para mim agora era algo entre a água bem quente de uma banheira e um fósforo recém-apagado. Cogitei se meu corpo ainda era realmente meu ou se eu estava me transformando numa nova pessoa.

Amon aproximou-se por trás e me abraçou desajeitadamente, tentando envolver as asas também. Eu as recolhi para dentro do corpo e ele me girou, vendo meu semblante franzido.

– Qual o problema? – perguntou, os olhos brilhando com uma luz verde iridescente.

– Praticamente tudo. – Suspirei. – Não me sinto eu mesma. Está tudo errado. As asas são só mais uma coisa, além de todas as outras. Sou uma estranha em minha própria pele. Tão deslocada quanto um par de chinelos num desfile de alta-costura. Não sou a garota que você conheceu em Nova York, Amon. Não mais.

– Não, Nehabet – respondeu ele. – Não é. – Ergui as sobrancelhas, surpresa por ele não estar tentando me apaziguar. – Seu caminho de hoje não é mais o de ontem. Se isso é bom ou ruim, é você que decide. Só sei que sua alma é uma chama inextinguível. Ela crepita como uma nuvem de tempestade cheia de relâmpagos. As mudanças no seu corpo não

querem dizer nada. Eu reconheceria você, independentemente da sua forma.

O canto da minha boca se curvou para cima.

– Está tentando dizer que vai me amar quando eu estiver velha e grisalha?

– Não. Quero dizer que ainda vou amar você quando sua forma física se tornar pó e nada restar de nós dois a não ser nossas vontades. Não importa o que nos acontecer, não importa aonde a morte nos levar, encontrarei um modo de ficar com você. Acredita em mim?

Encostei a testa na dele.

– Acho que sim.

Nebu bateu com um casco no chão, nervoso.

– Alguma coisa está errada – disse Ahmose, deixando o lugar onde estivera montando guarda. Seus olhos prateados ardiam na noite. – Muitos caminhos terminaram abruptamente. Alguma coisa aconteceu com o contingente mandado para salvar Osíris.

– Achei que você não podia senti-los – falei.

– Lembra de quando eu disse que era difícil discernir os caminhos aqui?

Assenti:

– Lembro. Você não podia seguir os caminhos dos deuses.

– Isso. Bom, o grupo levado por Maat à casa de Amon-Rá era suficientemente grande para que eu o identificasse. Eles entraram, com vários caminhos convergindo para o mesmo lugar, mas de repente... simplesmente desapareceram.

– Então precisamos ajudá-los. Bom, como vamos fazer? – perguntei. – Entrar de fininho ou voar até o telhado?

– As duas coisas – respondeu Amon. – Eu e Asten vamos na frente, depois vocês três voam até o telhado. Com sorte, poderemos distraí-los por tempo suficiente para que vocês entrem, soltem Osíris e cheguem a um lugar seguro.

Eu já ia protestar quando Amon pegou minha mão.

– Asten vai nos ocultar – disse ele, sabendo como eu reagiria à

separação. – Lembre-se de que, por causa da nossa conexão, agora estamos protegidos do mesmo modo que você. Ela não vai pressentir nossa presença.

Engoli o nó na garganta e mexi a cabeça, concordando. Asten e Amon se esgueiraram pela escuridão e desapareceram nas sombras entre os prédios que restavam.

Cerca de vinte minutos depois Ahmose decidiu que era hora. Montou nas costas de Nebu e eu abri as asas. Subimos, voando em círculos sobre a cidade escura. Quando um demônio alado guinchou, Nebu aproximou-se, suas asas roçando o prédio onde a criatura estava agachada. Ahmose acertou velozmente a cabeça dela com sua maça. O demônio despencou e seu corpo maciço bateu no chão com uma pancada forte.

Se havia outros demônios alados por perto, estavam em silêncio. Pousamos numa sacada arruinada. A pedra se partiu quando os cascos de Nebu tocaram a superfície e recolhemos as asas. Entramos em silêncio. Tirei minhas facas-lanças das bainhas. Estávamos do lado oposto do salão onde tínhamos encontrado Osíris, mas não havia sinal do deus. Viam-se, porém, algumas manchas de sangue muito nítidas no local onde ele estivera.

Seguimos em frente e encontramos os guerreiros que tinham acompanhado Maat caídos. Ahmose se agachou e virou um dos corpos.

– O coração deles foi comido – disse.

Sombriamente, inspecionamos um aposento após outro, mas não encontramos nada além de móveis quebrados e vidro despedaçado. Não havia sinal de Asten ou de Amon. O pavor cresceu em meu peito.

– Não entendi – falei. – Onde está todo mundo?

Nesse momento um estrondo sacudiu o prédio e cambaleei de encontro a Ahmose. Depois de me ajudar a recuperar o equilíbrio, ele segurou minha mão.

– Venha – disse. – Isso aconteceu no pátio.

Da sacada olhamos o ar cheio de demônios alados – muitos mais do

que tínhamos visto partir. A eles se reuniam outros que voltavam carregando prisioneiros nas garras.

Um dos prisioneiros se soltou dos demônios. Estava acompanhado por um cão que rosnava.

– Anúbis – sussurrei para Ahmose. Quando ele foi encurralado e novamente capturado, vi, aterrorizada, a Devoradora surgir numa explosão de criaturas com asas de morcego e se materializar diante dele.

Seu riso gutural foi trazido pelo vento.

– Ah, ora, aqui está um com quem posso me divertir por um tempo.

O sol do alvorecer estendeu sua luz sobre a cena que se desenrolava abaixo de nós, banhando o pátio em raios vermelho-sangue. Antes que Ahmose pudesse me impedir, saltei da borda, abrindo as asas e soltando um grito de batalha. Demônios alados se viraram para atacar. Eviscerei um com minha faca e arranquei a asa de outro. Logo Nebu e Ahmose se juntaram a mim. Os cascos do unicórnio quase acertaram minha cabeça quando Ahmose afundou a maça no ombro de um demônio voador antes que este agarrasse minha asa.

Abrimos caminho lentamente até o chão, despachando um demônio após outro. Eles caíam um a um no pátio embaixo. A Devoradora ergueu os olhos para ver nosso progresso, com um sorriso confiante e alegre no rosto brilhante, mas demoramos muito mais tempo para alcançá-la do que eu tinha previsto.

Assim que chegamos ao chão, fui direto até um demônio alado ainda vivo e cravei uma flecha de Ísis nas costas dele. A criatura se retorceu, mas não respondeu quando exigi sua obediência.

O riso da Devoradora chegou até mim, vindo do outro lado do campo sangrento.

– Você achou que eu não aprenderia com meus erros passados? – perguntou. – Estes são leais somente a mim. E – acrescentou, aproximando-se – não têm cérebro suficiente para ser manipulado.

Arrancando a flecha e vendo-a se desintegrar na minha mão, mergulhei rapidamente minha faca-lança na cabeça da criatura, que tombou com uma língua preta saindo-lhe da boca. De perto, vi a

mudança imediata em sua pele, que mudou de bronze escuro para um verde doentio e cinza. Pedaços dessa pele se soltaram e viraram pó enquanto a criatura se desfazia. Era como olhar metal corroído se desintegrando. Uma. Só restava uma flecha de Ísis. Com um tremor, virei-me para encarar minha inimiga.

Nebu pousou levemente ao meu lado e Ahmose apeou. Dezenas de demônios alados ainda enxameavam acima de nós, mas pareciam ter um respeito saudável por nossas habilidades, porque não atacaram de novo.

A Devoradora olhou para eles, a boca voltada para baixo numa expressão azeda. Ela ergueu uma das mãos, curvando o dedo na direção de Ahmose.

– Olá de novo, bonitão – disse. – Voltou para outro beijo?

Como Ahmose não respondeu, ela fez beicinho.

– Não? E eu que estava disposta a trocar este gostosão aqui por você – disse, indicando Anúbis. – Me deem licença, por favor. Vou ter de deixar vocês para mais tarde. Vou guardar todos para a sobremesa.

Ignorando-nos, ela se virou para o deus.

– Alguma coisa está errada – sibilei para Ahmose. – Ela nem está preocupada com a nossa presença. Considerando que quase acabei com ela na última vez em que nos encontramos, eu esperaria que ela mostrasse pelo menos um tiquinho de preocupação.

– Acho que você está certa. Ela preparou uma armadilha para nós. Mas, até que possamos descobrir qual é, precisamos tentar libertar os cativos.

Abutiu, o leal cão de Anúbis, estava caído ao lado dele. Tinha sido golpeado por uma lança, que o havia empalado, prendendo-o no chão, onde ele se debatia sem muito vigor, tentando se levantar de novo e proteger o dono. Ahmose e eu nos aproximamos, decididos a detê-la antes que ela ao menos pensasse em drenar o deus.

– Pronto, pronto – disse ela ao belo deus que se sacudia para a frente e para trás, tentando escapar dos demônios que o aprisionavam. – Não vai doer... muito – acrescentou com uma risada diabólica. Pondo a mão no peito dele, deslizou a palma até a barriga. – Ora – disse, mordendo o

lábio –, gosto de homens que se mantêm em forma. Quando chegam a mim, todos os homens estão famintos demais. Consumir o coração deles é quase um favor que lhes faço. – A Devoradora estalou a língua, em sinal de apreciação. – É raro encontrar um espécime tão... vigoroso. Eu gostaria de saboreá-lo por um tempo.

Apoiando as palmas das mãos na barriga retesada de Anúbis, ela o puxou mais para perto, abrindo a boca para que sua luz verde vazasse.

– Acho que não – eu disse, e apertei um botão, alongando minha lança.

Mirei e então disparei. Girando como um dardo, ela seguiu direto para o coração da Devoradora. Mas, antes que chegasse ao alvo, um homem desceu do céu, agarrando-a no ar. Em seguida, ele pousou suavemente e largou minha arma, que caiu no chão com um estrondo.

Meu coração se partiu quando Ahmose disse o nome que eu não pude proferir:

– Amon?



A bruxa está morta

– Amon? – ecoei, depois de recuperar a capacidade de falar. – O que você está fazendo?

A Devoradora se virou para nós.

– Que bom. Estava me perguntando quando você ia aparecer. Eu deveria saber que, no momento em que a garota chegasse, você não estaria muito atrás. – A mulher pôs as mãos nos quadris e caminhou ousadamente pela grama, mas, quando fez isso, toda a área tremeluziu e desapareceu.

A Devoradora desapareceu por um momento e depois ressurgiu. Também devia ter sido distraída pelo incidente. Ela parou e riu, girando com os braços no ar.

– Logo, meus lacaios – gritou para o que eu presumia que fossem seus demônios alados. – Agora falta pouco.

Isso não está cheirando nada bem, pensei. *O que ela está aprontando?* Havia algo errado. A Devoradora estava confiante demais. Eu torcia para que isso não significasse que tinha Amon sob controle de novo. Nós tínhamos nos separado por pouco tempo, mas com ela qualquer coisa era possível.

Amon havia sumido ao mesmo tempo que ela. Quando reapareceu, veio na nossa direção. Eu me preparei para um ataque, mas, quando ele chegou mais perto, relaxei, vendo o calor em seus olhos, e não a

expressão vazia que ele tinha em Heliópolis. Aquele ainda era o meu Amon.

– Ainda não podemos matá-la – disse ele, correndo até nós e devolvendo minha arma.

Eu a peguei, aliviada por ele continuar do nosso lado.

– Por que não? – perguntei.

– Primeiro, precisamos fechar a barreira para o reino mortal. Seth deu à Devoradora o poder de rompê-la. – Ele estendeu a mão, indicando a área ao nosso redor. – Está vendo onde os dois mundos estão começando a se fundir? Deveria estar visível para você agora. Com o Olho, notei vestígios quando entramos no prédio.

Quando indiquei que não conseguia ver nada, ele examinou o terreno e apontou para as torres quebradas de Heliópolis. O ar tremeluziu e, quando semicerrei os olhos, pude distinguir a Times Square.

– Ah, não – falei. – Não pode ser.

Corri adiante, girando à medida que um prédio após outro ganhava forma. Eles apareciam e desapareciam, como se tentassem se fixar em Heliópolis. Um instante depois, surgiram calçadas e ruas, assim como imagens fantasmagóricas de mortais do meu mundo. Logo eles perceberam nossa presença e passavam por nós, de sobrancelhas erguidas, lançando-nos olhares irritados.

De repente, eu estava em Nova York e conseguia ver o que acontecia segundo a perspectiva deles. Um grupo de pedestres parou bruscamente e ergueu a cabeça, olhando, confusos, as ruínas de Heliópolis que começavam a substituir edifícios da cidade. Um famoso teatro virou uma construção de mármore meio desmoronada. A Devoradora, que tinha desaparecido outra vez, se materializou ali perto e tentou agarrar um mortal que passava. O homem gritou e levantou os braços para se defender, mas o cabelo dela o atravessou direto. Ele então saiu correndo pela rua.

Um policial veio diretamente para nós. Não imagino o que ele pensou que fôssemos – uma garota de asas perto de um unicórnio

dourado e uma vilã com cabelos afiados como agulhas. Perto de nós estavam Ahmose e Amon, dois homens que podiam ter saído de um videogame, um com uma grande maça e outro com reluzentes cimitarras douradas. Talvez achassem que éramos um grupo anunciando um novo espetáculo na Broadway.

Uma grande fonte quebrada, com uma estátua de um pássaro Benu levantando voo, surgiu no meio da rua, fazendo os carros se desviarem abruptamente. Um táxi se chocou com uma minivan e o policial levantou seu rádio, gesticulando enlouquecido enquanto tentava controlar a multidão que gritava. No entanto, tão rapidamente quanto tinha se materializado, a fonte desapareceu e nós sumimos com ela. Eu me vi de volta em Heliópolis, mas a alta torre de Amon-Rá ainda lampejava com pixels ondulantes que anunciavam a estreia de um filme, até que também sumiu, deixando pedra em seu lugar.

Um táxi surgiu de repente do ar. Vinha direto para nós. O motorista não parecia nos ver. Amon gritou e agarrou meu braço, mas estávamos presos entre a fonte e um prédio. Os sons familiares da cidade caíram sobre nós de uma vez. Por fim o motorista nos viu e freou, mas sua reação não foi suficientemente rápida. Ele ia nos atropelar. Instintivamente ergui os braços, as asas se projetando de ambos os lados, mas o táxi nos atravessou feito um fantasma e desapareceu na névoa junto com o barulho das ruas da cidade.

– Está piorando! – exclamei ao ver que os dois mundos se fundiam cada vez mais. – Temos de fazer isso parar! Tem certeza de que matá-la não vai dar certo?

Nesse momento, a Devoradora estava distraída com um camelô.

Amon gritou:

– Se a matarmos antes, as barreiras celestiais serão queimadas. A transição vai acontecer abruptamente, e não em estágios, e os dois reinos vão implodir. Todas as criações que vivem em cada um deles serão desfeitas instantaneamente. De qualquer modo, Seth vence.

– Quanto tempo temos? – gritei, acenando para que nosso grupo fosse até um espaço onde uma calçada se tornou visível. Uma escada de

incêndio tremeluzia acima de nossas cabeças, fundindo-se com nossa realidade e em seguida voltando a sumir.

– Até que a brecha seja irreversível? – perguntou Amon, segurando o lábio inferior com as pontas dos dedos. – Imagino que isso aconteceria bem depressa. Os demônios alados estão de prontidão, à espera para entrar no reino mortal e pegar as vítimas vivas, reunindo-as para que ela as consuma. Assim que a Devoradora começar a se alimentar...

Amon deixou o resto no ar e eu estremeci.

– Cadê Asten? – perguntei, percebendo de repente que ele não estava por perto.

– Ele... – A expressão de Amon tornou-se pesarosa. – Ele foi levado pelos demônios alados. Estava examinando um prédio enquanto eu verificava outro. Quando ouvi seu grito e o encontrei, ele tinha sido engolfado por um contingente inteiro. Aparentemente, foi parar em um ninho de demônios adormecidos. Tentei salvá-lo, mas, quando consegui afastar os desgarrados, Asten havia sumido.

Minhas garras emergiram enquanto Tia urrava na minha mente:

Precisamos salvá-lo!

Vamos fazer isso, tentei tranquilizá-la. *Mas primeiro precisamos deter a Devoradora.*

– Como podemos fechar a brecha? – perguntei, segurando a camisa de Amon e tirando-o da frente de um caminhão de entregas que surgiu do nada, atravessando o beco onde estávamos. Não soltei o fôlego até ele ter passado por nós.

– Só a energia celestial pode lacrar a brecha – respondeu Amon.

Minha visão ficou turva. *Onde vamos conseguir energia celestial?*

Amon olhou para o unicórnio, que o encarou de volta e soprou o ar suavemente pelas narinas.

Com a resignação tomando conta de minha alma, fechei os olhos e me preparei para invocar Wasret. Estávamos sem opções. Nebu cutucou meu ombro.

Eu posso fechar a brecha, disse ele. *Os unicórnios têm esse poder. Você já sabe que podemos atravessar as barreiras. Podemos lacrá-las também.*

Mas uma abertura enorme como essa vai exigir a ajuda de muitos da minha espécie.

– Eles virão? – perguntei, pondo a mão nas costas do unicórnio.

Ele pareceu hesitar, depois respondeu:

Virão, se eu pedir.

Amon chegou mais perto.

– Tem certeza de que quer fazer isso, Nebu?

Não posso pensar numa causa mais nobre do que esta, Revelador. Obrigado por me ajudar a ver as possibilidades. Nebu encostou o rosto no meu, pousando a cabeça no meu ombro. *Adeus, jovem esfinge. Talvez, se os deuses quiserem, eu a veja de novo.*

– Ver de novo? – perguntei, mas Nebu se afastou, indo para o meio da rua.

Ele se empinou, as patas dianteiras escoiceando o ar, e, quando desceu, batendo no chão, uma onda de energia elétrica disparou em todas as direções. Toda a área estremeceu e nós cambaleamos como se tivéssemos sido apanhados no epicentro de um terremoto. O corpo dourado de Nebu lampejou e uma luz azulada escorreu pela sua crina e pelo corpo que arfava, tornando-o branco como uma estrela pulsante. Partículas de areia dourada subiram de sua pele e pairaram onde o alicórnio deveria estar.

A Devoradora se levantou de onde estava inclinada sobre um bebê num carrinho e examinou, desconfiada, a multidão fantasmagórica. Quando viu Nebu, percebeu sua nova aparência e gritou. Ela correu em nossa direção, abandonando a busca de corações humanos, mas seus esforços foram insuficientes e muito tardios.

A terra tremeu e se partiu em duas, separando a Devoradora de nós, enquanto dezenas e dezenas de unicórnios emergiam. Seus relinchos e os cascos batendo no chão faziam barulho suficiente para distrair até os demônios alados. Estes deixaram rapidamente a área, buscando refúgio do melhor modo possível nos prédios em transição.

Nebu relinchou alto e os animais ao redor reagiram numa cacofonia louca. Ele encostou a cabeça em um depois do outro. Ao fazê-lo, os

unicórnios dançavam e sacudiam o corpo. Areia dourada jorrava de seus corpos até eles se tornarem de um branco puro como seu líder.

Quando Nebu terminou, seus olhos de cílios compridos encontraram os meus e, ainda que nenhuma palavra ecoasse em minha mente, um sentimento sincero foi trocado entre nós. Então ele se virou e galopou. Como se fossem um só, os unicórnios partiram a toda a velocidade. O chão tremeu de novo e, se não fosse Amon, eu teria caído.

Eles abriram as asas e se alçaram no ar, com Nebu à frente. Parte de mim queria estender minhas asas e me juntar a eles. Suas formas reluzentes decolando em direção ao céu eram uma visão que eu jamais esqueceria. Eles eram lindos, mágicos, quase amedrontadores em sua glória.

O brilho do sol dourado nas pontas de suas asas fazia arder meus olhos. Eu os protegi, mas reconheci o corpo de Nebu avançando na direção da torre de Amon-Rá. No momento ela exibia um anúncio que piscava anunciando um desfile de moda. Quando se chocou contra a tela, Nebu explodiu em pura energia e a luz espalhou-se por toda a Times Square. Pedaços reluzentes caíam do céu, numa chuva crepitante.

Furiosa, a Devoradora abriu a boca e uma luz verde saltou na direção da manada de unicórnios. Mas a luz não chegou a alcançá-los. Um a um eles voaram para a parede de luz, que foi ficando mais brilhante à medida que cada unicórnio desaparecia em seu interior. Quando o último saltou na brecha, uma explosão sônica ressoou. Então o show de luzes se apagou.

Os carros desapareceram primeiro, depois os sinais de trânsito. O barulho de Nova York diminuiu até só restar o silêncio da Heliópolis arruinada. Os prédios tremeluziram e depois voltaram ao normal. O povo fantasmagórico piscou e seguiu cuidando de sua vida como se tudo não tivesse passado de uma estranha ilusão. Então eles também desapareceram.

A parede de luz tremeluzente foi ficando cada vez menor, até que tudo se imobilizou quando a brecha por fim se fechou. Eu pisquei uma vez, duas.

– Onde... onde está Nebu? – perguntei a Amon, girando para ver onde ele iria se rematerializar. – Quando ele volta?

– Ele... os unicórnios... não vão voltar – respondeu Amon baixinho.

– C-como assim, não vão voltar? – gaguejei, um horror gelado penetrando em minhas veias.

– Seus caminhos terminam aqui – disse Ahmose.

– Eles entregaram a vida, Nehabet – explicou Amon.

– Quer dizer... que estão mortos? – gritei, a voz trêmula. – Todos eles? – perguntei, olhando de um para outro.

– Sim. Eles se sacrificaram para fechar a brecha – respondeu Ahmose gentilmente.

– Mas... mas... – gaguejei, as lágrimas queimando, abrindo um caminho em meu rosto – ... mas os unicórnios são imortais.

– Jovem Lily – disse Amon baixinho –, muitos recebem o presente da imortalidade, mas, como você sabe, um presente pode ser devolvido.

– Não – gemi, balançando a cabeça. – Não. – As lágrimas desciam livremente enquanto eu pensava nas dezenas de lindas criaturas que tinham acabado de se sacrificar. – Eles nem podem entrar no além.

Desmoronei aos pés de Amon. Ele me abraçou e me levantou, aninhando-me em seus braços e depositando beijos suaves em minhas faces febris.

– Ele nem pediu sua recompensa – falei com os lábios tremendo.

Um grito de raiva me distraiu e me afastei de Amon para ver a Devoradora furiosa.

– Se vocês acham que isso vai me impedir, *nos* impedir, estão tremendamente enganados – cuspiu ela. – Vou fazer vocês se arrependerem do que fizeram. – Seu cabelo se retorcia no ar como cobras enquanto ela apontava para nós. – Tragam-nos para mim! – gritou em meio à fúria. – Mas, lembrem-se, o mestre os quer intactos!

Uma centena de demônios alados irrompeu dos prédios arruinados. Eles caíram sobre nós enquanto ela se virava para Anúbis.

– Sobre você, porém, ele não disse nada – observou ela, provocando o deus. – Eu ia estender um pouco isso, mas estou com fome e seus

amigos fizeram a grosseria de mandar meu jantar de volta antes que eu pudesse saboreá-lo. Vamos logo com isso?

– Você ajuda Anúbis – disse Amon rapidamente a Ahmose, pegando o irmão pelo braço. – Distraia-a, mas tenha cuidado com o veneno. Não permita que ela ponha as garras em você. Vamos cuidar dos demônios alados e iremos ajudá-lo assim que pudermos.

Ahmose assentiu, sério, tocou a ponta dos dedos rapidamente no meu rosto e se afastou com a maça erguida. Engoli em seco, sabendo que tínhamos pouca chance de conter ao menos metade dos demônios alados, quanto mais ajudar Ahmose e Anúbis.

Amon pareceu ler minha mente, porque segurou meu braço.

– Não a invoque, jovem Lily. Ainda não. Por favor, nos dê uma chance de termos sucesso antes. – Depois de um momento confirmei com a cabeça, a dúvida ainda me dominando. – Por favor – acrescentou ele.

Amon me deu um beijo rápido, depois recuou e se transformou no falcão dourado.

Com um grito, ele saltou no ar e eu abri as asas para segui-lo. Ele voou direto para o grupo compacto de demônios que acelerava na nossa direção como meteoros com garras vindos de todos os lados. Despedaçou um demônio com suas garras, rasgando-o ao meio, e mandou outro para longe usando as asas. A criatura cortada caiu no chão e se desfez em pedaços com o impacto. *Um a menos. Faltam noventa e nove.*

Ashleigh assumiu o controle do nosso voo. Ela era brilhante, voando através da horda e sempre permanecendo fora do alcance. Os olhos de felina de Tia viam buracos onde os meus olhos humanos só enxergariam massas de corpos voando. Ajustei uma flecha no arco, dessa vez uma comum, e a disparei. Ela acertou o alvo, cravando-se no ombro de um demônio, mas ele continuou vindo na minha direção. O demônio alado rosnou e cravou as garras no meu braço. Eu os puxei, mas três arranhões fundos sangravam profusamente no meu antebraço.

Nossas asas se debatiam enquanto espiralávamos no ar. Minhas garras saltaram e as cravei no peito dele, onde o coração devia estar, e torci. A

fera uivou e me empurrou para longe. Seu focinho se franziu enquanto ele afastava a mão do ferimento no peito e olhava, confuso, para o sangue preto. O ferimento mudou de cor, ficando verde, e o corpo da criatura se fragmentou no ar. Seu grito foi interrompido quando a boca se dissolveu.

Outro ser atravessou os restos do irmão, vindo para cima de mim de braços abertos e asas batendo. Dobrando minhas asas, mergulhei e depois as abri segundos antes de bater no chão. Erguendo a cabeça, estreitei os olhos ao me voltar para o sol nascente enquanto disparava para o alto, com uma massa de demônios alados vindo logo atrás. Derrubei alguns usando o poder da esfinge para estrangulá-los, mas precisava me concentrar e fazer isso um a um. Era um poder difícil demais de ser usado numa luta aérea.

Eu ouvia o falcão dourado mas não podia vê-lo. Ashleigh usava sua habilidade para se orientar entre os prédios. Roçando de propósito nos restos de uma torre, virei-me e a vi cair atrás em nossa esteira, desmoronando e levando junto meia dúzia de demônios. Mas, independentemente de quantos caíssem, um número ainda maior levantava voo para ocupar o lugar deles.

O céu escureceu e nuvens de tempestade se formaram. Eu sabia que era Ahmose nos ajudando do melhor modo que podia. Relâmpagos espocaram e acertaram vários demônios alados em rápida sucessão. Gigantescas bolas de granizo começaram a bater nas costas das feras, derrubando-as. Pousei numa plataforma rochosa com uma alcova rasa onde minha cabeça seria protegida e saquei as facas. Deixando o granizo fazer seu serviço, derrubei os que voavam perto de mim, cravando as facas-lanças em seu peito. Eles gritavam e caíam flacidamente, espiralando até o chão como pássaros desatentos que tivessem batido numa janela.

Quando o granizo parou, eles vieram em bandos, escalando as rochas e batendo as asas loucamente, tentando me alcançar na pequena alcova. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo até me acuarem. Com um grito de batalha, saltei, as garras estendidas, e mergulhei entre eles,

rasgando suas asas coriáceas. Quando saí do meio do bando, abri as asas e fui na direção do lugar onde tinha visto a Devoradora pela última vez, com dezenas de demônios alados no meu encalço. Eram muitos. Nunca iríamos dominá-los.

Consegui ver Ahmose lá embaixo, lutando contra a Devoradora. Ele tinha trazido uma nuvem de tempestade para cima dela e os relâmpagos acertavam o corpo da inimiga repetidamente, mas Ahmose estava de joelhos, lutando para permanecer de pé. Uma perigosa névoa verde fazia redemoinhos em volta das suas pernas e Anúbis continuava amarrado atrás dele. Eu sabia que Ahmose não era páreo para ela, principalmente em sua condição atual.

Examinei o céu procurando Amon. Ao ver suas asas douradas, bati as minhas para ir atrás dele. Quando Amon ainda estava a certa distância, sua forma mudou subitamente para a humana, em pleno ar. Gritei seu nome e subi, tentando alcançá-lo antes que ele se chocasse no chão, mas uma dúzia de demônios alados turvou o ar entre nós. Furiosa, derrubei um demônio depois do outro, mas Amon continuava caindo.

Então ele invocou suas armas. As cimitarras douradas reluziram ao sol e, enquanto caía, ele as brandia, decepando a cabeça de vários demônios. Depois se virou, girando no ar e ficando com as costas voltadas para o chão, e atirou suas espadas, empalando dois deles acima. As armas e os demônios se dissolveram no ar e, quando pisquei, Amon era um falcão dourado outra vez. Ele girou, batendo as asas rapidamente, e tornou a subir, com uma horda furiosa em seu encalço.

Algo acertou minhas costas e rasgou minhas asas. Gritei e, seguindo o exemplo de Amon, recolhi-as no corpo. O demônio caiu mas eu fui com ele. Girando no ar, atravessei-o com a faca-lança, depois invoquei as asas outra vez, batendo-as furiosamente para recuperar altitude. Enquanto a estela me curava, passei da defesa para o ataque, virando de frente para o grupo que me seguia. Prendi dois num prédio com uma lança enquanto empalava outro.

A necessidade de ajudar Amon e Ahmose pesava em minha mente. Os

dois eram guerreiros formidáveis, mas, se algo acontecesse com eles, eu sabia que me sentiria culpada.

Meu corpo estava coberto por arranhões que sangravam e havia uma perfuração em um ombro e uma mordida que ardia no outro. Uma das asas estava rasgada e doía terrivelmente. A estela não estava conseguindo dar conta. Desesperada, procurei Ahmose de novo, esperando ver a Devoradora ainda contida. Não estava. Ahmose agora encontrava-se amarrado e seguro por demônios, como Anúbis. Nosso tempo tinha acabado.

Eu estava prestes a dobrar as asas e mergulhar para ajudá-lo quando ouvi um grito vindo de cima. Amon, em forma humana, estava de pé em cima de um prédio. Uma massa de demônios alados circulava ao seu redor. A cada passo, as garras afiadas rasgavam seu corpo. Ele golpeou um e se desequilibrou, caindo apoiado em um joelho. Então soltou um grito ao escorregar do topo do prédio e desaparecer na lateral.

– Amon! – berrei.

Eu me sentia puxada em duas direções. Parte de mim queria desesperadamente descer até Ahmose, mas outra insistia que a situação presente de Amon era mais desesperadora. Virei-me para a torre.

Decidida a chegar até Amon e vendo os demônios se aproximarem de novo, bati as asas em movimentos amplos, ignorando a pontada de dor. Trinquei os dentes e avancei, me distanciando rapidamente dos demônios alados. Canalizando toda minha energia e meu poder, que diminuíam a cada instante, forcei as asas a me levar até Amon. Se pudesse alcançá-lo antes que ele batesse no chão, sabia que ele sobreviveria. Mas então eu teria de dar meia-volta imediatamente para salvar Ahmose. Eu precisava estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Meu cabelo voava atrás de mim, o vento passando por meu rosto. A adrenalina me alimentava, reduzindo a dor dos ferimentos. Levantei as asas e senti os raios do sol tocando as penas. Então uma coisa aconteceu.

O ar que agitava minhas asas ficou eletrificado. Redemoinhos de luz dourada crepitavam à minha volta. Quando um inimigo se aproximou, a luz saltou em sua direção, envolvendo-o num funil. O corpo do demônio

alado se sacudiu enquanto ele tentava se libertar e então a criatura se desintegrou numa explosão de pó.

Bati as asas com mais força, o jorro de energia se espalhando em rajadas, saltando de um para outro e mais outro, capturando-os numa nuvem elétrica em forma de funil. Bati as asas com intensidade e uma onda de luz acelerou na direção dos demônios que seguravam Ahmose e Anúbis, e eles também desapareceram.

Os que restavam ao meu redor fugiram e deixei-os ir. Virando-me, disparei mais uma vez na direção de Amon e o encontrei pendurado no topo do prédio pelos dedos. Sua camisa tinha sido retalhada. Os demônios do céu rasgavam seu corpo trêmulo com as garras e os bicos afiados.

Bati as asas, unindo-as, e uma explosão de luz disparou contra o bando que o envolvia. Eles se espalharam quase todos, desaparecendo em uma nuvem de poeira que desceu no ar. Meu poder recém-descoberto me preenchia, revigorando o corpo cansado. Um grande vento uivante irrompeu das minhas asas e espantou os poucos demônios que haviam sobrado.

Pairando no ar, aguardei que a poeira se dissipasse, esperando não ter ferido Amon nesse processo. Por um minuto fiquei alarmada. Não conseguia vê-lo. Voei ao redor do prédio e procurei seu corpo na pedra e depois no chão. Foi então que ouvi o grito do falcão dourado e o vi vindo em minha direção. Juntos voltamos para Ahmose. Eu só esperava que não fosse tarde demais.

Meus olhos se arregalaram quando vi a Devoradora. Ela segurava o grande corpo de Ahmose nos braços, a boca sobre a dele. Ele estava flácido, os membros pendendo como cordas soltas, e ela continuava agarrada a ele, sorvendo-o sofregamente. De longe parecia que ela estava acalentando uma pessoa amada, mas, à medida que nos aproximamos, pude ver seu cabelo envolvendo-o, espremendo-o como uma massa de serpentes constritoras, as farpas afiadas se cravando na pele dele, que se debatia debilmente enquanto uma luz verde vazava dos lábios grudados.

Pousei perto deles com agilidade. A fúria preenchia meu corpo.

– Solte-o, sua bruxa traiçoeira. Não vou permitir que você toque em meu Ahmose. Largue-o agora, senão eu arranco seu coração e dou de comer para seus demônios.

Lentamente a Devoradora ergueu a cabeça, com fiapos verdes pendendo dos lábios reluzentes, vermelho-rubi. Uma luz verde cintilava em seus olhos e eles brilharam ao ver meu corpo devastado. Automaticamente tentamos estrangulá-la, mas era como tentar engolir uma melancia inteira: a Devoradora era poderosa demais. Com um suspiro casual, ela largou Ahmose como se ele fosse um saco de batatas e se levantou, ereta e alta, com um sorriso de quem sabia das coisas. Delicadamente enfiou os fiapos de energia restantes na boca e lambeu os lábios.

– Hummm – murmurou. – Continua tão delicioso quanto eu lembrava.

Fechei os punhos e já ia atacá-la quando Amon agarrou meu braço, esfriando instantaneamente meu sangue quente.

– Ele ainda está vivo, Ashleigh. Vamos fazer isso juntos.

– Sim, meu bichinho – disse a Devoradora, dirigindo-se a Amon com uma piscadela. – Infelizmente ele ainda está entre os vivos, por assim dizer. Não estaria se vocês não tivessem interrompido minha refeição. – Apesar de sua boca fazer um biquinho charmoso, os olhos disparavam adagas.

Ela se inclinou para ele e envolveu seu peito possessivamente com um dos braços.

– Acho que estou pronta para o segundo prato, bonitão – disse, encostando a boca no ouvido dele.

– Agora, Ashleigh! – gritou Amon, saltando e sacando as cimitarras para atacar. A Devoradora simplesmente desapareceu de novo, transformando-se num bando de criaturas, e a espada dele cortou a massa agitada. Elas se afastaram, sem ser afetadas. Lentamente ele girou num círculo, esperando-a. Ouvimos seu risinho provocador e vimos sua luz verde, mas ela não tornou a se materializar.

Por mais que eu quisesse ajudar Amon, Ashleigh estava no controle

total e não queria cedê-lo. Ajoelhou-se ao lado de Ahmose e tentou desesperadamente acordá-lo. Meus olhos estavam cheios de lágrimas. Com Asten sumido e Ahmose envenenado pela Devoradora, eu tinha a sensação de que os pedaços que nos mantinham juntos estavam se desfazendo. Bastaria um puxão forte para que meu mundo inteiro se desfiasse.

– *Ai, meu garoto lindo. O que ela fez com você?*

Amon cortou as cordas que prendiam Anúbis e o deus caiu nos braços dele.

– Ela matou a maior parte dos outros – disse Anúbis. – Maat se foi.

– Osíris? – perguntou Amon.

Anúbis balançou a cabeça.

– Ainda não. Continua trancado na torre. Ela sabia que viríamos tentar salvá-lo.

Assentindo sombriamente com a cabeça, Amon disse:

– É hora de ir. Você consegue andar?

Anúbis tremeu.

– Ela me exauriu, filho. Resta muito pouco em mim.

Amon pôs o braço de Anúbis sobre os ombros.

– Então vamos tirá-lo daqui.

– Não há tempo – disse Anúbis, a testa franzida. – Ela está brincando com vocês. Mantendo-os ocupados até que Seth se solte das algemas.

– Então vamos acabar com ela antes que ele consiga. Você terá de se segurar em Ahmose. Ashleigh – gritou Amon –, ajude a colocá-los nas minhas costas.

Amon mudou para sua forma de pássaro e Ashleigh permitiu que eu assumisse o controle outra vez. Anúbis, por mais fraco que estivesse, me ajudou a colocar Ahmose nas costas do irmão. Eu já ia ajudar Anúbis também quando a Devoradora reapareceu atrás dele.

– Vão embora tão cedo? Não podemos deixar, podemos?

Ela cravou os cabelos que se retorciam em Anúbis e o ergueu no ar. Ele gritou de dor. Desesperada, virei-me para Amon.

– Vá. Leve-o para um lugar seguro. Vou mantê-la ocupada até você

voltar.

Amon decolou, mal conseguindo manter Ahmose, que gemia, nas costas. Sua forma dourada desapareceu acima dos prédios. A Devoradora o observou partir com uma expressão divertida.

– Está pensando em atrapalhar meu senhor?

Seus olhos se iluminaram só de pensar nele.

– Seu senhor? – cuspi. – Pensei que uma mulher poderosa como você se irritaria com a simples ideia de ter um senhor.

Ela jogou Anúbis para o lado e ele tombou no chão, embolado.

– E quem diz isso é a garota que tem não um, mas três senhores.

– Os Filhos do Egito não são meus senhores. São meus companheiros. Guerreiros que estão ao meu lado.

– É mesmo? – perguntou ela, me avaliando. – Acho que talvez sejam muito mais do que isso. Devo admitir que você me impressiona. Ter os três Filhos do Egito na mão tão rapidamente é uma coisa a ser admirada. Diga – ela chegou mais perto –, o que você fez com os corações deles?

– Não sei do que você está falando.

– Acho que sabe, sim. O que você mandou embora mal tinha energia para dar, e o coração dele estava faltando. Sinal de que eles são muito mais do que simplesmente seus... guerreiros. – A Devoradora franziu o rosto enquanto me examinava. – Por que você é tão... insondável? Você ainda é mortal. Sinto o fedor de humanidade em você, e no entanto não sinto seu coração. Ele é poderoso. Disso eu sei.

A Devoradora andou lentamente à minha volta; meus nervos se arrepiavam com sua proximidade. Diminuindo a distância, ela segurou meu braço, as unhas compridas arranhando minha pele. Seu bafo quente me envolveu quando ela disse:

– Sei que você tem um. Experimentei o gosto dele, através de Amon. – Dava para sentir seu olhar se cravando em mim. – Meu senhor diz que você precisa ser apanhada viva, mas sem dúvida ele não se incomodaria se eu tirasse só uma provinha. – Seus olhos se fecharam. – O elo do amor verdadeiro é uma iguaria muito rara. Consumir um coração repleto disso é algo a que alguém como eu jamais poderia resistir.

– É porque você nunca experimentou isso por si mesma? – perguntei baixinho.

Seu rosto ficou vermelho.

– Meu senhor me ama.

– Seth ama Ísis. Néftis me contou.

– Néftis mente – rosnou a Devoradora. – Ela não compreende um homem como Seth.

Revirei os olhos.

– O que há para compreender? Uma pessoa que fere as outras não consegue amar. Ele rompe laços, não os cria. Até mesmo você, com sua experiência limitada, deveria ser capaz de reconhecer isso.

Sua testa se franziu e ela riu com amargura.

– E o que você, jovem como é, sabe sobre o amor?

– Sei que significa sacrifício. Estar disposto a dar tudo para proteger a pessoa amada. Os Filhos do Egito fariam isso por mim, eu faria o mesmo por eles. Diga: Seth abriria mão das ambições dele por sua causa? Viria correndo salvar a sua vida?

– Sua ingenuidade é risível. Não preciso responder às suas perguntas infantis. Eu sou a Devoradora. Absorvi todos os sofrimentos, todos os pecados, todo o ódio e toda a amargura que já fizeram parte do mundo. Isso vive em mim. Para mim, basta saber que Seth me ajudou a me libertar do mundo dos mortos. Talvez ele não me ame segundo sua definição, mas ele me valorizou a ponto de realizar meu desejo mais profundo e mais sombrio.

– Então sinto pena de você.

Ela me ofereceu um meio sorriso.

– É? E por quê, meu docinho suculento?

– Porque você merecia mais do que isso. Não é tarde demais, você sabe. Você pode mudar. Abrir mão dessa ambição e se tornar uma coisa diferente.

A testa dela voltou a se franzir, mas depois ficou lisa.

– Você acha que sabe tudo. Mas infelizmente vai descobrir – disse ela

enquanto seus olhos brilhantes desciam até o meu peito – que me subestima tremendamente.

Com um movimento brusco, sua mão perfurou meu peito, penetrando a armadura, e eu uivei de dor. A Devoradora inclinou a cabeça para trás num grito de triunfo e mergulhou mais fundo, procurando meu coração. Eu ofegava, lágrimas escorrendo por meu rosto enquanto ela sondava. Trincando os dentes, segurei seu braço e envolvi seu pulso com as mãos.

Seu sorriso sumiu quando trinquei o maxilar e levantei as asas. Batendo-as com força, decolei, levando-a comigo. Ela empalideceu quando seus pés não encontraram mais apoio.

– Onde ele está? – sibilou. – Onde está o seu coração?

Ignorei-a e voei mais alto. Ela olhou ao redor, preocupada, depois voltou a me fitar. Fios do seu cabelo saltavam e se cravavam nos meus braços e nas minhas costas, os dardos ferozes penetrando abaixo da pele. Suas pupilas estavam enormes e as narinas se inflavam. Era óbvio que ela estava com medo, mas continuava cavando meu peito. Arquejando, eu a alertei:

– Se você parar, eu a deixo viver.

Seu rosto se retorceu numa máscara de ódio.

– Pode se esforçar – provocou-me. – Seu poder não é nada diante do meu. Eu sou a Devoradora. Eu sou...

– Sim, sim – eu a interrompi e, em seguida, olhei-a com uma sobrancelha erguida. – Mas eu sou nova-iorquina – sibilei. – E você mexeu com minha cidade.

Canalizando meu poder, bati as asas, deixando as penas captarem a luz do sol. Uma corrente elétrica chiou e crepitou. A Devoradora sacudia o corpo para trás e para a frente, batendo em mim com a mão livre. Olhei para os rios de sangue que escorriam por meu tronco e senti um puxão na cintura. Ela havia descoberto meu cinto com os escaravelhos do coração. Quando o arrancou, eu ofeguei e a soltei.

A Devoradora despencou, os cabelos cheios de farpas se soltando da minha pele enquanto sua mão escorregava do meu peito. Com a boca

escancarada de espanto, ela acariciou os escaravelhos, completamente alheia à sua situação precária. O poder que eu tinha canalizado chegou ao ponto máximo e juntei as asas. Um feixe de luz saltou chiando na direção dela e, quando a atingiu, ela jogou os braços e a cabeça para trás, a eletricidade jorrando de sua boca e das pontas dos cabelos.

O cinto escorregou de seus dedos e ela debilmente tentou agarrá-lo, gritando. Sua pele ficou branca e depois reluziu. Eu podia jurar que vi seus olhos se fecharem e um sorriso de paz abrir-se em seu rosto antes que o corpo inteiro explodisse.

Flutuei até o chão, as asas mal me sustentando, e desmoronei perto de Anúbis. Ali perto, vi o cinto caído e me estiquei o mais que pude. Peguei-o entre dois dedos, puxei-o e apertei-o contra a ferida enorme em meu peito. O sangue encharcava o chão ao meu redor. Ouvi o grito de um falcão e senti uma sombra passar sobre meu rosto antes de fechar os olhos.



As Águas do Caos

Acordei com o crepitar de uma fogueira. Tentei me mexer, mas cada parte de mim doía de um modo que eu nunca havia sentido antes. Com um gemido, virei o cotovelo para o chão, querendo levantar o corpo, mas caí de volta pesadamente. Um par de braços me pegou antes de eu bater no solo.

– Shh. Fique parada – murmurou a voz de Amon no meu ouvido. – Estamos seguros por enquanto.

– E Ahmose? – consegui perguntar.

– Está aqui. Descansando. Foi necessário quase todo o poder que ainda restava nele para salvar você. Não fossem ele e o emblema de Hórus, um de vocês certamente teria perecido. Ainda que Anúbis tivesse podido cuidar do corpo de um de vocês, Cherty se foi. Não haveria passagem segura para o além. Na melhor das hipóteses, suas almas estariam perdidas; na pior, virariam comida para Apep.

É bom saber, pensei. Levei a mão ao pescoço e encontrei o colar que Hórus tinha me dado. A Estela de Cura havia sido muito útil. Amon indicou o outro lado da fogueira, onde Anúbis estava sentado perto de Ahmose adormecido. Anúbis também parecia descansar. Ele se encontrava sentado com as costas apoiadas numa parede de terra, o joelho levantado, o braço apoiado nele, a mão encostada na testa.

– Como ele está? – perguntei.

– Anúbis vai sobreviver.

– Ashleigh quer ver Ahmose – sussurrei para Amon.

Ele assentiu e me levantou.

Recuei, deixando Ashleigh tomar a frente. Ela pegou a mão dele e a segurou com gentileza. Lágrimas turvaram minha visão, fazendo a luz da fogueira dançar em padrões tremeluzentes no rosto dele. Ela se inclinou mais para ele, pressionando a mão sobre seu coração. Uma luz brotou sob a camisa de Ahmose enquanto ela canalizava o poder de que fora imbuída pela árvore das fadas.

Depois de terminar, Ashleigh se recostou e perguntou a Anúbis:

– Pode contar o que aconteceu com os outros?

– O grupo comandado por Maat foi capturado e destruído. A Devoradora me obrigou... – ele parou e enxugou os olhos – ... me obrigou a assistir. Demorou muito. Maat era poderosa. A Devoradora disse... – Anúbis parou e um tremor percorreu seu corpo. – Ela disse que Maat nutria um amor secreto por mim. Eu respondi que ela estava enganada. Que Maat discutia comigo o tempo todo. Que me odiava pela maneira como eu escapava das regras dela e pelo modo como eu zombava de sua natureza rígida. – Anúbis fungou com tristeza e trincou o maxilar. – Mas então Maat se virou para mim, o horror enchendo seus olhos, e eu soube que a Devoradora falava a verdade.

– Ah, Anúbis. Sinto muito – disse Ashleigh.

A tristeza nublou as feições dele.

– Agora acho que jamais saberemos o que poderia ter sido.

– Não havia como salvá-la, então? – perguntou Ashleigh.

– Não. Eu preciso capturar a essência da vida antes que ela parta do corpo. A Devoradora suga tudo, até que não haja chance de recuperar coisa alguma. Maat se foi.

Ashleigh segurou a mão dele, apertou os dedos e se acomodou ao lado de Ahmose. Com nossa energia se canalizando para ele, dormimos de novo.

Descansamos até o amanhecer, quando nos sentimos recuperados o bastante para voltar à montanha e nos reunirmos aos outros. Assim que chegamos, descobrimos que restava apenas um terço das pessoas. Amon-

Rá tinha conseguido voltar e Néftis não havia deixado a montanha. Eles se afligiram quando Anúbis contou sobre a perda de Maat. Compartilharam a boa-nova de que Osíris tinha sido encontrado e trazido de volta, e nós contamos sobre a morte da Devoradora. Nossa vitória estava manchada pela perda.

Deixando Amon-Rá, Anúbis e Néftis planejando, procurei Hórus e o encontrei ajoelhado perto do pai. Osíris estava pálido e febril, e no sono ele se remexia e chamava Ísis repetidamente.

Sem me cumprimentar, Hórus disse:

– Ele sente o sofrimento dela. Isso dói nele mais do que as dores do próprio corpo.

– Vamos salvá-la – falei.

– Espero que sim. Obrigado, por sinal. Obrigado por matar a Devoradora.

– Eu é que deveria agradecer a você. Sua estela me curou. Sem ela eu teria morrido.

Levei a mão à nuca, abri o fecho do cordão e o estendi.

– Você deve ficar com ela – disse ele, virando-se quando seus olhos úmidos encararam os meus.

– Ela pode curar seu pai? – perguntei. – Não curou os Filhos do Egito.

– A estela só cura quem faz parte da minha família.

Inclinei a cabeça.

– Então por que você a deu a mim?

– Pareceu... pareceu certo. O fato de ela curar você significa alguma coisa. Nós estamos conectados, você e eu, ao nosso modo.

Eu não sabia o que sentir com relação a isso, mas também não podia negar. Ajoelhando-me ao lado dele, coloquei a estela na palma de sua mão e dobrei seus dedos sobre ela.

– Seu pai precisa mais dela do que eu. Obrigada por sacrificar um presente desses por mim.

Hórus me dirigiu um olhar longo e penetrante. Depois, assentindo com a cabeça, pôs o colar entre as mãos do pai. Olhei o maxilar flácido e

a pele úmida de Osíris. Hórus inclinou-se sobre a perna amputada do pai, banhando-a gentilmente. Enquanto fazia isso, murmurou um feitiço que terminou com:

– A água desfaz e faz de novo.

Depois de apertar o ombro de Hórus, deixei-o com o pai e voltei para onde estavam os outros.



– Qual é o plano? – perguntei a Amon e Ahmose, que se mantinham perto do grupo enquanto os deuses falavam.

– Parece que eles não estão dispostos a esperar que Seth se solte e os encontre. Em vez disso, vão procurá-lo – disse Amon.

– Isso é sensato, já que somos tão poucos? – perguntei.

Amon-Rá levantou os olhos de repente.

– Não somos tão poucos como Seth pode acreditar – disse com a testa franzida. – Preparem-se, cidadãos – anunciou. – Partiremos para a batalha em uma hora.

Anúbis se aproximou com uma expressão endurecida. Ele já havia se trocado. Estava limpo e vestindo uma armadura preta, mas seus olhos estavam cansados e havia uma determinação sombria na posição dos ombros. Usava uma espada à cintura e carregava um elmo com pluma preta embaixo do braço. Ouvi um ganido atrás dele e fiquei boquiaberta ao ver Abutiu vir mancando atrás do dono.

– Ele sobreviveu! – exclamei.

– Sim. – Os olhos tristes de Anúbis se franziram nos cantos e sua boca curvada para baixo se contraiu em um riso torto enquanto se ajoelhava e coçava atrás das orelhas do cachorro. – Pelo menos ainda o tenho. Ele foi trazido para mim quando descobriram Osíris. Dei um pedaço de mim para curá-lo. Tenho certeza de que meu sacrifício valerá a pena. Não é, seu bicho sarnento?

O cachorro pressionou a cabeça na mão do dono e lambeu seus

dedos. Passado um momento, Anúbis se levantou e disse:

– Abutiu vai ficar aqui com Osíris e alguns dos serviçais mais velhos de Amon-Rá, que não podem lutar. O restante de nós vai para a batalha. Fui instruído a ficar com vocês e protegê-los enquanto puder. – Ele meneou a cabeça para Ahmose e Amon. – Vocês dois se recuperaram o suficiente?

Com um movimento rígido da cabeça, eles indicaram que sim.

– Ótimo. Não vão viajar em sua forma de pássaro. São um alvo grande demais, e gostaríamos de manter sua identidade oculta pelo maior tempo possível.

Amon e Ahmose pareceram surpresos com isso.

– Aonde nós vamos? – perguntei, interrompendo. – Seth está em Heliópolis?

Anúbis balançou a cabeça.

– Seth ainda está algemado em sua prisão, mas quebrou as paredes. Nosso objetivo é acabar com ele antes que afrouxe as correntes e enquanto ainda está fraco pela perda da Devoradora. É provável que ele estivesse contando com ela para lhe dar energia suficiente para se soltar. Foi por isso que ela procurou o reino mortal. Banquetear-se com o coração dos vivos teria lhe dado poder suficiente para libertá-lo. Se Seth tivesse sido solto, duvidamos que fôssemos capazes de contê-lo.

– Certo, e onde fica a prisão dele? – perguntei.

– Fica no único lugar com gravidade suficiente para segurá-lo: nas Águas do Caos. O obelisco onde o prendemos orbita a borda. Devemos encontrá-lo lá e, com sorte, pôr fim a esta luta com nosso irmão de uma vez por todas.

Eu já ia perguntar "Como chegaremos lá?", "Como vou respirar no espaço?" e "O que aconteceu com Ísis?" quando o ar à nossa volta estremeceu.

O tecido do céu ondulou e dezenas de formas douradas irromperam através dele. Meus olhos arderam enquanto eu lutava para conter as lágrimas.

– Como? – consegui dizer, e esta foi praticamente a pergunta mais

idiota que eu já tinha feito.

– Eles foram inspirados pelo sacrifício dos irmãos e decidiram vir nos ajudar. Vão nos carregar para a batalha.

Unicórnios voavam acima de nossas cabeças, movendo as patas num galope e relinchando para anunciar sua chegada. Absorvi aquela visão e engoli um dolorido nó na garganta. Na minha mente, sabia que Nebu tinha morrido, mas mesmo assim esquadrinhei o céu à procura de sua forma familiar. Perdê-lo, além de Cherty e Maat, era algo que eu não iria superar tão cedo.

Meu braço foi envolvido por uma mão.

– Você está bem? – perguntou Amon.

– Vou ficar – falei e me virei para ele, esperando receber um abraço. Parei quando vi que ele já estava usando sua armadura dourada. Seus olhos cintilaram ao ver minha consternação. Ele se inclinou, segurou meus ombros e trouxe os lábios até meu ouvido. – Um dia, eu prometo, não haverá armaduras entre nós.

Enrubesci.

– Espero que sim – repliquei.

Amon recuou, segurando-me com os braços estendidos, e me olhou de cima a baixo.

– Eu preferiria ver você mais protegida, Nehabet.

Olhei para minha roupa arruinada e franzi o nariz.

– Eu também. Já volto. Não vá para a batalha sem mim.

Sua testa se franziu.

– Nunca mais vou sair de perto de você, jovem Lily.

– Que bom. Vou cobrar isso.

Seguindo para uma das tendas vazias que salpicavam o topo da montanha, invoquei a areia e deixei que ela limpasse meu corpo. Meus braços subiram e as roupas rasgadas e sangrentas se desfizeram até eu estar totalmente despida. O vento fustigou e raspou minha pele até ela brilhar. Revirou meu cabelo, chicoteando-o para trás e para a frente até que o senti batendo nas costas nuas, liso e sedoso.

Quando fiquei limpa, a areia se amalgamou, formando roupas. Fechei

os olhos e visualizei não exatamente o que queria usar, mas como queria estar protegida. Um tecido macio e flexível envolveu meus membros. Placas leves cobriram meu peito, as pernas e os braços num padrão variegado que imitava minhas asas. Um arnês especial se formou com uma bolsa entre minhas escápulas e na armadura havia aberturas com bordas, de tamanho suficiente para as asas emergirem.

Nos pés se formaram botas grossas, acolchoadas por dentro e amarradas com firmeza até os joelhos. Placas cresceram no topo das botas e se estenderam sobre as pernas, criando proteção para as canelas. Os bicos das botas tinham pontas afiadas e brilhantes. Agora os escaravelhos do coração repousavam numa placa grossa que se estendia de um ombro a outro.

Meu cabelo sedoso estava afastado do rosto e pendia pelas costas numa linha reta, que não se movia nem com o vento. Girei as facas-lanças, passei-as por cima da cabeça e as enfiei no arnês, depois coloquei a aljava e o arco no lugar que havia criado. Minhas armas estavam acomodadas com firmeza junto ao corpo. Quando saí da tenda, dobrando os braços e testando as botas, nem ouvi Ahmose e Amon se aproximarem.

Ahmose pegou minha mão e beijou meus dedos. Apesar de eu estar com luvas, elas não tinham dedos, para que eu pudesse usar o arco e segurar com firmeza as facas-lanças. Os cantos dos olhos dele se franziram quando disse:

– É uma honra lutar ao seu lado. Minha maça, meu machado e o resto de mim são seus, para fazer o que quiser.

– Obrigada – falei, com as faces ardendo. – Meu maior desejo é todos sairmos disto vivos.

– Farei o máximo possível para que isso aconteça – disse Ahmose.

Em seguida me virei para Amon, que estava com um quadril encostado na estaca da barraca, a mão no punho da espada, enquanto observava minha vestimenta. Fiquei mais ruborizada ainda sob seu olhar e mordi o lábio inferior antes de perguntar:

– Esqueci alguma coisa?

Seus olhos se arregalaram.

– Não, Nehabet. Eu estava pensando que jamais em meus longos anos vi uma mulher ou uma guerreira tão linda e formidável quanto você. Sinto pena de quem descobrir a ponta de sua lança na garganta, no entanto entendo como essa pessoa se sentirá.

– Por que diz isso? – perguntei inclinando a cabeça.

– Porque sei que tem o poder de despachar todos aqueles que se oponham a você. Por isso sinto pena deles. Mas entendo, porque, desde que a encontrei naquela primeira vez em Nova York, tive uma necessidade premente de me render, de corpo e alma, à sua vontade. Jovem Lily, quero que saiba, antes de entrarmos em batalha, que, de agora em diante, renuncio a todos os deuses e declaro que você é o único objeto de minha adoração.

Ele se ajoelhou diante de mim, segurou minha mão e a beijou.

Se um rapaz de Nova York tivesse me dito algo assim, eu teria chorado de rir, depois repetiria a história para o motorista de táxi no caminho de casa. Mas não podia rir de Amon. Ele era absolutamente sério, e uma pontada de preocupação penetrou na minha mente, acabando com qualquer possibilidade de uma reação hilária.

Estreitei os olhos e olhei para ele, desconfiada. Puxando-o para que ficasse de pé, apoiei as mãos nas amplas placas blindadas em seu peito.

– Você não está pensando em fazer alguma coisa maluca e nobre como daquela vez que me abandonou e foi para as pirâmides sozinho, está? Porque, se estiver, deve saber que agora eu sou uma garota diferente do que era na época.

Embora eu não achasse que fosse possível, ele me abraçou com força, nossas armaduras e armas retinindo de encontro umas às outras.

– Você é a minha Lily – disse ele. – A mesma Lily com quem banqueteei, ainda que nosso primeiro banquete tenha sido com cachorros-quentes requentados. Você pode estar mais poderosa. Pode estar usando armadura para a batalha. Pode ter enfrentado demônios e matado uma grande inimiga. Mas a garota por quem me apaixonei, que me salvou na pirâmide, que tem meu coração desde então, é a mesma

que está à minha frente agora. E eu não a trocaria nem por todos os mundos do Cosmo.

Ele me beijou. E foi doce, suave e cheio de todos os desejos e promessas que eu não sabia se poderíamos cumprir. Mas sabia que esperávamos desesperadamente ter a chance de tornar isso possível.

– Eu te amo – falei quando nos separamos. – Mas não posso deixar de ver que você não respondeu exatamente à minha pergunta.

– Então aceite isso como resposta. Eu amo você como as flores amam a chuva. Elas abrem a boca para bebê-la e a chuva as sustenta. Você me dá substância, jovem Lily. Não vou... não posso sair do seu lado de novo.

Meu coração pareceu justo, pleno e quente no peito. Toquei seus lábios macios com a ponta do dedo e acariciei a barba começando a crescer em seu queixo.

– Acho que já ouvi esse negócio de substância antes, em algum lugar – falei com um sorriso. – Mas desta vez você não precisa me coagir.

Beijei-o de novo e encostei a testa na dele, não querendo me separar, mas era hora. Afastei-me, abri as asas e dois unicórnios pousaram. Seus cascos bateram com força no chão e relâmpagos dispararam deles, desaparecendo no solo e fazendo-o tremer. Suas caudas se agitavam nervosas, golpeando o ar como se lutassem contra um inimigo invisível. Eles se remexiam e dançavam enquanto esperavam que Amon e Ahmose montassem.

Quando estavam prontos, invoquei minhas asas e seguimos Amon-Rá para o céu. Ele agitou a mão e um portal se abriu. Hórus e Anúbis aproximaram-se de mim, de um lado, enquanto Amon e Ahmose protegiam o outro. Juntos, éramos uma tempestade de poder, um torvelinho de fúria. E estávamos a caminho da guerra.

Ouvi o relincho de um unicórnio embaixo de mim e olhei. Era Zahra. Arquejei.

Venha, Lily, disse ela. *Eu ficaria honrada em carregá-la para a batalha. Você não precisa gastar sua energia tão cedo.*

Eu... achei que você tinha seguido Nebu quando a brecha se fechou.

Meu pai não permitiu que eu fosse com ele, apesar de eu ter me oferecido.

Ele queria que você tivesse uma montaria familiar para carregá-la para a batalha.

Obrigada, eu disse. *Fico feliz por você estar aqui.*

Bati as asas duas vezes e desci, pousando firmemente em suas costas. Por um momento imaginei que parecíamos uma gigantesca libélula de asas duplas. Ela estava certa, eu precisava preservar a energia, e fiquei agradecida por tê-la por perto. Embora ela mantivesse os pensamentos ocultos de mim, eu ouvia seus dentes rilhando. Zahra também estava com raiva pela perda de Nebu.

Entramos na boca cobiçosa do vórtice e fomos sugados, um a um. Um óleo denso e viscoso nos cobriu, mas logo saímos do outro lado, numa vastidão de espaço vazio. Perdi todo o senso de gravidade e fiquei boquiaberta diante da infinitude do Cosmo ao nosso redor. Minha pulsação disparou, a respiração saía em arquejos curtos e trêmulos e as pupilas se dilataram para captar o máximo de luz possível.

Eu não era a única boquiaberta com o lugar. Uma veia saltou no pescoço de Amon e até Anúbis parecia desconfortável, a boca comprimida numa linha fina e a expressão dura e decidida. Amon-Rá avançou e nós o seguimos – a respiração dos meus colegas guerreiros, as batidas das asas dos unicórnios e os sopros constantes de vapor quente saindo de suas narinas eram os únicos sons que eu conseguia escutar.

Quando saímos do vácuo escuro, houve uma sensação de espaço se comprimindo contra nós e então a luz penetrou a escuridão. Ela estalou e chiou como um fogo de artifício antes de desaparecer. Outra surgiu, dessa vez cor-de-rosa. Então vieram o amarelo e o verde, cada forma diferente da outra, cada cor espetacular. Logo mais e mais explosões de luz preenchiam minha visão, cada qual criando seu lugar especial no vazio imensurável.

– O que... o que é isso? – perguntei a Anúbis quando uma explosão turquesa preencheu minha visão.

– São galáxias nascendo.

Seu rosto ficou vermelho e dourado, as cores dançando nos traços fortes.

Logo depois fios metálicos ficaram visíveis. Eles amarravam uma luz a outra como pontes oscilantes que atravessavam para lá e para cá, por cima e por baixo.

– É... é uma teia – murmurei, maravilhada.

– Sim – disse Hórus. – O que você vê é o que resta da Teia Cósmica. Suas linhas estão se desbotando.

– Porque não resta ninguém para tecer – falei.

Hórus me lançou um olhar agudo.

– Como você sabe? – perguntou.

Engoli em seco.

– Wasret e... eu tivemos uma espécie de confronto com uma aranha cósmica.

Anúbis ergueu as sobrancelhas, mas não disse nada.

Examinando o padrão de linhas que se entrecruzavam na escuridão do Cosmo, falei:

– É como um mapa gigantesco. Faz com que eu me lembre de como é a Terra vista do espaço à noite. Todas as luzes ligadas. Nova York sempre foi a mais brilhante.

– Sim. Mas, como isso é uma teia, o ponto mais brilhante está no centro. E é no centro que vamos encontrar quem procuramos.

À medida que nos aproximávamos, começamos a fazer uma curva, e o que parecia uma linha fina brilhando e crepitando no horizonte se alargou e se curvou até que pude ver para o que estávamos olhando. Era como uma coisa saída de um filme de ficção científica. *Santo céu egípcio*, pensei. Não. Nesse caso era só *santo céu*. Eu não tinha conhecimento suficiente de astronomia para entender o que era aquilo exatamente, mas para meus olhos de leiga parecia um buraco negro.

O que é isso?, perguntei a Zahra.

É a borda do Cosmo, foi a resposta do unicórnio.

A luz natural dos unicórnios se apagou quando o fenômeno cósmico surgiu. No centro havia de fato um funil espiralado, mas o restante transbordava de cores vibrantes. Parecia um lago borbulhando com uma

camada de óleo, e na borda externa, presa a ele como um balão num fio de fogo, havia uma massa escura, impossível de discernir.

– É isso? – perguntei. – É ele?

– Sim – respondeu Anúbis. – Seth está acorrentado ao horizonte de eventos. O que você vê são os restos de sua prisão.

– Então é um buraco negro?

– Não. Pelo menos não no sentido que você entende. As Águas do Caos contêm todo o sangue da vida do Cosmo. As galáxias que nascem se originam aqui. Os blocos de construção da vida, a energia que percorre todas as coisas, vêm deste lugar. O que você percebe como um buraco é o desfazer. Nós algemamos Seth ao lugar onde a criação é mais forte. Isso cancela o poder dele e o vem confinando em sua prisão desde que os Filhos do Egito nasceram para sua segunda vida.

Agora o que eu estava vendo fazia mais sentido. O fenômeno conhecido como Águas do Caos tinha a forma de um anel, mas não girava feito um bambolê. Em vez disso, a camada superior era constantemente lançada por cima da borda, com cores fluindo como água pingando da borda do mundo.

Quanto mais perto daquilo chegávamos, mais a matéria parecia se mover em determinados padrões. Partes subiam, separando-se do líquido, coalesciam e depois disparavam para galáxias distantes.

– O que era aquilo? – perguntei a Anúbis.

– Uma árvore. Uma baleia. Um gatinho recém-nascido. Um mundo novo. Uma estrela. Pode ser qualquer coisa.

– Mas eu achava que as Águas do Caos tinham sido drenadas.

Ouvi um leve suspiro antes de Anúbis dizer:

– As Águas do Caos preenchiam toda esta área do Cosmo. O lugar escuro onde entramos é agora um vácuo onde antes existiam vida e cor. Seth não está totalmente errado. O que você vê agora é resultado do trabalho dele. Mas suas motivações são distorcidas e tirânicas. Não poderíamos permitir que ele usasse esse poder gigantesco sem controle.

Chegamos mais perto, o silêncio me comprimindo enquanto eu pensava em tudo o que Anúbis tinha dito. Zahra sacudiu a cabeça e

viramos num ângulo agudo. A matéria colorida adiante pingava da borda curva, caindo no espaço como uma cachoeira galática gigantesca. Era uma visão espantosa. Eu podia facilmente visualizar Cherty, com seu barco perdido, o *Mesektet*, surfando nas ondas de cor e depois desafiando o universo com um grito enquanto passava pela borda e afundava no esquecimento.

Enxugando uma lágrima do olho, examinei as Águas do Caos, maravilhada.

– Onde habitam os dragões – sussurrei.

Eu não sabia quanto estava certa.



São Jorge e o dragão

– Eles estão vindo – disse Anúbis enquanto formas escuras enxameavam diante de nós.

– Demônios alados! – alertou Amon, e seu unicórnio mergulhou quando um demônio passou voando entre mim e Ahmose, as asas coriáceas raspando na minha perna.

– Tente mantê-los longe de Lily! – alertou Anúbis, sacando uma espada reluzente.

As cimitarras douradas de Amon lampejaram no escuro. Agora que não tínhamos mais a vantagem da surpresa, os unicórnios permitiram que sua luz natural brilhasse e vimos o que estávamos de fato enfrentando. O céu estava cheio de criaturas sombrias que vinham para cima de nós com garras estendidas e bocas abertas, prontas para nos atacar.

Arranquei minhas lanças, apertei o botão para alongá-las e cravei uma bem fundo no peito de um demônio que se aproximava. Ele se desfez em poeira no espaço aberto. À minha direita, Amon cuidou de dois ao mesmo tempo, decepando a cabeça de um e a asa de outro. Sem a segunda asa, a criatura girou loucamente, incapaz de direcionar o rumo. Partiu numa espiral e desapareceu entre as galáxias em redemoinho.

Vindos das profundezas do espaço, surgiram asteroides em chamas. Olhei por cima do ombro e vi Ahmose acertando sua maça no pescoço de um demônio que passava por perto. Depois, ele levantou os braços e

direcionou o caminho das rochas incendiadas contra a massa de demônios. Hórus lutava com sua espada e também tecia encantamentos de algum tipo, que pareciam confundir os demônios. Eles se desviavam e acabavam atacando uns aos outros em vez de nos atacar.

O espaço à minha volta ecoava com os guinchos agudos de unicórnios e demônios, e o refrão de aço batendo em osso era algo que acho que jamais esquecerei. Um unicórnio ali perto perdeu seu cavaleiro e a horda caiu sobre ele, golpeando sua carne tenra. O sangue brilhante brotou do pescoço do grande animal e, com um grito de lamento, ele dobrou as asas e despencou pelo espaço.

Minhas pupilas se dilataram enquanto eu sentia uma fúria vermelha subir pelo pescoço. Invoquei minhas asas, decolei e reuni a luz. Mas essa não era uma luz comum, como a do sol de Heliópolis. Era a luz do próprio Cosmo. A luz de bilhões de estrelas. Ela se aglutinou, raios saltando na minha direção. Com as asas batendo, descrevi um círculo vagaroso, os braços levantados.

A energia percorreu meu corpo e minha pele ficou luminosa a ponto de emitir luz própria. Nesse momento eu era uma verdadeira esfinge – uma criatura nascida do Cosmo –, cheia de fogo e ouro, como se fosse feita do sol amarelo sob o qual nasci. Minha velocidade aumentou até que tudo em volta se tornou um borrão de cor e luz.

Quando minhas asas se uniram, toda a área ao redor se iluminou como uma bomba atômica. Os unicórnios que carregavam meus protetores se afastaram, inseguros quanto ao poder que eu canalizava. Com um sorriso afiado, apontei, mandando minha onda de energia para o demônio mais próximo. O vórtice de relâmpagos golpeou com precisão mortal. Num instante, todos os demônios na área ao redor desapareceram num sopro de purpurina.

Assim que o perigo imediato passou, Zahra retornou e montei de novo nas suas costas, só então notando que ela tremia embaixo de mim. Franzi o rosto.

– Machuquei você? – perguntei.

Não, mas você deveria saber que o poder que usou não vinha só das

estrelas distantes. Você tirou energia dos unicórnios e dos próprios deuses.

– O quê?

Sua revelação era chocante. Olhei rapidamente para Anúbis, que silenciosamente se aproximara outra vez, retomando o lugar a meu lado. Ele estava com uma expressão indecifrável, mas dava para ver, mesmo no escuro, que a mão que segurava sua arma tremia.

Não se preocupe demais, disse ela. *Nós, unicórnios, somos resistentes. Teríamos gastado energia lutando com eles de qualquer modo. Pelo menos assim não precisaremos nos recuperar de ferimentos também.*

Apesar de suas palavras, fechei a boca com força, comprimindo-a numa linha fina. Decidi que dali em diante usaria só o meu poder e não tomaria dos companheiros de novo. Não podia me dar ao luxo de outro erro de avaliação. O fato era que eu realmente não sabia tanto quanto gostaria sobre meu poder recém-encontrado.

Outra onda de demônios se aproximou, mas estavam muito mais cautelosos do que os irmãos. Lutavam em grupos coesos, dez demônios atacando cada unicórnio e seu cavaleiro, dominando os das bordas mais externas e seguindo lentamente para o meio. Depois de cada vitória, eles se afastavam sorrateiros e nunca sabíamos de que direção viriam, pois se fundiam muito bem à escuridão.

Eram numerosos demais os demônios alados. Eu pensara isso dos que tínhamos enfrentado antes, mas sem dúvida Seth estivera segurando-os. Mantendo-os ao seu lado. Mesmo sem a Devoradora, parecia que Seth ainda detinha grande poder.

Lutamos com valentia, mas perdemos vários guerreiros. Mesmo assim, parecia que estávamos fazendo progresso. Chegamos mais próximo das Águas do Caos. De perto era maior do que eu tinha pensado. Era quase do tamanho de uma cidade grande. *Do tamanho de Manhattan*, pensei com um susto. Combatendo o inimigo, chegamos à borda, só para sermos atacados por um inimigo novo, invisível. Um que parecia muito familiar.

Ouvi um sibilo e Anúbis gritou, enquanto fios vermelhos surgiam em seu antebraço. Ele largou a espada, que desapareceu e se materializou

outra vez em sua mão. Um guerreiro ali perto foi puxado da montaria e seu braço sumiu completamente, o sangue escorrendo do coto enquanto ele gritava. Zahra relinchou e uma fileira de marcas de mordida apareceu em sua pata dianteira. Enquanto eu vigiava, mantendo os olhos atentos ao atacante, golpeei o ar invisível com minhas facas. Seu sangue de unicórnio brotou dos furos.

– *Biloko!* – gritou Amon.

A simples palavra me fez hesitar. Lembrei-me de minha forma humana frágil demais sendo atacada pelos demônios crocodilos invisíveis que Sebak tinha mandado contra nós enquanto nos recuperávamos na casa do Dr. Hassan. Amon estendeu as mãos nuas e abertas e esticou os dedos, balançando-os, como se estivesse pescando à mão num rio. Então agarrou alguma coisa que eu não podia ver. Mas era grande. Grande a ponto de ele poder envolver-lhe o corpo com os braços e mesmo assim os dedos não se encontrarem.

Seu unicórnio corcoveou e o rosto de Amon se contorceu como se estivesse sentindo dor. Ele girou no ar, enquanto a coisa que segurava se debatia loucamente. As pernas de Amon se balançavam de um lado para outro e ele descreveu um círculo antes de acelerar para cima numa velocidade estonteante. Depois mergulhou de novo e pareceu se imobilizar no ar. Cheguei mais perto, esperando o momento exato, e golpeei com minhas facas-lanças, cravando-as no espaço entre as mãos de Amon.

Ele se imobilizou, flutuando no espaço, depois soltou. Zahra se aproximou e Amon estendeu a mão para mim. Agarrei-a, puxando-o mais para perto até que seu rosto ficou só um pouco abaixo do meu. Ele levitava com facilidade e se movia conosco desde que eu continuasse a segurá-lo. Então me permiti um brevíssimo momento para sentir a força de suas mãos, o modo como elas envolviam as minhas, menores. O rosto de Amon estava mais branco do que o luar, mas eu não podia ver nenhum ferimento óbvio. Seus olhos cintilavam, verdes como o mar do Norte.

– Fique perto de mim – disse ele. – Lembre-se de que eles têm um

gosto especial pelas mulheres. – Só tive tempo de assentir antes que ele me soltasse e caísse, pousando perfeitamente em seu unicórnio, que surgiu por baixo dele. A luta tornou-se sangrenta enquanto demônios visíveis e invisíveis atacavam nossas fileiras. Amon-Rá e Néftis chegaram mais perto. O deus sol orientou que cavalgássemos em torno da borda externa das Águas do Caos enquanto ele e Néftis levariam o restante dos guerreiros e unicórnios em outra direção. Instruiu que diminuíssemos nossa luz e partíssemos quando ele desse o sinal.

Lutamos com intensidade durante vários minutos, até que ouvi o grito agudo de um pássaro. Era o pássaro Benu. Sabia que esse era o sinal que estávamos esperando. Dei a ordem a Zahra e ela desligou sua luz e fez uma curva abrupta. Amon, Ahmose, Anúbis e Hórus vieram atrás. O espaço ao nosso redor ficou silencioso quando a batalha se afastou.

Quando os cascos do unicórnio tocaram as Águas do Caos, fiquei chocada ao ver que a matéria cor de nebulosa tinha uma base suficientemente sólida para andarmos nela. A névoa ainda rolava e se movia como água, mas passava pelas patas do unicórnio como se estivéssemos vadeando um rio raso. Com a luz se refletindo para o alto, dava para ver com clareza o rosto de meus companheiros. A claridade lançava padrões tremeluzentes em nossos membros e rostos, dando-nos luz suficiente para enxergarmos enquanto prosseguíamos.

– Aonde vamos agora? – perguntei.

– Confrontar Seth de uma vez por todas – respondeu Hórus.

Virei-me para Amon, procurando o sorriso tranquilizador que ele me dava com tanta frequência ao me olhar, mas sua expressão estava fechada. Zahra movia-se ao lado da montaria dele, acompanhando o passo do grande unicórnio que se parecia tanto com Nebu.

– O que foi? – perguntei a ele.

– Não sei. Parece que alguma coisa está errada. Meu peito está queimando. Não estou entendendo.

– O meu também – disse Ahmose.

– Isso é estranho – falei, esfregando meu peito.

De repente meu coração também começou a queimar. Zahra parou,

eu passei uma perna sobre suas costas e apeei, pousando com força na superfície escorregadia por baixo das reluzentes Águas do Caos. De súbito me sentia sufocada pelas roupas. Puxei a gola, sentindo que a armadura estava parecendo mais uma mortalha.

Amon e Ahmose aparentemente sentiam a mesma coisa. Levantei a mão para tocar o rosto de Ahmose, mas puxei-a de volta, sibilando.

– O que está acontecendo conosco? – perguntei a Anúbis, que apeou de seu unicórnio.

Ele fechou os olhos, entoando um encantamento. Seu rosto se franziu como se ele estivesse sentindo dor. O terror dominou sua expressão e ele veio rapidamente para o meu lado.

– Não! Não pode ser! – gritou, segurando meu braço.

E recolheu a mão rapidamente. Sua palma tinha adquirido um tom vermelho vivo.

Comecei a puxar os cabelos e me sacudir dos calcanhares até os joelhos, desesperada para acabar com a dor. Fechando e abrindo as mãos, pressionava as têmporas, gemendo. Queria perguntar a Anúbis o que estava acontecendo, mas não conseguia formar as palavras. Em vez disso, gesticulei feito louca, tentando mostrar que havia alguma coisa muito errada. De repente minhas costas ficaram totalmente eretas e gritei. Inclinando o rosto para as estrelas, que redemoinhavam acima de mim, senti o poder deixando o meu corpo. Ele pairou acima de mim como uma nuvem.

Em minha mente vi um homem, um homem cujo cabelo emoldurava um rosto tão bonito que rivalizava com as próprias estrelas. Sorri enquanto ele fazia promessas evasivas que para mim eram mais atraentes do que me deitar em capim de cheiro doce em uma noite na savana. *"Tene, meu amor"*, sussurrei enquanto beijava o canto de sua boca, onde os lábios se curvavam num risinho familiar. Alisei o cabelo sedoso, tirando-o da testa, para olhar nas profundezas de seus olhos.

Ele desceu as mãos da minha cintura para os quadris e abriu os dedos, me puxando para ele. Sorrindo para mim, disse:

– Está com vontade de brincar esta noite? Venha me procurar, então,

minha linda garota atrevida.

Então ele me deu uma piscadela e recuou um passo. Eu já me preparava para ir atrás dele quando o sorriso foi sumindo lentamente de seu rosto até desaparecer por completo. A escuridão o amortalhou. Observei a mudança em seus olhos. Antes estavam abertos para mim. Eu podia ver meu reflexo neles, o amor empoçando no centro e se derramando. Mas agora as profundezas de seus olhos estavam fechadas, frias. Não guardavam nada além de segredos.

Segredos.

Segredos.

Meu corpo desmoronou e, quando abri os olhos, me sentia vazia e morta por dentro. A luz das Águas do Caos se derramava sobre mim numa névoa colorida. O calor estava se esvaindo, enquanto nuvens espumosas banhavam minha pele febril. Encolhi-me quando braços fortes me levantaram.

– O que aconteceu? – perguntei, ficando de pé.

– O elo – disse Anúbis, sério. – O elo foi cortado.

– Como... como isso é possível? – perguntei.

– É Asten – respondeu Amon com uma expressão vazia, desesperançada, transformando seu rosto. – Você não sente, Lily?

– Asten? – Fiquei parada, a boca entreaberta, em choque, tentando entender o que ele estava dizendo.

Anúbis segurou meus ombros e me virou para ele.

– Lily, você precisa saber que isso não é irreversível. Asten ainda pode ser salvo. Você não deve desistir dele.

Ergui as sobrancelhas. *Desistir dele? Claro que eu não desistiria dele.*

– Então ele não está morto? Tem certeza?

– Ele ainda vive – disse Hórus, passando um dedo ao longo da espada. – Por enquanto.

Uma dúzia de hipóteses percorreram minha mente ao ouvir suas palavras, e eu queria agarrar Hórus pelo colarinho e forçá-lo a dizer tudo o que sabia.

Hórus continuou:

– Asten só não está mais... – Ele balançou a mão no ar com um floreio, como se procurasse a palavra certa. – Não está mais protegido pelo seu elo. Agora o poder coletivo de vocês está separado do dele.

– O que você não está me dizendo? – ataquei, com as mãos nos quadris, encurralando Hórus, lançando-lhe meu melhor olhar do tipo "Não mexa comigo".

O deus chegou a dar um passo para trás.

– Lily – disse Anúbis. – Não temos tempo para isso. Felizmente você se recuperou depois de ser separada dele. Havia uma chance de isso não acontecer, de que a quebra do elo destruísse todos vocês. O fato de você ter recuperado a força tão rapidamente é bom. Significa que ainda há esperança. Esperança para Asten e para nós. Mas, independentemente de qualquer coisa, precisamos encontrá-lo. Depressa.

– Quer dizer que ele está aqui? – perguntei, saltando para as costas de Zahra outra vez.

Ahmose estava curvado junto à pata dela, curando a mordida do demônio *biloko*.

– Receio que o rompimento do elo signifique que Asten está muito perto. Venha – disse ele. – Precisamos nos apressar.

Tia voltou a se lamentar e Ashleigh e eu fizemos todo o possível para consolá-la enquanto prosseguíamos. Agora que entendíamos o que havia acontecido, reconheci o que fora a visão. A cena que tínhamos testemunhado fora um pequeno vislumbre da mente de Asten. Tia confirmou que aquele sonho específico nunca havia acontecido na vida real nem em uma das paisagens de sonho dele. Ela esperava que isso fosse sinal de que ele estava perto. De que queria que o encontrássemos. Eu morria de medo de que ela estivesse certa. Preferiria que ele estivesse em Heliópolis, seguro. Que de algum modo tivesse escapado dos demônios alados e agora mesmo estivesse no topo da montanha, imaginando para onde teríamos ido.

Por fim, vimos a caixa-preta surgindo. Ao chegar mais perto, percebemos que era grande como um campo de futebol e parecia aberta; trechos dela tinham se dissolvido completamente, mas seu interior era

tão escuro e ela ainda estava tão distante que não conseguíamos discernir tudo de onde nos encontrávamos.

A caixa, ou obelisco, como Hórus havia chamado, estava presa à borda do círculo reluzente onde nos encontrávamos. Quando chegamos ao ponto em que o elo que tremeluzia e crepitava tinha sido fixado, olhei para a caixa, que se balançava ligeiramente centenas de metros acima de nós. Parecia um gigantesco balão quadrado ou uma pipa, e a linha era uma ponte de relâmpagos se estendendo até o céu escuro lá no alto.

Engoli em seco, olhando o grande vazio de espaço entre nós e o objeto que buscávamos. Por sorte, tínhamos unicórnios. A ideia de escalar pela corrente eletrificada era terrível, um pesadelo.

– Tem certeza de que Seth ainda está lá em cima? – perguntei, estreitando os olhos enquanto examinava o objeto escuro no espaço.

– Se não estivesse, a corrente teria se partido e se dissolvido, voltando a ser pura energia – respondeu Anúbis.

– Certo, então qual é o plano? – perguntei.

– Deveríamos nos encontrar com Amon-Rá e Néfits aqui. Eles deviam ter chegado antes de nós, já que fizemos o caminho mais longo. O fato de não estarem aqui me deixa nervoso.

– Acha que os demônios alados e os *bilokos* os pegaram?

Anúbis examinou o céu ao redor.

– Não acredito. Amon-Rá é poderoso o bastante para que qualquer demônio que ouse mordê-lo pereça imediatamente. Quanto a Néftis, é uma espécie de profetisa. Enxerga o suficiente do futuro para saber como e quando alterar seu rumo. Não há motivo para não terem nos alcançado.

Anúbis coçou o queixo enquanto se virava, avaliando o céu acima de nós.

Uma explosão de fagulhas brotou no topo do obelisco. Toda a estrutura se moveu e a corrente comprida oscilou para um lado e para outro na vastidão. Ouvimos o som inconfundível de uma mulher gritando.

– Mãe! – Hórus pulou nas costas de seu unicórnio e galopou,

saltando da borda. Mergulhou abaixo das águas que caíam e depois irrompeu de novo, subindo em direção ao obelisco.

Anúbis ergueu as mãos com desgosto, olhando irritado para o deus.

– Jovem imprudente – sussurrou. – Lá vai ele, todo armado, esquecendo o objetivo do sacrifício da própria mãe. – Em seguida, franzindo as sobrancelhas, olhou para nós. – É melhor vocês não arranjarem ideia de seguir os passos de Hórus. Pensem antes de agir. Entenderam? Seth já sabe que estamos aqui. Não vamos lhe dar mais vantagens do que ele já tem.

– Entendemos, Anúbis – disse Amon.

– Ótimo. Vocês nunca estiveram com Seth. Pelo menos não pessoalmente. Mas vou alertar: ele é como uma tempestade distante. Você acha que tem tempo para se preparar para o ataque, mas... bum!... ele chega antes que você possa se abrigar. Ele circula você, espera como o caçador mais paciente. Estuda você e descobre seus pontos fracos. E então ataca. – Ele juntou as mãos. – Você é apanhado nos dentes do crocodilo.

Estremeci.

– E tenham uma coisa em mente – continuou Anúbis –, ele é muito mais perigoso do que parece. Vê-lo como um garoto magricela e impotente, insignificante, foi um erro. Ele se aproveitou de nossa cegueira. – Anúbis olhou para cima e acrescentou baixinho, o maxilar tenso: – Seth se tornou um homem cruel, que gosta de torturar. A destruição é seu objetivo final. Ele é ardiloso e inteligente. Se lhe derem a menor demonstração de simpatia, ele vai envenenar vocês. E não acreditem no que estiverem vendo. Seth pode mudar de forma, transformando-se em criaturas que vocês nunca viram. E faz uso das habilidades delas também. Resumindo: não o subestimem. Seria o seu fim.

– Então como vamos deter uma criatura dessas? – perguntou Ahmose.

– Vocês podem detê-lo porque Seth também subestima vocês. Ou talvez, de modo mais exato, ele se superestima. Seu objetivo será vencê-

los. Como ele criou os Filhos do Egito, tentará usá-los, usar seu poder. Mas vocês podem resistir. Nós lhes demos essa capacidade. Mesmo assim, sua determinação e coragem são as únicas coisas que estão entre ele e seus objetivos finais. Seth não tentará matar um dos Filhos do Egito. Pelo menos não consigo imaginar que ele tentaria uma coisa dessas. Se tentasse, o resultado seria... bom, digamos apenas que seria muito desagradável para ele. Significaria sua queda.

Ele continuou sem pausa:

– Lily é a arma que ele não verá chegando. Somando vocês e nós, acho que podemos vencer. Precisamos vencer. Qualquer outro resultado é impensável. Boa sorte, meus filhos. – Anúbis segurou os ombros de Ahmose e Amon. Em seguida passou um dedo por meu rosto e me ofereceu um sorriso débil. – Boa sorte a todos nós – concluiu, murmurando suas últimas palavras para o céu vazio: – Que as estrelas abençoem nossos esforços esta noite.

Tínhamos acabado de montar nossos unicórnios quando ouvimos um guincho terrível vindo lá de cima. Um objeto disparou em nossa direção a uma velocidade espantosa. Girou no ar e nossos unicórnios movimentaram-se nervosos ao reconhecer o que era.

São Hórus e o unicórnio dele!, gritou Zahra. A bola de patas e asas girando se aproximou e se chocou com as Águas do Caos, produzindo um estrondo. Ondas de cor espirraram no ar enquanto nossos companheiros caídos criavam um amplo sulco de matéria. Deslizaram pela superfície escorregadia por uma grande distância antes de parar. Ondas se agitaram loucamente, batendo no peito de nossos unicórnios, alcançando minhas pernas. Por fim, eles pararam, desconjuntados, e a matéria jorrou rapidamente para preencher o espaço escavado.

Corremos, os cascos batendo e espirrando água, até chegarmos ao lado do deus caído e de sua montaria. O unicórnio debatia-se debilmente. Uma pata estava quebrada e um objeto trespassava seu flanco. Quando o puxei, vi que era a própria espada de Hórus. O deus estava preso embaixo do unicórnio e parecia inconsciente. A boca do animal arquejante espumava. Enquanto o unicórnio cravava os cascos

nas águas nevoentas, lutando para encontrar um apoio apesar da pata quebrada, pude ver que ele estava aterrorizado. Tinha as orelhas inclinadas para trás e relinchava alarmado – não por si mesmo, mas por nós.

Meu sangue congelou. Examinando rapidamente o céu e não encontrando nada, apeei e me ajoelhei perto do unicórnio, passando a mão por seu focinho comprido e parando junto das narinas abertas. A respiração rápida e quente soprou na minha palma. Zahra encostou o focinho no dele e pude sentir seu lamento enquanto ela avaliava os ferimentos do animal. Ele estava morrendo.

Eu já ia pedir ajuda a Ahmose, mas ele se encontrava ajoelhado ao lado de Hórus, usando seu poder para salvar a vida do deus. Em vez disso, virei-me para Anúbis.

– Você pode fazer alguma coisa?

Ele balançou a cabeça.

– A maldição que caiu sobre os unicórnios impede que eu prepare sua alma para o além.

Zahra bateu com uma pata e soltou um relincho de lamento no momento em que o unicórnio deitou a cabeça. Passado um momento, o corpo do grande animal tremeluziu e tornou-se insubstancial. Então se dissolveu e foi carregado pelas Águas do Caos até a borda, de onde escorregou e desapareceu de vista.

Eu me segurei a Zahra, acariciando seu pescoço macio enquanto ela se afligia e olhava Ahmose trabalhar. Quando Hórus finalmente respirou e seus olhos se abriram, trêmulos, soltei o ar que estava prendendo. Mas a sensação de alívio ao ver Hórus ficar de pé lentamente foi logo dissipada quando ouvi um rugido vindo de cima.

Uma forma longa e sinuosa – não, duas formas longas e sinuosas irromperam do obelisco e vieram em nossa direção. Quando chegaram mais perto, circularam preguiçosamente acima de nós. Uma das duas, um dragão, tinha uma corrente de relâmpagos presa à pata. Ele pousou na superfície das Águas do Caos e se agachou, observando-nos como se avaliasse quem seria o aperitivo mais saboroso. Sua cauda se sacudia para

trás e para a frente, fazendo a superfície sob nossos pés estremecer, como num terremoto.

A outra forma pairava no escuro. Quando o dragão levantou a cabeça e urrou, ela se aproximou e pousou. Seus anéis móveis eram familiares demais.

Olá de novo, deusa, disse Apep, batendo a cauda. *Que prazer encontrar você aqui.*

– Apep? – gritei, deliberadamente virando a cabeça para evitar seu olhar hipnótico. – Achei que você não se importava com os deuses ou com a guerrinha deles!

Eu não me importava, respondeu a cobra gigante, deslizando ao nosso redor, prendendo-nos no círculo de seu corpo. *Mas este aí*, disse, virando-se para olhar o dragão, *prometeu encher minha barriga com todas as almas que eu puder comer. E, como você sabe*, acrescentou, baixando a cabeça para me encarar, *estou sempre com muita fome.*

Ele se sacudiu de repente, abrindo a boca para mostrar as presas brilhantes. Águas espumosas lambiam suas escamas e, como antes, achei-as lindas. Na verdade, pareciam refletir as próprias águas a nossos pés. Bonitas demais. Dei alguns passos, aproximando-me da cobra, hipnotizada por sua extraordinária beleza.

Amon me puxou de volta e eu sacudi a cabeça, sacando em seguida minhas facas e alongando-as até virarem lanças. No entanto, antes que pudesse soltar um grito de batalha, o dragão falou diretamente conosco.

– Ainda não – disse, sua língua formando as palavras como se elas fossem estranhas para ele naquela forma. – Ainda faltam alguns jogadores, acho.

Vários objetos escuros, encobertos, vieram do obelisco, pousaram suavemente na superfície colorida das Águas do Caos perto da boca da cobra e desmoronaram imediatamente. O capuz escuro de uma delas escorregou para trás e eu arquejei.

– Néfits? – gritei.

Disparando em torno da cobra, corri para a forma caída e puxei o capuz gentilmente para trás. O dragão riu quando os cabelos dourados

caíram sobre minhas mãos. Dois furos na pele deixavam escorrer veneno preto. *Apep*. Eu não sabia se o veneno da cobra iria afetá-la tanto quanto havia me afetado, mas precisávamos ajudá-la, e logo.

Anúbis e Ahmose mantiveram as armas apontadas para a cobra enquanto Hórus foi mancando o mais rápido que pôde até a outra vítima. Quase chegando, ele tropeçou e caiu perto do corpo. Puxou o capuz. Era Amon-Rá. Rosnando, ele ergueu os olhos e gritou:

– O que você fez com minha mãe, sua fera abominável?

Mesmo a distância, os olhos de Hórus eram lâminas perigosas, abertas e prontas para cortar.

O dragão deu um riso afetado.

– Ah, Ísis está aqui, eu lhe garanto, cachorrinho.

Fui até a próxima pessoa, e a próxima, esperando ver Asten, mas só encontrei alguns dos guerreiros de Amon-Rá. Depois de verificar todos, eu me pus de pé e brandi as armas, juntando-me de novo a meus companheiros.

– Você pega a cobra – murmurou Amon. – Eu pego o dragão.

– Eu ouvi isso, principezinho – zombou o dragão. – Como seria divertido para você fazer o papel do cavaleiro com armadura matando o dragão! Tudo isso para impressionar sua princesa, não é? Que romântico! – disparou. – Bom, eu lhe garanto que não serei dominado facilmente e que não tenho absolutamente nenhum medo de você nem de qualquer outro cavaleiro com armadura brilhante.

O dragão fungou e nuvens de fumaça brotaram de suas narinas. Então ele espirrou, uma coisa muito pouco dragonesca. Eu ri, vendo o homenzinho que havia por trás da grande fera. Minha confiança cresceu, mas então pensei no aviso de Anúbis e reforcei minha determinação. Seth era mesmo ardiloso e eu tinha a sensação de que ele lutaria sujo.

– Acho que o seu ego está dizendo que você é um letreiro luminoso de 15 metros com seu nome em neon – gritei. – Infelizmente, você não serve nem para fazer figuração. Você se superestima e é despreparado. Por que não puxa uma cadeira e aprende com quem sabe das coisas, seu semideusinho mimado?

Talvez eu tenha ido longe demais ao provocá-lo, mas queria testá-lo em busca de fraquezas, do mesmo modo que Anúbis tinha dito que ele iria nos testar. O dragão me dirigiu um sorriso untuoso e estreitou os olhos.

– Tenho que admitir: estou ansioso para engolir você inteira. Vai ser revigorante depois de consumir seu campeão desgraçadamente bonito demais!

Era isso. A fissura em seu caráter. O ciúme rugia dentro dele como uma fera. Eu só precisaria balançar uma grande bandeira vermelha diante de seus olhos e ele viria direto para a minha espada. Eu precisaria ter cuidado, mas, sim, era possível derrotá-lo.

– Antes disso, porém – disse o dragão –, eu gostaria de lhes contar a história do dragão e do presunçoso São Jorge. Conhecem? – perguntou Seth quase educadamente. – Não? – Ele não esperou nossa resposta. – Então deixem-me dividir com vocês a versão verdadeira. Era uma vez uma cidade com mortais mimados que pediu ajuda a um dragão. "Estamos morrendo com a peste", disseram eles. "Por favor, nos ajude!" O dragão sabia que as pestes eram o modo que a natureza empregava para manter o equilíbrio. Os cidadãos se apinhavam feito ratos. Eram imundos e vis. A Terra ficaria melhor se eles fossem varridos de sua superfície. Mas o dragão, que, para sua infelicidade, era bom demais, concordou em ajudar e pediu apenas uma recompensa em troca. Uma pequena prova de gratidão.

O dragão fez uma pequena pausa de suspense.

– Ele queria que a linda filha do rei lhe fizesse companhia e oferecesse a gentileza que ele merecia. Mas a filha do rei achou o dragão feio demais. Os chifres dele eram afiados demais, o hálito era quente demais e as garras desajeitadas iriam rasgar seus belos vestidos. Assim, em vez de oferecer a filha, o rei fez um sorteio e uma jovem era escolhida a cada ano e dada para o dragão. Inevitavelmente, a garota deixava o dragão com raiva ao tentar escapar. Às vezes ele ficava cansado dos soluços e da atitude de coitadinha enquanto ela se lamentava, implorando que a devolvesse à família. De um jeito ou de outro, ele

reagia com violência, matando a jovem. Logo a cidade ficou sem moças e finalmente o rei infeliz mandou a filha. O dragão ficou empolgado, mas secretamente o rei mandou um cavaleiro com ela, um cavaleiro especialmente treinado para caçar dragões. Ao ver o belo cavaleiro que vinha salvá-la, a princesa ficou imediatamente caída por sua beleza afetada e não quis mais considerar a oferta sincera do dragão. Forçado a lutar, o dragão travou batalha com o cavaleiro e o teria derrotado, não fossem os gritos da moça. Ela distraiu o dragão e o cavaleiro o matou.

O dragão deu um sorrisinho.

– Agora, antes de vocês terem alguma ideia desse tipo, esta pequena luta de brincadeira em que vamos nos engajar terá um resultado totalmente diferente.

– É mesmo? – gritei. – E por que você acredita nisso?

– Porque desta vez não estou lutando sozinho. Seres inferiores, quero que todos conheçam meu filho. – O dragão torceu o pescoço, olhando alguma coisa às suas costas. – Filho? Por que não vem aqui e se apresenta aos nossos inimigos?

Uma figura encapuzada saiu das sombras lançadas pelo dragão. O homem ergueu as mãos e tocou a borda do capuz, e, quando fez isso, meu coração começou a bater tão loucamente que achei que iria explodir no peito.

Eu não tinha a intenção de demonstrar qualquer fraqueza ao meu inimigo, mas um nome escapou dos meus lábios quando ele puxou o capuz para trás. O som ecoou baixinho no espaço, um sussurro quase irreconhecível; voltou a meus ouvidos como se fosse sussurrado pela boca de um anjo:

Asten.



Filho de um dragão

Tia insurgiu-se dentro de mim.

– *Ele não é seu filho, Aquele Que Desfaz!* – rosnou.

– Ah, eu lhe garanto que é. Não é, Asten?

Asten baixou os olhos.

– Seth fala a verdade – disse ele. – Sem a barreira do obelisco, finalmente vi os sonhos dele e os da minha verdadeira mãe mortal.

– Não entendi – falei, virando-me para Anúbis. – Pensei que Asten fosse totalmente mortal, e nesse caso Ahmose e Amon seriam mais filhos de Seth do que Asten. Seth facilitou a gravidez das mães deles.

Anúbis exibia uma expressão de sofrimento. Seus olhos voltaram-se para Asten.

– Como isso é possível? – perguntou Amon a Anúbis com um sibilo, ao mesmo tempo que mantinha o olhar fixo em Apep.

– É possível – respondeu Anúbis em voz alta, que se espalhou naquela vastidão –, porque o pedreiro identificado por um suposto tio não era o verdadeiro pai de Asten. Seth teve uma concubina mortal, a mãe verdadeira de Asten, de quem ele abusava mesmo enquanto ela estava grávida.

– E o pai e as irmãs dele? A mãe que morreu? – perguntei.

– Não tinham qualquer parentesco com ele – respondeu Anúbis.

– Mas Seth tentou causar a morte do próprio filho? – argumentei. – Por que ele faria isso?

– Ele não sabia que Asten era seu filho.

– Permita-me discordar, seu avestruz excessivamente estufado – disse Seth. – Eu sabia. Mas, no fim das contas, isso não fazia diferença. Eu sabia que, assim que meus pequenos príncipes morressem, sua energia iria me preencher e me sustentar. Um filho do meu corpo me alimentaria muito mais do que a energia de Amon e Ahmose. Mas o acesso à energia deles foi tirado de mim antes que eu pudesse absorvê-la. Anúbis e os outros me enganaram e prenderam a energia de vida deles em vasos canópicos, transformando os três garotos nos Filhos do Egito.

E continuou:

– Então passaram a mentir para eles, claro. A cerimônia para alinhar o Sol, a Lua e as estrelas jamais foi para me manter prisioneiro. Era para prender a energia deles repetidamente antes que eu pudesse arrancá-la. Para isso acontecer, a morte deles precisava ocorrer a cada mil anos. É por isso que os rapazes vivem um tempo como mortais, mas só pelo período necessário.

– Isso é verdade? – perguntou Ahmose.

Anúbis trincou os dentes.

– É – respondeu. – Mas vocês devem entender que não tínhamos escolha. Enganar vocês era o único modo de impedir que Seth colhesse as recompensas por seus esforços. Se ele tivesse absorvido o poder da sua energia vital, teria se tornado invencível.

– Você poderia ter nos contado – disse Amon. – Poderia ter nos escondido, deixado que vivêssemos. Amássemos. Tivéssemos uma vida.

– Sim – assentiu Anúbis freneticamente –, e o que aconteceria quando Seth descobrisse vocês? O que teria acontecido? Com um estalo dos dedos ele poderia fazer um lacaio ou um exército destruir vocês, e, sem que eu estivesse por perto para trancar o poder de vocês, ele o teria tomado. Esse era o único modo de controlá-lo. Nós limitamos o tempo de sua exposição, mantendo-os vivos apenas por períodos suficientes para atrasar o relógio por mais um milênio.

– E os nossos poderes? – perguntou Amon. – Os pássaros? Por que vocês nos concederam dons? Nos deram força?

– Não tínhamos escolha – disse Hórus. – Vocês precisavam dos dons para reconhecer os seguidores de Seth e lutar contra eles. Quanto aos pássaros... – Ele suspirou. – Os pássaros eram um elo entre seus corpos mortais e o céu. Eles ocultavam vocês e eram um modo de sabermos seu paradeiro. Por isso o sacrifício do grou de Ahmose foi tão sério. Ele o tornou fraco, vulnerável ao ataque. Vocês nunca se perguntaram por que não conseguiam se transformar quando estavam no além?

– Eu... – começou Amon – ... presumi que fosse porque os pássaros estavam trancados nos jarros da morte.

– É. Os pássaros estavam trancados junto com a energia de vocês. Presos por mil anos – disse Hórus com tristeza.

– Eu quase peguei o seu pássaro também – disse Seth. – O necromante chegou a segurá-lo. Se não fosse sua adorável companheira, tudo isso teria acabado há algum tempo. Bem, agora vocês sabem a verdade. Os deuses viraram minhas criações contra mim, enganando tanto a elas quanto a mim, e me trancaram numa prisão isolada. Mas aqui estão vocês. Aqui estão todos vocês. É melhor do que eu poderia imaginar. Agora só preciso me sentar e deixar que meus demônios alados os destruam de uma vez por todas. Então vou absorver sua energia e me livrar dessas correntes.

Depois de uma pausa para respirar, ele prosseguiu:

– Claro que seria melhor se isso tivesse acontecido quando eu planejei, mas sou um homem paciente. E vocês veem o que a paciência me trouxe? Ali, aos meus pés, estão minha esposa traidora e nosso líder patético, Amon-Rá. Osíris foi mutilado além do ponto de ter recuperação. Ísis está ao meu lado e meus pintinhos voltaram para o ninho. Tudo está como deveria. E ainda consegui um bônus. Uma gatinha linda, muito interessante, que posso acorrentar ao meu trono. Vou fazer carinho e alimentá-la se ela for uma boa menina, ou vou chutá-la para o outro lado do Cosmo se ela não for. De qualquer modo, tenho certeza de que vou me divertir.

Levei os punhos cerrados à cintura.

– Acho que não – falei. – Em primeiro lugar, não somos gatinhos,

assim como você não é uma libélula. Segundo, tenha em mente que nós matamos a Devoradora e Sebak. Pelo meu modo de pensar, o placar é de dois a zero. Para mim, parece que você é um homem desesperado querendo segurar a bola no jogo até o apito final. Eu não estaria comemorando a vitória tão cedo, se fosse você.

– Você é uma criança tola. E frágil demais. Vou gostar de lhe ensinar a arte do respeito. – Seth se dirigiu a Anúbis: – Isso é uma ostentação patética, Anúbis. Acha mesmo que uma mera esfinge poderia me impedir? Eu sou um deus! O mais poderoso de todos vocês. Só preciso que seus preciosos Filhos do Egito morram. Vocês não podem impedir minha ascensão ao poder. Só estão adiando, me prendendo numa prisão que eu mesmo projetei. Vocês usaram o poder que eu dei a eles para construir os muros. Enxergar através dos olhos de Asten foi a única coisa que me manteve são.

– Do que ele está falando? – perguntei.

– Seth nos espionou, usando o poder de Asten para enxergar os sonhos – explicou Anúbis. – É por isso que Asten tinha dificuldade de usar essa capacidade de vez em quando. Seth causava uma espécie de interferência.

– Foi assim que pude me comunicar com você nos seus sonhos – disse Seth, dirigindo-se a mim –, por mais tediosos que eles sejam. Isso me fez perceber uma fraqueza potencial de um dos Filhos do Egito. – O dragão gargalhou, com nuvens de fumaça surgindo e subindo de sua boca enquanto ele chegava mais perto.

– Já chega disso! – rugiu Hórus. – Onde está minha mãe?

– Ainda está aí, Hórus? Achei que você tinha enfiado seu ser trêmulo embaixo da asa do seu falcão dourado. Ah, espere, é verdade. Ele não é mais seu, não é? Você abriu mão dele. Ah, bom, uma criatura como aquela acabaria abandonando uma criança lamurienta como você uma hora ou outra. Se você quer saber, sua mãe não está se sentindo muito bem agora. Mas tenho certeza de que ela vai melhorar logo. Ficar perto de mim – o dragão deu um risinho – provocou uma ligeira febre nela. Cá entre nós, amigos, eu sou um pouco demais, até mesmo para Ísis.

– Vá sonhando – murmurei baixinho.

Achei que jamais odiaria alguma coisa na vida mais do que odiava Seth naquele momento. A Devoradora era uma irritante candidata num concurso de misses, comparada com ele. O necromante, um produtor de teatro mimado, presunçoso e sem trabalho ou dinheiro. Mas esse cara, Seth, era mais do que eu imaginava. Seth era doentio. Era de tal forma deturpado que se convencera de que estava certo.

– Devo dizer que gosto desta forma – disse Seth, balançando as asas. – Desfazer os dragões foi a melhor decisão que já tomei. – De repente, ele decolou e pousou com um estrondo perto das figuras caídas, cobertas com capas e capuzes. Suas narinas expeliam fumaça. – Afaste-se de Amon-Rá, curandeiro. Eu odiaria mandar Apep mordê-lo de novo. Por mais forte que ele seja, provavelmente nem mesmo o grande deus de todos nós se recuperaria de uma dose dupla de veneno.

Ahmose se empertigou e se afastou, com as mãos no ar, até voltar para perto de nós.

– O que acham de passarmos para o terceiro ato? – perguntou o dragão. – Asten, eu gostaria que tirasse minhas algemas agora. Por favor, faça isso imediatamente. E não se esqueça do que acontecerá se você criar alguma dificuldade.

Asten engoliu em seco e olhou brevemente para mim, depois se virou para o dragão.

– Não! – gritei. – Asten, o que você está fazendo?

– Pense cuidadosamente nisso, filho – disse Anúbis, estendendo a mão num alerta. – Acho que você sabe o que deve fazer.

Asten parou, voltando o olhar de Anúbis para mim. Sua boca estava tensa, tanto de determinação quanto de pesar.

– Agora sei quem eu sou – disse. – Sinto muito, Tia. Sinto muito não poder ser a pessoa que você queria, o parceiro que você merecia. Desculpe se minha origem me torna incapaz de manter seu coração. Confie em mim quando digo que é melhor assim. Agora tudo faz sentido. Meus sonhos. Minhas ambições. Minha natureza. Tudo veio dele. Este é o

meu propósito. Meu destino. Não posso negar o que sou nem aonde vou a partir daqui.

Tia se enfureceu e soltou um lamento agudo dentro de mim enquanto Asten invocava seu arco e colocava nele uma flecha brilhante.

– Pai? – disse ele. – Se me conceder um pouco da energia que está escorrendo de Amon-Rá, removerei suas algemas.

O dragão abriu a boca e sugou a energia. Ela saiu de Amon-Rá e viajou pelo ar, girando e se entrelaçando numa variedade de cores. Então o dragão se virou e soprou luz pelo nariz. Ela envolveu a flecha de Asten até que toda a haste reluziu.

– Agora não esqueça – avisou o dragão –, você precisa mirar a corrente no ponto de conexão, e então a algema vai cair. Se tentar me ferir de qualquer modo, até mesmo um arranhão por engano, haverá consequências irrevogáveis. Consequências das quais você está bem ciente. Entendeu?

– Entendi, pai. O senhor esquece que eu não posso errar.

– Muito bem.

Asten levou o braço para trás e disparou a flecha.

– Pare! – gritei, mas era tarde demais.

O dragão tinha uma expressão cobiçosa de deleite enquanto a flecha voava na direção do centro das Águas do Caos, bem no ponto em que a corrente estava presa. Mas, em vez de acertar o elo, a flecha o contornou, virando em um arco amplo e seguindo direto para o dragão. Seth urrou e se agitou, dobrando as asas em volta do corpo e encolhendo a cabeça para proteger o pescoço.

– Filho traidor! – gritou.

Asten ignorou o dragão que se debatia e, abrindo os braços, levantou o rosto para as estrelas.

– Não – sussurrei, enquanto uma voz pequenina no fundo da minha mente dizia que algo muito, muito errado estava acontecendo. Apesar dos esforços de Seth, a mira da flecha era perfeita. No último instante, porém, Seth alterou sua forma. A flecha atravessou direto seu corpo, saindo com um jato de sangue e indo na direção de Asten. A percepção

do que Asten fizera tornou-se clara para mim. – Não! – gritei mais alto e comecei a correr.

Meus pés batiam na superfície lisa e escorreguei os últimos metros de joelhos, numa tentativa inútil de agarrar Asten. Mas a flecha tinha feito seu trabalho rápido demais. E cravou-se diretamente em seu coração. A força do golpe lançou seu corpo no ar. Suas pernas se abriram e fecharam enquanto ele voava e caía com violência na superfície reluzente. Quando o alcancei, puxei seu corpo para mim, levantando sua cabeça e aninhando-a nos braços, totalmente alheia ao dragão que corcoveava e gritava ali perto.

Rios de cor escorriam por cima do corpo de Asten, cascateando por seu peito, que arfava. Pressionei as mãos contra a superfície dura para conter a maré de sangue. Forcei as mãos de ambos os lados da flecha, tentando estancar o sangue. As penas roçavam meu rosto e eu me imobilizei.

– Impossível – sussurrei.

A flecha que oscilava tinha uma pena de Ísis. Levei a mão às costas e agarrei o espaço vazio onde a última flecha deveria estar.

– Eu a tirei de você usando magia há alguns instantes – sussurrou Asten. – Sabia que você jamais iria usá-la contra mim, e assim meus irmãos também estarão seguros.

A fúria, o medo e o pânico me atravessaram, mas Asten me tocou, contendo o fogo, até que eu só conseguia sentir uma tristeza tão profunda que me partia em duas. O sangue brotava do ferimento, apesar da afirmação de Ísis de que sua flecha curava, e soubemos então que não havia como salvá-lo. Os avisos do meu arco tinham se concretizado.

Nesse momento nós três lamentávamos, éramos uma, sofrendo pelo homem que amávamos.

– *Tene* – sussurrei, as lágrimas nublando meus olhos –*, como isso pôde acontecer?* – Afastei seu cabelo do rosto, beijei sua testa e solucei. Não percebi que ele estava tentando falar. – *O que você disse?* – perguntei, inclinando-me mais para ele.

Asten engoliu em seco.

– Deu... deu certo? – perguntou. – Ele se foi?

– Quem se foi?

– S... Seth? – completou ele.

Sua pele tinha perdido o calor e minha mão trêmula estava coberta de sangue.

Levantei os olhos. O dragão havia caído. Seus grandes flancos arfavam e um líquido brilhante brotava de sua boca.

– Você estava tentando mirar nele? – perguntei, confusa. – Achei que você nunca errava o alvo.

Ele balançou a cabeça ligeiramente e começou a tossir. Mais sangue jorrava a cada espasmo. Por fim, quando seu corpo se acomodou um pouco, ele deu um sorriso triste e disse:

– Não erro.

– Por quê, Asten? – perguntei, tentando entender. – Por que você escolheu isso? Diga que não foi só o que estava escrito no arco.

Ele balançou a cabeça.

– Você se lembra da mulher que me cobrou um preço terrível como pagamento para ajudar a fazer uma poção para minha mãe, a rainha? – Eu assenti e Asten respirou algumas vezes, em haustos curtos, e continuou: – A exigência dela foi que, quando chegasse a hora certa, eu deveria matar meu pai.

– O quê? – murmurei.

– Eu jurei, mas ela – Asten tossiu de novo – não cobrou o pagamento. Ontem à noite, ela visitou meus sonhos e disse que tinha chegado a hora. Mas, para matar meu pai, eu teria que mirar no meu coração. – O rosto de Asten ficou branco. Ele levou a palma da mão ao meu rosto. – Agora sei, Tia, que esse foi o motivo pelo qual eu não podia guardar seu coração. Mas saiba que o meu sempre foi e sempre será seu. Eu te amo, minha leoa feroz.

Ele pôs algo na minha mão. Minha visão ficou turva novamente quando senti a forma familiar do escaravelho do coração de Tia.

Fechei a mão sobre ele e assenti com a cabeça, as lágrimas escorrendo sobre meus lábios enquanto uma expressão distante surgia nos olhos de

Asten, e então ele se foi. Um rugido de dor, diferente de tudo o que eu já ouvira, saiu, numa explosão, de minha boca. Quando terminei, desabei sobre seu corpo, agarrando-me a ele e soluçando. Aos poucos, percebi uma luz preenchendo a área ao meu redor. Virando-me, vi Anúbis, uma expressão determinada no rosto e os braços erguidos, direcionando a energia vital de Asten para quatro jarros canópicos que ele havia criado.

Assim que a energia ficou guardada em segurança, curvei-me sobre Asten e delicadamente beijei seus lábios macios. Estendendo uma garra, cortei uma mecha de seu cabelo. Depois acariciei seu rosto, meus olhos e o coração ardendo de dor, e cruzei seus braços sobre o peito. As Águas do Caos começaram a puxar seu corpo e logo as espumas começaram a levá-lo para longe de mim. Fiquei de pé, trêmula, olhando o homem que eu amava ser carregado até a borda. A voz de Tia ecoou na minha mente:

Deite-se no capim verde, meu amor, e olhe as estrelas. Eu irei ao seu encontro, Tene. Prometo que não terá de esperar muito, pois meu único desejo é viver com você qualquer tipo de felicidade que o Cosmo nos ofereça. Mas, antes disso, prometo terminar o que você começou.

Quando o corpo dele foi lançado pela borda, minhas garras emergiram. Uma fúria primal me dominou e fui na direção do dragão, que ainda respirava. Antes que pudesse cravar as garras afiadas em seu corpo, ele se transformou, virando um animal pequeno. Então saiu correndo pela superfície escorregadia das águas agitadas. Fiquei parada, boquiaberta, imaginando o que teria acontecido. A criatura que se movia rapidamente mudou de forma outra vez, tornando-se algo tão minúsculo que eu não conseguia mais vê-la, nem com a visão aguçada.

Corri de volta para Anúbis.

– O que aconteceu? Onde está a corrente?

Lágrimas escorriam pelo rosto de Anúbis. Segurei seus ombros e o sacudi.

– Anúbis! O que aconteceu?

– Asten deve ter entendido mal – disse ele, passando a mão pelas faces. – Matar-se não podia destruir Seth. Em vez disso, de algum modo, isso o libertou.

– Mas por quê? – perguntei, a fúria e o sofrimento jorrando de minha voz. – Por que isso não o destruiu?

– Porque, Lily, Asten não era filho de Seth. – Os ombros de Anúbis se afrouxaram como se ele fosse um homem velho demais para continuar de pé. – Era meu filho – disse baixinho, as sobrancelhas grossas e escuras baixando com tristeza.

Dei um passo para trás, o choque congelando o sangue nas minhas veias.

– C... como?

– Eu o encontrei quando era pequenino – contou Anúbis. – Ele *era* o filho biológico de Seth, isso é verdade, mas a mortal que era mãe dele ficou tão perturbada com a ideia de ter um filho de Seth que sufocou o bebê no parto. Depois tirou a própria vida. Como uma criança imortal estava à beira da morte, sua alma pequenina me chamou. Na hora, não percebi que o imortal é que tinha me chamado, e não sua mãe. A alma dela ainda pairava por perto, e ela me pediu ajuda. Quando o dedinho dele segurou o meu, tomei a decisão de lhe dar um pedaço de mim, assim como fiz com Abutiu.

Anúbis respirou fundo.

– Isso mudou Asten a ponto de ele se tornar mais meu filho do que de Seth. Eu o criei desde que era um bebê. Abutiu passou a gostar um bocado dele, preferindo dormir perto do berço. Quando a mãe verdadeira de Asten veio a mim como um fantasma e me alertou de que Seth havia abençoado as rainhas estéreis com filhos, fiquei atento. E, quando o jovem príncipe de Asyut morreu, fui até ele e disse à ama que a criança poderia ser trocada. Disfarcei-me de mendiga e aceitei as moedas que a ama ofereceu, depois entreguei Asten a ela. Antes de sair, lancei um encantamento sobre a criança, de modo que seus poderes fossem bloqueados até que eu pudesse treiná-la para usá-los. Infelizmente, nunca tive essa chance.

O deus continuou:

– Vigiei Asten no correr dos anos, e meu amor e minha admiração por ele cresceram. Quando Seth mandou que ele e os irmãos fossem

assassinados, eu... fiz o que pude para restaurar o que tinha sido tirado dos três. E, sem que Asten soubesse, liberei a amarra que tinha posto sobre seu poder tantos anos antes. Sua habilidade, como descobrimos, sempre esteve nos sonhos.

Meu olhar percorreu o rosto de Anúbis, demorando-se em suas feições, enquanto ele contava a história. Eu sempre o havia considerado bonito, e agora que olhava mais de perto via as semelhanças entre ele e Asten. Apesar de o cabelo de Anúbis ser cortado abaixo das orelhas, tinha a mesma textura e a mesma cor do de Asten. Quando Anúbis franziu os lábios, vi que havia uma covinha minúscula em seu queixo. Respirei fundo.

– Você é pai dele! – exclamei.

– Sou – falou Anúbis, assentindo com tristeza.

– E por que não contou a ele?

– Eu queria, mas pareceu mais seguro guardar essa informação. Nem Maat sabia. Se eu tivesse contado a ele, ela teria lido a verdade no coração de Asten. E Seth teria descoberto a verdadeira identidade dele e a usaria para seus planos.

Ashleigh veio à superfície e deu um tapinha no ombro de Anúbis.

– *Minha mãe sempre dizia: "Você precisa crescer por si mesma, não importa quem seja seu pai." Asten era um homem bom e teria orgulho de chamar você de papai.*

– Obrigado, Ashleigh – disse Anúbis.

– Nada disso explica por que a mulher misteriosa mandou Asten matar seu pai se destruindo – interveio Amon.

– Ah, acredito que tenho essa resposta – disse uma voz acima de nós.

Seth se materializou em sua forma humana, o braço envolvendo uma figura familiar. O rosto dela estava manchado e com hematomas e uma das asas pendia, flácida. O vestido que ela usava estava rasgado na manga. Com um empurrão violento, Seth ordenou:

– De joelhos, segunda esposa.

Ísis obedeceu, mas levantou os olhos e encarou seu filho, Hórus, balançando a cabeça com tristeza.

– Bom – disse Seth com um sorriso torto –, onde estávamos mesmo?



Segredos das estrelas

– Ah, sim – disse Seth. – A mulher misteriosa.

A parte de mim que era socialite de Nova York notou que as mãos de Seth pendiam vários centímetros abaixo das mangas. Aparentemente ele crescera enquanto estava no obelisco. Era isso ou ele simplesmente não tinha senso de estilo, ou não se importava com a vestimenta. Examinei seu rosto e observei que havia algo estranho, quase desengonçado nele. Como se fosse um adolescente tardio que ainda não tivesse alcançado a vida adulta. Ou talvez só tivesse um daqueles rostos que faziam a pessoa parecer mais nova do que era. Como um ator que ainda conseguia papéis de estudante do ensino médio mesmo tendo uns 30 anos.

Seth não estava vivo havia séculos? Seria assim que a puberdade imortal funcionava? Uau, que péssimo. A ideia de ter de usar aparelho nos dentes e lutar contra as espinhas durante séculos era horripilante. Eu provavelmente ia querer brigar com todo mundo à minha volta também. Seth tinha não somente uma, mas duas mechas encaracoladas na testa, e, ao mesmo tempo que Ísis se encolhia à sua frente, ele fazia tentativas repetidas de ajeitar o cabelo. Não parecia perceber que estava fazendo isso. Seus dedos se contraíam e os olhos azul-claros se viravam frequentemente para a mulher caída.

Seu corpo parecia bastante forte, mas os membros compridos demais não eram nem um pouco coordenados. Para Tia, ele parecia um filhote desengonçado, cheio de rugidos e pose, mas sem nada para sustentar

isso. Ashleigh se perguntou se a aparência dele seria resultado de ter ficado preso. Ela me lembrou de que sua forma havia mudado desde que tinha se escondido na árvore das fadas. Ele provavelmente passara fome preso dentro do obelisco.

Seth estreitou os olhos duros como sílex e tentou dar uma risada condescendente, mas tudo que conseguiu foi bufar e então se imobilizou, como se estivesse chocado por um som daqueles sair de seu corpo. Meus lábios se repuxaram. Ele notou imediatamente minha reação e trincou os dentes. Um constrangimento ruborizado subiu por seu rosto e pude ver o momento em que o constrangimento virou raiva.

Inconscientemente, dei um passo para trás até sentir a presença firme de Amon às minhas costas. A raiva que percorria o corpo de Seth era algo poderoso. Ele parecia uma terrível nuvem de tempestade se preparando para liberar a fúria. Uma pessoa sensata veria isso, trancaria as janelas e procuraria abrigo.

Agora eu entendia por que Seth preferia assumir a forma de animais em vez de seu corpo imortal. Como animal, ele se sentia poderoso, confortável e orgulhoso, mas, como homem, ficava desajeitado e sem graça. As faces de animais eram máscaras que ele usava para esconder suas imperfeições. Isso fazia sentido de uma forma doentia quando se pensava na família perfeita demais em que ele havia crescido.

Asten não se parecia nem um pouco com Seth. De fato, estava mais para Anúbis e seus irmãos do que para o homem que de fato o havia posto no mundo. Era um alívio, em muitos sentidos, ver como eles eram diferentes. Essa diferença não era apenas na aparência. Com o cuidado adequado da pele, um bom corte de cabelo e roupas bem cortadas, Seth não seria desagradável aos olhos. Mas, para mim, o poder de atração ficava no lado de dentro. Por esse aspecto, Seth era repulsivo.

O problema era que Seth tinha poder. E pior, era cruel. Talvez os motivos para ser assim não fossem totalmente culpa sua. Seth tinha um tique nervoso e a necessidade de ser adorado e apreciado, merecendo ou não. Um monte de garotos adolescentes era assim. Eles abusavam das namoradas ou perseguiam os mais fracos porque isso fazia com que se

sentissem poderosos. Eu só nunca tinha imaginado que um deus seria assim.

– Você achou – começou Seth, interrompendo minha avaliação – que eu simplesmente iria me esquecer da minha prole? – Ele baixou a mão e acariciou a asa quebrada de Ísis. Ela se encolheu de dor. – Eu encontrei a mãe verdadeira de Asten e torturei seu espírito desgarrado o suficiente para descobrir o que precisava. Ela foi muito mais útil na morte do que em vida, porque andara espionando o filho semideus. Para mim não foi nenhuma surpresa Anúbis ter salvado a criança. Ele tem uma queda por cachorrinhos, gatinhos perdidos e bebês abandonados.

Seth exibiu um de seus sorrisos abomináveis.

– Depois de obter as informações de que precisava, implementei meu plano para fazer com que os três príncipes fossem mortos, e sim, mesmo sabendo que um deles era meu filho. Usei o sacerdote Runihura para sussurrar no ouvido dela que o único modo de eu ser morto era se um filho do meu sangue usasse a faca. Eu sabia que então ela faria o máximo para guiá-lo na minha direção, caso meus planos dessem errado e ele sobrevivesse. Claro, nunca houve perigo de ele de fato me matar, mas desse jeito seria bastante fácil motivá-lo quando chegasse a hora certa.

Seth continuou depois de uma pequena pausa:

– Ele não sobreviveu, claro. Runihura o matou como foi instruído. Infelizmente, os deuses intervieram e prenderam sua energia vital antes que ela pudesse retornar às Águas do Caos. Pouco depois fui preso no obelisco e venho passando os anos tramando a vingança. E, bom, cá estão vocês.

Ele abriu um sorriso que pareceu quase genuíno e eu me dei conta de que era. Seth estava feliz em ser o centro das atenções. Aquele era seu grande momento. Seu último chamado para os aplausos. Ele estava adorando cada segundo sob as luzes da ribalta. Consegui fingir uma expressão de interesse e perguntei:

– Então por que você mandou a mãe dele num sonho? Parece que tudo estava acontecendo como você queria. O que mudou?

– O que mudou foi a trama dos deuses. Foi bom eu ter tomado

precaução com a mãe de Asten. Veja bem, eu sabia que existia uma chance, ainda que pequena, de vocês poderem me impedir.

Bom, isso eu queria ouvir.

– É? – falei simplesmente, sabendo que ele não conseguiria resistir à oportunidade de expor seus feitos e sua sabedoria.

– Assim que percebi o que Ísis tinha feito, unindo os três rapazes, eu soube que precisava cancelar o encantamento dela. – Ele envolveu o pescoço de Ísis com a mão e apertou. – Você sabe, querida, que seus feitiços se destinam a funcionar a meu favor, e não contra.

– Sim, Seth – murmurou ela, exausta.

– O que você disse? – perguntou Seth, apertando os dedos.

– Quero dizer: sim, esposo – respondeu ela, e lhe dirigiu um sorriso débil.

– Assim está melhor. – Ele afastou as mãos do pescoço dela para acariciar distraidamente seus longos cabelos. – Bom, onde mesmo eu estava? Ah, sim. Quando meus demônios alados me trouxeram Asten, eu o mantive preso por um tempo, sem me revelar a ele, para decidir que passos daria. Eu não podia romper o elo. O encantamento de Ísis era poderoso demais. Só um Filho do Egito conseguiria rompê-lo. Eu não podia me arriscar ao confronto explícito quando todos vocês estavam unidos dessa forma. Era um risco grande demais para mim.

Seth deu de ombros.

– Mas então minha adorável esposa apareceu, a primeira, Néftis. Não foram necessárias muitas ameaças da minha parte para convencê-la de que era de seu interesse me ajudar. De fato, pensando bem agora, ela pareceu muito disposta a reparar todos os problemas que tinha me causado. Suponho que seja esperado uma mulher sentir falta do marido distante. – Ele se virou para olhar Néftis, caída no chão, o rosto etéreo emoldurado pelas águas que fluíam. – Talvez eu deva repensar se vou matá-la. Deve ser divertido jogar minhas duas esposas uma contra a outra.

Ele se virou de novo para nós.

– Então, como eu ia dizendo, prendi Néftis com Asten e, de um

modo muito dramático, ela confessou a ele que eu era seu pai verdadeiro e que, para me matar, ele teria de se matar.

Seth deu uma risadinha.

– Além disso, alertou-o de que era fundamental cortar o elo. Que, se ele se matasse enquanto estivesse ligado aos irmãos, eles compartilhariam do mesmo destino. Asten, criatura nobre que é, acreditou completamente que, ao se matar, salvaria todos vocês e me enfraqueceria até o ponto da morte.

Olhei para Néftis. Ela havia nos traído. Eu não podia acreditar que ela fizesse isso conosco, com a própria família. Será que sentia tanta lealdade assim ao marido? Talvez sentisse ciúme de Ísis, mas Néftis, mais do que ninguém, parecia liderar o caminho da batalha até Seth. A história dele fazia sentido, mas não parecia certa. Algo estava esquisito.

– Mas por que ir até o fim com isso? – perguntei. – Por que deixar que ele se matasse? Assim que Asten estivesse desatado dos outros, não haveria necessidade de destruí-lo. Você não poderia absorver a energia vital dele, de qualquer modo. Anúbis a capturou nos jarros canópicos. Por que você sugeriria que ele levantasse o arco? – Fiz uma expressão de nojo. – Só um monstro faria isso.

– Você é uma garota simples, jovem esfinge, portanto, não espero que entenda completamente o jogo dos deuses. Você é só uma figurante, um peão jogado no tabuleiro para me distrair enquanto outras peças representam seus papéis. Eu imaginava que você seria muito mais do que estou vendo, mas devo dizer que estou bastante desapontado. Anúbis sabe por que Asten precisava morrer. Não sabe, Anúbis?

Anúbis olhou para o deus.

– Porque era meu filho?

Seth gargalhou tanto que uma lágrima se formou no canto de seu olho.

– Você acha mesmo que eu me importo com a filiação de Asten? A morte dele me dá mais prazer ainda, sabendo que dói em você. Foi por isso que mandei um dos meus seguidores levá-lo a uma família inventada, terrível a ponto de alquebrar até a alma mais firme. Mas não,

meu amigo grande demais e burro. Esse não é o motivo. Certamente você sabe qual é a verdadeira razão.

Seth parou um momento, esperando, então sua boca se esticou num sorriso largo.

– Ou talvez não saiba. Cá entre nós – disse Seth a mim num sussurro teatral –, Anúbis não recebeu o maior cérebro do Cosmo.

Anúbis deu um passo à frente, ameaçador, mas Seth ergueu a mão.

– Ora, ora. Não precisa apelar para a violência. Mas talvez você queira verificar os seus jarros. Não sei se nem mesmo você, o poderoso deus dos mortos, tem consciência de tudo que aconteceu.

Anúbis não queria romper o contato visual com Seth. Em vez de fazer o que ele mandava, a espada negra se materializou em sua mão.

– Estou cansado de ouvir suas fanfarronices – disse Anúbis. – Acho que primeiro vou cortar sua língua.

Numa resposta cheia de zombaria, Seth estalou a língua e agitou um dedo no ar, depois apontou para os jarros canópicos perto dos meus pés. Como Anúbis não se mexia, eu fiz isso. Ajoelhando-me, levantei o jarro que tinha uma cabeça de íbis e rompi o lacre. O interior estava escuro e vazio. Olhei para ele durante um minuto inteiro, esperando que uma luz branca aparecesse, depois levantei a cabeça, alarmada, e encarei Amon.

– Não tem nada dentro – falei.

Amon se mexeu, nervoso.

– Não é possível, Lily. Nós vimos a energia entrar.

Como Apep parecia contente em esperar as ordens de Seth, Amon se ajoelhou ao meu lado. Abriu o segundo jarro, o terceiro e o quarto.

– Estão vendo? – perguntou Seth. – A energia de Asten *é* minha. Ela me tornou poderoso o suficiente para romper as algemas que me prendiam. Agora posso usar o poder de desfazer, aproveitando-o como nunca antes! – Seth riu, zombando do nosso desespero. – Ora, ora. Vocês deveriam se animar sabendo que ele viu a própria morte nos Sonhos Que Poderiam Ter Sido. Acho que isso torna meu filho mais poderoso do que todos vocês. Claro, isso não adianta muito para ele agora, não é?

– Não. Não é possível. Eu... eu guardei o cabelo dele para que você

pudesse refazê-lo! – eu disse a Amon. Pegando a mão de Amon, coloquei o cabelo de Asten nela e fechei os dedos dele sobre os fios. – Tente – implorei. – Tente fazer um corpo novo para ele.

– Sim – disse Seth, a alegria estampada em todo o seu rosto. – Vamos ver você tentar.

A boca de Anúbis era uma linha sombria, os músculos grossos do pescoço contraídos como se ele estivesse se preparando para saltar. Ísis nem olhava para nós e Hórus apenas encarava a mãe, inexpressivo. Parecia alguém que tivesse perdido tudo, exatamente como eu me sentia.

Amon fechou os olhos e ergueu as mãos, murmurando um encantamento. Os fios de cabelo se levantaram no ar enquanto a magia se reunia em torno dele, mas então a luz diminuiu e se dispersou. Os cabelos se espalharam aos ventos agitados pelas Águas do Caos.

– Não! – gritei, tentando desesperadamente agarrar os cabelos, mas eles voaram para longe e se misturaram à névoa antes que eu pudesse pegá-los de volta.

Amon me segurou, me abraçando, e eu desmoronei de encontro a ele, soluçando.

– Não há nada que eu possa fazer – murmurou no meu ouvido. – Asten se foi.

Seth riu.

– Por que acham que fiz com que todos vocês fossem trazidos aqui? Este é um lugar onde vidas se criam, mas onde elas também se desfazem. Os jarros canópicos, por mais mágicos que sejam, não podem impedir o processo natural de nascimento e morte que acontece aqui. As Águas do Caos drenaram os jarros, assim como drenaram a energia de cada criatura que morreu na sua guerrinha de unicórnios. Eu pude absorver toda essa energia, inclusive a de Asten. Agora só preciso acabar com o resto de vocês.

Furiosa, virei-me para ele. Meus dedos se tornaram garras, com a falange extra crescendo imediatamente à medida que as unhas emergiam. Suas pontas afiadas reluziam com a luz refletida das Águas do Caos. Escutei vagamente um grito:

– Lily, não!

Mas eu não era mais Lily. Era a esfinge, e a criatura diante de mim tinha matado meu parceiro, provocando sua segunda morte, a morte final. Agora meu único propósito na vida era causar o mesmo sofrimento ao assassino. Com um rosnado maligno, saltei, os olhos de felina se fixando na pulsação em sua garganta. Cravei as garras fundo em seus ombros e abri a boca.

Seth gritou e corcoveou enquanto eu baixava os lábios para o ponto vulnerável em seu pescoço, preparando-me para abri-lo com os dentes, fossem eles presas ou não, mas ele conseguiu se desvencilhar de mim e me empurrar para longe. Deslizei muitos metros para trás, as garras tentando se cravar na superfície, mas não encontrando apoio. Meus outros companheiros saltaram. A cobra atacou. Hórus correu para sua mãe, puxando-a para longe de Seth, que estava sendo acuado por todos os lados.

Invoquei minhas asas para frear meu deslizamento na superfície escorregadia, depois corri alguns passos antes de decolar. Enquanto reunia a energia do Cosmo, eu observava, impotente, meus companheiros fracassarem. Seth estava tentando desfazer Hórus, mas Ísis mantinha a mão no ombro do filho, entoando um encantamento que parecia desacelerar o processo. Até o momento apenas o antebraço dele tinha virado pó.

Enquanto isso, Apep tinha conseguido morder Anúbis no ombro. Quando ele se levantou da superfície escorregadia para se juntar de novo à luta, foi derrubado outra vez. O veneno começou a atuar e o deus poderoso cambaleou, tombando de joelhos. Dessa vez, porém, não se levantou. Os anéis do corpo de Apep envolveram Ahmose, sufocando-o, enquanto Amon golpeava violentamente o monstro. O sangue preto pingava na superfície das águas e desaparecia com um sibilo. O processo de desfazer Hórus continuava e Seth invocou o resto dos seus demônios alados. Não tendo escolha, bati as asas uma na outra. As gárgulas voadoras explodiram em chamas, as cinzas chovendo sobre os guerreiros embaixo.

Abri as asas, pairando, amaldiçoando o fato de que tivera de despender a energia contra o exército voador, e não contra Seth. Enquanto a energia se acumulava, senti uma agitação no ar. Algo acertou meu braço e outro ferimento se abriu em minha perna. Os *bilokos* também estavam de volta. Saquei as facas e comecei a golpear loucamente. Mas eles continuavam chegando.

Hórus havia tombado de encontro à mãe. Sua perna tinha sumido até o joelho. Ahmose havia desmaiado ou tinha sido picado também. Gritei de dor quando garras se cravaram em uma de minhas asas e larguei as facas. Lentamente, fui descendo, as asas incapazes de me sustentar por mais tempo. Por instinto, levantei as mãos e um jato de luz disparou no ar, iluminando o espaço escuro de verde, depois de prata e em seguida bronze. Ouvi os gritos de centenas de *bilokos* destruídos pela luz dos escaravelhos do coração que eu carregava. Tão rapidamente quanto havia chegado, a energia me abandonou. Eu estava vazia, meu poder exaurido.

Lágrimas encheram meus olhos enquanto eu caía e via Apep jogar Ahmose de lado e avançar sobre Amon, arremessando-o para o alto. Ele girou loucamente e, antes que pudesse se aprumar, Apep mordeu seu peito. Amon gritou, e eu também, ao ver o dente emergir nas costas dele.

A cobra sacudiu a cabeça vigorosamente e Amon se soltou, caindo com uma pancada forte nas reluzentes Águas do Caos. Meu corpo inteiro estava entorpecido quando meus pés tocaram o chão. Nem mesmo os gritos de Hórus eram registrados em minha mente. Olhei pela vastidão e vi um Seth contente, pairando acima de Ísis e Hórus. Apep estava abrindo as mandíbulas, preparando-se para atacar de novo, mas eu não podia mais ouvi-los. Até mesmo as vozes de Tia e Ashleigh estavam perdidas para mim. Ou talvez elas tivessem ficado tão insensíveis quanto eu.

Enquanto minha mente e meu corpo flutuavam para longe, comecei a distinguir um sussurro baixíssimo. Levantei a cabeça e percebi que eram as próprias estrelas. Elas estavam falando comigo. Dizendo o nome de alguém.

Mas nomear alguém era algo que Wasret fazia. Não eu. Ainda assim, os sussurros pressionavam minha mente. *Libertadora*, diziam. *É hora de a Libertadora surgir.*

– Libertadora – ecoei, meus lábios formando a palavra. – A Libertadora é a chave.

De repente, me lembrei das palavras do Dr. Hassan: *A pessoa para quem este ritual permaneceu na Terra é uma pessoa que nem havia nascido no tempo em que seu nome foi inscrito na parede. É o nome que as estrelas sussurraram para nós no correr das eras.*

Agora as estrelas estavam sussurrando um nome. *Libertadora*, repetiram e repetiram.

Existe uma profecia antiga sobre o Caos, soou a voz de Maat em minha mente. *Diz que chegará um tempo em que o Caos reinará sobre o Cosmo. A harmonia será perdida. A Ordem vai se fragmentar. O poder dos deuses ficará preso numa teia de aranha. É quando a Libertadora aparecerá.*

Então eu soube quem era a Libertadora. Ela, e somente ela, era quem poderia derrotar Seth.

Inclinando a cabeça para trás, fechei os olhos e envolvi Tia e Ashleigh com os braços, puxando-as para perto de mim. Eu tinha passado a vida inteira presa numa gaiola feita por mim mesma, com medo de desapontar os outros e de ser a pessoa que eu desejava, mas eu não era mais aquela garota. Mais do que qualquer coisa, eu queria estar com quem eu amava, explorar a vida à minha frente, mas não era para ser. Nunca saberia o que eu poderia ter sido, o que Amon e eu poderíamos ter sido, mas pelo menos eu tinha sentido um gostinho disso.

Tranquilizei minhas duas irmãs.

Às vezes é preciso fazer sacrifícios, e precisamos abrir mão daquilo que mais queremos no mundo para que outros possam viver contentes e felizes.

– Wasret – chamei, murmurando as palavras às estrelas lá no alto. – Estamos prontas. Nós a convocamos com o nome sussurrado através do Cosmo. Nós invocamos a Libertadora.

Uma explosão de luz nos envolveu.

– *Obrigada, Lily, Tia, Ashleigh. Seu sacrifício será tecido entre as estrelas* – disse uma voz que todas reconhecemos.

Um vento frio passou por mim e eu me ergui do lugar onde estivera à deriva. Por um momento tive a percepção de Tia e Ashleigh se agarrando com força a mim e então não tive consciência de mais nada.



Unidos

Inspirei, sentindo cheiro de sangue, vida, energia, perda, morte, dor e ambição. Eram aromas pungentes e fortes, apimentados e doces. Centrando-me em minha nova forma, abri os olhos e absorvi a cena à frente. Ahmose estava caído ali perto, mal conseguindo respirar. Seus pulmões estavam esmagados e um órgão havia se rompido. A perna direita estava quebrada em dois lugares.

Anúbis estava morrendo lentamente com o veneno de Apep, assim como os outros deuses caídos na superfície das águas, inclusive o Amon de Lily. Asten não estava em lugar nenhum, mas senti sua energia pairando em algum lugar à minha volta, girando, quase irrecuperável.

Pairando por ali estavam feras terríveis nascidas das trevas. Elas sofriam de um modo que nenhuma criatura nascida do mundo físico deveria sofrer. Seus corpos ficavam oscilando entre a vida e a morte. Para elas, cada movimento era uma agonia. Não tinham liberdade, nenhuma opção a não ser obedecer a quem as havia criado a partir de pedaços dos dois planos de existência.

Franzi os lábios, inspirei fundo e soprei suavemente. Um vento forte saiu de minha boca, mandando todas as meias criaturas de volta para a dimensão invisível à qual pertenciam. O que restava de suas formas físicas se transformou em energia pura e caiu como neve nas Águas do Caos. Eu sabia que esse ato reforçaria aquele contra quem eu tinha sido invocada para lutar, mas agora era impossível evitar isso.

Quando elas se foram, dei um passo à frente e grunhi, finalmente percebendo os ferimentos no meu corpo. Uma asa se arrastava no chão – o osso tinha se partido em dois e um pedaço serrilhado era visível logo acima do ombro. Uma infecção escura pulsava em minha perna e no braço, onde as criaturas tinham mordido e arranhado.

Erguendo os braços, fechei os olhos e puxei energia das Águas do Caos. Ela lambeu meus pés e subiu pelas pernas. Logo todo o meu corpo pulsava com ela e eu podia sentir cada corte, cada arranhão e cada ferimento se fechando com força e saúde.

– Assim está melhor – murmurei.

Com o corpo curado, eu podia cumprir os meus deveres, e o primeiro era cuidar de Apep, que agora mesmo deslizava para mim com a boca escancarada.

– Pare – ordenei, levantando a mão.

Não querendo ser distraída do trabalho, usei a energia da água para formar uma bolha em volta de Seth, Ísis e Hórus. Seth estava ocupado tentando desfazer Hórus e o deus parecia resistente o bastante para suportar mais alguns instantes. Ísis ergueu os olhos e inclinou a cabeça em minha direção, assentindo ligeiramente. E continuou falando com Seth, distraindo-o.

Apep não notou nada disso. Avançou mais depressa ainda. Agora que não seríamos incomodados, fechei os olhos, busquei seu nome verdadeiro e o encontrei. Foi quase fácil demais. Sorrindo, falei:

– Thoho, você vai me ouvir e obedecer.

A cobra parou imediatamente. Enrolando-se num grande anel, com a cabeça apoiada no corpo, ele me fitou com os olhos brilhantes cheios de ódio.

Quem é você?, perguntou. *Como sabe meu nome verdadeiro?*

– Como é que você não sabe? – perguntei. – Você se esqueceu de si mesmo. Disseram-lhe que você é uma criação de Seth. Isso não é verdade. Seth mentiu para você. Aproveitou-se de sua mente fragmentada e fez promessas que não pode cumprir. – A cobra ficou me encarando, mas

dava para ver que ela não entendia. – Talvez você se lembre quando eu o reunir com seu gêmeo.

Isso não é possível, disse a cobra. *Ele está perdido para mim.*

– Tshamut! – gritei. – Permito que você escape de sua prisão. Venha a mim, deixando a Ilha dos Perdidos, e se reúna ao seu irmão! – Ouviu-se um estrondo, como o de um terremoto, e a superfície das águas se inclinou bruscamente para um lado e depois se corrigiu. Do buraco escuro no centro das águas, uma cabeça emergiu. O corpo da cobra deslizou em nossa direção e então se ergueu, como se estivesse se preparando para atacar o irmão.

– Tshamut, acalme-se. – Quando a cobra chegou mais perto, inclinando-se de modo a manter um olho no irmão e outro em mim, parou de se mexer. Seu corpo longo se estendeu sobre as águas. Suas escamas eram cinza-claras e os olhos, amarelos. Um contraste nítido com o tom escuro do irmão. – Tshamut – comecei. – Quando eu o encontrei em sua caverna, você concordou em libertar os Filhos do Egito em troca de vingança contra quem o prendeu. Chegou a hora de cumprir minha promessa.

Inclinando a cabeça para trás, gritei para os céus escuros:

– Abjeta Antropófaga! O fim dos seus dias está chegando. Venha a mim e aceite seu castigo!

Um instante depois, um objeto saiu voando do centro escuro das Águas do Caos e descreveu um arco no ar. Avistei um fino filamento de teia atravessando o céu. Uma aranha gigante pousou suavemente na superfície das águas, as pernas compridas conseguindo se fixar, apesar do espelho d'água escorregadio.

– Você teceu sua tapeçaria? – perguntei baixinho.

Sim, senhora, respondeu a aranha.

– Então olhe à sua volta. Foi isso que seus atos moldaram.

Nem tudo foi feito por mim, disse a aranha. *Não posso ser culpada pelas escolhas que outros fizeram.*

– Ah, é aí que você se engana. – Virei-me para as duas cobras, que me olhavam com interesse. – Este é o ser responsável por sua separação. Um

dia vocês já foram Nommo, os deuses gêmeos criadores que guardavam os polos. Seu dever era proteger as Águas do Caos. Seu corpo longo envolvia este local em um círculo eterno. A fome era equilibrada porque a cabeça de Thoho mordia a cauda de Tshamut e vice-versa. Enquanto se moviam, vocês mantinham o Cosmo alinhado.

Após uma breve pausa, continuei:

– Por causa da cobiça desta aranha cósmica, a teia que conectava todas as coisas se enfraqueceu. No entanto, ela não podia consumir vocês. Em vez disso, desalojou os dois, separou-os, deixando as águas desprotegidas. Então veio uma tempestade e uma pedra gigantesca mergulhou nas águas. Esse foi o nascimento de Amon-Rá. As Águas do Caos tentaram corrigir a mudança concedendo a um dos deuses o poder de desfazer, mas os dois deuses não conseguiram chegar a um acordo sobre como equilibrar os grandes poderes da criação e da obliteração. O caos se agravou.

Isso pode ser consertado?, perguntou Tshamut.

– Algumas coisas podem ser consertadas. Assim como o Akh une o Ka e o Ba para criar algo novo, eu posso unir vocês dois outra vez. Mas para isso terei de lhes dar um nome novo, um *ren*, pelo qual vocês serão conhecidos de agora em diante.

Virei-me para a aranha.

– Abjeta Antropófaga, como castigo pelos feitos terríveis que cometeu, você será transformada. Vai se juntar a esses dois e seguir atrás deles como uma *shuwt*, uma sombra, um mero reflexo do ser que você já foi. Isso servirá como lembrança de que a ambição desmedida é uma semente plantada nos pântanos mais negros e que somente frutos ruins podem nascer de uma semeadura assim.

E continuei:

– Dirão de você: "Quando a sombra da aranha atormenta a luz da Lua, é um sinistro presságio do caos." Os mortais olharão e saberão que continuar num caminho assim é uma tolice perigosíssima, porque significaria a destruição de todas as coisas.

Erguendo os braços, entoei um encantamento e a trêmula aranha

gritou enquanto seu corpo se transformava. Sua profundidade e sua substância se dissolveram. Quando não restava nada além de uma sombra, a criatura afundou na escuridão sob os anéis do corpo de Thoho.

– Está feito – falei. – Agora vamos cuidar dos outros.

Dei as costas para as cobras, que me seguiram de perto, e me ajoelhei brevemente ao lado de Ahmose. Passando a mão sobre ele, conduzi energia suficiente para seu corpo a fim de curá-lo.

– Tshamut? – chamei. – Pode dar seu veneno para curar os que foram feridos por seu irmão?

Farei isso, respondeu a cobra. Com o máximo de gentileza de que uma serpente cósmica era capaz, ela picou Anúbis com cuidado e depois foi até Amon. O veneno que injetou sibilou e borbulhou no ponto em que encontrou o veneno escuro de seu irmão gêmeo. Os dois se anularam mutuamente e as vítimas começaram a se curar.

Quando Tshamut terminou com Amon-Rá e Néftis, levantei os braços e desfiz a bolha. Os olhos de Hórus estavam vítreos. Faltavam-lhe um braço, uma perna e metade da outra perna. Seth estava curvado sobre ele, o suor escorrendo por seu rosto, a respiração saindo em grandes espasmos enquanto ele se esforçava. Ísis entoava um encantamento febrilmente junto ao filho, seu lindo cabelo caindo sobre o rosto.

– Seth – falei. – Você vai parar.

Seth levantou os olhos, baixando as sobrancelhas, confuso, olhando a mim e o acréscimo da segunda cobra.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou, impaciente.

– Eu sou a Libertadora – falei baixinho. – Fui invocada pelas estrelas para realinhar o Cosmo. Um grande erro criou você e meu dever é corrigi-lo.

Seth cuspiu com raiva.

– Eu não sou um erro! Sou o mais poderoso dos deuses. O único erro foi que precisei tomar à força a honra que me deveria ter sido dada legitimamente. Não existe quem possa me derrotar! – Ele gesticulou de

forma frenética na direção dos deuses à sua volta. – Nem mesmo Amon-Rá é tão poderoso. Toda a criação deve se dobrar à minha vontade.

– Não – eu disse. – É você quem vai se dobrar à minha.

Falei isso tão baixo que Seth inclinou a cabeça, sem saber se tinha escutado direito. Ele me examinou e vi o momento em que sua raiva se transformou num deleite completo.

– É você! – disse ele. – A que se destinava a ser minha verdadeira rainha! Senti seu poder absoluto nos meus sonhos e achei que a esfinge era quem o possuía, mas jamais foi ela. Sempre foi você. Finalmente você veio a mim.

– Como você está errado! Você me insulta com suas suposições. Eu sou a Libertadora! Você acha que eu vim libertar *você*, quando, na verdade, vim libertar o Cosmo *de* você!

Com um rugido, Seth voltou seu poder contra mim. Pude ver a força do desfazer preenchendo o ar, ondulando o espaço entre nós, transformando a matéria que tocava em pura energia drenada para as Águas do Caos. Levantei a mão, contive a energia e a segurei na palma. Era linda. Tão gloriosa quanto as águas. Deixei um fiapo escorrer entre os dedos e olhei para o jovem deus.

– Quem é você? – perguntou ele, dando um passo para trás, chocado ao ver a facilidade com que eu continha o seu poder.

– Este corpo já pertenceu a Lilliana Young. Ela era a pedra ovo de serpente. A luz que penetrava na escuridão. Fui atraída para ela e vi o mundo através dos olhos dela. O presente de Lilliana me deu a capacidade de entrar no seu reino. Sua Néftis me vislumbrou através do véu de estrelas e eu pude orientá-la através das eras. Foi a sua primeira esposa que ajudou a me trazer. Tenho muitos nomes. Sou conhecida como Wasret, a Libertadora. Alguns me chamaram de Qetesh ou Hécate. Outros se referem a mim como as três Fúrias, as Moiras ou como a Sereia que Canta Para os Homens e Eles Precisam Obedecer. Todos são verdadeiros. Sou a senhora do Cosmo. Sua zeladora. E vim fazer a contabilidade de seus feitos.

Umedecendo os lábios, Seth estreitou os olhos com astúcia.

– Se você realmente zela pelo Cosmo, sabe que não fui tratado com justiça. Minha família me trancou durante séculos. Você certamente não pode me desacreditar por tentar conseguir o que mereço.

– Você não está errado, Seth. Sua ambição foi alimentada pela dor e pelo equívoco, mas você teve a oportunidade de se erguer acima disso e optou por roubar dos outros em vez de trabalhar a sério para construir por si mesmo. Você viu as escolhas que fez, mas bloqueou o verdadeiro poder do seu filho. Agora você irá vê-lo. Contemple os Sonhos Que Poderiam Ter Sido!

Captei as energias que giravam ao redor das Águas do Caos e mostrei a Seth seu sonho mais acalentado. O jorro de amor que ele teria recebido dos irmãos deuses o fez tremer, mas não foi por se reprovar, foi de fúria. Ele estava com raiva porque seu sonho não fora realizado como ele queria e culpava os outros pelos próprios fracassos.

Canalizando o poder de Ahmose, mostrei cada caminho bifurcado que ele havia percorrido e como cada um deles teria levado a um final mais agradável. Quando chegou a hora de lhe mostrar o poder do Revelador, suspirei, sabendo que isso não mudaria nada. Mas Seth precisava vê-lo. Ajudá-lo a entender tudo que tinha perdido, a felicidade que deixara escorrer por entre os dedos, faria mais do que qualquer castigo que eu pudesse lhe aplicar. Quando isso estava feito, falei:

– Agora você sabe. Seus filhos, o Sonhador, o Desbravador e o Revelador, lhe foram dados para guiar seus passos. Para fazer você avaliar suas opções. A cada mil anos o exílio que você sofria poderia ser aliviado se você ouvisse os alertas deles. Em vez disso, você empurrou para longe os próprios seres que um dia ansiou por abraçar. Tentou criar seu Triângulo Impossível, pensando em absorver o poder dele. Mas, em vez disso, ele agiu como um portão, me dando acesso ao seu mundo para que eu pudesse consertar o que estava quebrado. Não existe equilíbrio nisso, Seth. Eu o reprovo por seus atos.

Senti o despertar dos que haviam caído. Amon-Rá pegou a mão de Néftis, levantou-a e os dois se aproximaram. A deusa sorriu e se ajoelhou aos meus pés. Anúbis se agachou perto de Ísis, tirando o agonizante

Hórus de seus braços trêmulos. Então Ahmose e Amon avançaram e pararam ao meu lado.

– Lily Young foi a chave que finalmente me acordou – falei, e tive consciência de que nesse momento Amon respirou fundo. – Ela uniu os Filhos do Egito, sua criação. A fada me deu asas para voar do meu lugar de descanso até o seu mundo. – Dessa vez foi Ahmose que se agitou à menção de sua amada. Parei apenas por um momento. – E a leoa me deu sua força, para que eu possa fazer o que devo.

Os punhos de Seth se fecharam e ele trincou o maxilar. Sua teimosia estava me irritando.

– Você fala do que é justo – continuei. – Do que lhe é devido. Vou lhe dizer agora que esses seis seres merecem mais respeito do que você. Eles usaram seus poderes de modo altruísta, por amor um pelo outro e pelos seres que habitam o Cosmo.

Virando-me para Ahmose e Amon, falei:

– Sinto muito pela perda de vocês. Mas chegou a hora de fazerem o sacrifício final. Vocês já entregaram seus corações – falei, indicando os três escaravelhos que iam de um ombro a outro no meu traje. – Agora peço os corações que vocês estão guardando.

Olhei para ambos e prossegui:

– Antes que façam isso, devem saber que, assim que eu possuir esses corações, vou tirar de vocês sua vida pela última vez. Suas formas físicas irão se dissolver, juntando-se às Águas do Caos. Vocês não existirão mais. Essa energia vai me alinhar numa sizígia perfeita, para que eu tenha o poder de restaurar o equilíbrio. Não vou forçar essa decisão, mas poderia, se quisesse. Prefiro que ajam por livre vontade. Ahmose, Amon, vocês farão isso?

Ahmose foi o primeiro a responder. Pôs a mão sobre o coração e trouxe o escaravelho do coração de Ashleigh. Encostou os lábios na pedra verde e a entregou a mim em silêncio.

– Obrigada – falei. Com um estalo dos meus dedos, um pedaço minúsculo do cabelo de Ahmose subiu e caiu na minha mão. – Escolhi

você para ser meu companheiro, Ahmose. Seu corpo vai morrer, mas vou fazer um novo para você quando minha obra estiver completa.

Ahmose parecia a ponto de dizer alguma coisa, mas se deteve. Olhou o irmão por um longo momento e depois se virou de volta para mim e assentiu com a cabeça. Doeu em mim saber que ele não estava tão entusiasmado com a ideia quanto imaginei. Tentei reconfortá-lo, dizendo:

– É uma grande honra servir ao meu lado. Há muito que podemos explorar no Cosmo.

– Sim – disse Ahmose. – É mesmo uma honra.

Ele baixou a cabeça com deferência, mas algo em sua postura parecia fora de harmonia. Pareceu uma nota destoante que, por mais que tentasse, eu não podia desconsiderar. No entanto, havia outras coisas a cuidar nesse momento.

Amon tirou o escaravelho de Lily, mas, em vez de olhar para ele, me olhou, examinando meu rosto, como se procurasse seu amor perdido.

– Ela não está aqui – falei gentilmente. – Sinto muito, mas não escolhi você. Minha seleção foi baseada em qual irmão viveria mais amigavelmente comigo.

Ignorando minha última fala, Amon perguntou:

– Eu vou vê-la de novo? – Ele tomou minha mão nas suas, quentes. – Ela estará no lugar para onde eu vou?

Ofereci-lhe um sorriso triste.

– Nem eu sei de todas as coisas, Amon. Mas vocês dois estão unidos. Se eu tiver sucesso em trazer de volta o equilíbrio, suas energias serão unidas, independentemente do que vocês se tornarem e aonde quer que possam ir.

Amon assentiu e me entregou o coração de Lily. Peguei o coração de Tia dentro do cinto e abri as duas mãos. Os escaravelhos do coração pertencentes a Tia, Ashleigh e Lily subiram no ar, girando cada vez mais depressa, cada pedra cintilando, a luz jorrando até que as três bolas de luz se tornaram energia pura que disparou para o meu peito e desapareceu.

Peguei a tira de couro que pendia amarrada a cada ombro. Engastados no material estavam os três escaravelhos pertencentes aos Filhos do Egito. Anúbis assentiu para os dois rapazes, os olhos marejados de emoção. Amon-Rá tinha os lábios apertados, Ísis parecia séria e Néftis sorria, lacrimosa. Com os corações das três jovens dentro de mim, minhas emoções borbulhavam. Tentei contê-las, sabendo que era isso que devia fazer.

Antes que eu pudesse começar o processo, Seth recorreu a seu poder e se transformou num dragão.

Você não vai pegar o que me pertence!, gritou.

Fiquei parada, calma, enquanto o dragão batia as asas poderosas, elevando-se no ar. Ele descreveu um círculo enquanto eu olhava. Amon-Rá e Néftis saltaram para trás, gritando, enquanto Seth enchia o ar com fogo. Na passagem seguinte, ele abriu as mandíbulas poderosas, as chamas se acendendo dentro dele quando se virou diretamente para mim.

Então você fez sua escolha, falei. *Prepare-se para as consequências*. Em seguida, inspirei fundo e sussurrei o verdadeiro nome de Seth direto para sua mente de dragão: *Ascalon*.

Nesse momento, o dragão gritou, não só porque eu tinha usado seu nome verdadeiro, mas também porque Amon tinha pegado uma das minhas facas-lanças, estendeu-a e saltou no ar, perfurando seu couro no ponto vulnerável embaixo da asa. O dragão despencou embolado, com o peito poderoso arfando, minha lança ainda cravada em seu corpo.

Agachei-me, olhando a criatura nos olhos.

– Seus rapazes foram a chave de sua derrota. Você lhes deu seu poder, pensando em pegá-lo de volta, mas Amon o desfez, assim como você iria desfazê-lo. O Cosmo lhe concedeu tanta coisa que somente alguém criado por você tinha de fato o poder de feri-lo desse modo. É uma infelicidade que tivesse de ser assim. Mas vou terminar a tarefa que ele começou.

Quando levantei os braços, os três escaravelhos que restavam subiram no ar.

– Espere! – pediu Néftis. – Primeiro Amon deve devolver o Olho de Hórus.

– E o... o falcão dourado – acrescentou Hórus, mal conseguindo falar. – Ele é mais do que apenas um símbolo.

Assenti com a cabeça.

– Muito bem. Amon, pode vir a mim?

Quando ele obedeceu, Hórus, ofegando de dor, teceu um encantamento. Uma luz subiu do corpo de Amon e assumiu a forma de pássaro. Ouvi um guincho quando a luz se transformou num falcão de ouro. Ele voou até Hórus, que o pegou com o braço que lhe restava. Levou os lábios ao topo da cabeça emplumada da ave e a beijou.

– Senti sua falta terrivelmente, velho amigo.

– Agora o Olho – disse Néftis. – Amon não pode tirá-lo sozinho. Hórus precisará puxá-lo de volta.

Fechando os olhos, Hórus murmurou suavemente e uma luz dourada cintilou em seu corpo mutilado. Amon gritou e do centro de sua testa irrompeu um globo branco brilhante. O globo pairou no ar, girando. Enquanto Hórus terminava o encantamento, o globo voou na direção dele e afundou em sua testa. Cansado, ele abriu os olhos, que reluziram, dourados. Uma luz preencheu seu corpo e nesse momento houve uma mudança discernível em sua expressão. Até sua postura ficou diferente. Olhando o próprio corpo, ele levantou o braço e o examinou, como se o visse pela primeira vez. Depois me deu um olhar demorado, pensativo. Por fim, olhou para Néftis e assentiu.

– Está feito.

– Muito bem – falei. – Então vou prosseguir.

Amon desabou de joelhos. Parecia destroçado. Ahmose se ajoelhou ao lado do irmão, abraçando-o. O encantamento começou, os escaravelhos do coração giraram no ar e então eles também entraram no meu corpo. Em seguida, se conectaram: três corações alinhados com três corações. Cada um deles ligado a outro, para nunca mais se separarem. Levantando meu arco, invoquei uma flecha e sussurrei o verdadeiro nome de Amon para ela, que disparou, vibrando, fez um círculo e então

mergulhou no peito de Amon. Repeti o processo com Ahmose. Meus olhos se fecharam por vontade própria enquanto eu sentia a pontada da perda. Quando os abri, Amon e Ahmose já haviam tombado na superfície das Águas do Caos, os corpos se dissolvendo diante dos meus olhos.

Seth me olhou furioso quando me aproximei.

– Deixe que eu morra do golpe de Amon – disse ele enquanto seu sangue vital escorria para as Águas do Caos e desaparecia. Sua forma estava mudando lentamente para uma energia pura. – Que minha morte seja causada por ele. Não vou perecer pela mão de uma mulher.

Inclinando a cabeça, eu o examinei.

– Não é uma mulher que está matando você neste dia – falei, e sorri –, e, sim, uma deusa. Na verdade, foi um trio de deusas que o derrubou. Lembre-se do nome delas: Ísis, Néftis, Wasret. Mas também saiba que você mesmo provocou esse destino. Quando os mortais falarem de Seth, só vão se lembrar de como o poderoso caiu. Seria bom você refletir sobre isso. Talvez nos últimos instantes você consiga apreciar as mulheres sábias que concordaram em fazer parte da sua vida, ainda que equivocadamente. Aplique essa lição no futuro.

– Aplique essa lição? – cuspiu Seth. – Como assim?

– Você verá, Ascalon. Néftis, Amon-Rá, aproximem-se.

Os dois deuses deram um passo à frente.

– Sabem o que pretendo fazer? – perguntei baixinho.

Lágrimas brotaram dos olhos de Néftis e ela assentiu, depois se virou para Amon-Rá.

– Tem certeza? – perguntou.

Ele acariciou o rosto dela com ternura.

– Eu ficaria com você de qualquer forma possível – disse Amon-Rá. – Sinto em meu coração que esta é a escolha certa. Este é o dia para o qual nos preparamos há muito tempo.

Néftis envolveu com os braços o pescoço de Amon-Rá e trouxe os lábios dele até os seus. Ísis ofegou e a boca de Anúbis escancarou-se, em choque, mas eles não disseram nada.

Depois de se separarem, Amon-Rá segurou a mão de Néftis e os dois se viraram para mim. Ele levou brevemente a ponta dos dedos dela aos lábios e disse:

– Estamos prontos.

– Muito bem. – Erguendo a voz para o Cosmo, atraí o poder para o meu corpo, levantei o arco e ajustei na corda não uma flecha, mas uma de minhas facas-lanças, e gritei: – Ascalon, eu risco seu nome do Cosmo. Tomo sua energia vital e o transformo em algo novo.

Puxando a corda, disparei o projétil, que se cravou fundo no peito do dragão. A fera se retorceu e gritou enquanto seu corpo começava a se dissolver mais depressa.

Virando-me para o casal perto de mim, falei:

– Amon-Rá, eu risco seu nome do Cosmo. Tomo sua energia vital e o transformo em algo novo.

Amon-Rá gritou quando seu corpo se transformou em energia branca. Néftis gritou e recuou, o rosto molhado de lágrimas. Ao mesmo tempo o corpo do dragão se transformou em energia. Juntei as mãos e as duas energias se combinaram. Durante um tempo, pareceu que os dois seres iriam se despedaçar mutuamente, mas então o caos se acalmou e a energia se fundiu num ser feito de luz.

– Agora vou lhe dar um nome e, enquanto faço isso, você assume uma forma nova. Seus poderes serão equilibrados, porque você terá a capacidade de criar e desfazer. Peguei o melhor de cada um. Agora Néftis é sua esposa verdadeira e será sua companheira através das eras. O nome que lhe dou não será segredo para os que o amam. Porque, se você se tornar negligente em seus deveres, eles terão o poder de confrontá-lo. De agora em diante você será chamado de Aton.

O corpo de Aton ganhou forma. A luz diminuiu até que nossos olhos puderam vê-lo completamente. Ele era bonito, alto e ereto. Seus olhos brilhavam com espanto, maravilhado, vendo sua família pela primeira vez. O cabelo era escuro como o de Amon-Rá, mas havia uma pequena mecha encaracolada atrás. Em suas feições, encontrei um pouco de Seth

e de Amon-Rá, mas ao mesmo tempo Aton era absolutamente único – um ser criado a partir das qualidades dos dois homens.

Ele se virou e sorriu para Ísis e Anúbis, depois franziu a testa ao ver Hórus. Agitando a mão, murmurou um encantamento e o corpo de Hórus se enrijeceu enquanto a energia lhe voltava, recriando os membros perdidos. Ísis abraçou com força o filho recuperado, lágrimas de alegria escorrendo por seu rosto.

Quando Aton me olhou, assentiu levemente com a cabeça e por fim se virou para Néftis, apoiou-se em um dos joelhos e estendeu a mão.

– Você me aceita, minha rainha? – perguntou, levantando os olhos cheios de esperança para Néftis.

Ela inclinou a cabeça formalmente.

– Aceito, esposo.

– Eu me empenharei para conquistar seu coração e merecer sua lealdade.

– Meu coração já é seu.

Aton se levantou e tomou as mãos dela nas suas, examinando seus olhos. A compreensão lhe veio rapidamente.

– Você deu seu escaravelho do coração a Amon-Rá.

Néftis assentiu:

– Dei.

– Então vou lhe oferecer o meu.

Ele extraiu seu escaravelho do coração, uma linda pedra com redemoinhos de ouro e ônix. Néftis o pegou e o levou ao seio. Num instante ele desapareceu. Os olhos dela se arregalaram.

– Eu... eu sinto você – disse.

– E eu sinto você, meu amor.

Enquanto o deus do Cosmo e sua esposa aprendiam um sobre o outro, bati as asas, alçando-me no ar e me preparando para a tarefa seguinte.



Despedidas

Pairando acima dos outros, gritei com a voz das próprias estrelas:

– Agora é hora de curar as Águas do Caos! Thoho, Tshamut, venham a mim!

As duas cobras levantaram a cabeça acima da superfície e se alçaram no ar. Seus corpos longos se esticaram, movendo nas ondas de energia lançadas pelas Águas do Caos.

– Thoho – falei. – Eu risco seu nome do Cosmo. Tomo sua energia vital e o transformo em algo novo. Tshamut! Eu risco seu nome do Cosmo. Tomo sua energia vital e o transformo em algo novo.

Os corpos das duas cobras, como os de Amon-Rá e de Seth, transformaram-se em energia pura. Enrolaram-se um no outro, mordendo e se retorcendo, até se acomodarem.

– Agora você será chamado de Tharu. Tharu, protetor das Águas do Caos, abrace sua nova forma e ocupe seu lugar de direito, há muito tempo abandonado.

Uma nova cobra se materializou diante de mim. Essa tinha o corpo mais grosso. Suas escamas cintilavam em azul e os olhos reluziam, amarelos. Abrindo a boca, ela sibilou e rapidamente disparou até a borda das Águas do Caos. Circum-navegou a borda até envolvê-la completamente. Então mordeu a própria cauda, completando o círculo que protegeria as águas. Vislumbrei a sombra da aranha seguindo-a.

Tocando a superfície das águas, falei aos deuses que assistiam:

– Meu trabalho está terminado. Como recompensa por meus esforços pelo bem de vocês, vou criar um corpo novo para Ahmose e ele se tornará meu companheiro enquanto atravesso o Cosmo, explorando toda a criação em minha nova forma.

Pus na palma da mão os fios de cabelo que tinha guardado de Ahmose, preparando-me para invocá-lo e criar seu novo corpo.

– Espere – pediu Hórus, levantando-se e testando cautelosamente seus membros refeitos.

Fazendo uma pausa, avaliei os olhares de expectativa que os deuses me dirigiam.

– O que mais vocês desejam de mim? – perguntei. – O Obscuro está morto. Eu restaurei a ordem do Cosmo, como era o meu dever.

– Nós pediríamos que nos devolvesse os que foram perdidos – respondeu Hórus, o que me surpreendeu. Ele fora o menos envolvido nos acontecimentos do dia.

– De quem você fala? – perguntei.

– Dos Filhos do Egito e das Filhas de Wasret.

– Você sabe que não posso salvar todos os que foram perdidos. Alguns foram refeitos. Isso não pode ser desfeito. Contente-se em saber que, com relação a esses de quem você fala, seus corações estão para sempre unidos em mim.

– Então eu perguntaria – disse Hórus, dando um passo adiante – como você pode tomar como companheiro alguém cujo coração está permanentemente unido a outro.

– Ele não terá escolha a não ser me amar, porque eu carrego o coração dela.

– Então esse é um presente pobre que você aceita. Não passa de uma sombra do amor. Eu sugeriria, em vez disso, que você considerasse um companheiro do qual está separada há muito tempo. Um que você esqueceu.

Respirei fundo, o coração disparando diante das palavras dele. Franzindo os lábios, perguntei:

– De quem você fala?

– Como Lilliana Young, o filho de Ísis e Osíris nasceu como uma pedra ovo de serpente. Mas seu corpo era fraco, pois não havia energia suficiente nas Águas do Caos para criar outro deus poderoso. Assim Ísis teceu um encantamento. Deu um pouco de si mesma e do marido para sustentar a criança. Quando percebeu que ele iria morrer apesar de seus esforços, eu fui até ela.

Néftis aproximou-se da irmã e abraçou sua cintura.

– Fiz uma proposta. Que foi aceita. Com a ajuda de Ísis, Osíris e Néftis, foi tecido um encantamento que me permitia coexistir com o filho deles, habitando o mesmo corpo. Através de Hórus, eu fui da escuridão para a luz. Como você, passei a existir num momento em que o Cosmo precisava de mim.

Ele continuou praticamente sem pausa:

– Fui eu que distraí Seth durante séculos para que pudéssemos ter tempo de nos preparar para o surgimento do segundo ovo de serpente, mas Seth começou a suspeitar de que havia mais coisas do que simplesmente a família se unindo contra ele. Para me proteger mais ainda, o conhecimento da minha verdadeira identidade foi removido de propósito da minha mente. Ficou escondido no Olho e, durante um tempo, o próprio Amon-Rá o carregou. Para distrair Seth, Amon-Rá criou uma história complicada em que prometeu o Olho para o vencedor de uma grande disputa que demorou anos. Quando venci, Amon-Rá me deu um badulaque, uma imitação. Mas Seth ficou desconfiado. Ele desejava o poder e buscava meios de roubar nossos segredos. Para protegê-lo, o Olho verdadeiro foi escondido dentro de um Filho do Egito. Amon foi imbuído de energia suficiente para carregar o Olho, cuja verdadeira natureza estava escondida dele.

Hórus fez uma pequena pausa e prosseguiu:

– Eu me escondi esse tempo todo em plena vista, esperando a hora da sua chegada. Portanto, Wasret, como você, eu passei a existir com um corpo de carne emprestado. Mas, diferentemente de você, agora tenho toda a consciência de quem sou, porque tive uma chance de estudar

minhas origens usando o Olho de Hórus, um poder que você talvez conheça melhor como Olho de Rá ou o Olho Que Tudo Vê.

Eu arquejei. O corpo de Hórus ganhou um brilho enquanto ele falava. Pareceu-me familiar e acolhedor. Ele se aproximou e segurou minha mão. Nossos dedos se entrelaçaram e eu olhei para eles, perplexa.

– O motivo para eu me sentir ligado a Lilliana Young, o motivo para assediá-la, era porque parte de mim podia pressentir minha companheira quando ela estava perto – continuou ele. – O que eu sou, o Olho que me define, não existe sozinho. Há um segundo Olho. Juntos, os dois que os têm podem ver todas as coisas. Você pode dizer o nome desse Olho, Wasret? Pode dizer o meu nome? Olhe no meu coração e veja o que eu sou. Veja *quem* eu sou. Abra a mente para mim e conheça o bom e o mau, o egoísta e o altruísta, e me entenda.

Hórus ficou segurando minhas mãos. Levou-as aos lábios e beijou uma de cada vez. Olhei no fundo dos seus olhos, mergulhando além deles, buscando a verdade. Havia algo nele que era ao mesmo tempo reconfortante e provocador. Com as mãos nas dele, abri os pensamentos e um nome veio à superfície.

– Você é... você é Nekheny.

Assentindo, Hórus sorriu e perguntou:

– E quem é Nekheny?

– Nekheny é o consorte de quem guarda o Olho de Wadjet.

Ele apertou minhas mãos.

– E quem detém esse poder?

– Quem detém esse poder é... – De repente, a energia que me atravessava se imobilizou. – Sou eu – falei, maravilhada com a revelação que irrompeu em minha consciência. – Wasret é o nome que os mortais me deram, mas meu nome verdadeiro é Wadjet. A fonte do meu poder é o Olho de Wadjet.

O conhecimento de quem eu realmente era me deu uma força feroz e tremi ao finalmente entender minhas origens.

Nekheny acariciou meu rosto, aliviando os tremores que percorriam meus membros.

– Venha, minha velha companheira – disse ele. – Precisamos nos conhecer de novo. Tenho muita coisa a lhe ensinar. Mas, antes de nos afastarmos dos deuses, eles pedem nossa ajuda para restaurar os outros.

Empolgada com a revelação de que eu tinha um companheiro de verdade, assenti:

– Farei o que puder.

Curei Anúbis, que tinha dado muito de si, enquanto meu companheiro curava seus pais.

Peguei o cabelo de Ahmose, que eu tinha guardado, e invoquei sua energia vital. Ela subiu diante de mim e, juntos, Nekheny e eu lhe fizemos um corpo novo e trabalhamos até que tudo a que ele havia renunciado ao curar o corpo de Lily fosse restaurado.

Anúbis deu um passo à frente e fez uma reverência para nós dois, oferecendo um fio de cabelo em cada mão.

– Estes pertenciam a Asten e Amon – disse. – Hassan deixou comigo uma lembrança de cada rapaz, para o caso de perdermos de novo o corpo de algum deles.

Erguendo a mão, teci um encantamento para Amon, enquanto meu companheiro fazia o mesmo para Asten. Quando os rapazes respiraram pela primeira vez e suas sombras desgarradas se fundiram com seus corpos verdadeiros, falei:

– Posso fazer um corpo novo para Lily, idêntico a este, mas não posso criar corpos para Ashleigh e Tia, pois suas formas mortais se foram há muito tempo. Vou lhes dar uma escolha. Posso invocar a energia das três jovens num único corpo novamente ou posso invocar somente Lily. O que desejam que eu faça?

Amon deu um passo adiante. Sem hesitar, disse:

– Lily iria querê-las com ela.

– Então que seja como você diz.

Puxei um fio de cabelo da minha cabeça e fiz um corpo novo, depois invoquei a energia de vida de Tia, Ashleigh e Lily. Três faixas de luz subiram das Águas do Caos e entraram na minha gêmea. Lily piscou e

cambaleou. Amon segurou o braço dela, que assentiu com a cabeça, agradecida.

– O que... o que aconteceu? – perguntou ela.

Interrompendo-a, ansiosa para explorar minha nova realidade com meu companheiro, falei:

– Fizemos o que pudemos. – Em seguida, peguei os seis corações unidos e os entreguei a Lily com um sorriso.

Nekheny beijou o rosto de sua mãe e da tia.

– Mãe? – disse ele, e estendeu a mão para a mulher que tinha lhe dado a vida. – O preço pelo encantamento que você lançou ao fazer reviver seu marido foi pago. Não haverá mais barreiras entre você e Osíris. Obrigado por me dar um lar e por me presentear com seu amor. Mas chegou a hora de eu deixá-la.

Ísis enxugou uma lágrima e abraçou o filho.

– Vá com minha bênção e a de seu pai. Não importa sua origem, você sempre será nosso filho.

– E você sempre será minha mãe.

Com um último sorriso, nós nos viramos e, juntos, olhamos para as estrelas.

Agarrando-nos a um raio de luz, subimos ao Cosmo para iniciar nossa nova aventura.



– O que... o que aconteceu? – perguntei.

Amon já ia falar quando um homem se aproximou. Um homem que eu não conhecia.

– Lily Young – disse ele. – Eu sou Aton, o deus sol, marido de Néftis. Se você retornar a Heliópolis conosco, vamos explicar tudo o que aconteceu.

Logo as Águas do Caos ficaram para trás, um lugar luminoso num escuro campo estrelado. Agarrei-me às costas de Amon e segurei com

força. Minhas asas tinham sumido, meus outros poderes também. Até minhas armas desapareceram. Wadjet – que agora era minha... minha o quê? Clone? Gêmea idêntica? – tinha-os levado embora.

Tentei conversar com Tia e Ashleigh, mas as duas estavam estranhamente silenciosas na jornada para casa. Meu corpo parecia tenso e desconfortável. Era como se eu não fosse exatamente eu. Podia ser o vestido de deusa que eu usava. Além das sandálias de tiras douradas, tecidos transparentes não eram o meu forte. Meu cabelo tinha até sido arrumado em cachos, que pendiam sobre os ombros. Eu me sentia nua sem meu arnês.

Quando pousamos, Aton, o novo deus chefe, ordenou um festim e, enquanto este estava sendo preparado, ele me contou tudo que aconteceu. Dizer que fiquei chocada seria um eufemismo. Fiquei feliz por não ter visto Amon e Ahmose morrer. Tinha sido suficientemente difícil ver a morte de Asten. Depois de nos contar tudo o que podia, Aton segurou a mão de Néftis e os dois saíram para cuidar da reconstrução da cidade.

Deixei-me afundar num divã dourado, torcendo as mãos, sem saber o que aconteceria comigo agora. Será que Amon, Asten e Ahmose voltariam a guardar o caminho para o além? Será que eu poderia visitá-los? O poder da esfinge havia me deixado. Será que isso significava que eu não poderia mais vê-los? Será que eu ainda estaria ligada a Amon nos sonhos? Nossos corações estavam unidos, isso eu sentia, mas havia muitas perguntas sem resposta.

Os Filhos do Egito foram chamados para uma reunião com Aton e Néftis. No festim, Amon segurou minha mão por baixo da mesa, desenhando pequenos círculos com o polegar, o que provocava arrepios elétricos no meu corpo. Ísis, Osíris e Anúbis não estavam presentes, mas supus que Ísis estivesse lamentando a perda do filho e cuidando do marido. Aparentemente Hórus tinha feito com que Osíris fosse curado por completo, mas fazia sentido que Isís e o marido quisessem passar um tempo juntos. Estavam separados havia muito tempo. Eu não fazia ideia

de onde Anúbis estava. Se eu ia ser mandada para casa, queria me despedir dele antes de partir.

Quando o festim acabou, os poucos unicórnios que restavam foram convocados. Aton se curvou para mim e disse:

– Achei que você gostaria de fazer as honras antes de voltar para casa.

Franzindo a testa, sem entender, olhei para Amon, que apenas deu de ombros. Ele estava tão confuso quanto eu. Aton elogiou os unicórnios por sua bravura na batalha, sua coragem diante da morte e o grande sacrifício de seus chefes. Depois declarou que a maldição sobre todos os unicórnios estava terminada e que eles teriam acesso ao além. Em suas mãos, um pouco de areia girou. Reluziu dourada, cintilando, e formou um alicórnio perfeito.

– Lily – disse ele –, faça o obséquio.

Um lindo unicórnio avançou, o pelo brilhando como se houvesse pedaços de diamante engastados, e aproximou-se de mim com a cabeça baixa. Ajoelhou-se, apoiado em uma das patas dianteiras, a crina comprida caindo sobre um dos olhos.

Minha visão ficou turva enquanto eu pensava em Nebu. Passei o dedo embaixo dos olhos. Aproximando-me do unicórnio, pus com cuidado o chifre no meio de sua testa enquanto Aton entoava um encantamento. Uma luz brotou em torno das bordas do chifre, que se fixou no lugar. Imediatamente a cabeça de cada unicórnio no salão foi envolta por uma nuvem de areia brilhante. Quando elas se solidificaram, cada um tinha um chifre novo. Como se fossem um só, eles se empinaram, as patas batendo no ar, e relincharam de felicidade.

O que estava à minha frente ergueu a cabeça e sorriu.

Obrigada, Lily Young.

– Zahra? – ofeguei. – Não reconheci você com o pelo branco.

Todos os unicórnios que se sacrificaram na batalha tiveram essa honra.

– É... é lindo – falei.

Sorri, mas foi um sorriso triste. Ela se virou para ir embora e Amon segurou minha mão. Eu sabia quanto Nebu quisera que a maldição fosse retirada e fiquei feliz por seus filhos. Então foi decidido que, como

recompensa por seus esforços, os Filhos do Egito receberiam o dom da mortalidade, se desejassem. Mordi o lábio enquanto eles conversavam baixinho entre si. Era egoísmo da minha parte querer que todos voltassem comigo ao reino mortal, mas eu não conseguia imaginar a hipótese de nunca mais vê-los. Tia e Ashleigh estavam de novo muito quietas. Ambas se limitaram a dizer: *Vamos esperar e ver*.

Quando eles tomaram sua decisão, anunciaram que Amon aceitaria o dom da mortalidade e voltaria comigo para Nova York. Asten e Ahmose permaneceriam como guardiões do além para a nova deusa que logo seria nomeada para assumir o lugar de Maat. Meu coração se partiu sabendo que teria de deixá-los para trás e tomei consciência do choro baixinho no fundo da minha mente.

Aton pôs as mãos nos ombros de Amon e vi o momento em que ele assumiu a mortalidade. Amon pareceu quase cambalear sob o peso daquilo, mas me dirigiu um sorriso doce. Eu sabia que, apesar de não ter mais poderes, ele estava satisfeito com o presente. Eu estava adiando minha avaliação para depois que tudo estivesse acabado.

Amon e eu tivemos permissão de acompanhar os irmãos até o além. Como não éramos mais imortais e não estávamos mortos, a única maneira de irmos até lá era levados por um dos deuses. Néftis se ofereceu. Pôs uma das mãos no meu ombro e outra no de Amon. Ahmose e Asten podiam retornar ao além por conta própria. Fechei os olhos e nós cinco giramos, nos transformando em areia.



Pude sentir cada centímetro de mim se desfazendo. Quando fomos reorganizados, me vi em um local familiar, o Salão do Julgamento. Correndo a mão por um dos braços do trono de Maat, respirei fundo, tentando controlar as emoções. Um soluço escapou quando me virei para os três homens atrás de mim. Meu lábio tremeu e demorei um momento para ouvir a voz suave falando na minha mente.

Você tem de deixar a gente ir, disse Ashleigh.

– O quê? – falei alto, arquejando. – Não entendo o que você está dizendo.

Nós tomamos uma decisão, Lily, explicou Tia gentilmente.

Não pertencemos mais ao mundo mortal, disse Ashleigh. *Não mais.*

Nosso desejo é que você viva sua vida sem interferência, acrescentou Tia. *Ficar apenas causaria confusão para você e tristeza para nós. Seria uma gentileza nos deixar partir nos nossos termos.*

– Mas... mas para onde vocês vão? – perguntei, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

Talvez a gente venha parar aqui, no além, respondeu Ashleigh.

Mas estamos preparadas, caso isso não aconteça, disse Tia. *O resultado não vai afetar nossa decisão.*

– Elas... – murmurei, tropeçando nas palavras. – Ashleigh e Tia querem partir. É possível? – perguntei a Néftis.

– Sim – respondeu ela simplesmente. – Se elas quiserem ir, basta se soltarem de você. As mentes delas vão se separar da sua.

– Elas virão para cá?

Ela hesitou.

– Não creio. Como foram invocadas direto das Águas do Caos, é provável que retornem ao mesmo lugar.

Meus braços tremiam.

– Não – falei, decidida. Incomodada com a agitação, cruzei os braços. – Não vou permitir.

Irmã, disse Tia. Quando não respondi, ela chamou meu nome baixinho: *Lily. Nós amamos você. Você é nossa família. Mas precisamos fazer o que achamos certo. Essa escolha não é sua.*

– Por favor – implorei. – Não façam isso.

Antes de irmos, disse Ashleigh, *você permite que a gente se despeça?*

Pressionei a mão trêmula sobre a boca. Lágrimas empoçaram nos cantos dos meus olhos e escorreram pelo rosto, criando riscos molhados, pegajosos. Só pude concordar com a cabeça. Ashleigh entendeu e veio à frente enquanto eu recuava e me segurava a Tia.

– *Ahmose?* – disse ela, estendendo a mão.

– Ash? – respondeu ele, e imediatamente a tomou nos braços. – Você tem certeza? – peguntou, acariciando os cabelos dela.

Ashleigh assentiu e sorriu de encontro ao peito dele.

– *É melhor assim, amor. Guarde meu coração com você.* – Ashleigh pegou seu escaravelho do coração, ainda ligado ao de Ahmose, e colocou os dois nas mãos dele.

Depois de os corações estarem guardados em seu peito, ele segurou o rosto dela entre as mãos.

– Eu te amo, Ashleigh. Encontre sua árvore das fadas e me espere na colina coberta de grama. Se for possível, irei encontrar você lá.

– *Vou esperar por você, meu Ahmose. Vou procurar seu sorriso na face da Lua e sentir seu toque nos raios de luar.*

Ahmose beijou-a ferozmente, desesperadamente, depois caiu de joelhos, soluços baixos agitando seu corpo grande enquanto ele se agarrava às pernas dela.

– *Ah, meu garoto bonito. Acalme-se agora*. – Ashleigh acariciou o rosto dele, afastando os cabelos. Ele ergueu os olhos tempestuosos para ela. – *Me dê um último sorriso corajoso.*

Ahmose assentiu com a cabeça e tentou fazer o que ela pedia, mas só conseguiu uma torção triste dos lábios.

– *Adeus, meu lindo deus da Lua* – disse ela.

Houve uma leve agitação no ar e então Ashleigh se foi. Irrompi em soluços torrenciais e me agarrei a Tia, que tentou me acalmar e veio à superfície.

Amon e Ahmose se afastaram para dar alguma privacidade a ela e Asten.

– Tia – começou Asten, mas ela ergueu a mão, detendo-o.

– *Não sou de palavras floreadas como minhas irmãs*, disse ela. *Mas há muita coisa que eu gostaria de ter dito a você antes de vê-lo morrer.* – Ela levantou a ponta de um dedo e acariciou a extensão de uma das sobrancelhas escuras dele. – *Asten, para mim você é mais lindo do que o nascer do sol. Você sabe quem eu sou e o que eu sou, e conseguiu me amar.*

Não me arrependo de ter aberto mão do meu corpo para abraçar Lily e, se você me abraçar agora – ela engoliu em seco –, *não lamentarei deixar você.*

Asten aproximou-se e passou os braços frouxamente pela cintura de Tia. Encostando a testa na dela, disse:

– Talvez você não lamente partir, mas eu vou lamentar. Vou pensar em você todos os dias da minha longa vida. Toda vez que olhar para o Sol, verei seus olhos dourados. Vou procurar você nos meus sonhos e me lembrar de quando você me pediu para beijá-la. Você pode se despedir de mim, mas eu jamais me despedirei de você.

Tia levantou a cabeça, suas veias se enchendo de calor, o coração latejando.

– *Dentre todos os homens, você é o companheiro que escolhi. Jamais terei outro. Com toda a energia que me resta, vou ansiar por você, Asten. Me encontre entre as estrelas.*

Como Ashleigh, Tia separou os dois corações pertencentes a ela e ao homem que a abraçava e os apertou contra o peito dele.

– *Lembre-se de mim, Tene* – disse, e pressionou os lábios contra os dele.

A pressão da boca de Asten a princípio foi suave, mas logo o beijo se aprofundou, ficando mais doce e sentido. Quando os dois se separaram, Asten disse de encontro aos lábios dela:

– Sempre, Tiaret.

Então ela se foi e fiquei apenas eu. Meu corpo continuava a ser sacudido por soluços. Tive uma leve consciência de Asten me entregando a Amon, que me segurou com suavidade, acariciando meu pescoço, enquanto eu molhava a manga de sua blusa com as lágrimas. Quando finalmente me controlei, Néftis disse:

– Venha, Lily, conheça a nova deusa do além antes de partir.

Ela me levou a uma sala onde uma mulher estava sendo arrumada com roupas novas. Néftis pigarreou e a mulher se virou. Meu queixo caiu.

– V-vovó? – gaguejei, correndo até ela e a abraçando.

– Lilypad – disse ela, tranquilizando-me. – Que bom ver você!

Levantei a cabeça.

– Mas... não entendo. Como você pode estar aqui? – perguntei. – Só os mortos e os imortais têm permissão. E o que Néftis quis dizer quando falou numa deusa?

– Bom, fui trazida para cá pelo novo barqueiro. – Ela levantou os olhos e sorriu para alguém atrás de mim. – Ele está aqui agora.

Virei-me nos braços dela e vi um sorridente Dr. Hassan. Estava vestido como sempre, com a exceção de um cinto novo onde se viam presas as varas do rio.

– Foi meio complicado atracar – disse ele. – Vejo que conhece minha nova esposa – acrescentou com um brilho no olhar.

– Esposa? – perguntei, boquiaberta, e me virei de novo para minha avó.

Ela me ofereceu um sorriso sereno e segurou meu queixo.

– Bom, Lilypad, espero que você cuide da Mandona e faça o bolo dos gêmeos no aniversário deles. E de vez em quando visite a sepultura do seu avô e cuide das flores dele, está bem?

– Está, mas...

Ela me interrompeu e beijou minha testa, pondo as mãos nos meus ombros.

– Há muito trabalho a ser feito. Imagino que nós dois vamos estar muito ocupados – disse, dando um sorriso ao novo esposo. – Por falar nisso – acrescentou –, gosto do seu Amon. Ele tem um queixo muito forte. – Inclinando a cabeça na direção de Amon, me deu uma piscadela.

– Eu, eu... – gaguejei – ... acho que o Dr. Hassan também tem.

– Tem sim – disse vovó com uma risada suave.

– Tudo pronto – disse uma voz nova atrás de mim.

– Anúbis? – perguntei, virando-me.

Ele assentiu com deferência, um gesto surpreendente vindo do deus carrancudo que eu tinha conhecido.

– Os restos de sua avó e do Dr. Hassan estão sepultados no lugar que eles guardavam – disse ele –, caso você queira visitá-los. Os sarcófagos deles estão ao lado dos antigos corpos de Asten, Ahmose e Amon.

– Re-restos? – perguntei, o horror se esgueirando em minha voz.

– Ora, Lilypad – disse vovó. – Aton e Néftis precisam de mais ajuda. Eles nos ofereceram a chance de fazer isso. Você sabe que nenhum de nós tinha muitos anos de sobra. Agora teremos séculos para ficar juntos e aprender tudo o que pudermos um sobre o outro. Como barqueiro, Oscar poderá me visitar com frequência. Você consegue pensar em alguém melhor para ajudar na transição dos mortos?

– Ele... ele é uma boa escolha – admiti. – Mas e...

– Você terá o seu Amon. Eu lhe deixei a fazenda. Você pode vendê-la ou dar para os gêmeos. Faça o que quiser com ela.

Meu lábio tremeu.

– Mas... vovó...

Ela me apertou com força.

– Ah, Lily. Sei que seu coração está doendo. O meu também. Mas vou ver você de novo. Talvez haja até uma chance de aquele astucioso Anúbis deixar você pegar uma carona de vez em quando e me fazer uma visitinha. – Ela enxugou minhas lágrimas com o polegar. – Agora vá viver uma vida feliz. Verei você novamente.

– Mas como?

– Aquele seu Asten prometeu deixar que eu a visite nos sonhos. Acho que posso confiar na palavra do rapaz. Agora vá, parece que tenho muito trabalho a fazer.

Vovó me deu um beijo carinhoso no rosto e então foi levada embora, seguida por um grande séquito de serviçais. Pelo jeito a fila do julgamento estava muito, muito longa.

– Estão prontos, então? – perguntou o Dr. Hassan, colocando seu amado chapéu na cabeça. – Devo levá-los de volta ao reino mortal.

Assenti, abalada, e tentei sorrir para ele. Estava me sentindo tão deslocada quanto um pinto num ninho de águia. Ahmose e Asten me abraçaram, o primeiro me levantando do chão e beijando minha testa e o segundo segurando meu rosto e me dando um beijo rápido na bochecha. Eles tentaram fazer cara de valentes, mas eu sabia que estavam sofrendo profundamente. Sérios, despediram-se de Amon.

Ele segurou ambos pelos braços.

– Na morte e na vida, Asten. Na morte e na vida, Ahmose.

– Na morte e na vida – responderam eles.

– Vamos protegê-los – disse Ahmose.

– E vamos guardar seu caminho para o além – ecoou Asten.

Antes que eu me desse conta, estávamos seguindo o Dr. Hassan até o convés impecável de um barco novo em folha.

– É lindo – falei, uma pontada de tristeza diminuindo o entusiasmo quando pensei em Cherty e no *Mesektet*. – Qual é o nome dele?

– Eu o batizei de *Hatshepsut* – respondeu ele com um sorriso. – Anúbis disse que da próxima vez que eu vier vai tentar arranjar uma visita a Hatshepsut, a própria rainha-faraó! Imagine só. Eu poder conhecer a pessoa que passei a vida inteira estudando! Ah, terei de começar a fazer uma lista de perguntas.

Sorri para o Dr. Hassan. Ele estava obviamente satisfeito com o que tinha. Por mais que eu fosse sentir sua falta – dele e de vovó –, não podia negar essa felicidade aos dois.

– Zarpando! – gritou Oscar, e logo navegávamos nas Águas do Caos. Amon e eu ficamos de lado, acenando para Néftis, Anúbis, Asten e Ahmose até não podermos mais vê-los. Então me sentei no convés, com Amon ao lado. Ele segurou minha mão e acompanhou as linhas com um dedo.

– Palma com palma, nós nos arriscamos juntos, vivemos juntos e agora vamos morrer juntos.

Amon me abraçou e me manteve apertada contra ele enquanto navegávamos na direção do sol nascente.

EPÍLOGO

Matriarca

Devo ter dormido no barco por muito tempo, porque, quando acordei, estava na cama da fazenda da minha avó. Amon ocupava uma cadeira de vime ali perto, cabeceando enquanto cochilava, os pés cruzados e apoiados na cama ao meu lado. Ele se agitou quando afastei as cobertas.

– Lily? – perguntou. – Como você está?

– Como se tivesse sido torcida e pendurada no varal para secar.

– Eu também – disse ele, coçando a lateral do pescoço.

– Há quanto tempo estamos aqui?

– Hassan nos deixou ontem à noite. Carreguei você para dentro. Antes de sair, ele me deu esta bolsa cheia de documentos e fotos.

– Posso ver?

Ele me entregou a bolsa e dentro encontrei uma certidão de nascimento, um passaporte, uma carteira de motorista, registros escolares, documentos de cidadania de vários países, inclusive o Egito. Junto com isso, havia uma lista de contas em bancos ao redor do mundo. Arquejei quando seus amados instrumentos de arqueologia caíram na cama também.

Fazia uma semana que estávamos na fazenda, pensando num modo de contar aos meus pais como eu tinha conhecido um lindo rapaz egípcio em Iowa, quando tive um sonho. O luar se derramava sobre a cama e, respirando acelerado, eu me sentei. A voz de Amon me acalmou:

– O que foi? – perguntou.

– Asten, acho. Ele me mostrou um sonho.

Passei a hora seguinte descrevendo o que tinha visto. Ísis e Néftis invocaram os grandes deuses que tinham alinhado o Cosmo e Wasret e Nekheny apareceram com sorrisos satisfeitos. Nekheny cumprimentou a mãe calorosamente.

– O que podemos fazer por vocês? – perguntou ele.

– Osíris e eu reviramos o mundo dos mortos. Sem a Devoradora, pudemos compelir os cães do inferno a nos ajudar. Os ceifadores também ofereceram ajuda.

– Sim? – perguntou Wasret, paciente.

– Encontramos o cabelo dela – disse Ísis, empolgada. – Alguns fios ficaram presos na casca da árvore das fadas queimada.

Ela entregou os fios ruivos a Nekheny.

– E eu trouxe os restos de uma menina egípcia natimorta – explicou Osíris, pondo no chão uma figura minúscula enrolada em panos. – Revirei o além e não a encontrei. Pensei que talvez vocês pudessem refazê-la.

Wasret e Nekheny se entreolharam e chegaram a um acordo.

– Faremos o que vocês pedem – disseram em uníssono.

Os dois pegaram as oferendas e reapareceram na superfície das Águas do Caos. Então teceram um encantamento e disseram:

– Tiaret, invocamos sua força vital e fazemos um novo corpo para você a partir do corpo de alguém que não chegou a viver. Ashleigh, invocamos sua força vital e pedimos que entre em seu novo corpo.

Uma luz se amalgamou e subiu das recém-expandidas Águas do Caos. A serpente Tharu olhava com curiosidade enquanto eles trabalhavam. Quando as duas mulheres abriram os olhos, entreolharam-se e deram um sorriso largo, abraçando-se e rindo. Os deuses as acompanharam até o

além e as colocaram no Salão do Julgamento. Quando os guardiões foram invocados, Wasret perguntou se eles ainda guardavam os escaravelhos do coração que tinham recebido. Assentindo, eles os puxaram do peito e ficaram atônitos ao sentir as batidas do coração de suas amadas. As jovens recém-criadas foram então reunidas aos homens que guardavam o coração de cada uma.

Ahmose abraçou uma mulher linda de cabelos ruivos encaracolados que desciam até a cintura. O nariz dela era salpicado de sardas e seu vestido verde realçava o brilho verde dos olhos. Atrás dela, duas asas diáfanas tremiam de empolgação.

Depois de se abraçarem, Ahmose e Ashleigh se viraram para a deusa.

– Ashleigh, você foi refeita – disse Wasret. – A partir de agora será chamada de Luna, a esposa do deus da Lua. Que seu nome novo seja gravado em seu coração. Juntos vocês serão unificados no desejo de servir ao Cosmo. Seu papel será de cultivadores de novos reinos e guardiões do horizonte oriental. Você terá o poder de seu companheiro, de andar pelo Caminho dos Ontens e dos Amanhãs. Como este é o seu desejo, o laço entre os dois é agora inviolável, como o de Ísis e Osíris. A partir de agora nada irá separá-los.

Em seguida Asten aproximou-se com uma princesa lindíssima. Ela caminhava com passos confiantes das longas pernas que se estendiam por quilômetros e mantinha a cabeça erguida e orgulhosa. Sua pele era lisa e escura. As linhas dos malares e do maxilar eram proeminentes, e a boca e o corpo eram curvilíneos e exuberantes. No pescoço esguio havia um grosso colar de bronze queimado. Era uma verdadeira deusa. Quando olhou para Asten, dirigiu-lhe um sorriso maroto, os olhos dourados brilhando enquanto o cumprimentava com a cabeça. Um canto de sua boca subiu enquanto ele sussurrava alguma coisa em seu ouvido.

– Tiaret – disse Nekheny –, de agora em diante você será chamada de Naledi, a esposa do deus das estrelas.

Asten murmurou baixinho:

– Minha estrelinha.

– Shh, Asten – disse a mulher em voz baixa, mas com um sorriso feliz.

A voz era ligeiramente diferente da que eu recordava, mas, olhando para a mulher, eu podia ver facilmente a leoa me encarando. Mesmo que não fosse pela massa de cabelos castanhos que envolvia o rosto lindo como um halo dourado, eu saberia que era Tia. A única coisa que faltava era a cauda balançando de um lado para outro.

– Que seu nome seja gravado em seu coração. Seu papel será de caçadora do céu. Guardiã do horizonte ocidental. Você e seu companheiro terão a capacidade de andar pelo Caminho dos Ontens e dos Amanhãs. Como este é o seu desejo, agora o laço entre vocês é inviolável, como o de Ísis e Osíris. A partir de agora nada irá separá-los.

– Não sou uma grande caçadora sem garras – disse a ousada deusa leoa.

Wasret sorriu.

– Então talvez isto seja mais útil para você do que para mim.

Ela sacou as facas-lanças das costas e as entregou a Tia. A leoa transformada em deusa passou a mão por elas, praticamente ronronando de contentamento.

– Fizemos por vocês o que pudemos – disse Wasret – e esperamos que encontrem a felicidade. Só mais uma coisa antes de os deixarmos.

Os quatro deuses se entreolharam, confusos.

Nekheny sorriu para eles.

– Apesar de não terem mais necessidade de alinhar o Sol, a Lua e as estrelas, seus novos poderes lhes concedem a capacidade de deixar seus deveres no além quando houver uma trégua em seu trabalho. Se optarem por visitar o reino mortal ou qualquer outro reino do Cosmo, podem fazer isso, mas talvez precisem da ajuda de um mortal para servir como guia durante as estadas na Terra.

Nekheny se virou no meu sonho e olhou diretamente para mim.

– Há um precedente para chamar um grão-vizir para esse serviço. Nós escolhemos um. Amon, de agora em diante você está convocado a servir aos deuses como grão-vizir de uma nova ordem chamada de Sacerdotes de Aton. Nós lhe concedemos o conhecimento necessário para isso e você será conhecido para nós por seu nome verdadeiro,

Amset. Você receberá os poderes inerentes ao cargo, inclusive a capacidade de fazer encantamentos, um discernimento elevado do funcionamento do Cosmo, sensibilidade para o sobrenatural e vida longa. Dentre seus deveres estarão cuidar dos negócios dos deuses e fornecer alimentação mortal e ajuda necessária para os deuses que visitarem seu reino.

Ele continuou:

– Lily Young, você está convocada a servir como matriarca da Ordem da Esfinge. De agora em diante será conhecida como Nebthet, a deusa mítica. Receberá os poderes inerentes ao cargo, inclusive força física, visão e audição aumentadas e vida longa. Receberá as flechas de Ísis para usar como achar adequado e servirá ao lado de seu esposo e companheiro, o grão-vizir. Você é a primeira esposa de Amon.

E concluiu:

– Como este é o seu desejo, e apesar do fato de serem mortais, o elo entre vocês dois é agora inviolável, como o de Ísis e Osíris. A partir deste momento, nada irá separá-los. Nós a honramos e lhe damos as Joias Daquela Que Derrotou a Esfinge. Você já pôs os olhos nesse tesouro. Está escondido no templo onde conheceu Ísis. Além disso, é herdeira da sala dourada escondida no templo de Hatshepsut. Invoque o barqueiro e ele irá instruí-la melhor quanto à localização.

Ele me jogou uma moeda de ouro que me pareceu familiar. Peguei-a e a virei na mão. A única diferença estava no chapéu que o barqueiro usava.



– Assim que ele disse isso, eu acordei – contei a Amon. – Você acha que foi real?

– Acho que foi. – Pegando minha mão, ele a encostou nos lábios e depois colocou uma moeda de ouro na minha palma e a envolveu com meus dedos. – Encontrei isso no seu travesseiro.

– Amset – disse eu. – Seu nome verdadeiro. É a palavra que você me sussurrou na pirâmide quando me deu seu escaravelho do coração.

– É. O Olho me revelou meu nome verdadeiro muito antes que os deuses o dessem.

– E você o confiou a mim? Osíris me disse que nem Ísis sabe o nome verdadeiro dele.

– Osíris mentiu. Ele e a esposa revelaram um ao outro seus nomes verdadeiros quando trocaram os corações. Era uma parte necessária do encantamento. Sei porque vi isso acontecer, através do Olho. Além disso, eu confiaria qualquer coisa a você, jovem Lily – disse ele, prendendo um fio de cabelo atrás da minha orelha. – Sabe, eu também tive um sonho.

– E qual foi? – perguntei, envolvendo seu pescoço com os braços e puxando-o mais para perto.

Senti a batida de seu escaravelho do coração no meu peito e soube que reagíamos um ao outro da mesma forma.

Amon me puxou para o colo, com os braços em volta da minha cintura, e se curvou, provocando meus lábios com um beijo suave. Quando eu fiquei sem fôlego, ele levantou a cabeça.

– No meu sonho, um unicórnio que nós dois conhecemos cutucou meu ombro.

Arquejei.

– Nebu?

– Ele estava no além. Uma princesa linda estava montada nele e ele balançou a crina com orgulho enquanto se empinava, exibindo-a, com o alicórnio brilhando quando deu meia-volta. Quando partia para galopar pelas colinas, ele disse: *A prece secreta de sua mãe foi finalmente atendida, Amon. Você encontrou o que todos nós buscamos.* Em seguida, partiu a galope, gritando: *Você ainda me deve uma.*

Nós rimos juntos e Amon capturou meus lábios de novo.

Quando nos separamos, perguntei:

– Qual era o desejo secreto de sua mãe? Que você se tornasse mortal de novo?

Amon balançou a cabeça.

– Ela queria que eu encontrasse o amor. Que fosse feliz.

– E você é? – perguntei, provocando-o.

Ele inclinou a cabeça, como se pensasse seriamente na pergunta.

– Seria mais feliz se tivéssemos uns bolinhos com recheio de geleia de frutas. – Soquei seu braço e ele ficou sério. – Você está feliz, Nehabet?

– Está brincando? Eu ganhei o Sol de presente.

Ele me beijou com ternura e logo estávamos tão perdidos um no outro que nem ouvimos o pio do pássaro chamando a companheira no telhado da casa da fazenda.

Se tivéssemos nos dado ao trabalho de olhar, veríamos uma ave de rapina, um milhafre, levantar voo e encontrar um pássaro Benu no ar. Os dois voaram em direção ao horizonte, os corpos emoldurados pela luz da lua que se punha.

Agradecimentos

Cheguei ao final de uma série. É um momento empolgante fechar todo o arco de uma história. Agora meu elenco de personagens pode prosseguir com sua vida invisível e vivenciar novas aventuras.

Como uma história, uma série não pode ser produzida sem um punhado de figuras. Cada uma acrescenta uma nova dimensão e um novo conhecimento, seja no projeto gráfico, na edição ou no marketing.

Eu gostaria que cada membro desse elenco pudesse dar um passo à frente e receber os aplausos, porque todos executaram um serviço maravilhoso. As pessoas que trabalharam nesta série foram a editora Krista Vitola; as editoras de texto Heather Lockwood Hughes, Carrie Andrews, Janet Rosenberg e Colleen Fellingham; Angela Carlino; Chris Saunders; Mary McCue e Hannah Black.

Também gostaria de agradecer ao meu agente, Robert Gottlieb, e a todo o pessoal do Trident Media Group, que trabalharam muito para que esta série chegasse às mãos dos meus fãs em todo o mundo.

Obrigada à minha família, que me ajuda nas viagens, fala com os fãs por e-mail, administra meu site, vai comigo às convenções e está sempre me ouvindo. Obrigada especialmente à minha mãe, Kathy, que enche todas as minhas sacolas de brindes e comparece fielmente a todos os eventos aos quais eu vou. E sou sempre grata pela presença firme do meu marido, Brad, que ficou acordado comigo até as 3 da manhã para que eu pudesse terminar este livro.

Eu não conseguiria sem todos vocês!

SOBRE A AUTORA

COLLEEN HOUCK é uma leitora voraz que adora títulos de ação, aventura, temas paranormais, ficção científica e romance. Ela entrou para a lista de livros mais vendidos do *The New York Times* com a sua primeira série, *A maldição do tigre*, que já vendeu mais de 600 mil exemplares no Brasil. A obra teve os direitos adquiridos pela Paramount Pictures. Colleen estudou na Universidade do Arizona e trabalhou como intérprete de língua de sinais durante 17 anos. Ela mora em Salem, no Oregon, com o marido e uma imensa coleção de tigres de pelúcia.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

